

Debaixo do Céu

Pearl S. Buck

Bastaria este grande romance, movimentado, denso, profundamente humano, para consagrar universalmente um escritor. Debaixo do Céu é uma das mais extraordinárias obras de Pearl Buck, a romancista norte-americana que ensinou ao Mundo a conhecer e amar a China. Mas a acção deste romance desenrola-se não apenas na China mas também nos Estados Unidos e na Inglaterra. É meio século de vida que a autora coloca na nossa frente.

desde a revolta dos Boxers, em 1900, até às lutas cruciais de 1950.

Narra-se aqui a história de dois rapazes, Clem e William, ambos filhos de missionários, e ambos portadores de um grande sonho, embora um e outro tenham destinos diferentes e opostos.

Traçando, magistralmente, o itinerário dessas almas, Pearl Buck, que é também filha de missionário, não nos traz à presença apenas figuras fictícias. Efectivamente, têm relevo nestas páginas de singular beleza literária algumas figuras reais, como Franklin Roosevelt. Sun Yat-sen e o discutido Chiang Kai-shek.

A crítica norte-americana ao receber este romance foi unânime em proclamá-lo o mais vigoroso e profundo de quantos-e todos eles notáveis - traçou a pena privilegiada de Pearl Buck.

Título do original norte-americano: GOD'S MEN

I

POR uma manhã de Março do ano da Graça de 1950, o vento era tão forte que, no último andar de um arranha-céus da cidade de Nova York, William Lane sentia tremer-lhe o chão debaixo dos pés. Estava de pé, junto à imensa janela envidraçada que ficava por detrás da sua mesa de trabalho. A cidade estendia-se como um tapete em sua frente, e, além, no horizonte, via a trémula fulguração das colinas e do mar.

Religioso à sua maneira, começava os seus atarefados dias com aqueles poucos momentos de silêncio atrás dos vidros da sua janela, com o Mundo do outro lado. Não tinha um desejo no coração nem pedia nada a Deus. A sua prece era uma afirmação de si mesmo e a sua crença consistia em ser um homem dotado de poder para o Bem, jamais igualado no seu próprio país. Nas ruas, em baixo, tão distantes que lhe pareciam carreiros de formigas, havia a gente cujos pensamentos ele dirigia, cujos espíritos ele iluminava, cujas consciências ele guiava. que eles próprios não o soubessem, que sòmente uns poucos o soubessem, isso ainda mais aumentava o seu poder. Muitos anos antes, alimentara o sonho de ser um «leader» popular. Não tinha o dom de conquistar o



amor do povo. Forçado, enfim, a reconhecer que a sua aparência, sombria e grave, inspirava mais medo que fé, havia-se emparedado naquele grande edifício. Dali, estendera sobre a nação a rede dos seus jornais. Para isso, comprava os serviços dos homens e os seus mais altos talentos. Não havia ninguém, pensava ele, embora sem cinismo, que não pudesse ser comprado. Ninguém o persuadiria, por outro lado, a comprar um talento que não desejasse ou que não pudesse amoldar à sua própria doutrina. Os maiores escritores não achavam espaço nas suas páginas se não pensavam como ele. Havia uns poucos, não mais de cinco ou seis, que não eram tentados por cinquenta mil dólares. Havia somente um que não fora tentado pelo dobro dessa quantia. Tinha a certeza de que ninguém recusaria o que ele pudesse oferecer, se julgasse acertado fazê-lo. O que ele comprava não era apenas a onda fluída das palavras dos homens. Comprava também a qualidade dos seus espíritos. Um homem até então incorruptível era valioso quando cedia, embora apenas por algum tempo, pois ele também vendia a fé que lhe devotavam.

Naquela manhã de Março, enquanto comunicava consigo mesmo e com Deus, sentiu o tremor sob os seus pés. Sabia que uma construção rígida, incapaz de oscilar levemente aos ventos de uma tempestade, poderia vir abaixo. Cedendo um pouco que fosse, o edifício estava salvo. Contudo, não gostava do tremor. Lembrava-lhe outras coisas que uma vez o tinham feito tremer.

Muitos anos antes, na China, quando menino, tinha visto uma agitação popular nas ruas de Pequim, uma furiosa agitação de gente que o odiava, não pelo que ele era, não por ter a pele branca e os olhos claros, mas pela sua condição. A sua insegurança, a insegurança da sua condição naquele dia, tinha-o arrastado a um pânico que, embora não mais o assaltasse, nunca pudera esquecer. Qualquer aglomeração de povo, qualquer massa de caras comuns acima de vestes humildes, lho fazia lembrar, embora nunca mais sentisse o medo, pois nada tinha a temer. Era mais rico do que quaisquer que conhecia e os seus amigos eram alguns dos homens mais ricos do mundo ocidental. Entre estes, ele era inatingível, um homem de rígida virtude, na sua vida pessoal. Que se tivesse divorciado da primeira esposa para casar com a segunda não podia ser considerado uma falta, uma vez que se tivesse visto Emory. Ela era uma criatura tão delicadamente pura como uma flor da neve; a sua beleza britânica, a sua graça mesclada de bondade tornavam-na irresistível. Comparada com Candace, sua primeira esposa, Emory era o Céu oposto à Terra.

Enquanto estava assim a pensar na mulher, a porta abriu-se atrás de si. Ninguém, excepto a sua secretária, ousava entrar sem ser chamado, e esperou até que a sua tímida voz se fez ouvir:

-Sinto interrompê-lo, Mr. Lane.

-Que há? -perguntou com a sua voz severa.

-Não teria vindo se não se tratasse do seu cunhado, Mr. Miller.

-Ele tem audiência marcada?

--Não, não tem, Mr. Lane, e fiz-lhe ver isso, mas ele disse que mesmo assim lhe desejava falar, pois tinha uma grande ideia.

Desejaria declarar peremptoriamente que não estava interessado em nenhuma grande ideia que Clem Miller pudesse ter, mas não queria dar a Miss Smith ensejo para se divertir com aquilo entre os demais empregados.

Chamá-lo-iam casmurro, como sabia que muitas vezes era chamado, simplesmente porque, por princípio, não confundia justiça com misericórdia. Em todo o caso, era ultrajante da parte de Clem entrar nos escritórios numa manhã de trabalho e esperar que desperdiçassem tempo com ele por causa de alguma ideia maluca. Não gostava de lembrar que o marido de Henrieta era, também, um homem de sucesso. Clem enriquecera por meio dos métodos mais absurdos, tão absurdos que acreditava no cunhado, ou quase acreditava, quando este dizia que nunca planeava tornar-se rico. Era duro de acreditar que Clem não ambicionasse ser rico, embora o modo como ele e Henrieta viviam fosse bastante estranho. A despeito da riqueza, moravam numa grande casa numa rua afastada de uma cidade de Ohio. O que Clem fazia com o seu dinheiro ninguém o sabia.

--Diga a meu cunhado que posso conceder-lhe exactamente quinze minutos. Se se demorar mais do que isso, faça-o sair.

-Sim, Mr. Lane-suspirou Miss Smith. O nome dela não era Smith, mas William Lane chamava Smith a todas as suas secretárias. As jovens ressentiam-se com isso, mas como eram muito bem pagas não se atreviam a dizê-lo.

Quando ouviu a porta abrir-se, William retirou-se da janela e sentou-se na grande poltrona atrás da mesa semicircular. Contra o vasto rectângulo de luz, a sua cabeça abobadada, o seu vulto elegante mas forte, de ombros quadrados, permaneciam tão sólidamente assentes como se fossem talhados em pedra. Esperou, imóvel, olhando para a porta.

Então Clem, vindo daquela porta com o seu passo rápido e nervoso, defrontou o poderoso homem. Se sentia o mais leve terror diante dos olhos de William, cinzentos e verdes como líquenes, não o demonstrou. Era um homenzinho franzino, de cabelos cor de areia, e até a sua pele era de igual cor. Naquela geral insignificância, estavam espetados os seus olhos, de um azul vivo.

-Olá, William - disse Clem jovialmente. -Os seus empregados são-lhe muito leais. Quase não consegui entrar.

-Se eu soubesse que você vinha... -começou William com dignidade.

-Eu próprio não sabia que vinha - disse Clem. Sentou-se, não na cadeira em frente de William, do outro lado da mesa, mas numa poltrona de couro perto da janela. -Linda vista tem você daqui... Sempre gosto de a apreciar. Como vai sua mulher?

-Emory vai muito bem.

-Henrieta também está de boa saúde -continuou Clem. -Vai visitar Candace hoje.

-Que veio fazer aqui? -perguntou William. Estava acostumado àquele marido da sua irmã, que saltava pela terra como um gafanhoto. Sòmente a frieza da sua voz poderia ter traído, e apenas para a própria Henrieta, o seu desprazer pela continuação da amizade da irmã com a sua antiga esposa.

-Tive uma ideia e corri até Washington - disse Clem. -O Ministro da Alimentação em Nova Delhi escreveu-me que havia ali uma grande quantidade de trigo armazenado. Eu não tenho a certeza de se ele sabia do que estava a falar, sentado lá num escritório em Nova Delhi. Creio que sim, em todo caso. Há muito trigo guardado na Índia, pelo que ouvi falar. Não creio que esteja nas mãos de negociantes. Foi oculto pelos próprios camponeses, da mesma forma que você ou

eu poderíamos guardar dinheiro no banco para uma época difícil.

William não respondeu. Não podia imaginar-se a guardar dinheiro, nem podia imaginar uma época difícil. Mas Clem era incuravelmente vulgar.

Clem coçou o pálido queixo e continuou: -Se eu pudesse persuadir esses nossos fiscais de gêneros de Washington a afrouxar um pouco e mandar algum trigo para a Índia, naturalmente isso faria aparecer no mercado o trigo de lá, e o preço baixaria de modo que o povo pudesse comprar. Não sei como possa fazer alguma coisa em Washington... Não compreendo os governos e muito menos o nosso.

-Creio que nesse ponto podemos concordar - disse William. -Acho que o que tínhamos na Casa Branca durante a guerra era bastante mau. O que temos agora é pior.

-Ah, sim? - disse Clem, ruminando. - Em todo o caso, não me importa: Não sou político. Quero apenas fazer aparecer o trigo.

-Que lhe disseram em Washington? -perguntou William.

-Oh! O mesmo de sempre... que seria interferir nos negócios internos da Índia... isto é: que se o povo conseguir alimento, poderá apoiar o actual governo.

-Não gostam de Nehru? - perguntou William com algum interesse. Não soubera o que pensar daquele homem compósito, quando da sua única visita à América.

-Naturalmente gostam dele enquanto ele se sustentar - disse Clem. -Para alguns dos nossos republicanos ele não vai muito longe. Querem que jure eterna vingança aos russos e eterna lealdade a nós. Nehru não quer jurar; nenhum homem sensato o faria. Mas que me interessa isso? O que me interessa é alimentar o povo, se não por outra razão, ao menos porque a fome é uma vergonha e uma desgraça para o Mundo e totalmente desnecessária nos tempos modernos. Não acredito na utilização do alimento, saiba você, para manejar o povo. Demos de comer a todos e poderemos lutar em condições normais, é a minha opinião. Uma vez que todas as barrigas estejam cheias, o povo não terá de votar deste ou daquele modo para conseguir comida. Isto é democracia. Nós não estamos a praticá-la.

Alimento e democracia eram os temas de Clem, e desde muito William sentia-se enfastiado dele. Via o sonho crepitar nos brilhantes olhos azuis de Clem, a tensão tonalizava a sua voz quase infantil, e reconhecia essas duas coisas como sinais do que denominava o fanatismo de Clem.

-Não desejo apressar-te - disse ele com a sua voz cuidadosamente controlada-, mas tenho uma entrevista de negócios da máxima importância dentro dos próximos quinze minutos.

Clem desviou os olhos do mundo além da vidraça. O sonho desvaneceu-se. Ergueu-se, dirigiu-se para a cadeira defronte de William, sentou-se e apoiou os cotovelos na mesa. A sua face quadrada pareceu subitamente longa e até mesmo aguda.

-William, recebi cartas da China.

-Como assim? -indagou William, impressionado. -Um conhecido meu de Pequim.

-Você vai meter-se em apuros, lidando assim com os comunistas.

-Creio que não - disse Clem. - O Velhote sabe. -O Velhote,

na linguagem de Clem, era sempre o Presidente dos Estados Unidos. -E que disse ele? -perguntou William.

- disse justamente que não aprovava. - Clem soltou um cacarejo agudo.

William não replicou e, como previa, Clem continuou a falar.

-William, há uma terrível fome lá na China. Não te lembras? Enchentes... os diques desmoronando-se...

-Até é bom - disse William. - Isso ensinará aos chineses que os comunistas não os podem salvar.

-Isso não basta, William - replicou Clem com insistente gravidade. -É sòmente metade da coisa. Nós temos de contribuir com a outra metade. Devemos mandar-lhes alimentos. O que os vermelhos não podem fazer, nós o faremos, senão o povo pensará que nós também nada podemos fazer, e então de que lhes serviria dar-nos uma boa oportunidade?

-O povo deve ser castigado por ter escolhido mal - disse William implacavelmente.

Clem ouviu-o com piedade. - Você não deve sentir prazer em castigar, William. Isso é indigno do grande homem que você é agora. É um modo de pensar próprio do Velho Testamento, e foi abolido quando o Novo Testamento apareceu.

-Eu não discuto a minha religião com você - respondeu William com alguma violência.

-Eu também não discuto religião - disse Clem. - Até ser-me-ia difícil dizer no que acredito, e se você quer ser católico, isso é lá consigo, foi o que eu disse a Henrieta. Não importa o que um homem seja, desde que seja bom homem, é o que eu sempre digo. Meu pai tinha fé, mas isso certamente não o salvou, e eu não a recomendaria. Não estou verdadeiramente interessado em religião. Só o que lhe digo é que, se um homem não tem a barriga cheia...

-Já sei o que vai dizer - murmurou William, cansado. - Vamos aos factos.

Clem entrou imediatamente no assunto. - William, ,posso conseguir alimentos para enviar para a China, e para a India, também. Estamos tão abarrotados de géneros aqui que os meus agentes podem comprar centenas e centenas de toneladas sem absolutamente incomodar Washington. Também posso dispor de navios. Nem mesmo o Velhote terá de fazer coisa alguma..— é só ficar sentado onde está e olhar para o outro lado. Mas eu preciso de si, William.

--Para quê? -perguntou William cautelosamente.

A chama evangélica reacendeu-se nos olhos azuis de Clem. Ele ergueu a mão direita num gesto inconsciente.

---William, quero que você estampe a ideia nos jornais, de modo que eu não seja impedido por nenhum senador ou coisa que o valha! Todos lêem os seus jornais, todos, neste vasto país. Há milhões de pessoas que lêem os seus jornais e não lêem mais coisa alguma. Até mesmo os senadores ainda têm medo de milhões de pessoas. Quero que você diga na sua Imprensa que, se mandarmos o nosso excedente de alimentos para a Ásia, será melhor do que qualquer número de bombas, de bombas atômicas, de hidrogénio até...

-Impossível! --A voz de William ergueu-se, colérica. - Se é essa a sua maravilhosa ideia...

-A minha ideia é alimentar os famintos, William! Não lhe peço que você mesmo o faça. Sei como fazê-lo. Tenho os meus amigos. Sòmente lhe peço que

explique ao nosso povo...

-Os seus amigos devem ser comunistas!

-Não me importa o que eles sejam, como não me importa o que seja você, contanto que consigam os nossos mantimentos para os famintos. De onde veio o alimento? --indagarão os esfaimados. Da América! Não compreende? A América nem sequer indaga se eles são comunistas. A boa velha América apenas dá de comer aos famintos. É essa a melhor propaganda para a nossa democracia.

-Impossível! -- disse William azedamente. - Sentimental, absurdo! Clem, aquela gente não perguntará coisa alguma. Limitar-se-á a comer. A maioria deles pensará que são os comunistas que lhes dão alimento. Você é demasiado ingênuo.

Clem recusava-se a ceder. - Mesmo que assine pensem, ficarão mais fortes para ver a tirania afinal, não é? Um homem faminto não pensa certo nem errado. Só pensa em comida. Não temos opinião quando estamos com fome. Nem sequer podemos revoltar-nos.

Clem fitou por um segundo a face de William. Não tinha mudado. - Você nunca passou fome, William? Pois eu já passei.

William não precisava de responder.

Miss Smith abriu a porta de mansinho. - Sinto interrompê-lo, Mr. Lane, mas aqueles senhores estão à sua espera na sala das reuniões.

Clem ergueu-se. -Não precisa de usar esses métodos comigo, menina. Basta dizer-me que está na hora de me retirar. Bem, William...

-Não pretendo aceitar a sua sugestão - disse William. -Não concordo com você em nenhum ponto.

Clem ficou de pé, olhando do alto para o outro. -Deixá-los arrebentar, não é assim, William? - disse ele após uma pausa infinitesimal.

-Que arrebentem até se penitenciarem da sua loucura - retorquiu William com firmeza, e ergueu-se. - Até à vista, Clem. Lembranças a Henrieta.

-Até à vista - disse Clem e, dando meia volta, deixou a sala.

Nenhum deles estendeu a mão ao outro, mas William não o notou. Raras vezes apertava a mão a alguém. Não gostava do contacto, tanto mais que nos últimos anos tinha pontadas de neurite nas mãos, o que tornava penoso suportar o vigor dos dedos de Clem. Tirou o lenço, enxugou a testa e serviu-se de água gelada de uma garrafa térmica de prata que estava sobre a sua mesa. A mais estranha intervenção do destino em sua estranha vida era o facto de Clem Miller ser seu cunhado, Clem, que há meio século vira numa rua de Pequim pela primeira vez, sem pensar que algum dia o tornaria a ver... Clem, aquele pálido e faminto garoto, da família da _Missão de Fé, que morava numa viela barata, uma hutug no bairro mais pobre da cidade, Clein, por quem mesmo sentira desprezo. Como acontecera aquilo? Meio século antes...

O jovem William Lane, reclinado no jinriquixá particular de sua mãe, avistou a um quarto de milha à sua frente um ajuntamento de povo. Isso numa rua de Pequim significava algum distúrbio. Possivelmente significava apenas diversão. O povo da cidade imperial, acostumado ao prazer, nunca estava demasiado ocupado para não se deter uma ou duas horas a olhar o que quer que passasse: desde o séquito de uma dama da Corte a caminho do Palácio de Verão às

cabriolas de um urso amestrado ou às palhaçadas de um macaco. Como se estava agora na Primavera, devia tratar-se de um grupo de artistas de rua, recém-regressado da sua digressão de Inverno pelo Sul.

William curvou-se para a frente. - Lao Li, que é aquilo lá adiante? - perguntou ele ao condutor do jinriquixá.

O seu chinês era puro e quase académico, embora tivesse apenas dezassete anos. Na verdade, não se orgulhava muito do seu bom chinês. Isso revelava bastante claramente que ele era filho de um missionário. No internato inglês de Chefoo, onde passava a maior parte do ano, os aristocratas entre os rapazes eram filhos de diplomatas e homens de negócios e tinham o cuidado de mostrar que não conheciam a língua dos nativos. Entre a população branca da China, os missionários eram decididamente da classe baixa. Na escola, William falava inglês pidgin com os criados e fingia não os compreender quando lhe respondiam em chinês. Agora, no entanto, estava a passar as férias da Páscoa em casa e, como nascera e crescera em Pequim, não adiantava disfarçar.

-Algo de estranho, jovem senhor - replicou Lao Li. Enquanto corria, tirou a bata de algodão dos ombros e enxugou o suor da face. Os estrangeiros eram pesados... aquele jovem senhor, por exemplo,, embora ainda estivesse crescendo, era quase tão pesado como um homem. Lembrava-se de quando o puxava quando ele era uma criança. Os anos passavam. Ele não se atrevia a afrouxar o passo. Um condutor de jinriquixá não deve envelhecer. Não se pode perder um emprego fixo numa família branca, por mais pesadas que se tornem as crianças.

Veio uma esperança de descanso. - Não quer que eu pare para que o senhor veja melhor?

A altiva cabeça de William estava erguida. - Que tenho eu a ver com o que o povo da rua está a olhar?

-Estava apenas a perguntar - murmurou Lao Li.

Tentava apressar o passo à medida que se aproximava da multidão quando o grito de William o sobressaltou tanto que quase caiu entre os varais:

-Pára

William, sentado direito, podia enxergar por cima das cabeças. No centro da multidão, viu uma cena horrível. Um rapaz branco estava engalfinhado em luta com um rapaz chinês. Os espectadores não riam. Estavam tensamente silenciosos.

-Deixa-me descer - disse William imperiosamente.

Lao Li baixou os varais e William pulou sobre eles e encami nhou-se para a multidão.

-Deixem-me passar - disse com a mesma voz altiva. Os chineses apartaram-se em silêncio até que ele alcançou o centro. Ali, em silêncio, lutavam os dois garotos, o da cara amarela e o da cara branca, ambos sombrios.

-Pare com isso, você aí- - gritou William em inglês.

O rapaz branco voltou-se. - Isso é da sua conta? -perguntou ele. Era pequeno e pálido, o corpo magro e a roupa de algodão, encolhida por muitas lavagens, aderiu-lhe aos ossos. No entanto, havia certa firmeza na sua face quadrada e, sob os cabelos cor de areia, os olhos eram de um azul brilhante.

-Naturalmente que é da minha conta - replicou William. Ele sentiu o seu próprio contraste. O seu fato de tweed inglês fora feito por um excelente alfaiate

chinês e os seus sapatos eram engraxados todas as noites pelo criado da casa-as suas botas, como aprendera a denominá-los na escola. Para seu horror, viu que o outro rapazinho calçava sapatos chineses de pano, rasgados na ponta.

-É degradante para um estrangeiro lutar com um chinêsdisse ele severamente. -Isso faz com que olhem do alto para todos nós. Você não tem o direito de se comportar de modo a desacreditar-nos.

O rapaz pálido pestanejou rapidamente e fechou os punhos. -Brigarei com quem bem quiser! -A sua voz era aguda e vibrante.

-Então comunicarei ao Cônsul - declarou William. E dignou-se passear lentamente os seus olhos um tanto frios pela figura franzina do outro. - Em todo o caso, como é o seu nome? Eu nunca o vi antes.

-Eu sou Clem Miller.

Aquele leve movimento dos lábios de William não era um sorriso. - Quer dizer a Missão de Fé Miller?

-Sim. - Os brilhantes olhos azuis desafiavam o desprezo de William.

-Nesse caso - William ergueu os seus largos ombros. Voltou-se como se tencionasse ir embora e depois parou. - Ainda assim, como americano, você devia pensar na honra da sua pátria.

-Meu pai diz que a nossa pátria é o Mundo.

Para William Lane, filho de um missionário episcopal, um aristocrata da igreja, nada podia ser mais mortificante do que essa observação. Encaminhou-se para o menino pálido. - Como se isso pudesse ser. Você é americano, não importa o que fizer, por pior que seja para nós! Porque brigava com esse chinesinho?

-Ele disse que meu pai era um mendigo.

-De certo modo, não deixa de o ser... - observou William.

-Não é, não! - retorquiu Clem. Fechou de novo os punhos e começou a brandi-los na direcção da face de William.

William deu um passo atrás. - Não seja parvo! Você sabe tão bem como eu que o seu pai não tem um conselho director de missões a apoiá-lo, nem salário, nem coisa nenhuma.

--Nós temos Deus - disse Clem, em voz alta e clara.

William sorriu com escárnio. - Isso é Deus, diz você? Minha mãe diz que é pura mendicidade. Diz que sempre que vocês não têm que comer, seu pai sai a contá-lo a todos nós. Diz a todos que vocês não têm nada para comer, mas que Deus providenciará. Mas quem é que providencia realmente? Bem, a minha mãe, por exemplo. Nós não podemos ver americanos a morrer de fome. Isso diminuir-nos-ia perante os chineses.

Ele sentiu um pequeno e forte pulso sob o seu queixo e, contra todo o seu senso do que era decente para um gentlenian, deu um pontapé com o pé direito. O seu sapato era de excelente couro, fino na ponta, e apanhou Clem debaixo do joelho de tal modo que a dor o fez cair no chão. William não parou para ver o que acontecia. Voltou-se e, atravessando de novo a multidão de espectadores, foi tomar assento no jinriquixá.

-Vamos - disse ele a Lao Li.

Nas suas costas, a multidão murmurava. Mãos estenderam-se para erguer o garoto que caíra, e o garoto chinês esqueceu a briga.

-Aquele grandalhão americano deve morrer - declarou ele. -Vocês são da mesma espécie de gente, do outro lado do mar.

Clem não replicou. Depois de alguns segundos de intensa dor, afastou-se manquejando.

-Os estrangeiros têm mau gênio - murmurava a multidão. -São muito orgulhosos. Não viram como eles são, mesmo uns com os outros?

Alguns aconselhavam o menino chinês. - Você, filho de Han, seja mais cuidadoso da próxima vez. Naturalmente, ninguém gosta de ouvir dizer que o seu pai é um mendigo, mesmo que seja verdade.

-Nós estávamos a falar do deus estrangeiro - explicou o rapaz. -O pai dele pediu ao meu um dos nossos pães. Disse que não tinham pão e, como o meu pai é padeiro, o deus estrangeiro tinha-o mandado à nossa casa. Meu pai deu-lhe três pães e ele disse que o deus estrangeiro sempre providenciava. Mas eu disse: «Como é que ele não providencia entre vocês mesmos?» Aquele menino estrangeiro estava com o seu pai e ouviu-me dizer essas palavras, e disse-me que o acompanhasse e, quando ficámos sòzinhos, começou a atacar-me, como viram.

O povo ouvia com interesse e houve divisão de opiniões. Alguns pensavam que o garoto tinha falado muito bem e outros diziam que o silêncio era melhor do que quaisquer palavras quando se tratava de estrangeiros.

-Em todo o caso - disse um homem que, a julgar pela sua longa saia, era professor - não é estranho que a gente de Jesus seja toda rica, com excepção desta única família, que vive entre os nossos pobres?

-Quem pode compreender os estrangeiros? Há estrangeiros demais aqui - disse um açougueiro. Carregava jardas de entranhas de porco pendentes do braço nu; tinham começado a cheirar levemente ao Sol, lembrando-lhe que deveria seguir o seu caminho. Lentamente a multidão afastou-se e, em breve, havia, apenas, as marcas dos pés na areia para lembrar a luta.

William Lane parou na porta da frente da sua casa e ficou à espera. Experimentou a porta e viu que estava desferrolhada, mas não quis entrar. Apesar das suas instruções, o criado não estava à sua espera no «hall» para lhe apanhar o chapéu e o sobretudo. Desejara ter trazido a sua bengala de rotim, como o fazia na escola, mas não se atrevera a tanto. A sua irmã Henrieta, dois anos mais nova do que ele, haveria de rir, e não havia coisa que temesse tanto como o ridículo. Apertou a campainha e esperou de novo. Quase instantaneamente a porta abriu-se e Wang, o criado, sorriu e acenou-lhe para entrar. - Hoje é dia de recepção de sua mãe, a t'ai-t'ai- - disse ele em chinês. - Vieram tantas senhoras que eu não tenho mãos a medir.

William não deu resposta. Havia muitos anos que Wang estava com a família, e William tinha um trabalhão em fazer-lhe compreender que os velhos tempos de camaradagem infantil tinham passado. Um jovem gentleman não tagarelava com os criados. - Onde está meu pai? - perguntou.

--O Mestre ainda não voltou da igreja grande - replicou Wang. Sorriu afectuosamente para o alto rapazote, de quem se lembrava como um bebé. «Senhorzinho», chamavam-no os criados. Agora era chamado «Senhorzinho Grande». Era pena que a família não tivesse mais filhos, somente as duas jovens.

-Onde está a minha irmã mais nova? --perguntou William. Das duas irmãs ele preferia Ruth.

-Está com a sua mãe e também com a sua irmã mais velha -- - replicou Wang. - Perdoe-me, jovem senhor. Haveria de ficar espantado como essas senhoras estrangeiras comem e bebem.

Pendurou o chapéu de William num grande cabide de mogno, pôs o seu sobretudo no armário debaixo da escada e encaminhou-se apressada e silenciosamente para a sala de visitas.

William hesitava. A algazarra das vozes femininas, apenas abafada pela porta fechada do amplo vestíbulo em que se encontrava, tentava-o e afastava-o ao mesmo tempo. A maioria das mulheres era de senhoras de meia-idade, amigas de sua mãe, que o tinham conhecido na infância. Quando muito, devia ali haver uma ou duas estranhas. Pequim estava, naquela época, cheia de estrangeiros, turistas e visitantes, e seu pai era um dos mais liberais entre os missionários. A sua mãe, bem o sabia, frequentemente declarava que ela própria não era missionária, mas apenas esposa de um missionário, e nisso não mentia. A sós, muitas vezes se queixara ao filho de que era uma tragédia que seu pai houvesse escolhido para ser missionário um lugar tão repulsivo como a China, tão distante de Nova York, onde vivia a família dela.

--Teu pai podia ter sido alguma coisa - dissera-lhe muitas vezes. --Em Harvard era um rapaz belo e brilhante. Naturalmente todos pensavam que ele seria advogado, como o pai. Pertences a uma boa família, William, e espero que não te esqueças disso. Não desejaria que te desprestigiasses.

A sua mãe ministrava-lhe subtilmente uma boa porção de heresia, a que ele não replicava, mas que ia acumulando no coração. Naturalmente que não desejava ser missionário. Os colegas ingleses da escola já o tinham compreendido. Um magnate do comércio, talvez, ou um diplomata, ainda não sabia bem o quê. Embora sonhasse com a América, não se imaginava vivendo em outra parte a não ser na China. Era bom ali para um homem branco. Não gostava das histórias que ouvira acerca de missionários em licença, que tinham de cozinhar e fazer a limpeza da casa. Jamais havia entrado na cozinha ou nos quartos dos criados, pelo menos depois que havia crescido. Quando era pequeno, frequentemente sentia-se só e aborrecido, e como não lhe fosse permitido brincar com as crianças chinesas, tinha ido às vezes aos quartos dos criados em busca de companhia. Wang era então jovem e temia o cozinheiro e recebera jubilosamente a amizade de William. Algumas vezes, em segredo, Wang levava-o consigo para a rua, a fim de assistirem a um espectáculo de fantoches ou comprar alguns doces.

Isso, naturalmente, fora há muito tempo. Lembrando-se dos doces, William resolveu súbitamente entrar na sala de visitas. O cozinheiro fizera irresistíveis bolos para as recepções de sua mãe, dois dourados, com chocolate, e dois brancos de neve, com coco. Como fazia poucos dias que estava em casa, muitas das amigas de sua mãe não o viam desde vários meses, e ele poderia exibir o seu extraordinário crescimento. Tinha acrescentado algumas polegadas à sua altura desde as férias grandes do Natal, e estava bem a caminho, esperava ele, dos seis pés, que era a altura de seu pai. Vezes houvera em que receara não a poder atingir, pois tinha as mãos e os pés muito pequenos. Mas, agora, sentia-se

animado a esse respeito.

Abriu a porta e entrou, de busto despenhado e cabeça erguida. Adoptou uma fisionomia de precoce gravidade. Por um momento ficou parado, esperando, de costas contra a porta.

A mãe olhou para ele. - Vem cá, William - disse ela, com a sua voz argentina. - Deixa a porta aberta; está fazendo um pouco de calor.

Os seus olhos cinzentos, um tanto juntos um do outro, sob escuras sobrancelhas muito carregadas, tomaram uma expressão de orgulho. Relanceou o olhar pela sala, onde as senhoras estavam sentadas a meia dúzia de mesinhas de chá. - William acaba de chegar da escola - anunciou ela. - Não acham que está enorme? É o seu último semestre.

Era um ambiente reconfortante para William. A grande sala estava quente e iluminada. Sobre o soalho encerado estendiam-se grandes tapetes de Pequim bordados a azul e ouro, e os móveis rebrilhavam como um negro mogno. Eram, contudo, mais preciosos do que mogno, de uma madeira negra, pesada como ferro, antiguidades chinesas, roubadas dos palácios e vendidas por uma ninharia aos revendedores por eunucos famintos. As casas dos americanos em Pequim estavam atulhadas dessas mesas, biombos e sofás. Entre eles havia confortáveis poltronas modernas com almofadas de cetim. Nesse dia, ramalhetes de flores de pessegueiro precoces e dois vasos de ameixeiras anãs floriam a sala. Entre esses agradáveis luxos, as senhoras tomavam chá e voltavam agora a face para ele. As vozes ergueram-se para saudá-lo.

- Mas William... como crescestes! Vem cá cumprimentar-me, rapagão.

Ele avançou gentilmente e apertou a mão de cada uma das dez senhoras, sem dar importância às suas duas irmãs. Ruth estava sentada num escabelo, junto às grades da lareira, enquanto Henrieta comia uma sanduíche, acomodada no assento da janela. Não olhou para ele, mas Ruth ficou a observá-lo com os seus risonhos e luminosos olhos azuis.

- Senta-te, William. Vem tomar chá - disse-lhe a mãe. Era uma mulher alta, de sólida ossatura, e o filho saíra à mãe, embora ela fosse quase feia. Mas o que constituía a falta de delicadeza na mulher fazia a força no homem.

Uma vez sentado numa cadeira junto dela, Wang trouxe-lhe sanduíches e bolo, e ele começou a comer silenciosamente e com bom apetite. As mulheres recomeçaram a conversa. Logo viu que elas se referiam à Missão Evangélica Familiar e diziam exactamente as coisas que ele pensava. Mrs. Tibbert, metodista, muito embora um pouco abaixo dos episcopais e presbiterianos, mas ainda assim acima dos baptistas, era redimida pelo facto de ser esposa de um bispo. Era uma mulher pequena e pálida, trazia um vestido copiado por um alfaiate chinês de um modelo Delineator, e faltava-lhe um dente da frente, o que a fazia ciciar quando falava.

- É realmente estúpido falar na fé em Deus a propósito de tudo e fazer colectas, realmente, entre todos nós. Naturalmente que não os podemos deixar morrer de fome... Quem sabe se uma petição ao cônsul...?

- O modo como eles vivem! - exclamou Mrs. Haley. Era uma adventista do sétimo dia, e ainda menos que uma baptista. Era impressionante para os chineses ouvirem dizer que o domingo era no sábado, embora a imersão, na qual os baptistas e adventistas

insistiam, fosse considerada pelos presbiterianos e episcopais como a mais desconcertante de todas as práticas doutrinárias. Os chineses ignorantes deixavam-se impressionar pela quantidade de água, e a aspersão parecia avareza, especialmente em tempo de calor. Mrs. Henry Lodge, esposa do primeiro-ministro presbiteriano, era caritativa, como bem podia permitir-se, pois a sua casa era uma das mais belas de Pequim e seu marido o mais bem pago dos missionários, além de ser aparentado com os Lodges de Boston. -Fico tão triste por causa dos pequenos - disse ela gentilmente. De cabelos brancos, bonita, com um leve vestido cinzento de crepe da China enfeitado de cor-de-rosa, era como uma pintura que as outras damas, embora cristãs, se viam obrigadas a invejar. William olhava-a aprovativamente. Assim é que uma dama devia ser, e, para chamar a atenção dela para si mesmo, resolveu contar a sua aventura.

-Mrs. Lodge, talvez goste de saber. Quando eu vinha hoje para casa...

Contou bem a história e foi bastante sensato para se mostrar modesto e piedoso para com o garoto maltrapilho que ele havia repreendido publicamente. Quando terminou, foi felicitado.

-Estimo que você o tenha ajudado, William - disse Mrs. Lodge. - Foi uma atitude cristã da sua parte... e muito fraternal. «Ainda o último destes...», como disse Nosso Senhor...

-Obrigado, Mrs. Lodge - respondeu William.

Clem Miller afastou-se da multidão o mais depressa que pôde. Desejaria correr, mas os seus rotos sapatos de pano e o seu joelho magoado impediam-no de tal. O que ele lembrava de William Lane eram os seus sapatos, aqueles fortes e elegantes sapatos de couro castanho que protegiam as solas dos pés e a ponta dos dedos. Um bom pontapé com um sapato daqueles era para deixar marca.

-Quando é que poderei ter uns sapatos americanos? - resmungava ele.

Articulava os seus pensamentos sempre em chinês, não o fluído chinês de Pequim, mas o chinês das sarjetas, o gutural vernáculo «cooly» dos portos abertos onde viviam os barqueiros. O seu primeiro lar fora num barco, pois seu pai, ansioso por seguir as exactas pegadas de Jesus, tinha pregado das águas do sujo Whangpu em Xangai, para os que se ajuntavam na margem para o ouvir. Fora mais olhado que ouvido, e respeitáveis cristãos tinham ido à noite censurar seus pais por os terem envergonhado com aquele comportamento de mendigos.

Ainda viviam como mendigos. Clem, andando pela poeira de Pequim, não podia negar a acusação que William lhe fizera. Tinha espreitado mais de uma vez através das grades do compound em que residia William, e pelo estálão daqueles que moravam em grandes casas de tijolo cinzento, de telhas palacianas azuis e verdes, os quatro quartos em que morava com os pais e as irmãs eram mesmo de mendigos. Sua mãe, que nunca se queixava e tinha uma fé a toda a prova, recusara-se contudo a morar no barco depois que o pequeno Arthur caíra à água e morrera afogado.

Houve longas discussões a respeito disso entre os seus pais.

-Mary, até parece que já não acreditas em Deus, por causa dessa provação - dissera Paul Miller à sua soluçante esposa.

Ela tentara afogar os soluços, apertando contra a boca um lenço roto.

--Creio, sim. Só o que acontece é que eu não posso olhar para a água, agora.

O corpo do pequeno Arthur não viera à tona. Havia pesquisado as margens dia após dia, mas o rio tinha amarrado e arrebatado a criança com as suas irresistíveis correntes. De modo que, após algumas semanas, tinham abandonado a busca e vindo para o norte de Pequim. Paul Miller deixara a Deus o encargo de conseguir os dólares necessários para a passagem de terceira classe, e depois fora cumprimentar os outros missionários de Shangai, como irmãos em Cristo. Estes haviam respondido com espontânea generosidade, conseguindo uma bolsa para ele, e as esposas dos missionários tinham arranjado entre si uma caixa de roupas para Mrs. Miller e as crianças.

-Vejam como Deus nos provê quando acreditamos n'Ele! Assim havia proclamado seu pai, com os seus doces olhos azuis humedecidos de lágrimas de gratidão.

-Clem, teu pai tem razão - dizia a mãe. -Sempre temos sido atendidos, embora às vezes Deus resolva experimentar a nossa fé.

Clem não respondera. Naquela época da sua vida, achava-se numa profunda confusão, que não se atrevia a encarar, nem mesmo quando sozinho. O Mundo estava dividido entre ricos que tinham alimento e pobres que não o tinham, e embora muitas vezes lhe houvessem dito que era muito mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Céu, ainda assim Deus parecia-lhe indulgente com eles e muito descuidado com os pobres. Os pobres chineses, por exemplo, sempre a morrer de fome. Deus que via tudo, devia vê-los também, mas, se os via, mantinha-se em silêncio.

Pensando no silêncio de Deus, o próprio Clem foi crescendo em progressivo silêncio. Havia vezes em que desejava deixar a família, partir sozinho, alcançar a costa, achar um vapor, onde arranjaría serviço, indo assim, através do Pacífico, até à fabulosa terra onde seus pais tinham nascido. Uma vez lá, iria directamente a pé até à granja de seu avô, na Pensilvânia.

Mas não poderia deixar a sua lastimável família, embora já tivesse feito quinze anos, e preocupava-se muito com o seu futuro. Tais pensamentos, guardava-os para si mesmo, sabendo que, se os exteriorizasse, seus pais, incorrigíveis na sua fé, apenas lhe diriam que confiasse em Deus. Estava muito bem, mas quem lhe ensinaria latim e matemática e gramática inglesa? Comprara alguns velhos compêndios ingleses num alfarrabista chinês e pagara-os ensinando inglês ao filho de dez anos do livreiro. Aqueles livros, estudava-os sozinho, mas bem sentia a necessidade de um professor. E não podia mendigar. Embora comesse o que os seus pais angariavam, não podia pedir aos prósperos missionários nada para si próprio. Hoje, ao voltar da loja de Mr. Fong, vira o pai com o padeiro e tivera aquela briga, depois de o pai se ter retirado.

Aliás o dia fora belo, embora o ar da tarde estivesse agora quebrado por um vento frio do Noroeste. Gostava da cidade àquela hora. A gente era bastante boa para ele, mesmo que tivesse brigado com um menino sem educação. Lamentava-o agora. Do ponto de vista do garoto, ele tivera razão. Os membros da família Miller, embora acreditassem em Deus, eram uns mendigos.

Entrou em casa com um ar tão amargurado que a mãe, que estava a pôr a mesa para o jantar, com tigelas e pauzinhos, parou para olhar para ele. Tigelas de

barro e pauzinhos de bambu eram mais baratos do que pratos e facas e garfos.

-Que tens, meu filho? -A sua voz era infantilmente suave e a face ainda redonda e juvenil. Os cabelos, outrora do mais suave loiro, eram agora de um cinzento de areia. Apesar das suas restrições de adolescente a seu respeito, amava-a, tão terna era ela, tão bondosa com ele e com a família toda.

Naquele momento, no entanto, endureceu o coração e desabafou os seus pensamentos. - Mãe, seja como for, estou começando a compreender: nós somos mesmo uns mendigos.

Ela apoiou na mesa as mãos abertas. - Que dizes, Clem?!

Clem continuou, contrafeito, mas implacavelmente. - Um chinequinho chamou-nos mendigos e eu briguei com ele. Não me olhes desse jeito, mãe. William Lane chegou naquele momento e... e ajudou-me a parar com a briga. Mas achava que o chinequinho tinha razão.

-Temo por ti, querido. Se perdermos a fé, não nos resta nada. -Eu quero mais fé, mãe. -O seu cérebro, honesto mas vivo, procurava finalmente uma prova.

-Não vejo como o pai poderia mostrar mais fé, Clem. Ele nunca vacilou, nem mesmo quando perdemos o nosso pequeno Arthur. Ele amparou-me.

A sua voz quebrou-se e os seus lábios carnudos tremeram. As lágrimas, sempre prontas como o seu sorriso, correram-lhe dos claros olhos castanhos.

-Ele poderia ter mais fé - disse Clem. -Mas como, querido?

-Se não fosse dizer aos outros que não há mais pão... se não fosse, afinal, contar essas coisas aos missionários.

Ergueu os olhos para os olhos dela e, para seu espanto, leu neles o terror. As suas faces redondas, sempre pálidas, tornaram-se esverdeadas. Ela nunca o enganava, e por isso o amor de Clem lhe ficava ligado para sempre. Ergueu as mãos num gesto de súplica, e, como Clem não se movesse, veio ajoelhar-se ao lado do banco de bambu onde ele estava sentado, com a face à altura da sua.

-Querido, tudo o que estás dizendo, eu já o disse muitas vezes, também, dentro do meu próprio coração.

-Então, porque não o diz ao pai? - perguntou Clem. Não podia compreender como, embora a amasse tanto, não desejava mais tocar-lhe ou ser tocado por ela. Temia uma carícia.

Ela não tentou nenhuma carícia. Ergueu-se e olhou para ele. -Pelo mesmo motivo que tu também não o fazes - disse ela.

-Só de pensar que nós duvidamos, isso lhe partiria o coração. -Mas não se trata de duvidar: apenas de pedir provas - insistiu o garoto.

-Mas pedir provas a Deus é duvidar, querido - disse ela rapidamente. -O pai já nos explicou isso, não é verdade? Não te lembras, Clem?

Ele lembrava-se. Nas longas orações de família, pela manhã e à noite, dizia-lhes, na sua obstinada e cuidadosa maneira, insistindo em cada pormenor da misericórdia divina para com eles, que pedir a Deus que se provasse a Si próprio era cortejar a Satanás. A dúvida era a poeira que Satanás atirava aos olhos dos homens para os cegar.

-Além disso - dizia-lhe a mãe - estimo muito o teu pai para que possa feri-lo, e tu também deves estimá-lo, Clem. Não tem ninguém no Mundo a não ser nós, e na verdade a não ser nós dois, pois as crianças são muito pequenas. Ele tem de acreditar na nossa fé, para se conservar forte. E o pai é tão bom, Clem...

Ele é o melhor homem que já vi. Ele é como Jesus. Nunca pensa em si próprio. Só pensa nos outros.

Era verdade. Embora às vezes odiasse o desinteresse do pai, embora a humildade do pai o fizesse corar de vergonha, sabia que não eram mais que aspectos de uma bondade tão pura que não podia ser menosprezada. Cedeu ante essa verdade e suspirou. Depois ergueu-se do banco e olhou para a mesa.

-Papá está em casa?

-Não... ainda não. Foi pregar na praça do mercado.

Paul Miller deixara a praça do mercado aonde tinha ido pregar a Graça de Jesus, pois o povo estava muito atarefado e indiferente. A caminho de casa, encontrou-se com o Dr. Lane, que voltava da sua aula de catecismo das quartas-feiras na igreja. Ordinariamente, o alto e bem-apessoado missionário passava pelo pequeno vulto que palmilhava a poeira sem mais que um amigável, embora um tanto embaraçado aceno de cabeça. Desta vez, porém, mandou parar o jinriquixá.

- Miller, posso falar com o senhor?

-Pois não, Irmão Lane.

Henry Lane pestanejou ante esse título. Irmão era, por certo, espiritualmente, de toda a Humanidade, pois pensava ser um verdadeiro cristão. Mas ouvi-lo proclamar tão calorosamente em plena rua por um homem branco de roupa remendada não era nada agradável. Não apoiava a mulher ou o filho quando criticavam a Missão Evangélica da Família Miller. Na verdade, lembrava-lhes que Cristo poderia ser pregado de muitas e diversas maneiras. Agora, contudo, tinha de ocultar sentimentos que era demasiado honesto para negar a si mesmo que não fossem muito semelhantes aos seus. Era humilhante para a comunidade estrangeira de Pequim ter os Millers ali. O pior de tudo era que eles fossem missionários também, que afinal de contas pregavam o mesmo Deus. A Missão Evangélica Miller provocara espanto e perguntas até mesmo na sua própria igreja.

Na rua, os chineses começavam a aglomerar-se em torno dos dois americanos, instantânea multidão que parecia brotar da própria poeira. Henry Lane tinha como facto assente que nenhum chinês falava inglês e não deu atenção à sua presença.

-Miller, julgo de meu dever avisá-lo que é muito provável que rebente agora aqui um movimento contra os estrangeiros. Não me agrada nada o que tenho ouvido.

Relanceou um olhar à multidão. No pálido e dourado lusco-fusco as faces estavam imersas na sua tranquila curiosidade habitual.

-Que foi que ouviu, Irmão Lane? -indagou Paul Miller.

Descansou as mãos na guarda do jinriquixá e admirou, como já o fizera antes, a delicada espiritualidade das feições do outro. Não lhe ocorreu invejar o fino tecido preto das vestes do missionário, ou a brancura do seu colarinho engomado e o cetim da sua gravata. O Dr. Lane baixou a voz.

-Contou-me um dos meus conselheiros paroquiais, cujo irmão é ministro da Corte Imperial, que a Imperatriz Viúva está a favor dos Boxers. Ela assistiu hoje pessoalmente a uma dessas absurdas demonstrações de invulnerabilidade às balas e baionetas. É só o que ela teme -os nossos exércitos estrangeiros. Se se

convencer de que esses patifes são imunes às nossas armas, pode realmente animá-los a escorraçar-nos daqui à força. Deve pensar na sua família, Miller.

--E os seus, Irmão Lane?

--Vou mandá-los para Xangai. Os nossos vasos de guerra estão lá - replicou Henry Lane.

Paul Miller retirou as mãos da madeira envernizada do jinriquixá. Olhou para as caras dos chineses, pálidas na escuridão crescente. - Ponho a minha fé em Deus, e não em navios de guerra - disse ele simplesmente.

Henry Lane, por bom cristão que fosse, sentiu um aperto no coração. - É meu dever preveni-lo - disse. -Obrigado, Irmão.

-Boa noite - proferiu Henry e fez sinal ao condutor do jinriquixá para que seguisse avante.

Paul Miller ficou parado a olhar para o carro que se afastava. Tinha a face quadrada e magra e a sua pele era rósea e branca, embora já tivessem passado vinte anos desde que recebera o chamado de Deus em uma reunião religiosa ao ar livre na Pensilvânia, abandonando a granja paterna, com grande consternação do velho, fora para a China, como a única terra de gentios de que tinha ouvido falar. A fé provera os magros recursos para ele e Mary atravessarem o continente num carro de turistas, e o Pacífico como passageiros de terceira classe. Nunca mais tinham estado na sua terra desde então. Não achava certo pedir férias a Deus, embora os outros missionários as tomassem de sete em sete anos. Ele vivia para a fé.

Os lábios tremeram-lhe e sentiu uma ardência nos olhos. Até então nunca havia encarado a possibilidade da morte. Muitas vezes tinham passado fome e algumas vezes tinham estado doentes, e a dor da morte de Arthur ainda continuava, embora tentasse não pensar em tal coisa. Mas a morte nas mãos de homens cruéis, a morte de Mary e dos seus pequenos, nisso jamais havia pensado, nem mesmo nas noites em que Satanás o tentava com dúvidas e com a saudade da doce amenidade da granja em que vivera. Muitas vezes sentia saudades, mas já não o confessava a Mary. No princípio tinham chorado até dormir-ele, um homem feito! Sua mãe escrevia-lhe de vez em quando, até que morrera, dez anos antes,, mas nunca recebera uma carta do pai. Nem sequer sabia se ainda estava vivo.

Ali, na escura rua chinesa, entre as luzes foscas das lâmpadas de azeite e das velas de sebo, escutando os ruídos da noite que descia, mães a chamarem pelos filhos, uma criança chorando, uma discussão nalguma parte, as pancadas das portas das lojas que se fechavam, um queixoso violino de duas cordas, o gemer do vento nocturno que se erguia, sentiu-se tomado de terror. Para onde poderiam ele e sua pequena família fugir? Pensou na meiguice da esposa, na graça das duas pálidas meninas, no filho que se estava tornando um homem. Ali estava tudo o que possuía e que lhe fora dado por Deus. Mas eles... que possuíam eles? Havia-lhes roubado os seus direitos de sangue sobre a granja, a segurança da proximidade de gente como eles, um tecto seguro sobre as suas humildes cabeças. Se os homens perversos matassem aqueles por quem era responsável, não mais poderia acreditar em Deus. No escuro, estendeu as mãos para o Céu. As frias estrelas cintilavam lá no alto. Não havia Lua. Ninguém podia vê-lo, e ele caiu de joelhos ali mesmo, na rua, e clamou por Deus. Depois,

cruzando as mãos no peito, ergueu a face e fechou os olhos sob as sorridentes estrelas.

-Ó meu Deus... - murmurou. - Vós que, neste momento, talvez estejais olhando para o velho lar que eu abandonei, pensando que era essa a Vossa vontade... Vós podeis ler dentro dos corações e saber se é verdade que os homens perversos querem as nossas vidas... Humildemente digo que eu próprio notei alguma diferença nos chineses nestes últimos meses... O nosso senhorio quer que nos mudemos sem motivo. Estou com os alugueres em dia, embora nem sempre tenha sido fácil conseguir dinheiro a tempo. Mas Vós sempre providenciastes. Salvai as nossas vidas e conservai-nos em segurança, especialmente a vida daqueles que Vós me destes, ainda que eu diga que seja feita a Vossa vontade e que não os amo acima de Vós.

A cabeça tombou-lhe sobre o peito, com o queixo repousando nas mãos cruzadas. Esperou que a fé despertasse em seu coração.

Chegou, afinal, aquecendo-lhe o sangue nas veias, reanimando-lhe o coração como um vinho, convencendo-o de que o que fazia era bem feito. «Não temas, pois Eu sempre estarei contigo...» Podia até ouvir as palavras que tão bem conhecia.

-Amem, Senhor - replicou com reverência. Ergueu-se e encaminhou-se, pela rua deserta, para os quatro pequenos quartos onde aqueles que tanto amava o esperavam. Sim, lutava constantemente por não os amar demasiado, pois não eram tudo quanto possuía. Ele possuía o incomensurável amor de Deus.

Em menos de meia hora já abria a porta da casa e via a cena que sempre o alegrava. A mesa estava posta para o jantar. Mary achava-se sentada junto ao lampião de azeite, consertando alguma roupa, e Clem estudava um de seus livros. As duas pequenas brincavam com uma boneca de pasta que uma bondosa chinesa lhes dera.

Ergueram a cabeça quando entrou, e ele ouviu as suas saudações. Por alguma tola razão, não pôde reter as lágrimas. Mary ergueu-se e veio ao seu encontro e ele estimou que a luz fosse tão fraca. Mas, mesmo que fechasse os olhos enquanto a beijava, não pôde impedir que uma lágrima caísse sobre a face dela. Depois parou junto das meninas, evitando o olhar do filho.

Só depois de ter dominado o seu súbito desejo de chorar é que falou a Clem.

-Que livro é esse, filho?

-Um livro de História, pai. Trouxe-o da loja de Mr. Fong. -Que História?

-Uma História da América.

Mal ouviu a voz de Clem. Estava saboreando o seu alívio, a segurança que Deus lhe dava. Ali estavam todos eles, a salvo.

Não lhes diria nada sobre o perigo. Não havia necessidade. O perigo passara. «Porei a minha confiança no Senhor». Com estas silenciosas palavras, obrigou o seu coração a calar-se.

As lâmpadas da casa da missão estavam todas acesas, e o Dr. Lane achava-se no quarto, preparando-se para o jantar. Não compartilhava das ideias da mulher a ponto de mudar de roupa todas as noites como o faziam os ingleses, mas punha uma camisa limpa e mudava o casaco. Quando deixara o colégio, vinte anos antes, era o que hoje chamavam um sonhador. Isto é, acreditava no

ascetismo para os homens de Deus. A dureza dos anos de guerra tinha-o marcado, embora ninguém da casa de seu pai tivesse ido realmente para a guerra. Mas tinham asilado escravos do Sul e gasto bom dinheiro para os ajudar a estabelecer-se e encontrar trabalho, e seu pai fora um chefe da igreja episcopal em Cambridge. Contudo, quando anunciou a sua vocação para as missões, o pai ficou muito aborrecido.

-Naturalmente que devemos mandar missionários para as terras infiéis-declarara ao jovem Henry-, mas não acho que devemos mandar os nossos melhores rapazes. Meu pai não queria que eu fosse para a guerra e eu não fui.

-Deus não o chamou para ir para a guerra - replicara Henry.

A luta com o pai, na qual não cedera, servira-lhe alguns meses mais tarde, quando se enamorou de Helen Vandervent em Old Harbour. Era a mais linda rapariga que já vira, uma criatura de nobre tipo, mesmo na sua juventude. Era alta, um pouco acima dos seus ombros, altiva e mundana, como ele cedo veio a saber. Ele rogara a Deus que lhe desse forças para a domar, não forças para renunciar a ela. Mesmo assim, ela não cedera nos próximos dois anos. Ela amava-o, e até lho havia dito, mas a sua crença no amor da jovem era abalada pela sua má vontade em compartilhar da vida que ele devia levar. Neste ponto ela não cedia.

-Não te peço que deixes de ser um ministro de Deus - dissera ela-, mas há almas que precisam de ser salvas aqui mesmo.

Dissera-o vinte anos antes, e ele ainda se lembrava do seu aspecto naquele momento, uma linda e alta rapariga de jaqueta azul-claro. Até o seu chapéu tinha plumas azuis, mas um friso de cetim branco lhe debruava a aba.

-Ah! Mas eu tenho de servir a Deus onde Ele me chama - retorquira ele, concentrando as reservas da sua decisão.

Ela encolhera os ombros, conservando ao mesmo tempo o seu amor e a sua temosia por seis meses mais, enquanto dia e noite ele pedia a Deus que lhe desse forças e aprofundasse o amor da noiva para que ela afinal cedesse. Forças conseguira, mas não via nenhum abrandamento no coração dela, de modo que, por uma terrível tarde de Verão, afastou-se dela em Old Harbour. Assim resolvera, para pôr à prova uma última vez o seu amor. Não tinha nenhuma sorte. Ela estava cercada por outros jovens, que não eram assediados por Deus e, portanto, estavam livres para lhe agradar. Resolvera deixá-la, pois, e, na extremidade do rochedo, junto à baía, ainda lhe dissera:

-Helen, eu vou para a China... sozinho, se não quiseres acompanhar-me.

Não tinha a certeza de que ela fosse acreditar em tal coisa. Ela meneara a cabeça teimosamente e ele deixara-a e viera para a China, sem saber se ela o acompanharia. Somente quando se convenceu de que em Pequim poderia levar uma vida civilizada foi que ela lhe escreveu para lhe dizer que casaria com ele. O noivo cedera o suficiente para lhe oferecer Pequim. Os primeiros dois anos passara-os sozinho numa cidade do interior, onde a vida era primitiva. No íntimo do coração, Helen jamais havia cedido, bem o sabia ele, embora se julgasse cristã. A seu modo, ela não deixava de o ser, isso ele também acreditava. Mantinha o seu lar confortável, tratava os criados com equanimidade e transferia as suas ambições para os filhos.

Ele aborrecia-se secretamente por causa do filho. Havia algo de duro e orgulhoso naquele garoto. William raras vezes ria e ficava furioso com qualquer

pequena mas afectuosa brincadeira da família à sua custa.

Às vezes, pensando nesse querido filho único, lembrava uma coisa tola que sua mulher fizera. Levara o menino, quando ele tinha apenas nove anos, para uma audiência com a Imperatriz-Mãe. Uma vez por ano, a Velha Buda oferecia uma festa às senhoras americanas. Numa dessas ocasiões dissera Helen à primeira dama de honor. que gostaria de levar seu filho para apresentar os seus respeitos à Imperatriz. A dama rira e dissera algo à Imperatriz, que estava num dos seus dias de humor caprichoso, alternando entre a puerilidade e a tirania. Depois a dama respondera : «A nossa velha Antepassada diz que gostaria de ver um menino estrangeiro. Queira trazê-lo no próximo dia de festa, que é o da Entrada da Primavera».

Por um dia frio William fora com a mãe ao Palácio Imperial e esperara horas e horas numa gelada ante-sala. Afinal, ao meio-dia, um alto eunuco chamara-os à Presença. William seguiu atrás da mãe e, a um sinal do eunuco, inclinou-se profundamente ante a espectacular velha sentada num fulgurante trono em forma de dragão. Era tácito que nenhum americano seria obrigado a prostrar-se.

A Imperatriz estava num dos seus bons momentos. O Sol ainda hibernal derramava-se pelo chão ladrilhando até à sua saia bordada a ouro e às suas mãos cheias de jóias que descansavam sobre os joelhos. William viu primeiro a barra bordada da saia de cetim amarelo, e, erguendo mais os olhos, viu as fabulosas mãos e, depois, o seu colar de jade, e assim os seus olhos afinal ergueram-se até à face esmaltada, até aos grandes e rasgados olhos, até ao caprichoso tóucado de pedrarias. Eunucos e damas, ante a ousadia do menino, estavam esperando que se desencadeasse a fúria real. Mas não houve nada disso. Nos olhos daquele bonito menino americano, a Imperatriz viu tal deslumbramento, tão encantado espanto, que não pôde deixar de rir. Então todos riram, com excepção de William, que ficou de pé, a contemplá-la, sem um gesto, sem uma palavra. Súbitamente o humor mudou. A Imperatriz franziu as sobancelhas, fez um gesto com os seus dedos metidos em ponteiras e virou a cabeça.

O Primeiro Eunuco avançou imediatamente e fê-los sair.

-Porque seria que a Imperatriz ficou zangada comigo? - perguntou William ao pai, depois que se viu em casa, aquecido e alimentado.

-Quem pode compreender o coração da Imperatriz? - retorquiu ele.

Mrs. Lane apressou-se a falar. - William, devemos levar em conta que tu és o único menino americano que viu a grande Imperatriz Viúva da China. Isso é importante, não é?

O Dr. Lane não gostou da observação.

-Helen, aos olhos de Deus, somos todos iguais - disse à mulher.

-Eu bem sei. Mas o facto é que nós não somos Deus. A Imperatriz é sempre a Imperatriz e não adianta pretender que William não teve uma grande honra, pois teve mesmo. É uma coisa maravilhosa, e devo dizer que se não tivesse tido a coragem de tomar a iniciativa ele jamais teria essa oportunidade.

O Dr. Lane, pensando agora no filho, suspirou, como muitas vezes o fazia, sem saber porquê. Helen não tinha mudado muito. Às vezes, embora ela observasse cuidadosamente as formas exteriores da religião, ele receava que, no fundo, ela ainda tivesse espírito mundano.

William, que fora baptizado com o nome do pai de Helen, não com o de seu pai, crescera inteligente e altivo. Se o coração do garoto jamais fora tocado, não o sabia. Talvez um coração de criança nunca fosse tocado até que o orvalho da mocidade caísse sobre ele. O Dr. Lane lembrava-se de si próprio como um jovem insensível até que, de súbito, um dia, quando tinha quase vinte anos, descobriu que a vida era um dom em suas mãos, para ser usado ou desperdiçado. Deus falara-lhe naquele momento.

O gongo chinês tocou suavemente para o jantar e ele baixou a lâmpada de azeite. Era um belo objecto, que Helen havia fabricado, por assim dizer, com um jarro Ming. Helen tinha o prazer do luxo. Fora de Pequim, isso poderia não ficar bem a um ministro de Cristo que secretamente acreditava na pobreza, mas, em Pequim, as casas dos diplomatas eram tão luxuosas que a sua não se fazia notar. A fantástica extravagância da Corte Imperial condicionava a atmosfera da cidade. Entretanto, a velha Imperatriz andava agora cheia de remorsos. O dinheiro que fora angariado entre o povo para uma marinha moderna, tinha-o ela gasto num grande barco de mármore para o lago do Palácio de Verão. Enquanto os seus ministros profetizavam perigos vindos do Ocidente e o jovem Imperador fomentava a rebelião, ela negociava com aquela absurda sociedade secreta dos Boxers. Estes, excitados com a atenção dela, viviam a jactar-se de que eram invulneráveis. Nem espadas nem balas, declaravam, poderiam atravessar-lhes o corpo. Tinham um poder mágico, diziam à supersticiosa Imperatriz, e ela devia estar assaz desesperada para acreditar neles.

Desceu lentamente os degraus atapetados, com o coração inquieto, sem saber ao certo o que fazer. A Embaixada Americana, naturalmente, tomaria providências. Mas devia esperar por isso? William estava pronto para o colégio e Helen suspirava por um Verão em casa. «Em casa» era sempre na América.

Entrou na sala de jantar, onde a família estava à sua espera, e sentou-se à cabeceira da mesa oval. A coberta da mesa era fina, as monjas chinesas do convento católico tinham-na bordado com um grande e pesado monograma. Era a espécie de coisas, dizia ele consigo, que pareciam caras mas não eram. As freiras trabalhavam barato e ele não tinha coragem de negar beleza a Helen por tão baixo custo. Afinal de contas, ela sacrificara muita coisa para se tornar sua mulher. Perdia cada ano a temporada de Nova York, concertos, teatros, festas... Ela jamais gostara do teatro chinês, embora as melhores companhias estivessem ali em Pequim, mas talvez assim fosse melhor, pois os missionários, na maioria, eram ainda puritanos, e ele sempre tinha uma incômoda consciência da sua crítica, não falada, a respeito de Helen. A maioria deles provinha de lares mais modestos que o seu na América, e isso não os tornava mais tolerantes. Talvez, se ela tivesse tido tempo de aprender chinês... embora pouco pudesse censurá-la por isso. William nascera um ano escasso após o casamento, seguindo-se logo as duas meninas. Desde a fúria da mulher, no dia em que se vira grávida pela terceira vez, não tinha havido mais filhos.

Ele desenrolou o guardanapo e olhou, através da mesa, para cada uma das faces. Ruth estava a tornar-se bem bonita. Parecia-se com o lado paterno da família. William e Henrieta tinham saído à mãe. O rapaz era formoso, mas Henrieta não possuía a distinção de Helen. Teria de se dedicar às boas obras. Ele não tinha a certeza se desejava que quaisquer de seus filhos fossem missionários.

Seria o que Deus quisesse. O pai sorriu para a família.

-Gostariam vocês de passar este Verão em casa?

Wang, com uma longa túnica de linho branco, estava servindo a sopa, de onde se erguia um cheiro de frango levemente temperado de gengibre.

-Como, Henry! - exclamou a mulher. - Não tinhas dito que não poderíamos ir este ano, por causa das despesas com a casa de Peitaiho?

Como a maioria dos missionários, possuíam uma casa de Verão à beira-mar. Durante o Inverno, um furacão arrancara as telhas, o que custara algumas centenas de dólares chineses para a reparar.

-Podemos alugar a casa - replicou ele. -Dará para pagar parte das passagens. Acho que não podemos pedir auxílio ao Conselho, pois ainda não chegou a época da minha licença.

-Eu não quero ir - anunciou Henrieta com voz monótona. Tomava sôfregamente a sopa, mas o dr. Lane não a corrigiu. Tinha uma simpatia por Henrieta que ele próprio não podia explicar.

-Mas William está realmente preparado para Harvard? -indagou Mrs. Lane. Os seus olhos estavam pousados em Wang enquanto servia croutons.

-Como estudou pelos métodos chineses, creio que não haverá dificuldade - replicou o dr. Lane. Não gostava de sopa, e esperou pelos croutons.

-Eu gostaria de ir - disse William. Agradava-lhe o pensamento de não mais ter de enfrentar a arrogância dos rapazes ingleses, que ainda chamavam rebeldes a todos os americanos e aos missionários cães vadios. Começou a comer com súbito apetite.

Ruth estava silenciosa, com os meigos olhos azuis a passear de rosto em rosto.

-É melhor que lhes diga a verdade-decidiu o dr. Lane. -Não me agrada nada como as coisas vão correndo. Alguma coisa está a preparar-se aí. O jovem Imperador não está em boas relações com a velha Imperatriz e ela trá-lo encerrado. Dizem que está resolvida a mandar matar os seus tutores para animar as suas ideias ocidentais. Mas terá de fazer alguma coisa para contentar os ministros, que estão ofendidos com as novas concessões estrangeiras que foi obrigada a fazer ao governo alemão. Se vier àquela cabeça ignorante a ideia de exterminar todos os estrangeiros, eu não quero que a minha família esteja aqui.

Tentava falar humoristicamente, mas notaram que ele estava angustiado. A sua tranquila e delicada face, sempre pálida, mostrava-se agora branca acima do bigode e da barba grisalhos.

-Eu sempre disse que os chineses nos têm ódio - disse Mrs. Lane.

-Não acredito que nos odeiem - respondeu ele brandamente.

-Mataram os missionários alemães -sublinhou ela.

Ele pousou o talher. -Foi um acidente, como já te disse, Helen. Aconteceu precisamente que os bandidos atacaram uma cidade onde os alemães estavam.

-Nem mesmo os bandidos têm direito de matar estrangeiros - observou ela. Ninguém tinha prestado a mínima atenção a Wang, até que ela ordenou, quase violentamente-Wang, retire os pratos de sopa!

-Eu não acredito que Wang nos odeie, mãe - disse Ruth, depois de ele se ter retirado. A sua voz, suave e tímida, era diferente das outras vozes. Até mesmo o dr. Lane, afeito a muitos anos de pregação, falava com uma tão apurada clareza

que era quase forçada.

-É porque ele é pago - replicou Mrs. Lane.

O dr. Lane, em consideração aos filhos, sentiu-se na obrigação de dizer a verdade. -Se os chineses são contra os estrangeiros, isso é o resultado da maneira como se comportaram os alemães. Apoderar-se dos portos e demandar o uso de toda a baía, além de qualquer indemnidade, foi justamente uma desculpa para a morte dos missionários. E depois a Rússia, e a Inglaterra, e até mesmo o nosso próprio governo.., tudo isso está no fundo dessas chamadas agitações contra os estrangeiros. Naturalmente os chineses não querem ver o país dividido em fatias.

Mrs. Lane interrompeu: -Claro, Henry, tu sempre pensas que os chineses têm razão! - Ela continuou, para evitar a sua esperada réplica. - Se houver algum perigo, quero-me ir embora de uma vez por todas. Mas não quero ir sem ti. Não permitirei que te sacrifiques por essa gente. O teu primeiro dever é para com os filhos e comigo.

-Não creio que possa ir - replicou ele. -Não creio que deva ir. Os chineses cristãos esperam que eu fique. Os Boxers estarão tanto contra eles como contra nós, se a coisa rebentar. Naturalmente os soldados da Legação hão-de proteger-nos, mas eu não quero que tu e as crianças enfrentem um cerco. Mas fugir não me ficaria bem. Não seria possível perante a minha consciência. O meu dever para com Deus está em primeiro lugar.

As crianças mantinham-se em silêncio. Pela paciente firmeza com que o pai falava, compreendiam que ele estava decidido a sustentar uma discussão com a mulher. Geralmente, ela vencia, mas quando seu pai trazia Deus para o campo, elas esperavam o fim. Sozinho, poderia perder, mas, sob aquela divina protecção, prevaleceria, até contra ela.

Sòmente alguns dias mais tarde, foi que Mrs. Lane se resolveu a ir embora, e de uma vez por todas. Era um sábado, e o dr. Lane estava a preparar o seu habitual sermão dominical. Escolhera um tema estranhamente inadequado para a época, «Os perversos fogem quando ninguém os persegue», e estava desenvolvendo os seus pensamentos, divinamente dirigidos, sobre a profunda significação oculta nessas palavras, quando ouviu a voz de Mrs. Lane gritar pelo seu nome. Quase imediatamente abriu-se a porta do seu escritório e avistou 'William. As roupas do garoto estavam cobertas de poeira, tinha o rosto lívido e um corte na testa. Ficou ali parado, sem falar.

--William! - exclamou o dr. Lane, erguendo-se da cadeira. -Que foi que te aconteceu?

Os lábios de William moveram-se. - O... o povo... um tumulto...

-O quê?! - exclamou o dr. Lane. Correu até ao vestíbulo e ali encontrou a esposa como que desmaiada numa das cadeiras chinesas esculpidas.

-Helen, o que...

--Foi um tumulto! Pensei que não nos pudéssemos livrar. Se não fosse Lao Li... William e eu apertados no mesmo jinriquixá...

--Onde foi isso?

-Na alfaiataria de Hatamen Street, onde sempre mando fazer as roupas de William. Ele precisa de um fato novo...

-Que fez William? - indagou o dr. Lane. Instintivamente sabia que sucedera

alguma coisa. Os tumultos não rebentam_ sem motivo.

Mrs. Lane suspirou. -Nada... não sei! Havia um homem a dormir junto do jinriquixá quando saímos..., um mendigo. William empurrou-o com o pé: não lhe bateu. De todas as portas surgiu gente que avançou sobre nós. Oh! Henry, eu quero sair daqui... nós todos!

Ele acalmou-a brandamente e mandou Wang -preparar chá. -Helen, estou inteiramente de acordo que tu vás. O povo está muito irritado. Não saias mais, minha querida. Pode haver um verdadeiro incidente.

--Foi um incidente! - insistiu ela. - Se tivesses visto aquelas caras medonhas... onde está William? Henry, vai procurar William! Arrastaram-no pelo chão e, se Lao Li não tivesse ido em seu auxílio, tê-lo-iam matado.

-Vai para o teu quarto e espera o teu chá - disse o dr. Lane. Estava muito perturbado, mas não queria demonstrá-lo. Quantas vezes já tinha dito a William que não tocasse num chinês! Uma vez, lembrava-se, num ajuntamento de Ano Novo na rua, quando levava o garoto a passear, tinha puxado pelo rabicho de um velho cavaleiro que estava à sua frente, e o homem tinha-se voltado furiosamente para eles. O dr. Lane fora obrigado a desfazer-se em desculpas e sómente a pouca idade de William os livrara de um sério incidente.

Procurou William e foi encontrá-lo em cima, no seu quarto, a mudar de roupa. Pusera um pouco de gaze e adesivo na testa. -Desinfectaste esse ferimento? -perguntou o Dr. Lane. -Sim, senhor, desinfectei-o bem.

A face do rapaz ainda estava branca, notou o Dr. Lane. -É melhor que vás lá abaixo tomar chá com a tua mãe. Pareces um pouco abalado.

-Sim, um pouco.

-Nunca toques num chinês. Não te lembras? - disse o Dr. Lane com desusada severidade.

-Era um mendigo que estava encostado ao jinriquixá. -Não importa quem seja ou o que esteja fazendo. Nunca toques num chinês! - repetiu mais alto o dr. Lane. -Sim, senhor.

William voltou as costas para o pai e começou a dar o laço numa gravata nova. As mãos estavam trémulas e permaneceu nessa posição de modo que seu pai não o pudesse ver. O povo tinha-se voltado contra ele, a ignorante gente vulgar que não sabia o seu nome! Ele, americano e branco, filho do privilégio, fora atacado por gente suja e miserável. Nunca mais se sentiria em segurança. Desejava ver-se longe de Pequim, da China, de toda aquela cambada...

-Podias ter sido assassinado - disse o pai.

William não o negou. Podia ter sido pisado até à morte por imundos pés descalços. Lao Li tinha-o erguido e protegido até o jinriquixá onde a sua mãe estava aos gritos. Tinham-se aglomerado em torno do carro enquanto Lao Li, curvando a cabeça, abria caminho através da multidão, e William esgazeava os olhos para o povo que se comprimia, furioso, contra as rodas. Jamais esqueceria aquelas caras, enquanto tivesse vida.

Na semana seguinte, com a mãe e as irmãs, deixou Pequim.

Avançava a Primavera. As tempestades de poeira abrandavam, os chorões reverdeceram e os pessegueiros floriram. O festival da Primavera Plena era seguido com a tradicional alegria e liberdade. O povo passeava pelas ruas, os

homens com gaiolas de passarinhos e as mulheres com seus filhos, e, sobre os portais das casas, estavam suspensos ramos entrelaçados de salgueiro verde e pessegueiro florido. A Corte Imperial decretou um grande feriado, e a Velha Imperatriz encomendou espetáculos especiais. Exteriormente, a cidade era tão calma, tão estável como o fora por centenas de anos, embora cada chinês que tivesse passado da infância soubesse que não era assim.

A Imperatriz expressara os seus sentimentos em Dezembro, quando foram mortos os dois missionários alemães na província de Shantung. Os governos estrangeiros tinham solicitado que o governador provincial, Yu Hsien, fosse transferido. As novas do palácio corriam pela cidade através dos eunucos e criados. Todos sabiam que a Velha Buda, como chamavam à Imperatriz, se recusara, a princípio, a despachar Yu Hsien. Os seus ministros assediaram-na, lembrando-lhe o tamanho dos canhões estrangeiros e o número dos soldados prontos, à primeira voz, nas legações. Ela não queria acreditar que os estrangeiros pudessem vencê-la, mas fora coagida pelos seus ministros. Mas, embora tivesse despachado Yu Hsien e nomeado Yuan Shih K'ai em seu lugar, como os ministros haviam recomendado, entregara a grande província interior de Shansi a Yu Hsien. Na sua ira, ela tinha-o colocado mais alto do que antes, e o povo rira de admiração.

-A nossa Velha Buda - diziam uns para os outros-a nossa Velha Buda sempre sabe o que faz. Sabe ser tão mulher como sabe governar. -Estavam orgulhosos dela, embora a odiassem.

Nunca a Primavera se mostrara tão bela. Os americanos da cidade sentiam-se tranquilizados com o calor do Sol, com as árvores em flor, com a amabilidade das multidões na rua. Os guardas enviados no ano anterior para guarnecer as legações tinham sido mandados retirar, e o assassinio dos missionários fora compensado. Shansi estava bastante longe para que Yu Hsien, embora tão alto governador como antes, fosse considerado banido, e a vida nas grandes ruas desenrolava-se como habitualmente.

Em todo o caso, os cônsules haviam recomendado a todos os ocidentais que permanecessem afastados das ruas durante o festival, para que não saísse algum tumulto que pudesse trazer novas complicações. O dia passou-se em paz, e à tarde os estrangeiros saíram das suas residências. De manhã os hortelãos tinham trazido verduras, nabos e rabanetes e cebolas e alho das suas novas hortas, e o povo, cheio do pão e das batatas doces do Inverno, comia para renovar o sangue. As centenas de pobres que não podiam comprar saíam para fora das portas da cidade a arrancar o trevo branco e a bolsa-de-pastor para enrolar nas suas folhas de massa cozida. As crianças brincavam ao Sol ao lado das mães, largando os casacos acolchoados e correndo de um lado para outro com as costas nuas.

Clem Miller, seguindo a sua rota diária, não achou diferença nas ruas. Desde o dia em que William Lane fizera travar a luta, não tinha falado com nenhuma pessoa branca fora de sua própria família. Seu pai, bem o sabia, andava preocupado e inquieto, mas ele sempre andava preocupado, com medo que faltasse alimento e sempre procurando ocultar as preocupações, até para si mesmo, com receio de que Deus, que ele ensinava a considerarem cuidadoso e caritativo por sua própria conta, se encolerizasse com a descrença de Paul .Miller

a suprir de alimentos aqueles que dependiam deste. O próprio Clem não tinha experiência directa de Deus.

Embora rezasse, como lhe fora ensinado, pela manhã e à noite, e às vezes fervorosamente nos intervalos, na possibilidade de que isso pudesse servir quando o alimento era pouco ou quando não havia dinheiro para pagar o senhorio, ainda não tinha a certeza de que Deus dava tais presentes. Perguntava a si mesmo se o pai também não teria a certeza, e se essa incerteza não seria a causa do seu desassossego. Amava o pai, e sentia algo de infantil nele; já não pedia provas de fé, mas limitava-se a comer menos em casa. Era mais fácil dizer que não tinha fome, e enchia-se com os doces que estavam sempre em cima da mesa quando ia leccionar o filho mais velho de Mr. Fong.

Quanto a Mr. Fong, ao ver o corpo magro e as faces cavadas do menino americano, enchera-se de piedade. Disse a Mrs. Fong, a mãe de seus filhos: «Vê como o jovem estrangeiro come os doces! Ele não se alimenta suficientemente. Põe amanhã alguns croquetes no prato e prepara ovos cozidos».

Mrs. Fong era budista, e ela própria não comia carne nem ovos, mas não acreditava que os estrangeiros fossem para o Céu de qualquer modo, e, como afinal ganharia mérito para a sua alma alimentando alguém que não lhe poderia retribuir, obedeceu ao marido. Todos os dias, dali por diante, Clem achava alguma espécie de nutritivo alimento à espera, e o seu aluno Yusan insistia com ele para que comesse, como lhe fora recomendado por sua mãe. Clem comia, pensando que talvez aquilo também era provisão de Deus. Mas era duro de acreditar que Deus se utilizasse dos infiéis para fazer as suas mercês. Na sua confusão, acreditava e não acreditava, e, no entanto, o seu corpo em crescimento não teria resistido se não fosse aquela alimentação.

Ninguém lhe falava na Imperatriz e nos seus caprichos, nem nas actuais exigências da Itália e da Alemanha. A Itália era um lugar de que nunca ouvira falar, a não ser pelo facto de que Cristóvão Colombo tinha vindo de lá. Ninguém lhe falava nos navios da Inglaterra, Alemanha e França que estavam nos portos chineses. O seu mundo era na poeira de Pequim e, quando sonhava, era com uma granja num lugar chamado Pensilvânia. De que tamanho era a Pensilvânia, não o sabia. Sabia apenas que era maior do que uma cidade. Desde pequeno aprendera a não interrogar os pais a tal respeito, porque isso entristecia-os e às vezes sua mãe chorava.

O festival findou. Um dia de Primavera seguiu-se a outro e de Maio se passou a junho. O povo comia agora grandes albricoques amarelos e, uma manhã, Mrs. Fong pôs um prato deles na mesa.

-Come, Irmãozinho - disse ela a Clem. - Isso limpa o sangue. Ele comeu dois e, contra os seus sentimentos de decência, ocultou mais outros dois no bolso, para os dar às irmãs quando voltasse para casa, depois da lição. Obrigou-as a comê-los em segredo, receoso de que o pai descobrisse em Mrs. Fong uma nova fonte de alimento e fosse lá pedir em nome de Deus. Desde que ouvira a voz de escárnio de William Lane não podia pensar em seu pai senão a pedir comida a um chinês. Mas, depois que viu a vontade com que suas duas irmãs apanharam as frutas que lhes levava, não pôde deixar, no outro dia, de esconder alguns bolos nos bolsos e dois dos croquetes de carne. Era uma espécie de roubo, dizia-lhe a sua recta consciência, e acaso seria melhor

roubar que pedir, e não seria ele pior do que o pai? «Ao menos eu não tiro o alimento em nome de Deus», disse ele consigo, e continuou a tirá-lo.

Mas a culpa encheu-o de ansiedade certa manhã em que Mr. Fong entrou na sala ladrilhada e ensoalheirada. Mr. Fong sentou-se e puxou para os joelhos a sua gordurosa saia de seda preta. Era um homem alto, natural da cidade, e a sua face lisa tinha a forma de um ovo. Hoje, como estava calor, tinha tirado o gorro preto. Estava recém-barbeado e trazia o rabicho entrançado com uma fita de seda preta.

-Bem - começou ele, olhando para Clem - tenho uma coisa para te dizer, Irmãozinho.

-Que é, Velho Tio? - perguntou Clem, cheio de medo.

-Come, enquanto eu falo - disse Mr. Fong bondosamente. Bateu as mãos para o filho mais velho, sem deixar de fitar Clem. -Yusan, vai brincar lá para fora.

Yusan, contente por se ver em liberdade, colocou o livro numa pasta de algodão azul, guardou-a numa gaveta e deixou a sala. -Toma algum chá - disse Mr. Fong a Clem. - O que tenho a dizer-te não significa que esteja zangado.

Clem não podia comer nem beber depois dessas palavras. Que faria, se o bondoso Mr. Fong não quisesse que ele voltasse mais? Seria o fim dos livros e dos alimentos.

Mr. Fong ergueu-se, fechou a porta e trancou-a. Depois sentou-se tão próximo de Clem que a sua voz quase se infiltrava nos seus ouvidos.

-A Velha Imperatriz vai ordenar que todos os estrangeiros deixem a nossa cidade... até mesmo o nosso país.

Estas eram as horríveis- palavras que ele agora ouvia. -Mas porquê? - perguntou.

-Oh!... Não sabes? Teu pai não te contou nada? Vocês devem partir imediatamente ou...

E Mr. Fong levou a mão ao pescoço.

-Que fizeram eles? - perguntou Clem.

Não lhe ocorreu no momento que ele próprio era estrangeiro, e a palavra «eles» veio aos seus lábios em vez de «nós».

Que seus pais eram estrangeiros, bem o sabia. Eram estrangeiros até para ele, cujo nascimento e recordações estavam ligados à terra chinesa. Não tinham dinheiro para se irem embora. Mas onde poderiam ocultar-se? Quem se atreveria a acolhê-los? Não acreditava que os orgulhosos missionários o fizessem, nem poderia pedir que Mr. Fong arriscasse a vida da sua própria família.

Sentiu um arrepio e os joelhos começaram a tremer-lhe.

Mr. Fong compôs a garganta, coçou o queixo glabro e começou de novo o seu sussurro gutural.

-Os governos estrangeiros - compreendes? - estão a cortar o nosso país como um melão. Este pedaço é para o povo Ying, este é para o povo Teh, aquele é para I-Ta-Lee, aquele outro para o grosseiro povo Ruh do Norte.

-Meus pais são americanos - retorquiu Clem.

Mr. Fong sacudiu rapidamente a cabeça. -O teu povo Mei bem o conhece. Eles não cortam com uma faca, mas chegam depois de as fatias estarem cortadas e dizem-nos: «Já cortaram isso para os outros, também queremos a nossa parte». A falar verdade, o teu povo Mei é melhor. Mas, se são contra os cortes, também

não deixam de reclamar o seu.

-Nunca ouvi falar nisso - disse Clem.

-Agora não há tempo para te contar tudo - respondeu Mr. Fong. - Ouve só isto, Irmãozinho. Vai para casa e diz a teus pais que fujam de Pequim. Os tempos estão maus. Não se demorem até que os caminhos fiquem fechados. Tenho um parente que trabalha no palácio. Creio que a coisa está para acontecer.

-Meu pai não irá - observou Clem tristemente. - Ele acredita em Deus.

-Não é tempo para acreditar em Deus - disse Mr. Fong no seu tom sensato.
- Dize-lhe que salve primeiro a sua família.

Ergueu-se e, abrindo a gaveta, tirou a pasta azul do livro do filho e encheu-a de bolos e frutas. - Leva isto contigo. Lembra-te de que não te odeio. Se eu me animasse, pediria que a tua família viesse para cá, mas isto de nada serviria e só poderia acontecer que a minha família fosse morta juntamente com vocês. Nós fomos avisados. Não venhas mais, Irmãozinho.

Assim dizendo, levou Clem para uma pequena porta dos fundos. Clem achou-se numa pequena passagem. Na rua parecia impossível acreditar que a catástrofe pairasse sobre a cidade. Era uma manhã tão suave como de Verão. A gente da cidade erguera-se da cama, tinha-se lavado, comido, erguido as faces para ver o mesmo que nos outros dias. Como de costume, Clem tinha saído da cidade muito cedo, antes de se abrirem as lojas, pois Mr. Fong acreditava que o cérebro humano era mais activo de madrugada. Muitas vezes encontrava no caminho, já próximo da escola, barulhentos grupos de colegiais com as suas pastas azuis debaixo do braço. Naquela manhã, lembrava-se hoje, não tinha encontrado ninguém e espantara-se de se haver levantado tão cedo.

Apressando-se agora a caminho de casa, sabia que as escolas deveriam estar abertas, mas não encontrava qualquer aluno, como também sabia que os lojistas já deviam ter retirado os postigos, mas nenhum o tinha feito, embora a manhã já fosse alta. Seguiu por estranhas ruas silenciosas. Ainda que o não pudesse compreender, sabia, por algum sinal que não tinha visto nem ouvido, que a cidade começava a movimentar-se, não para a sua vida usual, mas para algo de novo e terrível. A boa gente permanecia atrás das suas portas, mas a gente má saía. Clem, caminhando ao longo dos muros e ocultando-se nos portais, ouviu uma gritaria feroz, uma crescente agitação, próximo do quarteirão onde estavam localizadas as legações estrangeiras. Ali, também, viviam os missionários ricos, os príncipes da igreja. Ele apressou-se a caminho de casa. Talvez ficassem a salvo entre as casas dos pobres. Talvez Deus tivesse algum propósito, afinal de contas, em ocultar aqueles que carregavam uma cruz.

Naquele momento Mr. Fong estava a observar a rua. Também sabia que aquele dia era diferente de qualquer outro, e sabia porquê. Seu primo tinha-o visitado à meia-noite e contara-lhe o que acontecera no palácio. Sem dúvida metade da gente da cidade também sabia. Muitas famílias tinham parentes no palácio, criadas e damas de corte, eunucos que ocupavam cargos, desde o de cozinheiro até ao de ministro, e estes contavam ao povo fora da Cidade Proibida as palavras e actos dos que lá moravam. Não havia nada que o povo não soubesse a respeito dos seus governadores.

Mr. Fong, lembrando as agitadas horas da noite passada, resolveu fechar as portas e desistir de negócios por aquele dia. O que quer que acontecesse, não

queria presenciar. Era um homem corajoso, mas não um louco. Sabia que a Velha Imperatriz havia de perder, pela certa, mas que se mostraria desesperadamente arrogante mesmo que soubesse que estava perdida. Mr. Fong tinha lido muito a respeito da ciência ocidental. Sabia que os Boxers não poderiam de modo algum sobreviver às balas. Ainda assim, seria preciso tempo para provar isso. A Velha Imperatriz era tão teimosa que teria de ver os exércitos estrangeiros marchando pela cidade antes de acreditar que tal coisa pudesse acontecer. Suspirou na penumbra da loja e sentiu-se contente por ter tido a prudência de comprar dois meses de provisão de milho e trigo. No pátio, a mulher tinha onze galinhas e uma pequena horta de couves. De fome não haveriam de morrer.

Não se sentia, porém, bastante forte para estar com a família durante uma hora ou duas. Desejava estar sozinho e, segundo o seu habitual pretexto, tirou da gaveta o seu livro de contas, abriu a caixa de tintas e preparou os pincéis. A esposa nunca o perturbava quando estava a pensar, como ela o supunha, em assuntos financeiros. Na realidade o seu espírito estava cogitando sobre aquilo que o primo lhe contara na noite anterior.

A cidade, dissera o primo, enchera-se de Boxers. Estavam agora bastante ousados para entrar em qualquer porta. Na verdade, não tinham medo algum desde que o príncipe Tuan persuadira a Imperatriz a deixá-los vir à sua presença para lhe mostrarem os seus poderes mágicos.

-Mas eles são mágicos? -perguntara ansiosamente Mr. Fong a seu primo. No silêncio da meia-noite a sua razão não era tão forte como de dia.

-Eles são de carne e osso - replicara o primo desdenhosamente. Esse parente era apenas um escriba, do palácio, mas era um homem de senso e instrução.

Depois, no dia 9 do mês, o primo viera dizer-lhe exactamente o dia em que a Imperatriz voltara do Palácio de Verão para a cidade, que alguns Boxers tinham ido a um campo de corridas a três milhas de Pequim, acendido uma fogueira e, por fim, arrastado um cristão chinês para as chamas, queimando-o vivo. No interior do palácio, a Imperatriz dizia aos ministros que expulsaria os estrangeiros da cidade.

No dia 11, dissera o primo, o Chanceler da Legação japonesa fora morto fora dos muros da cidade. Tinha ido à estação ferroviária talvez para saber quando os comboios carregariam novamente para Pequim. Agora o tráfego está interrompido.

Depois de dizer tudo isso, o primo retirara-se, cheio de tristeza.

Mr. Fong curvou-se outra vez sobre as suas contas, depois fechou os livros e guardou-os na gaveta. Voltou para o interior da casa, onde o esperava a família. Todos estavam silenciosos, até mesmo Mrs. Fong, que preparava o almoço.

-Põe mais água na sopa de agora em diante - disse-lhe ele. -Devemos contentar-nos com caldo...

-Ah! Se ao menos a gente tivesse a certeza de viver... - suspirou ela.

Ele não deu resposta. Nada mais tendo a fazer, foi para o quarto e começou a ler o Livro das Mudanças, onde muitas vezes costumava dizer que tudo estava previsto desde que a gente tivesse a sabedoria de compreender.

Depois daquele silencioso almoço, em que estritamente proibiu que qualquer dos seus saísse à rua e ordenou às crianças que fossem brincar

quietinhas para o fundo do quintal, foi para a cama fazer a sesta. Ergueu-se apenas à tardinha para comer outra vez e voltou para a cama. Nada havia para fazer, disse ele à mulher, e era melhor conservar as forças para os dias que viessem.

À meia-noite, despertou de repente ao ouvir a mulher que lhe gritava

-Fong-ah! - chamava ela. - Fong-ah, acorda!

Tinha mergulhado tão profundamente no sono que levou um ou dois minutos antes que pudesse resmungar uma resposta.

-O quê? Como? - murmurou.

-A cidade está em chamas! - gritou ela.

Então ele despertou de novo e meteu cuidadosamente os pés nos chinelos, com receio de que pudesse haver ali uma centopeia, correu ao pátio e olhou para cima. O Céu estava vermelho e a noite clara como o dia.

As crianças estavam agora acordadas, e todas choravam de medo. Ele dirigiu-se-lhes severamente, quando voltou para dentro de casa. - Fiquem quietas - ordenou-lhes. - Querem que os vizinhos pensem que estão a chorar por causa dos estrangeiros?

As crianças calaram-se imediatamente. Ele foi para a loja e entreabriu a porta da frente umas duas polegadas, apenas o suficiente para observar a rua. Vinte fogueiras clareavam o Céu, e viu de que se tratava. As casas e as igrejas dos cristãos ardiam. Fechou de novo a porta e voltou para junto da família. Estavam todos juntos em pequeno grupo na penumbra da sala principal.

-Vão para a cama - ordenou-lhes. - Felizmente não somos cristãos, e havemos de sobreviver.

Clem tinha acordado o pai, depois de um instante de hesitação. Os incêndios não estavam perto do bairro em que moravam, mas sim na parte melhor da cidade, perto do bairro das Legações. Não tinha saído à rua desde que Mr. Fong o havia prevenido. Até mesmo seu pai saía somente à noite - para mendigar, supunha ele, a alguma porta de missionário, pois tinha voltado com três pães estrangeiros e algumas latas de conservas. Uma das latas continha manteiga australiana. Clem nunca havia provado manteiga. Naquela noite todos comeram uma fatia com a manteiga amarela espalhada por cima e ele saboreara-a curiosamente.

-Lá na granja, nós mesmos fabricávamos a nossa manteiga - disse o pai de repente. Clem estava a ponto de perguntar como se fazia isso, quando a mãe disse em voz magoadas: - Paul, não fales na granja!

Clem tinha ido para a cama logo depois da oração da noite e dormira até que a luz do Céu vermelho o havia acordado no seu canto da pequena sala do centro onde preparara a sua cama. Acordara e fora até ao pátio e, depois, temerosamente, até à estreita rua. Não havia ninguém à vista, mas foi fechar o portão. Depois, como se sentiu com medo e solitário, viu-se compelido a acordar o pai.

O pai logo abriu os olhos, silencioso e compreensivo, e Clem acenou-lhe que viesse para o outro quarto:

-Incêndios na cidade! - murmurou.

O pai veio descalço e em trajos menores e ficaram ambos a contemplar o Céu.

-Não despertes a tua mãe nem as meninas - pediu-lhe o pai. – É uma terrível visão... O julgamento de Deus. Eu devo sair para as ruas, Clem, para ver o que posso fazer. O povo deve estar sofrendo. Tu ficarás aqui.

-Oh! pai... - sussurrou Clem. - Não vá. Como o poderei achar se lhe acontecer alguma coisa?

-Nada acontecerá. Nós rezaremos juntos antes de eu sair, logo que me vista.

Ràpidamente o pai foi ao quarto, de onde voltou com o seu traje de algodão.

-De joelhos, meu filho - disse ele no mesmo sussurro fantasmal.

Clem ajoelhou-se de bom grado. Estava sem esperança. Estavam todos sem esperança. Se Deus havia de os salvar, tinha de ser agora.

-Meu Deus que tudo vedes - rezava o pai - bem sabeis o que está acontecendo nesta cidade. Sinto que devo tratar do meu trabalho e do Vosso. Provavelmente há muitos sofrendores dos quais deveremos cuidar. O fogo traz sofrimento, como sabeis. Protegeei os meus, enquanto eu vou, e especialmente dai força ao meu querido filho.

O pai fez uma pausa e, depois, na sua habitual voz firme, acrescentou

-Seja feita a Vossa vontade assim na Terra como no Céu. Amem!

Ergueram-se, e o pai sacudiu fortemente a mão do filho e saiu para as ruas.

Era quase dia quando Clem, sem poder dormir, ouviu os passos do pai que entrava cautelosamente. Sentou-se na cama e viu o pai à porta, banhado em suor e todo sujo de carvão.

-Tenho de me lavar antes que tua mãe me veja. Traze água para a bacia... e sabão, se houver. Eu lavo-me aqui no pátio. Tua mãe já acordou?

-Não - disse Clem, e ergueu-se da cama. Dirigiu-se para o velho poço do pátio e desceu o balde de madeira. Um pedaço de sabão estava oculto ali onde ele o deixara sobre uma viga, o seu próprio pedaço de sabão, que restava de uma barra amarela que a mãe conseguira para ele no Natal. Ficou ao lado do pai, enquanto este se despia e começava a lavar-se.

-Os Boxers estão na cidade - disse o pai em voz baixa. -A Velha Imperatriz abandonou-nos. Estamos nas mãos de Deus. Começou a perseguição dos cristãos.

-E os outros estrangeiros? - perguntou Clem. Pela primeira vez na vida sabia que o seu lugar devia ser entre aqueles que o tinham repelido. William Lane, aquele orgulhoso menino...

-Vou à casa de Lane - dizia o pai. - De todos eles, Lane é o mais bondoso. Deu-me o alimento que eu trouxe e um pouco de dinheiro. Um homem de bom coração! Está sòzinho. Mandou a família para Xangai. Foram antes que as linhas férreas se interrompessem. Andou a ocultar cristãos chineses, mas agora estes vão-no deixando. É mais seguro para eles ficar entre o seu próprio povo.

Agora Clem estava realmente com medo. Se as linhas estavam interrompidas, Pequim ficaria completamente isolada.

O pai olhou-o ternamente. - Estás com medo, Clem. Nada disso, meu filho. O Senhor é a força das nossas vidas. De quem poderemos ter medo?

Clem não respondeu. Achavam-se sòzinhos entre inimigos. Enviou a sua própria e indignada prece para o Céu, onde a aurora e o fumo estavam em luta.

-Meu Deus, se abandonares meu pai, eu nunca mais rezarei.

Depois entrou em casa e ouviu as suas irmãs a falar baixinho, sobre a boneca de pasta, enquanto sua mãe ainda dormia.

Mr. Fong sabia diàriamente o que sucedia no palácio. Seu velho primo escapulia-se à noite para comunicar os actos da Imperatriz, a quem agora chamava o Velho Demónio.

-Está a travar-se uma terrível luta - declarava ele a Mr. Fong nas profundezas da noite. Os dois homens sentavam-se na loja às escuras. O primo não deixava que acendessem uma vela, nem queria a presença de Mrs. Fong. Tão violento se tornara o seu ódio à Imperatriz que não acreditava em nenhuma mulher. Mas o seu sentimento de família era tal que se sentia obrigado a dizer a Mr. Fong todos os perigos possíveis, para que o clã Fong se pudesse manter a salvo.

Mr. Fong não se atrevia a falar ao primo no único verdadeiro perigo que corriam e que era Clem. Os vizinhos tinham visto diàriamente o menino estrangeiro na sua casa.

-Continua - disse Mr. Fong ao primo.

-O Príncipe Fong foi demitido. Era o único razoável. Ela nomeou aquele estúpido do Príncipe Tuan e mais três outros que não compreendem nada. Isto é para preparar a sua união aberta com os loucos dos Boxers.

No dia 16 daquele mês, o primo comunicou que a Imperatriz convocara uma reunião dos do seu clã e depois dos manchus, a quem ela pertencia, e dos chineses a quem governava. A estes, ela falou longamente dos males que os estrangeiros haviam feito. Disse que os manchus queriam a guerra.

-Então ela sentiu-se confundida - murmurou o primo - pois mesmo entre os manchus havia Natsung, um homem de senso, que lhe disse que ela não poderia lutar com o Mundo. Foi apoiado por um chinês, Hsu Ching-cheng. O jovem Imperador, como seu sobrinho, também lhe pediu que não arruinasse o país. Isto provocou uma grande querela. Aquele idiota do Príncipe Tuan falou em favor dos Boxers, embora o Príncipe Su o contradissesse, dizendo que era uma loucura acreditar que aqueles homens ignorantes não podiam ser reduzidos a postas de carne.

No dia 18 o primo disse a Mr. Fong que a Imperatriz tinha visto os Boxers provarem os seus poderes e resolvera unir-se a eles.

-Quando o jovem Imperador ouviu o Velho Demónio declarar tal coisa - disse o primo-começou a Soluçar alto e retirou-se da sala. Agora é muito tarde para ainda termos esperanças. Prepare-se, Velho Irmão, e prepare a sua família para o que deve vir, pois estamos perdidos. Os fortes de Tientsin já caíram em poder dos exércitos estrangeiros, mas o nosso povo não o sabe. Nem o sabem os forasteiros da cidade, pois não têm comunicação alguma com os exércitos enviados para os socorrer. E o Velho Demónio põe toda a sua fé naqueles monstros, os Boxers! Amanhã, antes que os estrangeiros possam saber da perda dos fortes ou da aproximação das suas forças, ela ordenará que deixem a cidade. Mas como poderão sair centenas deles com mulheres e filhos pequenos? Não sairão. Então os Boxers procurarão matá-los todos. Por isso o nosso povo será cruelmente punido quando os exércitos estrangeiros alcançarem a cidade.

Prepare-se... prepare-se, Velho Irmão!

No dia 20 daquele mês, Clem foi despertado de madrugada por sua mãe. Abriu os olhos e viu-a com o dedo nos lábios. Ergueu-se e seguiu-a até o pátio. Havia vezes em que sentia que, entre seus pais, não tinha vida própria. Cada um fazia-o portador dos segredos do outro, cada um procurava suportar sozinho o perigo, apenas com a ajuda de Clem.

-Querido Clem - disse-lhe a mãe, na sua linda voz persuasiva. À luz da madrugada, tinha um pálido aspecto cadavérico e ele viu o que já vira antes, mas que percebia agora claramente: que ela se consumia sob aquela tensão de esperar uma morte solitária.

-Que há, mãe?

-Clem, não há nada para comer. Tenho medo de contar ao pai.

-Oh, mãe - exclamou ele. - Todo aquele pão já se foi?

-Sim, e todas as latas. Tenho um pouco de farinha que posso misturar com água para esta manhã. E é só o que há.

Ele sabia o que a mãe desejava e que temia pedir-lhe. Por isso ofereceu-se antes de que ela falasse:

-Vou sair para ver se consigo alguma coisa.

-Oh, Clem, tenho medo por ti, mas, se não fores, o teu pai irá e podes esgueirar-te pelos hutungs melhor do que ele. Ele talvez pare para rezar.

-Isso não farei eu - disse Clem amargamente.

-Então veste as tuas roupas chinesas.

-Será melhor que eu saia só depois de comermos, senão o pai notará.

-Sim, é verdade, vai depois, enquanto ele estiver a estudar a sua Bíblia.

-Sim.

Os suaves olhos da mãe procuravam a sua face com ansiosa tristeza.

- Clem, perdoa-me.

-Não há nada que perdoar, mãe. A culpa não é sua.

Viu as lágrimas nos seus olhos e, com carinho e ansiosa impaciência, deteve-as:

-Não chore, mãe, por favor. Já suportei tudo o que podia suportar.

Virou-se, sofrendo com a sua cólera, mas ainda assim protegendo-se com ela.

Manteve-se silencioso durante a parca refeição, silencioso enquanto seu pai orava mais longamente que de costume. O pirão estava quente. Estavam sem lenha, mas ele arrancara alguns sarrafos da parede. O seu senhorio não se aproximava deles agora. Já estavam muito contentes por ele não os pôr na rua.

Depois de terem comido, Clem esperou que o pai fosse para a sala de dentro, depois vestiu as rotas roupas chinesas de algodão azul, de modo que as meninas não pudessem vê-lo e ficar sabendo que ele ia sair. Sem se despedir nem mesmo da mãe, esperou que ela estivesse na cozinha. Galgou o muro para não deixar o portão aberto e caiu na viela.

Onde, em toda a vasta cidade inimiga, poderia procurar alimento? Não se atrevia a ir à casa de Mr. Fong. Não havia aonde ir, senão a Mr. Lane, sozinho no compound. Ele dera-lhes alimento antes e daria de novo, e Clem não se importava de ir, agora que William não estava lá. Assim, por vielas e ruas transversais, todas desertas, dirigiu-se, através da cidade, para o compound. Nenhum dos

compounds se achava no bairro das legações, mas aquele era mais perto do que os outros.

O portão estava fechado. Bateu suavemente com os dedos. Abriu-se uma janelinha por cima dele, e o rosto do porteiro espreitou. Quando viu o garoto estrangeiro, retirou a tranca e deixou-o entrar.

-O Professor está em casa? - perguntou Clem, ao ver-se salvo, lá dentro.

-Agora está sempre em casa - replicou o porteiro. - Que deseja?

-Venho pedir-lhe uma coisa.

Em tempos comuns, o porteiro tê-lo-ia despedido, como Clem bem sabia, mas agora não despedia nenhum rosto branco. Aqueles estrangeiros estavam todos em enorme perigo, e ele era um louco em permanecer junto do seu patrão estrangeiro, mas ainda assim não o deixava. Não tinha mulher nem filhos e, estava em questão apenas a sua própria vida, que era muito pequena. Dirigiu-se, à frente de Clem, para a grande casa quadrada e bateu na porta principal. Foi aberta pelo próprio Dr. Lane, que ficou espantado de ver um menino estrangeiro.

-Eu conheço-te? -perguntou.

-Creio que não. Mas eu é que o conheço. Sou Clem Miller. -Oh, sim...

- disse o Dr. Lane vagamente. - Os Millers...

Eu conheço teu pai. Entra. Não deverias andar na rua. -Meu pai não sabe que eu saí - respondeu Clem. Penetrou na casa. Parecia desnudada e fria.

-A minha família está em Xangai - disse o Dr. Lane. -Estou sozinho. Conheces o meu filho William? Senta-te.

-Já o vi, uma vez - respondeu Clem com cautela. Sentou-se na extremidade de uma cadeira esculpida.

O Dr. Lane continuava a olhá-lo com uns tristes olhos escuros. Tinha uma face bondosa, mas parecia que o não estava a escutar.

-Que te trouxe cá? - perguntou com voz amável.

-Não temos que comer - respondeu simplesmente. O sangue espalhou-se-lhe na pálida face. - Sei que o senhor já nos ajudou há tempos. Eu não teria vindo se soubesse aonde poderia ir.

-Tudo está muito bem - disse o Dr. Lane. - Eu sentiria...

Clem interrompeu-o.

-Outra coisa, Dr. Lane. Não creio, quando lhe peço alimento, que é Deus que está a providenciar. Sei que não é. Não penso como meu pai a esse respeito. Não viria apenas por mim, em todo o caso. Mas há a minha mãe e as minhas duas irmãs.

-Tudo está muito bem - disse o Dr. Lane. - Tenho mais alimentos do que necessito. Um bom lote de conservas... recebemos de Tientsin justamente antes de ser interrompido o tráfego.

A casa estava poeirenta, notou Clem, e a cozinha vazia. O Dr. Lane parecia desanimado. - Não sei precisamente onde estão as coisas. O cozinheiro foi-se embora ontem. Era o último. Não os posso censurar. É muito perigoso ficar por cá.

-Porque é que o senhor não foi com William? - perguntou Clem.

O Dr. Lane continuava a procurar. - Aqui está uma cesta. Eu não fui por causa da minha paróquia. Os cristãos chineses estão a passar por uma época de provação. Não posso fazer muito por eles, senão justamente ficar. Aqui estão algumas latas de leite condensado e carne... presunto enlatado, creio eu.

Encheu a cesta e cobriu-a com uma toalha de cozinha. -É melhor não levar as latas à mostra. Poderiam tentar alguém. Eu desejaria mandar-te para casa no jinriquixá, mas naturalmente o carregador foi-se embora... um fiel amigo, também. Chamava-se Lao Li. Ficou apenas o porteiro.

Seguiu na direcção da porta. -É bom que vás para .casa o mais depressa possível. Dize a teu pai que deve levar a família para o bairro das Legações. Devemos estar todos juntos. Suponho que os nossos governos mandarão soldados para nos socorrer. Devem vir a caminho.

-Receio que meu pai não queira ir para a Legação - disse Clem. Explicar que seu pai consideraria essa retirada uma total perda de fé, poderia ferir os sentimentos do Dr. Lane.

Mas o Dr. Lane sabia. - Ah, para tamanha fé - disse ele-, é preciso muito mais coragem do que a que tenho. Por mim mesmo, eu teria... mas não por meu filho.

Achavam-se agora na porta e o velho porteiro esperava. -Até à vista, Clem - disse o Dr. Lane.

-Até à vista, senhor.

O porteiro olhou para a cesta e foi até ao seu quarto, de onde trouxe alguns sapatos velhos, que colocou em cima da toalha. - É melhor que pareça lixo - disse ele-senão serás roubado.

O portão fechou-se atrás de Clem, e ele viu-se sòzinho na rua, com a pesada cesta debaixo do braço. Era manhã alta e o Sol começava a aquecer. Havia um pouco de gente agora, todos homens, e viu que eram soldados, com o folgado e vivamente colorido uniforme do Palácio Imperial. Tentou escapar à sua atenção e conseguiu-o, pensou, pois o seu oficial estava rindo e gracejando e não o notou. Estavam olhando para uma espingarda estrangeira que o oficial empunhava. Depois viram-no e encaminharam-se para ele. Clem começou a correr. Em qualquer outro dia, em qualquer outra ocasião, poderia ter demonstrado mais senso se parasse para falar com eles na sua própria língua. Agora desejava apenas ocultar a face, a sua face e os seus claros olhos estrangeiros. Correu das vielas para a Rua Hatamen, limite oriental da Legação. Talvez pudesse entrar no portão da Legação. Voltou-se e foi detido por uma pequena procissão de duas liteiras e seus condutores. Notou dentro das liteiras duas caras estrangeiras, arrogantes, severas, duas faces barbudas que jamais vira. Antes que pudesse tomar de novo por uma viela, ficou, preso entre os soldados chineses e os estrangeiros nas suas liteiras. Os soldados bloquearam a rua de modo que os condutores foram forçados a deter os carros.

Então ergueu-se a cortina da primeira liteira e o homem deitou de fora a cabeça e gritou arrogantemente para os soldados: «Abram caminho! Eu sou Von Ketteler, embaixador da Alemanha, e vou para uma audiência com a Imperatriz!»

A segunda liteira abriu-se e ele ouviu uma voz gutural, avisando. Era demasiado tarde. O oficial chinês ergueu a arma estrangeira e visou o alemão. Clem viu uma chispa de fogo, e o embaixador tombou morto. Clem meteu-se por detrás da liteira e, apertando a cesta, fugiu o mais depressa que pôde do teatro do crime.

Corria agora pelas ruas que se enchiam de gente. Impossível escapar. Mãos avançaram, tiraram fora a cobertura da cesta, revelando a comida que havia

no fundo. Sujas mãos lutaram pelas latas e esvaziaram a cesta num instante, e depois sentiu que o agarravam.

-Um estrangeiro, um diabo estrangeiro... -ouviu vozes gritando ao avistar a sua face. Ele meteu-se por entre pernas e forçou o caminho, ágil de terror, e escondeu-se num portão aberto, até que viu uma raivosa face de mulher à janela e partiu de novo. Agora estava perto de casa, e a multidão surgia na direcção oposta para ver o alemão morto. Estava salvo por um momento, mas que faria ele sem a comida? Começou a soluçar e tentou parar, pois os soluços sacudiam-no tanto que não podia correr, e depois, como não tinha fôlego para correr, começou a caminhar, manquejando e arquejando, para o hutung do pequeno portão. Teria de bater; estava muito fraco para galgar o muro. Ah, o portão estava aberto! Parou, aturdido, e viu alguma coisa brilhante, na poeira do limiar, a seus pés. Era sangue, brilhantemente vermelho, correndo dos degraus para a poeira. E novo e mais desesperado terror o assaltou. Não podia pensar. Atravessou o portão e o pequeno pátio. As portas da pequena sala central estavam balançando de um lado para outro, e ele atravessou-as. Então parou. Sobre o chão de ladrilhos jazia o pai, caído sobre o seu próprio sangue, que corria lentamente de um grande ferimento na garganta, tão profundo que a cabeça estava quase separada. Os braços estavam muito abertos, as pernas estiradas. Sobre a tranquila face, embora exangue, viu o antigo e suave sorriso de seu pai, o acolhimento que dava a todos os que entrassem na sua casa, tanto a estranhos como aos seus, e agora ao seu filho. Sob as pálpebras meio cerradas, os olhos azuis pareciam fitar. Clem olhava o pai, incapaz de gritar. Muitas vezes tinha visto mortos. No Inverno o povo morre pelas ruas, mendigos, refugiados da fome, uma criança estúpida, um escravo fugido, uma indesejável menina recém-nascida. Mas aquele era o seu pai. Sufocava, a respiração não queria sair, e tentava gritar. Era bom para ele que não viesse nenhum som, pois no silêncio da noite poderia ser ouvido e aqueles que se tinham afastado poderiam voltar. Deu uma grande passada por sobre os pés do pai e correu para o outro quarto, onde se achava a cama de sua mãe. Ali viu os outros três, sua mãe e suas duas irmãs. Estavam encolhidas no fundo da grande cama chinesa, as duas meninas agarradas à mãe, mas não tinham escapado. A mesma afiada espada que cortara a garganta de seu pai tinha decepado as cabeças das crianças. Sòmente os longos cabelos loiros de sua mãe ocultavam o que lhe tinham feito, e estavam tintos de sangue escarlate.

Ficou a olhar, com a boca caída, os olhos fora das órbitas. Não podia chorar, não se podia mover. Não havia refúgio para onde pudesse escapar. Onde, em toda aquela cidade, poderia achar um buraco em que se esconder? Pensou um instante em William Lane e na segurança daquela sólida casa abrigada atrás de muros. Logo reconheceu que lá não havia segurança. Os mortos podiam estar estirados naquele soalho, também. Não, a sua própria gente não o poderia salvar.

Voltou-se e correu, como tinha vindo, ao longo dos altos muros das vielas, por solitárias passagens longe das grandes ruas, de volta à casa de Mr. Fong.

No quarto central, atrás da loja, estava Mr. Fong sentado em silêncio, com sua esposa e seus filhos. Do Palácio Imperial, haviam corrido novas através da cidade de que dois alemães haviam atirado sobre inocentes chineses e que um bravo soldado chinês os vingara, matando um dos alemães e ferindo o outro. Mr. Fong duvidava da história, mas não sabia como desvendar a verdade.

-O vento sopra e a relva deve curvar-se - disse ele a Mrs. Fong. -Nós permaneceremos silenciosos atrás das nossas portas.

Achava-se preocupado porque seu filho mais velho sabia falar inglês e temia que isso pudesse causar a sua morte. Não só os estrangeiros seriam mortos. A Velha Buda tinha ordenado hoje, na sua primeira audiência no palácio, que todos os que tinham comido pão da religião estrangeira e todos os que falavam línguas estrangeiras fossem também mortos.

Mr. Fong tinha justamente acabado de discutir com a mulher, e este era outro motivo do silêncio da família. A discussão, provinda do terror do que estava a acontecer na cidade, de que corriam boatos por toda a parte, tinha sido justamente sobre o facto de o filho mais velho falar inglês.

-Eu bem te disse que não deixasses o nosso Yusan aprender a língua estrangeira - dissera Mrs. Fong num sussurro bastante forte. O suor corria-lhe pela face abaixo, junto aos ouvidos. Embora se abanasse constantemente com a ventarola, nada lhe secava o suor naquele dia.

-Quem poderia imaginar que a Velha Imperatriz mandaria prender o jovem Imperador? - replicara Mr. Fong. - Há dois anos atrás, tudo era pelo progresso. Se tudo tivesse corrido bem, o jovem Imperador estaria agora no trono e a Velha na prisão.

-Os deuses assim o não quiseram - declarara Mrs. Fong.

Nada irritava mais Mr. Fong do que ouvir falar em deuses. Lia o mais possível dos livros que vendia e, entre estes, havia lido os dos intelectuais revolucionários e outros que eles haviam traduzido de países estrangeiros. Assim, sabia muitas coisas que ocultara a Mrs. Fong, que não sabia ler. Por intermédio do primo, soubera muito do que acontecia na Cidade Proibida. Sabia que havia certa companhia de actores que, alguns anos antes, fora chamada de Shangai para representar na corte imperial. Entre os actores, estavam dois famosos intelectuais revolucionários, Liang Ch'i Ch'ao e T'an Tzu-t'ung, os quais foram os responsáveis de informar ao jovem Imperador que os tempos tinham mudado e que os caminhos de ferro, escolas e hospitais eram boas coisas. Que pena que todos os seus esforços tivessem agora falhado! Aquele homem da corte em que eles haviam acreditado, aquele Yuan Shi K'ai, fingindo ter simpatia por eles, tinha-os traído junto do primeiro eunuco Jung-lu, porque os dois tinham há muito tempo jurado ser irmãos de sangue, e Jung-lu contara à Velha Imperatriz, e assim ela havia vencido afinal de contas, Liang escapara com Kang Yu-wei, tutor do jovem Imperador, mas T'an fora morto. Desde então o Velho Demónio, como Mr. Fong a chamava intimamente, fora do mau para o pior.

Não adiantava contar tudo isso a Mrs. Fong. Ouvia a sua voz a queixar-se ainda contra ele, embora baixinho, e, estando assustado e cansado, mais do que

um pouco receoso que ela tivesse razão, franzira as sobrancelhas, abriu a boca e gritara para ela:

-Fique quieta, sua idiota!

Mrs. Fong começara a chorar, e as crianças, não sabendo que caminho tomar entre os pais, puseram-se a choramingar junto da mãe.

No meio daquele barulho que Mr. Fong agora tentava parar depois de o haver provocado, ouviram uma pancada sorrateira na porta dos fundos. Mr. Fong ergueu a mão.

-Fiquem quietos! - ordenou ele de novo, num sussurro enérgico.

Instantâneamente todos se calaram. Podiam muito bem ouvir o som dos punhos na porta trancada.

-É apenas um par de mãos - disse Mr. Fong. - Vou abrir o portão e ver quem é. Talvez seja um recado de meu primo.

Ergueu-se, e Mrs. Fong, lembrando-se do seu dever, também se ergueu, e com ela as crianças. Assim juntos, foram até o estreito pátio dos fundos e, polegada por polegada, Mr. Fong retirou a barra. As pancadas cessaram quando isso começou e, por fim, Mr. Fong abriu uma fresta na porta e espreitou. Voltou a cabeça para Mrs. Fong.

-É o Irmãozinho Estrangeiro! - murmurou ele.

-Não o deixes entrar - exclamou a mulher. - Se o encontram aqui, seremos todos mortos.

Mr. Fong segurava a porta, sem saber o que fazer. Contra a sua própria vontade, ouvia a voz de Clem, que lhe contava coisas horríveis.

-Meu pai e minha mãe estão mortos! Minhas irmãs também! Cortaram-lhes a cabeça! Meu pai está no chão, com a garganta aberta. Não tenho para onde ir agora.

Muito contrafeito, Mr. Fong abriu a porta, deixou que Clem entrasse, e depois trancou-a de novo, rapidamente. O menino havia vomitado, vendo-se ainda a sujidade nas suas vestes. A face estava cadavérica e os seus olhos tinham-se-lhe encovado, nesse tão curto espaço de tempo.

-Que faremos agora? - perguntou Mrs. Fong.

-Que podemos fazer? - replicou Mr. Fong.

Ficaram a olhar um para o outro, tentando pensar. Clem, incapaz de pensar, fitava-os no rosto.

-Devemos considerar os nossos próprios filhos - disse Mrs. Fong. Mas era uma boa mulher e, agora que via o menino e o estado em que ele se encontrava, queria limpá-lo e confortá-lo, a despeito do medo que sentia.

-Porque matariam eles a tua família? - perguntou Mr. Fong a Clem. - Teu pai era pobre e fraco, mas bom homem.

-Não foi só meu pai - disse Clem em voz débil. - Eu vi-os matar um alemão, e o outro escapou, embora ferido na perna.

-Os alemães não atiraram sobre um grupo? - perguntou Mr. Fong.

Clem meneou a cabeça: - Não havia nenhum grupo. Apenas eu.

-Quem atirou sobre eles?

-Um soldado.

-Com que uniforme? - perguntou Mr. Fong.

-O do Palácio Imperial - disse Clem, que falava verdade. Mr. Fong lia-o na

sua desesperada face de rapazinho honesto.

-A Velha Imperatriz enlouqueceu - disse Mr. Fong entre dentes. - Pode acaso fazer-se que os ponteiros andem para trás? Vamos voltar à época dos nossos antepassados, enquanto todo o Mundo vai para a frente? Ela tornou-nos motivo de troça de todos os povos. Vão enviar os seus exércitos e as suas armas, e vamos ser todos exterminados porque demos ouvidos a uma velha ignorante que está sentada num trono. Eu não a receio!

Assim dizendo, agarrou Clem pelo ombro rasgado do casaco e levou-o para dentro de casa, e atrás dele seguiu a família.

-Tira essa roupa para que eu a lave - disse Mrs. Fong.

-Vai para o quarto do fundo e deita-te na cama - disse Mr. Fong. -Afinal de contas, nós somos uma família obscura. Não temos inimigos, creio eu. Se vierem perguntar por que tínhamos um jovem estrangeiro aqui para ensinar o nosso filho, direi que era porque o estrangeiro não passava de um mendigo.

Como um mendigo, pois, Clem foi para o escuro quartinho dos fundos e, despindo as suas vestes, meteu-se sob a colcha de retalhos da cama. Estava gelado até aos ossos. Não tinha lágrimas, nem saliva na boca. A própria bexiga estava seca e, embora os rins lhe doessem, não podia verter água. Sentia comichão nas palmas das mãos e nas solas dos pés. Torturado por essa sequeidão, jazia sob a colcha e começou a agitar-se num violento tremor de frio.

Clem esteve assim oculto, não sabia por quantos dias. Nem sabia o que estava acontecendo na cidade. Nem uma vez Mr. Fong ou qualquer da sua família atravessou as portas exteriores da loja. O primo vinha algumas vezes à meia-noite e, por seu intermédio, Mr. Fong sabia dos acontecimentos. Foi assim que soube que o Velho Demónio, na sua cólera, marcara o quarto dia após a morte do alemão, como o dia em que todos os estrangeiros do Império deveriam ser assassinados.

Havia outros éditos. Assim, no sétimo dia do sétimo mês, a milícia de Boxers foi louvada e exortada à lealdade e os chineses que fossem cristãos exortados a arrepender-se se quisessem continuar com vida.

Mr. Fong que não era cristão, sabia também, por seu primo, que todos os estrangeiros da cidade estavam encerrados no Bairro das Legações, e que se estava a travar uma batalha contra eles. Tinha ouvido contínuos tiros, mas não se atrevera a sair para ver o que era. No seu coração, tentava pensar como poderia confinar Clem secretamente na sua própria fortaleza e assim afastar o seu lar do perigo, mas não podia atinar com coisa alguma. Não se atrevia a falar, nem mesmo ao primo, da presença de Clem na casa, pois se fosse descoberto como o primo era um amigo de coração do jovem Imperador e, portanto, um inimigo da Velha Imperatriz, poderia ser preso e torturado, e, para se salvar a si mesmo, poderia obter perdão denunciando um próprio parente que dava asilo a um estrangeiro. Mr. Fong não dizia nada e escutava tudo.

Para Clem o dia e a noite eram iguais. A porta do seu pequeno quarto do fundo conservava-se trancada e era apenas aberta por Mrs. Fong, que trazia a comida, ou às vezes por Mr. Fong, que vinha tomar-lhe o pulso para ver a febre. Clem jazia numa modorra consciente, recusando-se a lembrar tudo o que tinha visto, sem pensar, sem sentir.

Depois, um dia, e numa hora que ele não sabia qual fosse, sentiu-se

incapaz de conter o choro. O vigor renascente do seu corpo, muito jovem para aceitar o sono contínuo, despertou-lhe o espírito relutante, e de súbito viu claramente, na tela de seu cérebro, a lembrança da família morta, retalhada por espadas, e sentiu-se forte bastante para chorar. O seu turbado espírito voltou à vida, e as lágrimas jorraram. Das lágrimas subiu aos soluços, que não pôde dominar. Ouvindo esses soluços, Mr. Fong apressou-se a entrar no quarto. Clem tinha-se erguido a custo e estava sentado na beira da cama, estreitando o peito com as mãos.

-Não há tempo para chorar - disse Mr. Fong num murmúrio. - Estava à espera que despertasses. És ainda muito novo para morrer de dor.

Dirigiu-se a uma cómoda que estava encostada à parede e dela tirou um casaco curto e calças azuis de algodão.

-Comprei isto numa casa de penhores há duas noites atrás, -continuou ele. -A loucura abrandou um pouco na cidade. Dizem que os exércitos estrangeiros estão muito perto. Preparei as roupas para este momento. Hão-de servir-te. Também preparámos tintura preta para os teus cabelos e aqui estão uns sapatos. Calça-os e come bem do que minha mulher está a preparar para os meus filhos. Ela cozeu pães e fez um pacote de peixe salgado e mostarda para ti, e colocou-os numa cesta dessas que os meninos do campo carregam.

Clem parou de soluçar. - O que vou então eu fazer, Velho Irmão?

-Deves ir até o mar, para um navio - disse Mr. Fong num sussurro. As suas faces lisas, sempre tão cheias, pareciam cavas, e os olhos estavam fundos sob as duras sobrancelhas. Havia dias que não se barbeava e o rabicho estava descomposto.

-Agora escuta com toda a atenção, Irmãozinho. Todos os da tua raça que não foram mortos estão por detrás dos muros no bairro estrangeiro, onde se trava uma terrível batalha. Nós perderemos logo que cheguem os soldados estrangeiros com canhões. A nossa estúpida Velha só saberá que perdeu quando tiver de fugir para salvar a vida. Só resta viver para esperar por essa hora, que não está longe. Mas o nosso povo não está com ela. Evita as cidades, Irmãozinho. Caminha próximo das aldeias e, quando passares por alguém na estrada, olha para o chão para esconderes a cor azul dos teus olhos.

Clem vestiu as roupas chinesas e, apesar de ter as pernas trémulas de fraqueza, o pensamento de fugir deu-lhe forças. Serviu-se bem do succulento caldo de carne e do pão e alho que Mrs. Fong colocou à sua frente, e tudo isso em silêncio. Depois de ele ter comido, ela trouxe uma tigela de tintura preta, das que usam as velhas para pintar as cãs, e, com uma forte pena de ganso, passou a tintura pelos seus cabelos cor de areia, pelas suas sobrancelhas e, até mesmo, pelas suas pálpebras.

-É uma sorte que o teu nariz não seja comprido - disse ela. Depois de finda a sua obra, recuou para admirar a transformação. - Pareces até mais bonito de que um chinês.

Mr. Fong riu em silêncio. Depois colocou a cesta no braço de Clem e, juntos, conduziram-no até à pequena porta das traseiras.

-Sabes o caminho até à Porta do Sul - murmurou Mr. Fong. -O vento agora soprava do Sul. Segue-o e anda durante três dias, depois toma para Leste, em direcção ao mar. Ali encontrarás um navio com bandeira estrangeira, e pede que

te dêem algum serviço a bordo.

Clem parou por um instante junto à porta. -Agradeço-lhes por minha vida-gaguejou.

-Não nos agradeças - replicou Fong. -A estupidez da Velha não nos tornou inimigos. Volta à terra dos teus antepassados. Toma isto, Irmãozinho. Se não fosse tão pobre dar-te-ia uma bolsa cheia.

Colocou a bolsa na mão de Clem, que ele tentou recusar. -Deves aceitar isto para meu próprio sossego de espírito - disse Mr. Fong. Então Clem aceitou.

Até Yusan, o seu infantil aluno, achou que lhe devia dar um último presente. O menino não compreendia porque deviam ocultar Clem ou mandá-lo embora em segredo, mas puxou a mão de Clem e deu-lhe duas moedas de cobre. Mrs. Fong levou a ponta das mangas aos olhos e bateu duas vezes no braço de Clem, Mr. Fong abriu a porta e o pequeno saiu.

Era noite, as horas não as saberia dizer, mas a escuridão era profunda e a cidade silenciosa. Ficou à escuta, e ouviu o surdo som da tranca de madeira quando Mr. Fong a baixou. Ainda à escuta, ouviu à distância o sibilar das balas, uma descarga e depois outra. Só podia seguir avante e, sentindo sob os pés a macia poeira, ergueu o rosto para o vento, tomando-o como guia na direcção do Sul.

II

SOBRE um mar tão branco como o Céu ao alto, um navio britânico fulgurava com a alvura de um banco de gelo. William Lane passeando pelo convés após um sólido breakfast inglês, mantinha-se de cabeça erguida, consciente dos olhares que o acompanhavam. As damas acomodavam-se nas cadeiras do tombadilho, e minutos antes tinha ajudado a mãe no arranjo das suas coisas: o cobertor, a almofada, o «crochet» e o livro. Henrieta estava a escrever cartas no salão e Ruth jogava shuffleboard. Tinha desejos de ir jogar com ela, mas justamente agora desejava também passear o seu sorriso pelo tombadilho.

Por ordem do pai, tinham tomado passagem no primeiro navio que deixava Xangai. Sômente as palavras do cônsul-geral os persuadiram a partir.

-Sem dúvida nada poderão ajudar se ficarem aqui - dissera irritadamente o cônsul-geral a Mrs. Lane, quando lhes foram pedir conselho. -O seu marido está bastante seguro com todos os outros estrangeiros no Bairro das Legações. Estão em estado de sítio, é verdade, mas têm suficiente alimento e água, e o auxílio acha-se a caminho. É uma questão de dias.

-Porque então devemos ir? - perguntara Henrieta com a sua voz brusca.

O cônsul-geral encarara a jovem. - Simplesmente para que sigam o seu caminho - replicou. Queria ele dizer: simplesmente para que saiam do meu caminho.

Mrs. Lane decidiu o assunto abruptamente. - Será melhor irmos, senão teremos de ficar durante meses - disse ela a William. -Vou pôr-te num colégio e Henrieta num internato. Passaremos o Verão com o teu avô em Old Harbour. Se as coisas se acalmarem em Pequim, voltaremos no Outono. Se não, teu pai virá para casa. Nós todos precisamos de repouso e de uma mudança. Estou cansada da China e de tudo o que é chinês.

De modo que tomaram passagem. Como os navios britânicos aportavam

em Vancouver, o seu rumo era para o Norte, e o tempo fresco e firme.

William Lane tentava não pensar no pai, e conseguiu-o boa parte do tempo. Ele sentia muitas coisas na sua idade, e todas intensamente. Antes de tudo, estava sinceramente satisfeito por nunca mais tornar a ver o pensionato inglês, onde tantas vezes se sentira infeliz. Tinha vergonha e ao mesmo tempo orgulho de ser americano : vergonha porque ser americano na escola mantivera-o em segundo lugar, orgulho porque a América era maior do que a Inglaterra. A consciência de uma inferioridade que ele não podia acreditar fosse real havia ensombrado os seus dias escolares. Afastara-se tanto dos americanos como dos ingleses, vivendo em solidão.

Envergonhava-se, por outro lado, de ser filho de um missionário. Até os filhos de missionários ingleses eram secundários. Só o filho do embaixador americano tinha uma espécie de igualdade com os rapazes ingleses e, vendo isso, William muitas vezes havia amarguradamente desejado que seu pai fosse embaixador. Os homens deveriam considerar o que eram, pensava sombriamente, em consideração a seus filhos. Odiava Henrieta porque, quando chegara no ano passado à escola, imediatamente se juntara com os americanos e declarara levianamente que não se importava com o que fosse o seu pai. De modo que William e Henrieta se tinham mantido separados na escola e o seu afastamento não diminuía. Tomara como amiga do coração uma menina a quem ele particularmente desprezava, filha de um missionário americano que vivia numa cidade do interior e era de uma baixa seita baptista. A jovem era abominavelmente sardenta e os seus vestidos eram absurdos. Nunca havia estado na escola, sabia-o William, e considerava-se humilhado por a ter como amiga predilecta da sua própria irmã. Na sua solidão, desenvolvia uma dignidade de porte, uma altivez de olhar que afastava os outros. Evitava Henrieta porque esta não lhe tinha medo. Algumas vezes ria-se dele.

-Pareces um galo, quando se pavoneia dessa maneira -declarara ela na frente das suas companheiras. As gargalhadas haviam-lhe destruído a alma.

-Ah! -gritara o capitão de «cricket» - você parece mesmo um galo!

Bem, isso eram águas passadas. Agora nunca mais precisava de voltar à escola. Mas o que não sabia, nem saberia, era o quão profundamente desejava ter nascido inglês. O mais que se permitia era sonhar ocasionalmente, enquanto passeava pelo tombadilho de cabeça erguida, pois aquela gente, que não o conhecia, pensava que fosse inglês. Lane era um bom nome inglês. A sua pronúncia, depois de quatro anos de escola, era nitidamente inglesa. O jovem mais feliz que jamais encontrara era o filho de um lorde inglês que passara um dia na escola uma vez que seu pai viera a terra, de bordo de um navio de guerra britânico surto no porto chinês.

Passou por sua irmã no shuffleboard. - Queria que jogasses comigo agora, William - disse ela com voz queixosa.

-Bem, bem, já vou - replicou ele. Parou, escolheu os instrumentos, e o jogo começou. Jogava muito melhor do que a irmã. A única graça que achava em jogar com ela era permitir-lhe que ganhasse até quase ao fim, mas quando resolveria que era tempo de parar, ele chegava súbitamente ao final com a vitória.

-Oh! William! -exclamava ela, invariavelmente desapontada.

-Não tenho culpa de ser melhor do que tu - replicou ele hoje, e começou a

andar, com o seu sorrisinho seco.

Não gostava de jogar com Henrieta. Era uma jogadora irregular, que perdia facilmente algumas vezes, e outras vezes ganhava por algum truque que ele não podia apreender. Nunca sabia como se haver com ela.

Não havia rapazes no navio com quem se importasse de travar relações, a não ser um jovem, inglês, cinco a seis anos mais velho do que ele, com quem gostaria de falar, mas como o outro nunca falava primeiro, William não queria parecer americano. Na escola, os camaradas sempre diziam que os americanos eram muito livres, muito intrometidos, que falavam primeiro com quem quer que fosse.

Haveria de se aborrecer muitíssimo se não pensasse muito no seu futuro e se não houvesse ali tantas refeições. Agora mesmo o caldo da manhã estava a ser servido em mesinhas de rodas, puxadas por rapazes chineses vestidos de branco. Aproximou-se de uma das mesinhas, pegou numa taça de caldo quente de carne, tomou uma mancheia do que ele aprendera a chamar «biscuits» e sentou-se numa cadeira ao lado da mãe. Ela já havia escolhido caldo de galinha, como alimento mais leve. Queixou-se do excesso de refeições, embora, como ele notou, comesse tanto como os outros. Não custava mais caro, por mais que se comesse, embora ninguém dissesse tal coisa em voz alta, excepto Henrieta.

-Henrieta parece que pescou um rapaz - disse a mãe.

Fez um gesto de cabeça para o tombadilho superior e William viu sua irmã recostada ao parapeito, com o vento a agitar-lhe os cabelos negros. Estava a conversar, à sua maneira sincera e abrupta, com o jovem inglês. William sentiu um choque no coração. Renunciou à amizade que planeava. Quem quer que fosse amigo de Henrieta não o poderia ser seu.

-Henrieta fala seja com quem for - respondeu ele. - Notei isso na escola.

Clem seguia caminho através da terra chinesa. Conhecia os costumes do povo e nenhum ser humano lhe era estranho. Misericórdia não esperava de ninguém, com bondade não contava e, quando não as recebia, não censurava ninguém. Caminhava de noite e dormia de dia entre os altos caniços de sorgo que cresciam no campo naquela estação. Quando espreitava de entre os caniços e não via ninguém à frente na estrada, aproveitava-se para cobrir quantas milhas podia das que ainda o separavam do mar. Os caniços mantinham-no fora da vista de qualquer trabalhador que estivesse a mourejar nos campos, e apenas tinha de olhar para a frente, pois caminhava mais depressa do que qualquer outro que viesse atrás dele.

Um dia topou com uma velha camponesa. Há muito que ela passara da idade de se ocultar por pudor e tinha parado para se aliviar na estrada. A comodidade estava agora acima de tudo. Clem encontrou-a perto do meio-dia numa solitária estrada e, por um momento, pensou que ela fizesse parte de um grupo de bandidos. Quando os caniços estão crescidos é a estação dos bandidos, e às vezes um bando carrega consigo uma mulher como isca.

A mulher riu quando o viu estacar. - Não tenhas medo de mim, rapaz - disse ela com voz jovial, enquanto amarrava o cinto.

Falava um dialecto do campo que Clem compreendia, pois as suas raízes eram as da mesma língua que ouvia em Pequim.

-Não tenho medo de ti, avó - disse - lhe então Clem. - Que mal podemos fazer um ao outro?

Ela riu, por nada, como fazem as camponesas. - Não me podes fazer nenhum mal - disse ela, com uma voz muito fresca para uma face tão enrugada.

-Há trinta anos talvez, mas agora não! Para onde vais?

Pôs-se a caminhar a seu lado e ele diminuiu o passo. Seria bom para ele ser visto ao lado daquela velha camponesa. Podia ser tido como seu neto. - Vou para Leste - respondeu.

Tentava ocultar-lhe o perigoso azul dos seus olhos, mas, quando os ergueu para ela, viu que era desnecessário tal cuidado. Tinha cataratas em ambos os olhos, não muito espessas ainda, mas o bastante para ver tão-sòmente o vago contorno do seu companheiro de jornada.

-Meu pai morreu em Pequim, e eu vou para junto de meu avô.

-Onde está o teu avô?

-Lá para o Leste.

-Eu também vou para Leste - disse ela. - Vamos juntos. -É muito longe? - perguntou ele com cautela. Ela nomeou uma cidade na fronteira da província. - Como é que anda sòzinha? - perguntou Clem por sua vez.

-Não tenho filho - replicou a mulher. -Portanto não tenho nora. Mas tenho uma filha casada com um ferreiro na cidade e vou lá pedir abrigo. Meu velho, o pai dela morreu na semana passada e eu vendi a casa. Tínhamos uma terrinha. Se eu tivesse um filho, ficaria lá. Mas não tenho sorte. Os meus dois filhos gémeos morreram no mesmo dia com menos de um ano de idade.

Suspirou e abriu a gola como se não pudesse respirar, desnudando o pescoço enrugado, Clem viu em torno dele uma fita suja de que pendia um amuleto.

-Que tens no teu pescoço, avó?

Ela riu de novo, desta vez meio envergonhada. - Então não sabes o que é?

-Onde conseguiste isso?

-Porque queres saber? -perguntou a velha desconfiadamente.

O facto é que era um estranho amuleto aquele para uma chinesa trazer consigo: um pequeno crucifixo de latão. -Parece cristão - disse Clem.

A mulher lançou-lhe um olhar assustado.

-Como é que um menino como tu sabe o que é cristão? - perguntou ela, e abotoou a gola.

-És cristã? -perguntou Clem suavemente.

-Porque havia eu de ser cristã? - começou a mulher a exclamar. - Os cristãos não prestam. A nossa Velha Buda manda-os matar. Como vens de Pequim, deves saber disso.

-A cruz é boa - disse Clem num murmúrio.

Ela parou no meio da estrada ao ouvir tal coisa. - Dizes que é boa? -perguntou.

-Meu pai acreditava que a cruz era boa. -Teu pai era um deles?

Então Clem resolveu arriscar a vida. - Sim, mas morreu. Mataram-no. -E dizia isso sem que ela soubesse que ele não era chinês.

Viu que a móvel face enrugada da velha tomava um ar bondoso. - Vamo-nos sentar - disse ela. - Mas primeiro olha para os lados para ver se vem

alguém.

Não se via ninguém. O implacável Sol do meio-dia inundava a estrada poeirenta.

-Já comeste? - perguntou a velha.

Há quatro dias que ele caminhava e o seu mantimento de pão acabara-se. Restava-lhe um pouco de mostarda.

-Então comeremos juntos - disse a velha. - Tenho alguns pães aqui. Cozi-os esta manhã.

-E eu tenho algumas folhas de mostarda - replicou Clem. Repartiram o alimento e a velha continuou a tagarelar.

-Pedi ao Céu que me fizesse encontrar com alguém que pudesse ajudar-me na estrada. E não tinha andado o tempo entre o nascer do Sol e o meio-dia quando tu apareceste. Isso deve-se a este amuleto.

-Porque dizes Céu em vez de Deus? - perguntou Clem. -É o mesmo - respondeu a velha sem se perturbar. -O padre disse que eu não preciso de dizer o nome de um deus estrangeiro.

Posso dizer Céu, como sempre tenho feito. -Que padre? - perguntou Clem.

-Nunca me posso lembrar do seu nome. - Estrangeiro?

-Estrangeiro, mas de cabelos pretos e olhos como os nossos - disse a velha. - Tinha uma saia comprida e trazia uma grande cruz de prata ao peito. Rezava numa língua estrangeira.

Católico, pensou Clem. - Que foi que esse padre disse que o amuleto significava? -perguntou ele.

A velha riu. -Ele disse, mas não me posso lembrar. Significa coisa boa, em todo o caso... só coisa boa. -Tinha um ar tão contente ao mastigar o pão, com o Sol na face, que não parecia sentir dor alguma em estar sòzinha no Mundo.

-Ele não te ensinou orações? - perguntou Clem.

-Ensinou, sim, mas não me podia lembrar. Assim, mandou-me rezar o meu velho O-mi-to-fu que eu costumava dizer ao nosso Kwanyin, mas que, quando o fizesse, segurasse o amuleto na minha mão. Isso fazia com que a oração subisse direito ao Céu.

Hábil padre, pensou Clem, usar as velhas orações para o novo deus! Teve um momento de cinismo. Orações e fé pareciam sonhos tolos agora que o seu pai estava morto.

A velha continuava a falar. - Está morto aquele bom padre. Se estivesse vivo, iria procurá-lo. Morava num pátio perto do seu templo, não um templo do nosso Buda, naturalmente. Havia deuses ali, um homem pregado num pedaço de madeira, sangrando. -Porque está a sangrar esse homem? - perguntei. E o padre disse: -Os homens maus mataram-no. -Havia também uma dama parecida com a Kwanyin, mas tinha apenas duas mãos. Tinha pele branca e eu perguntei ao padre se ela era estrangeira e ele disse que não, sòmente a imagem é que fora feita nalguma terra estrangeira onde o povo tinha pele branca, mas, se a imagem tivesse sido feita aqui, a dama teria pele igual à nossa, pois era virtude sua que, onde quer que estivesse, se parecia com o povo do lugar. O homem da cruz era filho dela, e eu perguntei porque ela não o ocultou dos homens maus, e o padre disse que ela não podia. Ele era um filho voluntarioso e ia aonde bem queria,

suponho eu.

-Como foi que o padre morreu? - perguntou Clem com um pressentimento.

A velha respondeu, ainda com jovialidade: - Os soldados cortaram-no em pedaços e deram os pedaços aos cachorros e os cachorros adoeceram, e então eles disseram que ele era mau. Eu não me animei a dizer que ele não era mau. Foi um dia depois da morte do meu velho e eu não tinha quem me protegesse.

Sentaram-se ao Sol, terminada agora a refeição, e Clem, ao ouvir a morte terrível do padre, lembrou-se, com opressão, do fim do seu próprio pai. - Vem, avó - disse ele. - Sigamos o nosso caminho.

Resolvera guardar o seu segredo consigo. Quando avançou o dia, ocorreu-lhe um bom plano. Poderia fingir que era cego, manter fechados os seus olhos azuis, tactear o seu caminho, agir como neto da velha, e assim poderiam caminhar todo o dia mais rápida e seguramente que de noite. Também poderia ainda usar do dinheiro que Mr. Fong lhe dera e que até então não se atrevera a gastar numa hospedaria. Mas, para representar essa farsa, era necessário dizer à velha a sua identidade, e ela era tão simples que não sabia se se atreveria a confiar a vida nas suas mãos.

Quando a noite se aproximou e uma aldeia apareceu numa distante poeira de luzes, pensou que poderia contar-lhe. Sabia agora que ela era boa e que era apenas o que havia dito ser, e, se estivesse com ela, poderia conservá-la atenta ao perigo. Se por acaso ela o traísse como não chinês, ele escaparia o melhor que pudesse.

Assim, antes que chegassem à aldeia, ele levou-a para um lado, com grande espanto da velha, pois não sabia porque estaria a puxá-la pela manga. Atrás de uma grande tamareira, de onde poderia enxergar em todas as direcções, ele contou-lhe tudo.

-Avó, tu tens sido correcta comigo, mas não te disse quem sou.

-És um bandido?! - exclamou ela com algum terror.

-Não... eu sou uma coisa pior para ti. Meu pai era um estrangeiro, como o teu padre.

-É verdade? - exclamou a velha. Apertou os olhos e depois estendeu a mão para lhe apalpar o rosto.

-Sim - disse ele-. E meu pai e minha mãe e minhas irmãs foram mortos como o padre foi morto e eu vou até ao mar para encontrar um navio que me leve para a minha terra.

- Triste... triste... - murmurou ela. - Não és bastante grande... Ainda não cresceste...

-Não - respondeu Clem. - Mas estou sòzinho e fiquei contente por me teres encontrado.

-Foi o amuleto - observou ela. -O Céu viu-nos sòzinhos a caminhar pela mesma estrada e juntou-nos.

-Avó, não podes ver os meus olhos, mas não são pretos como eram os do padre.

-Não? -perguntou ela com surpresa. -De que cor são então?

-Azuis.

-Azuis? - repetiu ela. - Mas só os animais selvagens têm olhos azuis.

-Muita gente do meu país tem os olhos azuis.

Ela estremeceu - Ah, eu tenho ouvido dizer que os estrangeiros são como feras!

-Meu pai não era - replicou Clem. - E minha mãe era muito boa. Haverias de gostar dela.

-Ela falava a nossa língua?

-Sim - disse Clem, e viu que não poderia falar mais em sua mãe.

-Ai - suspirou a velha-, há muito mal por toda a parte. -Avó... -recomeçou Clem.

-Gosto de te ouvir chamar-me assim - disse a velha. – Eu nunca tive um neto, pois os meus filhos morreram. -Queres ajudar-me? - perguntou Clem. -Claro que sim - replicou ela.

E assim ele contou-lhe o seu plano e ela escutou, assentindo com a cabeça. - Uma velha meio cega conduzindo um neto cego - repetia ela.

-Podemos ir até à estalagem da aldeia e dormir debaixo de um tecto. Todas as noites tenho dormido entre os caniços e durante duas noites choveu.

-Tenho algum dinheiro - disse ela, remexendo na cintura. -Eu também - replicou Clem. - Deixa-me gastar o meu primeiro.

-Não, o meu.

-O meu, avó, pois quando chegar à minha terra já não me servirá.

Ela divertiu-se com aquilo. - Como é que o dinheiro não pode servir?

-Nós temos uma moeda diferente.

Recomeçaram a caminhar e a fazer os seus planos. Longe de ser estúpida como a julgara, era tão esperta como ele. Toda a sua vida fora uma mulher de um pobre homem obrigado a iludir a polícia rural e os cobradores de impostos e sabia como parecer o que não era e ocultar o que era.

Uma hora mais tarde, Clem descia a rua da aldeia com ela, de olhos fechados, segurando na mão a ponta de uma vara cuja outra ponta ela segurava. Seguiram pela única rua até à estalagem e ela pediu dois lugares na plataforma de dormir, e o estalajadeiro deu-lhes sem mais perguntas do que habitualmente tais homens fazem às pessoas a quem nunca viram antes.

A velha contou uma simples história, na maior parte verdade, de como seu marido e seu filho tinham ambos morrido da mesma doença e como tinha ela ficado apenas com aquele neto, estando agora de volta para a sua antiga cidade, onde fora criada e onde iria procurar sua filha casada com um ferreiro.

-Como é o nome dele? - indagou o hospedeiro.

-Chamam-no Liu Grande - disse a velha.

Ouvindo isso, disse um viajante: - Há um ferreiro chamado Liu que mora junto à porta oriental daquela cidade e que forjou um ferro para a roda do meu carro, quando por lá passei. Falta-lhe um dedo numa das mãos.

-É ele mesmo - disse a velha. - Perdeu o dedo quando estava a experimentar uma navalha que havia afiado. Ela cortou-lhe o dedo como o fogo corta a neve.

Clem passou a noite deitado entre os viajantes, num vasto leito de tijolos forrado de palha e dormiu bem, apesar do ar empestado de alho, pois, por enquanto, sentia-se em segurança.

Assim passou Clem noites e dias, sempre como neto da velha, e cada dia

ela mais gostava dele. Contava-lhe curiosas histórias da sua remota infância e perguntava-lhe coisas a respeito da sua gente e da sua terra e porque estava ali em vez de estar entre o seu próprio povo, e espantava-se de que ele nada soubesse acerca dos seus antepassados.

-Vocês estrangeiros - disse ela um dia - enlouquecem com a febre de Deus. Há algo de demônio nos seus deuses para que arrastem vocês a esse ponto. Os nossos deuses são razoáveis. Pedem-nos apenas algumas boas obras. Mas para os deuses de vocês, não bastam boas obras. Têm de ser louvados e ouvir sempre que eles são os únicos deuses e que todos os outros são falsos.

Riu e disse animadamente: - O Céu está cheio de deuses como a Terra está cheia de homens, e alguns são bons e outros são maus, e não existe um grande Deus acima de todos os outros.

Clem não discutia com ela. Não havia um resto de fé no seu coração, a não ser uma nova e pequenina fé na bondade de algumas pessoas. Mr. Fong e sua mulher tinham sido bons com ele, como aquela velha agora, e ele ficava a escutá-la enquanto iam cobrindo as milhas, lado a lado, a não ser quando chegavam ao meio de gente e ele se fingia ceguinho, segurando a ponta da vara cuja outra extremidade ela puxava. Dos seus lábios, ele aprendia uma espécie de rude sabedoria, comparava-a com o que aprendera antes e achava-a verdadeira. Assim, dizia ela, a grande falta do Céu e de quaisquer deuses que existissem, era porque não tinham arranjado as coisas de modo que o alimento chovesse todas as noites do Céu, o suficiente para que todos comessem e não pudesse haver motivo para lutas.

Se a barriga estivesse cheia, dizia ela, se soubéssemos que sempre estaria cheia, os homens seriam alegres e ririam e brincariam como crianças, e então teríamos paz e felicidade.

Tais palavras, pensava Clem, eram as coisas mais sábias que jamais ouvira. Se seu pai não tivesse necessidade de pensar no pão, a sua fé poderia ter sido perfeita. Com o pão garantido, seu pai poderia ter pregado e orado e ser um santo.

Assim falando e pensando, dormindo em hospedarias à noite, Clem e a velha alcançaram a cidade onde ela devia parar. Um dia por outro, notara que a velha parecia de mau humor, resmungando às vezes. - E porque não? - perguntava a si mesma. Ou dizia: - Quem se importa que eu... - Ou então: - Minha filha nem sabe se eu ainda estou viva.

Uma tarde, antes de chegarem à cidade, após uma tempestade durante a qual se tinham refugiado num templo à beira da estrada, onde havia deuses mas não sacerdotes, a velha desabafou o que vinha dizendo consigo mesma.

-Meu neto, devo ir até à costa contigo. Que será de ti se te deixo? Algum malandro descobrirá os teus olhos e procurará cair nas graças da Imperatriz e cortará a tua cabeça e levá-la-á para a capital para ganhar um prêmio.

Clem recusou peremptoriamente tamanha bondade. - Avó, estás muito velha e cansada. Ontem mesmo me disseste que os teus pés estavam inchados.

Puseram-se a discutir e por fim a velha disse: - Pelo menos vem comigo até à porta da casa de minha filha. Veremos o que diz Liu Grande.

Clem consentiu e, quando chegaram à cidade, a velha não quis entrar antes da hora do encerramento das portas, para que o povo não os pudesse

distinguir nitidamente. Ao cair da noite, juntaram-se aos últimos que se recolhiam e, caminhando silenciosamente entre a multidão, chegaram à casa de Liu, o ferreiro.

A primeira visão que teve Clem do ferreiro foi deveras impressionante. A forja estava aberta para a rua, e ali se achava o atlético vulto, de pernas afastadas, a mão direita erguida e segurando um grande malho de ferro, e na mão esquerda uma grossa tenaz que segurava um rubro pedaço de metal em brasa. Sobre esse metal batia ele com o malho e, a cada golpe, chispavam faíscas no escuro da noite. O ferreiro estava negro de fumo e os seus lábios estavam afastados dos dentes, de modo que estes se mostravam muito brancos, como muito branco, também, era o branco dos seus olhos, sobre os quais se adensavam severas sobrelhas negras.

-É ele - disse baixinho a velha.

Ela entrou ousadamente e gritou: - Ei, Liu Grande! Minha filha está em casa? Liu Grande pousou o malho e encarou-a. -Não és, boa velha, a mãe da mãe dos meus filhos? - gritou ele.

-Sou eu, sim - disse a velha. Depois enxugou os olhos com as mangas. - O meu velho, pai dela, morreu.

Liu Grande ainda olhava para ela. - Entra - ordenou. Quando viu que Clem a seguia, parou de novo. -Quem é este menino? - perguntou.

-É o meu neto adoptivo - disse a velha; depois continuou rapidamente: - É um òrfãozinho, coitado, e eu sou uma pobre velha sem ninguém; encontrámo-nos na estrada, os deuses é que o mandaram, juro, para que cuidasse de mim, pois sei que não é uma criança como as outras, mas uma espécie de espírito que baixou. Os seus olhos são os olhos do Céu e o seu coração é bondoso.

Falando assim muito depressa, enquanto Liu Grande olhava, a velha procurava pôr Clem a salvo.

Mas Clem meneou a cabeça. - Vou dizer-lhe quem sou - disse ele a Liu Grande. Entraram no quarto interior e tiveram de esperar até que a velha e a filha se houvessem saudado, exclamado, chorado e abraçado as três crianças. Liu Grande ficou então sabendo que Clem não era chinês e tornou-se muito sério. Ergueu-se e foi fechar as portas, enquanto as mulheres falavam e choravam, e, por fim, mandou que se calassem e voltou-se para Clem.

-Tu és estrangeiro - disse ele.

-Sim. Não lhe posso ocultar tal coisa.

Depois contou a sua história, e a velha interrompia-o continuamente para encarecer como ele era bom e que o deviam ajudar, e, se Liu Grande não fizesse um jeito, ela iria com Clem para o mar.

Liu Grande ficou silencioso por algum tempo, e até a sua mulher parecia grave e reuniu os filhos em torno de si. Por fim, Liu Grande disse: - Não devemos conservar-te aqui um único dia. Se souberem que há um estrangeiro em minha casa, tu morrerás, e nós todos também. Deves seguir adiante, logo que ao romper da aurora se abrir a porta de Leste.

Clem ergueu-se. - Irei - disse ele.

Liu Grande fez um gesto com a sua grande mão negra. - Espera... Eu não te quero mandar para a morte. Tenho um aprendiz, meu sobrinho, um rapaz mais velho do que tu, que te conduzirá até à costa. Já que estás aqui, vai lavar-te, e eu

dar-te-ei roupas melhores. Depois trata de dormir algumas horas. A mãe dos meus filhos te dará comida. Tens dinheiro?

-Ele não tem dinheiro - disse a velha. - Gastou o dele no caminho e eu lhe darei o meu.

Liu Grande ergueu de novo a mão. - Não, guarda o teu dinheiro, boa mulher. Eu lhe darei o suficiente.

Foi assim que aconteceu. Clem obedeceu a Liu Grande exactamente como este dissera, pois aquele homenzarrão tinha uma voz e um ar de comando, embora falasse baixo e com simplicidade. Clem tomou um banho completo com a água quente de um balde de madeira e vestiu algumas roupas limpas que lhe trouxe o aprendiz, que arregalava os olhos ante a pele branca de Clem.

Este comeu duas tigelas cheias de talharim e óleo de sésamo e deitou-se numa esteira de bambu, na cozinha, enquanto o aprendiz se acomodava no chão. Mas Clem não podia dormir. Sabia que o ferreiro estava sentado e desperto, temeroso de que alguém descobrisse que ele estava em sua casa, e, embora a velha lhe dissesse que não tivesse medo, ele também não podia dormir, vezes seguidas vinha verificar se ele estava a sossegar e dizia-lhe que devia dormir para conservar as suas forças. Quanto ao aprendiz, não estava a gostar nada daquela nova tarefa, mas como nunca vira o litoral nem um navio, estava dividido entre o medo e o prazer.

Antes do nascer do Sol, Liu Grande entrou na cozinha e Clem saltou da esteira e vestiu a sua jaqueta.

O aprendiz, estava a dormir, mas levantou-se também, e atava a cinta de algodão e enrolava o rabicho sob o gorro rasgado, e assim se dirigiram para a porta.

-Saíam por este portãozinho detrás - disse Liu. - Vai dar a uma viela cheia de imundície, mas ainda é mais segura do que a rua.

A velha chamou Clem um momento. Colocou os braços sobre os seus ombros e bateu-lhe nas costas e depois suspirou e gemeu uma ou duas vezes. - Tu vais esquecer-te de mim depois de atravessares esse mar estrangeiro - queixou-se ela.

-Nunca te esquecerei - prometeu Clem.

-E eu não tenho nada para te dar... Ah, espera!

Lembrara-se do amuleto; rebentou a corda e atou-lha ao pulso, de onde a pequena cruz ficou pendente.

-Dou-te isto. Há-de conservar-te em segurança. Só não te esqueças de dizer O-mi-to-fu quando rezares, pois o deus deste amuleto está acostumado a essa prece.

Chorou um pouco e depois afastou-o brandamente de si, e assim Clem a deixou e seguiu o seu caminho com o aprendiz.

A este, pouco disse nos dias em que viajaram juntos e que eram pouco menos de metade do que os que já havia andado. Viajavam de dia, o outro ia também calado a maior parte do tempo, e dormiam à noite em hospedarias, ou às vezes apenas num barranco atrás de algumas árvores, para se ocultarem, pois o aprendiz ficava com medo sempre que encontravam soldados. Mas nunca eram detidos, pois Clem ostentava o seu velho chapéu como qualquer camponesinho e conservava os olhos baixos.

Quando chegaram à costa, separaram-se, e Clem deu ao aprendiz quase tudo o que restava do seu dinheiro. Havia vários navios no porto, e ele não os deixaria partir sem encontrar algum que o tomasse a bordo. Ali já não tinha medo, pois era um porto, e ele viu polícias e homens brancos e mulheres a passear e a andar de jinriquixá ou de carro. Não se aproximou de nenhum deles, pois não queria ser detido no seu propósito, que era atravessar os mares para alcançar o seu país. Mas soube de boas novas. Numa estalagem onde ficara sentado sozinho depois de o aprendiz o ter deixado, ouviu que a Velha Imperatriz fora obrigada a ceder ante os exércitos brancos. Tinha fugido do palácio, deixando em seu lugar uma jovem princesa que se atirara a um poço. E os exércitos estrangeiros entraram na cidade, saqueando, matando homens e raptando raparigas, de modo que toda a China chorava o sofrimento que a Velha Imperatriz lhe trouxera.

Clem ouviu isto sem poder indagar mais nada. Perguntava a si mesmo que teria sido feito de Fong e dos seus, se teriam partilhado do sofrimento, se teriam sido mortos por sua vez, como acontecera com a sua família. Mas nada podia saber. Depois de ter comido, foi para as docas e meteu-se no meio de alguns marinheiros e, naquele mesmo dia, conseguiu emprego de camareiro num dos navios. Quanto ao aprendiz, depois de contemplar os navios durante metade do dia e de vaguear pela cidade, regressou à sua casa.

Num cargueiro americano, seguiu Clem para o Ocidente. O navio trouxera munições e trigo para a China e tomara um carregamento de peles e óleos vegetais. As peles, imperfeitamente tratadas, impregnavam o navio com o seu cheiro, e Clem, atacado seguidamente de enjoo, desejava às vezes também ter morrido. Mas o desejo não durou muito. Sobre os mares cinzentos rompeu o Sol, os ventos amainaram, acalmaram-se as vagas. Então, não comendo devorando na cozinha com os trinta estranhos homens que compunham a tripulação, quis viver para alcançar a granja.

Os homens conheciam a sua história. Tinham-na ouvido primeiro no cais, quando, ao aproximar-se de um deles, lhe pedira timidamente um emprego no navio.

-Não queremos chineses - replicara o marinheiro. -Mas eu não sou chinês.

-Não? - retrucara o marinheiro, incrédulo.

Clem apontara para os próprios olhos. - Veja, são azuis. -Lá isso, são-reconheceu o marinheiro, depois de o olhar um momento. - Eh, rapazes, alguém já viu um china de olhos azuis?

-Quando é que um china não é um china? - inquirira um marinheiro. - Ora, quando a mãe é também outra coisa.

-Ela não era! - declarara Clem com indignação. - Era uma mulher honesta, e meu pai era um homem decente. Eles eram americanos e eu também o sou.

Mas o inglês soava estranho na sua língua, depois de tantos dias em que falara somente chinês.

Os homens tinham-se reunido à sua volta, adiando os divertimentos que haviam planeado para as suas breves horas em terra, e escutaram com dó e espanto a sua história. Olhando ora uma ora outra daquelas caras rudes, viu-se a contar tudo a fim de salvar a vida. - Até as coisas que não se permitira a si mesmo

lembrar, ele contou-as, e começou de novo a soluçar, tentando evitá-lo, com os punhos contra a boca.

Os homens ouviam e olhavam uns para os outros e um corpulento marinheiro tomara a cabeça de Clem entre as mãos.

-Bem, isto são águas passadas. Nós acreditamos em ti. E vens connosco, ainda que seja preciso viajar escondido. Mas o velho não é mau. Ele dar-te-á serviço a bordo.

Tinham-no levado à presença de um capitão de rosto magro e curtido e fizeram-lhe contar novamente a história, e assim fora empregado como camareiro. Tivera longas conversações com o capitão.

-Creio que, depois disto, nunca mais hás-de querer voltar para uma terra infiel.

-Não sei - replicou Clem. Tinha misturado whisky com soda, que colocara em frente do capitão. - Assim devia eu pensar, mas acontece que Mr. Fong me salvou a vida. E todos se mostraram bons comigo nos dias em que andei viajando. Também não posso esquecer a velha avó.

Não, jamais os poderia esquecer. À noite, no seu duro e estreito beliche sacudido pelas ondas, lembrava-se dos longos dias em que atravessara a terra chinesa, ao lado da velha. O Verão tinha amadurecido os campos e a longa sombra dos sorgos verdes, por cima das suas cabeças, dava-lhes bom trigo. Liu Grande também fora bondoso. Seria fácil falar à polícia local num menino estrangeiro e receber assim uma recompensa. Liu Grande era bastante pobre para saber o valor do dinheiro, e Clem era um estrangeiro. Ninguém daria pela sua falta se ele morresse, mas Liu Grande não o havia traído. Espanto e gratidão ante a bondade dos homens e mulheres comuns enchiam de fé o coração de Clem, não a fé de seu pai, mas uma nova fé, uma fé que o prendia à terra.

Os marinheiros também eram bons, embora fossem rudes e de uma ignorância como jamais vira. Eram grosseiros, bêbedos sempre que podiam, lúbricos em actos e palavras, fáceis de irritar, sempre prontos para a briga. Considerava-os metade homens, inacabados, ignorantes. Não sabiam o que faziam.

A gente da sua terra seria toda igual àquela? Não tinha ninguém por quem a julgasse, jamais conhecera gente da sua espécie, a não ser o pai, que sentia vagamente ser um homem de género particular. Fazia bem lembrar a delicadeza dos chineses.

Ali no navio, embora soubesse que os homens eram seus amigos, por qualquer coisa, ou por coisa nenhuma, excepto quando um homem estava de mau humor por ter bebido demasiadamente em terra, podiam a cada momento puxar-lhe as orelhas, dar-lhe um tabefe, ou derrubá-lo com um soco. Viu que era inútil encolerizar-se, pois imediatamente o homem desafiava-o alegremente para a luta, e ele não se podia medir com nenhum deles, pequeno e delgado como era. Um dia queixou-se ao capitão, mas foi só uma vez.

-Pensas que te vou defender? - indagara o capitão. -Não, senhor - respondeu Clem-,mas talvez dizendo-lhes que me deixem em paz...

-Eles têm-te raiva?

-Não, senhor. Creio que não. É uma simples brincadeira, talvez...

-Então aguenta-te - respondeu o capitão.

Mas aquela longa viagem por mar fez bem a Clem. Um infundável rugir de ordens soava-lhe aos ouvidos. Tinha de obedecer a todos aqueles homens. Duas vezes o navio parou para ser abastecido, uma vez no Japão, outra nas Ilhas Havaianas, mas ele não desceu a terra. Para além da doca, contemplava estranhas paisagens e gentes desconhecidas e via montanhas altas contra o Céu. À noite, ajudava os marinheiros bêbedos a recolherem-se, cambaleando sob o peso dos corpos apoiados em seus ombros, sentindo o seu hálito empestado. Repugnava-lhe a grosseria daqueles homens, mas ainda assim compadecia-se deles. Nada tinham que os tornasse melhores. Odiavam o mar, temiam-no, amaldiçoavam-no, e continuavam a viver no mar, pois não sabiam fazer outra coisa. Durante uma tempestade encheram-se de pânico. Clem sentia-se velho a seu lado, velho como um pai, e às vezes como um pai ajudava-os, tirando-lhes os sapatos, quando adormeciam antes de poder despir-se, trazendo-lhes o café ao amanhecer quando estavam muito aturdidos para poder entrar de quarto. Em compensação mostravam-se bons com ele, meio envergonhados porque sabiam que não passava de um garoto, e, no entanto, desorientados com ele. Clem continuava a ser um estranho para eles, arredio até mesmo quando os atendia. Em Clem, a piedade evitava a censura, e a sua piedade tornava-os muita vez silenciosos quando Clem se aproximava deles. Mas ele ignorava isso. Dentro de si, sentia apenas uma crescente solidão e ansiava pelo fim da viagem, para que afinal pudesse conhecer aqueles que eram como ele.

A viagem por fim terminou e um dia desembarcou numa terra que era a sua e na qual, entretanto, se sentia ainda estrangeiro. A tripulação fez uma colecta em seu favor, e esse gesto jamais o esqueceria. Significava que poderia viajar para Leste em caminho de ferro, em vez de palmilhar milhas e milhas, como o fizera na China. Lá não se havia importado, porque conhecia o povo e tinha a velha a seu lado, mas ali, onde não sabia como era a gente, nem a comida, seria muito diferente.

Assim, embora os marinheiros fossem daquela feição, eram bons, também. No primeiro dia que desembarcaram em S. Francisco, foram juntos a uma loja e compraram um fato para Clem. Ficava-lhe muito grande, mas ele enrolou os punhos das mangas e as bainhas das calças. Compraram-lhe duas camisas, uma gravata vermelha, um chapéu, um par de sapatos, três pares de meias e uma mala de papelão. Conduziram-no depois até à estação, onde lhe compraram uma passagem para Pittsburgh. Não havia lá muito dinheiro, pois não queriam que ele gastasse os dólares que lhe tinham dado, e um deles empenhara um anel de ouro que havia comprado em Singapura. Bateram-lhe nas costas, abraçaram-no, deram-lhe conselhos.

-Não fales com ninguém, estás a ouvir, Clem? -Especialmente com mulheres.

-Ah! Ele ainda é muito pequeno para mulheres.

-Se conhecesses as mulheres como eu as conheço... Não lhes fales, Clem!

-Manda-nos um postal de vez em quando, Clem. -Não jorges às cartas, Clem!

O comboio partiu e ele ficou a acenar-lhes com o seu chapéu novo, até que os perdeu de vista. Agora estava outra vez sozinho, correndo num comboio através do seu próprio país. Tinha um assento para si, fronteiro ao de um homem

de roupa cinzenta e face vermelha, que dormia a maior parte do tempo e lhe sorria vagamente cada vez que acordava. «Não fales com ninguém no comboio», haviam-lhe dito os marinheiros, «esses tipos de terra podem surripiar-te o dinheiro». Mantinha-se silencioso e a sua carteira estava no bolso interior do casaco, onde a podia sentir contra as costelas cada vez que respirava profundamente. Quando necessitava de dinheiro para gastar em comida, ia à retrete e ali, solitário, tirava um dólar de cada vez, guardando o troco no bolso traseiro, contra as costas do banco.

Hora após hora, olhava constantemente pela janela, contemplando uma terra que não conseguia compreender. Parecia-lhe deserta. Onde estava essa gente? As montanhas eram mais altas do que poderia imaginar, os desertos mais vastos e mais desolados, o seu vazio mais aterrador. Para seu espanto, muitas vezes, nas estações, via homens brancos fazendo trabalho de «coolies», e, na orla dos desertos, homens e mulheres mais esfarrapados, mais pobres, embora brancos, do que quaisquer outros que ele vira na China. Onde estava a terra de leite e mel, como seu pai costumava chamar à sua terra natal?

Uma noite, enquanto dormia sentado no seu banco, penetraram em verdes planícies. Quando despertou, ao amanhecer, viu-se num outro país. Campos verdes e largas estradas, e, nas granjas, os grandes celeiros e as habitações maciças e limpas encantavam-lhe os olhos. Era a Pensilvânia, sem dúvida!

Muito antes de Clem ter iniciado a sua viagem, William havia chegado à América. O alvo navio inglês ancorou em Vancouver, e Mrs. Lane, animada e experiente, aturdiu os polidos funcionários da alfândega canadense e conseguiu os melhores lugares no comboio que os levou, através do Canadá, até Montreal, onde fizeram baldeação para Nova York.

Era uma viagem amena, e William saboreava-a com tranquila dignidade. Mantinha-se afastado da mãe e das irmãs, ficando a maior parte do tempo na cabina de observação, onde, por detrás de uma revista, escutava a conversa dos homens. Não houve dificuldade em Montreal, e em Nova York a mãe levou-os para o Murray Hill, onde William conseguiu um quarto só para si, porque era quase um homem. O tecto era alto e as grandes janelas tinham cortinas de veludo vermelho, seguras por argolas de cobre. O luxo do quarto de dormir e da casa de banho agradou-lhe. Com que então aquilo era a América! Era muito melhor do que pensava.

Comeram numa sala de jantar onde se erguiam chafarizes e cantavam canários, o que também lhe agradou.

-Pensei no melhor - disse-lhe a mãe. - Além disso, meu pai e minha mãe sempre paravam aqui quando vinham à cidade.

A mãe conservou-o consigo em Nova York por uma semana, enquanto lhe preparava a ida para o colégio. Quanto a Henrieta e Ruth, mandou-as para a casa de seus pais em Old Harbour. Não o levou logo ao escritório da Mission Board. Em vez disso, percorreu as melhores lojas, a pedir para ver roupas para rapaz. Quando encontrava coisa que lhe agradava, William tinha de ver se lhe servia. Mas não comprou nada, limitando-se a tomar nota de roupas e preços.

Com essas notas num caderno, foi, na manhã do quarto dia, aos escritórios da Missão, onde foi recebida com tanta deferência que foi um verdadeiro bálsamo

para o orgulho de William.

-Ah, Mrs. Lane - disse um funcionário de faces rosadas e cabelos brancos -estávamos à sua espera. Recebemos um telegrama do Dr. Lane. Em que lhe podemos ser úteis, minha senhora?

-Tenho umas compras a fazer para a entrada de meu filho em Harvard - disse Mrs. Lane. A sua voz e o seu ar eram igualmente seguros.

O nédio e idoso funcionário, ele próprio ministro aposentado, pareceu indeciso. - Temos contratos especiais com lojas de preço módico que nos concedem dez por cento de desconto.

Mrs. Lane interrompeu-o, sem mostrar interesse pelas lojas de preço módico. - Desejo falar imediatamente com o tesoureiro.

-Pois não, Mrs. Lane! Por aqui, tenha a bondade - disse o homem de cabelos brancos.

-Fica aqui, William - ordenou Mrs. Lane.

Enquanto William esperava, sua mãe teve uma longa conferência com o tesoureiro da Missão, que o deixou aparentemente ofuscado e indubitavelmente silencioso. William ficara na sala de leitura, porque sua mãe desejava, como dizia, lidar sôzinha com as finanças. Andara de um lugar para o outro, lendo impacientemente os folhetos que se achavam ali. Eram religiosos e cheios de esperançosos relatórios de hospitais, escolas, orfanatos e igrejas, coisas de que estava farto e refarto. Queria afastar-se de tudo o que conhecera antes. Quando no Outono entrasse para o colégio, não diria a ninguém quem era o seu pai, nem que ele mesmo viera da China.

-Bem - disse Mrs. Lane, quando surgiu da outra sala - já arranjei tudo. Agora sim, poderás ir para o colégio.

Segurava a longa saia com uma das mãos e disse por cima do ombro para o pequeno tesoureiro da missão:

-Obrigada, Mr. Emmons, o senhor foi muito prestante.

Mr. Emmons quebrou o seu silêncio. - A senhora compreende, Mrs. Lane, que não fiz nenhuma promessa? Quero dizer... tenho de discutir antes com a junta estas requisições um tanto desusadas... trajos para a noite, por exemplo...

-Estou certa de que hão-de compreender que meu filho merece uma especial consideração, depois de tudo o que passámos - disse Mrs. Lane, na sua voz clara e cortante. -Vamos, William, ainda temos de tomar o comboio do meio-dia.

Ele acompanhou-a, mantendo-se empertigado e sem dirigir palavra ao mesquinho pequeno tesoureiro.

Quando chegaram à casa do avô em Old Harbour, ficou satisfeito ao ver como ela era grande. De estilo antigo, e bastante necessitada de pintura, ficava num terreno vasto, embora um tanto descuidado.

-Estou a ver que meu pai não conserva as coisas como antigamente-comentou sua mãe. Tinham tomado um carro de aluguer na estação e agora desembarcavam. Ela estendeu-lhe a bolsa: -Paga um dólar ao homem, William.

-É preciso aparar a relva-continuou ela. -Suponho que meu pai não pode ter sempre um jardineiro, hoje que está aposentado.

O carro deu uma volta e William olhou para as malas que o homem

colocara no chão. - É melhor pegarmos no que pudermos - disse a mãe com algum embaraço. - Não sei quantos criados meu pai terá agora. Costumávamos ter um caseiro e três criadas.

Ergueu duas malas e William, muito contra a sua vontade, segurou a outra e acompanhou-a até a casa. A porta estava aberta e, ao entrar, encontraram Henrieta e Ruth, de roupão de banho, e um velho senhor, desleixadamente vestido, que ele reconheceu como seu avô.

Mrs. Lane curvou-se sobre ele. - Bem, pai, aqui estou de novo.

-Estás um pouco mais velha - disse ele erguendo os olhos para a filha.

Mr. Vandervent já não tinha imponentia. Era um homenzinho barrigudo, de aspecto bonacheirão, que parecia tímido ante o seu alto neto.

-Como vais, William? - perguntou, estendendo a pequena mão rechonchuda.

William apertou-a friamente. - Muito bem, senhor - respondeu com correcção. - Espero que o senhor também esteja bem.

-Assim, assim - disse Mr. Vandervent. - O mar, na verdade, não me agrada, mas a tua avó gosta.

-O que nós passámos... -começou Mrs. Lane.

Foi interrompida por um alto brado. Uma corpulenta mulher de avental irrompeu de uma porta.

-Helen, meu anjo!

Era a sua mãe. Abraçaram-se e beijaram-se. - Eu estava justamente a bater um de meus bolos de chocolate, pensando que William talvez... agora só temos duas criadas, Helen... Como! És tu mesmo, William? Não me digam! Não é o retrato de teu pai, Robert? O teu bisavô era um belo homem, William!

Henrieta desaparecera e, pela janela, William viu-a caminhando ao longo da praia. Ruth parava ora num pé ora noutro.

-William, vai vestir a tua roupa de banho. O mar está maravilhoso.

Ele apanhou o pretexto.

-Posso ir, mãe?

-Vai - disse-lhe bondosamente a avó. - Tens bastante tempo antes da ceia.

Ceia! A palavra deu-lhe um calafrio na espinha. Ouvira-a entre os missionários mais vulgares, os Adventistas do Sétimo Dia, os Baptistas Primitivos, os Pentecostes... Na escola inglesa a refeição da noite era sempre chamada jantar e, como na sua própria casa era assim, nunca lhe ocorrera que pudesse ser ali de outro modo.

Subia vagarosamente a escada quando foi detido pela voz da mãe. - Olha, William, já que vais subir, bem podias levar algumas das malas.

Ele parou, não podendo acreditar no que ouvia, e olhou para a mãe. Ela ria, mas ele adivinhou embaraço nos cinzentos olhos de aço que ela conservava afastados dos seus. - Podes muito bem compreender que estás na América, filho - disse ela. - Terás de trabalhar um pouco aqui.

Ele ficou ainda parado um instante; depois, com apaixonada energia, voltou-se, desceu correndo as escadas, apanhou as malas e subiu de novo. Lançou um olhar à balaustrada para ver se alguém estava a olhar para ele. Não estava ninguém. Sua mãe falava acerca do cerco, e tinham-no esquecido.

Ninguém dissera a Clem que telegrafasse para o avô, e ele sentia relutância em gastar o dinheiro que trazia. Quando afinal chegou a Canterville, ninguém veio ao seu encontro, mas também já contava com isso, naturalmente. Carregando com a mala, aproximou-se de um homem gordo que olhava para o comboio e coçava a cabeça.

-Pode dizer-me onde mora Mr. Charles Miller? - indagou Clem.

O homem parou em meio de um bocejo. - Nunca ouvi falar nele.

-Mora numa granja - explicou Clem.

-Siga então por esse caminho - disse o homem, fazendo um gesto com o queixo na direção do Sul. -Muito obrigado - disse Clem.

O homem pareceu surpreso, mas não disse nada e Clem começou a caminhar. Aqueles dias passados no mar tinham-lhe tornado os pés delicados, embora já uma vez tivessem sido rijos, das longas caminhadas nas duras estradas chinesas. Mas os seus músculos ainda estavam fortes. O calor não era nada, comparado com o da China, e o ar era suave, com certa fragrância agreste. Não viu ninguém depois de ter deixado a pequena cidade ferroviária, e achava isso estranho. Não havia gente ali? Ocorreu-lhe que era quase meio-dia e que deveriam estar a comer. Mesmo assim, onde estavam as aldeias? Até onde podia a vista alcançar, não divisava povoação nenhuma. Os campos estendiam-se em ondas de verde vivo contra um Sol de azul compacto. Viu com surpresa que estavam semeados de milho. A gente de ali só comia milho? Após uma hora sentiu-se cansado e com fome, e desejaria ter parado para comer alguma coisa. Na sua excitação, cinco maçarocas não lhe haviam parecido nada. Ao chegar à margem de um riacho, bebeu água e descansou, e, enquanto estava ali sentado, chegou uma carroça puxada por dois cavalos altos como camelos.

Guiava-os um homem, sentado num banco da carroça. - Olá, camarada-gritou ele-, não quer uma boleia?

Clem estava cauteloso. Porque haveria um estranho de lhe oferecer boleia? Quem sabe se aquele tipo não seria um bandido? -Não, muito obrigado - respondeu.

O homem parou a carroça. -Você parece estrangeiro - disse.

Clem não replicou. O barbeiro do navio raspava-lhe a cabeça para o livrar do cabelo pintado, e ele constrangia-se com a sua cabeça pelada.

-Aonde vai? -perguntou o homem.

-A granja de Mr. Charles Miller- respondeu Clem.

O homem fitou-o de olhos arregalados, com o queixo caído. Era um indivíduo sujo, de camisa empapada de suor e calças de algodão azul. Pela abertura da camisa desabotoada, Clem via-lhe o peito coberto de pêlos repulsivamente vermelhos.

-O velho Charley Miller morreu - disse o homem.

A luz do Sol cintilava na paisagem com a agudeza de pontas de punhal a saltar das bordas das folhas, do ápice das lâminas das ervas e das extremidades dos varões das cercas. Os olhos de Clem turvaram-se e a debilidade tomou conta dos seus joelhos.

-Quando foi que ele morreu? - perguntou, sentindo a boca cheia de pó.

-Há uns dois anos.

O homem preparou-se para contar a história. Cuspiu na estrada uma saliva grossa e pardacenta e empurrou para trás o chapéu de palha rasgado.

-Para falar verdade, o velho enforcou-se no seu celeiro. Desiludido, aí está. Há dez anos que andava à espera de um lugar prometido pelos republicanos, e quando estes foram para o governo deram-lhe o cargo de xerife. Logo no primeiro dia tinha que tirar uma granja das mãos de alguém. Uma hipoteca que o dono não podia pagar. O velho Charley era muito compassivo, tanto que não teve coragem de fazer aquilo. Enforcou-se na véspera... Foi assim.

O homem sacudiu a cabeça e suspirou.

-Era incapaz de fazer mal a uma mosca, o velho Charley. Vivia sozinho. Tinha um filho não sei onde, e que nunca voltou para casa.

-O filho dele era meu pai. - As palavras escaparam dos lábios de Clem como um grito.

O homem arregalou os olhos, com a saliva escura a escorrer-lhe pelo queixo.

-Não diga!

Clem fez que sim.

-Também morreu. Foi por isso que vim procurar meu avô. Mas se não tenho ninguém... acho... acho que não sei o que hei-de fazer.

O homem mostrou-se bastante bondoso.

-Suba cá para cima, meu filho, porque vou levá-lo para a granja do seu avô. Mora gente lá. Pode ser que o ajudem.

Não lhe ocorrendo outra coisa que fazer, Clem obedeceu. Ergueu a mala e deu-a ao homem, depois, pondo o pé no eixo da carroça, trepou para o assento. Ali ficou sentado, sob o Sol quente, com a mala entre os joelhos; o homem guiou em silêncio por duas milhas e fê-lo descer diante de um portão sem pintura, aberto numa cerca arruinada de madeira que se perdia entre as ervas altas. A carroça afastou-se e Clem ficou a olhar a pequena e sólida casa de pedra.

Era aquele o lugar com que sonhara desde pequeno. No próprio pátio as ervas eram altas, desordenadas. Um enorme plátano inclinava-se sobre a casa. Viu debaixo da árvore algumas crianças esfarrapadas. Eram dois rapazes e duas meninas. Os rapazes tinham mais ou menos a mesma idade que ele; as meninas eram mais novas, ou, pelo menos, menores.

Estavam a comer pão seco, arrancando nacos com os dentes. Quando o viram, esconderam o pão nas mãos, conservando-as atrás das costas.

-Que queres tu aqui? - perguntou o maior dos rapazes, com voz áspera. Tinha um rosto magro e sardento, e os cabelos crescidos desciam-lhe até o pescoço.

-Quem mora aqui? -perguntou Clem.

-Pop e Mom Berger - disse uma das meninas, que recomeçou a mastigar o seu pão: - É melhor ires-te embora, senão eles vão atihar os cães.

-Vocês são filhos deles? - perguntou Clem. Aonde havia de ir, num país desconhecido que, entretanto, era o seu?

Foi o menino magro que respondeu. -Não, nós somos crianças do Auxílio.

Clem olhou-os sem compreender. - Quer dizer que... o nome de vocês é

Auxílio?

Eles entreolharam-se, surpreendidos com tanta estupidez. -Crianças do Auxílio-repetiu a menina. -Que quer dizer com isso? - perguntou Clem.

-Crianças do Auxílio. Crianças que não têm ninguém. Clem fitou-os, e o seu coração confrangeu-se. Também ele não tinha ninguém. Seria, então, uma criança do Auxílio? Antes que pudesse responder a essa aterradora pergunta, um homem baixo e robusto saiu pela porta aberta da casa e gritou

-Eh, rapazes! Voltem para o trabalho.

As crianças correram para o fundo da casa e o homem ficou a olhar para Clem por sobre as ervas pisadas. -De onde vens? -perguntou.

-Pensei que meu avô, Charles Miller, estava aqui - disse Clem.

-Há dois anos que ele se foi - tornou o homem. - Eu comprei isto e fiquei com a hipoteca. Nunca ouvi dizer que ele tinha um neto.

-Decerto meu pai não lhe escrevia. Nós vivíamos muito longe.

-Para Oeste?

-Sim.

-A tua gente ainda vive lá?

-Morreram todos. Foi por isso que eu voltei.

-Que eu saiba, não existe nenhum parente teu por aqui, lá voltar para a casa quando pareceu que lhe ocorria uma ideia.

-Que idade tens? - perguntou.

-Quinze - respondeu Clem.

-Pouco crescido - resmungou o homem. - Bom, é melhor entrares. Nós estávamos mesmo a pensar que outro rapaz do Auxílio nos seria útil. O trabalho está a tornar-se pesado.

Fez um gesto com a cabeça.

-Entra.

Clem pegou na mala. Não tinha outro lugar para onde ir. Acompanhou o homem ao interior da casa.

-Vou dar parte ao Auxílio quando a mulher aparecer - disse o homem.

William Lane caminhava solitário ao longo da praia. Tinha de ficar sozinho a maior parte do tempo, pois não encontrava rapazes da sua idade e não tolerava a companhia das irmãs. Ocasionalmente ia nadar com Ruth, mas somente quando a praia estava deserta. Supusera naturalmente que a praia era privada, visto ficar defronte da casa do seu avô e, no dia da sua chegada, quando fora nadar com Ruth, ficara chocado ao ver apenas cinquenta pessoas passeando na margem ou a nadar.

-Como é que o Avô deixa que toda essa gente se utilize da nossa praia? - perguntara ele a Ruth'

Antes que a irmã lhe pudesse responder, ouviu a odiosa gargalhada de Henrieta. Vinha a nadar do mar, com os seus longos cabelos soltos sobre os ombros. -Ninguém tem praias particulares aqui, seu estúpido - disse ela rudemente.

Rute viera em sua defesa, como de costume.

-Como é que William pode saber isso, se acaba de chegar? -É bom então que aprenda já - retorquiu Henrieta, voltando para o mar.

Agora naturalmente ele sabia a verdade. A praia pertencia a toda a gente. Qualquer pessoa podia chegar ali. Eram todos americanos, bem o sabia, embora fossem tão diferentes e vulgares que o faziam sentir-se a alma mais solitária do Mundo. Suspirava pelos seus colegas ingleses, ainda que estivesse afastado deles para sempre, porque não queria tornar a vê-los, para não ter de lhes confessar que a América era exactamente como eles diziam: uma terra cheia de gente vulgar.

Ergueu a cabeça com um resoluto e arrogante gesto que era quase inconsciente, mas não de todo, pois o tomara do capitão da equipa de «cricket» do ano anterior, um rapagão alto e loiro, cujo pai era sir Gregory Scott, cônsul-geral britânico. Ronald Scott era o que havia de mais esplêndido e intemerato. Por que não, se tinha tudo na vida?

Afinal, pensava William, a casa do seu avô era melhor do que algumas das outras casas da praia e tinha duas criadas. Sentiu-se um pouco melhor quando descobriu que a maioria das outras casas não tinha criados, se bem que na China as mulheres fossem unicamente amas de crianças. As duas criadas eram velhas e não conheciam as suas obrigações. Na primeira noite, deixara os sapatos do lado de fora da porta do quarto e na manhã seguinte ainda lá estavam, mas não engraxados.

-Quem é que engraxa os sapatos nesta casa? - perguntara à mãe.

Ela dirigira-lhe um curioso sorriso. - Nós mesmos - disse brandamente e sem explicações. Essa era outra coisa que o tornava solitário. Em Pequim, sempre podia contar com a mãe, mas ali nunca sabia com quem ela estava. Ficava do seu lado quando estavam sòzinhos, mas diante das outras pessoas não era assim. Quando deixara o chapéu e a capa no vestíbulo para a criada os recolher, sua mãe apanhara-os e fora pendurá-los no cabide. A avó mostrara-se severa. - William, não deixes tua mãe fazer as coisas em teu lugar!

-Oh, não tem importância - apressou-se a dizer sua mãe.

-Estás a estragar o menino, Helen - replicara a avó.

-Daqui a poucas semanas ele vai para o colégio, e então terá de se arranjar sòzinho. - Fora essa a fraca resposta que sua mãe tinha encontrado. Ele olhara altivamente para ambas e não dissera coisa alguma.

O dia, hoje, era límpido e frio como um dia de junho em Pequim, e o mar estava muito azul. Ele saíra de casa após o almoço e, vendo a praia cheia de gente, afastara-se para a outra parte de Old Harbour, a parte melhor. Não levava muitos dias para descobrir que era ali onde realmente vivia a gente rica. Grandes casas assentes em vastos relvados defrontavam largas e brancas praias quase desertas. Agora ia ali quase todos os dias, muito orgulhoso para fingir que pertencia àquele meio, mas ainda assim suspirando por saber o que faria ante um encontro ocasional.

Naquelas primeiras horas da tarde não se avistava ninguém. O Sol era forte, embora o ar estivesse fresco, e todos se achavam, supunha ele, no interior das suas grandes casas. Ia caminhando ao pé de um barranco e subitamente resolveu galgá-lo. A ascensão não era difícil. Mal a havia iniciado quando viu uma escada de madeira e foi tentado a utilizá-la. Seria degradante se o surpreendessem a penetrar em propriedade alheia, mas a sua curiosidade era grande. Resolveu a questão não usando os degraus e subindo pela encosta até

ao relvado. Também ali se viu sôzinho. Por um quarto de milha o terreno descia na direcção de uma colina, onde, meio oculta entre árvores, divisou uma vasta residência. A sua fantasia começou a trabalhar. Se seu avô morasse ali e ele pertencesse àquele meio, como lhe seria fácil orgulhar-se da sua terra!

Deitou-se de barriga no relvado, ocultando a face nas mãos. O Sol batia-lhe nas costas e ele sentia-se sufocado de desespero. Ansiava que passasse o Verão para deixar a família e ficar sôzinho no colégio. Mas como poderia ele ter êxito lá, visto que o avô não parecia ter a intenção de o ajudar com algum dinheiro? A mãe tinha indagado abertamente de seus pais se não poderiam auxiliá-lo, de modo que pudesse consagrar todo o tempo aos estudos, e o avô respondera: - Deixa o rapaz arranjar-se como puder. Será bom para ele.

A mãe havia-lhe contado isso com curiosa hesitação. - Suponho que de certo modo será bom para ti - disse ela pensativamente. - Mas, por outro lado, creio que não seria. Aqui o trabalho classifica a gente, como na China. Desejaria mandar-te para Groton.

-E porque não manda? -perguntou ele àasperamente.

-O dinheiro... - disse ela simplesmente. -Apenas o dinheiro. Tudo vem dar nisso.

-O avô não tem dinheiro?

-Parece que tem apenas o necessário para si mesmo.

Depois sua mãe acrescentou, numa de suas inexplicáveis mudanças :
-Porque digo isso? Ele está a sustentar-nos a todos nós. Quatro bocas. Semana após semana. Acho que é alguma coisa.

William desejava agora chorar, se não fosse demasiado altivo. Continuava deitado imóvel, ao Sol, com o corpo quente e o coração frio. O seu desengano tornava-se insuportável. De tudo o que tinha visto na sua pátria, nada era como ele esperava, nada, excepto aquele lugar onde grandes mansões defrontavam o mar, do alto das suas colinas verdes, mas nada daquilo lhe pertencia.

Eis senão quando ouviu uma voz

-Que fazes aqui, rapaz?

Ergueu a cabeça e viu um velho senhor apoiado a uma bengala. Um grande chapéu de pano castanho caía-lhe para a testa e usava um amplo casacão da mesma cor. A sua face era também escura, contrastando com o branco da barba e bigodes.

-Invadindo terreno alheio, receio eu, meu senhor.

William ergueu-se e manteve-se de pé. Procedia com a sua melhor maneira britânica, inspirada pelo reitor de Chefoo. - Não pude resistir à tentação de subir o barranco para ver o que havia aqui. Depois fiquei cansado e quis repousar um pouco.

-Gostas do que estás a ver?

- Muito!

Sentiu algo de aprovativo no ar do velho senhor e obrigou o seu olhar cinzento a encontrar-se com o duro olhar azul que o fitava. Depois sorriu, um leve e cauteloso sorriso.

O velho senhor afinal respondeu, rindo

-Pareces inglês!

-Não, senhor, não sou. Mas acabo de chegar da China. O velho senhor

pareceu interessado. -China? Ah! De que parte?

-De Pequim, senhor.

-Houve barulho por lá...

-Sim, senhor. Foi por isso que nós viemos todos... isto é, excepto meu pai... ele está no cerco.

O velho senhor sentou-se cuidadosamente num banco de pedra.

-É o diabo todos aqueles americanos encurralados lá! Os chineses precisam de tomar uma boa lição, tanto mais que sempre fomos decentes com eles... a política de Porta Aberta e assim por diante. Que faz teu pai em Pequim?

Era a pergunta que ele receava. Pensou por um momento em mentir, mas desistiu da ideia. -Espero que não ache isso estranho, senhor. É missionário... episcopal.

Queria explicar, mas não o conseguiu, que ser «episcopal» significa afinal de contas uma aristocracia cristã.

Desviou os olhos para se esquivar ao inevitável olhar de desgosto. Para espanto seu, o senhor mostrou-se cordial.

-Um missionário? Muito interessante! Nós somos cristãos-cientistas. Como se chama ele?

-Lane. William Lane.

Estava tão desconcertado com a aprovação como o ficaria com a desaprovação. Antes que tivesse tempo de se refazer, o velho senhor disse numa voz aguda e bondosa: - Então vamos chegando até casa. Minha mulher há-de gostar de te ver. Podes falar-lhe acerca de teu pai. Ela interessa-se pelos trabalhos no estrangeiro. Eu também, aliás.

Seguiu à frente de William, arquejando um pouco quando subiam o declive para a casa. Atrás dele, William caminhava graciosamente, quase perdido na sua excitação. Ia entrar naquela casa, toda fulgurante em sua branca beleza!

-Tenho um filho - dizia Mr. Cameron. -Não é tão forte como desejaríamos, e estamos aqui a prepará-lo para os exames de admissão em Harvard.

-Também vou para Harvard - disse William.

-Então Jeremias gostará de te falar.

Mr. Cameron parou diante de um pórtico branco e William foi obrigado também a fazê-lo, embora os seus pés o impelisses para a entrada. Os agudos olhos azuis de Mr. Cameron percorriam o mar e o céu e fixaram-se no horizonte.

-Não há tempestade à vista - murmurou.

Voltou-se abruptamente e entrou, pela porta aberta, num espaçoso vestíbulo, seguido de um corredor que atravessava a casa para se abrir de novo sobre jardins floridos.

-Não sei se está alguém em casa - murmurou de novo Mr. Cameron. Tocou uma campainha, aparecendo então um criado de uniforme, que lhe apanhou o casaco e o chapéu, lançou um rápido olhar a William e logo olhou para outro lado.

-Onde está Mrs. Cameron?

-No roseiral, senhor.

-Vá avisá-la de que trouxe alguém para a visitar. Jeremias está com ela?

-Sim, senhor.

- Perfeitamente.

O homem dirigiu-se silenciosamente para o fim do corredor e Mr. Cameron

disse a William:

-Nos jardins está sempre quente.

Seguiu adiante e William acompanhou-o. Os seus olhos conservavam-se erguidos e vislumbrou grandes salas frescas mobiladas de azul claro e cor-de-rosa. Cortinas cinzentas pendiam das janelas e havia vasos com flores. Ali estavam os seus sonhos. Ergueu a cabeça e sorriu. Se tais sonhos pudessem realizar-se, tê-los-ia algum dia para si mesmo.

A quentura do Sol sobre fragrantes flores impregnou o ar quando alcançaram as portas abertas. Sabia muito bem, pelo jardim da casa da missão em Pequim, que somente os jardineiros é que conseguiam a perfeição do que via agora. Canteiros tão belos como tapetes florais estendiam-se à sua frente. Um caminho de tijolos claros levava a um caramanchão, a um quarto de milha adiante, e o próprio caramanchão erguia os seus pilares de entre rosas. O criado emergiu lá de dentro e esperou respeitosamente enquanto Mr. Cameron se aproximava.

-Mrs. Cameron está aqui. Servirei chá dentro de meia hora, se quiser.

-Muito bem - replicou Mr. Cameron displicentemente. Penetraram na latada, e William viu uma elegante e bela mulher, cujos cabelos já começavam a branquear, e um rapazito.

Estava sentada junto a uma mesa, enchendo de rosas um grande açafate.

-Este rapaz é William Lane, minha querida - explicou Mr. Cameron.

- Achei-o deitado no alto do barranco e diz que acaba de chegar da China.

-Ali! Sim? - exclamou Mrs. Cameron. -Que interessante! -Ergueu uns grandes e suaves olhos azuis para o rosto de William.

-Sim, Mrs. Cameron, e estimo que isso lhe interesse.

-Este é Jeremias - apresentou Mr. Cameron. Os dois rapazes apertaram-se as mãos.

Mr. Cameron sentou-se. - Tenho uma filha, também. Onde está ela, querida?

-Candace? -Mrs. Cameron estava de novo ocupada com as rosas. - Foi à cidade comprar qualquer coisa. Pedi-lhe que esperasse, mas bem sabes como ela é.

Mr. Cameron não deu resposta. Olhou para o filho. - Bem, Jeremias, William vai também para Harvard. Coincidência, hem? Vocês devem travar relações.

Jeremias sorriu. A sua boca, descaída nos cantos, era suave e um tanto débil. - Eu estimaria... Mas a China! Não a achou apaixonante? Sente-se. Eu, se pudesse, levantava-me.

William sentou-se. -Não me parece uma coisa muito extraordinária, porque sempre vivi lá.

-E na América, não acha nada estranho? -Não aqui - disse William.

-Os chineses _gostam de flores, suponho... - disse Mrs. Cameron.

William reflectiu. -Na verdade não frequentei muito as casas dos chineses - respondeu. - Cresci num dos quarteirões murados dos estrangeiros, e minha mãe tinha medo que eu apanhasse alguma doença. Mas tínhamos crisântemos e lembro-me dos vasos de lírios que o nosso jardineiro costumava trazer antes do Ano Novo chinês.

Sentiu que estava a faltar um pouco à verdade e o seu ansioso instinto

obrigou-o à franqueza. -Creio que não sei grande coisa a respeito dos chineses, mas a gente não pensa muito quando está a crescer. Lá, a gente comum é um tanto suja, acho; e os outros, que estão agora fartos dos ocidentais, não queriam misturar-se connosco. Havia até perigo nisso... A Velha Imperatriz não favorecia as aproximações.

-Uma velha estúpida, pelo que ouvi dizer - exclamou de repente Mr. Cameron. - Tentava paralisar o comércio normal!

-Estimo que seus pais se tenham salvo - suspirou Mrs. Cameron. - Foi horrível o que li nos jornais! Tão chocante! Como se o que nós estávamos afazer não fosse para seu bem!

William foi impedido de replicar ao ouvir uma clara voz juvenil.

Uma linda jovem de cabelos louros vinha caminhando na sua direcção. Estava toda de branco e segurava uma raqueta de ténis a que estavam atados sapatos brancos. À entrada do caramanchão parou, com o Sol a bater-lhe e formando um nimbo em torno das suas encantadoras faces rosadas. Parecia-se com Jeremias e tinha a mesma boca suave, mas os lábios eram cheios e vermelhos.

-Olá! - disse ela em voz baixa.

-Entra - disse Jeremias. - Apresento-te William Lane. William, esta é a minha irmã Candy.

Ela cumprimentou com a cabeça e perguntou: - Joga ténis? -Sim, mas não tenho os meus apetrechos aqui. - Venha comigo, é o que não nos falta.

-Candace querida... talvez ele não queira... - começou Mrs. Cameron.

-Com todo o prazer - disse William.

Ergueu-se. Na verdade jogava ténis muito bem.

-Volte - disse Jeremias, com o seu sorriso melancólico.

-Volte - disse calorosamente Mrs. Cameron.

Mr. Cameron estava silencioso. Reclinado na almofada da cadeira, tinha fechado os olhos e adormecera.

Ao lado da jovem, William mantinha-se hirto e em silêncio. O seu instinto dizia-lhe que ela estava acostumada a muita conversa e galanteios. A seu ver, todas as americanas eram mimadas e petulantes. Até as criadas da casa do seu avô o irritavam com a sua independência. Na China uma amah não era uma mulher... era apenas uma criada.

Espero que você não se importe com o chão de cimento, - disse Candace, enquanto lhe dava sapatos de ténis e uma raqueta que tirara de um armário do vestíbulo. -Os nossos campos de ténis são terrivelmente antiquados, mas meu pai não os quer modificar. Gostaria de um relvado, mas isso não é nada fácil na praia. Meu pai, se quisesse, poderia fazer isso... mas não quer...

-Não, não me importo - disse William.

-Que idade tem você? - indagou Candace, fitando o seu belo perfil.

-Dezassete.

-E eu, dezasseis.

-Está numa Universidade?

-Não. Estou na escola por um ano, e depois serei apresentada à sociedade.

Ele tinha as mais vagas noções do que significava isso para uma jovem, mas, agora que sabia que era um ano mais velho do que ela, sentia-se mais à

vontade. - Em Nova York?

-Naturalmente... onde então?

-Pensei que talvez em Londres...

-Não, meu pai é terrivelmente americano. Devo ser apresentada na Corte de St. James, mais tarde. O antigo sócio de meu pai é embaixador americano lá.

-Conheço uma porção de ingleses na China. -Sim?

-Não gosto deles. São muito arrogantes, como se fossem donos do país. Os seus navios mercantes navegam pelas águas internas, e os seus navios de guerra, também... Se não fôssemos nós, teriam feito uma colônia de toda a China.

-Sim? Mas eles não fazem muito bem essas coisas?

-Não têm o direito de abocanhar tudo - respondeu William secamente.

Candace reflectiu um pouco. - Suponho que não, embora nunca tenha pensado sobre essas coisas. Temos estado muito na Inglaterra... Minha mãe, Jeremias e eu. Meu pai não tem tempo.

-Que faz o seu pai?

-Está nos Armazéns, e em Wall Street, o que significa que está em tudo.

Estavam agora nos campos de ténis, dois rectângulos divididos por redes de arame. Em redor havia cadeiras e grandes guarda-sóis. Mas por ali não se via ninguém.

-Está muito calor para jogar, por isso é que não há ninguém aqui - disse Candace displicentemente. -Daqui a duas horas estará repleto.

-Eu é que não posso ficar... - disse William rapidamente... -Porquê?

-Com roupa de praia e uma jaqueta?

-Não importa. Nós todos tomamos banho ao pôr-do-sol. Há dança à noite. Gosta de dançar?

-Sim.

Ele dançava mal, nunca tivera lições, e resolveu falar à sua mãe acerca disso. Antes de ir para Harvard, devia tomar algumas lições.

Estavam a jogar agora, e ele viu que dentro de poucos minutos a poderia vencer, não facilmente, mas certamente. Ela jogava bem para uma jovem, com o seu vulto branco a voar pelo campo oposto ao dele, embora atirasse a bola descuidadamente.

-Não sei como é que você pode rebater a bola ficando parado! -gritou-lhe ela afinal com alguma irritação.

-Realmente não estou parado - retorquiu. - Aprendi a não correr atrás da bola. O Sol era quente na China.

-Aqui também.

Ela largou a raqueta ao fim de uma hora e veio até à rede apertar-lhe formalmente as mãos.

-Muito bem. Por hoje basta. Você joga bem. Tenho de ir mudar de roupa. Vai chegar gente e estou encharcada. Pode deixar os sapatos e a raqueta aqui.

Ela não lhe pediu que ficasse para o chá, e ele retirou-se, profundamente magoado. - Adeus, então. É melhor que eu vá andando.

Ela acenou-lhe com a raqueta, sorriu e deixou que ele encontrasse por si mesmo o seu caminho. Não devia ter jogado tão magistralmente, pensou William. Para seu próprio bem, seria melhor que a deixasse ganhar. As raparigas americanas são mimadas. Depois ergueu a cabeça. Sempre jogaria da melhor

maneira e não se curvaria a ninguém.

Seguiu pelo vasto relvado, desceu os degraus e foi para casa, com a jaqueta no braço e o Sol a bater-lhe nas costas. A água brincava na areia e ele caminhava sobre as ondas rendilhadas. Entrou na casa do avô, com os pés cheios de areia e água. Millie, a mais modesta das criadas, apareceu com uma vassoura.

-Oh! Esses pés... - exclamou. -Justamente quando acabo de lavar! Olha, Willum, eu...

Estavam sozinhos e ele voltou-se para a criada com a fúria de um tigre novo. - Que pretende chamando-me Willum? --resmungou por entre os alvos dentes arreganhados. --Como se atreve? Você só tem modos de... selvagem!

Deixou-a abruptamente, sem se voltar para lhe ver a face transtornada pela mágoa e pela surpresa das suas palavras chocantes. No meio da escada ouviu abrir-se uma porta.

Pouco depois, a mãe batia-lhe à porta do quarto.

-Entre - disse ele negligentemente. Lavara-se e vestira roupa limpa, e sentara-se à sua mesa para escrever alguns versos.

-William, que disseste à Millie?

Ele girou na cadeira. - O que ela me disse era o que a senhora devia perguntar. Chamou-me Willum!

-Ora, William... Não fiques tão raivoso... Ela vem do Maine e todos...

-Não me importa de onde ela vem. Pode chamar-me Master William.

-Ela não chamaria ninguém dessa forma... -Então não precisava de me falar.

-William, não é fácil viver com todos nós nesta casa. As criadas não estão acostumadas com crianças. -Eu não sou uma criança.

-Eu sei, mas...

-Mãe, eu simplesmente não quero ser insultado pelos criados.

-Eu sei, querido, mas eles não são nossos criados. -Mas não deixam de ser criados.

A mãe sentou-se numa cadeira de balanço. -De certo modo, é relativamente mais fácil viver em Pequim, admito-o. Mas nós somos americanos, William, e deves acostumar-te a isso.

-Jamais me acostumarei a uma coisa dessas.

Através da aflição da mãe, William notava a admiração. Ela estava orgulhosa do seu génio, orgulhosa das suas maneiras, orgulhosa do seu orgulho. Embalou-se desanimadamente por alguns minutos e depois levantou-se. - Vou dar alguma coisa à Millie...

Saiu do quarto e ele ficou de novo a sós. Não estava a escrever versos para Candace. Não se sentia atraído por ela. Tentava escrever sobre a alma de um homem que descobria a sua própria terra, mas não pôde satisfazer o seu desejo pela pompa verbal. A sua poesia não era lá muito boa, e rasgou as folhas e atirou-as para o cesto dos papéis.

A granja de Pensilvânia era tão afastada do resto do Mundo como se estivesse numa ilha perdida no mar. Ninguém chegava e os moradores nunca saíam. As cinco crianças, a cujo número Clem agora pertencia, formavam um grupo humano, sólido, porque eram terrivelmente solitários e à mercê das duas

peessoas grandes, um homem e uma mulher, que eram cruéis.

Para Clem, a lembrança dos pais mortos e das duas meninas que tinham sido suas irmãs tornava-se vaga e distante. Havião sido assassinados por homens que nunca tinha visto, uma coisa tão inexplicável como um tufão nos mares do Sul. Mas ali, naquela encantadora terra, a crueldade era comum e constante. Não sabia como lhe escapar. O homem e a mulher, como ele sempre os chamava em pensamento, pois a sua língua recusava-se a chamar-lhes Pop e Mom, eram bestiais na sua crueldade, ralhando com as crianças e batendo-lhes por um nada. Assim, quando a vaca malhada tivera um novilho em vez de uma bezerra, Pop Berger empurrara Tim, berrando

-Sai da minha vista!

Tim recuou para escapar ao punho erguido do homem, mas este alcançou-o, e ele caiu contra o chão de pedra do estábulo.

Clem viu tudo e não disse nada. Os seus olhos observadores, o seu silêncio, a estranheza da sua inexplicável presença, tudo isso fazia com que os Berger o temessem. Ainda não lhe tinham batido. A sua habilidade no trabalho, a sua inteligência superior a qualquer outro, não lhes dava pretexto, e, embora não necessitassem de pretexto com as outras crianças, com ele ainda procuravam algum.

Erguia-se de madrugada e ia lavar-se no riacho atrás da casa, e depois ia ordenhar as vacas. Não conseguia tomar leite, por mais fome que tivesse, e estava sempre com fome. O quente cheiro animal do leite embrulhava-lhe o estômago, o contacto das tetas nas suas mãos enojava-o. Mas ele juntava a mínima sobra e aprendeu a tirar a última gota de uma vaca, o bastante para que se animasse a dar em segredo uma caneca cheia a cada uma das crianças. Escondia a caneca atrás de uma pedra solta do muro do estábulo. As crianças aprenderam a aproximar-se uma por uma logo que ele começava a ordenhar, antes que Pop se levantasse. A caneca de leite fresco sustentava os seus delgados estômagos até que chegasse a hora das papas de milho. E o dia continuava em seu árduo labor, com o pensamento de todos eles sempre a girar em torno da comida.

Clem, até então pálido e franzino, começou subitamente a desenvolver-se. Os seus ossos ampliavam-se e ele vivia obcecado com a fome. Não roubaria àqueles estranhos, entre os quais viera cair, e vivia esfomeado. Sonhava com comida, fumegantes tigelas de arroz, peixe defumado, verduras. Na China, Deus dera-lhes alimento e haviam comido. Mas a sua fome não o levava a rezar a Deus para conseguir comida, como seu pai o fizera. Seu pai recorria a outra gente, que o atendia. Ali, não havia gente assim, que ele conhecesse. Não lhe ocorria que Deus pudesse manifestar-se através de gente como os Berger.

Causavam-lhe estupefacção aquelas criaturas entre as quais se achava. Quem eram eles? Onde estavam aqueles com quem eram relacionados? Ninguém se aproximava da granja, nem amigos nem parentes. Na China, todas as pessoas tinham parentes, um clã a que pertenciam. Aqueles, o homem e a mulher maus, e as desoladas crianças não pertenciam a coisa alguma. Clem não comunicava com eles, eles não lhe diziam nada, não falavam uns com os outros, a não ser as poucas palavras referentes ao trabalho ou à alimentação. O silêncio naquela casa era o dos animais. Nada suavizava a irremediável dureza dos dias, não havia

nenhuma mudança, excepto a mudança do dia e da noite.

Mas enquanto passavam os dias, Clem sentia que devia escapar. Aquilo era uma rede em que caíra, uma armadilha de que não suspeitara. Devia simplesmente deixar aquilo. O que quer que houvesse do outro lado não poderia ser pior. As pobres crianças jamais tinham sonhado em fugir, ao que parecia, mas não tinham sonhos de espécie alguma, como veio a descobrir. As suas esperanças não iam além de roubar alguma coisa para comer quando Mom Berger estava distraído, ou parar de trabalhar quando Pop estava de costas. Eram ignorantes e, como ele próprio verificou, igualmente depravados. Quando descobriu essa depravação, entristeceu-se. Seus pais tinham sido gente de coração puro, e deles herdara o amor da pureza. Embora tivesse visto uma simples naturalidade no comportamento dos homens em Pequim, este era puro. O nascimento era puro e as relações entre homem e mulher eram decentes. Não havia nada a esse respeito que ele não soubesse, como conhecia a própria vida. Mas o que encontrou ali foi indecência, o furtivo contacto de rapazes e garotas que eram animais.

Pop sorriu ao descobri-lo, mas Mom Berger pôs-se a berrar palavrões.

Ela era uma mulher robusta, com o pescoço da largura da cabeça, a cintura da largura dos ombros, os tornozelos da largura das pernas. Usava um informe vestido sem cinto, como se fosse uma grande fronha. A não ser às vezes, quando ia à cidade com Pop, andava sempre descalça. Clem nunca tinha visto até ali os pés de uma mulher. As mulheres chinesas sempre usavam sapatos nos seus pezinhos enfaixados e sua mãe usava sapatos e meias. Na China, mostrar os pés era uma desonra para uma mulher. E assim devia ser, pensava Clem, evitando olhar para as pesadas patas com que se movia Mom Berger.

Nos primeiros dias, tinha vivido em completo silêncio junto das crianças. Não havia tempo para falar, por mais bem disposto que estivesse. Pop fê-lo subir a um quarto sujo onde havia uma grande cama, uma cadeira quebrada e alguns cabides. Dos cabides pendiam umas pobres roupas esfarrapadas. Pop coçou a cabeça, olhando o quarto: - Bem, essa cama não aguenta - resmungou. -Precisamos de arranjar qualquer coisa para ti. Vou falar com Mom.

Desceu a estreita escada de caracol e deixou Clem sozinho. Aquele era, pois, o seu regresso. Encaminhou-se para uma das janelas, profundamente embutida na pesada parede de pedra, e olhou para a bela paisagem lá fora. Longas e baixas colinas estendiam-se até ao horizonte, com luxuriantes campos entre elas. Nunca tinha visto aquelas árvores, mas vira muito poucas árvores: a China Setentrional era despida de vegetação, excepto alguns salgueiros e tamareiras na aldeia. Aquela era uma terra feita para sonhos, mas ele bem sabia que os sonhos que se trouxessem para aquela casa logo morreriam. Tentava imaginar seu pai, quando menino, talvez naquele mesmo quarto, ouvindo a chamada de Deus para um país remoto. Oh! Se seu pai não tivesse ouvido a voz de Deus, ele, Clem, bem poderia ter nascido ali e aquela casa seria sua. Agora nada adiantava pensar nisso.

Ouviu pesados passos na escada e a grossa voz de Mom Berger a chamá-lo.

-Vem cá ajudar-me, garoto!

Foi até à escada e viu uma vermelha face a fitá-lo por sobre uma braçada

de suja roupa de cama e um velho colchão.

-Eu vou dormir nisto? -perguntou.

-Que mais queres? Ainda te deves dar por muito feliz! Arranja-te!

Ela jogou com tudo aquilo ao chão e desceu novamente a escada. Ele apanhou o colchão e estendeu-o, procurando o ponto mais limpo para dormir. Deveria dormir vestido até que pudesse escapar-se, pois naturalmente ir-se-ia embora no dia seguinte ou no outro, logo que descobrisse o nome de uma cidade ou de uma granja decente.

Mas não o fez. A miséria das cinco crianças como que o prendeu. Não tinha família e, num estranho raciocínio, achou que elas estavam a seu cargo. Iria, sim, mas somente quando as houvesse ajudado, ou encontrado os seus parentes, ou algum bom homem a quem contasse a sua situação. A sua perambulação, a sua solidão, haviam-lhe dado confiança em si próprio. Ele próprio não tinha medo, mas se as deixasse como estavam, jamais as poderia esquecer.

No silêncio daquele primeiro dia, arranjou o seu leito e pôs a mala de cadeado à sua cabeceira. Colocou na mala a roupa boa e vestiu o macaco azul. Depois desceu as escadas.

A grande cozinha fazia as vezes de sala de estar. Mom Berger cozinhava qualquer coisa numa pesada panela de ferro, que mexia com uma longa colher.

-Pop diz que deves ir para aquele campo - disse ela, acenando com a cabeça para a porta aberta. -Estão a cortar feno.

Ele saiu para um campo, onde viu todos a trabalhar à distância. O Sol estava quente, mas não como o de Pequim, e parecia-lhe apenas agradável. O cheiro da relva e das árvores chegava-lhe às narinas, rica e verde fragrância da terra. O que era feno? Nunca o tinha visto. Quando chegou perto, viu que era apenas capim, como o que os chineses cortavam nas colinas para combustível.

Esperou um momento até que Pop Berger o avistou. -Eh, vai ajudar Tim, ali!

Clem encaminhou-se para o rapazinho de cabelos amarelos. -Você tem de me indicar como é. Eu nunca cortei feno.

-De onde vens tu? - replicou Tim, sem esperar resposta. -Não estás a ver?!

Clem não respondeu. Viu as fortes garras de Tim empunharem um grande forcado e amontoar feno sobre uma carroça puxada por dois grandes cavalos. Parecia fácil, mas era pesado. No entanto, continuou a trabalhar activamente até ao pôr-do-sol.

E assim daquele dia em diante a sua vida continuou.. O trabalho mudava de um para outro local, mas as horas eram as mesmas, de Sol a Sol, para todos eles. As raparigas trabalhavam em casa, com a mulher.

Descobriu que os rapazes esperavam uma visita, cada vez mais próxima, e a que chamavam Auxílio. O que era esse Auxílio, ele não podia adivinhar. Interrogou Tim, o mais velho e mais esperto dos rapazes. Com as raparigas não falava. Sentia nelas um terror tão profundo, uma timidez tão grande que achava que saíam a correr se as chamasse pelos seus nomes, Mamie ou Jen.

-Auxílio? - repetiu Tim estupidamente. - Auxílio é... Auxílio. É uma mulher.

-Porque a chamam Auxílio?

Tim pensou um minuto.

-Não sei.
-Ela auxilia vocês?
-Não. Ela conversa com Pop e Mom. - Que diz ela?
-Pergunta coisas...
-Que coisas?
-Quer saber se trabalhamos bem... se os rapazes moram separados das raparigas... coisas assim. -Tim sorriu. Eles adulam a velha.
-Porque não lhe contam?
-Contar o quê?
-Que vocês não têm comida suficiente... que eles batem em vocês...
-Nós somos apenas crianças do Auxílio. -Que é isso? - começou Clem.
-Não temos parentes.
-Quer dizer que vocês não sabem onde estão os seus parentes? Tim sacudiu a cabeça.
-Estão mortos? -perguntou Clem.
-Bump nunca teve nenhum - disse o outro, ao avistar Bump. Bump era o segundo garoto, que trazia agora o carrinho de mão para o encher de estrume.
-Bump, não tens nenhum parente? - perguntou Clem. -Como?
-Tios e tias e primos.
-Nunca tive - disse Bump. Estava a colocar no carrinho o estrume que Clem amontoara.
-Nunca ninguém veio visitar vocês?
-Ninguém sabe que estamos aqui, a não ser que o Auxílio o conte.
-Então porque é que vocês todos querem que essa mulher venha?
-Porque Mom nos dá um bom almoço - explicou Tim.
Clem largou o forcado. - Se vocês disserem à mulher do Auxílio como são tratados, talvez ela os coloque noutra parte.
Houve um silêncio. Depois Tim falou:
-Nós estamos acostumados aqui. E aqui sempre estivemos juntos. Talvez Bump seja mandado para outro lugar, e nós estamos acostumados com Mamie e Jen, também. Elas têm medo de se ir embora. Eu prometi que nunca diria nada.
Clem percebeu naquilo uma profunda sensibilidade. Aquelas crianças órfãs e sem lar tinham constituído uma espécie de família por sua própria conta. Dentro da cruel estreiteza das circunstâncias, haviam assumido uns para com os outros a rude intimidade do parentesco. Tim, por ser o mais velho, era uma espécie de pai, e os outros dependiam dele. Mamie, a mais velha das meninas, tão sem vida, tão quieta, era no entanto uma espécie de mãe. Enquanto passavam os dias, percebia-se que era a forma como se haviam arranjado, mesmo na depravação. O homem e a mulher estavam fora da sua vida, tão indesejáveis como demónios. Sofriam sob a sua opressão, e ficavam em silêncio, e assim o podiam fazer porque tinham no seu grupo quem fazia as vezes de pai e mãe, de irmão e irmã. Com a família que tinham improvisado, haviam ultrapassado a sua miséria e preferiam qualquer coisa à separação.
Clem não fez mais perguntas e o seu coração desistiu de julgar. Alguma coisa parecida com o amor começou a crescer dentro de si para com aquelas crianças. Espantava-se como poderia haver-se encontrado com elas e perguntava a si mesmo se o aceitariam como um dos seus. Mantivera-se afastado por causa

da porcaria delas, porque sempre andavam com piolhos e feridas. Tencionara deixá-las o mais cedo que pudesse. Mas, à medida que as semanas passavam, compreendia que não as poderia abandonar... por enquanto. Eram tudo o que ele possuía.

Reflectia sobre a solidão delas. Na China todos se conservavam no seio das suas famílias, não havia crianças solitárias, excepto, talvez, nas épocas de fome ou de guerra, em que todos podiam morrer. Se os pais morressem de alguma catástrofe, havia sempre tios e tias, e, se estes morressem, havia então os primos em primeiro grau, e, se estes morriam, havia primos-segundos, terceiros, e assim por diante, todos do mesmo nome, e as crianças ficavam abrigadas e conservadas dentro do círculo do nome de família. Mas aquelas crianças não tinham nome de família. Ele havia perguntado a Tim, e este respondera, após o seu habitual momento de reflexão: - Está escrito no livro da Auxílio.

-Mas qual é o teu sobrenome - insistira Clem.

-Eu... esqueci-me... - disse Tim afinal.

À medida que se aproximava o dia em que deveria chegar a Auxílio, Mom Berger tornava-se mais irritável. - Quero esta casa bem limpa - disse ela certa manhã na cozinha, enquanto as crianças estavam a comer o seu pão e a beber o café fraco e sem açúcar. - A Auxílio estará aqui na terça-feira. Vocês todos devem andar bem limpos. Roupas e tudo.

Desde aquele dia não houve paz na casa ou no estábulo. Até o estábulo tiveram de limpar.

-Essa mulher do Auxílio - resmungou Pop - nunca se dá por satisfeita. Até vem ver as vacas. Vou dizer-lhe que necessito de mais ajuda. Para conservar isto limpo, tenho de arranjar outro rapaz.

-Quantas vezes vem ela? - indagou Clem.

-Pela lei, deve vir de três em três meses. Mas só vem uma ou duas vezes por ano. Mas sempre nos avisa antes de chegar. Recebi um cartão seu há coisa de um mês.

No dia anterior, eles tomaram banho um após outro numa tina, com sabão feito em casa.

-Não estás muito sujo, Clem - disse Tim com alguma admiração, olhando para o esguio corpo do outro.

-Lavo-me no riacho - replicou Clem.

-E quando chegar o Inverno?

-Usarei gelo... se ainda estiver aqui.

A estas palavras todos eles lançaram um olhar para a porta. Tim sussurrou, com os olhos ainda pregados no trinco: - Mas tu não vais deixar-nos, pois não?

Bump parou de esfregar as suas míseras costelas. - Clem, tu não vais deixar-me!

-Eu não pertenço a isto - respondeu Clem simplesmente.

-Tu pertence-nos - replicou Tim.

-Ah! Como? -Clem compreendeu que se manifestara um cáldo sentimento na profunda desolação do silêncio.

Trémulo e nu, Tim mergulhara numa das suas longas pausas. Os ossos dos seus ombros eram cavernosos e, entre os pontiagudos ilíacos, a barriga era uma cavidade. Desmaiados pêlos de puberdade brotavam-lhe no peito e na pélvis.

- Também não tens ninguém.

-É verdade -reconheceu Clem.

Tim fez um grande esforço de imaginação. -Sabes uma coisa? -O que é?

-Se ficássemos aqui todos, vivendo a nossa vida, poderias ser o chefe... como se fosses o nosso pai.

Os punhos da mulher bateram à porta. - Acabem com isso, rapazes. As raparigas vão lavar-se.

Todos se apressaram, menos Clem. Despejou sobre o corpo um balde de água fria, limpando-se assim da água em que os outros se tinham lavado.

-Talvez fique - disse ele a si mesmo. - Talvez seja melhor que eu fique.

À noite, na cama mais limpa em que havia dormido desde que chegara, pôs-se a pensar na sua estranha família. Recordou os corpos nus dos rapazes como os vira naquele dia, as costelas como arcos de barris, os espinhaços salientes como cordas, os pescoços arqueados, as pernas finas. A comida era a coisa mais preciosa do Mundo. Sem comida, ninguém podia ser humano. Eles não poderiam pensar, nem sentir, nem crescer, ou, se crescessem, desenvolver-se-iam como coisas míseras, doentias. O alimento deveria ser gratuito, de modo que quando alguém estivesse com fome, era só caminhar até não muito longe e comer. O alimento deveria ser tão gratuito como o ar que a gente respira.

Pôs-se a pensar em si mesmo já crescido e como homem feito, rico e independente. Quando ficasse rico, procuraria um meio de fazer com que não faltasse alimento a ninguém. - Eu não quero viver na dependência de Deus, como meu pai fazia - pensou.

A Auxílio chegou justamente antes do meio-dia. Tinham estado à sua espera durante toda uma infundável manhã. O celeiro estava limpo, a casa igualmente. Tudo o que não pudera ser lavado fora escondido até que ela se fosse embora. As raparigas estavam com vestidos quase novos que Clem nunca as vira usar até ali. Tinham calçado sapatos e meias pela primeira vez. Pop tinha envergado a sua melhor roupa, mas tirara o casaco, para que não parecesse que não trabalhava.

-Vista-o quando se sentar à mesa - ordenou Mom.

-Não precisa de me ensinar as boas maneiras - retorquiu Pop.

Ela mantinha-se sentada todo o tempo porque também estava de sapatos e meias, e os pés doíam-lhe. As raparigas tinham de lhe levar as coisas de que precisava. Vestia uma roupa cinzenta de algodão que estava quase limpa. Clem pusera o traje que havia comprado no alfaiate. Sentaram-se na cozinha, aspirando o cheiro quente da comida, com os estômagos a doer de fome.

-Lá vem ela! -gritou Pop de repente.

Todos olharam pela porta aberta. Clem viu uma mulherzinha magra e de preto descendo de uma aranha que ela mesma guiava. Amarrou o cavalo ao portão e penetrou no pátio, carregando uma sovada bolsa preta. Pop apressou-se a ir ao seu encontro e Mom ergueu-se, apesar de ter os pés doridos.

-Ora veja! - gritou ela. - Na verdade não sabíamos quando a senhora chegaria e acabamos de terminar o nosso trabalho. íamos almoçar agora mesmo. Teria preparado um frango, se soubesse que a senhora vinha. Temos apenas

porco, verduras e batatas.

-Ótimo! - exclamou a mulher. Tinha uma voz aguda, mas não sem bondade, e estava parada à soleira da porta a olhar para eles. - Bem, como vão todos?

-Muito bem - disse Mom Berger. - As crianças parecem um pouco fracas por causa de um resfriado de Verão. Gostam de brincar descalças no arroio e repugna-me proibir-lhes esse divertimento. A senhora bem sabe o que são crianças. Venha sentar-se, enquanto acabo de pôr a mesa.

-Foi um Verão muito quente - suspirou a Auxílio. Sentou-se e tirou o seu velho chapéu preto. - Pelo que vejo, eles estão a crescer...

-É mais um motivo da sua magreza - observou Mom Berger. -Procuro alimentá-los bem, mas eles não engordam mais do que eu. O seu apetite é bom, também. A senhora vai ver como eles comem. Mas não os invejo.

-Certamente que não - disse a Auxílio distraidamente. Ela estava a mexer nos papéis que trazia na sua bolsa. -Acho melhor começar já a inspecção. Tenho de partir logo depois do almoço. A zona sob a minha fiscalização é demasiado grande para uma só pessoa. Vejamos, a senhora tem cinco crianças. Mas como?! O livro assinala quatro!

-É Clem, um novo rapaz - começou Pop apressadamente. -Apareceu um dia por aqui e eu fiquei com ele, porque não tinha para onde ir. Já lhe ia dizer isso.

A Auxílio ficou súbitamente carrancuda.

-Rapaz, de onde vieste? - perguntou ela.

-Do Oeste - respondeu Clem. Estava de pé, como as outras crianças. Não tinha dito a nenhum deles que viera da China. Não sabiam da existência da China e não adiantava explicar-lhes coisa alguma.

-Não podes ter chegado assim sem mais nem menos - declarou a Auxílio. A indignação fuzilava nos seus pequeninos olhos negros. -Devias ter ficado onde estavas. O Estado não pode encarregar-se dos casos de caridade dos outros Estados. Isso vai causar-me muita maçada.

-Pensava que meu avô ainda estivesse vivo - disse Clem. -Ele morava aqui.

-O velho Charley Miller - explicou Pop. - Enforcou-se quando ia ser xerife.

A Auxílio olhou para Clem -És neto dele?

-Sim.

-Diz «sim, senhora»-emendou a mulher àsperamente. -Onde estão os teus papéis?

-Não tenho nenhum.

-Ele é mesmo neto de Charley - apressou-se Pop a dizer. - É a cara do velho, e os olhos são da mesma cor. Garanto-o por ele.

-Não sei o que hei-de fazer - suspirou a Auxílio. Tinha uma comprida face pálida e uma pequenina boca enrugada. Por detrás dos óculos, os seus olhos ficaram sem expressão, depois de passado o breve assomo de cólera. Não tinha aliança no dedo. Nunca se casara e estava farta dos filhos dos outros.

-Porque não marca cinco? - sugeriu Pop. -Isso livrá-la-á de incómodos.

-Sim, eu poderia fazer isso - disse ela, pensativa. -Morreu uma das crianças da última casa que visitei. Poderia transferir o dinheiro daquele menino para este.

-Sim, desta maneira pouparia incómodos - insistiu Pop.

E assim foi feito. Clem tomou o lugar do garoto falecido.

Sentaram-se todos à mesa, onde havia uma grande travessa com carne de porco e verduras e batatas, e pratos com várias qualidades de conservas. Havia também tortas de maçã, e as crianças serviram-se do leite de uma jarra, com exceção de Clem, que só tomava água.

-Deves tomar leite, meu rapaz - disse a Auxílio. -Por isso é que é tão bom que as crianças morem no campo. -Não gosto de leite - respondeu Clem.

-Dize «senhora» - lembrou-lhe a Auxílio. - Não importa que gostes ou não. A senhora deve obrigá-lo a tomar leite, Mrs. Berger.

-Assim farei - prometeu Mom.

Não havia tempo para conversa. À mesa havia apenas tempo para comer. As crianças comeram até não poder mais.

-Compreendo o que quer dizer - observou a Auxílio. - Nessa idade, nada lhes chega.

-Faço o possível - disse Mom.

Terminado o almoço, a Auxílio ergueu-se e pôs o chapéu. -Parecem-me muito bem - disse ela. - Terei muito prazer em recomendar o nome dos senhores à directoria. Creio desnecessário ir até lá acima. Visitarei o estábulo de passagem, Mr. Berger... As crianças tem mesmo muita sorte... Estão melhor do que se estivessem em suas próprias casas... O que é que há?

Alguns murmúrios provindos de Tim fizeram-na parar à porta. Ele olhava desesperadamente para Clem.

-Tim deseja saber qual é o seu sobrenome - respondeu Clem pelo amigo.

Os olhos vazios da Auxílio iluminaram-se súbitamente e ela encaminhou-se para Clem. - Dize «senhora» quando falares comigo.

Clem não respondeu, e Pop interveio, rápido: - Eu o ensinarei antes de a senhora voltar cá outra vez.

-Assim o espero - disse a Auxílio, cheia de indignação. Esqueceu a pergunta de Clem e dirigiu-se rapidamente para o estábulo.

A consciência no íntimo de Clem era tão concreta e pura como um diamante. Crescera juntamente com ele e agora tinha facetas que lhe eram estranhas. Iniciada que fora pela fé demasiado simples de seu pai, ganhara um acréscimo, não de fé, mas de dúvida, mesclada de sofrimento, compaixão e amor, primeiro por seu pai, mãe e irmãs quando tinham fome, e agora, após a sua morte, compaixão pelos famintos, onde quer que os encontrasse. Ele, também, estava ali, esfomeado, na granja de seu falecido avô, mas a sua fome apenas intensificava e tornava mais pesada a sua consciência. Se estava faminto, o que não aconteceria com os outros, aquelas crianças? Pois percebia que Tim, embora mais velho e algumas polegadas mais alto do que ele, era e seria sempre apenas uma criança. Outros deveriam alimentá-lo enquanto vivesse e sempre estaria à mercê de qualquer homem de mediana inteligência. Mamie, também, era meiga e dócil, e Jen era uma rapariga medrosa, sempre a tremer dos terrores passados e com os terrores que viriam. Bump era estúpido e silencioso e seguia Clem como um cachorro. À noite, com muda obstinação, insistia em dormir ao lado de Clem.

Quem poderia saber o que ia no íntimo de cada um deles? Viviam obcecados pela fome. Não se atreviam a roubar o pão da despensa ou os restos deixados no armário, mas roubavam do cachorro. Mom amontoava os restos das

panelas e os ossos numa grande tijela de latão que punha do lado de fora da porta. Um dia, quando vinha inesperadamente do celeiro, Clem encontrou as quatro crianças à espera da comida do cão para comerem à farta. Não se atreviam a arrebatá-la do animal, com medo de que ele rosnasse e Mom Berger pudesse ouvir. Mas usavam de astúcia. Bump, a quem o cão era muito afeiçoado, acariciava-o em silêncio, procurando afastar a sua atenção do prato. Quando o cão erguia a cabeça e sacudia a cauda, Tim e Mamie arrebatavam mancheias dos seus restos. Ao ver os olhos de Clem fixos neles, recuaram tremendo, como se estivessem na presença de Pop Berger. Isso fez com que a sua consciência ardesse na cintilante chama que tão bem conhecia, uma chama ao mesmo tempo fria e consumidora. Não amava aquelas crianças maltrapilhas, repugnava-lhe a sua sujidade e a sua ignorância. A linguagem que elas falavam parecia-lhe o indistinto grunhir com que se comunicavam os animais. Contudo, não mereciam arrebatá-las de fome.

Vendo-os com a comida do cão apertada nas mãos, fitando-o com os olhos esgazeados de medo, deu uma volta e regressou ao estábulo. Ali sentou-se de novo a descascar os grãos. Pop Berger dormia em cima de um monte de feno. Pensando no trabalho por fazer, Pop bocejara profundamente após o almoço.

-Acho que podes terminar perfeitamente o trabalho - dissera ele, enquanto se refestelava sobre o feno. Uma hora após, Clem levantara-se para ir até casa beber água. O porco e os legumes que haviam comido estavam muito salgados, mas agora havia esquecido a sua sede. O seu espírito ardia na decisão de fugir.

- Das trinta e seis maneiras de fugir - dissera uma vez Mr. Fong a Clem-a melhor é correr para a frente. - Era um velho ditado chinês, que, agora, aflorava ao espírito de Clem. Em muitos sentidos, Clem era mais chinês do que ele próprio suspeitava. A velha sabedoria do povo que de há muito havia aprendido o que era essencial, insinuava-se-lhe no espírito desde que começara a ter entendimento. Corajoso como era, sabia que a principal sabedoria de um verdadeiro sábio consiste em conservar-se vivo e, portanto, alerta. Só os mortos se calam, só os mortos estão ao desamparo.

A consciência de seu pai era a sua herança, sim, e também a do seu avô. Às vezes Clem ia sôzinho ao estábulo e ficava a olhar para a viga que Pop lhe tinha mostrado um dia.

-Foi ali que ele se enforcou.

-E porque fez isso?

-Coração mole - respondera Pop em tom de acusação. Mais tarde acrescentara pormenores. -O velho usara uma corda nova que tinha comprado uns dias antes para atar um bezerro. Tinha umas esquisitas ideias de que, se entrassem homens bons para o governo, poderiam endireitar as coisas. Ele não queria o cargo de xerife, mas o chefe político disse-lhe que o deveria conservar a bem do próprio partido. A primeira coisa que o velho tinha a fazer era executar a hipoteca daquela granja. - E Pop apontara pela porta aberta. - Pois bem, ele tinha o coração mole, como já disse. Declarou que preferia morrer. Ninguém o levou a sério. No dia seguinte encontraram-no enforcado aqui.

Clem não respondeu. Pop Berger jamais compreenderia a única resposta que ele poderia dar. Naturalmente seu avô preferira a morte. Tinha sido a sua maneira de escapar a um intolerável dever. Pensava muito em seu avô,

procurando por tudo os menores sinais de um consciencioso, cuidadoso e bom ancião. Os estábulos das vacas, por exemplo, eram maiores dos que os usuais. Em cada um havia espaço suficiente para uma vaca se deitar a todo o comprimento. Pop arrebelava-se com aquele desperdício de espaço. Havia fora um bebedouro que dava para os cavalos se dessedentarem todos ao mesmo tempo; a água vinha da parede por um cano, de modo que estava sempre fresca. Na casa, o degrau entre a sala de estar e a cozinha fora retirado e transformado num suave declive. Era porque sua avó tinha ficado cega na velhice, explicara-lhe Pop Berger.

Herdeiro da consciência de seus pais, Clem não poderia ficar insensibilizado com as misérias da sua vida actual, mas sentia um constante mal-estar, um remorso por pecados de que não tinha a culpa. Tentava agora abrandar superficialmente essa inquietação ajudando as crianças a conseguir mais alimento. Não era nada fácil e, depois de alguma luta consigo mesmo, resolveu, lembrando o prato do cão, recorrer ao furto.

Depois de a mulher do Auxílio ter partido, para só voltar dali a muitos meses, um ano talvez, ficou indignado ao ver como o homem e a mulher voltavam instantâneamente à sua inconsciente crueldade. A carne foi retirada e o leite agüado. Mas não se atreveu a queixar-se. Ele, também, estava agora em poder daqueles dois, e, se se dessem conta da sua coragem, poderiam prevenir a fuga que planeava. A sua infância chinesa ensinara-lhe a nunca se descuidar, nem mesmo quando encolerizado, pois a cólera não é arma. A cólera pode dar energia ao espírito, mas somente quando este está encorajado e controlado. Engoliu, pois, a sua cólera e, tendo-se decidido a furtar, usou de toda a sua astúcia. Roubava tão hábilmente a comida que o homem pensava que a mulher tinha comido alguns restos, e a mulher pensava que o homem tinha feito o mesmo. Nenhum dos dois acreditava no outro, e punham-se a discutir, enquanto as caras impassíveis dos rapazes não diziam nada. Era um consolo para Clem pensar que dentro do delgado estômago de Tim havia um bom pedaço de assado ou uma fatia de presunto e que Jen comeria pão com manteiga. Apesar de ser o autor dos furtos, não guardava nada para si mesmo. À mesa tinha coragem bastante para comer mais do que os outros rapazes e, como trabalhava bem e parecia obediente, Pop dava-lhe mais do que devia. Quanto ao leite, Clem roubava-o sem necessitar de muita cautela. No campo, ocultos por uma colina, as crianças aprenderam a vir ao seu encontro entre as refeições, e ele retirava uma caneca debaixo de uma pedra e ia-a enchendo, tirando um pouco de cada vaca. Cada criança conseguia assim, duas vezes por dia, uma caneca cheia de puro leite, ainda quentinho do calor da vaca. Quando ficassem bastante fortes, fugiriam juntos. Devia ser antes da chegada do Inverno.

Ao chegar o Outono, supôs que todos iriam à escola. Tim havia-lhe dito que a lei determinava que todas as crianças deviam frequentar a escola gratuita, e até Pop tinha de obedecer à lei. Neste caso, pensava Clem, seria fácil fugir. Seria um dia, no caminho de volta, antes que a noite viesse e antes que Pop, ao ver que eles não regressavam, pudesse dar parte da sua fuga.

Mas não havia contado com a esperteza de Pop. Pop disse, um dia, no estábulo: «Não precisam de te chamar para a escola, Clem. És muito grande».

Clem ergueu a cabeça: -Quero ir para a escola. Pop soltou uma risadinha:

-Ah sim? Ninguém sabe que estás aqui.

Clem ficou em silêncio, e a olhar. Um terrível sentimento abria caminho no seu cérebro.

-Estás a ver? - disse Pop. Ele estava recostado contra um estábulo a palitar os dentes depois do almoço. - Apareceste por aqui sem mais nem menos, não foi? Pelo que vejo, não és de parte alguma. O Serviço Escolar nem ao menos sabe que existes.

-Eu lhes direi.

-Pois experimenta!

Clem não respondeu, continuando a cortar o feno, enquanto a sua mente trabalhava celere. Aquela era a razão final por que teria de se ir embora de vez. Não podia esperar mais tempo. Crescer na ignorância e na solidão era mais do que poderia suportar. Tinha pensado vagamente em achar alguém que o ajudasse, professores a quem pudesse contar a miséria daquelas crianças. Mas talvez Pop o tivesse previsto, também.

-Não nos animamos a contar nada ao professor - disse Mamie certa vez.

-Pop disse que nos matava se contássemos. E ele quando diz que mata, mata mesmo.

-É a pura verdade - concordara Tim.

-E então-estava Pop a perguntar-lhe agora, - não lhes vais contar nada?

-Não - respondeu Clem. - Afinal de contas, eu nunca estive na escola...

Estava com o rosto voltado para o outro lado, e Pop, que apenas viu o seu corpo curvado sobre o trabalho, retirou-se para casa.

Mas Clem, cuja paciência provinha da longa resistência dos que só haviam conhecido sofrimentos, chegara súbitamente a uma decisão. Fugiria no sábado, quando o homem e a mulher fossem à cidade fazer compras no mercado. Tinha de abandonar aquela profanada casa dos seus antepassados e levar as crianças consigo, para seu próprio descanso, pois, sem ele, os outros morreriam de fome. Mais cedo ou mais tarde, cairiam doentes um por um e, então morreriam, porque já estavam meio mortos, com seus frágeis corpos a lutar por viver, mesmo quando não se achavam doentes. Aonde iria, não sabia, nem o que faria com eles. E mesmo que encontrasse trabalho, como ganhar o suficiente para os alimentar?

Recordava os dias em Pequim como um doce que não apreciara bastante para o saborear enquanto o tinha na boca. Recordava a aprazível loja de Mr. Fong, o agradável calor das salas do fundo, onde se sentava à mesa quadrada, leccionando Yusan. Era uma casa hospitaleira - as suas pálpebras tremiam quando pensava nela. Em seus próprios pais não queria ele pensar. Recordava-os, não já como eram quando vivos, mas somente como os tinha visto mortos, e esta lembrança não a podia suportar e afastava-a para tão longe que ela se tornava indistinta, apagada, nula. Nem, sequer, podia lembrar os seus rostos. O de Mrs. Fong via-o claramente, sempre enrugado de sorrisos, como quando ela lhes trazia bolos e croquetes de carne. Chegava a sonhar com aquilo.

Sem pressas, enquanto a consciência lhe ardia como uma chama, Clem ia fazendo os seus planos. No sábado, logo que o homem e a mulher partissem para a cidade, falaria com as crianças. Não se atreveria a preparar-lhes desde já o espírito porque eram muito pequenas para que se pudesse ter confiança nelas. Ajudá-las-ia a juntar e entrouxar as suas roupas. Levariam todo o alimento que

houvesse em casa.

A manhã de sábado despontou límpida e fresca. Por mais odiosa que fosse ali a sua vida, Clem, no entanto, enamorara-se da terra. Acordou cedo como de costume, mesmo antes que os pesados passos do homem agitassem a estreita escada. Vestiu-se, deixou-se cair da janela para o telhado do alpendre e dali saltou para o chão. Chegando ao arroio, lavou-se numa panela que havia debaixo de uma queda de água. O leito do regato era rochoso, e escalonado de lajes tão simètricamente dispostas que afloravam sob as águas da cascata como grandes telhas chinesas. Arrancara umas vinte e colocara-as cuidadosamente no fundo do panelão do arroio e, quando o Sol atravessava as águas, como naquela manhã, as pedras refulgiam em tons de âmbar e de ouro.

O arroio ficava fora das vistas da casa, oculto por uma fila de pequenos sicómoros, filhos do velho e forte sicómoro cujas raízes desciam pela colina até ao leito das águas. Atrás daquele muro verde, Clem despiu-se e mergulhou na água, quase tão fria aquela manhã como no Inverno. Por sobre ele as colinas erguiam-se graciosamente, com as copas verdes mas salpicadas do ocasional ouro do Outono. O Céu era belo, de um azul mais suave do que os céus chineses, e muito mais variado, com as suas brancas nuvens errantes.

Mas onde, perguntava às vezes Clem a si mesmo, onde estava a gente daquela terra, e como podia ser que uma casa cheia de crianças à mercê de um homem e de uma mulher ignorantes e brutais permanecesse desconhecida e jamais procurada por quem quer que fosse? Na China, não seria possível que a casa de um velho não fosse visitada,-ou que fosse vendida após a sua morte de maneira tão sumária. Pergantara a Pop Berger uma vez porque tinham vendido a casa e este respondera que fora para cobrir os impostos não pagos. Mas porque não foram pagos por alguns parentes? Como viera a suceder que seu velho avô houvesse ficado em tamanha solidão, ainda que seu filho estivesse tão longe? E porque, porque, e esta era a suprema interrogação, que jamais obteria resposta, porque teria seu pai deixado a sua casa e o seu velho progenitor para atravessar os mares e chegar a uma terra que jamais tinha visto, onde os habitantes falavam uma língua que lhe era estranha, e ali falar-lhes de um deus indesejado e desconhecido? Nenhuma dessas perguntas poderia ter resposta. O que Pop tinha dito era verdade. Não havia ninguém que soubesse da sua existência.

Clem saiu da panela e, com as mãos, ajudou a água a escorrer do corpo, agitando depois os braços e inclinando-se para a frente e para trás. Apesar da escassez do alimento, era forte e logo o sangue aqueceu e lhe coloriu a pele. Vestiu-se e galgou a colina em direcção à casa. Pop Berger já saíra para o estábulo, e Clem para ali se dirigiu; sem cumprimentar, tomou um pequeno mocho e um balde e começou o trabalho de ordenhar.

De princípio, acostumado com os chineses a cumprimentar quem quer que encontrasse, tentara saudar o homem, a mulher e as crianças a primeira vez que os via pela manhã. Depois descobriu que isso apenas despertava o seu desprezo, pois pensavam que ele o fazia com alguma intenção oculta. Aprendeu a preservar a sua paz e trabalhar em silêncio.

Naquela manhã não havia nada da habitual balbúrdia e gritos. Pop Berger preparou a carroça cedo e começou a carregá-la com alguns sacos de trigo que pretendia vender e alguns cestos de maçãs. Deixou o trabalho de ordenhar para

Clem e foi até à cozinha a fim de comer alguma coisa e vestir-se. Ali, a mulher também se apressava, comendo e vestindo-se, e dali a uma hora o casal estava pronto para partir, deixando a lavagem dos pratos e a limpeza da casa ao cuidado das duas pequenas.

-Clem! - gritou Pop Berger, do assento da carroça. - Podes retirar todo o esterco hoje mesmo. Não te esqueças das galinhas. Tim pode fazer o que tu mandares. Já lhe recomendei que te obedecesse.

-E eu deixei a comida para vocês na despensa. É o que têm para comer. Não abram mais nada! - gritou Mom.

Clem disse que sim com a cabeça, mantendo-se muito hirto, e de braços cruzados, enquanto os via partir. Admirava-se de não os odiar. Eram o que eram, não pròpriamente por culpa sua; a sua ignorância era feroz mas inocente, e a sua crueldade era fruto da ignorância. Algumas vezes já tinha visto actos de crueldade nas ruas de Pequim. Ali o povo sabia, tinham-lhe ensinado o que era Humanidade, e, quando violavam o que sabiam, o mal era imenso. Mas àqueles dois, aquele homem e aquela mulher, nunca lhes haviam ensinado coisa alguma. Agiam tão cruamente como animais. De onde tinham vindo? Pensava Clem às vezes. Seriam os outros iguais a eles? Não havia vizinhos perto e não tinha ninguém com quem os comparar.

Acabou de ordenhar as vacas e levou o leite para o porão, onde se conservaria fresco. Depois foi para a cozinha a fim de comer. Ali, como sempre acontecia quando o homem e a mulher estavam ausentes, tudo estava por fazer. A mesa estava cheia de pratos vazios. Imóveis e silenciosas, Mamie e Jen estavam sentadas ao lado, numa invencível preguiça. Tim estirara-se na velha espreguiçadeira de Pop Berger. Bump estava ainda a comer, apanhando as últimas migalhas de pão.

-Onde está a minha comida, Mamie? - perguntou Clem.

Ela fez um gesto na direcção do fogão, cuja porta ele abriu, retirando uma tigela de papas de trigo, e sentou-se à ponta da mesa.

Olhou para eles, um por um. Os olhos opacos de Tim tinham menos expressão do que os de um cão, e a sua boca, sempre aberta, mostrava uma estranha e volumosa língua, que se agitava entre os dentes. O seu corpo, comprido e esguio, verdadeira colecção de ossos mal-ajustados, tomava por si mesmo posições desajeitadas. Mamie era uma criaturinha pálida que não poderia ser lembrada para coisa alguma. Jen não poderia viver. Nela, as cordas da vida, já estavam quase mortas. A pobre nem ao menos crescia.

-Olha - disse ele a Bump-, não quero isto. Come tu.

Ele estendeu a tigela e Bump agarrou-a, indo sentar-se sobre a pilha de lenha atrás do fogão. Às vezes a mulher erguia o atizador e punha-o para fora dali, mas agora ele podia desfrutar sossegadamente aquele oculto cantinho.

-Escutem, todos - disse Clem, inclinando-se sobre a mesa.

E todos voltaram o rosto para ele.

-Vocês gostariam de sair daqui? - Falava clara e incisivamente, pois sabia que só assim o escutariam. Acostumados às vozes fortes do homem e da mulher, parecia que não ouviram mais nada.

-Para onde? - perguntou Tim, depois de uma pausa. -Não sei... para diante, para encontrar alguma coisa melhor. -Onde dormiremos? -perguntou Mamie.

-Cada um levará um cobertor, e dormiremos junto a uma meda de feno em qualquer parte, até conseguir uma casa ou alguns quartos.

-Que iremos comer? -perguntou ela.

-Eu trabalharei e conseguirei dinheiro para comprar alguma coisa. Tim também poderá trabalhar. Talvez encontres emprego nalguma casa.

Esperava uma espécie de excitação, até mesmo uma pequena alegria, mas nada houve. Continuaram a olhar para ele com os olhos ainda sonolentos. Jen não dizia nada, como se não tivesse ouvido. Parecia meio adormecida, ou talvez doente.

-Jen, estás doente? - perguntou Clem.

Ela ergueu os grandes e pálidos olhos azuis para a sua face, olhando-o não propriamente nos olhos, mas talvez na boca.

Meneou a cabeça e murmurou: - Muito cansada.

-Muito cansada para vir connosco... para fora..., para o Sol? Ela sacudiu novamente a cabeça.

-Se Jen não for, também não vou - disse Mamie. -Eu não vou - disse Tim.

Clem fitou-os. - Mas vocês não gostam disto aqui - insistiu ele. - Eles são uns miseráveis com vocês, porque vocês não comem o suficiente.

-Não passamos de crianças do Auxílio - disse Tim. - Se formos para qualquer outra parte, será exactamente como aqui.

-Vocês nunca mais serão meninos do Auxílio - declarou Clem.

-Sempre seremos crianças do Auxílio - repetiu Tim. - Quando somos do Auxílio, não podemos fazer nada.

Clem ficou súbitamente encolerizado. - Então deixá-los-ei aqui. Resolvi deixar isto e irei. Podem dizer, quando eles chegarem hoje à noite. Digam que me fui embora e que nunca mais voltarei. Eles não precisam de me procurar.

Todos o fitavam; os olhos de Jen estavam rasos de água.

-Para onde vais? -perguntou Tim com voz débil.

-Vou para o lugar de onde vim - respondeu Clem com ar despreocupado. Suspirava por voltar de qualquer maneira à casa de Mr. Fong, às familiares ruas de Pequim, que ele não sabia que amava. Isso era impossível, mas deixar aquela casa era possível. De momento, a cólera enovoava-lhe a consciência. Dava-lhes uma oportunidade e eles não a queriam aproveitar. Dissera que se encarregaria deles, embora não fosse seu parente, e eles haviam recusado até essa restrição que ele impunha à sua própria liberdade. Dali por diante, pensaria apenas em si próprio.

Subiu as escadas e arrumou as roupas na mala. Tinha um pouco do dinheiro que sobrara da colecta que os marinheiros lhe haviam feito e que conservava sempre consigo na bolsinha de couro que lhe tinham fabricado. Essa bolsa, conservara-a atada à cinta, noite e dia, para que a mulher ou o homem não a descobrissem e ficassem com ela. Parou por um momento para resolver se levaria ou não um cobertor, depois revoltou-se com o pensamento de levar o que quer que fosse daquela casa. Nem mesmo pão levaria. Teria a liberdade de morrer de fome sem dar satisfação a ninguém.

Desceu a escada, carregando com a mala. Eles ainda estavam na cozinha, como os havia deixado. Nenhum deles se mexera. Os olhos fitaram-no quando ele entrou.

-Adeus a todos! - disse afinal, criando coragem. - Não se esqueçam de que os quis levar comigo.

Tirou o gorro que trazia enrolado no bolso e pô-lo na cabeça. -Adeus! - disse novamente.

Olharam para ele, ainda sem dizer nada, e ele, impulsionado pela cólera crescente, atravessou o pátio cheio de macegas até o pequeno portão desmantelado, por sobre o qual saltou.

O desespero conduzia-o e dava-lhe coragem, e depois a beleza da paisagem aliviou-lhe o coração. Certamente nalguma parte haveria gente boa, alguém como Mr. Fong, que o identificaria e lhe daria abrigo provisório. Trabalharia para pagar tudo o que recebesse, e algum dia haveria de voltar para visitar as míseras crianças que tinha deixado naquela cozinha.

Tinha andado cerca de uma milha quando ouviu passos na areia atrás de si. Parou e, voltando a cabeça, avistou Bump, que vinha correndo com dificuldade. Esperou por ele.

-Que queres, Bump? - perguntou.

Bump, ofegante, olhava para ele, pestanejando. Ainda havia em redor da sua boca vestígios da papa que tinha comido.

-Vou contigo - balbuciou.

Clem fitou-o, aborrecido de momento com mais aquele incómodo. Depois a sua consciência despertou de novo. Certamente que poderia levar aquela criaturinha consigo, aonde quer que fosse, como um irmão mais novo.

-Muito bem. Vamos andando.

III

PELOS meados de Agosto anunciaram os jornais o fim do cerco de Pequim, e o Dr. Lane enviou um telegrama informando que pretendia continuar no seu posto. A Corte Imperial fugira e a Velha Imperatriz chorara a sua humilhação. Nem sequer tivera tempo de se pentear, e o seu almoço, no dia da fuga, constara apenas de um ovo mal cozido.

-Em boa hora recebi este telegrama! - disse Mrs. Lane severamente. - Bem, William, parece que tenho de ir para junto de teu pai. Mas poderás arranjar-te sòzinho depois de ter preparado as tuas roupas antes de partir.

William seguiu para Cambridge para os exames finais de Setembro. Tinha perdido os preparatórios, mas Mrs. Lane fora ter com o deão e apresentara um atestado com a assinatura do director do Chefoo Boy's School. Tanto falara e argumentara que o deão sentiu-se impressionado, garantindo-lhe certa condescendência para com o seu filho, e William foi admitido condicionalmente. Confiava ele que no decurso de quatro anos poderia cumprir quaisquer promessas que sua mãe tivesse feito ao deão. Na verdade, preferia não saber tudo o que sua mãe dissera e fizera por ele. Assim não sabia, embora o suspeitasse, que o admirável acordo a que chegara com Mr. Cameron para ser companheiro de alojamento de Jeremias e, quando necessário, seu tutor, primeiro se delineara no activo cérebro de sua mãe.

Mrs. Lane, antes de voltar para a China, escolhera o fim de uma tarde de domingo para visitar os Cameron. Tornara-se, se não íntima, pelo menos amiga deles, durante o Verão, quando William ia quase todos os dias jogar ténis com

Candace. Ele pediu-lhe que fosse visitar Mrs. Cameron, impondo que nenhuma das suas irmãs nem sua avó a acompanharia.

-Os Cameron são aquela classe a que pertenço. Quero que saibam que tenho uma mãe de que não preciso de me envergonhar. Nada mais importa.

Mrs. Lane comoveu-se. - Agradeço-te, querido.

A visita correu muito bem, e Mrs. Cameron pediu desculpas por a não poder retribuir, pois não fazia visitas no Verão. Mrs. Lane e William ficavam, no entanto, convidados para almoçar com eles. Depois da tarde passada agradavelmente com a palestra de Mrs. Lane sobre a Velha Imperatriz e a magnificência de Pequim, ocorrera àquela irrequieta mãe que poderia então ser resolvido um problema que de há muito a vinha preocupando. A despeito de todos os seus esforços, era claro que William seria obrigado a ganhar dinheiro de alguma forma durante o curso, e ela não podia saber como. Interrogara o deão, e este sugeriu que William servisse à mesa e lavasse os pratos. Ela aceitou tal sugestão com gratidão aparente, mas sabia que era inviável. William não serviria de criado nem lavaria pratos. Seria impossível obrigá-lo a isso. Lembrava-se da deliciosa tarde na grande casa à beira-mar. Era uma pena, pensava, que o herdeiro de toda aquela riqueza fosse apenas um pálido e doentio rapaz. Como William teria desfrutado aquela riqueza, como a saberia empregar bem, e sempre em forma e magnífico! Tinha reflectido profundamente durante uma semana e, por fim, resolvera fazer uma última visita aos Cameron. Escreveu uma breve carta a Mrs. Cameron, a agradecer todas as bondades de que fora alvo durante o Verão, mencionando o seu iminente regresso à China e como temia deixar seu filho ali, tão inexperiente e sem amizades, e pediu permissão para lhe ir apresentar as despedidas. Quando Mrs. Cameron lhe telefonou que estariam em casa certo domingo, para lá se dirigiu, às cinco em ponto.

O mordomo introduziu-a na sala de estar, onde Mrs. Cameron se achava sem fazer nada, enquanto Mr. Cameron lia o Transcript.

-Sente-se - disse Mrs. Cameron, fazendo um gracioso gesto com a mão esquerda.

-Obrigada - replicou Mrs. Lane.

Levara ela muito tempo a reflectir sobre o seu trajo para aquela ocasião. Devia ser simples, mas não pobre. Devia denotar bom gosto e refinamento.

Conhecendo a fácil impaciência dos ricos, entrou no assunto logo que Mr. Cameron baixou o jornal para a saudar.

-Não quero interromper a sua leitura. Vim por alguns minutos para me despedir e... para outro motivo. É a respeito de William.

-Que se passa com William? - inquiriu Mr. Cameron.

-Ele sempre fez boa figura nos estudos - disse Mrs. Lane. -Aliás já esperávamos por isso. Seu pai foi diplomado summa cum laude em Harvard. Mas, o que me preocupa é outra coisa. William é tão jovem, tão solitário... Não tem ninguém que tome o lugar de seus pais. Seus avós, meu pai e minha mãe, são muito velhos e não o compreendem. Têm também a responsabilidade das meninas. Os pais de meu marido faleceram e a família dispersou-se. Se eu pudesse ter a certeza de que William encontraria assistência da parte do senhor e de Mrs. Cameron... dada a sua amizade com Jeremias...

-Ele bem pode vir para cá - ofereceu Mrs. Cameron amavelmente. - Creio

que há bastante lugar.

Mrs. Lane suspirou. -Obrigada, minha querida Mrs. Cameron. Eu temia as longas férias. Meu marido diz que ele deve trabalhar para ganhar parte do seu sustento, mas que sabe William dessas coisas?

-Não lhe fará mal trabalhar - replicou Mr. Cameron.

Mrs. Lane apressou-se em concordar. - É justamente o que diz meu marido, e eu estou certa de que o senhor e ele têm razão. Por favor, Mr. Cameron, neste primeiro Verão pelo menos, poderia o senhor ajudar a encontrar alguma coisa adequada para o meu filho, alguma coisa que não o deixe em más companhias? Ele ainda não conhece os seus próprios patrícios, os americanos.

-Está bem - disse Mr. Cameron. - Posso fazer isso. Há sempre trabalho à espera dos rapazes, quando eles querem trabalhar. Saiba a senhora que comecei a ganhar a minha vida aos quinze anos.

Mrs. Lane abordou corajosamente a parte mais difícil da sua missão.

-Vou fazer-lhe uma pergunta realmente ousada, Mr. Cameron. -Acha que William poderia ser útil de algum modo a seu filho? Não poderia talvez cuidar dele, auxiliá-lo até nas suas lições? Quando... isto é só para exemplificar... quando ele estivesse adoentado, William poderia tomar notas na aula para ele e...

Mrs. Lane sentia-se desamparada sob o olhar duro de Mr. Cameron, e olhou para Mrs. Cameron à procura de auxílio. Para alegria sua, encontrou aprovação da parte da boa senhora.

-Eis uma boa ideia, Roger - disse Mrs. Cameron.

-William é um rapaz muito orgulhoso - replicou Roger.

-Não tão orgulhoso que não ajude um amigo - disse Mrs. Lane. - William é um rapaz cristão, Mr. Cameron.

Roger apertou os lábios. - Quanto espera que eu pague a seu filho?

Mrs. Lane sabia que a sua batalha estava ganha. Meneou a cabeça e cruzou as mãos no regaço. - Não me pergunte isso, por favor, Mr. Cameron. Confio no seu critério... e na sua generosidade. Prefiro não ter de falar em dinheiro... é tão embaraçoso... Se meu marido tivesse ficado aqui, em vez de escolher o trabalho de missionário... mas não importa! - Sorriu tristemente e mudou de assunto. Dez minutos depois de animada palestra inspirada nas últimas cartas do marido, ela levantou-se para se despedir.

Apertou a mão de Mrs. Cameron entre as suas e sorriu confiantemente: - Não imagina como me sinto tranquilizada agora a respeito de William! Deixo-o ao vosso cuidado, meus bons amigos!

Mr. e Mrs. Cameron inclinaram-se, ainda que um pouco desconcertados, ao que parecia. Depois de a porta se ter fechado, sentaram-se exactamente como estavam antes e Mr. Cameron ergueu o jornal. Nenhum deles falou durante alguns minutos, e Mrs. Cameron olhava através da janela para o jardim.

-É bom que William seja tão gentil - disse ela afinal.

-Verdadeiramente não fazemos muita questão de o ter aqui. Candy diz que ele é muito esperto. Espero que continue a ser bom para Jeremias. Às vezes penso que há algo de cruel na sua boca. As suas mãos são pequenas para a sua altura. Não notou isso? Eu sempre achei que mãos pequenas significam crueldade num homem.

Não falava muito frequentemente, mas, quando o fazia, uma pequena

torrente de palavras jorrava-lhe dos lábios, como se a reserva tivesse sido temporariamente suspensa.

Mr. Cameron escutava, ainda lendo o jornal. - Não há-de ser mau para Jeremias ter a seu lado um camarada jovem e forte para o animar.

Mrs. Cameron ficou calada por uns instantes. depois disse:

-Quanto às férias, não deves esquecer que Candace está também aqui em casa. Sendo os dois tão saudáveis, gostarão de praticar desporto juntos... E sinceramente não me agradaria que ela casasse com o filho de um missionário.

-Candy casará com quem bem lhe aprouver - disse Mr. Cameron. Amava a sua filha e sentia-se orgulhoso dela, embora com pessimismo. Mais cedo ou mais tarde, os rapazes acabam por trair os velhos.

-Tranquiliza- te, ela é uma menina ajuizada - continuou ele. -Esse Bryan tira-me a paciência, até nos domingos. Será a nossa perdição, no caso das Filipinas. Que sabe ele acerca daqueles estrangeiros?

Mrs. Cameron conservou-se em silêncio, e Mr. Cameron recomeçou a ler furiosamente o jornal, mastigando as pontas amareladas do bigode.

William passou facilmente nos exames, pelo que ficou grato às exigências do professorado inglês. Mas reconhecia que também podia agradecer à sua própria inteligência e ambição. Era-lhe intolerável não fazer bem o que resolvia fazer. Quando Mr. Cameron lhe pediu que o fosse visitar, um dia após a partida de sua mãe para a China, apresentou-se com certa excitação interior, embora exteriormente aparentasse completa calma. A mãe dissera-lhe, não com muita fidelidade talvez, o que Mr. Cameron lhe desejava dizer.

-Pensa que poderias ser uma espécie de tutor de Jeremias - disse ela no último dia. - Não sejas orgulhoso, não recuses, William. Lembra-te de que a alternativa é lavar pratos ou servir à mesa na Universidade. Serás simplesmente companheiro de residência de Jeremias e terás oportunidade de morar naqueles belos apartamentos. Eu não poderia alojar-te lá de outra maneira.

Os belos alojamentos, como já descobrira, estavam naquela pequena e nobre rua chamada a Costa de Ouro. Viviam ali os filhos dos ricos como jovens príncipes em apartamentos, cada um com dois quartos separados, casa de banho privativa e uma sala de estar comum. Menos do que isso parecia impossível a William. Resolveu aceitar o que quer que Mr. Cameron oferecesse.

Ficou, pois, muito satisfeito ao ser-lhe apresentada a proposta.

-Deixo-lhe - concluiu Mr. Cameron - a escolha da melhor maneira de poder ajudar meu filho. Agora já o conhece perfeitamente, não é verdade?

-Assim o creio - disse William, e acrescentou com toda a sinceridade: - Pelo menos, estimo-o muito mais do que aos outros rapazes que tenho conhecido.

-Muito bem - disse Mr. Cameron, com mais cordialidade do que habitualmente. - Então poderá ajudá-lo, assim o espero. Trate de o animar... isso é muito importante. Nós não acreditamos em medicamentos. Importa muito acreditar no domínio do espírito sobre a matéria.

-Assim o creio - disse William.

-Agora uma coisa - continuou Mr. Cameron. - Está bem cem dólares por mês?

-O que o senhor quiser, está bem - replicou William. Estava aturdido com a

quantia, mas não queria demonstrar surpresa.

-Bem, se vir que não é suficiente, é só dizer-me. E agora outra coisa: este pequeno arranjo fica entre nós. Senão Jeremias poderia ficar constrangido... Você sabe, ele é todo democrático...

-Quer dizer o senhor que isto fica apenas entre nós dois? - insistiu William. Pensava em Candace. Não queria que ela viesse a saber que ele recebia dinheiro do seu pai.

-Apenas entre nós dois - disse Mr. Cameron. - Naturalmente minha esposa sabe por alto do que se trata, mas, se eu lhe recomendar, nada dirá a alguém. Além disso, não se interessa pelos pormenores.

-Estimo - disse William - , estimo que eu também possa esquecer esse aspecto, pois não desejaria ligar ideias de dinheiro a Jeremias.

-Compreendo, compreendo... - disse Mr. Cameron, muito satisfeito.

-Justamente ia perguntar a Jeremias se não desejaria morar comigo...

-Muito bem - disse Mr. Cameron. -Combinem tudo, e no dia primeiro de cada mês receberá um cheque.

O resultado de tudo isso foi que, quando os dois rapazes entraram para o colégio, William encontrou-se na Costa de Ouro, com um quarto próprio, que dava para uma aprazível sala de estar, do outro lado da qual se achava o quarto de Jeremias. Mrs. Cameron acompanhou-os e passou uma semana a mobilar adequadamente os quartos. Havia até um pequeno piano de cauda para Jeremias. William, fiado no cheque mensal, gastou o dinheiro que a mãe lhe deixara, comprou alguns artigos de luxo que não conseguira convencer o impertinente tesoureiro da missão a incluir nas' suas necessidades: um belo jogo de navalhas, alguns pijamas de seda, um chambre de brocado azul e pantufas para combinar.

E assim começou William os seus quatro anos de Universidade. Era reservado, modesto e digno, e fazia o seu trabalho com secreta seriedade, embora com aparente displicência. Desempenhava estritamente as suas obrigações para com Jeremias, mostrando-se ao mesmo tempo bondoso e firme. Sentia algumas vezes que Jeremias não gostava dele, mas não se perturbava com isso. O brilho da sua posição na escola era compensação suficiente. Entre as centenas de jovens matriculados naquele ano, William fazia-se notar. Prudentemente, não procurava por enquanto amizades íntimas, mas estudava cuidadosamente a Costa de Ouro. Não lhe ocorria ter amigos fora dessa brilhante zona. Marcava aqui e ali aqueles cuja amizade poderia posteriormente cultivar. Havia tempo.

Contudo, pelo Natal, aproximara-se de um camarada que o atraía mais que todos os outros, um simpático jovem que morava em Westmorly, muito descuidado para ambicionar a consideração dos professores, muito confiante em si mesmo para achar que as distinções escolares tivessem grande importância. Tinha já o seu grupo de amigos, tanto entre os veteranos como entre os calouros. Fazia excelentemente várias coisas. Cantava no clube recreativo dos calouros, remava muito bem e já estava indicado para sócio dos clubes em que William tanto desejava ingressar. Franklin Roosevelt era o homem, diria William consigo, que desejaria ter sido, de pai rico e mãe de alta posição social. Tendo tudo, o jovial e simpático estudante podia dizer o que bem lhe aprouvesse, acreditar no que bem lhe parecesse, portar-se como bem quisesse. Nas eleições daquele

Outono ele era por Bryan, embora o seu próprio primo, Theodore Roosevelt, fosse candidato à vice-presidência, e escarnecia da Inglaterra, angariando dinheiro para os Boers. Era essa livre maneira de ser que atraía a atenção de William. Ele não poderia ficar contra a Inglaterra, mesmo que não aprovasse os Boers ou desaprovasse os ingleses, e admirava a facilidade com que Franklin parecia fazer ambas as coisas, sem gostar dos Boers ou desgostar dos ingleses. Por alguma razão que William não podia compreender, parecia haver tamanha exuberância naquele jovem, tão ilimitada liberdade, que ele acreditava que os pobres, os ignorantes, os miseráveis deveriam ser defendidos, sem que, no entanto, isso implicasse ódio ao opressor.

William nada sabia da África do Sul. Para provar pelo menos a si próprio que o homem que ele involuntariamente admirava estava errado, começou pela primeira vez na vida a ler jornais e a perceber, ainda que obscuramente, a onnipotência da Imprensa. Até mesmo dependia deles para formar a sua própria opinião sobre a guerra. Estava convencido, pelo que lia, de que a Inglaterra tinha razão e de que os Boers não passavam de uns rústicos e ignorantes campônios. Quando expôs essa opinião, não directamente a Franklin Roosevelt, mas na sua presença, recebeu como resposta uma forte, embora cordial gargalhada. O seu opositor recusava-se a discutir. Pouco lhe importava a opinião de William.

Aquele jovem também fazia outras coisas ainda mais espantosas. Instigava os que residiam no Yard, nos dormitórios baratos, a organizarem-se, para vencer nas eleições o pequeno grupo que sempre alcançava a vitória.

-Ele é capaz de tudo para conseguir a popularidade - escarneciam os da Costa de Ouro.

William ouvia muito e pouco falava. Era cauteloso no ambiente da sua própria terra natal, ainda tão nova para ele, e, inseguro e mal preparado para desempenhar o que julgava ser o seu adequado papel, rondava o jovem Roosevelt que, esse, não tinha dúvidas, conduzia-se como o príncipe de uma casa real. Fez uma tentativa de aproximação durante uma conversa no refeitório do Memorial Ha11. Roosevelt respondia sem assumir ares de superioridade e mostrara-se muito interessado ao saber do nascimento de William na China. Seu próprio avô fizera fortuna naquele país, e sua avó, quando nova, frequentara a alta sociedade de Hong-Kong e Cantão.

Sobre esse cordial acolhimento, William edificou as suas esperanças. De todos os rapazes que conhecia, aquele era o que mais se aproximava do seu modo de ser, o mais adequado para se tornar seu amigo. Porque não vingou essa amizade, porque não foram avante as relações, William jamais o soube. Era um botão que não se abria em flor. As saudações de Franklin Roosevelt eram displicentemente amigáveis, mas ele não dispunha de tempo. Nunca havia oportunidade para conversar ou para andar juntos, e William, muito sensível, fechou-se numa atitude de fria e severa crítica, tal como nos tempos da escola inglesa de Chefoo. Como não lhe era concedido aviar, refugiou-se novamente no ódio. Aquele camarada, dizia para consigo, o que queria era governar o colégio. Quando foram ambos escolhidos para a redacção do jornal do colégio, o Crimson, William sentiu-se esfriar perante aquele jovem que, no entanto, se sentia muito feliz para que pudesse notar a sua mudança de atitude.

Por um frio dia de janeiro, quando se achava William no segundo ano do

curso, seu pai parou diante do balcão da livraria de Mr. Fong. O Dr. Lane conhecia bem Pequim, tinha andado pela rua, a estudar cada casa, conforme a sua posição relativamente à Porta Setentrional, por onde, naquele dia, o sétimo do primeiro mês ocidental, entraria a Velha Imperatriz, de volta ao Palácio, com a sua Corte Imperial. O Dr. Lane não conhecia Mr. Fong e foi por mera curiosidade que viu por cima daquela loja a estreita sacada a que se subia por uma escada de mão, pois não passava de uma abertura praticada no frontão que se erguia na frente do telhado. Dali, contudo, tinha-se a melhor vista possível para assistir ao grande acontecimento do dia seguinte.

O Dr. Lane entrou na loja e cumprimentou Mr. Fong, que estava atrás do contador a ler um velho livro que comprara na biblioteca de um homem recentemente falecido; como o homem não deixara filhos e nenhuma das mulheres da casa sabia ler, não havia necessidade de biblioteca.

-Em que o posso servir, Velho Irmão? -perguntou Mr. Fong. Mostrava-se polido com todos os estrangeiros, porque, sendo um homem bom, entristecia-se com tudo o que havia acontecido. Embora não pudesse dizer que se alegrava com a derrota do seu país, pois não tinha mais fé nos governos estrangeiros do que num governo nacional, lamentava os estrangeiros e os chineses que tinham sido mortos.

Envergonhava-o especialmente a loucura da Velha, que tinha acreditado na associação de ignorantes denominados Boxers. Merecia a catástrofe que desabara sobre ela, dezassete meses antes, quando fora obrigada a sair da cidade tão rapidamente Pelo que ouvira Mr. Fong, tão desabalada tinha sido a fuga da Corte que mais gente fora morta pela Guarda Imperial que levava a Imperatriz para fora da cidade do que pelos soldados estrangeiros, quando entraram. Afinal, tudo tinha acabado, para desgraça de todos os envolvidos e para que se chorassem os mortos, tanto chineses como estrangeiros, e especialmente as crianças. Mr. Fong mostrava-se delicado à vista de um estrangeiro, agora que não havia perigo em tratá-lo amistosamente.

O Dr. Lane respondeu com igual polidez. - Desejo alugar amanhã a sua esplêndida sacada, a fim de assistir ao regresso da Imperatriz.

Mr. Fong ficou surpreendido. - Velho Irmão, o senhor e os outros velhos irmãos seus patrícios estão contentes por a ver de volta?

-Eu, pelo menos, estou - disse o Dr. Lane. - Acredito que o povo necessite do seu governo e espero que a Imperatriz tenha aproveitado a lição e permita agora que o jovem Imperador faça reformas.

-Os velhos irmãos ocidentais têm mais fé nas mulheres do que nós - replicou Mr. Fong. - Seu velho irmão tem razão, eu não sei, e é muito provável que eu é que esteja errado. Não posso pedir dinheiro pela sacada. Queira utilizá-la como se fosse sua.

Alguns minutos depois desta conversa, Mr. Fong aceitou afinal dois taéis de prata, o que, a bem dizer, não era muito, uma vez que os estrangeiros estavam a alugar, sem discutir, qualquer espaço que encontrassem. Aos chineses, naturalmente, não era permitido assistirem ao regresso real. Todas as portas e janelas tinham de ser fechadas, e desde já estavam a ser penduradas cortinas azuis através das ruas laterais, para que os olhos do vulgo não pudessem ver a Velha Buda. Quanto aos estrangeiros, não podiam ser assim controlados, porque

eram os vencedores.

-Sabe, Velho Irmão? - disse Mr. Fong depois de terminada a transacção. - Ainda mais me sinto constrangido por ter recebido dinheiro do senhor porque uma vez hospedei aqui em casa um inteligente menino da sua raça.

-Ah, sim?

-Sim - disse Mr. Fong, cofiando a sua barba rala. - Ele vinha ensinar a meu filho uma língua estrangeira. Não recebia dinheiro em pagamento. Em vez disso, pedia alguns livros estrangeiros que eu tinha. Esses livros, os criados roubavam-nos dos patrões estrangeiros para os vender por algumas moedas, e era assim que eu conseguia alguns.

-Quem era esse menino estrangeiro? - indagou o Dr. Lane.

-Não se lembra daquele missionário que foi assassinado juntamente com a mulher e os filhos? Aquele que andava sempre a pedir comida?

-Sim - disse o Dr. Lane - lembro-me muito bem que encontraram a família Miller banhada no próprio sangue, mas o menino não estava lá, nem jamais se ouviu falar dele, embora os funcionários americanos tivessem feito o possível para o localizar.

-O menino estava aqui - disse Mr. Fong solenemente. Ele bateu com a sua longa unha na madeira polida do contador. - Estava aqui em minha casa. Chegou cedo para leccionar meu filho. E assim escapou à morte. Deve haver alguma significação em tal facto. Considero isso como um bom augúrio para a minha casa.

-Que foi feito dele? -perguntou o Dr. Lane, sumamente interessado.

-Foi para casa e depois voltou, dizendo-me o que tinha encontrado lá. Ficou connosco até estar em condições de fugir. Recomendei-lhe que se dirigisse para a costa, que procurasse um navio estrangeiro e voltasse para a terra e para a casa do seu avô. -Foi muita bondade sua - disse o Dr. Lane. - Comunicarei isso aos funcionários americanos.

-Por favor, não faça tal - disse Mr. Fong apressadamente. -É melhor não dizer nada enquanto a Velha estiver viva. Ela voltará sorrindo, como o senhor verá amanhã, mas quem poderá saber o que lhe vai no coração?

Na verdade, quem o poderia saber? O próprio Dr. Lane jamais haveria de se refazer inteiramente do longo cerco da Legação Estrangeira. Tinha sido atacado de disenteria no rigor daquele Verão e estava quase morto quando, por fim, entraram na cidade as forças ocidentais. Quando sua mulher voltou da América, depois de William ter entrado para a Universidade, tentou fazer com que ele deixasse a China.

-Você já fez bastante, Henry.

-Eu ainda não fiz nada - replicou. Foi o começo da longa luta entre ambos para saber se a China era digna da sua vida.

-Vê quantos estrangeiros foram assassinados - exclamara ela arrebatadamente.

-Centenas dos nossos foram salvos, e por seis homens - retorquira ele.

Era verdade. Junglu, o favorito da Imperatriz, fez tudo o que podia para salvar os estrangeiros da fúria da sua soberana. Yuan-cheng e Hsu Ching-seng tinham deliberadamente trocado a palavra «matar», no édito real, por «proteger».

Li-shao, e Liu-yuan, e Hsu Tung-i, a Imperatriz mandara-os executar, por se oporem à guerra contra os estrangeiros. E havia a nobre hoste, aqueles que ele jamais esquecia, os milhares de chineses cristãos, de que cerca de cinquenta pertenciam à sua própria igreja ali em Pequim, que se recusaram a renegar a sua fé e morreram como mártires por um deus que, para eles, era um deus estrangeiro.

Não, disse consigo resolutamente o Dr. Lane, estava acima do poder de sua mulher, por mais forte que ela fosse, demovê-lo da sua própria fé, não somente em Deus, mas também no povo chinês.

-Estarei aqui amanhã - prometeu ele a Mr. Fong.

Assim, no dia seguinte o Dr. Lane subiu à sacada, envolto numa grossa túnica chinesa, dentro da qual ele ainda tiritava. Mrs. Lane recusara-se a ir para lá com ele, quando, olhando pela janela do quarto naquela manhã, vira a cidade envolta na poeira amarela dos desertos do Noroeste. Forte vento soprava então. O Dr. Lane ficara um tanto irritado ao percebê-lo, pois aquilo vinha aumentar as honrarias do regresso imperial. Era uma antiga tradição da cidade, que, sempre que um imperador deixava o palácio, um impetuoso vento o acompanhava, regressando depois com ele. Até o Céu parecia estar do lado da Velha Buda.

Enquanto esperava no balcão sob a fúria do vento gelado, o Dr. Lane pensava no que lhe contara Mr. Fong. O jovem Miller com certeza fizera exactamente o que lhe tinha recomendado o seu amigo chinês. Devia agora estar a salvo na América. Por isso escreveria a William sobre essa possibilidade. No dia anterior contara o caso aos funcionários americanos, ocultando o nome de Mr. Fong.

Olhava atentamente para a grande porta. Ainda não havia sinal de coisa alguma. Bem avisada andava Helen, talvez, contentando-se em ver a Imperatriz na grandiosa recepção que ela ofereceria aos seus vencedores quando chegasse ao Palácio Imperial. Mas ele não queria ir até lá. Não se deixava ofuscar com o seu arrogante e bárbaro esplendor. Queria vê-la quando entrasse pela Porta Setentrional e descobrir por si mesmo se estava arrependida. Havia rezado ardentemente para que o seu coração se abrandasse para bem do povo. Em sua consciência, não poderia dizer se as suas preces haviam sido ouvidas.

Tudo estava preparado para o grande momento. Havia retirado da rua todos os vendedores, com suas tendas e mostruários. A rua por onde devia passar o cortejo fora varrida e espalhara-se sobre o seu leito uma brilhante areia amarela: amarelo, a cor imperial. Nenhum homem comum se achava na rua. A guarda imperial estava à espera, e os príncipes e capitães da nobreza estavam a postos, cada qual com a sua própria guarda e estandarte. Ao longo da rua, aqui e ali, viam-se estrangeiros nas janelas, abertas a meio, dada a permissão que tinham os forasteiros de assistir ao regresso da Imperatriz.

A cabeça de Mr. Fong apareceu ao cimo da escada. Trazia um pequeno braseiro portátil. -Fique com isto, Velho Irmão - sussurrou ele. - Pus carvão novo.

O Dr. Lane segurou com gratidão o braseiro e, antes que lhe pudesse expressar os seus agradecimentos, Mr. Fong havia desaparecido. Agora percebia certos sinais. Uma linha de cabeças chinesas aparecia aqui e ali por detrás de um frontão, para desaparecer instantaneamente. Corria pela cidade que a Velha Buda estava perto. Tinha desembarcado do comboio. Pela primeira vez na sua vida a

Velha Buda viajara em caminho de ferro, e, com ela, a sua corte. Não tinha gostado. O calor fora sufocante, o barulho insuportável. Quando a locomotiva apitou, ficou aterrorizada e indignada e, ao saber que isso era obrigação do maquinista, mandou dizer-lhe por um eunuco que não apitasse sem lhe mandar aviso prévio. A via-férrea Paoting-Pequim fora destruída durante a guerra e reconstruída pelos vencedores, e os soldados estrangeiros tinham-na prolongado até ao centro da cidade, abrindo enormes brechas nas muralhas. A Velha Buda não quisera atravessar aquelas muralhas profanadas. Tinha ordenado à corte que descesse fora dos muros e embarcasse nos seus palanquins reais, para regressarem à cidade de modo condigno, através da grande porta.

O Dr. Lane, segurando o pequeno braseiro, ouviu um crescente rumor. Um pequeno esquadrão de eunucos vinha galopando, da grande porta, em direcção ao centro. Ostentavam barretes pretos com plumas vermelhas e o peito das suas túnicas era bordado a vermelho e amarelo. Seguia-os o arauto imperial, bradando estentôriamente que a Corte estava de regresso. Todos os que estavam esperando ao longo da rua se ajoelharam e curvaram a cabeça até o chão. O Dr. Lane curvou-se sobre o frágil balaústre e olhou para baixo, procurando fixar fielmente aquele momento histórico. Não perdia nada, no intento de contar tudo a William. Viu a Guarda Imperial, seguida por oficiais. Grandes bandeiras de cetim amarelo drapejavam ao vento, e em cada uma estava bordado um dragão azul engolindo um Sol vermelho. De cada lado das bandeiras vinham os estandartes bordados com as armas imperiais.

Depois vinha o jovem Imperador, um melancólico adolescente, em seu palanquim amarelo forrado de seda azul. A cortina estava erguida, e a gente via-o sentado, com a face imóvel, os olhos esgazeados olhando fixo para a frente. Estava sentado sobre os pés entrecruzados, na posição de um Buda.

-O sacrifício da juventude - murmurou o Dr. Lane para ninguém. A morte já se desenhava claramente sobre aquela face trágica.

Mas a morte nada tinha a fazer com a própria Imperatriz. Sentia-se revoltado ao ver a terrível figura, sentada em seu grande palanquim, no meio dos guardas, seguida pela jovem Imperatriz e as damas de honor. Naquela alegre e perversa face, não havia nada senão o mais vivo regozijo. Ao ver os estrangeiros, que eram os seus vencedores, ela afastou as cortinas do palanquim e agitou-lhes o lenço. O dr. Lane ficou ainda mais revoltado ao ver algumas senhoras estrangeiras, entre as quais reconheceu americanas, também a acenar, rindo, para a sinistra velha. Como se esquecia tudo depressa!

Desceu da sacada e devolveu o braseiro a Mr. Fong, com agradecimentos.

-Como estava a Velha? -inquiriu Mr. Fong.

-Ela não se arrependeu - disse o Dr. Lane amargamente. -Eu não lhe disse? - replicou Mr. Fong, rindo, embora a sua face estivesse cheia de tristeza.

William lembrou-se súbitamente, enquanto estava a estudar para uma sabatina de inglês, que ainda não tinha lido a carta de seu pai. Chegara de manhã com outras cartas, entre as quais uma de Candace, e as de Candace lia-as ele primeiro. Desejava muito amar deveras Candace, e, na maior parte do tempo, pensava que estivesse deveras enamorado. O obstáculo a essa completa convicção era bastante simples: a própria Candace. Esta esperava dele certa

solicitude, uma constante galantaria, que ele achava um tanto degradante. A seu ver, o essencial, nas mulheres, era ser bela. Desprezava sua irmã Henrieta por ter um rosto vulgar. Candace era bastante bela para o satisfazer, pudesse ele abstrair das suas outras qualidades menos atraentes.

Naquele momento, contudo, as suas relações com Candace eram difíceis e enervantes. Sentia a desvantagem de não ter vivido sempre no seu próprio país. A secreta hostilidade que sempre alimentara contra seu pai, por tê-lo obrigado a nascer filho de um missionário na China, renovava-se agora numa profunda e desesperada ira. Apesar disto, amava seu pai, com um estranho amor temperado de ódio, e os seus mais amargos momentos eram aqueles em que imaginara o que ele poderia ter sido se não tivesse ouvido o malfadado apelo de Deus. Belo de feições, atraente de maneiras, um tipo de condutor de homens, não havia razão, pensava William quando a sua fantasia se alcandorava, para que seu pai não tivesse ingressado na política e até mesmo alcançado a presidência dos Estados Unidos. Não havia nada de extraordinário em Theodore Roosevelt; passava uma boa parte de tempo a estudar aquela impertinente e angulosa face. Qualquer podia ser Presidente!

Tirou a carta de seu pai do bolso, guardou o selo chinês para Jeremias, rasgou o sobrescrito e retirou as folhas de fino papel, onde se alinhava cerradamente aquela delicada e familiar caligrafia. Via perfeitamente que seu pai sempre tinha o cuidado de se comunicar com ele no mesmo tom, e em especial para lhe referir constantemente o que acontecia na terra que ele havia deixado. William era muito astuto para não compreender tais cuidados. O sonho de seu pai era que o seu querido filho único voltasse para a China, para ser o melhor missionário de quantos houvessem existido e conquistar para Deus a mutável nação. Bem sabia William que, mais dia, menos dia, teria de destruir tal sonho. Mas ainda não tivera coragem para o fazer. Aliás, não encarava a coisa sob o ponto de vista da coragem. Dizia que estava apenas à espera do momento em que isso magoasse menos seu pai. E agora, depressa e descuidadamente, lia o que seu pai havia escrito devagar e com todo o cuidado:

«Já te falei no iminente regresso da Corte. Agora já chegou. Foi um estranho e bárbaro espectáculo, uma variegada multidão dominada por uma déspota, mas ainda assim havia magnificência naquilo tudo, uma espécie de bárbaro e natural esplendor, a atmosfera que os chineses sabem emprestar tão bem a tudo quanto fazem. A Velha Imperatriz é uma grande criatura, a despeito da sua monstruosa maldade, para que possa permanecer de coração fechado. Reconheceu a sua derrota, se não a sua falta, e agora compreende que deve iniciar reformas a bem do povo. Já antes do regresso, fez inserir um édito ordenando que os funcionários do Império aprendessem imediatamente tudo o que houvesse sobre ciência, política e leis internacionais. Deu-lhes seis meses para completar os seus estudos, sob pena de morte. Aqui se revela a velha ignorância... e a nova!

«Mais significativo talvez, porque mais praticável, é o facto de haver nomeado uma comissão para planear um sistema de instrução pública, o primeiro que a China jamais teve. Algum dia os velhos exames serão completamente abolidos e a China será modernizada. Pode isso acontecer antes de terminares o teu curso, meu querido filho, de modo que, quando voltares, será um país

totalmente diverso, um país em que poderás construir.

«Mas não quero falar apenas da China. Conta-me a respeito da tua vida universitária. O que dizes de Jeremias parece-me esplêndido. Que sorte encontrar um amigo assim! Receava pela tua solidão. Os jovens mostram-se às vezes tão cruéis para os que não têm a sua própria experiência! Apresenta-lhe os meus mais sinceros cumprimentos.

«Tua mãe vai escrever-te amanhã, diz ela, a respeito da recepção que a Velha Imperatriz ofereceu a todos os estrangeiros. Foi uma coisa notável. Compareceram todos os diplomatas com as suas esposas e, pelo que pude saber por tua mãe, a Imperatriz portou-se exactamente como se houvesse vencido a guerra e como se estivesse graciosamente a receber os seus cativos e a libertar os prisioneiros. Foi tão bem sucedida que grande número de senhoras capitulou ante o seu terrível encanto. Quanto a mim, recusei-me a comparecer. Ser-me-ia insuportável ter de me mostrar delicado para com essa personificação feminina de Satã. Tua mãe não foi tão escrupulosa e parece que gostou da festa».

As cartas de seu pai sempre conduziam o seu pensamento para a China, por mais que quisesse resistir. Via claramente a indomável figura da Velha Imperatriz, grande assaz para aceitar de boa graça a derrota e contudo permanecer ainda imperial, ainda poderosa. Havia nela um intrínseco poder que William sentia que era sagrado, despertando em si próprio algo que poderia ser um poder semelhante. Enquanto o adolescente se ia fazendo homem, sentia a ambição igualmente crescer. Era sempre fascinado pelos poderosos e pelos orgulhosos. Certa vez, ao atravessar o pátio, encontrara o famoso reitor da Universidade sobraçando uma enorme melancia, e nunca mais sentira por ele o mesmo respeito de antes. Qualquer que fosse a inteligência de Charles Eliot, e William sabia reconhecer a inteligência, era diminuída pela falta de orgulho do homem. Nada poderia persuadir William a transportar nem mesmo um pacote debaixo do braço.

Na verdade, poucos dos seus professores preenchiam as suas secretas expectativas. Era difícil venerar um rechonchudo filósofo com uma enorme cabeça de hirsutos cabelos cinzentos-amarelados e com velho chapéu informe, ou um homenzinho de testa grande e bastos bigodes mal tratados. Apenas dois homens satisfaziam o seu instinto de dignidade e seriedade: um, era um grande e belo alemão que se parecia com o Kaiser e ensinava psicologia com a voz de um Júpiter Tonante. O outro era um homem alto esguio, espanhol, cujos olhos eram negros e frios. Sòmente diante de George Santayana era que William se mantinha em completa reverência. O homem era um aristocrata.

O mesmo absoluto e requintado orgulho vira ele anos antes na Imperatriz da China, uma têmpera que não se dobrava à gente comum. Para William a democracia significava nada menos que, dentre a massa comum, poderia surgir um herói carlyliano, um «leader» inexplicável. Esse herói não poderia ser explicado, como também não o poderia ser a Imperatriz da China, pois ela nascera filha de um vulgar funcionário militar de baixa categoria. Em dada altura no curso das gerações, certos gérmens encontraram-se para formar a invencível combinação. Jamais esqueceria a altiva face da indomável regedora de homens inclinada sobre ele, um rapaz americano. Fora o seu primeiro vislumbre de

grandeza, e essa impressão gravara-se-lhe no íntimo, como permanente influência.

Assim William criou o seu mundo à sua própria imagem. Os filhos dos deuses eram os salvadores da Humanidade e viviam na Costa de Ouro.

William dobrou a carta do pai e viu nas costas da folha um post-scriptum:

«Eis uma coisa interessante. Deves estar lembrado dos missionários Miller, a família que foi assassinada pelos Boxers. Na verdade o menino escapou. Encontrei por acaso um chinês que lhe salvou a vida e o mandou para a costa. Dali, se ele tomou um navio, deve ter alcançado a América a salvo, onde agora deve estar, sob a protecção de Deus».

Tal notícia não interessou William. Aquela breve e humilhante cena na poeirenta rua de Pequim era repulsiva, até mesmo na recordação. Amarrotou a carta e atirou-a para o cesto de papéis.

No penúltimo ano do seu curso, o ódio que William votava a Franklin Roosevelt atingiu o auge quando Roosevelt foi escolhido para director do Crimson. William julgava-se garantido para o posto e não podia atinar com a causa do malogro. Não pôde ocultar o seu desapontamento a Jeremias, sempre pronto a sentir o sofrimento alheio.

-Sinto muito - disse Jeremias. - Poderias fazer um magnífico trabalho.

-Não tem importância - disse William com uma careta. -Não te envergonhes dos teus sentimentos - disse gentilmente Jeremias.

William permitiu que se lhe escapassem algumas palavras do fundo do seu imenso desespero:

-Parece uma injustiça que eu não o tenha conseguido quando aquele colega o conseguiu com tanta facilidade.

Viu que Jeremias o fitava com uma peculiar expressão e desviou os olhos.

-Gostaria de te dizer uma coisa, William, se me permitisses. -E daí? - William sentiu como a sua própria voz soava áspera e forçada.

-Talvez nos seja difícil dizer tais coisas um ao outro. Em todo o caso, nunca as dissemos. Mas, se as disséssemos, talvez nos sentíssemos melhor.

-Dize o que quiseses - respondeu William. Sentou-se abruptamente na carteira e pôs-se a encher a caneta de tinta permanente.

-Roosevelt conseguiu o que queria porque é cordial para com todos. Ele é cheio de uma espécie de... de... amor, se compreendes o que quero dizer.

-Creio que não. Ele é cheio, sim, mas de ideias tolas pelo que pude compreender.

-Sei que algumas das suas ideias são estapafúrdias - admitiu Jeremias. - Mas tudo o mais nele é tão correcto que pode pensar como lhe aprouver.

William derrubou a caneta. Os seus olhos cinzentos estavam furiosos sob as sobrancelhas negras e os seus lábios fremiam.

-Suponho que queres dizer que o seu pai é mais rico e que a sua mãe é socialmente distinta, que vivem num bairro aristocrático... enfim, todas as coisas que não possuo!

-Bem sabes que não é isso o que quero dizer - protestou Jeremias. - Não falemos mais no assunto.

Não tocaram mais no caso. William era muito orgulhoso para confessar a

Jeremias que bem sabia o que ele queria dizer. William começava a compreender que faltava uma graça entre os seus dons. Não podia ganhar o amor da gente comum. Desculpava-se dizendo que era porque sentiam a sua superioridade, o seu óbvio poder mental, a sua capacidade para fazer facilmente o que os outros só conseguiam com esforço. O homem superior, dizia a si mesmo, folheando o seu Nietzsche, não pode deixar de ser odiado pelos seus inferiores, mas até esse ódio poderá transformar-se em vantagem e tornar-se instrumento para maior poder.

-Devo esperar o ódio - pensava William. - Devo aceitá-lo como coisa que me é devida, porque não me compreendem. O homem comum odeia o que não pode compreender.

Às vezes chegava a pensar que até Jeremias o odiava. Mas tais momentos passavam e ele procurava mostrar-se mais bondoso com o seu amigo, mais solícito em ajudá-lo, mais paciente com as suas fraquezas, suas dores de cabeça, seus hábitos.

William, a remoer incessantemente a sua derrota, sentia-se, além disso, preocupado com um editorial do *Cri nson* antes das eleições universitárias. Roosevelt escrevera: «Há um dever mais alto do que votar pelos próprios amigos pessoais: é o de assegurar, para todas as classes, «leaders» que realmente mereçam as posições».

Estas eram as palavras de um homem decidido a ser um liberal, a despeito da classe e propriedade. Se a Costa de Ouro os repudiava, o facto é que os votos pertenciam à multidão.

William jamais perdoou a Franklin Roosevelt. Já tinha começado a acreditar que, em qualquer parte do Mundo, o povo é composto de estúpidos e tolos, e agora estava convencido da sua loucura. Os Boers que lutaram contra a Inglaterra eram estúpidos e tolos. Os chineses de que se recordava das ruas de Pequim eram estúpidos e tolos. Dali por diante não falaria com ninguém em Harvard, excepto com os que moravam na Costa de Ouro.

Mas um dia ouviu uma observação que novamente o alarmou. Um pálido professor de longos bigodes disse estas palavras com uma ênfase demasiado ardente para o gosto de William: «O povo americano controla o seu próprio destino».

William começou então um sério estudo da História e do governo do seu país. Reconheceu, para seu desconsolo, que a observação do professor era verdadeira. Por estúpidos e tolos que fossem, os americanos elegiam os seus governadores, zombavam deles, desprezavam-nos ou admiravam-nos, obedeciam-lhes ou não, apegavam-se a eles ou rejeitavam-nos. Começou, depois disso, a olhar as pessoas com que cruzava na rua com consternação e até com receio. Mau grado a ignorância aparente no seu rosto e óbvia no seu rude falar, aqueles homens escolhiam, no seu próprio meio, certos homens seus semelhantes a quem conferiam os poderes de Estado. Era monstruoso. Durante meses William sentiu-se num covil de feras. Procurou falar a esse respeito com Jeremias, que primeiro se riu dele e depois tentou explicar:

-Os americanos não são propriamente um povo... são americanos.

William não tinha tal reverência. O que via além da Costa de Ouro lembrava-lhe ominosamente as ruas e as estradas da China. Temia a gente

comum de lá. Pois não se tinham erguido, em toda a sua loucura, contra homens como seu pai? Von Ketler fora assassinado por um tolo ignorante. Lembrava aquele digno alemão que uma vez, nas comemorações do 4 de Julho da Embaixada Americana, lhe falara cortêsmente. O povo comum poderia erguer-se de novo contra os seus superiores e matá-los, contanto que fosse dirigido e controlado.

Sim, como controlar aqueles irrequietos e independentes trocistas que eram o povo comum da sua própria terra? Não tolerariam um verdadeiro dirigente, não tinham respeito pelos que lhes eram superiores. Gostavam de apeiar os grandes e de os aniquilar. Veja-se o Almirante Dewey, por exemplo, herói por uma hora, cujo arco triunfal de estuque, destinado ao mármore, acabou por cair por terra, sendo afinal transportado pelos varredores de detritos! O capricho do povo era a mais terrível força do Mundo.

Depois disto, William, conhecendo agora a sua própria falta de encanto, reflectia sobre aquele estranho e inexplicável poder de atrair os seus camaradas, o encanto que o jovem Franklin Roosevelt possuía tão naturalmente como possuía estatura, intrepidez e riso pronto. Sem esse frágil dom, dizia William orgulhosamente consigo mesmo, devia puxar pelo cérebro e descobrir um meio de ensinar e controlar a besta feroz das multidões. Conduzi-las-ia sàbiamente, insidiosamente, encantando-as com palavras, sem jamais ser visto.

Naquele terceiro ano do curso, escreveu ao pai para lhe dizer que não voltaria à China. «Sinto que sou mais necessário aqui do que aí. A verdade é que não me deixei impressionar pela civilização americana. Pretendo fundar uma espécie de jornal, alguma coisa que o povo comum possa ler, ou pelo menos olhar, e assim fazer o que possa para esclarecer os meus compatriotas».

Um dia, jurava William a si próprio que seria editor e proprietário de um jornal, talvez até de uma cadeia de jornais, com que poderia derrotar qualquer homem de que não gostasse ou desaprovasse. Desgostar era desaprovar. Precisava de dinheiro, naturalmente, mas conseguiu-lo-ia de alguma forma. Homens inteiramente estúpidos, pelo que via, eram capazes de enriquecer.

Neste entretanto, Franklin Roosevelt não obteve o Phi Beta Kappa, e William sentiu-se consolado quando ele próprio se viu entre os escolhidos.

Mas aqueles anos eram bons, afinal: com o tempo, tornou-se membro da família Ca meron e passava as férias com eles, depois de breves visitas de obrigação a seus avós e irmãs. Reconheciam agora que William era independente e diferente. Henrieta conservava-se em orgulhoso mutismo na sua frente, Ruth adorava-o timidamente e seus avós procuravam, um tanto em vão, tratá-lo como a qualquer rapaz. Sabiam que ele era extraordinário. Até Mrs. Cameron estava agora convencida disso. Era-lhe agradável ter junto de si um belo jovem que sabia vestir-se e estava sempre pronto para a atender. Ele dava pouca atenção a Candace, actuava com Mrs. Cameron depois de cada período de férias e era uma espécie de irmão mais velho para o seu pobre filho. Em certa festa de Natal, apresentou William às senhoras suas amigas e esqueceu-se de mencionar que seu pai era missionário, deixando a impressão de que ele estava ligado ao corpo diplomático em Pequim. William não a corrigiu.

Os seus sonhos voejavam em torno das felizes semanas que passava na mansão da Quinta Avenida. Todas as manhãs, aceitava um encargo que Mr.

Cameron lhe oferecia. Foi à Europa com Jeremias, fazendo às vezes de secretário e guia, e tinham um criado para ambos. Visitaram juntos as velhas cidades e singraram o Mediterrâneo. E estava assente que William sempre voltaria para casa com Jeremias depois de terminada a viagem. Tinha dois quartos na vasta mansão Cameron, que comunicavam com os aposentos de Jeremias. Dali, escrevia de raro em raro para as suas irmãs e avós, e Pequim estava quase esquecida. Os Cameron haviam-se tornado a sua família.

Reflectia muito sobre os Cameron, ponderando como poderia alcançar por seu intermédio as culminâncias que vagamente entrevia. Era uma das coisas que discutia com Jeremias. William não era rude. Não fora de balde que vivera tanto tempo entre chineses, embora essa convivência se restringisse aos criados. Sentia a rudeza de sua mãe, mas perdoava-lhe por causa da sua capacidade de sacrifício. Sua mãe era «por» ele, e William, quando descobria essa qualidade numa pessoa, abstraía de tudo o mais. Contudo, aprazia-lhe que, durante aqueles anos de escola, sua mãe estivesse lá longe, em Pequim. Ainda não estava certo se os Cameron eram inteiramente «por» ele, nem mesmo Jeremias. Essa incerteza tornava-o desconfiado e inseguro nas suas relações com cada um deles. Para Jeremias, ele tornou-se gradativamente alguém sempre desejoso de lhe poupar o trabalho de subir escadas quando queria um livro da biblioteca, e assim ia minando qualquer possível aversão da parte do outro. Ante o silêncio atento de William, Jeremias, quando em férias, falava mais livremente do que na escola, revelando uma alma delicada e poética, atormentada de interrogações, e um espírito perplexo com problemas de consciência. E desse modo abordou a sólida questão do dinheiro.

- Bem sei que, se meu pai não fosse rico, eu agora estaria morto. Mas desejaria dever a minha vida a alguma coisa mais.

- Querias talvez dizer que deves a vida ao facto de teu pai possuir a capacidade de enriquecer.

- Duvido que a capacidade de enriquecer seja alguma coisa de particularmente nobre - replicou Jeremias.

- Em todo o caso, nem todos podem fazer isso. Teu pai deve possuir algum dom natural.

A mutável e pálida face de Jeremias assumiu um súbito ar de aversão.

- Esse dom - disse ele - consiste apenas na capacidade de vencer os competidores menos fortes.

William guardou silêncio e, no silêncio, Jeremias continuou a falar. - Os filhos dos ricos sempre se queixam da riqueza dos pais, suponho eu. Mas deve haver algum meio de viver que não seja devido ao esmagamento dos demais.

William não respondeu. Jeremias, pensou ele, não tinha nada que o prendesse à vida. O mal de Jeremias consistia em não desejar nada. Mas ele, William, desejava tudo: êxito no jornal que pretendia fundar, e depois uma esposa bela e rica, uma mansão para morar, um lugar em que pudesse ser cínico de uma maneira que ainda não sabia qual fosse. E o meio para conseguir tudo isso, bem o sabia, era o dinheiro. Tinha a plena certeza de que o dinheiro era o que desejava antes de tudo.

Mais tarde reflectiu calmamente, à sua maneira, sobre a família Cameron. Poderia facilmente desenvolver as suas relações fraternais com Jeremias. Na

verdade, gostava mesmo de Jeremias. Quanto a Candace, consideraria o caso com o correr do tempo. Aproximava-se muito do tipo intelectual para que tivesse pressa de casar. Quanto a Mrs. Cameron, compreendia-a e não a temia. Os seus pensamentos aproximavam-se agora cautelosamente da imagem de Mr. Cameron. Essa era a figura central, a mais importante, que devia abordar com real finura. Mr. Cameron conhecia segredos. Pensando nessa vaga e pouco impressionante pessoa, William percebia que por detrás da face sem expressão, de lábios delgados, havia qualquer coisa de grande, um poder extraordinário e profundamente contido. Ele adivinhava, por alguma intuitiva afinidade, que Mr. Cameron nunca revelava os seus verdadeiros pensamentos à família, não às mulheres certamente, e, provavelmente, nem ao seu frágil e hipersensível filho. E William resolveu penetrar naquela solidão, não com estratagemas, mas com toda a franqueza e honestidade.

-Mr. Cameron - disse ele no Domingo de Páscoa - desejava pedir o seu conselho sobre uma coisa.

-Pois não! - replicou Mr. Cameron. O domingo era um dia em que ele fazia sesta. Mas agora já tivera tempo de fazer a lenta digestão. Dormira, despertara, fora passear no jardim com a mulher e a filha, para ver como iam os pés de narcisos, e voltara depressa para reler o jornal junto à janela da sala de estar, que era o seu lugar favorito de repouso. Ali fora ter William, depois de esperar pacientemente à sua própria janela, de onde podia observar o movimento no jardim. Jeremias e Candace tinham ido com a mãe visitar os seus avós.

Sentou-se a respeitosa distância de Mr. Cameron e numa cadeira de encosto. A sua infância em Pequim ensinara-lhe a deferência para com os mais velhos, e não se sentiria à vontade se tivesse escolhido uma das profundas poltronas de couro.

-Desejaria falar sobre o meu futuro, Mr. Cameron - disse ele.

-Que há quanto ao seu futuro? - perguntou Mr. Cameron. Os seus olhos pousaram no jornal que tinha a seus pés. A secção financeira estava à vista e ele mostrava-se desgostoso porque os lucros de uma companhia rival tivessem excedido rapidamente os da sua própria companhia.

-Desejo enriquecer -proferiu William simplesmente.

Os tufo grisalhos das sobranceiras de Mr. Cameron palpitaram como antenas. - Para que quer você ser rico? -perguntou. Olhou para William com algo mais do que o displicente interesse de sempre.

-Vejo que, aqui, nos Estados Unidos ninguém pode conseguir nada do que deseja a não ser que seja rico.

Mr. Cameron sorriu e concordou subitamente. - Tem toda a razão. - Levantou o jornal do chão, reclinou-se para trás e procurou um charuto no bolso. Era curto e grosso; acendeu-o e largou uma baforada de fumo azul e perfumado. Caíra a vaga barreira que sempre se levantara entre ele e os filhos dos seus amigos. Compreendeu que poderia falar com William. Sempre desejara poder falar com os rapazes e dizer-lhes as coisas que sabia. Se um velho lhe tivesse falado quando ele era jovem, teria ido muito mais longe.

-Uma coisa lhe digo. - Desviou o charuto para o canto da boca.

-Se quiser enriquecer, William, terá de deixar de pensar absolutamente sobre qualquer outra coisa. Tem de se concentrar e de aplicar todo o seu cérebro a essa

ideia.

-Sim, senhor - disse William, atento, com as mãos cruzadas sobre os joelhos. Eram mãos pequenas, como Mr. Cameron lembrava que sua mulher havia dito, e já cobertas de um velo negro surpreendentemente espesso. Os cabelos de William eram negros também, em contraste com os seus claros olhos verde-cinza. Um tipo estranho, reflectiu Mr. Cameron, embora tão bonito.

-Pensou nalgum ramo especial? - perguntou Mr. Cameron.

William hesitou. -E o senhor já tinha pensado na minha idade?

-Pensei, sim - replicou Mr. Cameron. - Aí é que está a questão. Você tem de pensar nalguma coisa que o público queira -não em meia dúzia de ricos, note bem, mas em todos aqueles que não têm muito dinheiro. Tem de pensar nalguma coisa que eles precisam de comprar, mas que não custe muito caro. Foi assim que pensei nos Armazéns.

William conhecia muito bem os Cameron Stores. Havia uma dessas lojas em quase todas as cidades. Tinha vagueado por elas mais de uma vez, olhando as pilhas de roupa-branca barata e utensílios de cozinha, miudezas, louças, carrinhos de criança, linóleos, tudo aquilo que uma família comum poderia desejar e nada daquilo que Mr. Cameron teria em sua própria casa. Pura zurrapa.

-Pensei num jornal - disse William.

-Um jornal? - Mr. Cameron parecia confuso.

-Um jornal barato - explicou William-. Com uma porção de fotografias, para que o público primeiro olhe e depois leia.

-Nunca tinha pensado nisso - disse Mr. Cameron. Olhava para William digerindo a nova e notável ideia. - Já existem muitos jornais.

-Não do género que pretendo publicar.

-Que género? - perguntou Mr. Cameron. -Eu julgava conhecer todos os géneros...

-Creio que conhece, sim. Esse género, no entanto, ainda não existe na América. Colhi a ideia da Inglaterra... e um pouco também, talvez, do New York World e depois do , jtournal. Mas eu próprio não tinha pensado em fazer nada até que comecei a ter conhecimento do que fazia Alfred Harmsworth na Inglaterra. O senhor já viu os seus jornais?

-Não - respondeu Mr. Cameron. - Quando estou em Londres sempre leio o Times e, quando muito, dou uma vista de olhos ao Illustrated Times.

-O meu jornal - explicou William, como se este já existisse -é o que se chama «tabloid» e deve conter tudo o que possa interessar às massas. Não será para pessoas como o senhor, Mr. Cameron. Será repleto de ilustrações. Tenho notado, até mesmo na escola, que os homens, na sua grande maioria, não lêem realmente muito, mas sempre observam as ilustrações.

-Espero que não se queira dedicar ao jornalismo sensacionalista - disse Mr. Cameron severamente.

-Pode ficar tranquilo - assegurou William. - Espero fazer alguma coisa mais subtil do que isso. - Fez uma pausa, e depois continuou, reflectidamente, com os olhos fitos nos desenhos do tapete: - Pretendo, se o senhor me permite, falar sobre este assunto com Jeremias, e um dia poderemos ambos pôr mãos à obra.

Mr. Cameron estava satisfeito. Aquele poderia ser o trabalho adequado para Jeremias: trabalho leve, sentado a uma secretária. Já tinha muitas vezes

pensado no que poderia fazer com o seu débil filho, mas era demasiado prudente para demonstrar aprovação. -Bem, isso depende do que Jeremias pretenda fazer. Os jornais demandam muito dinheiro para começar.

William estava calmo. Era muito prudente para repetir o que sua mãe tantas vezes lhe dissera, mesmo antes da sua ida para Chefoo. «Só deves ter poucos amigos - dizia ela. - E cada amigo deve contar para alguma coisa.» Tinha visto a inabilidade de imprestáveis amigos na escola inglesa: as suas relações, ali, com o filho do Embaixador britânico, tinham-lhe sido de muito mais utilidade do que toda a horda dos filhos dos missionários.

Na Universidade, havia três de entre os amigos de Jeremias que ele procurava atrair para si: Blayne Parker, Seth James e Martin Rosvaine. Quanto a Blayne, William ainda estava em dúvida, porque Blayne era poeta e Jeremias oferecia-lhe algo que William se sentia incapaz de suprir. Quanto a Seth e Martin, estava resolvido a conservá-los. Em todo o caso, não havia razão para que os cinco, inclusive Jeremias, não continuassem juntos depois de diplomados. O pai de Seth poderia, sozinho, entrar com o capital de que necessitassem. Entretanto, ia frequentando os seus clubes.

-Tudo calculado, hem? - disse Mr. Cameron. Um ar de admiração transparecia-lhe no rosto, mesclado de relutância. Fosse Jeremias um rapaz assim e tê-lo-ia colocado nos Estabelecimentos. O convite estava na ponta da língua. -Gostaria de...? -Dali a dez anos, quando ele próprio estivesse velho, já William estaria com bastante prática. E poderia ser que ele não estivesse então em condições de lutar com aquela esperteza de jovem, no caso de oposição entre ambos. Estava muito bem que se desse uma oportunidade aos novos, mas não completamente toda. Por outro lado, quando viesse mesmo a precisar de alguém, William bem poderia ser a sua mão direita nos seus Estabelecimentos. Se William desposasse Candy, por exemplo, seria quase tão bom como se o rapaz tivesse nascido na família. Bem, pensaria nisso com o vagar que o caso requeria... Recostou-se na cadeira e cruzou as mãos sobre a absurda barriguinha que lhe avultava no corpo esguio.

-Quando houver oportunidade - disse ele pensativamente - é possível que eu mesmo faça alguma coisa, William. Digo possível, somente. Pois nesta época e com estes governos...

William ergueu-se. -Eu não pensaria em tal, Mr. Cameron - replicou com voz firme e sonora. - Estou certo de que me arranjarei por mim mesmo.

Sim, era a resposta adequada, embora sentisse que, quando houvesse uma oportunidade, necessitaria de Mr. Cameron. Antes dever a Mr. Cameron que ao pai de Seth James.

Antes que Mr. Cameron pudesse responder, a porta abriu-se e Candace surgiu. Irrompeu como a estrela da manhã, pensou ternamente o pai. Estava toda de cor-de-rosa e prata e com peliças de raposa branca. As suas faces estavam coradas devido ao vento, pois insistira em manter abertas as vidraças do automóvel, e os seus cabelos loiros encaracolavam-se sobre as orelhas e a testa.

-Porque vieram esconder-se aqui? - perguntou ela. - A mãe, manda dizer que façam o favor de se apresentar. Temos visitas.

-Estávamos a falar de negócios - disse Mr. Cameron. Era a seca e instintiva

resposta a quaisquer perguntas femininas.

-Absurdo - disse Candace. - William não lida com negócios.

-Mas tem uma ideia muito interessante - disse Mr. Cameron, unindo as pontas dos dedos. - Uma ideia muito interessante.

Depois ele próprio teve uma ideia. Ergueu-se e apressou-se, com o seu arrastado passo, na direcção da porta. - Irei, apenas, para agradecer a tua mãe. William não precisa de se aborrecer com os nossos amigos, a não ser que o queira. Aposto que são os Cordies.

-São, sim - disse a jovem, abrindo duas covinhas nas faces.

-Não venha, William - disse Mr. Cameron. - De qualquer maneira eles não se lembrariam de si na próxima vez em que o encontrassem.

Assim deixou os dois jovens a sós e continuou, satisfeito, o seu caminho. Em Candace podia ele confiar. Ela não deixaria nem sequer o próprio marido causar qualquer dano à família. Ele não pregava prego sem estopa. Era o segredo da sua fortuna. Isso... e a deliberada ignorância das desgraças alheias. Talvez ajudasse William, quando fosse oportuno. Tinha algum dinheiro em caixa, de que não sabia o que fazer.

Ficando a sós com Candace, William não disse nada, e ela tirou a jaqueta de pele e ergueu um pouco mais o pequenino chapéu de flores.

-A respeito de que estavam a falar?

-Teu pai perguntou-me o que desejava fazer depois de diplomado, e eu disse-lhe que pretendia fundar um jornal.

Os claros olhos azuis da jovem estavam docemente fitos nele. -E porquê um jornal?

William ergueu os seus belos ombros. - Porque fazemos nós uma coisa, a não ser porque tem vontade de a fazer?

-Não, William, não fijas à questão. Porque te sentes tão inferior aos outros?

Ela cravara-lhe um punhal no coração. William sentiu o sangue subir-lhe ao rosto e teve o cuidado de não olhar para ela. -Como, sinto-me inferior?

A sua voz, habitualmente tão controlada, perdera a firmeza. -E não te sentes? -perguntou ela. -Na verdade eu próprio não sei.

Ela não quis assumir a responsabilidade de uma asserção pessoal. - Qualquer pessoa pode ver que nunca respondes francamente. Sempre calculas o que vais dizer.

-Suponho que seja porque não tenho vivido suficientemente na América - replicou ele. Embora desprezasse a sua China, não raro achava conveniente refugiar-se nela. Isso dava-lhe uma razão, levemente romântica, da diferença entre ele e a gente vulgar.

-Queres dizer que os chineses não respondem francamente? -perguntou ela.

-Penso que preferem responder correctamente.

-Mas a franqueza é sempre correcta.

-Sim? - disse ele, com um ar de amável e superior sabedoria.

-Pois não é?

-Não sei - respondeu ele de novo.

-Mas tens de pensar alguma coisa? - exclamou a rapariga com branda impaciência.

-Nem sempre sei o que pensar - replicou. -Na maior parte do tempo vivo tacteando o meu caminho. Todos os dias encontro gente que não posso compreender. Não tenho experiência que me ajude.

Ela reflectiu um momento. - São os chineses tão diferentes de nós ou estás apenas a fingir?

-Fingindo o quê?

-Que és diferente.

-Espero que não seja muito diferente de ti, Candy.

Era um passo em frente, e ela recolheu-se.

-Não sei se és diferente ou não. Eu não posso entender-te, William.

Ele sentiu que tinha avançado bastante. -, Nem eu a ti, às vezes. Excepto, hoje, que pareces amável. Não é preciso que nos entendamos, como dizes... pelo menos por enquanto. Para que nos apressarmos, Candy? Quero que chegues a conhecer-me, como na verdade penso que nem eu próprio me conheço. E isso demanda tempo, muito tempo.

Disse tudo isso com o seu culto acento inglês, que ainda não tinha perdido.

-Porque insistes em falar em tempo? - indagou Candace.

Ele riu em silêncio. - Porque não quero que ninguém possa arrebatá-te de mim, de um momento para o outro.

Isso fora bastante directo na verdade, e ela baixou os olhos para a rosa que prendera no seu regalo de peles, reflectindo. E quando falou, foi com suave malícia na voz

-Mas sempre estou certa de que sempre alcanças o que queres... desde que estejas certo de que o queres.

William aparou o golpe com astúcia. - Ah, mas tu compreendes, desta vez podes não querer o que eu quero. E confesso que ainda neste ponto sou chinês: não gosto de ser repellido, nem mesmo indirectamente. Prefiro não ser colocado em tal posição.

-É o teu sentimento de inferioridade que voltou.

-Chama-lhe antes sensibilidade.

-É um mau jogo, então.

-O assunto de que estamos a tratar não é nenhum jogo.

Ele falou com uma autoridade tão tranquila que ela viu-se compelida a respeitá-lo. Era apenas um ano mais velho do que ela, mas era como se tivesse dez anos mais.

-Não sei, afinal, de que estamos a tratar - disse ela.

-De ti e de mim - respondeu ele gravemente-. Embora para o futuro, daqui a dois ou três anos, talvez.

-Não pretendo casar-me com alguém, ainda por muito tempo.

-Era só o que eu queria saber - replicou William. Estava encostado à lareira, com as mãos nos bolsos. Agora inclinou-se para ela, ergueu-lhe a mão e levou-a aos lábios. Ela procurou evitá-lo, mas ele não lhe deu tempo. No mesmo instante, ele largou-lhe a mão e retirou-se. Ela pegou o lenço e limpou a mão; depois meteu-a profundamente no regalo, e ali ficou sentada, por muito tempo, a pensar.

À medida que passavam os meses, William vivia oprimido com medo de que seus pais resolvessem voltar por ocasião da sua formatura, um medo que jamais confessara a si próprio, até que seu pai lhe escreveu de Pequim, em Abril:

«Nem tua mãe nem eu podemos estar aí para assistir à tua formatura, meu querido filho. É um grande pesar para nós. Discutimos o assunto várias vezes, e no princípio eu estava inclinado, com ela, a fazer uso das nossas pequenas economias e pedir uma licença sem remuneração. Depois pareceu-me que não tinha o direito de colocar os sentimentos pessoais acima do trabalho de Deus. Estamos agora a viver na China uma época muito especial. A oportunidade de pregar o Evangelho é verdadeiramente sem precedentes. Por mais que deplore a maneira com que, finalmente, dominámos a Velha Imperatriz, e principalmente a ocupação da cidade pelas tropas ocidentais, ela recebeu, contudo, uma boa lição. Temos agora todas as oportunidades. Deus opera por misteriosos desígnios, e não devemos perder a colheita. Desejo apenas que a Velha Imperatriz venha a compreender que está derrotada. Mas ela não o pode imaginar...»

Duas semanas mais tarde sua mãe tinha-lhe mandado umas páginas divertidamente desoladoras.

«Meu querido William, não posso ir ver-te em toda a magnificência da formatura por Harvard! As meninas saíram-nos muito caro este ano. A operação de apêndice de Henrieta foi uma das causas. O Conselho Directivo pagou-a, naturalmente, como devia fazer. Mas quando pedi umas pequenas férias para assistir à formatura do meu único filho, recusaram-se, dizendo que já tinham feito muita despesa. Não podemos culpar Henrieta, mas é estranho que isso tenha acontecido exactamente agora. Poderíamos recorrer às nossas economias-uma miséria-, mas eu não o quis fazer: isso poderia meter coisas na cabeça do Conselho. Ó meu filho, vê se consegues várias fotografias do acontecimento! Estou certa de que tens amigos que, em consideração à tua mãe, farão com que eu tenha uma vista desse dia. Fala com o bom Jeremias, ou com Mr. Cameron. Dize-lhes como me dói o coração por não poder estar contigo e com eles.»

William escrevera uma carta adequadamente triste e depois, com o espírito livre da possibilidade da presença dos seus importunos pais, empenhara-se em terminar condignamente o seu último ano.

Numa noite de junho estava a preparar-se para um baile. Era poucos dias antes da formatura, e o baile realizava-se em casa da família de Martin Rosvaine, em Boston. Os Rosvaines eram antigos bostonianos, com a ressalva de que os seus antepassados eram franceses em vez de ingleses. A riqueza encobria esse defeito, e a alegria gaulesa corria nas suas veias, induzindo-os a divertimentos muito mais dispendiosos do que habitualmente seria de esperar dos outros bostonianos. Nessa noite William achava-se tão perto da completa felicidade quanto lho permitiam as suas insatisfeitas ambições. Candace estava entre as jovens convidadas, e ela e seus pais ficaram no Hotel Somerset até depois da formatura. Ele sentia uma doce antecipação quando pensava na sua linda e meiga face e indagava consigo se deveria dizer-lhe que o nome dele estava entre os poucos que receberiam o seu diploma *summa cum laude*. Resolveu que não, pois Jeremias passara pela tangente, como se diz, apesar da infatigável ajuda dele, William, na matemática superior e nas línguas modernas. Candace estava sempre

pronta a zombar de gabarolices e ele não podia explicar-lhe que os mestres-escolas ingleses lhe haviam dado uma boa base e que tinha aprendido a assentar bem os fundamentos. Jeremias, guiado por professores particulares durante uma delicada infância, não sabia que as matemáticas devem ser aprendidas como se apanham cardos, que o alemão não pode ser aprendido a não ser que a gente se engalfinhe nele e o domine à força, que o francês pode enganar o espírito e a língua com a sua suavidade e escapar inteiramente à memória. Como um mestre-escola num porto chinês, tinha usado livremente a régua nas palmas de William e batido na cabeça e torcido as orelhas, com os mais amargos sarcasmos sobre os novos-ricos americanos que, na verdade, não passavam de coloniais ingleses, William aprendera cedo a cumprir as suas menores ambições. Mesmo na mais obscura e particular acção, tinha de haver luta e domínio.

Não possuindo a vantagem de tal experiência, Jeremias contentara-se em escapar à reprovação. Estava agora deitado na cama, com um pijama de seda cor de alface, que combinava com os seus cabelos claros e a sua tez pálida. Declarara-se cansado só de assistir à partida de «baseball», à tarde. Contemplava preguiçosamente William a fazer a sua cerrada barba escura com uma navalha à moda antiga. O Sol de junho atravessava as janelas, e William tinha os pés em cima de um brilhante quadrado de luz. O seu espírito estava ocupado com planos que nada tinham a ver com a Universidade. Depois da formatura, passaria duas semanas de férias com os Camerons e depois trataria a sério de conseguir dinheiro para o jornal. Abandonara inteiramente os seus primeiros planos. Não podia pedir dinheiro aos seus colegas nem sequer dos parentes deles. Ele mesmo o conseguiria, se fosse possível, com Roger Cameron, e talvez o tomasse emprestado, com a fiança de Roger. Depois contrataria Martin Rosvaine e Seth James. Mas ele faria o trabalho principal.

-Estás a pensar no jornal - exclamou Jeremias de súbito.

-De facto - replicou William. Estava atando a gravata, com os seus pequenos dedos hábeis e ágeis. -Como sabias?

-Vi por esse ar decidido que tens agora - respondeu preguiçosamente Jeremias. -Temo-o e respeito-o.

---Não sou filho de um milionário - disse William com um impiedoso sorriso.

-Tenho de me mexer e lutar, como fez o teu velho. Talvez o meu filho possa ficar deitado e escrever versos.

-Não posso imaginar um filho teu a fazer uma coisa dessas - replicou Jeremias.

Mas calou-se, depois dessa referência ao filho de William, pois inevitavelmente um filho deve ter uma mãe e ele sabia agora que William desejava desposar Candace. Estava no embaraçoso papel de confidente de sua irmã e do seu amigo e era incapaz de denunciar a qualquer deles o que o outro lhe dissera. Cada um estava igualmente incerto. William dissera francamente, poucos dias antes: «Não sei se faço bem em me deixar apaixonar por Candy. Agrada-me que ela seja tua irmã, agrada-me a ideia de ser teu cunhado. Mas ela está acostumada a tudo, e eu terei um osso duro para roer. Não a quero ver às costas do pai. Quando casar, serei o senhor. Se eu tiver de comer batatas, ela terá de comer e gostar.»

William parecia particularmente agradável enquanto assim falava. Tinham

voltado de um jantar entre homens no seu clube, e envergava um fato novo oferecido por sua mãe. Tinha ido a Nova York para o mandar ajustar.

Jeremias rira. - Garanto que não comerás batatas duas vezes! - replicara. Os gostos de William em matéria culinária eram faustosos e caros, de acordo, dizia sempre Jeremias, com o seu antigo costume de comer barbatanas de tubarão e sopa de ninhos de passarinho em Pequim.

Quando afinal Candace tinha falado em casamento na sua presença, ele avisara-a de que William era duro de coração. -Ele quer ser o senhor - dissera a Candace. -Ele tem-se mostrado assim contigo? -perguntara ela. -Não, porque ainda não conseguiu de mim tudo o que deseja.

-E que deseja ele?

-Deseja poder, antes de tudo - disse Jeremias pensativamente.

-É porque se sente inferior - replicara afinal Candace. - No fundo do coração, ele tem medo. Isso faz pena, Jeremias! Ele ignora que não precisa de ter medo de nada nem de ninguém, porque é realmente encantador. Ele não sabe o quanto é encantador.

Jeremias sorria-lhe fraternalmente. -Decerto ele havia de gostar que lhe falasses assim. Mas aviso-te, Candy! Terás de te vergar a ele, uma vez que ele te consiga. -E, após um instante de silêncio: - Isso corta-me o coração.

Essas palavras alarmaram-na. -Porquê? -indagara ela.

Ele sacudira a cabeça. -Não há nele nenhum amor por ninguém.

-Talvez não tenha encontrado ninguém para amar - dissera ela, simplesmente.

Fragmentos de semelhantes conversas vinham-lhe à memória enquanto via William vestir-se.

-Vais atrasar-te - avisou William, lançando-lhe um olhar severo. Os seus olhos claros, sob as espessas e escuras sobrancelhas, tinham um estranho brilho metálico.

-A minha família está acostumada comigo. Não-de esperar. Desejava que meu pai tivesse comprado um Apperson, em vez de um Maxwell.

-O Maxwell 'é maior - disse William.

Mr. Cameron surpreendera todos com a compra de um automóvel depois da Páscoa, e escolhera o Maxwell para viagens. Era movido a vapor, um sistema já antiquado, mas Mr. Cameron tinha medo dos novos carros accionados a gasolina.

Uma espécie de grasnar de ganso atravessou a janela aberta, acompanhado de uma baforada de fumo. Jeremias saltou da cama, meteu a cabeça pela janela e gritou para o motorista: -Esfria isso, Jackson! -E desapareceu na casa de banho, apanhando toalhas pelo caminho, macias toalhas de seda bordadas com um grande e complicado monograma.

Tendo ficado sozinho, William pensou em Candace enquanto [acabava de](#) se vestir. Arranjadas as unhas, ajustado o casaco, a gravata correcta, o cabelo penteado, examinou-se ao espelho. O moreno oval da sua face não lhe desagradou, apesar da leve parecença que achava ter com Henrieta.

Consultou o relógio. Era mais tarde do que pensava, e perguntou a si próprio se o florista teria mandado entregar as rosas e os miosótis que encomendara para Cand..ace. Os seus pensamentos revoaram agradavelmente

em torne dela durante um momento. Tinha resolvido desposá-la e, pensando nisso, sentiu uma excitação, até então vaga, apossar-se de si. Porque não pediria a sua mão naquela noite? Uma cálida e bela noite, o romântico cenário de uma casa opulenta, o seu próprio sentimento do êxito de ser coroado em breve com summa cum laude--que mais lhe faltava? Ele não era impulsivo, a emoção fora abrandando lentamente até aquele momento, e desejaria completar esse primeiro capítulo da sua história assentando de vez a questão do casamento.

Estava tão silencioso e até solene que Jeremias fitou-o pensativamente enquanto se vestia. No automóvel, abrigados com bonés e guarda-pós, foram compelidos ao silêncio, enquanto Jackson corria a mais de dez milhas por hora através do campo que escurecia. Ventava e, quando em Boston se abriu para eles a porta da grande mansão, um criado levou-os ao vestiário, onde os dois jovens se limpavam da poeira da estrada.

William foi imediatamente separado de Jeremias por Martin, que veio ao seu encontro.

-William... escuta! -rogou Martin, em voz baixa e excitada. -A minha velha tia Rosamond acha-se aqui e está interessada pelo jornal! -Tinha levado William para um canto, debaixo da grande escada de carvalho.

-Não posso pedir dinheiro a ninguém - murmurou William.

-Não seas parvo - disse Martin, e, segurando-o pelo cotovelo, levou-o, através do salão, até onde se achava uma velha dama, toda de rendas pretas e com diamantes, sentada numa cadeira de espaldar alto, de encontro a umas palmas.

-Tia, apresento-lhe William Lane.

William inclinou-se.

-Então é o senhor o jovem - disse Tia Rosamond em voz alta. -Veio da China, pelo que disse o meu neto. Terrível país aquele, pelo que ouvi contar, onde atam os pés das mulheres e matam os missionários.

-Tudo isso já pertence ao passado, espero eu-proferiu William gentilmente.

--Não fale na China! -suplicou Martin impientemente - Fale acerca do nosso jornal! -Por sobre a cabeça branca emplumada, Martin piscou o olho para William.

-Porque haveria de se importar com um jornal ilustrado para gente que mal sabe ler? -perguntou William.

-Tia Rosamond é uma mulher esperta - replicou Martin.

-Nã< é verdade, Tia? Olha, ela diz aos seus próprios procuradores o que devem comprar e o que devem vender.

Tia Rosamond sorriu. -Eu sou velha bastante para ser mãe deles - replicou com a sua voz áspera e alta. -Sim, sou velha bastante para ser mãe de quem quer que seja. Poderia ser sua bisavó, mas estimo que não o seja. Os rapazes são tão pândegos hoje em dia... O seu jornal vai dar dinheiro?

-Muito! - respondeu William. -Por isso é que o vamos fundar.

-Espero que não seja para nenhuma dessas tolices de fazer o bem das massas - disse a tia Rosamond ainda mais alto.

-Sômente para o nosso próprio bem - disse William. -Quero ser milionário antes dos trinta anos. -Ele sabia agora que o único caminho para interessar os ricos era acenar-lhes com mais riquezas.

-Venha visitar-me - ordenou Tia Rosamond com súbito interesse. Ergueu para ele os seus grandes olhos negros e William viu com surpresa que ela deveria ter sido um dia bela.

-Obrigado - disse William, voltando-se para Jeremias. -Aí está Candace. Desculpe-me, Miss Rosamond. -Inclinou-se e deixou-os, porque não desejava parecer muito solícito com uma velha dama rica, e viu na cara de Martin a relutante admiração que ele amava.

Atravessando o soalho atapetado, parou para apertar a mão de Mrs. Rosvaine, uma simpática mulher grisalha de vestido de seda prateado, e depois a de Mr. Rosvaine, que se parecia com o retrato de seu bisavô francês, que pendia acima da lareira. Depois dirigiu-se aos Camerons e, fingindo que vira Candace por último, apertou as mãos dos dois velhos antes de se voltar para ela. Vestia um longo e vaporoso vestido branco e trazia as rosas e os miosótis. Parecia como uma bela jovem deveria parecer e como ele desejava que sua esposa parecesse, e o profundo e secreto egoísmo da sua natureza extravasou-se-lhe do coração. Era intolerável que alguém, a não ser ele, possuísse aquela preciosa criatura com todos os seus dons e graças. Poderia percorrer o Mundo inteiro e não encontraria uma mulher cujo carácter combinasse tão bem com o seu e que estivesse ao mesmo tempo ao seu alcance.

-Pareces uma princesa!

-William, não me digas que estás poético. -Dirigiu-lhe o seu descuidoso e belo sorriso.

-Não, não estou - protestou ele. -Criei-me nas vizinhanças de um palácio em Pequim, como sabes, onde moravam e brincavam princesas.

Mrs. Cameron ouviu falar e perguntou um tanto secamente: -As suas irmãs vem assistir à sua formatura, William? Apanhado de surpresa, ele também falou mais secamente do que pretendia: - Chegam amanhã.

-Que bicho tão original és tu! -acudiu Jeremias. -Porque não me disseste que elas vinham?

-Não pensei que estivesse interessado - retorquiu William. -Naturalmente que estou - insistiu Jeremias. -Conheces a minha irmã e eu não conheço as tuas.

-Henrieta é feia - disse William com aparente franqueza. -E, embora Ruth seja bonita, nunca descobri nada de interessante nela.

-Os homens nunca vêem nada nas suas irmãs - declarou Candace.

O interesse deles por qualquer assunto que não se ligasse às suas pessoas desvanecia-se rapidamente. Como todos os ricos, pensou William.

-As salas estão a aquecer - exclamou Mrs. Cameron em voz queixosa.

-Decerto não sentirás tanto calor nessa roupa como eu na minha - disse-lhe Mr. Cameron.

-Não sei - respondeu ela. -Tenho de aguentar um calo... -Mãe, por favor! - interrompeu Candace. -Não me importo com William - disse Mrs. Cameron.

-Já está acostumado connosco.

-Obrigado, Mrs. Cameron - replicou William. -Sente-se. Espero que tenha feito com que Candace reserve a primeira dança para mim. Ela prometeu-me, mas nunca cumpre as suas promessas.

-Essa menina é uma nulidade - disse Mrs. Cameron com uma vaga indulgência, sentando-se.

-Reservei, sim - afirmou Candace. -E nunca quebro as minhas promessas.

A orquestra começou a tocar e o salão de baile pareceu subitamente cheio. William deu-lhe um sorriso em resposta e arrastou Candace nos seus braços. Ele dançava bem e tinha a certeza de que o estavam olhando. Imaginava que o consideravam com admiração, embora forçada. Gostava de provocar a admiração.

Depois baixou os olhos e viu o rosto de Candace, calmo e belo. A sua pele era bonita, suave, os seus lábios doces e bem delineados. Que felicidade se ela pudesse casar logo com ele! Para quê um noivado longo? Precisava de Candace agora, por ela e por tudo que lhe poderia trazer. Pediria a sua mão naquela mesma noite. Via os olhos de Jeremias a espiá-lo. Com quem casasse, e quando, isso era um assunto que só a ele competia. Imerso em tais pensamentos, atravessou a noite, evitando Jeremias, dançando repetidamente com Candace e sem convidar mais ninguém, quando ela não estava livre. Depois, com horror, viu-a dançar duas vezes seguidas com Seth James. Sentiu-se angustiado. Seth era da classe de Candace, filho de um homem mais rico até do que o pai dela.

Dirigiu-se a Candace para reclamar a sua última dança. -Não posso deixar Seth a olhar-te dessa maneira - disse-lhe severamente, enquanto a tomava nos braços.

Ela sorriu sonhadoramente sem responder e ele viu os seus ombros alvos e os seus cabelos de ouro brilhando à luz das lâmpadas. Imaginou que ela estava longe dele e instantaneamente desejou forçar a sua atenção para si mesmo.

-Não vou dizer-te como estás bonita - declarou displicentemente. -Suponho que Seth já te disse isso tudo. -Sim- - murmurou ela.

Imaginou que ela se conservava afastada e puxou-a mais para perto. -Não estás no ritmo.

-Estão a tocar a valsa muito lentamente - replicou ela, mas obedeceu, com a face quase a tocar-lhe no ombro. Mas ainda assim ele não estava satisfeito.

Parou, e permaneceram imóveis no meio da multidão rodopiante. -Vamos lá para fora - disse abruptamente. -Toda a noite tenho estado com uma coisa aqui... uma coisa que eu desejaria dizer.

Ele colocou a mão dela no seu braço e conduziu-a, parecendo estranhamente carrancudo para um jovem enamorado. Jeremias viu-os encaminharem-se, através do salão, para uma porta aberta e, como não estava a dançar, foi ao encontro de seus pais, que dançavam vagarosamente num canto afastado e pararam quando ele chegou.

-Desejava avisá-los - disse em voz baixa. -Exactamente neste instante William está a pedir Candace em casamento.

-Oh! Meu filho... - exclamou sua mãe.

O pai parecia grave. -Não sei o que possamos fazer a esse respeito - disse ele, depois de pensar um instante.

Diante dos olhos atónitos de Jeremias, os dois olharam um para o outro e reiniciaram os lentos compassos da sua valsa. Após um momento retirou-se e depois foi servir-se de um grande copo de whisky, que bebeu de uma só vez.

Lá fora, sob um caramanchão de glicínias, no jardim alumado por lanternas chinesas, William iniciou, finalmente, a sua proposta de casamento a Candace. Tinha-se perguntado muitas vezes como isso ocorreria, e tinha feito meia dúzia de planos, nenhum dos quais pôs em execução agora. Ela parecia tão serena, tão

cheia de suave bom-senso, que lhe pareceu avisado abordá-la de igual modo.

-Candy, creio que sabes há muito tempo que desejo casar-me contigo, se me quiseres.

Estas foram as palavras que disse quase imediatamente depois de se sentar a seu lado. Ela abanou o pequeno leque chinês. Dera-lho ele no último Natal. Era um leque de seda e sândalo que sua mãe escolhera para ele em Pequim. Ele sentia agora o cheiro do sândalo no ar morno da noite, e lembranças da infância surgiam-sândalo e incenso e o cheiro abafado e adocicado dos velhos templos das colinas, onde as famílias dos missionários americanos iam algumas vezes fazer piqueniques, nos longos e claros Verões setentrionais. Afastou de si essas inúteis recordações.

Candace não tinha replicado.

-E então? -perguntou ele um tanto bruscamente.

-Não pensava que fosses fazer já o pedido - respondeu ela.

Não poderia dizer, pelo tom límpido e frio da voz, se ela estava alegre ou triste. -Eu tão-pouco o sabia - replicou ele, na maneira como tinha escolhido para se apresentar. -Talvez eu deva esperar até que tenha alguma espécie de renda. Mas nestes últimos dias tenho perguntado a mim mesmo porque haveria de esperar.

Prefiro lembrar-me algum dia, depois de ter construído um palácio e o ter enchido de escravos, que te fiz o pedido quando não tinha dinheiro e que me aceitaste assim mesmo.

Ela riu. -Bela ideia! -Agitou o leque, e mais uma vez o ar perfumado lhe bateu no rosto. Ele desviou-se, meio impaciente.

-Queres então, Candy?

-Quero o quê?

-Oh, Candy, não brincues!

-Mas ainda não me disseste que me amas! -Naturalmente que te amo.

Era a primeira vez que se dirigia a alguém nestes termos e as suas palavras agitavam-se-lhe na língua como seixos.

-De que modo estranho dizes isso! - observou ela maliciosamente.

-É porque é estranho para mim. Eu nunca disse isto a mais ninguém.

Isso sensibilizou-a, ele bem o sabia. Ela olhou-o curiosamente, com as pestanas erguidas, imóveis. Ele tinha em si a habitual carga de paixão, supunha, embora nunca o tivesse experimentado. Jeremias era puro e delicado, e, apesar de Martin visitar estranhos lugares, os rapazes com quem William se havia dado não eram fisicamente grosseiros. A luxúria não era um dos seus pecados naturais. Mas lentamente sentiu erguer-se em si um forte desejo de abraçar aquela bela jovem e, guiado pelo instinto, abriu os braços e sentiu-a abrigar-se entre eles. Sentiu-lhe os cabelos contra a sua face.

-Querida!

A palavra brotou por si mesma nos seus lábios. Ouvira seu pai usá-la uma, duas vezes, com sua mãe. Raramente se mostravam afectuosos diante dos outros, e a palavra gravara-se-lhe no espírito.

-Serás bom para mim, William?

-Sim. Juro que sim.

Ouviu-a suspirar, sentiu-a inclinar-se contra ele, e o leque caiu no chão. Pareceu-lhe subitamente que a amava com todo o amor de que era capaz.

Por sobre o jardim, à claridade mista do luar e das lanternas, uma valsa rápida flutuava em ondas de música e Candace perfilou-se. -Vamos dançar!

-Ficamos, pois, comprometidos, Candy?

Ela ergueu-se, mas ele não a deixou ir, com os braços a enlaçar-lhe a cintura.

-Eu... eu suponho que sim - disse ela, meio hesitante, meio receosa.

-Comprometidos!

Ele ergueu-se, enlaçou-a de novo e beijou-a forte e demoradamente. Quando a largou, ela soltou um pequeno grito: -Ah, quebraste o meu leque!

Com efeito, quando o ergueu, estava nas suas mãos como uma flor partida. Esmagara-lhe a filigrana com o calcanhar, e o cheiro, forte, subiu-lhe às narinas.

-Não importa, mandarei buscar outro a Pequim, de marfim em vez de sândalo, e forrado com penas de alcião em vez de seda.

-O marfim não tem perfume - queixou-se ela. -Dá-me os pedaços, William. Jamais gostarei tanto de outro leque.

Ele deu-lhos, quase ressentidamente, após o que penetraram no salão e começaram a dançar em silêncio. Ficara aborrecido consigo mesmo e depois com ela. O momento que desejara perfeito havia terminado mal. Ele fora desastrado, talvez, mas ela tinha sido imperdoável. Em todo o caso, fizera o pedido e fora aceito. Continuaram a dançar.

No dia da formatura, William levantou-se e tomou café antes que Jeremias despertasse. Depois atravessou o pátio e dirigiu-se até ao grande olmo junto do qual tinha combinado encontrar-se com suas irmãs e avós. Tinha chegado cedo à cidade e tomado um carro até um pequeno hotel de segunda classe, onde lhes haviam servido o breakfast.

Via-os à sua espera agora e, por um momento, pareceram-lhe tão destacados, tão isolados, como uma fotografia num álbum de família.

Henrieta estava mais vulgar do que nunca, e seus avós eram mais classe média do que julgara possível. Ruth crescera bonita e graciosa, e ele sentiu um súbito renovo de afeição por ela. Não precisava de se envergonhar dela. Mas nenhum desgosto transpareceu na sua moça e resoluta face; e apertou a mão dos velhos.

-Como vai, avô? Avó, foi muita bondade da sua parte... realmente... Espero que a viagem não tenha sido muito incómoda. -Beijou a face de Henrieta e enlaçou os esbeltos ombros de Ruth. -Venham. Vamos conseguir bons lugares.

O pátio enchia-se de vida. Finalistas de gorro e capa atarefavam-se aqui e ali.

Deixou os seus hóspedes na vasta entrada do «hall», onde já começava a reunir-se alguma gente, e empenhou-se em encontrar lugares de onde pudessem vê-lo receber o diploma.

-Ruth ficará no corredor. Assim poderá ver-me quando entrarmos marchando - disse ele, colhendo um seu sorriso.

Henrieta nada dissera desde que se haviam encontrado. Traz um simples vestido de linho azul e um pequeno gorro de marinheiro que ainda mais lhe

realçava os ângulos da face. Tinha olhos castanhos como os do pai, mas eram fundos e intensos, ao passo que os dele eram rasos e suaves. William observou isso, mas não notou o silêncio dela. Apressava-se em tratar dos seus próprios assuntos e em deixá-los.

Esperem-me de novo debaixo do olmo, quando isto terminar.

Encontrou os seus graves, deslumbrados olhos, tentou sorrir e retirou-se à pressa. Os seus aposentos estavam vazios, Jeremias tinha saído. Apanhou o capelo e a capa e ajeitou-os, lançou um olhar ao espelho e juntou-se à apertada multidão. Sentiu que- o miravam enquanto se dirigia para o pátio, mas não olhou para ninguém. A confiança, a animação, a segurança do triunfo estavam ocultos por de trás da sua calma e bela face. A honra que o dia lhe traria era apenas o primeiro degrau de tudo o que havia à sua frente, e ele sabia-o. Tomou lugar entre os seus colegas, e o importante dia começou, com o fim e propósito de quatro longos e às vezes fastidiosos anos.

Depois, de súbito, perdeu-o, como perderia tantos dias da sua vida. Tudo se tornou irreal para ele. O seu espírito parecia abandonar o corpo. Corria adiante dos anos, planeando, lutando, conquistando tudo quanto desejava. Quando teria o suficiente? Quando saberia o que era a satisfação? Tentava concentrar-se naquela hora que, agora que a tinha, não mais parecia um fim, mas apenas um princípio. Chegava a sentir vagamente que a estava a perder e desejava conservá-la. Era uma parte de satisfação, pelo menos o primeiro passo para o complemento, e um fragmento da sua vida que se completava. Tentava pensar em Candace enquanto se achava sentado entre os seus colegas; e tentava avaliar o som do seu nome na lista de honra.

«William Lane, summa cum laude.»

Mas já cessara de avaliar o que possuía, tão imenso era o seu desejo do que ainda estava por vir.

Quando a longa manhã terminou, foi novamente ao encontro dos seus avós e irmãs. Estavam à sua espera, junto do grande olmo, e a avó murmurou afectuosamente quando ele se aproximava:

-Tua mãe vai ficar tão orgulhosa! -E os olhos humedeceram-se-lhe com o fácil pranto dos velhos.

-Meu pai obteve as mesmas honras - disse William modestamente. -E no seu tempo era mais difícil. Exigiam muito mais grego do que agora.

Ruth estendeu-lhe uma caixinha, e ele tomou-a com afectada surpresa. - Uma corrente para o teu relógio - murmurou ela. -Não é grande coisa.

-Eu trouxe-te um livro - disse Henrieta, apresentando um pacote. - Embrulhei-o em papel vermelho porque é como fazem na China.

-E a tua avó e eu trouxemos-te um pequeno cheque - disse o avô, entregando-lhe um sobrescrito.

-Tudo isso é muito - disse William gentilmente.

-Vamos ver - disse Ruth-se não há cartas da mãe e do pai! Eu sei que a mãe ia fazer com que chegasse uma carta neste mesmo dia. -Passaremos pelo meu quarto a caminho do hotel - disse

William.

Quando procurou na sua caixa, não havia carta da China. Havia ali algumas contas e uma carta sobrescrita com uma letra que não reconheceu. Eram uns

apertados gatafunhos, mas que tinham uma curiosa forma pessoal. Leu no sobrescrito o endereço, de uma cidade de Ohio que não conhecia, e acima estava o nome de Clem Miller.

-Nenhuma carta - disse ele às suas irmãs. -Quero dizer, nenhuma carta deles. Mas aqui está uma estranha.

Rasgou o sobrescrito. Dentro havia uma simples folha de papel pautado, coberta com a mesma letra apertada, mas clara.

Prezado William:

Não se deve lembrar de mim. Uma vez, em Pequim, você disse-me que parasse de brigar com um garoto chinês. Nunca mais o vi depois disso. Aqui estou eu, num armazém de mercearia. Um bom trabalho. Mas gostaria de ter tido uma oportunidade como William. Em todo o caso, vou lutando por melhor coisa. Consegui o seu endereço por intermédio de seu pai. Eu tinha escrito aos Fong, uns amigos meus de Pequim, mas, como estava muito esquecido do chinês, escrevi em inglês, pensando que talvez o filho deles, Tusan, pudesse ler. Ele mostrou a carta ao Dr. Lane, e este escreveu-me dizendo que William estava terminando o seu curso. Seu pai recomendou-me que entrasse em contacto consigo, e assim o faço, em lembrança dos velhos dias.

Sinceramente seu,

Clem Miller

-De quem é? -perguntou Ruth, enquanto caminhavam pela rua.

William procurava um automóvel. O Sol fazia-se quente. -Lembram-se daquela Missão Familiar de Pequim? Ruth meneou a cabeça. -Não me lembro muito de Pequim. -Eu lembro-me deles-proferiu Henrieta de súbito. -Deixa-me ver a carta.

-Podes ficar com ela, se quiseres - disse William displicentemente. -Não há motivo para que lhe responda.

Avistou um automóvel, chamou-o e subiram todos. William tomou o pequeno e incómodo assento, embora Ruth se oferecesse para o ocupar. -Vocês são meus hóspedes - anunciou ele com o seu melhor sorriso.

O dia continuou, e ele vivia aborrecido mas correctamente cada uma das suas horas. Mostrou o colégio à sua família, e sua avó sugeriu que fossem visitar os seus aposentos. Ele foi-se esquecendo disso, até que Henrieta súbitamente protestou. -Acho que não nos queres mostrar a tua casa - declarou ela.

Diante disto, com secreta raiva, ele conduziu-os aos seus aposentos, receando a possibilidade de que os Camerons lá estivessem. Mas os quartos estavam vazios e sua avó sentou-se na poltrona de Jeremias e baixou o sapato no calcanhar. --Comprei sapatos novos para o grande dia - disse ela, à guisa de desculpa, e bem sabes o que é um sapato novo.

Ele não respondeu a essa terrível observação, e não teve repouso enquanto não os viu erguerem-se. Mas não a tempo, pois no momento em que alcançavam a porta, Jeremias entrou, e William não pôde furtar-se às apresentações. Jeremias, com a sua graça habitual, parou a falar com os velhos, e Ruth juntou-se a eles. Henrieta conservava-se à parte, à sua maneira.

Isso não durou mais que um momento, e ele conduziu-os de novo, agora para o portão e o carro. Depois de terem partido, sentiu-se exausto, embora não pudesse demonstrar cansaço, pois alguns homens

que não conhecia paravam para se congratular com ele. Tentava aceitar modestamente os seus louvores, parecer indiferente, como se as honras nada significassem para si, mas imaginou que eles notavam o seu fingimento, e então tornou-se seco e altivo e sentiu-se mal-humorado. Fazia calor, e desejava tomar um banho e dormir alguns minutos.

Meia hora mais tarde, estendido na cama no quarto solitário, com as cortinas descidas por causa do Sol, quando procurava pensar em Candace, surpreendeu-se, em vez disso, a pensar na Tia Rosamond. Podia ser muito fácil na verdade conseguir dinheiro de uma velha dama como aquela, talvez muito dinheiro. Depois de ter tido esses pensamentos, achou que, em sã consciência, deveria envergonhar-se, mas tal não aconteceu. Não tinha nada de seu nem ninguém que o ajudasse. Não havia uma única pessoa na sua família que não fosse mais que um estorvo para si e, quanto mais cedo se separasse deles, melhor. Divertiu-se ao lembrar-se do convite da Tia Rosamond. Isso nada significava. Sabia agora que os ricos podiam dizer palavras amáveis com a mesma facilidade como respiravam, e com igual significação. Era duro ser amigo de ricos e dos seus filhos, mas era o único meio de conseguir o que necessitava para a sua própria independência. Algum dia, quando tivesse tudo o que desejava, haveria de lhes mostrar o quanto os desprezava.

IV

SoziNHa no quente e acanhado quarto da casa suburbana, Henrieta escrevia uma carta a Clem Miller. Estava desesperadamente cansada e, como habitualmente depois de ter estado com William, cheia de melancolia. O primeiro olhar de William para si fora o suficiente para lhe dizer que era ainda feia, era ainda tudo o que não desejava ser. Era nela um sinal de grandeza, que desconhecia, que amasse Ruth terna e humildemente, apesar da preferência de William. Ora, dizia ela consigo aquela noite, que importava o que William pensasse. Mas importava-lhe e sempre lhe importaria o que ele pensava dela. Começara nos velhos dias da casa da Missão em Pequim, quando a amah que os tinha criado todos lhe dissera que as meninas deviam sempre curvar-se ao precioso filho único da família.

-Tu - dissera-lhe Liu Amah - és apenas uma menina. Weelee é um menino. As meninas não são tão boas como os-meninos. Os homens valem mais do que as mulheres.

Henrieta suspirou. Era tarde, e ela já devia estar a dormir, mas não o conseguia. Seus avós e Ruth já dormiam, senão a avó teria vindo bater-lhe à porta para lhe perguntar porque estava ainda com a luz acesa. Mergulhada no insondável desamparo dos jovens, Henrieta ainda estava acordada e pensava em Clem. A carta dele ainda estava na sua carteira e ela lera-a duas vezes, atenta e vagarosamente. Então começou a escrever:

Prezado Clem:

Você não me conhece, mas eu sou irmã de William Lane. William é muito orgulhoso para lhe escrever. Ele sempre foi um rapaz muito orgulhoso, e agora está pior do que nunca, embora já não seja um garoto. Considera-se um homem.

Suponho que seja um homem, pois já terminou o curso. É muito distinto. Diplomou-se ontem com as maiores honras. Sinto dizer que não creio que ele alguma vez lhe escreva. Mas penso que alguém deveria fazê-lo, visto que vocês se conheceram na velha Pequim, e por isso lhe escrevo.

Não sei muito a seu respeito, de modo que lhe falarei acerca de mim mesma. Tenho dezoito anos, e no próximo Outono entrarei para a Universidade, como espero. Não sou nada bonita... é melhor ir logo dizendo. É estranho, pois pareço-me bastante com William, e ele é considerado um belo rapaz. Suponho que não é obrigatório uma rapariga ser bonita. Minha irmã Ruth é que é bonita.

Ela parou e viu que não tinha mais nada a dizer. Essa era mais uma das suas deficiências. Era tão sensível, tão cheia de indefinidas mágoas e anseios, e de infinita solidão, mas nada disso ela poderia dizer em palavras a ninguém. Ela e Ruth haviam frequentado uma escola pública, uma vez que todo o dinheiro fora necessário para William, mas lá não encontrara especiais amizades. As meninas achavam-na esquisita porque se criara na China. Talvez fosse por isso. Mordeu a ponta da caneta de madeira e continuou:

Você nunca pensa em Pequim? Eu penso, e muitas vezes. Da janela do meu quarto lá onde meus pais moravam, eu costumava olhar para um pequeno e baixo pagode--um dagoba, que era como se chamava, creio. Tinha sinos nos cantos e, quando a janela estava aberta, eu podia, da minha cama, ouvi-los tilintar. Queira dizer-me se ainda pensa nessas coisas. E se pretende voltar lá um dia. Eu bem gostaria, mas não sei como poderia ganhar a minha vida lá, visto que não pretendo ser missionária.

Depois, como não conseguiu continuar assinou «sinceramente», etc. Depois de fechada e selada a carta, pareceu-lhe que a devia remeter imediatamente, embora já fosse meia-noite. Este severo aviso deu-lho o relógio que estava por cima da sua lareira, mas não fez caso. Pôs um vestido sobre a camisa de dormir, calçou os chinelos, desceu silenciosamente as escadas até à porta da rua, onde havia um marco postal. Às sete horas, sabia-o ela, a correspondência seria recolhida e, à hora do café, a carta estaria a caminho da pequena cidade de Ohio que parecia tão longe como Pequim. Ouviu o sobrescrito cair, surdamente por detrás da abertura, e depois voltou ao seu quarto. Agora podia ir para a cama. Tinha estendido a mão nas trevas e talvez alguém estendesse a sua e a estreitasse. Confortada pela esperança, meteu-se na cama e mergulhou num sono que a levou aos sonhos infantis de uma residência murada em Pequim, a uma sombria casa missionária, onde silenciosos criados amarelos iam e vinham, trazendo sorrisos e gentil estímulo a uma assustada e vulgar rapariga americana.

Quando a carta chegou às mãos de Clem, achava-se ele na loja. Era por volta do meio-dia, e Owen Janison, o proprietário, seu patrão, voltava da sua diária travessia da rua até o Correio.

As cartas de Clem eram poucas e até agora tinham vindo com selos e carimbos chineses.

-Você recebeu uma carta de algum lugar de Nova York, parece - disse Mr.

Janison. Era um homem alto e magro, cujos bigodes pendentes se juntavam, no queixo, a uma desbotada barba amarela. Vestia um fato cor de cinza e uma camisa engomada, com colarinho de celulóide.

Clem estava em mangas de camisa atrás do balcão. Tomou a carta e olhou-a cuidadosamente, sem abri-la. -Obrigado, Mr. Janison - disse ele. Estendeu uma manta de carne seca em cima do velho balcão.

-Uma libra, não foi o que disse, Mrs. Bates? -inquiriu ele.

-Talvez libra e meia - replicou a freguesa, hesitante. - Mr. Bates é que gosta muito disso, mas, mal como um pedaço, engasgo-me.

Clem não respondeu a essa observação. Desde que ele e Bump, por uma fatigante manhã, tinham chegado a New Point, no Ohio, aprendera a viver em dois planos, o imediato e o real. Até mesmo Mr. Janison, de que ele e Bump dependiam para viver, era imediato e não real. Real era o passado e real o futuro, ambos igualmente claros apenas para ele. Para recapturar o passado, tinha escrito a Yusan, o filho de Mr. Fong, e recebera a carta do Dr. Lane. Yusan tinha esquecido o seu inglês e entregara a carta de Clem ao missionário. Do Dr. Lane viera uma amistosa carta, a maior parte da qual a respeito de William e só um pouco a respeito de Yusan. O Dr. Lane considerava óbvio que um jovem residente na América chamado Clem Miller devia interessar-se por seu filho William..

Lendo as linhas um tanto pomposas da carta, pois tudo quanto escrevia o Dr. Lane caía inevitavelmente no estilo de um sermão, Clem sentira todas as velhas realidades. Yusan, aos dezasseis anos, estava noivo de uma jovem da escola missionária, embora o casamento não fosse para já. Tornara-se um correcto rapaz, por cuja alma o missionário velava. Mas Yusan recusava-se a ser cristão. Real era a lembrança de Yusan, o teimoso rapaz que se estava fazendo homem. Reais eram as horas que Clem passara com ele na casa de Mr. Fong. Real era a lembrança das ruas de Pequim, a neve que no Inverno cobria os telhados da casa e do palácio. Reais eram os fabulosos céus de Verão. Clem relembrava cada pormenor da sua infância, o prazer de possuir às vezes algumas moedas para comprar um cartucho de amendoim embrulhado em papel pardo manufacturado, grosso e tenro como mata-borrão. Real, também, era a alegria de uma batata doce quente, por uma fria manhã, comprada à boca do forno de um vendedor, e real o prazer de uma rubra melancia aberta num dia de julho. Reais eram as caravanas de camelos trotando através da poeira, conduzidos por um homem da Mongólia que teria um abrigo enquanto caminhava, arrancando dos camelos as longas estrias de pêlos que eles mudavam no fim do Inverno. Reais eram os macaquinhos acorrentados e os ursos dançarinos, os actores ambulantes e os mágicos e tudo o que fazia das ruas da cidade um lugar de diversão para um errante rapaz estrangeiro.

Na necessidade de trazer mais para perto aquela realidade da infância, até ao remoto país que era o seu, mas que não podia reclamar e que não o reclamava, Clem havia escrito, num impulso, a William, de quem se lembrava apenas como lhe aparecera naquele dia em que um garoto chinês chamara a seu pai mendigo porque deixava o pão ao cuidado de Deus.

A carta que Mr. Janison agora lhe trazia, era, supunha ele, de William. Esperou, no entanto, até que chegasse a hora do seu almoço, que consistia num pão velho e uma fatia de queijo, que ele comia na despensa. Mr. Janison ia

almoçar a casa ao meio-dia, e Bump estava a trabalhar numa granja, agora que a escola terminara. Clem mostrara-se severo quanto aos estudos de Bump. Pusera de parte a esperança de algum dia ele mesmo frequentar uma escola, embora não para aprender coisas ordinárias como geografia e aritmética, que poderia estudar em livros, à noite, no seu quarto. Desejava estudar grandes e importantes matérias, tais como a de alimentar milhões de pessoas. Estava obcecado com o problema da alimentação, embora o seu próprio apetite fosse frugal. Menino magro e meão que fora, conservava a mesma compleição como rapaz. Tinha os ombros quadrados, a cintura fina, sem carne alguma. Até os ângulos do seu rosto permaneciam descarnados, e as suas faces eram cavas e os seus olhos fundos.

Tinha abandonado a crença de seu pai e não rezava, excepto as orações que fazia no íntimo da sua própria alma. Havia, acreditava ele, apenas umas poucas coisas essenciais a uma boa vida, mas que eram, porém, essenciais a todos, e o alimento estava em primeiro lugar, alimento barato e nutritivo. Bump, por exemplo, nunca se fartava. Sentava-se às vezes a ver Bump comer, no pequeno quarto em que moravam juntos. Sempre levava uma boa refeição à noite para Bump, um cozido ou carne e repolho, bastante pão e manteiga. O seu modesto apetite era logo satisfeito, mas aprazia-lhe a voracidade de Bump. Conseguira o alimento, e esse era o prazer que sentia. Ninguém lhes dera coisa alguma. Tinha trabalhado e comprado o alimento. Comprava alimento barato, pois esse era bastante bom. Não desejava fantasias culinárias e mostrava-se severo com Bump a respeito de tortas e pastéis. Se todos pudessem comer suficientemente um bom e simples alimento, dizia ele a Bump, então não haveria mais perturbações no Mundo.

Educava Bump, às vezes com severidade, mas bondosamente em suma, com o profundo instinto paternal com que, na verdade, encarava o Mundo, embora não o soubesse. O tratamento para com um bêbedo que viesse, numa noite de Inverno, ao armazém, pedir um níquel para «tomar café», era dar-lhe uma alentada sanduíche de queijo. «Coma isso, e não sentirá necessidade de se embriagar por algum tempo», dizia ele com juvenil autoridade.

No quarto do fundo do armazém, deserto durante a hora do almoço, estava ele agora sentado num cesto e tirou a carta do bolso. Sem perder tempo em conjecturas, rasgou o sobrescrito e ficou pasmado ante as primeiras palavras da carta. Nunca tinha recebido carta de uma rapariga, nem escrito a nenhuma. Pouco pensara em quaisquer raparigas, ocupado como sempre estivera em ganhar a vida e educar Bump. Agora uma rapariga havia-lhe escrito.

Leu a carta atentamente, achou-a bastante razoável, e tornou a lê-la. Com que então ela também se lembrava de Pequim? Sentiu-se excitado, não porque fosse uma rapariga que lhe escrevia, mas porque ela, como ele, nascera num outro mundo, de que ninguém ali tinha noção alguma. Aprendera agora a viver na América, mas para ele sempre havia também o Mundo e mais outros povos. Não poderia falar nisso aos americanos. Eles não desejavam saber nada a esse respeito. O povo ali satisfazia-se apenas em saber o que acontecia nas suas próprias ruas.

Ficou ali sentado a cismar até que, ouvindo a sineta que anunciava um freguês, voltou para a loja. Responderia à carta, sim, talvez no domingo, depois de Bump ter partido para a escola dominical.

Assim, duas semanas mais tarde, numa quinta-feira de manhã, Henrieta recebeu a carta por que esperava e pela qual tinha ido todas as manhãs abrir a porta ao carteiro. Imediatamente meteu-a no bolso do avental. Naquele dia estava ela a fazer a limpeza do sótão, um mofento e abafado lugar debaixo do telhado, cheio de velhas coisas fora de uso. Para lá voltou, a fim de ler a sós a carta de Clem.

Prezada Henrieta:

Foi uma surpresa, naturalmente, mas era mais fácil receber uma carta sua do que de William. Sou mais velho do que você, mas não posso frequentar a escola por ter de ganhar a vida. Sou órfão, e tenho também de sustentar um órfão. Nem mesmo sei como é o nome dele por extenso; chamam-no Bump, mas estou certo de que não é esse o seu nome. Diz ele que, quando era pequeno, achavam-no metedigo (bumptious) e assim começaram a chamá-lo Bump. Não pode lembrar-se de jamais ter tido família, e é o que chamam um filho do Auxílio. Não sei porque lhe estou falando nisso agora. Algum dia contarei mais por miúdos como foi que ele ficou a meu cargo.

Sou um mau rabiscador de cartas, pois não disponho de muito tempo, mas gostaria que você soubesse que me lembro de Pequim. Como ninguém aqui sabe nada de Pequim, seria bom que eu pudesse conversar consigo sobre isso. Quem sabe, um dia talvez eu possa ir vê-la pessoalmente, mas isso só depois de Bump estar encaminhado. Tenho muitas ideias sobre o que hei-de fazer depois, quando puder pensar em mim e na minha própria vida.

Gostaria de receber outra carta sua. Seu sinceramente,
Clem Miller

Assim começou a troca de cartas entre uma pequena cidade de Ohio e um subúrbio de Nova York. Sem se ver um ao outro durante mais de dois anos, teciam ambos uma comum teia de sonhos. Tão profunda era a sua necessidade de sonhar que nenhum desperdiçava tempo em contar ao outro os factos mais singelos da sua vida : Henrieta, que se formara por uma escola pública superior, quase sem amizades, porque as outras raparigas a julgavam muito altiva para tomar parte nas suas conversas sobre namorados e bailes, e Clem, que gastava a sua mocidade atrás do balcão de uma casa comercial do interior. Coisas como essas nenhum deles as considerava importantes. Estavam ambos reconstruindo o passado para construir o futuro. Passaram-se anos antes que Henrieta soubesse todos os simples factos da vida de Clem.

Eis os factos. Ele voltara-se naquele dia, vendo Bump que corria, ofegante, ao seu encontro, na poeira da estrada. Nessa noite haviam dormido num estábulo, tendo o cuidado de não despertar o granjeiro e a sua família, e dali puseram-se a caminho pela madrugada.

-Acha que a Auxílio vai mandar gente atrás de nós? -perguntou Bump no outro dia.

-Não creio que eles se importem muito com o que nos suceda- - replicou Clem.

O tempo estava magnífico. Naquele dia ele começou a ter uma

aproximação mais íntima com a sua própria terra. Tinha andado infindáveis milhas através da terra chinesa com uma velha que não conhecia, ligando aldeia a aldeia com seus solitários passos. Agora caminhava outras tantas milhas com um garoto que era um estranho para ele, através de uma terra igualmente estranha. Ali havia poucas aldeias, e as granjas eram separadas e solitárias. Evitava-as, excepto quando precisava de comida; ia então bater à porta de uma cozinha para pedir trabalho. Era duro com as mulheres compassivas que queriam dar-lhe um prato de comida e pedia que lhe fosse permitido pagar o que comia, e era igualmente duro com os homens grosseiros que declaravam que não havia trabalho. Tinha de haver trabalho, dizia-lhes, porque tinham de comer.

Quantos dias 'caminharam por aquele Outono luminoso, não os contou, ou não se importou em contá-los. Lentamente aprendeu a amar o aspecto daquela terra, mesmo os seus espaços incultos e as suas estradas ásperas. Aprendeu a desconfiar dos velhos vagabundos e a escolher as estradas laterais que estes evitavam. Mas nessas estradas e nas granjas remotas a gente que encontrava era boa. Não eram gregários aqueles campônios da sua terra. Não viviam em grandes famílias como os chineses. Duas gerações numa casa, era suficiente, e talvez muito. Muitas vezes um homem, uma mulher e seus filhos viviam sòzinhos sob um tecto. As crianças eram geralmente towheaded e tinham a face curtida pelo Sol e o vento e, como era um estranho, fugiam à sua aproximação, como as crianças chinesas. Considerava aqueles possuidores da terra como gente meio selvagem e escassamente civilizada, mas conservava-se entre eles.

-Não vamos parar nalguma parte? -perguntou Bump um dia.

-Sim, em breve. Tens de ir para a escola - respondeu Clem.

-Tenho de ir para a escola? -gemeu Bump.

-Naturalmente que sim - disse Clem com severidade:

Um dia chegaram a uma cidade que lhe agradou, embora não parecesse diferente de qualquer outra. Mas era em Ohio, um Estado de que vinha gostando, onde a gente era correcta e lia a Bíblia. Lembravam-lhe os seus próprios pais leitores da Bíblia, que mesclavam a bondade com uma rígida virtude. As ruas da cidade eram limpas e havia uma escola com tabuleta branca. A igreja, o correio e o armazém geral ficavam em volta de uma praça verde, no meio da qual se erguia uma tosca estátua de Lineoln. Estes foram os motivos por que Clem escolheu New Point, dirigiu-se primeiro ao armazém. Lá encontrou o homem alto e magro, que lhe deu emprego, após alguma hesitação, e deixou-o ocupar um quarto no andar superior, como parte do seu salário semanal. Clem comprou para Bump um fato, um par de calças e dois pares de meias a crédito, e mandou-o para a escola na próxima segunda-feira.

No fim dessa segunda-feira, dera ele em Bump a sua primeira e única surra. O rapaz tinha voltado da escola com ar sombrio e dirigira-se em silencio para o quarto. Clem estava ocupado com um freguês e, logo que se viu livre, apressou-se em subir as escadas. Foi encontrar Bump empacotando as suas roupas num saco de farinha.

-Que estás a fazer? -perguntou Clem.

Bump lançou-lhe um olhar duro. -Não quero ficar contigo - respondeu numa voz débil.

-Porque não?

-Não quero ir à escola.

Clem olhou para aquele garoto em que se resumia agora toda a sua família.

-Por que razão? -indagou de novo. -Não gosto da escola.

A cólera ferveu na alma de Clem. Não gostar de ir à escola, não aproveitar a oportunidade que lhe era oferecida, não aceitar o dom do sacrifício, parecia a Clem tamanha ingratidão que a Terra não a poderia sustentar nem o Céu permiti-la. Atirou-se a Bump, segurou-o pelo fundilho das calças e ergueu-o do chão. Deixou-o cair em cheio, ajoelhou-se a seu lado e bateu-lhe com ambas as mãos até que o rapaz se pôs a gritar. Mr. Janison, ouvindo o barulho, apressou-se em subir as escadas.

-Larga-o! -gritou ele. -Queres matar a criança?

Clem voltou para ele uma face imóvel e branca. -Ele há-de aproveitar a sua oportunidade, ainda que eu tenha de o matar! -- - replicou, e continuou o seu castigo. Depois de ter deixado Bump erguer-se, apontou para o saco de farinha e esperou até que o garoto, aos soluços, retirasse dali as suas roupas.

Janison também esperava, com um sorriso singular por detrás dos bigodes. Depois Clem voltou-se solenemente para o seu patrão: -Quero criar este rapaz como meu próprio irmão. Isso quer dizer que ele vai ter uma boa educação, a educação que eu desejaria ter tido. Ele tem de ser um homem, e não um inútil qualquer.

Mr. Janison coçou a barbicha. -Sim, senhor! Foi a mais linda lambada que já vi.

Voltou para a loja e Clem sentou-se na cama. -Bump, espero nunca mais tornar a bater-te - afirmou gravemente. -Não acredito nisso e não acho que deva fazê-lo. Mas, se te atreveres a fugir e deitar fora uma oportunidade como a que te ofereço, sairei atrás de ti e dou-te uma sova, em qualquer lugar que te encontre. Estás a ouvir?

-S... sim - disse Bump.

-Está bem. -Clem não sabia agora como continuar. -Vai lá para baixo. Vou dar-te bolachas e queijo... e doces - disse finalmente. Comida, pensou ele, era de que o garoto precisava, e de alguma coisa doce, também.

Nos próximos anos, enquanto Bump se tornava um rapaz ajuizado, Clem pensava às vezes na sua origem. Era um rapaz sem pais, sabia-o Clem; sem pais, isto é, excepto no mais simples sentido animal. Mom Berger dissera-lhe uma vez, depois de os garotos terem ido para a cama, que eles eram todos filhos do amor, «menos o tal Bump».

-Que é ele? -perguntou Clem.

-Não sei como lhe chamar - dissera ela misteriosamente. Com um embaraço que ficava ridículo na sua grosseira pessoa, ela franzira os lábios e permanecera em silêncio. Pop Berger continuara a sórdida história.

-Esse tal Bump - disse ele, após uns instantes de ruminação e mastigando a ponta de um cigarro - é o que se pode [chamar](#) filho da violência.

-Quer dizer...?

-Hã-- - disse Pop Berger lentamente, saboreando a pérfida revelação. -O pai dele atacou e derrubou uma menina nas ruas de Filadélfia. Veio em todos os jornais.

-Ahn... -- - disse Mom Berger atrás do fogão. -Pergunto se terá sido mesmo à força... Uma mulher não se deixa forçar tão facilmente... Ou, se deixa, onde é que está a violência?

Pop continuou a história. - Mas o facto é que o caso foi levado a justiça como estupro, e o seu autor, isto é, o pai de Bump, teve de pagar uma indemnização.

-Umas fazem a vida de uma maneira e outras de outra - dissera Mom Berger, que batera numa tampa do fogão para dar a entender a Pop que bastava.

Se a história era verdadeira, pensava Clem cheio de compaixão então Bump não tinha absolutamente pais, isto é, nem pai nem mãe. Pelo acidente de dois corpos em conflito, fora ele concebido, a sua alma apanhada nalguma parte entre as estrelas. Não era órfão, pois até um órfão já possuiu pais uma vez. A solitária criação do garoto bóia tudo o que havia de fraternal em Clem, e que era a maior parte do seu ser.

Não se vira sôzinho no que procurava fazer por Bump ou por si mesmo. Com a afeição tão facilmente encontrada em qualquer pequena cidade americana, os cidadãos observavam o solitário e ambicioso jovem. Apenas sabiam a seu respeito que era um órfão e tinham como certo que Bump era seu irmão. Mr. Janson logo começou a divulgar as excepcionais qualidades de Clem. O seu apego ao trabalho era espantoso para o patrão. Quando os outros jovens da cidade pareciam loucos com a abertura da temporada de «base-ball», Clem continuou atrás do seu balcão e até ficou para varrer a loja como de costume, quando o dia terminou. A sua tardia chegada ao campo de «base-ball» e o frenesi dos que o esperavam apenas o tornaram mais estimado. Com a sua mediana estatura, Clem tinha, no entanto, longos e fortes braços que podiam rodar no ar e enviar uma bola mais longe que a imaginação. «Um belo camarada-decidiu New Point --um camarada que irá longe».

Duas pessoas se preocupavam com Clem. Miss Mira Bean, professora de Bump, com a qual Clem tinha ido falar depois da surra, sabia que Clem era mais do que New Point discernia. Soubera-o no primeiro dia em que ele tinha ido bater à sua porta, escovado, penteado e de chapéu na mão.

-Entre - dissera ela, com a habitual rispidez com que falava aos rapazes.

Clem tinha ido ao seu pequeno apartamento de duas salas. -Chamo-me Clem Miller.

-Sente-se - ordenou ela.

As salas eram pequenas e cheias de móveis e livros. Havia pouco espaço para se sentar e ele acomodou-se na ponta de um sofá. Miss Bean era como qualquer das mulheres de meia-idade que via nas ruas de New Point, uma loira magra, vestida com discrição, de cabelos corridos e olhos cinzentos.

-Que deseja, Clem? -perguntou ela.

-Desejo falar a respeito de Bump - disse ele. Continuou e chegou a contar-lhe como se vira obrigado a surrar o garoto.

-Mas eu não posso continuar a bater-lhe -concluiu ele. --A senhora, Miss Bean, tem de fazer com que ele goste suficientemente da escola para que deseje receber instrução.

-Ele tem de frequentar a escola - disse Miss Bean um tanto àasperamente. - É a lei.

Clem continuara sentado, a olhá-la. -Não creio que a senhora deva tirar vantagem disso - disse ele. -A lei está do seu lado, naturalmente. Mas nem mesmo a lei pode fazer com que uma criança receba instrução. A lei pode apenas fazê-lo sentar várias horas por dia num banco da aula, mas tem de gostar disso para que se possa instruir.

Miss Bean não era nada estúpida e ficou impressionada com tal sabedoria num rapaz ainda muito jovem para ser considerado um homem.

-Você tem razão - disse ela após um momento.

E ela fizera todo o possível, não só por Bump como também por Clem, emprestando-lhe livros, guiando as suas leituras, deixando-o falar durante horas aos domingos. Pois embora Clem obrigasse Bump a ir à escola dominical e o doutrinasse sobre as vantagens de frequentar a igreja, ele próprio nunca ia.

-Porque não vais então, se é tão bom? - resmungava Bump.

Clem, lustrando os gastos sapatos escolares de Bump, parava para lhe responder o mais honestamente possível. -Eu apenas não posso resolver-me a ir-confessou. -E mais: não posso dizer-te por quê. Uma vez aconteceu-me uma coisa...

-Que foi?

Clem sacudiu a cabeça. -Levaria muito tempo a contar.

Nunca contava nada a ninguém a respeito de si próprio. Na verdade levaria muito tempo. Por onde começar e como explicar a sua origem? Como poderia contar a alguém, naquela pacífica cidade de Ohio, que tinha uma vez vivido em Pequim, na China, e que vira os seus pais assassinados? Havia coisas muito infundáveis de contar. Sòmente a Henrieta havia de falar um dia, porque ela pelo menos sabia o princípio.

O sino da igreja veio em seu auxílio. -Anda depressa! - disse a Bump. Os sapatos estavam engraxados, e ele agora lavava as mãos. Depois endireitou a gravata, apartou-lhe de novo os cabelos e passou-lhes a escova. -Trata de aprender os textos, - disse ele severamente.

O ministro da Igreja Baptista era a outra pessoa de New Point que se preocupava com Clem. Parava às vezes na loja para ver o industrioso jovem e convidá-lo a visitar a casa de Deus. Era um jovem pastor de cabelos de fogo, faces rosadas, voz fresca e maneiras alegres, e nada havia nele que desagradasse. Mas Clem temia-o, embora o jovem ministro fosse persuasivo e ardente.

-Venha adorar a Deus connosco, meu amigo - disse ele um dia a Clem ao balcão, quando fora comprar meio quilo de carne para cozer.

Clem foi buscar a carne e aprontou a faca. -Eu, na verdade, não tenho muito tempo, Mr. Brown - disse ele brandamente. -Preciso mesmo dos meus domingos.

-Custa mais tempo no fim não ser cristão, tendo diante de si a Eternidade.

Clem sorriu e não deu resposta. Cortou a carne e pesou-a, e depois cortou mais outro pedaço. -Diga a Mrs. Brown que pus um bocado extra. -Era a sua habitual maneira de responder àqueles a quem recusava alguma coisa. Dava-lhes um pouco de alimento extra.

O armazém, reconhecia-o Clem à medida que passavam os anos, não era o seu destino final. Ao mesmo tempo que aprendia o comércio de compra e

venda, tomava conhecimento do seu próprio povo. Vivendo entre os amistosos cidadãos da pequena cidade, começou a refazer-se do choque da granja e do homem e da mulher que a dirigiam. No seu género, pensava às vezes, tinha sido um choque mais rude do que o que recebera ao encontrar seus pais assassinados naquele dia de Verão em Pequim. Era movido por uma energia nervosa, nunca descansava, e havia dias em que não podia comer sem náuseas. Considerava sagrado o alimento; contudo, o alimento podia pesar-lhe no seu próprio estômago. Não podia tomar leite ou comer manteiga porque não suportava o cheiro das vacas, e não gostava de ovos. Carne, quase que a não comia, em parte por estar muito pouco habituado a ela. Esquecia-se de si próprio. Mas em torno do problema da alimentação a sua imaginação agitava-se e o seu poder criador era estimulado. Sob a direcção de Miss Bean, pôs-se a ler assuntos económicos e chegou até Malthus, e aí então perdeu a paciência. O homem devia ter sido um desses pensadores cegos, sentado no seu gabinete, a lidar com algarismos, em vez de sair a ver o que realmente acontecia no Mundo. O povo estava faminto, sim, mas o alimento apodrecia nos armazéns porque não podiam adquiri-lo. Havia muito alimento, não havia bocas em demasia, o mal provinha do facto de os homens não fixarem o espírito na simples questão de organizar a distribuição dos alimentos. O alimento devia ser comprado onde o houvesse em quantidade e barato, e conduzido para onde o povo o pudesse comprar.

Quando essa ideia ocorreu a Clem, o seu efeito fora como o da conversão religiosa. Ainda não o sabia, mas estava iluminado como antes dele estivera seu pai, não pela satisfação de alimentar corpos humanos, mas pelo entusiasmo de salvar as almas dos homens. Clem não se interessava por salvar as almas, pois tinha uma elevada e inquebrantável fé nas almas dos homens tal como as conhecia, suficientemente boas como Deus as fizera, excepto quando os males da Terra as assediavam. E esses males, estava convencido, provinham antes de tudo da fome, pois da fome vinha a doença e a pobreza e toda a miséria que levava os homens ao desespero e depois a insensatas querelas. As suas almas eram degradadas e perdidas por causa da clamorosa fome dos seus corpos. Tão simplesmente como seu pai deixara a sua terra e seguira o apelo de Deus através dos mares, Clem acreditava agora que poderia curar os males dos homens e das mulheres, e dos seus filhos.

Não desejava deixar a sua terra como seu pai fizera. Ali, entre a sua própria gente, faria o seu trabalho e, se fosse bem sucedido, como sabia que havia de ser, então estenderia o seu plano de salvação a outras terras e a outros povos, e em primeiro lugar, naturalmente, aos chineses. Outros povos veriam o seu bom resultado e o seguiriam. Se tivesse dinheiro, não o guardaria. Empregá-lo-ia todo em propagar o evangelho do bom alimento para todos os homens.

Aos domingos, quando Bump estava na Escola Dominical e a cidade em repouso, Clem, sózinho no seu quarto ou caminhando pelos arredores, fazia planos sobre a sua vida. Logo que Bump terminasse a escola superior, ele começaria a sua missão e Bump poderia ajudá-lo. Mr. Janison oferecera-lhe sociedade no armazém por mais três anos. Ele aceitaria a oferta. Tinha de ter um centro nalguma parte. Faria de New Point o centro de uma vasta rede comercial, comprando toneladas de alimento nas regiões onde as colheitas fossem boas e suprimindo os mercados onde houvesse escassez. Neste entretanto, devia preparar-

se. Deveria aprender contabilidade e administração. Devia aprender a geografia do país até a conhecer como a palma da mão, de modo a saber perfeitamente quantas colheitas se poderiam esperar de cada região.

Um vasto plano, dizia a si próprio, um vasto e elevado plano e desejava contá-lo a Henrieta. E depois esclareceu o seu próprio pensamento durante várias semanas, escrevendo-lhe, todos os domingos, sobre o desenvolvimento das suas ideias.

«Guarda as minhas cartas, Henrieta-recomendou-lhe. -Não tenho tempo de tirar cópias. Algum dia posso querer confrontar-me e ver como as minhas noções se foram aclarando e completando».

Henrieta guardava as suas cartas cuidadosamente. Comprou uma caixa de folha, pintou-a de vermelho, conservando-a fechada à chave no fundo do seu armário. A chave trazia-a numa pequena corrente ao pescoço, e depois de ela lhe ter contado isto, Clem enviou-lhe um estranho e pequeno amuleto, narrando-lhe como o tinha conseguido de uma velha campónia chinesa. «Guarda-o na caixa com as minhas cartas. Pode ser que nos traga sorte».

O casamento de William realizou-se em Setembro, após a sua formatura. Ele não queria casar tão cedo, e sugerira a Candace que esperassem um ano, ou mesmo dois, até que soubesse como conseguiria os duzentos mil dólares que considerava o mínimo de capital para começar o seu jornal. Candace amuara-se ante a ideia de um adiamento.

-Se é apenas dinheiro...

-Não é precisamente dinheiro - disse William. -Tenho de fazer os meus planos com todo o cuidado. Não se trata apenas de fundar um jornal. É preciso organizar um programa, achar um testa de ferro, fazer propaganda.

-Todas essas coisas, podes fazê-las tão bem depois do casamento como antes - insistiu ela. -Vou falar ao pai.

William esteve a ponto de lhe proibir que tomasse essa iniciativa, mas não o fez. Durante todo o Verão havia trabalhado bastante e até tarde na cidade, e trabalhara sozinho. Durante meses tão quentes que, um por um, Martin Rosvaine, Blayne Perry e Seth James, tinham fugido para luxuosas casas junto a praias, montanhas e lagos, William ficara firme num pequeno apartamento barato da baixa Nova York, trabalhando dia e noite, para conseguir exactamente o jornal que desejava. Uma vez por mês, permitia-se uma visita a Candace. Por ocasião de uma dessas visitas, estava agora a falar.

-Não desejo depender de teu pai - disse, por fim.

-Não sejas pateta - replicou Candace com rudeza. -Meu pai faria tudo por mim.

-E eu também - replicou ele sorrindo.

-Então deixa-me falar com o pai.

-Mas não lhe peças dinheiro, por favor. Posso consegui-lo em qualquer outra parte.

Estava dolorosamente tentado pela possibilidade que se escondia atrás das palavras dela, pois fora obrigado a adiar o casamento enquanto procurava dinheiro. Sèriamente amável e resolutamente brando, criara amizades entre os ricos. Não era rico, mas sabia como poderia ser. Embora todo aquele Verão

ficasse como um «cool.ie», com uma toalha em volta da cintura, enquanto transpirava à sua secretária noite após noite, havia outras noites em que a sua indumentária era tal que ele não temia nenhum mordomo quando saía para cear ou dançar onde se reuniam os ricos. Não falava facilmente, mas a sua cabeça erguida e a sua correcta polidez faziam as vezes disso. O silêncio tinha o seu valor, pensava ele, para que, quando falasse, os outros o ouvissem.

Na sua próxima visita, a última antes do seu casamento, Roger Cameron pediu-lhe que fosse à sua biblioteca após o jantar. William conhecia bem a sala, pois tinha entrada livre nela durante as férias. Os livros eram curiosos e heterogêneos e constituíam uma significativa amostra da auto-educação de Mr. Cameron. Havia uma prateleira inteira de Christian Science, e agora, nos últimos anos, uma outra sobre as religiões da Índia.

- Sente-se - disse Mr. Cameron. - Candace conversou comigo.

-Eu bem lhe pedi que o não fizesse - disse William um tanto secamente, sentando-se.

-Sim, sim... Candace nunca obedece a ninguém - replicou Mr. Cameron com brandura. -Pois bem, William, ela quer casar e disse-me que você acha que não o pode fazer antes de um ou dois anos.

-Creio, apenas, que devo desbravar o meu caminho antes de tomar o encargo de uma esposa, de uma casa e do resto - disse William.

-Isso é razoável -concordou Mr. Cameron. -Muito certo e razoável. Eu não fiz outra coisa na minha mocidade. É verdade, tive de esperar. O pai de Mrs. Cameron não queria saber de nada, por mais que ela chorasse ou que eu me atormentasse. Nós esperámos. Bem, pensando nisso agora, não desejo que a minha filha passe pelo que a mãe dela passou. De quanto necessita você, William?

William parecia hesitante. -Não sei exactamente.

- Bem sei que você não o sabe exactamente – proferiu Mr. Cameron com branda impaciência. -Apenas pergunto. -Creio que uns duzentos mil dólares... - disse William. Mr. Cameron avançou o lábio inferior. -Você não precisa disso tudo de uma vez.

-Não. Mas preciso de meios para dispor disso.

Ficaram em silêncio por um momento. A grande sala estava ensombrada pelos painéis de carvalho e as luzes perdiam-se no tecto.

-Porque não me explica um pouco mais acerca desse jornal? -perguntou por fim Roger Cameron. -Em todo o caso, porque deseja um jornal? Porque não entra para os Armazéns comigo?

-Eu aprecio os seus Armazéns, Mr. Cameron - respondeu William polidamente. -Aprecio-os, na verdade. Mas tenho o propósito de fundar um jornal inteiramente original. Se tiver êxito, iniciarei uma cadeia. Custará dois cêntimos e terá mais notícias do que quaisquer outros jornais do mesmo preço.

-Terá de arranjar uma boa quantidade de anúncios - observou Mr. Cameron.

-É de onde virá o dinheiro - replicou William. -Mas não se trata propriamente de uma questão de dinheiro.

-Se não é questão de dinheiro, que é então? - perguntou Mr. Cameron com algum espanto.

-Desejo fazer mais do que dinheiro - respondeu William. Ele não receava contar a verdade a Mr. Cameron. O elegante corpo direito, a cabeça erguida, as pequenas mãos enclavinhadas, tudo nele denotava decisão. -Eu considero o problema assim, Mr. Cameron. O Mundo é na maioria constituído por indivíduos comuns. São estúpidos e ignorantes. O que aprendem na escola não os ajuda a pensar. Não podem pensar. É preciso ensinar-lhes o que devem pensar. Não sabem o que é verdadeiro e o que é errado. Têm de ser dirigidos.

-O povo não gosta de pensar - disse Mr. Cameron astutamente.

-Bem sei. Agem, portanto, sem pensar, ou deixam-se levar por socialistas e agitadores e agem insensatamente e comprometem as pessoas decentes. Tenho o propósito de concretizar o pensamento, Mr. Cameron. É por isso que quero um jornal.

-Como sabe que o povo vai adoptar os seus pensamentos? -perguntou Mr. Cameron. Estava deveras espantado. Não sabia o que pensar daquele jovem de duros olhos cinzentos.

-Não quero dizer que eles tenham os meus pensamentos, Mr. Cameron - disse William. -Farei exactamente o que o senhor faz nos seus Armazéns. O senhor tem homens cuja função é descobrir o que melhor se vende, e o senhor compra por atacado o que pensa que o povo quer. Na realidade, o senhor mostra ao povo o que ele deve comprar. É o que eu farei. O meu jornal virá cheio de coisas de que o povo gosta. Virá cheio de histórias com ilustrações sobre anormalidades, assassínios, acidentes. Mas haverá as coisas que acontecem no Mundo, também, e que o povo deve saber.

-Mas... e as suas ideias? -perguntou Mr. Cameron. -Estarão na maneira como as coisas serão ditas - respondeu William. -E não ditas- acrescentou.

Mr. Cameron lançou-lhe um perspicaz olhar. -Esplêndido - murmurou. - Esplêndido. Espero que tenha sempre razão. -Não pretendo ter sempre razão - replicou William. -Mas procurarei tê-la.

Era o máximo que já tinha dito a alguém, mesmo aos seus amigos. Sabiam que ele seria o editor, pois sempre o afirmara, mas não sabiam que projectava determinar cada parágrafo, cada linha, decidir as notícias que deviam ser publicadas e as que não deviam. Depois de sair o primeiro número, mostrá-lo-ia às grandes firmas e aos homens de projecção. E diria: «Eis aqui a vossa salvaguarda. Anunciai aqui e ajudai-me a influenciar o povo a favor de Nós e contra Eles».

-Você parece que não gosta do povo? -perguntou súbitamente Mr. Cameron.

William não sabia o que lhe responder. Escolheu então a verdade: - Compaдеço-me profundamente dele.

-A compaixão leva ao desprezo -sentenciou Mr. Cameron.

-Talvez - disse William. -Em todo o caso, o senhor sente da mesma maneira, Mr. Cameron.

Mr. Cameron avançou novamente o lábio inferior. -De certo modo - admitiu ele.

-Percebi logo que conheci os seus Armazéns - disse William. -Se o senhor não desprezasse o povo, não lhe venderia aquelas coisas.

-Bem... bem... -pronunciou Mr. Cameron constrangidamente.

-Admiro-o por isso - disse William. -Mas tenho um pouco mais de idealismo do que o senhor. Penso que o povo deve ser orientado para melhores coisas.

Mr. Cameron olhou-o de soslaio. -Você pode estar enganado, William. O povo é terrivelmente teimoso.

William não cedeu. -O povo pode ser dirigido para alguma coisa ou afastado dela, exactamente como nos Armazéns. Se o senhor resolver que o vermelho vai ser a cor da estação, decidirá o povo a comprar tudo vermelho.

-Não me importa - disse Mr. Cameron. -Não me faz diferença o que o povo compre.

-Pois importo-me eu-suplicou William.

Não falaram muito depois disso, mas após uns outros dez minutos, Mr. Cameron ergueu-se. -Pois bem, William, quaisquer que sejam as suas razões, digo-lhe isto: entrarei com cem mil dólares-metade do que precisa-e desejo que você vá avante e que se case.

William corou. -Nada me agradaria tanto, Mr. Cameron, - respondeu.

O dia do seu casamento amanheceu tão belo como se ele houvesse dado ordem ao Sol. Ante toda aquela luz que lhe inundava as janelas abertas, lembrou-se de uma história que sua mãe costumava contar sobre a sua infância. Tinha ele uma vez acordado de madrugada no velho templo em que sua família estava veranieando, numa das montanhas dos arredores de Pequim. A luz irisava-se na fímbria do horizonte, e ele gritara, saltando da cama: «Levanta-te, Sol!» Naquele momento, como em obediência à sua ordem, o Sol surgiu no horizonte. Ele não podia ter mais que quatro anos de idade.

O Sol erguera-se com igual subitaneidade naquela manhã, e ficou deitado na cama, tentando avaliar a significação daquele dia. Tudo estava pronto, e só o que tinha a fazer era ser simplesmente o noivo que o dia demandava. Não tinha mais dúvidas, pois estaria sozinho: discutiria consigo durante meses sobre se as irmãs e os avós assistiriam ao casamento, mas depois livrara a sua consciência. As duas pequenas estavam no colégio e o seu avô não estava bem. O velho convalescia lentamente de um derramamento cerebral, e um dos lados do rosto estava paralisado. William não os desejaria no seu casamento.

Quando Candace se referiu a eles, William meneou a cabeça «não «não os quero cá». Ela fitara-o com um estranho olhar e nada dissera.

As damas de honor eram seis das colegas e amigas de Candace. Jeremias era o padrinho dele, e Martin, Blayne e Seth as suas testemunhas. Fizera tudo tal como desejava.

A porta abriu-se e entrou o mordomo, um homem de meia-idade com um pronunciado acento inglês.

-Devo preparar-lhe o banho, senhor? - Perfeitamente.

-Mrs. Cameron pensa que o senhor gostaria que lhe trouxessem o breakfast numa bandeja.

-Sim, obrigado.

A cerimónia seria ao meio-dia, e eles embarcariam imediatamente para a Inglaterra. Roger Cameron pagava-lhes a viagem. Dava-lhes também uma casa não grande, mas uma bonita e pequena casa de tijolos cor de creme perto de Washington Square. William não negara que não poderia permitir-se nenhum

desses luxos.

-Um dia poderei fazer todas estas coisas por Candy - dissera ele, aceitando gentilmente os presentes.

-Naturalmente - replicara Roger Cameron.

A água do banho parou de correr, e um criado alcançou-lhe um roupão de seda, com a cabeça voltada para o outro lado. William saltou da cama e vestiu-o.

-Traga o breakfast daqui a meia hora - ordenou da maneira brusca com que aprendera a falar aos criados na sua infância. O criado desapareceu e William entrou no banho. Desejaria ficar no quarto naquela manhã, longe de todos. O ensaio saíra bem no dia anterior. Não se esquecera de nenhum pormenor que pudesse causar-lhe cuidado. Candace deveria dormir até que fosse preciso vesti-la para a cerimónia. Ele não queria ver Jeremias ou qualquer dos outros. Contaria com duas horas de puro lazer.

Bateram à porta. Entrou outro criado, empurrando uma mesinha de rodízios, em que havia uma grande bandeja de pratos cobertos, de entre os quais se erguia um pequeno vaso de prata com rosas.

-O seu breakfast, Mr. Lane - murmurou o homem.

-Ponha-o junto à janela, Barney - replicou William. O homem era novo e não muito mais velho que o próprio William. Era irlandês, como o denotava a sua face um tanto informe, e os seus olhos eram cândidos e humildes como sempre seriam os olhos dos pobres e ignorantes. William gostava dele e às vezes estimulava-o a falar.

-Um lindo dia para casar - disse Barney. Arranjou a bandeja junto à janela, de onde se avistavam as árvores do parque, com o seu verde já marcado pela aproximação do Outono.

-Sim, na verdade - disse William. Tinha vestido o seu novo chambre, de listas azuis e pretas, o que combinava com os seus cabelos escuros e os seus olhos cinzentos. Talvez o houvesse guardado para o dia seguinte, quando tomasse o breakfast em companhia de Candace, mas achara que o luxo solitário tinha também um prazer especial.

Barney curvou-se sobre a mesa. -Os ovos estão como gosta, senhor, e as torradas eu mesmo as preparei. -Obrigado.

-Bem, senhor- - disse Barney por fim os meus votos de felicidade.

-Obrigado - disse novamente William.

Perante tamanha compostura, Barney retirou-se. Depois de ter comido, William ficou um momento sentado, fumando um cigarro e bebendo uma segunda xícara de café. Tinha duas horas para não fazer nada. Não sabia como não fazer nada. Pensou em ir para a cama, mas não podia dormir mais. Não desejava pensar em Candace. Havia muito tempo para isso. Não podia ler.

Duas horas... um precioso tempo! Quando poderia estar novamente a sós? Ergueu-se abruptamente e foi sentar-se à secretária, na outra extremidade do quarto. Havia duas horas que trabalhava com afinco e em silêncio quando uma pancada à sua porta lhe anunciou Jeremias. Era tempo de se preparar para o casamento.

Um perfeito casamento, naturalmente, como ele esperava. Os seus introdutores desempenharam-se bem; apenas Jeremias se mostrou menos eficiente. Parecia estranhamente pensativo durante a cerimónia e, chegado o momento da entrega da aliança, hesitou longo tempo, tão longo que Candace olhou surpresa para ele. Mas a aliança estava ali no bolso do colete de Jeremias e ele entregou-a a William com um velado e súplice olhar.

William não notou o gesto. Estava concentrado no próprio desempenho da sua parte e enfiou a aliança no dedo de Candace e fez as suas promessas. Descendo o corredor alguns minutos mais tarde, com os passos medidos pela música, mantinha a cabeça erguida, na sua habitual e orgulhosa maneira.

A elegante igreja estava apinhada. Não olhava para ninguém, embora tivesse consciência de cada personagem que se achava ali. A seu lado Candace caminhava tão altivamente como ele, mas era ele quem marcava o passo. Tinha começado a grandiosa marcha da sua vida.

O compromisso entre Clem e Henrieta efectivou-se inopinadamente e, até mesmo, desajeitadamente. As primeiras cartas que haviam trocado significavam muito mais do que nelas estava escrito. Eram comunicações secretas entre duas criaturas completamente solitárias. Embora levasse uma vida serena e sem maiores novidades na escola pública e na casa do pacato subúrbio onde morava com Ruth, os avós e duas velhas criadas, Henrieta sentia-se tão sozinha como se vivesse numa ilha deserta. Ruth era muito afável e bonita e, facilmente, poderia ter casado ainda muito jovem com algum dos inúmeros pretendentes que a assediavam. Se ainda o não fizera, se adiava o casamento por causa dos estudos, ao que dizia, era porque frequentava cada vez mais assiduamente a casa de William. Em breve, as férias não significaram mais do que uns poucos e apressados dias com Henrieta, que ambas passavam na preparação conjunta de vestidos adequados ao resto das férias com William e Candace. Não entrava em discussão a ida de Henrieta, também. Ruth aprendera a viver diplomaticamente com o irmão e a irmã, dando a cada um a impressão do maior afecto.

-Sinto-me culpada - disse ela a Henrieta. -Saio a passear e ficas tu aqui a cuidar dos velhos...

-É o que eu quero fazer - respondeu Henrieta.

Ruth parou em meio da costura. -Haverias de gostar de Candace. Todos a estimam. Ela é muito simples.

-Acho que gostaria de Candace, mas há William... -replicou Henrieta com a sua terrível franqueza.

-É teu irmão - insistiu Ruth, embora timidamente, pois temia igualmente Henrieta e William.

-Que posso fazer? - replicou Henrieta. Não esqueças que o conheço há mais tempo do que tu, e muito melhor. Passámos juntos aqueles dois anos na escola de Chefoo, quando estavas em Pequim com o pai e a mãe.

No entanto, logo que Ruth se retirava e lhe via o risonho rosto sob o chapéu florido, atrás da janela do comboio que partia, Henrieta sentia-se abandonada. As suas feições, como as de William, eram severas, e a sua compleição era angulosa e alta. No íntimo, também se parecia com ele, mas, ao mesmo tempo, como era diferente! Era tão parecida com o irmão que podia estudar em si os próprios

defeitos de William. Ela não tinha senso de humor, nem ele tão-pouco. Mas entre o gênio de ambos não havia semelhança. Ela era de uma franqueza e de uma simplicidade que a todos assustava, menos os fortes, e, entre os jovens, poucos havia que fossem fortes. Os rapazes temiam-na e as raparigas evitavam-na. Faltava Clem, a quem nunca vira e que nunca a tinha visto. A Clem, nas silenciosas noites de Verão, ela confiava quase inteiramente os seus sentimentos. Ele respondia às suas cartas nos domingos, depois de ter mandado Bump para a igreja. Não dispunha de outra hora vaga durante a semana. Até nos domingos tinha de fazer a escrita da firma para Mr. Janison.

Ela frequentava uma escola barata, ao passo que Ruth resolvera ir para Vassar. Não quisera acompanhar Ruth, pois descobrira então que esta havia optado por William e a espécie de vida que ele desejava. Repelida e abandonada, ouvia Ruth falar sobre aquela vida. Os esvoaçantes cabelos loiros de Ruth, os seus doces olhos azuis, a sua pele branca e o seu vulto esbelto, eram os meios pelos quais fora ela acolhida na existência de William. William morava numa bela casa, nem grande nem pequena, na Quinta Avenida. Candace decorara-a de cor-de-rosa, cinzento e ouro. Havia um grande salão onde ofereciam recepções. Eram primitivamente duas salas, a que William tinha mandado derrubar a parede intermédia. William trabalhava imenso, e o seu jornal começava a obter êxito. Todos falavam na sua gazeta.

-Devemos orgulhar-nos dele - dizia Ruth.

Henrieta não respondia. Ficava a olhar para Ruth e ninguém saberia que, no íntimo, ela renunciava àquela irmã a quem tanto amava. Quando Ruth regressou de um longo Verão passado com William, preparara-se para lhe falar a respeito de Clem. Tinha-o projectado de vários modos. Poderia dizer: «Ruth, não quero que penses que estou apaixonada, mas...» Ou então: «Não te lembras da Missão Familiar de Pequim? Bem, eu dou-me com Clem agora». Ou poderia simplesmente escolher uma das cartas de Clem, talvez a que explicava como ele desejava abrir uma cadeia de mercados, através do país, em que o povo pudesse comprar alimentação boa e barata, ou, se não tivesse dinheiro, simplesmente pedi-lo de graça. «O povo não pede senão quando precisa... isto é, a maioria do povo», escrevera Clem. Tinha uma profunda fé na bondade do povo. O povo não gostava de pedir, ou que lhe dessem alguma coisa de graça. O coração humano era independente. Henrieta comovia-se com a grandeza da fé de Clem. Na sua solidão, desejava desesperadamente acreditar que aquilo era verdade. Mas quando Ruth lhe falava em William, Henrieta não lhe podia falar em Clem. Os dois nomes não combinavam.

Depois, um dia, viu alguma coisa de novo na face de Ruth, um tremor nos lábios, uma timidez naqueles doces olhos. Ruth, vendo a terna interrogação no olhar de Henrieta, desfez-se súbitamente em pranto, com os braços em redor do pescoço da irmã.

-O que há, criança? - sussurrou Henrieta. Não usava esse nome desde quando brincavam em casa, em pequeninas, e ela sempre fora a mãe e Ruth a filha. Enlaçou agora a pequena criatura e apertou-a contra si, sentindo com estranheza que há muito tempo não acariciava alguém. Ela e Ruth não se mostravam expansivas nos últimos anos, e não havia mais ninguém.

-Estou apaixonada-soluçou Ruth. -Amo terrivelmente.

-Não chores - murmurou Henrieta. -Está muito bem. Não há nada de mal. Quem é ele?

-Jeremias - disse Ruth com voz débil.

Henrieta não desprendeu o abraço. Tentava lembrar-se de Jeremias tal como o vira por ocasião da formatura de William. Uma bela face, um pouco magra, muito pálida, muito bondosa, disto se lembrava ela. Depois lembrou os gestos lentos, um tanto contidos, como se alguma coisa o ferisse interiormente, e as mãos brancas, delicadas, magras, mas não pequenas.

-Ele sabe? -perguntou Henrieta.

-Sim, sabe - respondeu Ruth, que, deslizando do regaço de Henrieta para o chão, se inclinou contra o seu joelho e enxugou os olhos na ponta da saia de Henrieta. -Ele disse-me primeiro... eu não me atrevera...

-Quer dizer que estão comprometidos? -indagou Henrieta.

Ruth fez um gesto afirmativo. -Suponho que sim... Logo que ele se anime a falar. Candace sabe, mas nenhum de nós se anima a dizer a William.

-Porque não?! - exclamou Henrieta, irada. -Há alguma razão para que isto seja da sua conta?

-É o que parece - disse Ruth.

-Tolice - replicou Henrieta.

O seu espírito voou para Clem. Não seria aquele o momento de revelar que ela também estava apaixonada? Mas ainda não podia falar nele.

-Eu própria o direi a William - declarou.

-Oh, não! -pediu Ruth apressadamente. -Jeremias quer dizer-lhe. Fá-lo-á um dia destes. Não sei porque é que ele pensa que William não vai gostar.

-Eu sei - disse Henrieta. A sua voz era sombria. -William não quer que a gente que visita pense que ele tem família. Ninguém é suficientemente bom para si.

-Isso não é bem assim - disse Ruth. -Habitualmente, William é muito bom para mim.

-Porque sempre fazes o que te diz.

-Bem, em geral, não vejo nenhum motivo para que não o faça - observou Ruth. -Em todo o caso, isto tem de ficar em segredo, por enquanto.

Ergueu-se do soalho, encaminhou-se para o espelho e pôs-se a arranjar os cabelos. O momento de intimidade havia passado. William quebrara-o, como sempre, e Henrieta nada disse a respeito de Clem.

O ano escolar recomeçou e as irmãs separaram-se.

As cartas que Clem escrevia no domingo chegavam às mãos de Henrieta na quarta-feira. Às quartas, de tarde, Henrieta ia ao laboratório de química e, entre as suas provas de ensaio, lia a longa carta escondida entre as suas notas de aula. Até que, numa semana, veio a carta que ela não esperava. Nas quintas-feiras raramente se preocupava em ir ver se havia correspondência, mas, num desses dias, sucedeu-lhe passar pelo correio e entrou para ver se acaso não haveria uma carta de sua mãe. Em vez dessa, recebeu uma outra carta de Clem.

-Tenho de voltar para casa cedo? -perguntou Bump.

Era agora um rechonchudo rapaz que justamente começara a usar óculos. Desde há muito que deixara de se rebelar contra Clem.

Este consultou a velha «cebola». - Podes demorar-te até às onze horas, mas nada de jogar bilhar.

-Eu ia ao cinema.

- Muito bem.

Assim ficara Clem, sôzinho no seu quarto naquela noite de segunda-feira em que escrevera a Henrieta. Talvez fosse a solidão que o induzira agora a pedir-lhe que casasse com ele. Também podia ter sido o seu constante desejo de a confortar na sua solidão. Era certamente o seu contínuo sentimento de união com ela, embora nunca tivesse visto o seu rosto. Ela era a única pessoa no Mundo que poderia entender quando falava na sua infância, esse outro mundo em que as suas raízes estavam tão profundamente implantadas que seria impossível arrancá-las.

«Ainda não nos encontrámos-escrevia ele agora. -Pode parecer -parou para verificar a palavra no dicionário - presunção da minha parte ter tido a ideia. Mas o facto é que a tive e, portanto, devo dizer-ta. Parece-me que ambos estamos destinados a casarmo-nos. Ainda te não vi, nem tu a mim, mas creio que em primeiro lugar não é a aparência que nos importa. Existe algo mais que nos une. Sabemos compreender as coisas, eu assim o penso. Espero que tenhas o mesmo sentimento».

Fez aqui uma longa pausa. Depois continuou : «Não gosto desta ideia de pedir a tua mão por carta. Se te interessares, poderei ir visitar-te. Mr. Janison deve-me uma folga, e eu economizei dinheiro. Bump pode ajudar no armazém, depois da escola. Eu poderia ausentar-me por alguns dias e passar uma tarde inteira contigo».

Depois de ter escrito estas palavras, continuou a falar nas coisas habituais da sua vida. Bump acabara por gostar da escola e até já falava em ir para a Universidade. Tinha de fazer a sua vida. Da sua parte, Clem abandonara a esperança de uma verdadeira educação, mas lia um pouco e Miss Bean indicava-lhe os livros. Justamente acabara de ler *The Wealth of Nations*. Era de difícil leitura, mas cheio de ideias judiciosas. Depois contou-lhe a grande novidade. Mr. Janison, não tendo filhos, perguntara-lhe se não desejaria considerar a possibilidade de tomar conta da loja algum dia.

Depois de lhe ter contado isso, Clem ficou a morder a caneta por alguns instantes. Mas continuou a dizer a Henrieta o que sentia e o que nunca tinha dito a mais ninguém. «Se ficar com este armazém, só me contentarei quando puder controlar o aprovisionamento. Desejo abrir armazéns de alimentação barata noutros locais. Aperfeiçoando a organização, acredito que tudo possa ser feito no sentido de que já falei. As granjas poderiam vender barato se pudessem vender directamente. Muita gente necessita de comer mais e melhor. Talvez se possa arranjar algum meio de enviar alimento para a China, ou ajudá-los lá mesmo, uma vez que se consiga organizar ali, como aqui, a produção e a distribuição. É, na verdade, um projecto mundial.»

Parou de novo, franziu a testa e suspirou. «Henrieta, espero que compreendas que não estou pròpriamente interessado em coisas materiais. Mas creio que, se todos tivessem alimento suficiente, não precisariam de se preocupar como conseguir a própria refeição, e poderiam então pensar em melhores coisas. Não tenho instrução para educar o povo, mas poderia alimentá-lo. Em todo o

caso, na minha opinião, o alimento é uma coisa que o povo devia ter como tem água e ar. Não deviam ter de o pedir, ou mesmo de trabalhar por ele, pois todos têm o direito de viver.»

Parou de novo e fechou a carta com estas palavras: «Espero que te esqueças da atitude do teu irmão William para contigo, e lembra-te de que me esforçarei bastante para a compensar, se mo permitires».

Tal carta merecia muita leitura e ele releu-a conscienciosamente. Nada havia que mudar, concluiu ele por fim, embora a desejasse mais perfeita na redacção, uma vez que Henrieta frequentava uma escola superior. Mas isso é que não sabia fazer, de modo que a fechou, selou, sobrescreveu e a foi colocar no marco postal da esquina. Ali viu, pelo relógio municipal, que já eram onze e um quarto. Já começava a agastar-se com Bump quando viu a luz acender-se no quarto por cima do armazém. O rapaz tinha voltado, pois. Tudo estava bem. Desceu a rua em direcção ao armazém, assobiando alegremente fora do compasso uma canção cujo nome não sabia.

Foi essa a carta que Henrieta recebeu numa quinta-feira. Guardou-a consigo toda a noite, acordando duas vezes para a ler de novo, à débil luz de uma vela abrigada por um anteparo, para não despertar a sua companheira de quarto que dormia. Naturalmente que desejava casar-se com Clem... Nunca um homem lhe havia pedido que casasse com ele, nunca um rapaz a tinha convidado para dançar... Mas queria reflectir bem, porque era o seu único romance, e não haveria outro. Era maravilhoso sentir, com aquela carta no seio, uma cálida e viva promessa de amor. Podia acreditar naquele amor como nem mesmo tinha acreditado no amor de seus pais, ou na solícita afeição de Ruth. No dia seguinte, na biblioteca, onde reinava calma e onde tinha um cantinho reservado, pois estava a fazer um trabalho original de pesquisa química, escreveria a Clem e dir-lhe-ia que, se quando se encontrassem, sentissem ambos a mesma afeição...

No dia seguinte, na biblioteca, quando escrevia essas mesmas palavras, foi interrompida pela sua sorridente companheira de quarto

-Henrieta, está aí um homem à tua procura!

-Um homem? -Ela estava incrédula, também.

-Um rapaz, terrivelmente magro, coberto de pó!

Soube imediatamente que era Clem. Sem uma palavra mais, desceu a estreita escada de ferro e foi direito à sala de estar. Era às primeiras horas da tarde e ninguém mais se achava ali, excepto Clem, que estava de pé no meio da sala, esperando por ela.

-Eu tinha de vir - disse ele abruptamente, e apertou-lhe enèrgicamente a mão. -Eu não devia ter dito aquilo em carta. Quem quer casar com uma jovem tem de vir dizer-lho.

-Oh! - disse ela, ofegante. -Está tudo muito bem. Eu não me importarei...

Ficaram a olhar um para o outro, examinando-se. Eram ambos simples, ambos sinceros, ambos solitários e, um rosto olhando para o outro, via ali o seu próprio reflexo.

-Henrieta, sentes o mesmo que eu? -perguntou Clem. A sua voz tremia.

Henrieta corou. Ele não se importava, então, com o seu aspecto, os seus duros cabelos negros, o seu nariz feio, os seus pequenos olhos cinzentos, a sua boca grande...

-Podes não gostar de mim... depois de me conhecer. - A sua voz também tremia.

-Tudo o que és, logo em ti se vê - disse ele. -És o que eu necessito... alguém em que eu possa pôr toda a minha fé. Oh, eu preciso de fé!

Ela deu um grande suspiro que terminou num soluço. -Nunca ninguém precisou de mim... Oh! Clem...

Enlaçaram-se desajeitadamente e os lábios de ambos encontraram-se num beijo de inexperiente amor.

Ele ficou o resto do dia e ela esqueceu o seu trabalho. Passearam pelo pátio da escola e ela designou-lhe os edifícios e apontou-lhe a sua janela. Levou-o ao laboratório de química, deserto no fim do dia, e explicou-lhe o que estava a tentar fazer, enquanto ele ouvia, procurando compreender a união dos elementos.

-Desejaria ter tido instrução - confessou com tão grande tristeza que ela não a pôde suportar.

-Clem, porque não deixas o armazém e não entras para uma escola? Muitos colegas estudam e vencem...

Ele meneou a cabeça. -Não posso permitir-me isso. Já fui muito longe no meu caminho. Aliás, não tenho tempo para isso tudo. Quero aprender exclusivamente o que preciso... química, por exemplo. Tenho ideia de que poderia descobrir uma porção de alimentos novos. Alguém já tentou esse caminho?

-Que eu saiba, não- - respondeu ela.

Tomaram o comboio das oito para a cidade e comeram uma sanduíche num restaurante barato. A noite era quente e ainda não estava muito escuro quando terminaram. Andaram de um lado para o outro, na plataforma, temendo separar-se, agora que se tinham conhecido.

-Quando nos encontraremos de novo? -perguntou ela. -Não sei. Devo fazer o pedido a teu pai. Não é isso que é preciso?

-Suponho que ninguém precisava de saber-acentuuuou ela com veemência. - Desejaria que nos uníssemos e ninguém mais o soubesse.

-Creio que não seria muito correcto - disse ele com voz ponderada. -Penso que seria muito melhor que eu escrevesse a teu pai, contando-lhe tudo. Talvez eu deva dizer a William.

-Não! - exclamou Henrieta. A ponta do seu sapato raspou o chão. -Quero guardar tudo para mim, até que estejamos realmente casados.

-Não queres dizer a William? -Clem parecia preocupado. -Não - respondeu Henrieta com a mesma veemência. -Pelo menos não devemos dizer a William.

-Mais cedo ou mais tarde ele terá de saber - observou Clem. -Que o descubra por si próprio!

O comboio chegou, resfolegante, abafando-lhe as vozes, e beijaram-se de novo, rapidamente, preocupados com a gente que os cercava, embora fossem todos estranhos. Depois Clem embarcou e ela ficou ali, com as mãos no bolso do seu casaco verde, até que ele partisse.

V

A uma carta de tua mãe - disse Candace a William, que nunca abria as cartas endereçadas ao marido, por ter descoberto, durante a lua-de-mel, que ele não gostava disso. Perguntava-se às vezes se não seria estúpida, porque nunca

poderia adivinhar o que ele gostava e o que lhe desagradava. Mas, uma vez aprendida uma coisa nunca mais a esquecia.

Era em Dezembro, e estavam na sua casa da cidade. Na próxima semana devia ela reunir-se a toda a família para o Natal. Apegava-se àqueles últimos dias do ano, passando as horas da tarde numa vasta varanda envidraçada. Estava para ter o segundo filho.

Justamente agora, Willie, diminutivo de William, ia fazer dois anos. Havia mais de cinco anos que ela estava casada. Achava-se reclinada numa longa e confortável espreguiçadeira, e sentia-se um tanto cansada, talvez por ter andado a cavalo no Parque. Não dissera a William que o médico a proibira de cavalgar porque não pretendia obedecer a tais ordens. William, se o soubesse, insistiria na obediência.

Ele estava sentado a uma mesinha de metal e abriu o envelope com selos chineses. Havia duas cartas, uma com a letra de seu pai e a outra de sua mãe. Escolheu a carta da mãe, pois ela dava-lhe mais notícias do que estava a acontecer em Pequim. Ela costumava narrar os incidentes, e o pai encarregava-se dos comentários. William estava profundamente interessado no que ali sucedia, pois acreditava que era uma amostra do que deveria acontecer em toda a Ásia, um levantamento do populacho-que ele temia e em quem não confiava. Aquela antiga desordem na rua de Pequim enraizara-se-lhe profundamente no cérebro. A única força que poderia controlar tal loucura era a indomável Imperatriz. Recordava aquela velha face, impaciente e arrogante, inclinada para ele quando ainda criança. Recordava as vezes em que galgara a Colina de Carvão para olhar os telhados dos seus palácios. Tendo agora visto muitas mansões, compreendia que a Velha Imperatriz tinha uma magnificência que nenhum simples milionário poderia comprar. Os seus palácios eram vedados a todos os homens, mas ninguém poderia proibir que um rapaz americano trepasse a uma colina e olhasse para os seus telhados de porcelana azul e ouro e seus pilares de mármore, ou que algum transeunte ficasse a olhar para os seus portões fechados de esmalte vermelho.

Em princípios de julho sua mãe escrevera-lhe acerca de um «garden-party» que seria dado em Setembro no Palácio de Verão, para o qual estavam convidados todos os diplomatas e os seus amigos. Lia agora que essa festa jamais se realizaria. A Velha Imperatriz tinha caído doente num belo dia de Outono, escrevia agora sua mãe. O jovem Imperador, sentado à sua mesa de trabalho, fora interrompido por um eunuco que entrara correndo e bradando: «A Velha Buda morreu!» Sem uma palavra, sem esperar um instante, o jovem Imperador começou a escrever numa folha de papel que tinha preparado para a pintura de um poema. Em vez do poema, escreveu uma sentença de morte para aquele político que o denunciara à Imperatriz dez anos antes, quando sonhara modernizar a sua pátria. Antes que pudesse apor o selo real no papel, entrou de novo o eunuco, a bradar ainda mais alto: «A Velha Buda está viva outra vez!» Ela havia-se reanimado, para viver algumas semanas mais.

William conservou-se em silêncio, pois Candace não podia saber o que a Velha Imperatriz significava para ele. Continuou a ler. Ela havia recuperado a saúde mais de uma vez depois disso, resolvida a sobreviver ao jovem Imperador, em que não confiava devido ao seu empenho em mudar o velho estado de coisas.

Ele, também, estava muito doente, e ela teimava em viver quando ouvia que ele ainda não tinha morrido. Quando lhe disseram que ele afinal se fora, deu um grande suspiro de alívio e resignou-se a morrer.

«Eu, de escassos méritos-escreveu a soberba mulher na sua última mensagem ao povo-, conduzi o governo, trabalhando noite e dia. Orientei os chefes metropolitanos e provinciais e os comandantes militares, lutando duramente para assegurar a paz. Coloquei os homens honrados nos cargos públicos e ouvi as advertências dos meus conselheiros. Acudi ao povo por ocasião das cheias e das fomes. Pela graça dos Céus, sufoquei todas as rebeliões e restabeleci a paz sem perigos».

William sorriu amargamente. Valente Velha Imperatriz, valente até ao fim! Não morrera enquanto não vira morto aquele fracalhão, aquele jovem degenerado, um fantoche nas mãos dos revolucionários, que teria desencadeado toda a loucura do povo.

Candace observava-o, mas ele não o notava. Nunca podia ler no seu rosto, mas viu o amargo sorriso e quis saber a sua causa.

-Que foi, William? Aconteceu alguma coisa?

-Sempre está acontecendo alguma coisa - replicou William. Curvou levemente os lábios para baixo. Estava agora lendo uma carta do pai, uma breve carta, que terminava como sempre com uma citação dos clássicos. «Estamos no limiar de maravilhosos eventos, agora que a terrível velha se foi - escrevia-lhe o pai. -O povo, dizia Mencius, quatrocentos anos antes de Cristo, é o fundamento do Estado; os altares nacionais são de importância secundária; o monarca é o menos importante de todos. Meu filho, desejaria que a tua vida se pudesse passar aqui na China. Aqui é o centro do Mundo futuro, embora poucos o saibam».

William sorriu de novo diante disto, um sorriso diferente. Não acreditava um só momento que a China fosse o centro do Mundo e não concordava com Mencius.

Candace, observando-lhe o rosto, sentiu-se dominar por uma das suas crises de desânimo. Porque tinha medo de William? Não tinha medo dele antes de casar e não se podia lembrar de uma única razão, de um único incidente, por certo, que explicasse por que sentia agora que ele poderia ser cruel. Jeremias era responsável em parte. Jeremias bebia demasiado. Tentara dizer alguma coisa a seu pai a esse respeito, mas ele recusara-se a acreditar. A sua religião era um travesseiro contra tudo que lhe desagradasse, e nela se refugiava sem vexame. Não adiantava falar a sua mãe e tinha medo de contar a William. Ele era bastante severo com Jeremias no escritório-severo com Seth, também. Seth era o chefe da redacção. Jeremias era o gerente e ficava entre Seth e William. William insistia em examinar todos os originais e Seth tinha de os adaptar à política traçada por William, a cada acontecimento que se desenrolava no Mundo.

-Não precisamos de pensar - dissera Jeremias com o seu humor demasiado jovial. -É maravilhoso não ter de pensar, Candy. Isso poupa-nos muito tempo...

Seth não era tão alegre. Evitava falar acerca de William, e com Candace mostrava-se excessivamente formal. Teve de perguntar a Jeremias o que havia com Seth.

-É um espírito independente - disse Jeremias com o seu imutável

humorismo. -Não precisamos disso. Temos William.

Ninguém podia contrariar William. O fantástico êxito do seu jornal era a resposta final para qualquer discordância com as suas decisões. Em cinco anos, o único jornal que havia fundado em Nova York havia-se desdobrado em quatro, sendo os outros publicados em Chicago, S. Louis e S. Francisco. Com uma sábia combinação de fotografias, desenhos e textos, William inventara algo que se tornara indispensável a milhões de pessoas que nunca vira. Os seus jornais eram suficientemente pequenos para ser manuseados com facilidade no comboio subterrâneo e enquanto os homens faziam o lanche nos apinhados balcões dos drug-stores. Ele dera-lhes exactamente o que queriam: notícias comerciais e financeiras em breve espaço, com uma curta meia coluna de predição e conselhos; notícias de dramas sensacionais, com escolhidas ilustrações, tendo os fotógrafos todo o empenho em só mostrar a acção concentrada; notícias em comprimidos, de texto cuidadosa e simplesmente escrito, adequado a milhões de pessoas que liam com dificuldade e pensavam muito pouco, e que pediam contínuas diversões por causa de seu vazio interior. William era demasiado astuto para doutrinar. O que ele queria podia ser feito com a escolha das notícias a relatar e da maneira como as desenvolvia. A eliminação era o segredo do seu poder, e o resto eram os cabeçalhos. Só os cabeçalhos podiam indicar ao povo o que devia pensar.

Jeremias, Martin Rosvaine e Seth James encontravam-se às vezes para falar nos jornais e em William. Eles admiravam o seu talento, ao mesmo tempo que cada vez mais o temiam.

-Dentro de dez anos, William dirá ao Mundo o que deve pensar, e ninguém o saberá - dizia MM-iartin. -Naturalmente, a tia Rosamond adora-o simplesmente. Ela não lhe deixa devolver os seus cem mil dólares.

Tia Rosamond, logo que ouvira dizer que Roger Cameron tinha dado cem mil dólares a William, insistira em fazer o mesmo. William repusera o dinheiro de Roger, mas também era verdade que a tia Rosamond havia recusado qualquer pagamento.

-O interesse é a minha anuidade, William- - cacarejou tia Rosamond na sua rouca e velha voz. Estava quase cega, mas sempre insistia nas visitas de William, e este tratava-a quase com afecto. Havia alguma coisa que lhe agradava na rude, impiedosa e egoísta velha, que se alegrava com os seus triunfos e ria dos seus Jornais.

-Maravilhosa droga - chamava-lhes ela quando estavam a sós, e batia-lhe nas costas com o seu agudo cotovelo de velha.

Nos três jovens, contudo, o grandioso e crescente êxito de William começava a produzir efeito. Martin tinha rebates de consciência, irritado com a ganância da tia Rosamond, Seth ameaçava rebelar-se contra a interferência de William nos seus originais e Jeremias começara a beber. A longa indecisão a respeito de Ruth, os meses em que eles eram meio noivos, os meses que ele sentia que não queria casar com ninguém, outros meses em que era Ruth que não queria, haviam-se tornado anos. Durante todo esse tempo, a imutável paciência da jovem, a sua inquebrantável doçura e fiel amor não se tinham interrompido. No fim Ruth acabara por vencer.

Um mês antes, Candace pensara que Jeremias havia abrandado, tornando-

se mais parecido com o jovem que ela sempre conhecera, um extravagante rapaz, de uma alegria que não lhe agradava, mas capaz de épocas de ponderada gravidade, horas em que podia conversar com ela, momentos nos quais trazia às vezes punhados de versos para serem apreciados. Havia anos que não fazia versos, mas agora talvez recomeçasse, e ela desejava que assim fosse, pois era bom para ele escrever versos. Alguma coisa nele se cristalizava e assim se tornava permanente.

Pensou compreender a mudança quando ele lhe disse que resolvera casar com Ruth. Afinal enamorara-se verdadeiramente de Ruth, pensava ela, embora Jeremias apresentasse como motivo o facto de Ruth ser o oposto de William.

-Mas tu gostavas de William na escola - observou Candace. -Eu dependia dele - disse Jeremias. -Não teria passado nos exames se não fosse ele. Tenho agora o mesmo sentimento. -Não tens necessidade de trabalhar - disse Candace. -Tu e Ruth poderiam viver muito bem em qualquer parte. O pai não se importaria.

Jeremias olhou-a perplexo. -Não sei porque não posso fazer isso-- - disse.

Só então ela começou realmente a pensar em Ruth. -Jeremias, eu ainda não disse que estou satisfeita. Mas creio que estou. William gostará?

-Naturalmente que não - disse Jeremias. -Até mesmo Ruth pensa assim.

-Oh, porque não?

-Ele tem o instinto de renegar a todos, excepto a si próprio. Gosta de sentir que não tem carne e sangue herdados. Acaricia o mito de que nasceu sem pais... puro filho de Deus.

Candace sentiu-se chocada. --Bela coisa para dizer quando vou ter um filho.

-Oh! Esse será certamente outro filho de Deus - disse com impertinência Jeremias, que se deitara de costas na relva, o corpo mole, a voz preguiçosa, contemplando o céu por entre as folhagens. Candace não lhe respondera.

-William, queria dizer-te uma coisa.

William dobrou as cartas da China. -E então?

-Jeremias e Ruth estão noivos afinal - disse ela, sem mais preâmbulos. - Estou satisfeita. O namoro já se arrastava há anos... ele não se resolvia. -Ela voltou a cabeça para observar William e viu uma onda de sangue subir-lhe ao rosto.

-Quando foi isso? -perguntou ele.

-Há cerca de um mês.

-E durante todo esse tempo já sabias?

-Não inteiramente.

Ela aguardou a sua cólera, mas esta não desabou. A onda de sangue refluíu e ele ficou mais pálido do que nunca.

-Não achas que está muito bem assim? -perguntou ela. Ele ergueu-se, com as cartas na mão. -Não penso coisa alguma a esse respeito. Parece-me um assunto sem a mínima importância.

-Então não te importas que ela se case aqui? -Creio que não.

-Gostaria de preparar um belo casamento... logo, antes de que fique muito pesada. Eles não querem esperar.

-Como queiras - disse William. Hesitou um momento e depois continuou,

quase abruptamente: -Estas cartas sugeriram-me o tema para um editorial, que gostaria de escrever para amanhã. Espero que não te importes se não aparecer para o jantar.

-Sentirei a tua falta - disse ela com um sorriso gracioso.

-Sinto muito- - replicou ele, um tanto formalmente. No entanto, antes de sair, inclinou-se para ela e beijou-lhe os cabelos. Ela olhou-o enquanto ele se afastava e, vendo a sua cabeça inclinada, as mãos cruzadas nas costas segurando as cartas, pensou subitamente que ele se parecia com um padre. Isso era, talvez, o que William deveria ter sido.

Ruth casou-se na véspera do Ano Novo e Henrieta foi a sua dama de honor. Nesse ponto Ruth insistira, e Candace escolhera os vestidos de casamento. Ruth, naturalmente, devia vestir cetim branco, mas Candace escolheu para Henrieta uma seda encorpada, de narcisos amarelos, que devia ser usada com um largo cinto verde. A obscuridade de Henrieta era obrigada a vir à luz. Guardando no coração o inefável segredo, ela consentiu pela primeira vez na vida que a vestissem com um intuito de beleza.

Esteve duas vezes na casa de William, e a primeira vez foi para experimentar o vestido, quando Candace levou as duas jovens para o lanche. William não estava em casa, mas Jeremias estava. Deixara o escritório demasiadamente cedo, sem avisar alguém.

-De que me servia ser cunhado de William, se tivesse de ter medo dele? - disse-lhes Jeremias. -Ele não me pode despedir.

-Oh, Jeremias! - exclamou Ruth, um tanto escandalizada.

-Jeremias não deve ser tomado a sério desde que cresceu - disse Candace a Henrieta. -Era muito sério quando rapaz.

Estavam sentados à comprida mesa na grande sala de jantar, e o mogno brilhava através da toalha de renda de Veneza. Estavam sentados dois a dois, Henrieta ao lado de Candace, e as extremidades da mesa vazias, embora o mordomo tivesse posto o talher de William. Quer ele viesse, quer não, o seu talher sempre estava posto.

-Quando eu era garoto, era sério porque pensava que ia morrer - disse Jeremias, empinando o copo o mais perto que podia para não derramar o vinho. - Agora sei que tenho de viver. A gente tem de ser alegre quando não pode escapar à vida. Não é verdade, Ruth?

-Não sei o que estás a dizer! - exclamou Ruth, feliz.

Foi um belo casamento. William deu o braço a Ruth, uma vez que seu pai se achava em Pequim e, junto à sua gravidade, a pura doçura da jovem era o contraste de uma rosa junto a uma rocha. O casamento foi em casa de William, embora Ruth desejasse um casamento religioso e pensasse que se realizaria na igreja de S. João, aonde William e Candace iam regularmente nas manhãs de domingo. Assim fora planeado. Mas William, pela época do Natal, tivera um estranho desentendimento com o reitor, que nunca explicara, e retirara-se da confraria. Deixou de frequentar a igreja e supôs que o caso seria muito notado se a cerimónia se efectuasse em qualquer outro templo. Não passava de um modesto casamento. Ruth nunca se apresentara na sociedade e conhecia pouca gente. Não havia motivo, disse William a Candace, para que os amigos dele, ou os

dela, fossem convidados a ver uma jovem noiva de cuja existência apenas tinham ouvido falar acidentalmente.

A grande sala de jantar constituiu um agradável local. O florista armou um altar numa das extremidades, e o pregador do colégio de Ruth veio casá-los. William foi amável até com Henrieta e com seus avós mostrou-se quase gentil. Tinham envelhecido muito. Henrieta igualou-o em solicitude, e pensou em Clem, mas ainda desta vez não pôde resolver-se a falar no seu nome.

Nenhum deles ficou depois do casamento. Foram com Jeremias e Ruth ao porto, onde o jovem casal embarcou para França. William, porém, não comparecera ao bota-fora, pois havia recebido uma chamada urgente do escritório. Depois, com o seu vestido de narcisos cuidadosamente empacotado na mala, Henrieta foi para casa com os avós.

Naquela noite ela falou-lhes em Clem. Estavam sentados na grande e agora um tanto envelhecida sala de jantar, e tentou fazer-lhes compreender porque devia casar-se com Clem.

-É a única pessoa no Mundo que conhece tudo a meu respeito - disse-lhes ela.

Eles limitavam-se a escutar, sentindo que havia mesmo muita coisa que não conheciam. A China era uma terra que não podiam imaginar e que lhes parecia monstruosa e inexplicável.

-Mas vocês não vão voltar para a China, pois não? - murmurou a sua avó.

-Não sei o que Clem pretende - disse Henrieta. -Está sempre a pensar no Mundo. Se ele for, naturalmente irei também.

O casal de velhos tivera um dia duro e não tinha interesse no Mundo. Mr. Vandervort bocejou e tocou a sineta. Quando Millie, que sempre ficava sentada até que a família fosse para a cama, atendeu ao chamado, ele pediu leite.

-Bem quente, Millie, e põe-lhe um pouco de cherry. -Sim, senhor - respondeu ela.

Minutos depois, bebendo sonolentemente o seu leite alicorado, fez um aceno de cabeça a Henrieta. -Suponho que é isso mesmo que devíamos esperar - disse ele vagamente. Foram para o quarto sem lhe perguntar mais nada, e ela sentou-se à mesa para escrever a Clem uma longa carta.

«Clem, quero casar agora. Não desejo continuar com o meu doutoramento».

Depois da sua graduação pela escola, resolvera continuar com o seu doutoramento em química, na esperança de que pudesse ser útil a Clem. Isso fora depois do que ele lhe dissera um dia.

-Eu desejaria ter estudado química - dissera ele. -Aproveitar bem a soja, por exemplo. Achas que sabes bastante para me ajudar?

-Tenho de estudar mais um pouco - respondera-lhe ela.

Estava ainda um tanto magoada, porque ele exclamara com veemência: «Tens a certeza de que podes?» Mas não devia ficar ofendida com Clem. Ela conhecia a sua grandeza.

Depois de ter terminado a escola, summa cum laude, uma honra que desdenhara de comunicar a William e que Clem não compreendia inteiramente, e que parecia apenas surpreender seus pais, entrara para a Colúmbia a fim de se especializar em química. E eis que agora, a meio do caminho, já não podia ir

avante...

Apresentou os seus desesperados argumentos a Clem, que ninguém a estimava e que ela vivia muito sòzinha para poder viver. Até mesmo no colégio fora sempre só, porque, não tendo vivido na América, não tinha nada para dizer às outras jovens. Desejava estar com Clem, e só com ele, e não mais o deixar.

Clem respondeu-lhe graves e ponderadas palavras sobre a interrupção dos seus estudos, que ela iria lamentar mais tarde e não perdoaria a si própria. Depois de ter recebido uma porção de cartas de Henrieta dizendo todas a mesma coisa, viu ser verdade que ela poderia morrer de solidão, pois possuía, como ele, uma fome espiritual que sempre procurava deitar raízes em terreno próprio. Já era tempo de se unirem.

Foi ter com ela num dia de Junho e apresentou-se a seus avós por descargo de consciência, uma vez que não podia falar pessoalmente com o seu pai, nem Henrieta lhe permitiria que falasse com William. Os dois velhos estavam perplexos e temerosos de fazer algo errado, mas, depois de Clem lhes falar, alegraram-se ao pensar que já nada poderiam fazer. Os dois jovens tinham resolvido tudo.

-Deviam escrever ao pai e à mãe, dizendo que nada podem fazer no nosso caso - disse-lhes Henrieta.

O avô suspirou. -Não escreveremos, Henrieta. Deixamos isso a teu cargo.

-Isso é com vocês, os novos - murmurou a avó. - Fizemos o possível.

Henrieta sentiu-se inclinada a beijá-los pela primeira vez na vida. Era uma nova criatura, agora que fizera compreender a Clem que era honesto, para eles, casarem-se de uma vez. Estava quase alegre. Não haveria festa, dizia ela, pois a quem convidariam?

Logo que Clem obteve licença, ela, ele e os avós foram uma tarde ao pastor da próxima igreja presbiteriana e casaram-se. Ela trajava o seu vestido amarelo, e Clem comprara-lhe algumas rosas para levar, além de, também, uma grande e antiquada aliança de ouro, o único anel que, até então, jamais possuía. Quando Clem lha pôs no dedo, sentiu que seria para sempre e que a levaria até para o túmulo.

Depois voltaram modestamente a casa para comer um bolo que Millie fizera e brindar com o borgonha de uma garrafa que o avô abrira. Depois pôs o seu vestido de seda azul, a única roupa nova que comprara, e tinha um estranho e incerto sentimento de que seus avós, embora velassem por ela, estavam contentes por a ver partir, contentes por ver os novos fora da sua velha casa. Estavam cansados e queriam dormir.

VI

HENRIETA estava a costurar na pequena sala de estar da sua casa. Os seus dedos eram desajeitados, e a linha embarçava-se frequentemente, mas não lhe ocorria deixar o trabalho simplesmente porque não tinha prática, e continuava assim a costurar, olhando apenas ocasionalmente pela janela junto à qual estava sentada. O quadro que avistava era bastante simples, uma rua de casas baratas muito parecidas com a que ela e Clem tinham alugado nas proximidades do armazém. Qualquer graça que a rua pudesse ter, provinha de duas alas de bordos que começavam a mostrar agora os matizes do Outono. Era à tardinha, e crianças

brincavam, correndo de um lado para o outro, aparentemente não vigiadas, a não ser que uma briga trouxesse uma das mães à porta.

-Que é isso, Dottie! Deixa de bater no teu irmãozinho!

- Mas eu quero!

-Não importa o que tu queres. Pára com isso, já disse!

Ela perguntou a si própria se Clem desejaria filhos. Nunca tinham falado nisso, cada qual por alguma não mencionada razão. Ela nem sequer tinha a certeza se desejava filhos. Nunca se habituara à vida americana e não sabia como criar um filho. Na China, havia as amahs. Ali, teria ela de lavar todas as roupas do filho e embalá-lo quando chorasse. Além disso, Clem bastava. Ele era uma dúzia de homens num só, com todos os seus grandes planos na cabeça. Já era muito cuidar que ele vivesse para os levar avante.

Que ele teria bom êxito, não duvidava. Desde o instante em que o vira na sala de estar do colégio, tinha acreditado em si. A confiança era a base do seu amor. Não podia amar ninguém em que não confiasse, e por este motivo só amava verdadeiramente a Clem e a seu pai.

Enquanto vivesse, não perdoaria a William, porque este se encolerizara ao saber que ela tinha casado com Clem. Escrevera a Ruth, depois de tudo, e no princípio Ruth não se atrevera a contar a William toda a verdade. Dera a entender ao irmão que o casamento ainda não se efectuara, e ele tentara impedi-lo, pensando que ainda se tratasse apenas de um noivado. Tinha realmente telegrafado para a sua mãe, em Pequim. Quando ela abria o telegrama de sua mãe, proibindo-lhe, já demasiado tarde, que casasse com Clem, logo viu que andava ali o dedo de William.

«Aquele ignorante!»-chamara-lhe William, e Ruth contara-lho.

Até Ruth ficara aborrecida. -Tu devias ter-nos dito, Henrieta. Isso não foi correcto. É um casamento desigual. Tu não o podes levar à casa de William.

-Não pretendo ir jamais à casa de William. -Fora essa a sua resposta. Nunca teria medo do irmão, por mais jornais que ele tivesse. Clem era tão inocente, tão bom... Não gostava que ela dissesse nada contra William.

-Ele é teu irmão... Seria bom que vocês pudessem ser amigos. -Era o que ele lhe dizia.

Quando ela lhe disse os sentimentos de William a respeito do seu casamento, Clem apenas tomou um ar grave. -Ele não compreende. As pessoas cometem enganos quando não compreendem. -Ela não podia levá-lo à cólera.

Ela própria escrevera a seus pais uma veemente carta em que proclamava a sua independência e a bondade de Clem, e seu pai respondera-lhe, com amizade; espantado com o estardalhaço. «Não vejo motivo por que não poderias casar com Clem Miller. Muito me entristeceria ver vocês nas circunstâncias do seu pai. Mas hoje em dia ninguém vive unicamente da fé».

Sua mãe escrevera-lhe uma carta surpreendentemente amável, mandando-lhe como presente de núpcias uma toalha de mesa bordada pelas monjas do convento chinês. Henrieta adivinhou astutamente que, na verdade, sua mãe não se importava com quem ela casasse.

Quanto a Clem, maravilhava-se com o êxito de William.

-Se William pudesse interessar-se pela minha ideia de alimentação agora, como iríamos longe! Ele faria o povo pensar e depois as coisas começariam a

acontecer.

-Ele não deseja que o povo pense - interrompeu Henrieta rapidamente.

-Ora essa!

O relógio deu seis horas, e as sinetas do jantar começaram a tocar por toda a rua. Ergueu-se para olhar o assado e as batatas no fogão, cortar o pão e servir o leite. Clem voltaria cedo para casa e desejaria comer e regressar ao armazém. Ela movia-se devagar, com uma pesada graça de que era inconsciente. O seu rosto imóvel, grave entre as tranças negras, raramente mudava de expressão. Agora que vivia com Clem, os seus olhos eram mais belos do que nunca, grandes e profundos; mas, às vezes, tinham uma expressão de perplexidade, como se estivesse incerta de alguma coisa, de si talvez, ou talvez do Mundo. Não era uma limitada perplexidade, mas vaga e larga como o seu espírito, como se não soubesse o que pensar da existência humana.

A porta do pequeno vestíbulo abriu-se abruptamente e depois fechou-se, e a atmosfera da casa mudou. Clem tinha entrado.

-Estás aí? -Essa era a sua saudação, embora soubesse que ela estava sempre ali.

-Aqui estou - replicou ela. A sua voz era forte e profunda.

Ele entrou na cozinha, com seu passo leve e rápido. Os seus olhos encontraram-se, ela parada junto ao fogão, segurando uma panela, e ele encaminhando-se para a bacia, a fim de se lavar. Lavou-se, como fazia tudo, com nervosa rapidez e aplicação, e enxugou o rosto, os cabelos e as mãos numa toalha pendurada na parede. Depois veio até Henrieta e beijou-a na face. Não era tão alto como ela.

-Está pronto o alimento?

-Estou justamente a tirá-lo da panela.

Ele nunca dizia «jantar», mas sim «alimento». Sentou-se diante do assado que ela colocara na mesa e começou a cortá-lo cuidadosamente e com a mesma eficiência com que fazia todas as coisas. Tirou duas fatias finas, pôs uma batata ao lado e passou-lhe o prato. Depois cortou a sua própria fatia, menor e ainda mais fina.

- Porque não comes um pouco mais, Clem? -perguntou Henrieta.

-Hoje não. Está lá um homem à minha espera. -Porque não o trouxeste aqui?

-Não. Tive medo de que falássemos de negócios durante todo o jantar, e o meu estômago embrulhar-se-ia de novo. Quero um pouco de paz, na tua companhia.

Ela sentou-se em silêncio, servindo-lhe tomates e depois limas. Depois serviu-se a si própria. Nenhum deles falava enquanto comia. Ela estava acostumada a isso e disso gostava, pois sabia que no seu silêncio ele encontrava repouso. Estavam em comunhão, sentados ali sòzinhos à mesa. Depois de ter repousado, ele começaria a falar. Comia muito depressa, mas ela não lhe fez qualquer observação. Conhecia-o melhor do que a si mesma. Ele era feito de azougue e electricidade. O que quer que ele fizesse, não despertava nela a mínima sombra de censura. Algumas vezes, torturava-a o receio de que ele morresse novo, consumido interiormente pelo enorme plano que assentara, mas

nada podia evitar. Clem tinha de seguir o seu caminho, pois para ele não havia outro, e ela devia acompanhá-lo.

Naquele país, que era o seu, continuava a sentir-se uma estranha, e a sua única segurança era Clem. Tudo o mais ali era diferente de Pequim e da sua infância, e ela não sabia como viver sem ele. Quando às vezes, à noite, ela tentava dizer-lhe isso, ele escutava-a até que terminasse. Depois ele sempre dizia a mesma coisa: - O povo é o mesmo em toda a parte, ainda há-de ver...

Mas não era. Ninguém na América era como os chineses que ela conhecera em Pequim. Não poderia falar com ninguém em New Point sobre... sobre a vida! Ali falavam sobre várias coisas, e ela não se importava com essas coisas. «Tudo debaixo do Céu...» era como a velha Mrs. Huang costumava iniciar a conversação quando a ia visitar.

Ela olhou para Clem e sorriu. -Não te lembras como os chineses gostavam de começar dizendo : «Tudo debaixo do Céu»?

-E continuavam a falar sobre tudo debaixo do Céu!

-Sim... tu lembras-te também.

-Desejaria não estar com pressa, querida, mas...

-Eu sei, não sei porque pensei nisso...

Ficaram novamente em silêncio, enquanto ele limpava o seu prato e ela reflectia sobre as actividades dos homens e as coisas pelas quais eles se sacrificavam. William, nos seus esplêndidos escritórios de Nova York, era tão escravo de um plano como Clem, mas com que diferença e com que opostas finalidades! Ela não poderia devotar-se a Clem se ele desejasse ser rico unicamente com vista no Poder. Ele não pensava no dinheiro senão como um meio que pudesse favorecer os seus planos, uns planos tão vastos que ela não se atreveria a contá-los a ninguém, a não ser que o julgassem louco, mas bem sabia que ele não o era.

Clem pousou o talher. -E então, que há para sobremesa?

-Maçãs cozidas. Desejava fazer uma torta. Mas disseste na última vez...

-.As tortas pesam-me no estômago. Não me posso preocupar com o meu estômago quando tenho de trabalhar.

Ela ergueu-se, mudou os pratos e trouxe as maçãs. Ele comeu uma em três tempos, depois foi acomodar-se na cadeira de balanço e fechou os olhos, para dormir uns dez minutos.

Ela sentou-se imóvel, não se mexendo para levantar a mesa. Aprendera a sentar-se assim, para que o sono dele não fosse perturbado por nenhum ruído. O seu ouvido era tão fino que o mais leve movimento ou sussurro o acordava. Mas ela não se importava de ficar sentada a olhá-lo enquanto ele dormia. Eram tão próximos, tão íntimos, que o seu sono parecia dar-lhe repouso, também. Sòmente o seu espírito divagava, meio desperto.

Ele abriu os olhos tão súbitamente como os fechara e foi sentar-se de novo à mesa, em frente dela.

-Querida, sinto que estou a desperdiçar o teu tempo.

Ela não respondeu, pois não sabia o que ele queria dizer.

-Aqui estou eu casado com uma excelente mulher, de instrução superior, e só o que ela faz é cozinhar para mim e serzir as minhas meias!

-Não é o que as mulheres têm de fazer? -Não a minha!

Olhou-a ternamente, e ela corou. Sabia agora que nunca ouviria as palavras de amor que as mulheres esperam dos homens. Clem não as conhecia. Ela duvidava de que ele jamais tivesse lido algum dos livros que as continham. Mas não lhes sentia a falta, porque nunca as conhecera, tão-pouco. Sabia muito bem que Clem era a única pessoa que a tinha amado, e do seu amor tinha a certeza, não por palavras, mas pela simples presença de Clem. Era tal a transparência do seu ser que o amor irradiava dele como uma luz. Brilhava sobre ela agora, enquanto estava sentado a olhá-la, meio sorridente. Ela via a recordação em seus olhos.

-Lembras-te daquele pão preto chinês que comíamos em Pequim? A maneira como os tostavam no carvão, polvilhados de gergelim?

-Sim, lembro-me daqueles pães chatinhos... Tenho às vezes vontade de os provar de novo. Que dizes se voltássemos? -À China?

-Só para um passeio. Talvez esqueça o que era Pequim se puder ver o que é agora.

Ele parecia pálido e cansado e ela sentiu um aperto no coração. Tinha ela sempre aquele pressentimento, indefinido, desarrazado, de que era mais forte do que ele, mais indestrutível, mais duradoura. Não lhe ardia no íntimo nenhuma chama como a dele, e ela, no entanto, não se sentia cansada.

-Seria bom voltarmos, Clem.

-Bem, veremos...

Ergueu-se com a sua habitual agilidade, e o pressentimento dissipou-se. Não havia razão para pensar... nada! Mas, depois de ele se ter retirado, ela ficou sentada, a pensar... Sim, lembrava-se daqueles pães, e do velho vendedor. Muitas vezes havia ela fugido pelo portão posterior e, oculta por uma moita na extremidade do muro da Missão, ali ficava à espera. Ainda agora podia ouvir o pregão agudo do vendedor enquanto ele descia a rua, sempre à mesma hora, nas manhãs de domingo, quando pensavam que ela e Ruth estivessem a preparar as lições para a segunda-feira. Ele sempre ia procurá-la atrás dos bambus, e quando a avistava, sorria-lhe com a sua boca desdentada.

-Bem quentinhos - dizia ela sempre.

-Então não sei? -replicava ele e, baixando-se para o pequeno forno, aprontava os pãezinhos quentes. As suas mãos estavam sempre sujas de farinha e massa crua e as suas unhas eram garras negras, mas ela não pensava nisso, gulosa como era dos pãezinhos. Pagava-lhe dois pene e corria para casa, ocultando os pãezinhos debaixo da blusa. Ruth não os queria provar porque as mãos do padeiro eram sujas, e assim ela comia-os sôzinha, aqueles pãezinhos de um cheiro delicioso, com o gergelim que sabia a nozes. Clem também havia comido daquele pão, mas William nunca. Como Ruth, William teria pensado nas mãos sujas do homem, mas Clem e ela pensavam no pão, quentinho das brasas. Era excelente.

Ela ergueu-se e começou a levantar a mesa. O que Clem estava a fazer era tão simples como o que fazia o velho vendedor. Dois pãezinhos, por um penny cada um; o velho vendedor fazia-os e saía a vendê-los. Se era bom, o povo comprava, isso era tudo. Não sômente pão, aliás. Se alguma coisa era suficientemente boa e barata, o povo queria-a. Isso era tudo. O que Clem estava a fazer era simples e tremendo, tão simples que o povo não pensava que ele

estivesse a fazer alguma coisa, e tão tremendo que se o soubessem não teriam acreditado. Sômente quando vissem a coisa acabada, o pão, a carne, o alimento barato e bom, pronto para ser comprado, é que acreditariam. E, mesmo acreditando, não compreenderiam.

Algumas vezes, à noite, Clem desejava ler a Bíblia. Não iam à igreja e nenhum deles tinha por hábito rezar. Mas algumas vezes desejava ler alto para ela. Na noite anterior, quando estavam deitados, ele acendera a luz e pegara na pequena e velha Bíblia que conservava na mesinha de cabeceira. Procurara o lugar em que Jesus tomara os pães e peixes e alimentara todos os que tinham fome, e pôs-se a ler, a meia voz, como se fosse para si, enquanto ela escutava. Depois fechou o livro e recostou-se no travesseiro, com as mãos na nuca e os olhos fixos no tecto.

-Isso é o que eu desejo fazer - dissera ele. -À minha maneira, naturalmente. Mas gosto de ler de vez em quando como alguém mais o fez. Temos a mesma ideia-alimentar os famintos. Tenho de achar algum meio de produzir alimento mais barato. Desejaria que fosse de graça. Deve haver um meio para que um faminto consiga alimento sem ter de pagar. Deve haver um meio.

Depois de levantar a mesa e lavar os pratos, sentou-se de novo a costurar. Descia o crepúsculo sobre a rua tranquila. Um cenário de paz e de fidelidade que uma mulher podia olhar, e, nas pequenas cidades de toda a América, milhões de mulheres estavam a olhar para uma rua tão tranquila como aquela. Esperavam passar a vida ali, criando os filhos, ocupando-se com os netos. Mas Henrieta, erguendo os olhos, viu que aquela rua, para ela, era apenas o cenário de um instante. Clem queria que ela o acompanhasse, e uma estrada não tinha fim uma vez que Clem a começava a trilhar...

Clem era agora dono do armazém. Adquirira-o de Mr. Janison depois do casamento, e Bump também era sócio. Clem sentia-se imensamente orgulhoso de Bump e, desde que fora diplomado por uma escola, tratava-o com certa consideração. Era um milagre para Clem ver que o menino perdido se tornara um sério rapaz de óculos, honesto e trabalhador, embora desgraçadamente sem senso de humor. Bump ouvia tudo o que Clem dizia e, às suas fantasias como às suas ordens, aos seus sonhos como aos seus cálculos, prestava a mesma intensa atenção. Dava a sua opinião quando Clem lhe pedia, o que acontecia frequentemente, e tentava não se melindrar quando Clem não a seguia. Clem era um profundo convicto e, à sua maneira, um homem egoisticamente altruísta. Não levava em consideração quaisquer planos para benefício da Humanidade a não ser o seu. Estava mais do que nunca convencido de que qualquer governo falharia, excepto quando o povo fosse adequadamente alimentado, mas como nenhum governo se dava a esse trabalho, ele pregava isto como um evangelho.

Com Bump a seu lado, sempre armado de um bloco de papel e lápis, Clem percorria o país, num dos mais velhos carros Ford. Em aldeias e locais remotos, onde quer que as colheitas apodreciam porque as estradas não podiam servir aos lavradores, encontrava meios de transportar os víveres a cavalo, em carroças e, com o tempo, em camiões, até às estações de caminho de ferro ou aos mercados. Os seus mercados abriam-se em toda a parte em que houvesse população e géneros suficientemente perto para serem concentrados.

Sem querer, Clem começava a ganhar muito dinheiro. Olhou para Bump um

dia, com as sobrancelhas erguidas, e atirou-lhe com meia dúzia de cheques para cima da grande mesa de pinho, na sala do fundo do armazém, onde estabelecera o seu escritório.

-Mais massa para o Banco, Bump. Tenho de pensar como a empregar. A coisa começa a rodar. Neste andar, um dia estaremos agindo no resto do Mundo.

Nesse momento, a velha e adormecida nostalgia ardeu em chama viva. Com aquele dinheiro poderia ir à China. Não desejava ficar por lá, queria, apenas, tornar a andar pelas ruas poeirentas, entrar de novo na casa de Mr. Fong e ir visitar as sepulturas de seus pais e irmãs. Yusan, ressuscitando o seu inglês, escrevera-lhe há tempos para lhe comunicar que Mr. Fong tinha ido secretamente buscar os corpos e que os enterrara fora da cidade, no cemitério da sua própria família, numa das colinas ocidentais. Em dois pesados caixões chineses, em cada qual havia uma menina com um dos pais, Mr. Fong pregara as tampas, e mentira aos guardas da porta da cidade, dizendo que os mortos eram o seu irmão e a sua esposa, arrebatados ao mesmo tempo por uma febre contagiosa. Clem poderia ver, não só as sepulturas dos seus mortos, mas também as faces dos vivos, de novo alegres como as recordava, e poderia aliviar-se de um segredo peso em que ele próprio não se permitia pensar. Não teria saudade de mais nenhum outro país. Mas não poderia ir sem Henrieta. Ele podia partir no seu Ford, reparado, para que pudesse aguentar tanto as montanhosas areias de Virgínia como as de Nebraska, e deixar Henrieta durante semanas, desde que estivessem no mesmo solo. Mas não podia contemplar o oceano entre ambos.

Num dia de Novembro lera uma notícia no jornal da terra, o único jornal que lia. Não tinha nenhum grande título, e nem sequer estava na primeira página. Contudo, era uma notícia cuja importância ninguém, senão ele na cidade, talvez ninguém senão ele no Estado, e talvez no país, poderia compreender. A Imperatriz da China havia morrido. Isso era o suficiente para mudar a atmosfera das suas recordações.

Clem leu-a, sentou-se num barril e voltou a lê-la. Com que então ela estava morta, aquela mulher grandiosa e má, cuja legenda ele ouvira na cidade que ela dominara, como uma monstruosa e esplêndida ave de rapina! Ao pensar na sua morte, em Pequim livre da sua presença, nos palácios desertos, aliviou-se-lhe o coração. Seus pais, suas irmãs estavam vingados. Não mais precisava de pensar neles. O passado estava morto para ele.

Agora, com aqueles cheques à sua frente, ocorrera-lhe de súbito que era tempo de ir à China.

-Bump! -bradou ele. -Toma conta. Eu vou para casa.

Bump fez um gesto de assentimento, e os jovens empregados do escritório olharam, espantados, para Clem. Mas ele nada via. Dirigiu-se para casa no seu passo lépido, abriu a porta da rua e gritou

-Henrieta, creio que vamos para a China, agora! -Lá do fundo do pátio onde ela estendia roupa no arame, veio a voz de Henrieta:

-Muito bem, Clem!

Sacudida numa carruagem de um velho comboio trepidante, que vinha de Nanquim, Henrieta entregava-se à nostalgia. No pequeno compartimento que ocupavam, Clem olhava, pensativo, pelos vidros sujos das janelas. Era confortador ver belas plantações de repolho e campos novos de trigo. Os chineses

sabiam alimentá-lo. O estômago de Clem, sempre pronto a protestar, estava em paz. Voltou-se para Henrieta:

-Sabes?

-Que devo saber? -Um leve e grave tremor nos lábios foi o sorriso que ela lhe dirigiu.

-Quando chegar a Pequim, vou procurar um daqueles velhos restaurantes maometanos e pedir um bom prato de carneiro assado. Creio que me assentaria muito bem.

-Se assim crês, assim será - respondeu ela.

Havia semanas que não recebia cartas, mas ela supunha que por aquela época do ano seus pais estavam em Pequim e em breve os encontraria. A sua atitude para com eles dependia de como recebessem Clem. Seu pai, sabia-o ela, seria amável, pois o seu temperamento e a sua religião a isso o compeliavam, mas, quanto à sua mãe, não podia adivinhar. Para lhes preparar o espírito, telegrafara-lhes do hotel em Xangai. Não recebera resposta a esse telegrama enquanto esperavam que a lavandaria do hotel lhes aprontasse as roupas. Vinte e quatro horas eram suficientes para isso, mas um zeloso empregado da lavandaria engomara os colarinhos de Clem além da resistência do seu pescoço e fora preciso dar-lhes um jeito. O engomador declarou-se incapaz de lidar com colarinhos sem goma e Henrieta pedira emprestado um ferro de carvão a um camareiro e levava um dia a passar a ferro, enquanto Clem percorria as ruas da cidade chinesa. Partiram no dia seguinte sem esperar pelo telegrama. O pai dela devia andar numa das suas viagens de pregação, e a mãe talvez estivesse, durante a sua ausência, de visita a Tientsin.

Em Nanquim, contudo, alcançou-a um telegrama, expedido do hotel, e inquietante na sua concisão: «Dr. e Mrs. Lane partiram Estados Unidos».

-Mas porquê? -perguntou ela a Clem.

-Em Pequim o saberemos. Com certeza que não houve tempo para recebermos cartas.

E ficaram ali no compartimento a olhar a paisagem transformar-se de ondulantes colinas em campos rasos. Clem conservava-se silencioso como nunca, e Henrieta sabia que ele estava afinal a enfrentar as suas recordações. Mostravam-se solícitos um com o outro, atentos a pequenas comodidades, e, de vez em quando, ante alguma coisa que viam ou ouviam, um rechonchudo garoto que passava descalço, a nota aguda e triste do pequeno gongo de latão de um cego, entreolhavam-se e sorriam sem falar. Ela não perguntava a Clem quais eram os seus pensamentos, temendo a própria intrusão do amor naquela gravidade.

A região tornava-se mais pobre à medida que se dirigiam para o Norte, e aldeões despojados pelos bandidos vinham mendigar na plataforma do comboio. Amontoavam-se em confusão, erguendo as mãos súplices e lamentando em voz alta os desastres que tinham desabado sobre eles.

Henrieta, num impulso, distribuiu-lhes algumas pequenas notas, ante a incrédula alegria dos pedintes. -Americana... americana! -gritavam-lhe implorativamente.

-Gostei do que fizeste - disse-lhe Clem.

-Não adianta nada, naturalmente - retorquiu ela e dirigiu-se para o salão-

restaurante, a fim de se acalmar um pouco. Ali, de costas para a janela e para a aldeia em ruínas e os mendigos, um rapaz chinês de longa túnica de brocado azul lia um exemplar de um dos jornais de William. Espantou-se de como teria ele conseguido o jornal, mas não fez perguntas. Sem dúvida, algum viajante americano deixara-o num hotel e fora apanhado sôfregamente, como acontecia com todos os jornais americanos. Ela sentou-se perto do chinês e, após alguns minutos, este apontou para as fotografias:

-É a sua terra?

-Sim - respondeu. -É a terra dos meus antepassados. -Como é que a senhora fala chinês? -Vivi aqui quando era criança.

-E voltou, quando podia ficar na sua própria terra? -Nem tudo lá é como o senhor está a ver. -Mas isto é assim mesmo?

Ele conservava os olhos fixos nas fotografias de sumptuosos interiores de residências de milionários, de grandes motores e vastos silos e maquinarias que não podia compreender.

-Essas coisas existem lá - afirmou ela.

Ela desejava explicar-lhe como tudo era verdade na América, não só o que estava ali para ele ver como o que ali não estava. Mas sabia que não valia a pena, pois ele somente acreditaria no que estava vendo, e, depois, estava convencida de que William fazia aquilo de propósito, que nas páginas dos seus jornais só vinha escrito o que desejava que o povo lesse, e só vinham estampadas as fotografias que desejava que o povo visse. E assim, ninguém jamais conheceria realmente a América, e para si o melhor da América não estava ali, pois o melhor não estava na riqueza e no luxo, nos amplos silos e nas máquinas.

Levantou-se porque não queria continuar a falar com o rapaz, e voltou para o pequeno compartimento. Clem tinha adormecido, com a cabeça a oscilar no magro pescoço. Uma ansiosa ternura encheu-lhe o coração. Ele era demasiado bom para viver: um santo e uma criança. Depois confortou-se. Certamente a bondade de Clem era a de milhões de americanos comuns, ricos ou pobres, e Clem não era realmente um homem rico, porque não sabia como gozar as riquezas, senão para as aproveitar nos seus sonhos de alimentar o povo. Gostava da sua velha cama vulgar de ferro, de juntas rangentes e vergado colchão de arame, e ainda pensava que uma cadeira de balanço era o mais confortável assento que um homem poderia ambicionar. Era estreito e limitado e, em certos sentidos, muito ignorante, mas toda a beleza da América estava nele, porque falava a todos exactamente do mesmo modo e não lhe ocorria comparar um homem com outro, e nem sequer consigo próprio.

Sentou-se a seu lado. Enlaçou-o suavemente e inclinou-lhe a cabeça no seu ombro, sem que ele despertasse.

Em Pequim, Clem continuou silencioso. Contra a sua vontade, dominou-o de novo o horror das velhas recordações. Ali tinha sido uma criança proscrita, que não era respeitada nem pelos americanos nem pelos chineses, por causa da sua pobreza e da crença de seu pai. Por acaso, o hotel em que ele e Henrieta se achavam hospedados dava para a mesma rua onde brigara com o filho do padeiro e onde William havia descido do jinriquixá particular de sua mãe. Indicou o lugar a Henrieta dez minutos depois de terem entrado no quarto e pela primeira vez lhe

contou a história. Ouvindo-o, ela adivinhava, com aquela sua intuição que só despertava em relação a Clem, que a velha pena ainda pungia.

-William era um rapaz odioso - declarou, enraivecida. Clem meneou a cabeça. Repugnavam-lhe os julgamentos. -Eu era um lamentável exemplar, em todo o caso... - disse ele, como para contrabalançar. E depois: - E se fôssemos saber da tua gente?

Deixaram, pois, o hotel e desceram pela rua, seguidos por clamorosos condutores de jinriquixás, que se sentiam defraudados no seu direito de ganhar a vida, ao ver dois estrangeiros andando a pé.

-Tinha-me esquecido como são os pobres - exclamou Clem. -Creio que não o sabia antes, porque era também muito pobre.

-Aqui está o portãozinho do fundo. Eu fugia por aqui para comprar pãozinhos quentes - disse Henrieta.

Entraram pelo pequeno portão e dirigiram-se para a frente do edifício da Missão.

-Estive uma vez aqui - anunciou Clem. -Tudo me parece mais pequeno.

A casa estava fechada, mas um guarda veio ao seu encontro. -Onde está Lao Li? -perguntou Henrieta.

O guarda olhou para ela. -Voltou para a sua aldeia. Como o conhece?

-Fui criada aqui. Sou a filha mais velha do Dr. Lane. Onde estão meus pais?

O guarda da Missão sorriu e inclinou-se. -Foram para a sua terra. Seu pai adoeceu, irmã. Ele foi procurar o seu irmão mais velho.

-Como vai ser agora? -perguntou Henrieta a Clem. -Bem... Queres voltar para a América?

Ela reflectiu um instante. -Não... Estamos aqui. Não os abandonei para ficar contigo, Clem? Sim, foi o que eu fiz, afinal de contas. Além disso, a mãe iria procurar William e não a mim.

Clem não respondeu, e continuaram a andar. A tranquila cerca, florida com a Primavera, era como uma ilha fechada e esquecida no meio da cidade. O único sinal de vida eram duas mulheres e uma criança na extremidade do relvado, colhendo trevo e bolsa-de-pastor para aumentar a sua refeição daquela noite.

-Isto tudo parece morto - disse Henrieta.

-Está morto, de facto - replicou Clem. -Toda aquela antiga vida está morta, mas os que ainda a vivem não o sabem, nem mesmo o teu pai, creio eu. Que dizes se fôssemos procurar os Fongs?

Mr. Fong tinha prosperado durante os anos da guerra civil. Ignorando as manobras políticas dos militares e passando em silêncio pelas manifestações dos estudantes nas ruas, tinha começado a sortir a sua livraria com outras coisas que o povo desejava comprar, agulhas e linhas, meadas de lã de cores vivas, relógios e pratos, camisolas e meias, sapatos de couro e luvas de Inverno, cadernetas e canetas de tinta permanente, lápis e bolsas para água quente. A maior parte das suas mercadorias vinha do Japão, o que muito o inquietava, pois jovens estudantes, que eram também zelosos patriotas, repetidamente saqueavam as lojas, queimavam as mercadorias e pintavam letreiros nas suas janelas, anunciando que este ou aquele comerciante era um traidor e um amigo do Japão. Mr. Fong tinha feito num ano duas cautelosas viagens ao Japão para comprar

mercadorias, e aconselhara-se com os negociantes japoneses com quem fazia tão proveitoso comércio, e desde então as suas mercadorias traziam a marca: «Made in USA». Uma pequena cidade marítima japonesa, com esse especial propósito, era chamada Usa. Mr. Fong continuara então a prosperar sem sentimento de pecado, e considerava toda a contenda militar como uma tolice, indigna da atenção de sensatos negociantes. Tinha paz de espírito por outros meios, pois a sua família compartilhava das suas saúde e prosperidade, e seu filho mais velho continuara a aperfeiçoar o inglês que Clem começara a ensinar-lhe há tempos. Yusan era agora um rapagão, já casado com uma jovem que seus pais escolheram para ele, e ela imediatamente ficara grávida.

Em certo fresco e límpido dia do princípio da Primavera, considerava Mr. Fong que a vida seria completamente boa se todos os políticos, soldados e estudantes fossem lançados ao mar. O seu contentamento era aumentado pelo apetitoso cheiro do açúcar quente e toucinho que Mrs. Fong estava mexendo para preparar alguns bolos, ajudada por sua filha mais velha, que já estava noiva de um jovem cujo pai era negociante de cereais.

Os dois filhos mais novos de Mr. Fong, Yuming e Yuwen, estavam a brincar no pátio, pois já tinha começado a Festa da Primavera.

Nesse agradável momento, Clem e Henrieta chegaram. A porta foi aberta por Yuwen, que nascera depois da partida de Clem. Contudo, o americano era uma legenda na família Fong, e Yuwen identificou-o com alegria e sorrisos. Deixou a porta entreaberta e correu a dizer a seu pai que Mr. Mei havia voado. Mr. Fong deixou o cachimbo e gritou por Yusan, que estava nos seus aposentos.

Com as mãos estendidas, Mr. Fong saudou Clem. -Você voltou... você voltou! - balbuciava. - Esta é a sua esposa? Entrem... entrem... Quer dizer que você voltou!

-Voltei, sim - respondeu Clem.

Assim Clem, com Henrieta a seu lado, entrou de novo naquele pedaço do velho mundo da sua infância e sentiu de novo os cheiros familiares de uma casa chinesa, mistura de comida adocicada e incenso e vela de sebo. Havia até o antigo e vago cheiro de urina, que lhe dizia que Mr. Fong não se tornara mais moderno durante aqueles anos e que ainda se dirigia justamente para o lado de fora da sua porta quando sentia necessidade. Cheiro da cal das paredes, cheiro da velha madeira das vigas e o cheiro húmido das lajes do pátio, onde tudo era o mesmo. A romãzeira estava mais alta e copada, e o peixe dourado do aquário, despertado pelo Sol, estava grande e redondo.

Clem curvou-se, olhando. - O mesmo peixe? - perguntou. -O mesmo - respondeu Mr. Fong. -Aqui tudo é o mesmo. Um alarido fez que se voltassem. Mrs. Fong irrompia da sala central.

-Você voltou... você voltou!

Tomou a mão de Clem nas suas. -É como se fosse meu filho - disse ela a Henrieta. -A sua face redonda era uma rede de risonhas rugas.

-Deve considerá-la como sua nora - disse Clem. -O pai dela é o Prof. Lane.

Nisto apareceu Yusan. Ele e Clem apertaram-se as mãos à maneira estrangeira. Depois Yusan colocou a sua mão sobre a de Clem: - Pedimos muitas vezes aos deuses que o trouxessem de volta. -A Henrieta disse ele com grande cortesia: - Minha esposa manda-lhe pedir que vá ter com ela. Ela está agora muito

gorda do nosso primeiro filho e não gosta de aparecer diante de homens que não conhece.

-Venha comigo - disse Mrs. Fong, e Henrieta retirou-se com ela para o interior da casa.

-Vamos sentar-nos ao Sol - disse Mr. Fong a Clem. -Consigo não tenho cerimônia. Yuming, Yuwen, não fiquem aí parados, a olhar. Tragam chá e comida.

Os três homens sentaram-se no pátio, em tambores de porcelana, e Mr. Fong contemplou afectuosamente o recém-chegado.

-Você está muito magro - observou. -Devia comer mais. -Tenho o estômago fraco, Velho Irmão - respondeu Clem. -É porque você anda muito preocupado com alguma coisa, - observou Mr. Fong. -Diga-me o que é. Não se deve preocupar tanto.

Assim convidado, Clem começou a falar, como sempre fazia, mais cedo ou mais tarde, sobre a sua esperança de vender alimentos baratos, até mesmo ali na China.

Mr. Fong e Yusan escutavam. Yusan nunca falava antes de o pai o ter feito, e Mr. Fong disse: - O que você pretende fazer está muito além do poder de um só homem. Não é de espantar que tenha um estômago fraco e que esteja tão magro. Um homem avisado calcula a sua capacidade e não vai além. O que você está a fazer é mais do que um rei pode fazer, e mais do que a Velha Imperatriz jamais fez. Quanto a estes novos homens que temos agora, não pensam em alimentar o povo.

-Governam pior do que a velha? -perguntou Clem.

Mr. Fong olhou em todas as direcções e para o céu vazio. Depois chegou o seu tamborete mais perto de Clem e sussurrou-lhe estas palavras ao ouvido:

-Nos velhos dias tínhamos apenas certos governadores. Havia a Velha Buda e, em cada província, o vice-rei e depois o magistrado local. Esses todos abocanhavam o seu bocado. Mas agora pequenos governadores formigam por todo o país. É este e mais aquele homenzinho, todos dizendo que vêm da parte do novo governo e todos querendo aproveitar-se. Estamos pior do que antes.

Os dois rapazinhos apareceram com uma velha criada, trazendo chá e os bolos ainda quentes do forno.

-Coma - disse Mr. Fong. -Aqui o seu espírito estará em paz e o seu estômago não se manifestará.

Havia anos que Clem não comia nada doce, mas sentiu um súbito apetite por aqueles bolos que lhe lembravam a sua infância. Pegou num e comeu-o devagar, tomando chá quente entre cada bocado.

-Quando se come toucinho e açúcar - disse Mr. Fong-é preciso tomar bastante chá... Da mesma forma, bebe-se vinho com caranguejos.

-É estranho que eu sinta paz aqui como não senti em parte alguma - disse Clem. -Apesar das guerras e do novo governo, sinto paz aqui na sua casa. -O seu chinês estava na ponta da língua. Falava-o com toda a antiga fluência e facilidade. Os seus pensamentos fluíam nas suaves e sonoras vogais e na ondulação dos tons.

-Estamos em paz aqui - concordou Mr. Fong. -O tumulto lá fora nada tem que ver com a nossa paz interior. Fique aqui connosco, venha morar para aqui e nós o deixaremos bom.

A um canto, Yuming e Yuwen estavam gulosamente saboreando os bolos, defronte de um roliço cão pequinês, que fungava e acendia os olhos redondos ante a quente e deliciosa fragrância. Não ocorria a nenhum dos garotos dividir o seu bolo com o cão. Dar a um animal alimentos feitos para seres humanos seria uma loucura, e os Fongs não cometiam loucuras. Havia em todos eles uma severa e milenária sabedoria. Clem achava-se ali sentado, descansado, embora não deixasse de ter consciência de tudo que se agitava no seu espírito. Doce era a paz, e doce era não encontrar nada mudado. De todos os lugares do Mundo, ali não houvera mudança.

No pequeno quarto central dos três que Mr. Fong concedera a seu filho e sua nora, Henrieta estava sentada entre Mrs. Fong e Flor de Jade, que era a esposa de Yusan. Cada uma segurava uma das mãos de Henrieta e batia-lhe gentilmente, olhando-a e fazendo-lhe pequenas perguntas íntimas.

-Como é que não tem nenhum filho? -perguntou Mrs. Fong.

-Eu nunca concebi - replicou Henrieta. Ao princípio tivera medo de que não já soubesse falar chinês, mas havia ali uma face chinesa, esperando resposta. E havia, entre ela e aquelas duas, algo do íntimo calor, do velho e natural entendimento humano de que tão bem se lembrava e que tanto lhe havia faltado intimamente.

-Que vai fazer você por ele?! - exclamou compassivamente Mrs. Fong. «Ele» queria dizer «marido». Mrs. Fong era muito bem-educada para usar a palavra.

-Que posso eu fazer? -perguntou Henrieta.

Mrs. Fong aproximou-se mais. -Devem fortificar-se. Vocês são tão magros! Fique connosco e eu alimentá-la-ei bem com açúcar amarelinho e pudim de sangue. Isso é muito bom para senhoras jovens que não concebem logo. Depois de terem passado um mês connosco, garanto-lhe que ficará grávida. A mulher de meu filho levou menos tempo.

-Catorze dias - disse Flor de Jade, com uma vozinha suave, e riu baixinho.

Mrs. Fong franziu as sobrancelhas para ela, a seguir sorriu e tornou a falar com Henrieta.

-Há mais de um ano que está casada?

-Muito mais.

Mrs. Fong pareceu alarmada. -Você não devia ter esperado tanto. Devia ter vindo antes para cá. Não sabem o que hão-de fazer na sua terra?

-Lá talvez não se preocupem tanto em ter filhos... - replicou Henrieta. Não poderia explicar àquela mulher, que era apenas e inteiramente mãe, que Clem era de certo modo tanto seu filho como seu marido, e que ela não se importava grandemente se os não tivesse, porque não precisava de se dividir. Mrs. Fong não teria compreendido. Pois não era por amor do homem que uma mulher tinha filhos?

-Seria melhor arranjar uma segunda esposa para ele, para que ela tivesse filhos para vocês - disse Mrs. Fong.

-Isso não é permitido no nosso país - observou Henrieta.

Mrs. Fong arregalou os olhos. -Que outro recurso pode haver para as mulheres sem filhos?

-Continuam sem eles - respondeu Henrieta.

Flor de Jade soltou uma leve exclamação: - E que diz ele?

-Ele é bom para mim - disse Henrieta.

-Deve ser mesmo muito bom-concordou Mrs. Fong. Bateu de novo na mão de Henrieta. -Em todo o caso, não convém contar muito com a bondade dos homens. Irmãzinha, você vai beber açúcar amarelinho com água quente e eu matarei um dos nossos gansos e farei um pudim de sangue. -Olhou para Henrieta. -Você poderia, por amor de um filho, beber o sangue fresco e quente?

-Não - disse Henrieta rapidamente.

-Foi o que fiz - observou Flor de Jade. -Bebi-o um dia e logo fui feliz.

Mrs. Fong franziu as sobrancelhas para a sua nora e sorriu para Henrieta. - Não devemos forçar-aconselhou ela. -Nem todas as mulheres são iguais. Há mulheres que não podem beber sangue, nem mesmo para ter um filho. Se o bebem, vomitam. Farei mesmo um pudim de sangue. Dois ou três pudins, um por dia. Depois veremos... veremos... -e deu outras palmadinhas na mão de Henrieta.

-Você incomoda-se inútilmente - disse Mr. Fong a Clem.

Desde alguns dias que estavam em Pequim, morando na casa da família Fong. A digestão de Clem processava-se suavemente e ele estava tão tranquilo de espírito como nunca estivera durante anos.

-Como é que eu me incomodo? -perguntou ele.

Estavam sentados na grande sala de estar da família, um sítio confortável, desarranjado e não muito limpo, onde os cães entravam e saíam e os gatos se estiravam nos lugares de Sol mais quente, e as crianças da vizinhança vinham ver os americanos, enquanto Mrs. Fong se atarefava de um lado para o outro. Henrieta desfazia um velho suéter para tricotar um casaquinho e uma touca para o neto dos Fongs, que devia nascer de um momento para o outro.

Mr. Fong apurou a garganta e cuspiu num pedaço de papel pardo que colocara por baixo da mesa. -Você pensa que um homem, sozinho, pode alimentar o Mundo inteiro. É um sonho perigoso. Sòmente lhe provoca as perturbações de estômago de que me falou. Nada é mais perigoso para um homem do que pensar que pode fazer o trabalho de todos os outros.

Clem sentiu uma aguilhada. Estava secretamente orgulhoso do seu sonho, pelo qual tanto tinha feito. Apesar de ser no íntimo do coração um homem visceralmente modesto, tinha contudo o orgulho dos modestos na sua humildade perante a obra realizada.

Mr. Fong, envolto numa velha túnica de seda preta, lavada há muito tempo, puída e ruça nos cotovelos, compreendeu perfeitamente o que Clem estava sentindo. Olhou para ele, por cima dos óculos de latão, e disse, acentuando as palavras com o indicador:

-É presunção, para um homem, considerar-se um deus. A cabeça erguida muito alto, mesmo na melhor das intenções, logo será aparada. Cada um deve cuidar apenas dos seus. Além disso, não há responsabilidade.

Apanhou um gato que estava deitado junto à sua cadeira e segurou-o incômodamente pela barriga. -Este animal é cego. Não alimento nenhum dos gatos, nem mesmo este. Estão aqui para caçar ratos. Mas os outros gatos trazem no mínimo um rato todos os dias para este gato cego. -O velho gato, incomodado com a posição em que se encontrava, arranhava-o com as quatro patas e miava.

Imediatamente três gatos entraram na sala e olharam implorativamente para Mr. Fong, que largou o gato e limpou na túnica a mão ensanguentada.

-Continue a ensinar o meu marido - disse Henrieta. -Desejo que ele tenha uma longa vida.

Mr. Fong inclinou a cabeça. Sabia que era muito mais velho do que Clem para que soubesse que podia dizer-lhe o que quer que fosse. Por outro lado, não o impressionava nada do que Clem lhe dizia. Yusan escutava com deferência, visto que no caso era o mais jovem dos três, mas não tinha nenhuma vontade de assumir o papel de que Clem o desejava incumbir.

«Certamente farei com que a minha própria família tenha comida, bem como outros que dependam de nós. Ir mais longe seria uma loucura». Esta era a conclusão de Yusan. Andava naqueles dias, da loja para a casa, em perpétua aceleração para ouvir um pequeno grito vindo de uma das três salas que eram o seu lar, e seria impenetrável a quaisquer outros gritos.

Clem, passeando um dia com Henrieta sobre o muro da cidade, que lhes dava a vantagem de uma ampla vista dos telhados, das casas e das árvores verdes do quintal, parou para contemplar a cidade. Os telhados do palácio fulguravam sob o Sol do Outono, e os do templo eram de um azul magnífico. - Acho que Yusan não aceita as minhas ideias - disse ele com bastante tristeza para deter o espírito vagabundeante de Henrieta.

-Ora! - replicou ela para o consolar-é que não há verdadeiros famintos em torno de nós. Talvez seja por isso. Aqui até os mendigos são gordos.

Ela amava Clem com todas as forças da sua natureza, mas amais compartilhara do seu sentimento missionário. Isso, também, talvez devesse ela agradecer àquela cidade onde passara a infância e onde cedo aprendera que as mulheres eram de pouca valia. Era uma lição que devia ser aprendida cedo, pois era necessária para toda a vida. Na América, não aprendera nada mais do que isso, ou diferente disso. Estava habituada com Clem e, enquanto ele precisasse de si, a sua vida teria significação.

-Desejaria falar com Sun Yat-sen - disse Clem de súbito.

-Creio que compreenderá o que penso.

-Quem poderá saber onde ele está? -perguntou Henrieta. Clem reflectiu um instante. -Creio que Yusan sabe. -Então pergunta-lhe-sugeri Henrieta.

Em vez disso, Clem resolveu perguntar a Mr. Fong. Não acreditava que houvesse segredos entre o pai e o filho.

Mr. Fong ouviu a pergunta com calma.

-O tempo não está maduro para a volta de Sun Yat-sen respondeu ele.

-Onde está, então?

-Talvez na Europa, talvez na Malaia. Está a reunir as suas forças.

-Está pelo menos na China?

-Não, na China não está - disse Mr. Fong com firmeza.

Clem não perguntou mais nada. A atmosfera em Pequim não era de ansiedade nem de tensão, mas de expectativa. O Império fora-se, pelo menos no nome, e o povo não sabia o que viria depois. Mas estava em paz. Nunca tinha dependido de chefes e de governos. Possuía o conhecimento íntimo da autodisciplina. Os pais governavam os filhos, e os filhos não se rebelavam. Tudo

estava em ordem e permaneceria em ordem enquanto os laços de parentesco ligassem as gerações. Enquanto as coisas corressem assim o povo viveria e desfrutaria a sua vida.

A nova vida de descanso que levava Clem transformou-se em inquietação. Começava a pesar-lhe a paz do lar de Fong. O neto nascera, felizmente um filho, e Yusan fora inteiramente absorvido pela paternidade. O velho Mr. Fong nada mais era do que um venturoso avô. Até que um dia Mr. Fong e Yusan conduziram Clem e Henrieta para fora dos muros da cidade, até os túmulos sobre as colinas. Essa visita fora várias vezes adiada, pois Mr. Fong dizia que Clem não devia ser perturbado por tristezas até que a sua digestão estivesse normalizada. Súbitamente, marcou o dia, e assim dissera Yusan a Clem na noite anterior:

-Velho Irmão, meu pai preparou para amanhã a visita ao túmulo, se o Irmão estiver de acordo.

-Estou pronto - respondeu Clem.

Partiram, pois, e, após uma hora decorrida, estavam diante de dois altos túmulos pontiagudos. Clem conservava-se de pé, com a cabeça baixa, enquanto Mr. Fong e Yusan fincavam no chão e acendiam varetas de incenso e Henrieta colhia flores silvestres que espalhava junto dos túmulos. Não houve orações nem outras cerimônias. Clem tomou a mão de Henrieta, e assim ficaram alguns minutos, ele a lembrar com triste gravidade os remotos acontecimentos, ela a confortá-lo.

Depois tomaram de novo os jinriquixás e Clem tentou manifestar a sua gratidão a Mr. Fong.

-O senhor cuidou dos túmulos de meus pais como se fossem da sua própria família - disse Clem.

-Não somos todos uma só família debaixo do Céu? - replicou Mr. Fong.

Contudo, percebia a inquietação de Clem. Um dia convidou-o a ir ao seu gabinete particular, uma pequena sala atrás da loja, com as paredes recobertas de prateleiras onde estavam os velhos livros comerciais dos Fongs, durante os quinhentos anos que vinham exercendo a profissão de livreiros.

Mr. Fong fechou cuidadosamente a porta e indicou um assento a Clem. Depois abriu uma gaveta da secretária e tirou um rolo de papel onde estava escrito um endereço em caracteres chineses.

-Vá a este endereço - disse Mr. Fong. -Achará quem procura. Dê-lhe o meu nome para ser recebido e, se ele pedir mais provas, descreva esta sala. Ele esteve sentado nessa mesma cadeira onde você está agora.

Clem olhou para o papel. Trazia um endereço, em S. Francisco.

-Será melhor que você vá imediatamente-aconselhou Mr. Fong. -Ele voltará, em breve. Vai acontecer alguma coisa este mês, nesta cidade. Se falhar, ou não, ele voltará da mesma forma. Se tudo sair bem, ele assumirá o Poder. Se não, virá confortar os seus partidários.

Clem ergueu-se. -Obrigado, Velho Irmão - disse ele a Mr. Fong. -Espero corresponder à sua confiança. Aguarde que ele me oiça.

No dia seguinte Clem deixou Pequim, em companhia de Henrieta, mas sem que esta soubesse porque tinha ele de partir tão apressadamente.

-Dir-te-ei logo que tenha tempo - disse Clem.

Só teve tempo quando se viu aprisionado pelo mar. Em Xangai, adquiriu um

camarote num navio inglês que partia no dia seguinte. Podia regatear o preço de um sobretudo e jamais vestira roupa feita em alfaiate, mas, quando se tratava de conseguir os seus fins, o dinheiro só tinha valor para ser utilizado. Tomaram o navio, e Clem, estudando os horários, planeou a mais rápida viagem de Vancouver a S. Francisco.

-Qualquer dia nós voaremos - disse a Henrieta. -Antes de morrer, isso ainda acontecerá.

-Sim, para o Céu, creio que voaremos - sorriu Henrieta.

-Muito antes disso - observou Clem. -Para muitos, seria uma tristeza se tivessem de esperar pelo Céu.

Afinal, no segundo dia de viagem, quase com relutância, contou a Henrieta porque desejava avistar-se com Sun Yat-sen.

-Que ele vai tomar conta da China, não resta a menor dúvida. Pressinto-o. O povo está justamente à espera de alguém que o salve. Ele surgiu de parte nenhuma, como acontece com todos os salvadores. Surgem do chão, sabes? Trazem uma ideia, uma grande ideia: apenas uma é suficiente. Ele tem a ideia de dar ao povo chinês o seu governo próprio. Bem, ele conseguirá que acreditem nele. O povo necessita de fé. Ele também. Todos os que fazem alguma coisa têm de ter fé nalguma grande ideia. De modo que vou falar com ele e lhe direi: «Se você der pão ao povo, ele acreditará em você. Pois bem: como vai você dar pão ao seu povo? Alguns fazem de um modo, outros de outro, mas nunca ninguém conseguiu que o povo o acompanhasse sem o alimentar. O povo tem de ser alimentado. Lembre-se de Jesus multiplicando os pães...»

Ele estava de pé, contra o parapeito, de costas para o mar, e Henrieta deitada na espreguiçadeira que alugara junto a um bote salva-vidas, na plataforma mais alta, afastada de todos, como gostava de estar. Henrieta olhou para o seu rosto e pareceu-lhe que o mar tranquilo brilhava através das suas órbitas, tão azuis estavam os seus olhos naquele dia. A cor dos seus olhos era um barômetro que marcava a sua esperança. Quando se achava no alto de uma nova esperança, os seus olhos eram de um azul de mar, e, quando ele se sentia deprimido, como às vezes acontecia, eram quase cinzentos.

-Ouvir-te-á - disse Henrieta. -Estou certa de que te ouvirá.

O comboio de Vancouver chegou a S. Francisco exactamente depois do anoitecer. Clem separou-se de Henrieta na estação.

-Podes ir sòzinha para o hotel? Toma um carro com a tua bagagem. Creio que o Cliff House é muito bom. Espera lá por mim... Não saias a passear, nem nada!

Clem tinha a ideia de que Henrieta não deveria sair sòzinha depois do escurecer, a não ser em caso de urgência.

-É melhor que me digas aonde vais-recomendou Henrieta. -Se não voltares, saberei onde procurar-te.

-Voltarei sem maior novidade. Os chineses conhecem-me bem, creio eu.

Retirou-se, muito apressado para se lembrar de fazer o que ela lhe pedia, e tomou um carro. Foi procurar o conspirador num dos miseráveis casebres que haviam brotado das ruínas do velho Bairro Chinês, após o grande incêndio. A velha, sombria e bela cidade dentro da cidade, engastada como uma gema em S. Francisco-as estreitas e evocativas ruas que eram o centro da vida chinesa

transplantada e cultivada por gerações de nostálgicos chineses-, tudo havia desaparecido. Os sobreviventes tinham edificado aqueles abrigos como podiam e vagueavam pelas ruas, ainda atônitos e perdidos. Das cinzas não renascera a beleza.

Clem, contudo, não incluía a beleza entre as coisas necessárias. Alheio à fealdade ambiente, deixou o carro em certo ponto e seguiu pelas ruas tortuosas até o endereço que trazia de memória, tantas vezes o lera. Da Velha Cidade Chinesa, até o cheiro se extinguiu, mistura de ervas e vinho, de sândalo e incenso, e o cheiro adocicado do ópio, e de porco assado e alho frito e óleo de sésamo. O som dos sinos dos templos calara-se e não havia já vendedores ambulantes. O tilintar dos címbalos do teatro deixara de se ouvir, e o próprio teatro ainda estava em ruínas. Mas o ar noturno continuava pesado do cheiro acre da cinza e do fumo dos fogões familiares cozinhando ao ar livre.

Na antiga Rua dos jogos, com os seus portões de ferro transformados numa sucata retorcida e enferrujada, Clem achou o local que procurava. A porta estava aferrolhada, uma frágil folha de madeira, e ele bateu. Não foi aberta logo. Clem ouviu lá dentro um murmúrio de vozes.

-Abram a porta! - disse uma voz forte. -De quem posso ter medo?

Então abriu-se um pouco a porta e surgiu uma cautelosa face amarela.

-Que deseja?

-Procuro o Velho Irmão - disse Clem em chinês.

E, erguendo a mão esquerda, traçou sobre a sua palma, com o indicador da direita, o ideograma de Sun.

-Entre - disse o amarelo. A porta abriu-se o suficiente para deixar Clem passar. A casinhota compunha-se de uma única sala, dividida por uma cortina, e podia ver-se que funcionava ali uma lavandaria. O amarelo que viera abrir era o proprietário e, sem prestar mais atenção a Clem, dirigiu-se para a mesa atulhada com as roupas brancas que estava a passar a ferro.

Dois homens estavam sentados a uma pequena mesa pouco mais larga do que um banco. Um era Sun Yat-sen. O outro era o vulto encolhido e corcunda de um americano.

Clem dirigiu-se a Sun. -Fui mandado aqui por Mr. Fong, o livreiro da Rua Hatomen, em Pequim.

-Conheço-o - replicou Sun com voz tranquila.

-Venho com uma ideia que lhe pode ser útil - disse Clem. -Não tenho nenhuma cadeira para lhe oferecer - disse Sun.

-Queira aceitar a minha.

Ergueu-se, mas Clem agradeceu. O lavandeiro foi então lá dentro e trouxe um terceiro assento, onde Clem se acomodou. Sun não apresentou o americano.

-Tenha a bondade de prosseguir - disse ele com a sua voz estranhamente tranquila. --Estou para embarcar para a minha terra, e estes últimos dias, talvez estas últimas horas, são preciosas para mim.

-As notícias têm sido boas ou más? -indagou Clem. -Más. Estou acostumado às más notícias. Em todo o caso, devo voltar para a minha terra.

O corcunda interrompeu com uma voz aguda e incisiva:

-As notícias sempre serão más, a não ser que o senhor tenha um exército. Nenhuma revolução teve êxito enquanto se não conseguiu um exército.

-Talvez - disse Sun Yat-sen, sem mudar a voz ou a expressão fisionômica.

-Não vim falar sobre um exército - replicou Clem. Sentia-se incomodado na presença do corcunda branco. Odiava conspirações e não acreditava que as revoluções fossem necessárias. O povo lutava quando tinha fome. Quando, famintos, o desespero levava-os a tudo. Mas, depois de isso ter passado, tudo dependia outra vez de como os novos governadores os alimentassem. Senão, tudo começava de princípio.

-Quero falar-lhe sobre alimentação-acentuu Clem abruptamente. -Quero dizer-lhe o que penso. O povo nunca ficará permanentemente em paz se não se tornarem regulares e garantidos os meios de conseguir alimento. Fiz um projecto nesse sentido.

Inclinou-se para a frente e começou a falar em chinês. Assim deixava de lado o corcunda. Tinha a impressão de que o corcunda era um inimigo. Aquela pequena face amarga, torturada por uma vida de trabalhos e penas, reumava crueldade e violência. Mas, se pensava afastá-lo ao falar chinês, enganara-se. O corcunda esperava imóvel, com os olhos cerrados como se estivesse a dormir. O lavandeiro parou de passar a roupa e ouvia as rápidas e persuasivas palavras de Clem.

-Isso mesmo, isso mesmo - dizia ele consigo.

Os olhos de Clem estavam fixos na face do revolucionário. Estudava-lhe a testa alta, a boca arrogante, as narinas largas, o vasto e poderoso crânio. Não poderia dizer se estava ou não a incutir a sua própria fé naquele homem.

Sun Yat-sen era um bom ouvinte. Não o interrompeu. Depois de Clem ter exposto o seu plano de organizar na China um sistema de distribuição de víveres que garantisse a satisfação popular, Sun Yat-sen meneou a cabeça:

-Não disponho de dinheiro para tudo. Tenho de escolher entre um exército que bata os inimigos do povo e estabeleça um justo governo para o povo, pelo povo e do povo, ou então, como sugere o senhor, simplesmente alimentar o povo.

-O seu governo não permanecerá se o povo não tiver alimentação - replicou-lhe Clem.

Sun Yatsen sorriu o seu famoso sorriso cativante. -Ainda não tenho governo. O próximo deve vir primeiro, meu amigo.

-Quando o povo tiver alimento, é que acreditará no senhor - insistiu Clem. - Quando acreditar, poderá o senhor estabelecer então o governo que quiser.

-Isso depende do ponto de vista - disse Sun Yat-sen súbitamente em inglês. -Se eu estabelecer um governo, poderei então alimentar o povo.

O corcunda voltou à vida. Abriu os estreitos olhos de cobra. -Exactamente. A força vem primeiro.

Clem ergueu-se. -É pena que não nos tenhamos encontrado a sós - disse ele a Sun Yatsen. -Creio que falhei. Mas o senhor falhará também. O seu governo falhará, e alguém mais virá; e o meio que acharão para se impor será justamente prometer alimentação ao povo. Talvez que nem precisem de lhe dar alimentos. Por essa época o povo estará tão faminto que talvez uma promessa seja bastante.

Sun Yat-sen não respondeu por um momento. Quando falou, foi para dizer com a maior cortesia, enquanto se levantava:

-Agradeço-lhe, senhor, por me ter procurado. Agradeço-lhe pelo seu interesse pelo meu povo. Sinto-me comovido, embora não convencido.

O seu inglês era admirável, e o acento levemente oxfordiano. Era muito melhor, na verdade, do que o linguajar americano de Clem, com o sotaque das planícies de Ohio.

-Boa noite - disse Clem. -Desejo-lhe boa sorte, em todo o caso. Espero que não se esqueça do que lhe disse, mesmo que não concorde comigo, pois sei que tenho a razão por mim.

VII

CANDACE notou que William estava aborrecido. Inclinou-se para a beijar, como de costume, mas, depois de todos aqueles anos de casados, ela era sensível ao estado de espírito do marido, e viu uma sombria calma nas suas sobrancelhas espessas e na sua boca firme. Quando falou, a sua voz era formal.

-Desculpa-me ter vindo atrasado.

Ela bocejou graciosamente por detrás da mão. -Também cheguei atrasada. Senti-me cansada depois da «matinée». -A peça era boa?

-Creio que não seria do teu agrado.

Ergueu-se da chaise-longue em que estivera repousando e olhou pela janela. O vasto parque estava escuro, pontilhado de luzes.

-Espero que as crianças já estejam em casa. Nannie conserva-as fora até muito tarde. Enlouquece por ar fresco.

-Havia uma faixa de luz por baixo da porta do quarto das crianças - replicou William-e, assim, suponho que já estejam em casa.

-Porque será que a sua primeira ideia ao entrar num quarto é abrir as janelas?

Fazia essa inútil pergunta enquanto calçava os chinelos de cetim que arremessara fora ao estender-se na chaise-longue. William sentara-se numa cadeira e tomara a sua atitude característica, entrelaçando as pequenas mãos morenas e cruzando as pernas longas e finas. Quaisquer que fossem as modas masculinas, vestia o seu favorito fato cinzento escuro, de listas leves, e a sua gravata azul-marinho. Não respondeu à esposa. Isso também era habitual. Candace fazia muitas perguntas sem esperar resposta. Eram as interrogações da sua mente preguiçosa. Ele já lhes prestara atenção, até que um dia descobriu que não tinham significação alguma.

Ela dirigiu-se para o toucador, de onde tirou uma escova e começou a pentear os cabelos curtos. Alguma coisa não corria bem, mas esperava que William lhe dissesse o motivo. Podia ser qualquer coisa, talvez não gostasse do cheiro da comida que vinha da cozinha. As criadas deixavam as portas abertas, apesar das suas ordens. Talvez fosse apenas por, ao vê-la pentear os cabelos, se ter lembrado de que ela, contra os seus desejos, resolvera mandar apará-los.

-Recebi hoje uma carta de meu pai - disse William bruscamente.

-Pensei que tivesses tido algum aborrecimento - disse ela, sem se voltar, mas vendo-o muito bem pelo espelho. O seu rosto estava tão pálido como de costume. Algo na sua infância, talvez a disenteria que o atacara aos quatro anos, lhe deixara os intestinos cheios de bactérias, agora inofensivas, mas mais numerosas do que deviam ser.

-Resolveram vir de licença finalmente - disse William.

Ela continuou a pentear os cabelos, examinando a cara do marido. -Uma

boa notícia, não é? Eu nunca vi o teu pai, e as crianças não conhecem nem sequer a tua mãe.

Ele franziu a testa, e os negros supercílios que sempre lhe davam à face um ar tão sombrio, pareciam escurecer e ocultar os seus olhos profundamente encastoados nas órbitas. -Mas vêm em má época para mim. Tinha resolvido lançar agora o novo jornal, em vez de esperar até à Primavera.

Ela voltou-se. -Oh! William... Vais começar mais alguma coisa?

-Porque não?

-Mas assim nunca estarás connosco.

-Não precisarei de trabalhar tanto, como acontecia com os outros jornais. Tenho agora as minhas funções determinadas. -Mas porquê, se já temos dinheiro? Tu sacrificas-te a ti e a nós por coisa nenhuma, querido!

Deixou cair a escova e correu para o marido, ajoelhou-se a seu lado e suplicou-lhe: - Compreendes? Sempre tenho de andar com as crianças por toda a parte, sem ti. Em todo o Verão passado, na praia, só aparecias nos fins de semana... quando aparecias! Não está certo, William, agora que já estão crescidinhos. Eu nada dizia quando começavas a tua vida, mas agora, justamente quando pensava que poderíamos ir ao teatro juntos, algumas vezes!...

Tinha plena consciência daquele lindo rosto tão perto do seu, e tudo faria para poder ceder-lhe, mas era impossível. Alguma inata resistência o fazia conservar-se afastado até da própria mulher. Não sabia o que era, mas sentia como que um anel de ferro a circundar-lhe o coração. Não podia entregar-se a ninguém, nem mesmo a seus filhos. Desejava brincar no chão, rolar no tapete, como Jeremias fazia com as filhas, mas não. Sentia-se mais à vontade quando se achava sentado à sua grande secretária no escritório, dando ordens aos seus empregados.

-Ainda na semana passada fui ao teatro contigo - lembrou-lhe ele.

-Mas era uma noite de estreia, e bem sabes para que vão as pessoas às estreias: para verem e serem vistas. Queria que fôssemos algumas vezes por nós mesmos, e unicamente pela peça.

Ele não gostava de teatro mas jamais o dissera à mulher. Não podia esquecer que se tratava apenas de uma peça. Nenhuma emoção do palco o conseguia atingir, quando sentia diariamente a emoção da sua própria vida, do seu secreto poder, que sentia crescer por detrás da magia das palavras impressas que distribuía pelas suas páginas. Somente escolhia essas palavras. O que não desejava que o povo soubesse, não permitia que fosse impresso. O povo tomava conhecimento apenas do que ele seleccionava. Às vezes, meditando sobre a sua responsabilidade, sentia-se escolhido e destinado a exercer algum poder sobre os homens, que ainda não tinha alcançado. Fora educado na doutrina do calvinismo e da predestinação, mas, na sua rebelião contra a infância, rejeitava tudo quanto o pai lhe havia ensinado. No colégio, tornara-se quase ateu. Agora, o seu extraordinário êxito fazia-o voltar à religião. Em poucos anos, desde que lançara o primeiro dos seus jornais, a sua circulação atingira milhões. Mas ainda assim não se dava por satisfeito. De vez em quando, ao viajar de comboio, sentia-se vagamente magoado ao ver que no assento próximo sempre havia as folhas amarrotadas de um jornal que ali fora abandonado. O povo devia guardar o que ele fizera tão cuidadosamente. Depois o seu sentimento pendia para o orgulho.

Havia dois dos seus jornais para cada um dos outros. Tão colossal êxito significava alguma coisa. Havia um Deus, afinal... e predestinação.

-Em que pensas? -perguntou Candace.

A pergunta escapou-lhe da língua, e ela desejou retirá-la, mas já era tarde. William não gostava que lhe perguntassem o -que estava a pensar. Era uma intrusão, e agora ela bem sabia que ele se guardava até da própria esposa. Levava tempo para o saber, e muitas vezes tinha chorado sôzinha por causa disso. Mas as lágrimas, também o sabia agora, unicamente o irritavam. Deixara de chorar.

-Não... não me respondas - disse ela, e impulsivamente levou os dedos aos lábios do marido.

Mas ele tomou-lhe as mãos, até gentilmente, e respondeu-lhe:

-Eu estava pensando, Candy, que é uma grande responsabilidade para um homem saber que alimenta os espíritos-e as almas-de três milhões de pessoas.

-Três milhões?!

-Esse é o número dos nossos leitores hoje. Rawlston deu-me os últimos algarismos justamente antes de eu vir para casa. Daqui a um ano, diz ele que será o dobro desse número. Creio que possuo agora mais de um milhão de dólares.

-Obtiveste um grande triunfo, William. -Ela não estava muito certa de que era isso o que deveria dizer e, pelas seguintes palavras de William, viu que, de facto, se enganara.

-Não penso cinicamente no meu triunfo pessoal. É fácil triunfar aqui na América. Quem tiver miolos pode ganhar dinheiro.

-Mas tu gostas de dinheiro, William. -O seu sentimento de que havia errado compelia-a a justificar o que dissera antes. Por outro lado, era verdade. À sua maneira, William apreciava o dinheiro mais do que ela própria.

-É uma questão de simples bom senso ter dinheiro. -O seu tom de voz era seco, os seus olhos severos e cinzentos. -Sem dinheiro fica-se manietado. Não há liberdade sem dinheiro.

Ela lembrou-se do que ouvira o pai dizer uma vez: - «Um homem necessita de espaço suficiente para sacudir um gato pelo rabo». Espaço, era o que o dinheiro dava. Uma grande casa para morar e veraneios na praia, e comprar sem perguntar o preço.

-Mas tu não pareces gozar muito a vida, William - disse ela um tanto penalizada. Candace tinha uma profunda capacidade para gozar a vida, sem sentimento do pecado. Seu pai tinha gozado a vida francamente ao enriquecer e não acreditava em obras de caridade. Ela zombava às vezes do pai, dizendo-lhe que se tornara cristão científico para poder ignorar os sofrimentos alheios.

Ele sorria e não se deixava arreliar. -Talvez tenhas razão, minha filha. Quem sabe o motivo do que fazemos?

Depois acrescentava, sério: - Se vejo com os meus próprios olhos alguém a morrer com fome, dou-lhe de comer. Não sustento quem não vejo. Entre dez pobres, salva-se um que não seja um preguiçoso. Se tivessem lutado como eu...

Nem mesmo o facto de ir à igreja, como obrigação social, nada tinha a ver com isso de dar o seu dinheiro a estranhos. Roger Cameron não cultivara a consciência nos seus filhos, e Candace crescera acreditando que o divertimento era a sua ocupação normal, uma vez organizado o jantar e devidamente atendidas

as crianças. Mas não via nenhum prazer que pudesse afastar William de si próprio, ou do que quer que ele ocultasse na sua alma. Um baile que ela preparava com tanta alegria, como uma criança planearia uma festa de aniversário, enchia-o de aborrecimento. Um prato mal servido estragava-lhe o jantar. Um criado que não fosse bem treinado... mas em criados não queria ela pensar. Ele exigia, dos que o serviam, tanta obediência, respeito e decoro exterior que isso fora um verdadeiro sofrimento para ela até o dia em que seu pai a encontrara a chorar. Arranjava um meio de a visitar quando sabia que William tomava um automóvel e seguia por Wall Street para chegar às três da tarde ou às onze da manhã.

Numa dessas visitas, depois de perguntar a causa das lágrimas que seus olhos perspicazes tinham descoberto, apesar do pó de arroz e do rouge, dissera-lhe: - Não conseguirás americanos que sirvam William como ele deseja. Nós ainda não nos respeitamos suficientemente uns aos outros. Sempre fazemos questão de mostrar que somos independentes e que não temos de obedecer a ninguém. Além disso, somos demasiado honestos. Quando odiamos alguém, odiamos sem tréguas. Enche a casa de criados ingleses, Candy... comportar-se-ão impecavelmente, mesmo que estejam a preparar-te veneno. Um criado inglês engraxa os nossos sapatos como se gostasse de fazer tal coisa. Naturalmente que não gosta!

Candace, portanto, enchera a casa de criados ingleses, e um mordomo e uma governanta não tiravam os olhos de William.

-Não creio que a vida seja simplesmente para ser gozada - dizia William agora.

Ela ainda estava ajoelhada a seu lado. Pegara preguiçosamente numa das suas mãos e, brincando com os dedos, notara a estranha rigidez dos músculos.

-Para que é a vida, então? -perguntou ela, sem esperar resposta. - Creio que ninguém o sabe exactamente. Estamos aqui, eis tudo.

-É para alguma coisa mais que divertimento. -Ele não gostava que ela brincasse com a sua mão, e retirou-a, ostensivamente, a fim de acender um cigarro.

Mostrou-se desgostosa e, erguendo-se graciosamente, tomou-lhe a cabeça entre as mãos e beijou-o na testa. -Querido... tu és tão sério!

-Não necessito da tua compaixão.

-Oh! Não, William, eu não queria dizer isso... Sòmente, gosto tanto da vida!...

Recou e encontrou o olhar magoado que receava. Porque nunca conseguia aprender como ele se melindrava facilmente? Exclamou: - Que tolice estarmos a falar de nada quando nem chegaste a contar-me os verdadeiros factos! Quando é que chegam teu pai e tua mãe?

William sentiu-se aliviado ao ver-se afastado dela. -Recebi um telegrama esta tarde. Embarcaram no dia 13 num navio inglês.

-Então daqui a uns quinze dias, temo-los por cá.

-Mais ou menos. Exactamente quando devo estar mais ocupado.

-Não importa. Encarrego-me deles. Meu pai tem tempo, também, agora que está livre bastante para sair do escritório à hora que quiser. E há o Jeremias e a Ruth...

-Precisarei de Jeremias.

Dos jovens com quem tinha começado o jornal, apenas Jeremias ficara. Os outros, um por um, tinham-no abandonado. Martin Rosvaine entrara para a produção de filmes e Blayne para o Departamento do Estado, com vistas a uma embaixada. William não sentira a falta desses dois, mas entristecera quando Seth ames brigara com ele, pois apreciava o brilhante e efervescente espírito de Seth, as ideias que lhe saltavam como faíscas de um foguete. A maior parte delas eram inúteis, mas William vigiava o cintilante espectáculo, porque sempre havia uma ideia, ou até duas ou três, que ele aproveitava. Formavam uma boa parelha, pois a fraqueza de Seth estava na sua incapacidade de distinguir as ideias boas das infelizes, e o jornal teria ido por água abaixo se ele dispusesse de autoridade. Por esse motivo, considerava William, via-se obrigado a exercer o controlo geral. Jeremias, naturalmente, jamais constituiria uma ameaça. Trabalhava quando queria e William arranjara-lhe um auxiliar. Em todo o caso, sentira a falta de Seth, que se retirara furioso e, ainda por cima, se negava a falar-lhe.

A briga surgira de um nada, uma divergência tão comum entre ambos que William nem sequer se preocupara em mostrar-se delicado. Tinha-lhe apenas lançado umas palavras abruptas por cima do ombro, num dia em que todos tinham ficado a trabalhar depois da meia-noite. Seth soubera que algo de grave ocorrera numa granja-asilo da Pensilvânia. O capataz perdera a paciência com um rapaz- era ainda um rapaz, apesar de homem na idade- e o rapaz, aterrorizado e em defesa própria, investira contra ele com um forcado, com que ferira o capataz numa perna. O ferimento era leve, mas o homem atacara o rapaz com o machado com que estava a rachar lenha, e o asilado esvaíra-se em sangue até morrer passada uma hora. Houvera suficiente escândalo para que Seth acorresse imediatamente ao local do crime para verificar o que houvera, e tinha voltado cheio de indignação com o que vira: duas meninas crescidas, meio mortas de fome, ambas mentalmente retardadas, e uma velha má e gorda, e o corpo enterrado apressadamente, sem que ninguém tivesse investigado. O capataz estava de cama e alegava. legítima defesa. Seth pusera a polícia em movimento, e eles haviam por sua vez apresentado uma assustada mulherzinha, a qual declarava ser apenas uma empregada da organização que colocara as crianças e que não sabia se elas tinham quaisquer parentes. Por fim, a publicidade local alcançou Ohio, de onde então chegou Clem para ver o que havia. Levara as meninas consigo, dizendo à polícia que o lugar não era próprio para qualquer criança, grande ou pequena.

A Seth, dissera Clem, com furioso zelo: «Espero que diga a William que faça um verdadeiro escândalo acerca disto. É um caso estranho e triste... esta era a casa do meu avô. Ele enforcou-se naquela viga porque era muito bom para desalojar um granjeiro... Estive aqui asilado, quando garoto... com essa mesma gente... Fugi... Queria que todos fugissem comigo, mas apenas um me acompanhou.

-Não passa de uma agitação local, sem qualquer importância - dissera William ao receber o recado de Clem.

-Mas a morte do rapaz tem importância - insistiu Seth. -O simples facto de que uns órfãos possam viver em tais condições, entregues a gente como aquela, e que ninguém se importe...

-É isso mesmo, ninguém se importa - replicou William.

Seth demorara em responder e William, com o espírito no seu editorial, não se tinha voltado. Por fim veio a resposta:

-Que você não se importa, é sabido - dissera Seth em voz pausada. -Você não se importa com alguém, seu egoísta!

E encaminhara-se para a porta. -Nunca mais voltarei aqui.

-Não seja tolo! -exclamara William.

Ficara muito zangado, em todo o caso, depois de Seth se ter retirado do escritório. Durante a noite sem dormir, em que apenas dissera a Candace que, com certeza, o molho do faisão não lhe havia caído bem, resolveu que, quando Seth voltasse ao escritório na manhã seguinte, fingiria ignorar o assunto. Senão teria de o despedir. Mas Seth não voltou. William nunca mais o vira desde então, mas, pelo que sabia, Seth não fazia nada de proveitoso. Tinha lançado dois ou três quixotescos magazines, nenhum dos quais vingara. Felizmente para Seth, seu pai, o velho Mackenzie James, e a tia Rosamond, também, tinham-lhe deixado bastante dinheiro. Quando pensava naquela briga, como às vezes acontecia, William sentia-se ainda convencido de que tinha razão. Um assassinio local não tinha importância. Mas William jamais esquecia uma ofensa, e Seth ferira-o profundamente. Isso sim, tinha importância.

Sentia-se incompreendido, e, dentre todos os seus colaboradores, pensava ser Seth quem o compreendia melhor. William não pensava apenas em si mesmo. Tudo quanto fazia, o seu monstruoso esforço, o seu incansável trabalho, era, acreditava ele, para que o povo conhecesse a verdade. Porque, então, examinava todas as fotografias antes de serem estampadas, porque lia e relia as provas, senão para ter a certeza de que ao povo era ministrada a verdade e nada mais que a verdade? Um dia tentara dizer mais ou menos isso a Seth, e Seth rira-se.

-A verdade é uma palavra muito grande para um homem usar-declarara Seth. -Por amor à decência, digamos «a verdade conforme a gente a vê».

William não replicara. Não havia verdade como ele ou como qualquer outro a entendia. A verdade tinha de ser uma coisa absoluta. Era um ideal, era o que era direito, e o direito era outra coisa absoluta. Os factos pouco tinham que ver com uma e outra coisa. Os factos, declarava às vezes William aos seus jovens subordinados, eram apenas árvores numa floresta, inúteis até que fossem postos em uso, embaraçantes até que fossem escolhidos, cortados e arrumados. A questão consistia em firmar o que era direito, com o mesmo cuidado com que um homem constrói a sua casa.

-Os nossos materiais são os factos - dizia William ao seu estado-maior, olhando de um atento rosto para o outro. Os homens admiravam-no pelo seu êxito, rápido e imenso. Ele sentia-se guindado com a sua admiração, e apenas Seth insistia em ver confusão no olhar dos outros. -Quando sabemos o que queremos provar, vamos avante e achamos os nossos factos. Os factos sempre estão aí - dizia William.

QDepois da deserção de Seth, pois para William aquilo só podia ser chamado deserção, apenas restava Jeremias do velho grupo. O seu restante estado-maior era constituído por vários rapazes, cujos nomes ele tinha o cuidado de lembrar se eram eficientes. quanto aos outros, não lhes prestava atenção. Os seus jovens auxiliares faziam o jornal, mas ele próprio era o redactor principal, e

as manhãs eram terríveis quando William não aprovava o que eles tinham feito. Era precisa, pois, a sua aprovação. Ninguém ia para casa sem que ele o fizesse primeiro-ninguém, excepto Jeremias, a quem não podia controlar. Só Jeremias, à meia-noite, punha o chapéu à banda na cabeça e pegava na sua bengala. Coxeava sempre um pouco, e ainda mais o fazia ao entrar no gabinete de William:

-Boa noite, William. Já chega, por hoje.

William nunca lhe respondia. Não fosse Jeremias filho de Roger Cameron, e há muito que o teria posto no olho da rua.

-Ruth e eu cuidaremos de teus pais - disse Candace. Tencionam demorar-se por cá?

-Suponho que sim - replicou William. Ergueu-se: -Terei de ir ao escritório esta noite, Candace. É melhor jantarmos já. Ficando sòzinha após o jantar, Candace foi deitar os dois meninos, dispensando a ama Nannie do seu indesejado auxílio. A casa ficou depois tão silenciosa que ela foi para o quarto, acendeu as luzes e deitou-se para ler, mas não o pôde fazer. Ao invés disso, pensava em William, a quem ela amava, apesar dos seus frequentes desapontamentos na sua vida conjugal. Não era uma mulher estúpida, embora a sua educação tivesse sido um tanto aérea como agora reconhecia. Um curso apressado e algumas viagens eis só o que fizera até o dia do casamento; desde então a sua vida girara em torno da premente concentração de William nos seus jornais. Essa absorção era uma coisa que não podia compreender. Seu pai tinha trabalhado também, mas sòmente enquanto foi necessário. Outros trabalhavam para ele, e despedia-os quando não faziam o que lhes recomendava. Algumas poucas horas no seu escritório bastavam para lhe levarem o dinheiro das suas centenas de lojas espalhadas por todo o país. Seria tão bom que William tivesse entrado para os Cameron Stores... mas ele negara-se a fazê-lo. Ignorava o que realmente queria. Quando se casaram, supunha que apenas queria enriquecer, pois naturalmente só os ricos obtinham tudo. Mas podia ter enriquecido quase que de uma vez se tivesse aceitado a sociedade que, mais tarde, Mr. Cameron lhe oferecera.

Assim, veio a descobrir que queria mais alguma coisa, além do dinheiro. Mas que mais poderia desejar, que uma bela e confortável casa, uma esposa como ela procurava ser, e realmente era, e uns bons e saudáveis filhos? Um dia, logo depois do casamento, naqueles tempos em que ainda pensava que o poderia ajudar, dissera-lhe que achava infantis os seus jornais ilustrados e ele replicara-lhe friamente que a maioria do povo era infantil e que o facto de haver descoberto tal coisa lhe dera a primeira ideia para os seus jornais.

-Eu amo o povo e tu odeia-lo - declarara ela então num dos seus repentes.

-Não o amo nem o odeio - replicara William Mas acreditava que a amava e sabia que o amava. Porquê, não o sabia bem. Quem poderia achar uma razão para o amor? Seth James quisera uma vez desposá-la. Desde crianças que lhe falava nisso, e Seth era uma excelente alma, um homem bondoso e correcto, mas ela não o podia amar.

Por certo era estranho não conhecer melhor William depois de alguns anos de casados. Conhecia todos os pormenores do seu corpo, a sua cabeça de nobre

aspecto, mas com aqueles olhos distantes e profundos sob as sobrelanceiras demasiado espessas; tinha um belo nariz e uma bonita boca, porém, demasiado dura. O corpo era soberbo, largo de ombros, elegante, alto, mas, quando estava nu, ela olhava para o outro lado, porque ele era muito cabeludo. Negros pêlos cobriam-lhe o peito, os braços, os ombros e as pernas. Não gostava do aspecto das suas mãos, embora o amasse. Mas quão pouco amor ele revelava! O que lhe ia na mente? Ficavam muitas vezes em silêncio, juntos, durante horas. Que amaria ele acima de tudo? Não era a ela, nem às duas crianças, embora gostasse que os seus filhos fossem meninos. Ele não se importava com as meninas, coisa que ela não podia compreender, até o dia em que Ruth lhe dissera que, em Pequim, os chineses sempre lamentavam um homem quando a sua esposa dava à luz uma filha. Era de mau agouro para a sua casa. Mas quantos mais filhos homens tivesse um chinês sempre desejava mais.

-Mas William não é chinês-observara ela a Ruth, o rosto fechado.

Ruth deu uma das suas graciosas risadas e disse, sacudindo a cabeça: - Mas também ele não é um verdadeiro americano.

Que vinha a ser um verdadeiro americano? Jeremias era americano, e Ruth adaptara-se-lhe, copiando até o seu modo de falar. Eram perfeitamente felizes desde que tinham as duas meninas. Ruth ficara absurdamente agradecida quando Jeremias pareceu realmente gostar mais de meninas. Ela amava Jeremias com todo o seu cândido e pequeno ser, e não tinha pensamentos para mais alguém, excepto William. De William tinha ela orgulho e medo, e o único desentendimento que tivera com Jeremias fora quando lhe pedira que não arreliasse William. Jeremias, naturalmente, não tinha medo de nada, nem sequer de William.

Mas William amava o seu país. Era capaz de súbitos e longos discursos sobre a América. Certa vez, num banquete para celebrar o seu primeiro milhão de leitores, William falara quase uma hora, e todos o escutaram como que hipnotizados, até mesmo Candace. A grande sala de jantar do hotel estava silenciosa e ela começou de súbito a sentir o aroma das flores que adornavam as mesas, embora não o tivesse notado antes. As palavras libertavam-se da garganta de William como se ali estivessem encerradas. Ainda ouvia os seus ecos.

«Soou a hora do destino da América.

...Temos semeado e agora vamos colher... Mas colher, mundialmente falando.

...O Mundo ouvirá a nossa voz, que diz a verdade. ...Somos jovens, mas aprendemos na nossa mocidade a dominar as forças da água e do ar e as que estão aprisionadas no seio da terra.

...Os velhos países agonizam. A Inglaterra, antigo império, está enfraquecida pela idade, e os seus governantes sentem-se exaustos. A França está mergulhada em sonhos e a Itália dormita. Mas nós, os da América, estamos despertos. O nome da América será ouvido entre todos os povos. É a nossa época, a nossa hora. Nós é que escreveremos a História dos séculos vindouros...»

Candace tinha ouvido, alarmada e meio confusa, mas fascinada. Era William, o seu marido!

Aquela noite, no silêncio da sua casa, ela conservava-se excepcionalmente muda. Ele parecia exausto, com a face pálida como água sob um Céu cinzento, e não lhe dizia nada.

-Estiveste muito eloquente esta noite, William - dissera ela afinal, porque era necessário que alguma coisa fosse dita entre ambos.
-Suponho que, no fim de contas, existe em ti alguma coisa do teu pai pregador.

-Não estive a pregar - respondera ele rispidamente. - disse apenas a verdade.

Naquele momento, o telefone retiniu sobre a mesinha rósea de cabeceira e ela, erguendo o auscultador, ouviu a voz nasal de seu pai

-William?

-William foi para o escritório, pai. Estou sózinha em casa. Ele hesitou. -Já estás deitada, Candy?

-Propriamente não. Acabo de subir, porque não gosto de ficar sozinha lá em baixo.

-Talvez eu dê um salto até aí. Tua mãe está com dor de cabeça e foi para a cama.

-Venha, pai. Vou descer e esperá-lo.

Essas visitas nocturnas repetiam-se de vez em quando. Seu pai gostava de passear, tarde da noite, quando as ruas da cidade estavam desertas, e umas duas vezes por mês, ia tocar-lhe à campainha e, quando a porta se abria, ficava dubitativamente a olhar para o interior. - William está?

Era sempre a sua primeira pergunta, embora Candace não soubesse porquê, pois às vezes ele vinha, estivesse William em casa ou não, para se demorar um momento ou uma hora. Tinha uma intuição que lhe dizia, ao pousar o pé no rebato da porta, se a sua visita era oportuna.

Naquela noite ela ficou mais contente do que de costume, pois estava disposta a conversar, e não havia ninguém com quem falasse mais à vontade do que com seu pai. A mãe era muito boa quando se tratava de assuntos de criados e crianças, mas naquela noite ela desejava falar sobre alguma coisa mais, embora não soubesse exactamente o que fosse.

Quando a campainha tocou, apressou-se a descer para abrir a porta, pois as criadas já estavam a dormir. O pai limpava os pés no capacho, parecendo friorento, mas jovial, com a ponta do comprido nariz vermelha e os seus olhos pequenos e bondosos.

-Muito bem! - exclamou ele, tirando o sobretudo. -Sinto necessidade de conversar um pouco. Parece que vai chover, pois sinto os joelhos duros.

-Não devia ter saído numa noite destas-ralhou ela carinhosamente.

-A minha vida não depende dos meus joelhos.

Havia brasas na lareira e ele tomou as tenazes das mãos da filha. Era entendido em fazer lume, manipulando as brasas sob a lenha nova e arrancando chamas do mínimo de material. Essa dilecta economia era uma lembrança dos dias em que, quando miúdo, recolhia carvão da via férrea numa cidade mineira da Pensilvânia.

Quando as chamas começaram a crepitar, sentou-se, limpando as mãos no seu lenço de seda branca. -E então, como vão as tuas coisas?

-Oh! Vai tudo muito bem - replicou ela. -Willie está no quadro de honra da escola. William ficou muito satisfeito. A grande novidade é que os pais de William estão para chegar da China. -Pensava que eles tivessem resolvido ficar por lá mais um ano. -Também eu.

-É a velha, com certeza... - disse ele, pensativamente, olhando para o fogo.
-William deve estar muito contente, não é verdade?

Candace riu-se. -Parece que está contrariado.

Mr. Roger Cameron gostava de ouvir a sua filha rir. Ergueu a cabeça e riu também. Era um agradável momento, ali na grande sala sombria nos cantos e alumiada junto à lareira e à lâmpada. Ela estava bonita no seu penteador cor-de-rosa, bonita e talvez feliz, também. Durante algum tempo, depois do casamento da filha, tinha perguntado a si próprio se ela seria feliz, e concluíra que sim, principalmente porque tinha boa digestão e não possuía ambições. Na sua educação, tivera o cuidado de que a filha não respirasse a atmosfera das mulheres ambiciosas. Havia dessas mulheres nos seus armazéns e nenhuma delas, pensava, era feliz. A sua secretária, Minnie Forbes, que empregara quando ela contava vinte e um anos, vivia consumida por uma árida infelicidade, talvez porque ficaria profundamente escandalizada se soubesse que amava o seu patrão; Roger sabia muito bem que ela o amava e sentia-se grato pela ignorância de Minnie. Ele amava moderadamente a esposa, e não desejava amar mais ninguém. Os poucos meses em que a havia amado apaixonadamente quando jovem, recordava-os como extremamente incômodos, pois não podia concentrar o espírito nos seus negócios. Ficara aliviado ao descobrir que ela não era a criatura extraordinária que a sua fantasia o levava a imaginar, e depois limitara-se ao doméstico e nada romântico amor conjugal, que vinha desfrutando há uns tranquilos quarenta anos. Ele e sua mulher eram profundamente unidos, mas ela não lamentava as suas viagens comerciais, que empregava exclusivamente na diligente procura de mais negócios.

-William nunca soube bem o que devia fazer com a sua família - disse ele.

-Eles são esquisitos, pai? -Os olhos azuis de Candace eram sempre francos. -Nem mesmo da sua mãe me lembro muito bem. -Suponho que todos os que partem para terras estranhas são de certa maneira esquisitos. As pessoas comuns ficam na sua terra. Ainda assim, andam sempre a fazer colectas nas igrejas, e outras coisas do mesmo género. O pai de William não é mais que um pregador que vai além do que é considerado o seu dever comum. «Ide por todo o Mundo», e assim por diante. Mas ninguém leva isso a sério, com excepção de uns poucos. São sempre uns excelentes homens, naturalmente.

-E as mulheres?

-Não acredito que Mrs. Lane tenha ido por 'vontade própria. Suponho que foi por ele ter ido. Nem creio que haja muita simpatia entre os dois, ao que me lembre.

Não queria dizer à filha que se lembrava de Mrs. Lane como uma espécie de mulherzinha atrevida. Talvez não fosse. As pessoas muitas vezes tornam-se atrevidas quando falam com um rico. Ele estava acostumado a isso. Em todo o caso, fazia agora parte da família...

-A Millie do Jeremias é uma pequena sirigaita - disse ele, sorrindo.

-É, sim - concordou Candace. -Ruth diz que ela fala constantemente. Quando vem aqui, fica com medo e não diz uma palavra.

-Mas fala comigo quando estou disposto. É maravilhoso ver o despertar de um espírito de criança.

-Ruth e eu teremos de cuidar da mãe e do pai Lane. William está a tratar de publicar novo jornal.

-Que pretende ele com mais trabalho? -Roger tirou o cachimbo da boca. Tinha começado a fumar há pouco tempo e ainda não estava acostumado com o brinquedo. Mas queria alguma coisa para ocupar as mãos.

-O Duque de Gloucester faz «tricot» - disse ele, percebendo um súbito brilho nos cândidos olhos azuis da filha. -Tudo isso está muito bem para um inglês. Nós, os americanos, ainda não estamos acostumados. Eu realmente não gosto de cachimbo, mas leva tempo para encher e acender. É uma ocupação.

-Que há com os seus americanos? -perguntou Candace, com os olhos brilhantes e a boca séria.

-Um inglês nunca tem medo de que se riam dele - replicou Roger. -Apenas pensa que aquele que se ri dele não passa de um tolo. Mas os americanos não se arriscam a que ninguém zombe de si. Eu não me arrisco. Mas, mesmo que o quisesse, não poderia fazer «tricot». Em todo o caso, não quero.

-Mas o meu pai também não quer fumar cachimbo-zombou ela.

Ele olhou-a lamentavelmente e continuou com as suas manobras, enquanto ela o fitava, ainda pronta para rir. -Creio que gosto é de brincar com o fogo - disse ele, depois de ter tirado uma baforada, com os olhos a lacrimejar. -Do que mais gosto é de aprontar o cachimbo e riscar o fósforo.

-Oh, o senhor! -Ela bocejou levemente. -Não, não tenho sono. Estou preocupada com o que vou fazer com os pais de William. Porque não me ajuda? Supõe que vão ficar aqui em casa todo o Inverno?

-Deixa-os fazer o que quiserem, e segue tu a tua vida - replicou Roger. - Trata-os amavelmente e deixa-os em liberdade. Isso é o que a maioria dos velhos quer. Não te preocupes.

-O senhor nunca se preocupou com coisa alguma?

-Certamente que sim. Quando eu era mais novo, sofria terrivelmente do estômago. Um dia um médico disse-me que eu não viveria um ano. Resolvi o contrário. Felizmente os Armazéns estavam em bom caminho. Foi quando soube que Jeremias não me poderia ajudar. Bem, não tive necessidade dele, como se viu depois, nem de ninguém mais. É uma grande coisa poder dirigir os próprios negócios. Uma vez esperei que William entrasse para a Sociedade, mas assim está muito bem. William foi talhado para o jornalismo.

-Que pensa acerca do que William realmente deseja, meu pai?

Tão raramente fazia ela uma pergunta séria que o pai pareceu meio assustado e colocou o cachimbo em cima da mesa. -Que queres dizer, Candy?

-Bem, já temos bastante dinheiro. -É maravilhoso o que ele fez.

-Mas não lhe dá prazer. Quando temos uma festa, aborrece-se. E não adianta ter férias. Quando fomos à França, no Verão passado, passou todo o tempo a organizar uma edição europeia. Eu fiquei, por assim dizer, sozinha em Paris, até que encontrei algumas das minhas antigas companheiras de escola.

-William é ambicioso.

-Ambicioso de quê, pai?

-Não creio que ele mesmo o saiba - respondeu Roger. -Talvez seja isso o que o aborrece. Não sabe o que há-de fazer de si próprio.

Havia algo de tão agudo nessa observação que Roger a pôs de parte para

mais tarde reflectir sobre ela.

-Desejaria que ele aprendesse a jogar e que tomasse gosto pela equitação.

-Ele monta muito bem.

-Faz tudo muito bem e não dá importância ao que faz. Amo-o e não o compreendo.

Havia indícios de receio na sua voz; apenas indícios, mas ele não os queria notar. Já era bastante velho para se afligir. Já não podia nem mesmo ler um livro triste. Quando começava a sentir-se triste, fechava-o. Tinha visto muita coisa que não pudera ajudar, ou talvez que não tivesse querido ajudar.

-Não tens que compreender os outros - disse ele no seu tom mais seco. - Fala-se muito em compreender isto e mais aquilo, hoje em dia. Na maioria das vezes, ninguém compreende coisa alguma. Se tu o amas, não há necessidade de te preocupares em compreendê-lo, penso eu. Toma-o tal como é.

Também começou a sentir-se inquieto, como sempre acontecia, quando pressentia complicações. Tinha um faro maravilhoso para descobrir complicações e, quando sentia o seu cheiro acre, por mais leve que fosse, logo se retirava. Assim, agora, embora amasse a filha, ergueu-se e pôs o cachimbo apagado no bolso.

-Vou andando para casa. -Inclinou-se e beijou-lhe os cabelos. -Não te preocupes, pequena. Trata bem os velhos e deixa-os fazer o que quiserem.

Retirou-se e ela ficou sentada alguns minutos sôzinha. Era esperta à sua ingénua maneira, e bem viu que ele não queria saber de incómodos. Mas era bastante parecida com o pai para simpatizar com ele. O que ele tinha dito era confortador. Era mais fácil, afinal de contas, não se preocupar em compreender as pessoas, e fácil amá-las, apenas, desde que não fossem cruéis na nossa presença. E William jamais era cruel com ela ou com as crianças. Nunca tinha batido nas filhas, por mais impaciente que estivesse. Jeremias, num acesso de fúria, podia levantar a saia de uma das garotas, sentada nos seus joelhos, e dar-lhe umas palmadas e, depois de passada a cólera, pô-la de novo em pé e beijá-la carinhosamente. William não beijava os filhos, tão-pouco. Nunca lhes tocava.

Bem! Ela estava contente por o amar. O amor, como seu pai dizia, era suficiente.

No momento em que olhou para o pai que descia do comboio, William viu que estava ali um velho que vinha morrer na sua terra. O que via e o que sentia, deixou-o petrificado. Como sempre que se comovia, Ruth, Candace e Jerry estavam presentes. Não tinham trazido as crianças por causa da aglomeração e da hora tardia. As luzes da estação focavam a face branca de seu pai e o seu vulto esquelético. Tinha deixado crescer a barba, mas nem mesmo a brancura da barba lhe tornava menos pálidas as faces. A mãe de William estava mais gorda e mais velha, mas forte como nunca. Foi ela quem os viu primeiro e quem lhes acenou. Ele sentiu o seu afectuoso beijo no rosto.

-E então, William?

-Tudo bem, mãe.

Mas continuava a olhar para o pai, aquele homem tão velho, aquele frágil fantasma, com os negros olhos vivos e ardentes e os lábios descorados no meio

das barbas brancas! Apertou a mão do pai e sentiu-a comprimir-se na sua num feixe de poucos ossos.

-Pai! - exclamou ele, e enlaçou-o pelos ombros. Voltou-se para Jeremias. - Encarrega-te delas, Jeremias... as mulheres e... as bagagens. Eu vou tirar meu pai daqui.

-Mas ele nunca esteve melhor! - exclamou a mãe.

-A mim não me parece melhor - disse William. Os seus lábios estavam secos e ele sentia vontade de chorar. Levou o pai para fora, com o braço ainda em torno do corpo franzino. -Venha, pai. O automóvel está aqui. -Porque foi que sua mãe não lhe tinha dito nada?

O motorista estava postado junto à porta aberta do automóvel. William ajudou o pai a entrar e colocou-lhe a manta nos joelhos.

-Vá direito a casa, Harvey - ordenou pelo tubo acústico.

O pesado carro deslizou lentamente através do tráfego. William olhava para o pai. -Como se sente, na verdade?

O Dr. Lane sorriu e não pareceu menos cadavérico. -Não há-de querer que eu esteja o mesmo depois de tantos anos...

Era a primeira vez que ele falava, e a sua voz era débil e aguda, quase como a de uma criança.

-Mas sente-se bem? -Agora que estava sozinho com o pai, William podia controlar a sua inesperada ternura. -Não muito bem - disse o pai.

Parecia tão paciente, tão puro, que William sentiu que o via pela primeira vez. Para sua própria surpresa, desejava tomar a mão do pai e conservá-la na sua, mas teve vergonha de tal gesto e não o fez.

-Consultou o médico? -Falava de novo com a sua habitual segura.

-Sim, foi por isso que deixei Pequim tão repentinamente. É de opinião de que devo ser examinado aqui. -O sorriso do Dr. Lane tinha uma inefável doçura.

-Que disse ele que era?

-Parece que tive psilose durante muito tempo, sem o saber. Destrói os glóbulos vermelhos, parece. -O Dr. Lane falava sem interesse nos seus glóbulos.

William reflectiu rapidamente. Arranjaria o melhor especialista em moléstias tropicais. -Mandá-lo-ei buscar a Londres, se for necessário. -Sentiu uma insopitável cólera inflamar-lhe o coração. -Era de crer que a mãe o tivesse notado.

-Nós não notamos nada, suponho, quando vivemos na mesma casa durante tantos anos - replicou o pai. -Nem eu próprio notei. Sentia-me cansado, naturalmente, mas pensava ser da velhice.

-O senhor tem de descansar agora - ordenou William.

-Seria bom - respondeu o pai. A sua voz ia-se tornando cada vez mais fraca, a ponto de as suas últimas palavras não serem mais que um murmúrio. William tomou o tubo acústico. -Ande o mais depressa que possa. Meu pai está muito cansado.

O automóvel deslizava célere e silencioso. O Dr. Lane reclinou a cabeça no banco acolchoado e fechou os olhos, parecendo que dormia. William olhava-o com profunda ansiedade. Chamaria o seu próprio médico logo que chegassem a casa; recearia dormir enquanto seu pai não estivesse mais forte.

Quando o carro parou à porta, desceu primeiro e, com aquela ternura tão estranha à sua natureza, ajudou o pai a subir os degraus e a entrar no vestíbulo.

O mordomo, que estava à espera, pegou nos seus chapéus e casacos. Ao pé da grande escadaria, viu o pai recuar e olhar para cima como para uma montanha que não pudesse galgar.

-Vou levá-lo ao colo - murmurou William.

-Oh, não! -arquejou o Dr. Lane. -Dentro de um momento poderei subir.

William não lhe deu ouvidos. Num ímpeto de amor como jamais havia sentido por nenhuma criatura humana, ergueu o pai nos braços e, horrorizado com a leveza da sua carga, subiu os degraus. O velho, sentindo os braços do filho em redor do corpo, entregou-se com um suspiro e fechou os olhos.

O que aconteceu com William na semana seguinte nunca foi capaz de compreender. Os seus efeitos não se manifestaram de todo por muitos anos. Parecia estar sòzinho no Mundo com seu pai, mas o santo moribundo representava muito mais do que unicamente seu pai. Durante aquela presença na sua casa, William raramente deixou o quarto do pai. Compreendia que aquela alma, preparando-se para partir, sentia-se bem sòzinha, e ele mostrava-se frio com sua mãe. Dizia a Candace e a Ruth : «A mãe não deve vir para junto dele. Vocês ficam encarregadas de a manter fora de casa sob qualquer pretexto que possam inventar».

Tratou cruelmente os médicos americanos, declarando-os incompetentes. Ele próprio passou um telegrama para o grande especialista inglês em moléstias tropicais, Sir Henry Lampheer, pedindo-lhe a sua urgente assistência. Sob as revoltas ondas do Atlântico, essa comunicação prosseguiu, hora após hora.

A resposta de Sir Henry ao telegrama de William foi tipicamente britânica e inflexível: «Consultei vosso médico Dr. Bartram. Meus serviços seriam demasiado tardios. Exaustão proveniente destruição tecido. Injecções podem prolongar vida».

William foi impetuoso para com o inglês: «Diga preço».

Sir Henry perdeu a paciência, e a sua altiva irritação atravessou o Atlântico: «Nenhum preço possível por loucura deixar importantes pacientes aqui. Recorrei vossos próprios médicos».

«Propõe que deixe meu pai morrer?»

Sir Henry não aceitou a censura: «Decreto Deus. Vosso pai ancião atacado moléstia fatal».

William replicou: «Meu pai descendente família longa vida, também grande resistência espiritual».

A esta afirmação, Sir Henry respondeu friamente: «Diagnóstico claro. Injecções emetina, dieta leve, leite, bananas, possivelmente morangos, certamente extracto de fígado. Repouso absoluto. Consultai Bartram».

Os telegramas orçaram por centenas de dólares e, após a sua inanidade, William sentiu toda a velha cólera da sua meninice refter-lhe no sangue. A maldita superioridade dos ingleses, a calma determinação de não ceder, a rígida e fria cortesia - ele conheceu isso tudo em Chefoo quando o filho do Cônsul-Geral britânico estava ali.

Cego de fúria, William cortou ligação com as Ilhas Britânicas e todo o resto do Mundo. Estava no seu escritório, tendo deixado o pai com duas enfermeiras e Ruth para as vigiar. Por fim chamou o seu redactor-principal, conservando o dedo no botão eléctrico até que Brownell entrou quase a correr, com o olhar cheio de

susto.

-Segure o novo ajudante - ordenou William. -Meu pai está muito mal. Não consegui a vinda de Lampheer... Ele está resolvido a deixar meu pai morrer... mais um americano... isso é tipicamente inglês! Não sei quando voltarei. Deixo-o no meu lugar. Se for absolutamente necessário, chame-me, mas, se me chamar sem necessidade, será despedido.

-Farei o possível, Mr. Lane.

-Muito bem.

William punha o sobretudo e o chapéu. Brownell correu a ajudá-lo.

-Volte para o seu trabalho - ordenou William, que se retirou apressadamente da sala.

Sabia que Sir Henry tinha razão. E isso era o pior de tudo, após saber que a morte era iminente. Dia e noite ficou sentado à cabeceira do pai, silencioso no silêncio da casa, depois de ter ordenado às enfermeiras que ficassem na sala próxima, a não ser que os seus serviços fossem necessários, e proibiu quaisquer visitas, com exceção do Dr. Bartram. Seria mesmo uma loucura a vinda de Sir Henry, mas em todo o caso ele deveria ter estabelecido um preço para isso. Qualquer homem tinha o seu preço, e William poderia pagar. Seu pai era um homem de importância, o pai de William Lane, uma crescente potência da América. Era um insulto que nunca perdoaria e que juntou à montanha de insultos que tinha recebido na sua infância. Sentado junto ao pai moribundo, considerava a montanha e os meios de a arrasar. Aquelas pequenas ilhas, engalfinhando metade do Mundo, aqueles homens arrogantes, sentados de casaca a solitárias mesas nas «jungles», servidos por milhões de homens escuros. A sua pátria, a sua jovem e bela América, desprezada e escarnecida, tal como ele próprio fora escarnecido por aqueles estúpidos meninos ingleses! Naqueles dias, envergonhara-se de seu pai porque este era apenas um missionário, mas agora esse missionário era o pai de William Lane. O missionário fora erguido da sua humildade e pobreza. Tornara-se o pai de um homem cujo primeiro milhão estava em vias de se duplicar.

As lágrimas empanaram os olhos de William. O dinheiro não poderia adiar nem por uma hora a morte de seu pai. Inclinou-se para a cama e tomou a mão do pai na sua. As duas mãos não eram iguais. As do pai eram grandes e ossudas, e que magras e miseráveis agora!

-Pai... - murmurou ele. Por um momento julgou-o morto.

Mas o Dr. Lane não estava morto. Voltou lentamente a cabeça, a mesma cabeça nobremente conformada que tinha dado ao filho quando o gerara.

-Que é, William? -A voz era débil mas clara. -Estou a fazer tudo quanto posso...

--Sim, meu filho... Está bem... Mas tenho de morrer, bem sabes...

-Não o posso deixar morrer.

- Compreendo, William... Agradeço-te isso... Quererás que eu viva...

-Porque eu preciso de si, meu pai.

As palavras brotaram como por si próprias e, no momento em que as dizia, bem via como eram verdadeiras. Nunca havia realmente falado com seu pai e agora parecia-lhe que só a seu pai poderia falar da sua pessoa e da imensa

inquietação que o atormentava dia e noite. Agora que havia montado aquela imensa e eficiente máquina que lhe trazia dinheiro, quer estivesse presente ou não-que mais queria? Agora que tinha poder, milhões de pessoas que olhavam as gravuras que ele escolhia e liam as palavras que ele escrevia ou consentia que escrevessem-que mais queria?

-Pai, se vai deixar-me... se acha mesmo que... - Eu sei... Deus chamou-me.

-Então diga-me antes... que devo eu fazer? -Fazer?

-Sim, que devo fazer de mim?

Ele viu os escuros olhos do pai abrirem-se num derradeiro assomo de energia.

- William, debes ouvir a tua própria consciência... É a voz de Deus... dentro de ti. «Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade». Tudo o que tens... todos os teus grandes dons, meu filho... dedica-os a Deus. Ó meu Deus, agradeço-Te... porque... me restituíste meu filho a tempo...

A débil voz apagou-se, e o ancião caiu subitamente em sono, como lhe sucedia após o mínimo esforço. Não voltou a falar.

William ficou sentado a seu lado horas e horas. As enfermeiras entravam e saíam, cumprindo o seu dever. O médico chegou e pronunciou poucas palavras. - Isso não pode durar, Mr. Lane. A qualquer momento...

William não respondeu. Naquela noite, vinte minutos depois das vinte e quatro horas, seu pai parou de respirar, sem haver despertado.

Clem mergulhara de novo no seu próprio país. Falhara na China, mas não estava desanimado, tamanha era a sua fé naquilo que acreditava. Pouco dissera a Henrieta sobre a breve visita ao casebre de S. Francisco, mas ela compreendeu a recusa e também viu que, como de costume, Clem ficara apenas mais animado.

-Alguns dias eles hão-de verificar que tenho razão - dissera-lhe Clem. «Eles» eram os poderosos, os que não acreditavam na sua fé, os tubarões, os egoístas, os políticos, os limitados de espírito. Ele não odiava, nem desprezava. Em vez disso, tinha uma vasta paciência, uma segura onisciência. Podia esperar.

Entretanto, trabalhava. Resolveu abrir o seu maior e mais barato mercado em Dayton. Cada um dos seus mercados tinha o seu nome particular. Aquele deu o nome de «O Preferido do Povo».

-Não quero um nome de cadeia - disse Clem quando Bump lhe falou nas vantagens de uma cadeia de mercados, designados todos pelo mesmo nome. - Quero que o povo pense que os mercados são seus. Cada qual deve ser diferente, de acordo com a cidade e os seus habitantes.

«O Preferido do Povo» era o seu primeiro mercado urbano, e construiu-o longe do centro, onde os terrenos eram mais baratos, ao fim de uma linha de «eléctricos».

No dia da inauguração Henrieta fora prestar-lhe ajuda. Clem atraíra milhões de pessoas com o seu anúncio de géneros gratuitos no primeiro dia. Pelas dez horas os transportes colectivos estavam superlotados, e gente bem alimentada lutava por abrir caminho até aos balcões atulhados de pães, bolachas e frutas, à espera dos consumidores. O dia estava límpido e fresco e, através das grandes vidraças, o Sol alumia os mostradores e os caixotes cheios. Clem procurara apresentar um aspecto ao mesmo tempo moderno e tradicional. Havia maçãs

empilhadas nos cantos e cachos de bananas pendentes do tecto.

-Sirvam-se! -bradava Clem efusivamente. -Levem uma abóbora e preparem uma torta em casa. Aqui têm melaço, à moda antiga! O engarrafamento é que o encarece. Comprei-o aos barris, em Nova Orleães, para vocês. Aqui está o pão. Levem! E aqui, manteiga de Wisconsin, vinda directamente das granjas, e por isso é que posso dá-la hoje de graça. Amanhã a comprarão aqui mais barato do que em qualquer outro armazém da cidade. Mas se alguém tiver fome, poderá levar um pão. Não levem se não tiverem necessidade, mas sempre haverá um pão para quem tiver fome. Aqui não há caviar, nem coisas finas, mas alimento simples, vindo directamente das fontes de produção.

Por entre o povo que aumentava, abria ele o seu caminho, alerta, sorridente, a ruiva cabeça erguida, os olhos irrequieten e cintilantes, que viam tudo ao mesmo tempo. Vestia fato macaco de zuarte, como os seus empregados, ou «mãos», como lhes chamava. E as suas «mãos» provinham de toda a parte: dois rapazes chineses que trabalhavam para custear os seus estudos, um negro que encontrara em Louisiana e com quem simpatizara, suecos de uma granja de Minnesota. Ele próprio treinara os seus homens, pois dizia que os empregados de outros armazéns não lhe serviam.

O seu negócio era muito pouco ortodoxo e cheio de riscos, e, quando algum homem se mostrava receoso por causa dos filhos pequenos ou da mulher nervosa, deixava-o ir e procurava rapazes que tivessem a coragem de ser despreocupados. Mandava Bump de noite à Califórnia ou à Florida comprar carregamentos de laranjas baratas, a West Virgínia arrematar uma safra de nabos que estavam a sobrecarregar o mercado, a Massachusetts em busca do peixe que ameaçava fazer baixar o preço nos mercados de Nova York. Onde quer que houvesse produção em excesso, a ponto de ser alijada, como no último Verão, quando os granjeiros de Maine iam sacrificar metade da sua colheita de batatas, lá estava Clem ou Bump. Clem não confiava em mais ninguém para comprar para ele, uma vez que o seu lucro vinha da compra e venda, e do seu lucro dependia a possibilidade de expandir os seus mercados e a sua fé. Herdara do pai uma invencível crença na bondade, não na bondade de Deus, em que seu pai tão persistentemente confiara, mas na bondade do homem. Clem acreditava mais profundamente do que nunca que, com o estômago cheio, qualquer homem preferia ser bom. Portanto, o papel dos justos, em cujo número Clem se considerava incluído, era providenciar para que todos tivessem alimento.

Nas suas horas de devaneio, pois não trabalhava aos domingos e nesse dia os seus mercados mantinham-se fechados, entregava-se a fantasias ainda mais vastas em torno da alimentação de todos os famintos do Mundo. Ali da sua feia casinha de New Point, onde vivia na mais completa felicidade com Henrieta, via o povo da China e da Índia acorrendo um dia aos seus mercados. O seu malogro com Sun Yat-sen em S. Francisco, a sua convicção num futuro triunfo tornavam-lhe os sonhos mais ricos e mais reais.

Relembrava a longa viagem que fizera a pé de Pequim até ao litoral. A velha angústia do momento em que vira seus pais e irmãs assassinados suavizara-se e esmaecera. Em vez disso, lembrava as estradas pavimentadas que ligavam as aldeias, as poeirentas sendas de cada lado do calcetamento, os campos verdes do trigo novo na Primavera e com os altos sorgos no Verão. Algum

dia, naquelas aldeias e nos mercados das cidades da China, estariam distribuídos os seus víveres.

O «Preferido do Povo» prometia rápido desenvolvimento e Clem já se via ainda mais rico. De acordo com nenhuma regra poderia ele enriquecer tanto. Não tinha nenhum desejo de ser milionário como William e quase se envergonhava dos seus ascendentes depósitos bancários. Mas nunca desperdiçava dinheiro. Alguma profunda prevenção contra a caridade organizada, contra religiões militantes e idealismos vagos, fazia-lhe apertar os cordões da bolsa. Dava a qualquer homem, mulher ou criança que tivesse as vestes rotas ou necessitasse de um médico, e algumas palavras garatujadas num pedaço de papel amarrotado ou num velho sobrescrito providenciavam alimento do seu mais próximo mercado para qualquer vivente, desde o estudante faminto a um bêbedo de passagem, ou a um vagabundo das estradas. Mas não dava grandes cheques a tesoureiros solicitantes e directores de colégios, e as igrejas, mesmo as da sua própria cidade, não tinham dele mais do que dez dólares depositados na caixa de colecta por ocasião do Natal.

Bump, aquele cauteloso e avisado jovem, cioso do seu diploma em economia e comércio, prevenia-o de que mais cedo ou mais tarde os interesses organizados haveriam de o atacar.

-Você não pode continuar a vender mais barato do que os outros sem que tente fazer a sua ruína - avisava Bump. O seu parentesco com Clem permanecia nebuloso, profundo, embora não esclarecido. Clem era muito jovem para ser seu pai adoptivo, mas nunca se apresentara como seu irmão. Bump era astuto e reconhecia em Clem um génio inexplicável. Esse génio era constituído de uma temeridade que chegava ao absurdo, de uma ingenuidade que chegava a causar riso, de uma ignorância que roçava pelo analfabetismo, e, com toda a sua temeridade, ingenuidade e ignorância, obtinha êxito em tudo quanto empreendia. Encontrara uma fórmula tão simples que só um homem tão humilde como ele poderia demonstrar a sua validade.

Essa fórmula, revelou-a ele à multidão que enchia o seu mercado no dia da abertura. Seis corneteiros, contratados para a ocasião, fizeram uma tremenda barulheira ao soar o meio-dia. A multidão, surpresa, parou para voltar a cabeça para a fonte do alarido, e ali, no meio dos cobres fulgurantes, sobre uma espécie de balcão de tábuas atadas com cordas, viram Clem, de fato macaco, com um altifalante.

-Povo! --gritou ele. -Isto é mais do que um simples mercado, é um sinal das coisas em que acredito, uma manifestação da minha fé. «A fé é a evidência das coisas esperadas», diz a Bíblia, e «a evidência das coisas invisíveis». Pois bem, a minha esperança é não ver mais fome em nenhuma parte do Mundo. O alimento é a coisa mais importante da Terra. O alimento forma uma trindade com o ar e a água. Se eu fosse presidente dos Estados Unidos, o que, aliás, me alegro de o não ser, faria com que o pão e a carne, o leite e os ovos, as frutas e as verduras fossem gratuitos para todos. Então não teríamos mais guerras. Sairia mais barato alimentar gratuitamente o povo do que sustentar uma guerra, como a que pode um dia explodir da Ásia, porque o povo está a morrer de fome.

A assistência permanecia imóvel, escutando e indagando consigo se ele não seria maluco. Clem tomou fôlego e continuou

-Não me interpretem mal. Não acredito em caridade nem devemos reclamar caridade do Governo. Não sou presidente, não o espero ser, não o quero ser. Mas estou a fazer o que posso aqui, como estão a ver. Se isso for bom, se lhes aproveitar, só o que lhes peço é que acreditem na ideia. Obrigado, povo... É só isto que tenho para vos dizer. Encontrarão lanches empacotados, grátis, na porta de saída do mercado. Há sorvetes, leite e gasosas, tudo de graça. Aproveitem, meus amigos!

Estava como num frenesi de felicidade. Para o povo que o cercava durante a tarde, falava numa torrente de conselhos, explicações e admoestações. -Não encontrarão aqui todos os alimentos, mas apenas os alimentos essenciais... e baratos. Eu compro excessos e isso significa tudo o que está na sua época e que é, portanto, mais barato. Por exemplo, no último Inverno, quando os grandes frios enregelavam o gado, comprei e vendi carne barata. O preço baixou. A carne era boa, também. O frio tornara-a mais tenra. Bem, neste mercado, não acharão pepinos em Janeiro. Mas acharão montanhas de pepinos no Verão, quando desejarem fazer pickles. E também forneço receitas de cozinha. Onde as Consigo? De gente como vocês. Quando fizerem alguma coisa boa, escrevam-me sobre isso. Olhem aquela pilha de papel ali..., levem algumas... levem uma porção e distribuam aos seus amigos. Eles vos dirão o que se pode fazer com pepinos quando estão baratos e como se faz geleia de cascas de maçã e como se aproveita o que não deve ser atirado ao lixo. Compre barato, e não desperdicem. Podemos alimentar o Mundo com o que deitamos fora... sim, isso é uma verdade. Ninguém precisa de morrer com fome... em qualquer parte da Terra!

O povo ouvia e ria. -Você parece um pregador.

Clem sorriu. -Talvez seja... Estou a pregar um novo evangelho. Ninguém precisa de ter fome.

Foi no meio dessa arenga que ele viu Henrieta parada a um canto, muito quieta, com o seu vestido azul e de chapéu, e com um papel amarelo na mão. Como estava acostumado a receber telegramas dos seus agentes espalhados pelo país, anunciando um excesso de laranjas no Sudoeste, ou de milho na Indiana ou de legumes em Nova Jersey, tais telegramas tinham de ser atendidos imediatamente e ele parou de súbito de falar e abriu caminho por entre os assistentes, empurrando-os delicadamente com os seus cotovelos agudos.

Quando, por fim, se aproximou de Henrieta, estendeu a mão para o telegrama, que ela lhe entregou, e viu então não ser o que pensava.

O telegrama era assinado por Mrs. Lane. «Teu querido pai faleceu noite passada. Funerais quinta-feira. Prostrada de dor. William admirável. Beijos. Tua mãe». Imediatamente Clem esqueceu a multidão e o seu grande êxito. Não havia um canto naquela vasta construção barata onde pudesse falar à parte com sua mulher. Os pilares de tijolos e as grandes vidraças davam apenas uma ilusão de abrigo. Mas fez de si mesmo um abrigo para as lágrimas que agora lentamente assomavam aos olhos de Henrieta.

-Querida, vai para o hotel. Mandarei Wong contigo. Ele tem o seu Ford aqui e levar-te-á até junto do comboio para Nova York. Se precisares de roupas, podes comprar lá... um vestido de luto, ou coisa que o valha. Estarei lá amanhã. Sinto imenso deixar-te sòzinha esta noite, mas não me podes censurar por isso.

-Desejaria tê-lo visto uma só vez que fosse - murmurou Henrieta,

enxugando as lágrimas atrás do abrigo dos ombros de Clem. Era mais alta do que ele, mas justamente agora ele conseguira ficar um pouco acima dela, sobre uma caixa caída no chão. -William devia dizer-me. Ruth devia ter escrito... não, a culpa foi toda minha.

Mostrara-se fria com seus pais porque tinham procurado William e não haviam pensado em a procurar. Ninguém lhe dissera que o seu pai estava doente. Nem mesmo as cartas de sua mãe tinham dito que ele ia morrer. Ela, Henrieta, devia tê-lo adivinhado pela falta de cartas, mas acontecia que ele raramente escrevia às filhas, e sempre a William. E Ruth nunca enfrentaria o pior.

-É uma vergonha - murmurou Clem. -Parece-me que a tua família nos devia ter avisado.

-Talvez eu não o veja nem mesmo agora - continuou ela. -William resolve tudo como se ninguém mais existisse. -Vai depressa - aconselhou Clem.

Voltando-se, acenou para Wong, um dos estudantes chineses. Era um rapaz alto e magro de uma cidade próxima de Pequim.

Clem disse em chinês, bastante baixo para que ninguém ouvisse ou se espantasse da estranha língua : - Wong, queira levar Mrs. Miller ao hotel para tomar a sua mala e depois à estação do caminho de ferro e comprar-lhe uma passagem de Pullman para Nova York no primeiro comboio. O seu digno pai acaba de falecer.

Wong tinha ouvido falar no venerável Dr. Lane, o mais bondoso dos missionários, e estalou a língua contra o céu da boca.

-O dia da morte de um pai é o pior dia da vida de uma pessoa - disse ele reverentemente.

Despiu o seu casaco branco e vestiu o que usava fora do mercado. Dentro de meia hora, Henrieta estava a caminho da estação, no velho Ford de Wong. Deslizando rapidamente no meio do tráfego, Wong tentava, à sua delicada maneira, conformar Henrieta com tudo o que tinha ouvido a respeito do Dr. Lane:

-Até na nossa cidade viemos a saber que o seu digno Velho foi o único que não teve medo de se aproximar da Imperatriz Diabólica e dizer-lhe que ela fazia mal em favorecer os Boxers. Soubemos, então, eu por meu pai, pois era então muito novo, que, quando a Imperatriz regressou à cidade, pretendendo que nada fora feito de mal, o seu digno Velho não quis acompanhar os estrangeiros às festas que ela ofereceu. Manteve-se afastado. O seu Velho amava o povo e não os governadores.

-Não vi meu pai durante todos esses anos- - disse Henrieta. --Agora, nunca mais o verei.

-Foi por amor de nós que se afastou até da sua própria terra - disse Wong com voz comovida.

Na estação comprou-lhe as passagens e um pequeno cesto de frutas. Depois de a ver no seu lugar e ter ajustado a cortina da janela e dizer-lhe adeus, foi para a plataforma da estação e ali ficou, com o chapéu erguido à altura do peito, até que o comboio partiu.

Henrieta nunca estivera na nova casa de William. Como não lhe mandara telegrama anunciando a sua chegada, tomou um automóvel e desceu à porta de

uma bela casa de granito, que ficava entre duas outras menores, na Quinta Avenida. Tocou a campainha e a porta foi aberta por um criado inglês.

-Sou a irmã mais velha de Mr. Lane - disse ela com a sua voz um tanto fria.

O homem olhou-a, surpreendido, e ela compreendeu que ele não sabia da sua existência.

-Queira entrar, minha senhora.

Introduziu-a numa grande sala e desapareceu, com os passos abafados pelos espessos tapetes. Henrieta sentou-se numa profunda poltrona forrada de veludo cor de coral. A sala espantou-a. Cinza, coral e azul combinavam-se nos tapetes e cortinados de veludo. Era uma sala demasiado cômoda, demasiado rica, de uma beleza por demais opulenta. Candace havia assim cercado a pesada mobília que William comprara e de que ela não gostava. No centro da sala, sobre uma mesa redonda de mogno, havia um grande vaso chinês cor de prata, estriado de veios cinzentos. Estava cheio de pálidas rosas amarelas. Com que então era assim que William vivia! Devia ser monstruosamente rico. Ou talvez fosse apenas como Candace vivia, e talvez fosse ela que era demasiado rica.

Henrieta pôs-se a pensar em William, tal como se lembrava dele em Pequim. A lembrança não era ofuscada pela imagem que ele agora apresentava. Um rabugento rapazola de sobrancelhas negras, que resmungava quando ela lhe dirigia a palavra! Porque fora ele sempre infeliz? Na escola de Chefoo raras vezes falava consigo, mesmo quando se cruzavam nos corredores. Se a mãe mandava um recado para os dois numa carta que lhe era endereçada, Henrieta tinha de lho mandar num bilhete por um criado chinês. Ruth era muito nova para ir para a escola, de modo que nunca tinha visto o lado pior de William, pois se ele era desagradável em casa, era igualmente insuportável na escola.

Contudo, Henrieta, vagamente, julgava compreendê-lo, enquanto se achava ali sentada pensativamente Junto à janela. William não tolerava ser ultrapassado por ninguém, mas, na escola, nenhum americano podia ser como os ingleses, e William sentia-se injustamente preterido. Além disso, ela própria o ultrapassara nos estudos e tivera trabalho em ocultar-lhe as notas que faziam com que ele também a odiasse. E como podia aquele seu irmão sofrer tanto, quando, se se tivesse contentado com o que era, poderia ter sido até muito feliz? Fora um bonito rapaz, e o seu espírito, desenvolvendo-se mais lentamente que o dela, era um espírito sólido e até mesmo brilhante, parecendo agora haver passado muito além do seu. O seu intolerável, amargo, consumidor orgulho envenenara-lhe a alma, um orgulho iniciado pela sua tola amah chinesa, a qual, como fosse um menino entre meninas, o amava e prezava mais e fazia com que o adorassem como o jovem príncipe da família--um orgulho artificial, por certo, por ser um americano entre chineses. Mas ali, na grande América, não havia príncipes.

A porta abriu-se e Candace entrou, arrastando as rendas do seu roupão. Era quase meio-dia e ela ainda não se tinha vestido para o dia. Mas tão imaculada, tão encantadora estava ela nas suas rendas e nas suas vestes cor-de-rosa, os seus lindos cabelos tão macios e ondulados, que Henrieta sentia-se em desalinho depois da noite passada no comboio.

Candace estendeu-lhe as mãos e os seus anéis cintilaram. -Com que então já cá estás!

Ela estava mais bonita do que nunca, esbelta, mas de formas

arredondadas, femininas, e de uma grande ternura no olhar e na voz.

-Pensava que vocês esperavam que eu viesse logo - disse Henrieta. Ela submeteu-se a um perfumado abraço e tornou a sentar-se.

Candace suspirou. As lágrimas vieram-lhe aos olhos cor de violeta. -William está inconsolável. Senta-se noite e dia ao lado do pai. Não quer comer nem repousar. Tua mãe está a dormir. Está muito cansada. Ruth foi a casa para estar um pouco com as crianças. Não há nada a fazer senão esperar.

-Clem chegará amanhã - disse Henrieta. -É muita bondade da sua parte.

-Nada disso - replicou Henrieta. -Fá-lo por minha causa.

Não achou mais que dizer e ficou sentada um momento em silêncio, enquanto Candace torcia os anéis nos dedos. Depois Henrieta decidiu-se. Não pretendia deixar-se impressionar por aquela casa, nem por nada que pertencesse a William e, na verdade, nem mesmo pelo próprio William.

-Por favor, Candace, desejaria ver meu pai. Bem sabes que ainda não o vi.

Candace parecia aflita. A boca, suave, carnuda e vermelha. Tomou de súbito uma expressão infantil, e mordeu o lábio inferior. -Não sei se William...

-William conhece-me muito bem- disse Henrieta. - Não te vai censurar.

Levantou-se, e Candace, como que submetendo-se por hábito, também fez o mesmo e, em silenciosa dúvida, levou-a através de outra grande sala-uma sala de música, pois havia ali um piano de cauda e um gramofone sobre um mostrador esculpido-e depois por um corredor que ia dar a uma estufa e, por fim, até uma pesada porta fechada de carvalho polido. Ali Candace, parou, após o que entreabriu um pouco a porta. Por sobre os seus ombros, Henrieta olhou para o interior de uma imensa biblioteca, tendo ao centro um féretro. Estava ali William sentado. Tinha arrastado uma poltrona de couro suficientemente para perto do caixão, a fim de ver o rosto do pai. Um alto vaso com lírios erguia-se junto do féretro. O Sol entrava pelas altas janelas.

Henrieta afastou delicadamente Candace e entrou na sala:

-William, acabo de chegar.

William olhou-a, espantado. Depois ergueu-se. -Chegaste cedo, Henrieta. - A sua voz, profunda e sempre áspera, era moderada.

-Eu vim logo que recebi o telegrama da mãe.

Candace ao retirar-se, tinha fechado a porta, e eles ficaram sózinhos. Ela aproximou-se do caixão e olhou para o rosto do pai. Estava tão branco como uma imagem de cera. As longas e finas mãos cruzadas sobre o peito eram da mesma cadavérica brancura.

-Estimo que o tenhas conservado aqui mesmo - disse Henrieta.

-Tudo o que se tinha a fazer fez-se aqui. --Emagreceu terrivelmente.

-Esteve doente durante dois anos. Naturalmente a mãe não o compreendeu, nem ele se queixou. Os seus intestinos estavam desfeitos pela doença. Não havia qualquer esperança.

Nenhum dos dois chorava, nem esperava que o outro chorasse.

-Ainda bem que não morreu lá - disse William.

-Talvez o pai desejasse morrer lá- - replicou Henrieta. -Gostava tanto dos chineses!

-Desperdiçou a vida com eles - observou William.

Falava sem emoção, mas Henrieta sentia o seu grande sofrimento. William revelava-se naquele momento como jamais o vira, um homem esquelético e solitário, ainda novo, e o seu orgulho transparecia, amargo, no seu rosto, no seu altivo porte, nos gestos abruptos das suas mãos.

-É uma consolação para ti que ele tenha vindo morrer aqui. -Acrescentou num súbito assomo de compaixão.

-É mais do que uma consolação - replicou ele. -Foi a sua última missão.

Ela voltou então o olhar do tranquilo rosto do morto para William e viu nos seus olhos cinzentos um olhar tão profundamente estranho, pois foi essa a palavra que lhe ocorreu ao espírito, que pela primeira vez na vida sentiu algum medo do irmão.

William não tinha vontade de lhe falar acerca daquelas últimas palavras de seu pai. Para ele, tinham na verdade assumido uma importância de profecia. Seu pai, soubera-o por sua mãe, tivera um pressentimento da morte próxima, durante o último ano em Pequim. Recusava-se a voltar para a América simplesmente porque, ao que dizia, desejava morrer na China e ali ser enterrado. Mas, quando sentiu a morte iminente, mudou de ideias. -Preciso de ver William•-confessara-lhe ele uma noite, ao acordar muito antes do amanhecer, como frequentemente lhe acontecia. -Necessito ver o meu filho. Quero falar com ele. Tenho coisas a dizer-lhe.

Neste ponto, sua mãe parara para enxugar os olhos e também para lhe perguntar, cheia de curiosidade: - Que coisas te disse ele, William?

Não queria dividir, nem mesmo com sua mãe, a solenidade daquelas últimas palavras que seu pai conseguira articular. Tinham sido poucas, muito menos do que queria dizer, disso William estava certo, se não tivesse passado tão mal nas últimas semanas do fim. Mas tudo fora dito em poucas palavras. Compreendia que o pai tinha viajado milhas e milhas por terras e águas para falar com o seu querido filho único, e assim perdoava tudo a seu pai, toda a vergonha de ser seu filho, a desgraça da pobreza de ser filho de um pobre e de um missionário. Com o seu amor ao filho e com a sua morte, seu pai elevava-se à santidade. Havia nisso um símbolo que, à sua maneira, era tão grande como o da Cruz. Ele era o único filho de seu pai, a quem ele tanto amava...

-William, estás a sentir-te bem?

A ansiosa voz de Henrieta foi como gelo no seu ardente coração. A sua antiga irritação elevou-se contra ela. -Claro que estou bem! É natural que esteja cansado. Não pretendo repousar antes dos funerais, amanhã. Penso que deves ir ver tua mãe. -Candace disse que ela estava a dormir. - Então é tempo de a acordar.

Tomou-a pelo cotovelo e conduziu-a para fora da sala. No corredor, premiu um botão e o criado apareceu. -Leve minha irmã ao quarto de minha mãe - ordenou William.

A porta fechou-se atrás de Henrieta e ela foi compelida a seguir o homem, com os passos novamente abafados pelos espessos tapetes, e depois escada acima, e por outro corredor, até uma meia dúzia de portas fechadas. O homem bateu a uma das portas. Ela ouviu a voz de sua mãe: -Quem é?

-Obrigada - disse Henrieta, despedindo o homem com um aceno de cabeça. Abriu a porta. Sua mãe estava sentada a uma pequena escrivaninha, já

vestida, com os cabelos grisalhos erguidos num alto carrapicho. Estava a escrever e ergueu a pena, voltando a cabeça. -Henrieta, minha querida! -Ergueu-se, majestosa, e abriu os braços. -Minha querida filha!

Henrieta consentiu em ser abraçada e beijou as faces secas de sua mãe. Viu, ao primeiro olhar que, embora tivesse envelhecido desde o seu último encontro, não tinha mudado. Nem a vida nem a morte a poderiam mudar. Não havia nenhuma alteração. Sua mãe sabia o que devia fazer, como se conduzir, o que havia de dizer. Henrieta afastou-se, sentou-se e tirou o chapéu e o casaco.

-Mãe, foi tão estranho termo-nos desencontrado de si e do pai quando fomos a Pequim...

-Vocês deviam ter-nos avisado - observou Mrs. Lane. -E, depois, não havia nenhuma necessidade de uma viagem assim...

Henrieta absteve-se de falar em Clem e das suas razões para ir à China, a precipitação da partida...

-Por favor, mãe, conte-me tudo.

Sua mãe só lhe podia contar o que tivesse compreendido de quanto sucedera.

-Tudo piorou em Pequim-começou sua mãe. -No fim de contas já não era como nos velhos tempos. Lembras-te, Henrieta, como tudo era fácil? Quando eras menina, recebiam-me com a máxima cortesia em toda a parte, simplesmente porque era uma estrangeira. Foi depois da revolta dos Boxers, naturalmente. Pequim era um paraíso, então. Cheguei a gostar, com toda a sinceridade, da Velha Imperatriz! Eu ia às vezes com Mrs. Conger cumprimentá-la, e Sua Majestade costumava mandar uma das suas damas explicar-me, de modo que eu o podia dizer a Mrs. Conger, que não sabia chinês, o quanto lamentava o que havia acontecido, e como compreendia que estávamos todos ali para o bem da China. Por fim, estendia-me a mão e batia na minha. Tinha a mais linda mão de velha que pudesse haver, tão delicada... e aqueles longos protectores de unhas, esmaltados... Era verdadeiramente maravilhoso vê-la. Não creio que a maioria do povo a compreendesse. Era o que eu costumava dizer a teu pai, mas ele não acreditava nela, por mais que lho dissesse.

-Quando foi que o pai adoeceu? -perguntou Henrieta.

-Começou logo depois de aquele aventureiro Sun-Yat-sen ter sublevado o povo. Teu pai ficou muito preocupado. Disse-lhe que nada melhoraria com as suas preocupações, mas bem sabes que ele nunca me dava ouvidos. À sua maneira, era terrivelmente teimoso. E as coisas começaram a piorar tanto... Depois de a Imperatriz ter morrido, a cortesia acabou-se de súbito. Até o povo da rua começou a

hostilizar-nos. Parecia que não nos queriam em Pequim. Teu pai foi apedrejado numa noite de domingo quando ia para a capela.

-Apedrejado... porquê?

-Por nada... apenas porque era estrangeiro. Depois ainda foi pior. Oh! querida, estiveste tanto tempo longe... É difícil explicar. Mas veio um mal depois do outro: uma revolução por causa de qualquer coisa inexplicável, e, quando dizia a teu pai que ele estava a emagrecer, respondia-me sempre que não podia sair de lá.

-E, quando saiu, queria vir falar com William...

-Veio-lhe de repente a ideia de que William precisava dele. Lembro-me de que disse uma coisa esquisita quando estávamos no convés, quando o navio partia de Xangai. Ficou a olhar para a terra e depois disse: «Mas que proveito terá um homem se ganha o Mundo inteiro e perde o seu próprio filho?»

Henrieta não respondeu. Não ouviu nada mais do que sua mãe tagarelava. Estranhas palavras na boca de seu pai... Qual o seu significado?

Henrieta foi receber Clem à estação. Com a sua velha habilidade, aperfeiçoada em constantes viagens, conseguiu apanhar um comboio no último momento possível a tempo de alcançar os funerais. Se o comboio se atrasasse meia hora na viagem, seria demasiado tarde. Henrieta acreditava agora que nunca haveria atraso em qualquer comboio que Clem tivesse escolhido para embarcar. A sorte era a aura em que ele vivia.

Assim, ficou à espera na plataforma enquanto o comboio entrava, à hora exacta. Clem era sempre o primeiro passageiro a desembarcar. Viu-o saltar da carruagem, sacudir a cabeça para um carregador, e encaminhar-se rapidamente para ela, transportando a sua pequena mala. O motorista de William avançou para lhe pegar, mas Clem resistiu:

-Obrigado, estou acostumado a transportar as minhas bagagens.

Dirigiu ao homem um rápido sorriso, e não lhe prestou mais atenção. - Henrieta... como é bom ver-te! Como estás? -Vamos, Clem. Não temos um momento a perder. -O enterro não é às quatro? Temos tempo de sobra. Henrieta insistiu. -Anda, vamos. Todos estão à tua espera. -Estão adiantados, então. -Mas mudou de atitude, ao ver que os seus olhos estavam rasos de lágrimas.

Embarcaram no grande e pesado automóvel que William importara da Inglaterra. Clem ergueu as sobancelhas e nada disse, mas Henrieta compreendeu a sua muda censura.

-Não te importes, ele odeia a Inglaterra, mas adora tudo o que é inglês.

-Não me importo... Tens alguma coisa a dizer-me? -Agora, não, Clem. Depois.

Atravessaram em silêncio as ruas de Nova York. Pela primeira vez, ele a via de preto. Assentava-lhe bem, mas ele foi bastante sensato para lhe não dizer tal coisa naquele momento. Desejava compartilhar do seu sentimento, mas não podia. Quando pensava na morte do Dr. Lane, vinha-lhe de novo a terrível visão de seu pai, com a cabeça meio decepada, no meio dos outros cadáveres. Queria falar logo sobre qualquer outra coisa, dizer-lhe o verdadeiro êxito da inauguração do mercado em Dayton, mas sabia que tão-pouco poderia falar nisso naquela ocasião. A fim de escapar à implacável lembrança, ficou a olhar para as ruas, tentando colher ideias para anúncios e mostruários, e, enquanto assim fazia, sentia-se culpado por não se atrever a pensar no sofrimento de Henrieta. Ela não compreenderia, talvez, embora já lhe houvesse contado, como esse passado poderia invadir a sua vida inteira se ele lhe desse a mínima oportunidade. Ele afogava-o com a sua constante actividade, os seus incessantes planos e a sua incrível eficiência.

-Tu nunca paras quieto - disse ela, com súbita impaciência. Olhou-a, atónito.

-Oh, Clem! - exclamou ela, tomando-lhe a mão nas suas.

Ele viu lágrimas brilharem de novo em seus olhos. -É isso mesmo, Henrieta. Não sei porque não posso ficar sentado quieto.

Henrieta comoveu-se com a sua humildade. -Não te importes com o que digo. Nem sabes o estado em que me sinto...

-Está bem, compreendo.

Empregou então um sobre-humano esforço e ficou imóvel, forçando a mão que segurava a dela a ficar quieta, impedindo que os seus pés batessem, recusando-se a tomar conhecimento do prurido do nariz, da câibra nervosa do braço ou da perna, das inúmeras e urgentes demandas dos seus nervos tensos.

Ela estava grata e continuaram sentados em silêncio enquanto o carro os conduzia até à grande igreja da Quinta Avenida, onde William ordenara que fosse exposto o corpo do pai. Ali, ela e Clem desceram e subiram os degraus de mármore. No vestíbulo, veio ao seu encontro uma espécie de introdutor, que os conduziu em silêncio até uma área no meio de umas colunas atadas por fitas pretas, onde a família estava reunida. Para surpresa sua, viu até Roger Cameron e sua esposa, Roger magro e velho, e aparentemente tão duradouro como uma múmia. A sua cadeira e a de Clem tinham sido colocadas ao lado da de William. Henrieta sentou-se.

Clem, ao lado de Henrieta, fitou os olhos de William, cinzentos sob as espessas sobrancelhas. Sentiu um choque. O rapaz alto e compenetrado que ele vira na rua de Pequim tornara-se um alto e compenetrado homem. No único olhar e no breve aceno de cabeça, Clem viu a longa face angulosa, os olhos profundos e as sobrancelhas negras, a bela e severa boca. Depois sentou-se, esquecendo o morto. William era infeliz! O sofrimento das últimas poucas semanas não bastariam para gravar no seu rosto semelhantes traços. Mas porque seria William essencialmente infeliz, como era agora ocasionalmente sofredor? A infelicidade era algo de profundo, de inerente a si.

«O Senhor o deu e o Senhor o tirou». A sonora e educada voz do ministro paramentado rolava da capela-mor. Clem respirava fundo e procurava não mexer os pés. As flores eram demasiado fragrantas, a igreja demasiado quente. Sobre o féretro, ele via um branco rosto de estátua, caprichosamente forrada e cercada de flores de modo tal que compunham uma espécie de emolduramento. Aquela estátua não se parecia em nada com o Dr. Lane, de quem ele se lembrava como um tranquilo e melancólico santo, sempre distante, embora bondoso. Aquele morto parecia orgulhoso e até mesmo altaneiro. As suas feições estavam demasiado acentuadas, as sobrancelhas retocadas de preto, os lábios de um vermelho pálido, o nariz aperfeiçoado, as pálpebras delineadas. A cabeça tinha uma imensa e marmórea dignidade.

Tal como ele o recordava, o Dr. Lane andava levemente inclinado, com uma humilde atitude de cabeça, e nas suas feições, ainda que bondosas, estampava-se a pensativa dúvida de um homem que sempre vê o outro lado das coisas.

William, supunha Clem, recomendara que tudo fosse do melhor, e assim tinham eles feito o melhor que podiam do Dr. Lane. Clem não gostava do que via e, sentindo agora uma incontrolável necessidade de movimento, mexia furtivamente com os pés, coçava o pulso e a palma das mãos, e até chegou a

esfregar o nariz, enquanto um contralto cantava o hino «Por todos os Santos que Repousam dos Seus Trabalhos». Henrieta tocou-lhe no braço e ele ficou novamente quieto.

O ministro começou a fazer o necrológio do Dr. Lane, a quem jamais conhecera, e Clem escutava. Todos os factos eram verídicos, supunha ele. O Dr. Lane, pai de William Lane, uma das maiores figuras da América, descendia de uma distinta família de intelectuais. Embora a sua família não aprovasse inteiramente o seu ingresso na carreira de missionário, insistira na sua nobre decisão, no que fora acompanhado por uma bela jovem de uma família igualmente distinta. Não era vulgar que dois jovens de tal posição deixassem tudo para seguir Cristo num país infiel. Lá, os esforços do Dr. Lane tinham sido singularmente abençoados. Ilustrara-se não sômente no terreno missionário como na interpretação do espírito chinês durante as últimas crises políticas.

«Esse ministro não conta as coisas verdadeiramente importantes» - dizia Clem com os seus botões. Era estranho que William não tivesse referido ao ministro que seu pai compreendia e admirava os chineses e que nem sempre os desejava converter. Por isso é que o estimavam tanto. William deveria ter contado as pequenas boas coisas que seu pai fazia, como sempre dava esmola quando via um mendigo...

O Dr. Lane, agora, teria compreendido as suas ideias sobre a alimentação rápida e barata do povo. Clem gostaria de lhe falar acerca dos seus mercados e dos seus planos para uma organização que pudesse ser aplicada a qualquer parte do Mundo. Teria contado tudo ao Dr. Lane, coisas que não havia contado nem mesmo a Henrieta, embora ela estivesse sempre do seu lado, acreditasse ou não no que ele poderia fazer. Mas o Dr. Lane talvez acreditasse sempre...

Clem lançou um olhar ao perfil de William. Estavam agora todos de pé. A cerimónia estava quase finda. Talvez falasse com William no dia seguinte, quando tudo estivesse terminado. Ainda havia o enterro.

Junto à sepultura aberta, estava ele entre aquela família, a quem não conhecia, embora a ela pertencesse, por causa de Henrieta. Via-os todos, Jeremias e Ruth e as meninas, encantadoras criaturinhas, vestidas de branco em vez de preto, com casaquinhos e chapéus de pele. Nunca tinha visto Jeremias, nem Ruth, nem Mrs. Lane. Eram do número das pessoas que não conhecia.

Enquanto o ministro dizia as suas solenes e sonoras palavras e derramava terra sobre o caixão, Clem estava de olhos fitos no ar, abstractamente, inconsciente do que se passava, a pensar nos vários milagres da sua vida: o primeiro dos quais era Henrieta ter querido casar com ele. Vendo aquela família, era uma coisa que não podia compreender, embora ele próprio não fosse humilde. O milagre era que, tendo sido criado entre aquela gente, tivesse ela visto o que ele era e o que poderia fazer, antes que tivesse feito.

Observava-a enquanto ela ali estava de mãos juntas, com a cabeça inclinada, os olhos postos no chão. Amava-a imenso como amava o seu trabalho, como amava o seu sonho. Era uma das grandes coisas da sua vida, mas algo de integral e independente. Não pensava nela como uma parte de si próprio, porque não pensava nada de si. Não sabia como era ou que espécie de homem seria. Era tão sem carne como um grilo.

Estimava que Henrieta nunca lhe tivesse falado em filhos. Vira muitas

crianças morrer de fome. As aldeias, ao longo daquela estirada marcha de Pequim até o litoral, fervilhavam de crianças sujas, bulhentas, famintas... Havia tantas crianças no Mundo! ... Quando pensava em crianças, sempre pensava nas suas irmãs, como as vira pela última vez, e o seu espírito logo se afastava daquela imagem. Tinha de estar livre para cumprir a missão para que nascera, e as crianças deviam ser conservadas na sua própria terra, como jóias num cofre. Se as suas irmãs nunca tivessem saído da terra onde nasceram, ainda hoje estariam vivas. Não, nunca desejaria filhos!

Tim e Jen e Mamie! Quando acorrera à granja, depois de ler a horrível história que ocupara os jornais durante um dia, Tim estava morto e enterrado, Pop Berger doente, de cama, e chorava sempre que lhe dirigiam a palavra. Havia um polícia de guarda junto ao leito e repórteres de toda a parte. Mom Berger estava com as meninas, na cozinha, de portas fechadas. Lá estivera o redactor de um jornal ilustrado, um tal Seth James. Retirara-se depois de saber que Clem ia levar as duas meninas para Ohio.

-Você foi a única pessoa decente que encontrei - dissera o jornalista, sacudindo meia dúzia de vezes a mão de Clem.

Clem não sabia o que fazer de Mamie e Jen. Tinham chorado quando as levava. Mas Henrieta mostrara-se muito paciente com elas e, depois de algum tempo, já sabiam atender os fregueses, ao balcão. E, quando já tinham engordado um pouco e adquirido melhor aparência, casaram-se com criados de granja. Mamie morrera ao ter o primeiro filho, mas Jen, que sempre supusera não pudesse viver muito, tornara-se forte e tagarela. Obra do alimento, naturalmente-de abundante e bom alimento.

Clem voltou a si de repente, quando Henrieta lhe pôs a mão no braço. A cerimónia terminara e ele sentiu-se envergonhado da sua falta de atenção durante a mesma. Voltou-se, obediente ao gesto da mulher, e reuniu-se à solene procissão da família que regressava aos carros.

O préstito parou em frente da casa de William, e a família desceu e entrou pela grande porta da frente, conservada aberta pelo mordomo, que assumira um adequado ar de compunção. Roger Cameron e a esposa foram para casa, tendo-se o seu carro afastado dos que haviam parado. Quando Candace pedira ao pai que fosse passar a tarde com ela, o velho negara-se: - Jurei há dez anos que só iria ao meu enterro, e só vim hoje a este porque tua mãe me obrigou. Terás de passar o resto do dia como pudeses, minha filha.

Candace subiu ao quarto e mudou o vestido negro por um leve roupão branco, cuja gola atou com uma fita preta. Depois desceu a ver se já estava pronto o chá que William mandara servir. Não era o chá habitual. Clem e Henrieta iam tomar o comboio e Jeremias e Ruth para casa, por causa dos filhos. Havia presunto e fatias de porco frio sobre o aparador e ela sabia que o cozinheiro preparara uma sobremesa' leve. Por ordem sua, não havia flores em cima da mesa. Vira tantas naquele dia que não queria saber delas. Rosas vermelhas na próxima semana, talvez! O terrível era que ela não sentia nada; uma suave tristeza, naturalmente, como a morte sempre inspira, mas nenhum sofrimento. Seria impossível chorar um ancião com quem raramente falara, um bondoso

velho, na verdade, mesmo durante a sua doença. Mas o que a aborrecia era que não podia compartilhar do sofrimento de William. Ele entesourava-o, guardava-o para si, suportava-o com tamanha nobreza que se sentia repelida e depois revoltada consigo própria. Receava o dia seguinte, quando ninguém estivesse ali--excepto, naturalmente, a mãe de Wililam. Pela primeira vez, sentia-se contente de que a sua sogra tivesse ido passar o Inverno com eles. Talvez que, juntas, pudessem compreender melhor William e fazê-lo feliz.

Nesse instante, enquanto ela andava pela sala de jantar, o marido de Henrieta chegou à porta e olhou para dentro. Lembrava-lhe um pássaro, esguio, de cabeça inquieta, vivaz, fazendo uma porção de pequenos movimentos inconscientes. Era inteiramente diferente de Henrieta, e no entanto havia alguma coisa de comum entre os dois. Não compreendia porque William se zangara quando Henrieta casara com Clem.

-Entre, Clem - disse ela amavelmente.

Ele entrou, de mãos nos bolsos, fazendo tilintar alguma coisa, chaves, moedas... não, um pequeno frasco de pílulas, de que, por fim, se apoderou. - Posso conseguir um pouco de água? Tudo isso atacou a minha indigestão nervosa.

Ela pegou num jarro de cristal, e ele assobiou quando ela lho passou para a mão. -Sólido, hem?

-Um presente de casamento. Se visse todos os cristais que tenho guardados, além desse!

-Um belo casamento, devia ter sido. Tal como William desejaria... Ele nunca lhe disse que já nos encontrámos uma vez?

-Não, não disse. Mas, já se tinham encontrado antes?

Ele espalhou algumas pílulas na palma da mão, levou-as à boca e engoliu-as com um copo de água. -Talvez já se tenha esquecido, mas eu nunca me esqueci. Um garoto chinês e eu estávamos a dançar em volta um do outro, prontos a medir as nossas forças, quando William chegou e fez-nos parar.

-Ele já o conhecia?

Clem riu maliciosamente e ela viu sardas na sua face pálida. --Não... Mas sabia quem eu era.

-Que quer dizer?

-Que não vinha do lado bom da cidade, compreende? -Havia disso, em Pequim?

-Oh, sim, havia. Os Lanes eram aristocratas comparados connosco. O Dr. Lane ganhava salário mensal. Viviam numa residência murada. Meu pai não tinha nenhum salário. Era bastante humilde para viver apenas da fé.

Falavam quase em murmúrio, quase culposamente, como que aproveitando tréguas no meio daquele dia fúnebre. Ele tinha o sentido do humor, via Candace. E Clem via ali uma agradável e bonita mulher, uma mulher sincera, afinal de contas, talvez não muito perspicaz, e certamente não tão grande como a sua Henrieta, mas boa para conversar, especialmente após um enterro.

-Os cristãos não são diferentes das outras pessoas, não acha, Mrs.... William?

-Chame-me Candy.

-Candy? Belo nome para a senhora. Meu pai era ignorante, Candy, sem

nenhuma ilustração como eu. Com uma diferença, porém: eu desejava uma educação e ele não acreditava que isso fosse bom. Pensava que Deus proveria a tudo, até o alimento. O Dr. Lane sabia mais. Era, realmente, ilustrado. É verdade que meu pai não passava de um campônio...

Candace olhava para ele, sem compreender bem o que estava a ouvir. Clem avançou mais:

-Todos os bem aprumados missionários que não tinham de confiar em Deus olhavam-nos de alto a baixo, naturalmente. Creio que meu pobre pai, às vezes, era uma espécie de mendigo.

Quando nos via com fome e sem alimento à vista, costumava dar um empurrãozinho em Deus. - Como?

O rosto de Clem ficou vermelho e as sardas desapareceram. -Ia falar com os outros missionários... e de vez em quando até com os chineses... e dizia-lhes que não tínhamos nada para comer. -Tentou rir. -Uma espécie de pedido em nome de Deus... Em todo o caso, não gosto de pensar nisso.

-Estou certa de que William se esqueceu disso tudo - disse Candace, num assomo de piedade e de vaga afeição por aquele homem demasiado honesto.

-Talvez - disse Clem. Parecia preocupado e começou de novo a sacudir as mãos no bolso.

Alguma coisa perturbava os seus inquietos olhos azuis e Candace continuava a compadecer-se dele. -Você é muito feliz com Henrieta, não? Ela adora-o, creio eu. Quando fala de si é como se estivesse ao mesmo tempo pensando no filho e no marido.

-Não há ninguém no Mundo que se compare com Henrieta, - retorquiu Clem. O rubor deixara a sua face tão rapidamente como viera e as sardas reapareceram. -Não sei o que faria, se a não tivesse. Ela é o alicerce da minha vida. Talvez possa construir todas as espécies de superestruturas, no que estou tentando fazer em matéria de alimentação, mas é ela quem me mantém firme. E, o que é tudo: ela nunca me desanima.

-E o que está atentar fazer, Clem?

-Oh... apenas alimentar o Mundo.

-Bravo!

Ela colocara a mão no braço de Clem. Ouviram ruído de passos. Candace retirou a mão. William entrou na sala e ela voltou-se para o marido.

-Clem e eu estamos aqui à espera, William. Tudo está pronto.

-Não sei onde estão os outros - disse William.

Sentou-se numa grande poltrona junto às altas janelas que davam para um vasto terraço. Vestia ainda o seu trajo preto, que tornava a sua face mais lívida do que nunca e as suas sobancelhas mais carregadas.

-Clem falava-me em alimentar o Mundo.

William lançou-lhe um olhar de sob os cenhos. Clem sentiu de súbito tинir nos seus bolsos e retirou as mãos.

-Negocia com alimentos, não é verdade? -perguntou William, sem interesse.

-Sim - respondeu Clem. -Acabo justamente de abrir um grande mercado em Dayton, no Ohio.

-Mas que tem isso que ver com o Mundo?

-É apenas o começo - esclareceu Clem, sem modéstia. Estava surpreso de ver que até gostava de conversar com William. Havia um assunto. Atravessou rapidamente a sala e foi sentar-se na outra poltrona junto às janelas e, voltando-se para William, começou a falar com súbita fluência.

-Comecei da maneira mais simples-com um armazém de mercearia e líquidos, numa pequena cidade, New Point, no Ohio. É ainda a sede. Não tenho família, como sabe... a rebelião dos Boxers acabou com ela...

-Meu pai contou-me - disse William.

-Bem, o passado passou... Mas a maneira como vivíamos quando eu era garoto fez com que me interessasse a fundo pelo problema da alimentação. Eu próprio não posso comer muito -sofro de indigestão nervosa. Todas aquelas maravilhas que está ali em cima da mesa, mal lhes posso tocar. Talvez uma taça de chá e um bocado de carne de porco... O pão é um veneno para mim, embora eu fabrique o melhor pão. Diga-me, William, não se lembra do pão chinês?

-Minha mãe não nos deixava comer nada que fosse feito pelos chineses.

-Bem, ficávamos muito satisfeitos em ter daquele pão em casa. Era sempre melhor do que nada. E vi depois como era efectivamente bom. Hei-de mandar-lhe alguns pães do meu fabrico.

William estava muito chocado para agradecer. -O seu negócio tem prosperado? -perguntou ele friamente. Aquele homem parecia-lhe um caixeiro de armazém.

-Vendo barato - disse Clem com orgulho. -Vigio os excedentes em toda a parte do país. Emprego vinte homens justamente para isso. Algum dia controlarei os excedentes da produção em todo o Mundo. Poderei então fazer o que pretendo.

-Tenciona realmente estabelecer um monopólio mundial do alimento? - William parecia pela primeira vez interessado.

-Cruzes! - exclamou Clem jovialmente. -Os monopólios não me interessam. O que me interessa é alimentar o povo. Quando não podem pagar, dou-lhes os alimentos.

-Quer dizer que o senhor lhes dá alimento, gratuitamente? -O tom de William denunciava incredulidade.

-Porque não, se estão com fome?

-Mas dessa maneira não pode fazer negócios.

Clem revolveu-se na vasta poltrona, coçou uma das faces e depois a outra, endireitou a mecha de cabelo sobre a orelha direita e esfregou os joelhos. -Não sei como - respondeu modestamente-mas já sou milionário, ou quase.

Candace, sentada numa das cadeiras douradas da sala de jantar, começou subitamente a rir, e William voltou-se para ela.

-Porque ris, Candace?

Ela escondeu o rosto nas mãos e meneou a cabeça, ainda a rir. O que lhe provocara o riso fora a cara que William fizera, mas não lho podia dizer. -É tão engraçado - arquejou ela ainda com o rosto nas mãos -é tão engraçado ficar rico dando de comer...

-Tolice - disse William. -Natural mente, ele não dá tudo.

-Mas dá uma parte - murmurou ela. Encontrou o lenço e enxugou os olhos. Depois viu Clem a sorrir furtivamente para si.

-É engraçado - concordou ele. -É terrivelmente engraçado. Não sei explicar. Há uma espécie de mágica oculta na regra do ouro... não posso explicar isso de outra maneira.

Nesse ponto da conversação, que William já começava a achar inteiramente repulsiva, entrou Mrs. Lane, seguida por Jeremias e Ruth. Atrás deles vinha Henrieta, de chapéu, já pronta para embarcar. William ergueu-se. -Tomemos os nossos lugares - disse ele tranquilamente. -Mãe, queira sentar-se à minha direita. Ruth, à minha esquerda, Jeremias à direita de Candace, e depois Henrieta. E este é o seu lugar, Clem.

Depois de todos se terem sentado, William ergueu a cabeça e fixou o olhar num ponto acima da cabeça de Candace, na ponta da longa mesa de toalha de renda. Havia qualquer coisa que lhes desejava dizer.

-Não é costume nesta casa dar graças a Deus antes das refeições. Talvez fôssemos descuidados. Mas de hoje em diante, em memória de meu pai, direi uma acção de graças antes das refeições em minha casa.

Os seus olhos baixaram-se e, por um instante, Candace viu neles amor e sofrimento, prestes a rebentar em lágrimas. Ele inclinou a cabeça para evitar que as vissem.

-Querido William... - murmurou sua mãe, estendendo-lhe a mão. Mas ele não se deteve para olhar para Candace ou tocar a mão da mãe. Inclinou a cabeça e começou a rezar em voz baixa e tensa:

«Pai Nosso, pelo alimento que nos destes, recebei as nossas graças. Abençoei este alimento para nosso uso e venha a nós o Vosso reino. Amem».

Era a acção de graças que seu pai tinha usado durante a sua vida de missionário.

VIII

CLEM dava tempo ao tempo. A sua fé justificada pelo êxito, ainda mais se fortalecia quando encontrava oposição. Espantava-se ao ver aqueles que se teriam rido dele, se falhasse, irritarem-se com o seu triunfo e, finalmente, atacarem-no por solapar os seus próprios mercados. Eram as mercearias consolidadas, as companhias de géneros alimentícios, as cadeias de armazéns que começavam a estender uma rede sobre o país. Declaravam que também vendiam alimentos bons e baratos, e por fim começaram a sua campanha com insidiosas advertências contra os produtos de Clem, dizendo que os alimentos excedentes baratos não eram garantidos e traziam germens de doenças e decomposição. «Comprem sòmente os nossos alimentos acondicionados! - bradavam. - Comprem sòmente os que trouxerem o nosso selo».

-Temos de arranjar bons advogados - disse Bump a Clem.

Durante a guerra, servira como perito na aquisição de alimento e ganhara uma medalha por ter poupado à nação milhões de dólares em víveres, comprando-os onde a experiência com Clem lhe ensinara a comprar, e comprando, também, com o auxílio de Clem. Após alguma relutância, depois de finda a guerra, casara-se com uma jovem alemã, Frieda Altmann, de quem se enamorara quando se achava na Europa, e tinham agora duas gordas crianças que pareciam, como ele bem via, cem por cento alemãs. Em todo o caso, a sua Frieda era boa, e uma óptima cozinheira; adorava Clem, a quem considerava um

deus, e mostrava-se humilde perante Henrieta, a quem estimava com entusiasmo. Frieda fazia todas as coisas com alegria.

Clem tinha de ser levado contra a parede para se mostrar severo e agressivo. Contratou dois hábeis advogados, Beltham e Black, de Dayton, e entrou na guerra privada que iria durar toda a sua vida.

Para Clem, a guerra mundial fora incompreensível. Conhecia pouco a Europa e pensava nela como numa pequena e divertida porção de terra, de que a Inglaterra também fazia parte. Fora até lá no Verão anterior à guerra, em companhia de Henrieta, naturalmente. Ainda se negava a colocar um oceano entre ambos. Algumas semanas na Inglaterra haviam-lhe bastado.

-Impossível falar com essa gente - dizia ele a Henrieta. -Supõem que tenho uma única ideia na cabeça. Pois bem, não preciso de mais nada. Quando se tem uma ideia suficientemente grande, não há necessidade de mais do que uma.

Observava as granjas modelares e as suaves colinas verdes da Inglaterra com uma ponta de cinismo. -Parece-me estar a ver a Índia atrás de tudo isto - dizia ele. -Vejo o Egito e o Médio-Oriente. Precisamos de ir à Índia, para ver as verdes colinas de lá e os seus gordos habitantes. Ah! Todos esses assados, essas costeletas, essas pernas de carneiro!

Quanto a fome, pouco encontrou na Europa. Em vez disso, prudência e a habitual parcimónia. Os franceses não deitavam nada fora, o que ele muito aprovava. Uma cabeça de peixe pertencia ao prato e não à lata do lixo.

-Não há nada melhor do que as «caras» de carpa-costumava dizer-lhe Mrs. Fong em Pequim, e ele jamais o esquecera.

As granjas da Dinamarca eram a delícia de Clem. Visitava-as sem apresentação, surgindo à porta de um estábulo enquanto Henrieta ficava a espreitar lá por fora. Às vezes chamava-a, outras não. Certa manhã, gritou-lhe muito entusiasmado

-Vem cá!... Este amigo tem uma ideia!

Ela olhou pela larga porta do estábulo e, ali nas sombrias profundezas, viu o granjeiro dinamarquês a pintar as paredes. Potes de tinta, verde e azul-celeste, pousavam no chão de terra batida e com uma grande brocha, não de pintor de casas mas de artista, o granjeiro cobria as paredes com paisagens de verdes prados e águas correntes sob céus azuis.

Quando viu a admiração e a surpresa dos visitantes, sorriu e falou-lhes com as poucas palavras de inglês que aprendera na escola.

-Para o Inverno - explicou ele. -Vacas contentes. Pasto bonito, pensam que é Verão.

-Muito hábil, não é? - exclamou Clem, voltando-se para Henrieta. -Ele sabe que as vacas se aborrecem no Inverno, encerradas no estábulo, e, assim, quer fazer com que se sintam satisfeitas. Bom camarada! -Deu uma palmada nas costas do corpulento granjeiro. -Bela ideia! Elas dão mais leite, também.

Começaram uma conversa composta de gestos e uma dúzia de palavras. Clem tinha facilidade para línguas e andava por toda a parte com pequenos dicionários de algibeira. Pelo dinamarquês, soube que era difícil exportarem manteiga para a Inglaterra, porque os granjeiros ingleses tinham a sua própria manteiga.

Mas a Dinamarca precisava de mais carvão, de carvão inglês, que ia para a

Itália, em troca de fruta fresca. E, se os novos carros frigoríficos comesçassem realmente a circular em grande número, a Dinamarca ficaria ainda com menos carvão.

Clem preocupava-se com o eterno problema da distribuição.

O monstruoso absurdo da fome por toda a parte do Mundo impressionava-o dia e noite. O alimento era abundante na terra e no mar. Por mais gente que nascesse e vivesse, havia mais alimento do que poderiam consumir. Na América, vira maçãs apodrecendo nos pomares; milho usado como combustível; celeiros de tal maneira abarrotados de trigo que seria preciso construir mais silos; ovos que se estragavam por falta de consumidores; batatas dadas de alimento aos animais; peixe transformado em adubo. A Dinamarca tinha apenas manteiga para vender, mas os americanos tinham muita manteiga e não a queriam comprar. A carne argentina era vendida por uns níqueis porque havia carne em demasia. Por toda a parte sempre a mesma história, neste mundo de gente faminta e de víveres que apodreciam.

-Tem de haver uma espécie de supervisão - disse Clem pensativamente. - Não do Governo, mas... como? -Aprendera com os chineses a ter uma profunda desconfiança do Governo. Os homens no Poder, afirmara certa vez, tornavam-se mais que homens. Imaginavam-se deuses. Henrieta tinha rido ao ouvir tal coisa. Não ria muitas vezes e, quando ria, Clem sempre queria saber o motivo. -Algumas vezes tu ages um pouco como Deus - replicara ela.

Ele ficara inexplicavelmente magoado. -Não... não... não digas isso! Talvez como um pai. Apenas um pai, quem sabe...

Ela procurava polir a sua rudeza, porque nem sempre sabia o que poderia feri-lo. Ele continuava tão radiante na sua esperança, tão infantil na sua bondade, tão inexpugnável na sua fé, que parecia que nada o poderia melindrar. Henrieta descobriu então que só ela lhe poderia causar dano. A oposição dos outros, a sua zombaria, a sua incredulidade, ele ignorava-as ou aceitava como pura maldade. Mas só ela, a quem ele amava, e que o amava, só ela podia traspasar a sua brilhante armadura e trazer-lhe lágrimas aos olhos. Da primeira vez em que lhe vira lágrimas, Henrieta havia chorado de vergonha, e jurara a si própria que jamais riria dele, jamais lhe faria advertências, jamais mostraria dúvidas, e nem sequer duvidaria. O único pecado que ela poderia cometer era magoar o seu querido Clem.

Os anos haviam passado e eles ainda não tinham filhos, nem ela se importava com isso. Clem preenchia todas as necessidades do seu ser, e Henrieta devotava-se-lhe, encarregando-se, quase sem que ele o soubesse, de todas as coisas que o marido não gostava de fazer: as minúcias dos negócios, as facturas, os preparativos de embarque, a entrega dos carregamentos, a refrigeração, conservação e distribuição dos víveres. Ela e Bump aplicavam-se cada vez mais em executar as decisões de Clem, por mais temerárias que fossem, envolvendo, às vezes, não só a perda de milhares de dólares como também a possibilidade de lucros igualmente consideráveis. Nenhum deles discutia o que Clem resolvia fazer, porque só lhes competia descobrir como o fazer.

Durante a guerra, contudo, ele tomara uma decisão tão singular, tão diferente, que por um instante Henrieta perguntou a si própria que mudança se

teria operado nele e que ela não havia compreendido. Durante os últimos anos, Clem tinha começado a ler cuidadosamente os jornais de William. Nunca dizia o que pensava deles, mas o seu olhar atento, os seus frequentes silêncios, depois de estudar meticulosamente um exemplar, deixavam Henrieta ansiosa por o interrogar. Mas não o fazia. Ele nunca lhe consentia que se queixasse de William.

-É teu irmão - dizia Clem. -Faz parte da tua família. É uma grande felicidade ter uma família. A China estaria morta e desaparecida há muito tempo se não fosse a maneira como as famílias se amparam ali.

-Espero que não me obrigues a amparar a minha-replicava Henrieta.

Num dos jornais de William, cada vez mais cheios de ilustrações, Clem descobrira durante a guerra uma fotografia de «coolies» chineses cavando trincheiras na França. Descobriu-a num domingo, quando estava em casa, sentado numa cadeira de braços, com os pés nas travessas de outra, e viu as atónitas faces dos lavradores chineses na França, a olhar para ele, do fundo das páginas.

-Aposto que não têm a mínima noção do motivo por que lá estão, ou por que estão a cavar essas trincheiras - disse ele a Henrieta.

Era uma quieta manhã da América, e a gente da cidade passava tranquilamente pela casa, com seus filhos, a caminho da igreja. Henrieta olhou para Clem. Ela conhecia-o tão bem, tão familiar era cada traço daquela fina e angulosa face e cada nota daquela rápida fala que ela logo adivinhou, pelo seu tom pensativo e pelo seu olhar, que um plano começava a delinear-se. Esperou enquanto polia a prata, trabalho que habitualmente deixava para aquela hora em que Clem estava em casa. Sentou-se à mesa da sala de jantar, coberta de jornais, por cima dos quais se achava espalhada a prata.

-Aposto que esses chineses foram embarcados para lá como gado - disse Clem. Minutos depois, levantou-se.

Henrieta seguia-o atentamente com os olhos. -Posso saber alguma coisa, Clem?

Ele procurava papel e tinta. -Quero escrever a Yusan.

Que estarão aqueles lavradores chineses fazendo na França? Há alguma coisa por detrás disso.

Ela foi buscar papel, tinta, um sobrescrito e os selos necessários e, depois de ele ter garatujado uma das suas breves cartas, selou-a e guardou-a para a remeter na manhã seguinte.

Aquilo era o princípio, bem o sabia Henrieta. O fim foi quando, alguns meses mais tarde, Clem e Yusan se encontraram em Paris. Clem colocou-a à testa dos negócios, pois Bump estava agora na guerra, pela primeira vez deixando o oceano entre os dois.

-Será apenas por algumas semanas - disse ele. A angústia estampava-se-lhe no rosto. -Não sei como irei fazer isto, mas em todo o caso terei de o fazer...

-Está muito bem - disse ela. Não, não estava nada bem, antes pelo contrário, e Henrieta sentia literalmente o coração dilacerar-se-lhe no peito, enquanto, parada no cais, o via partir, com o rosto mais pálido, o vulto mais pequeno, à medida que o navio se afastava.

Clem, com os olhos fixos nela, que constituía toda a sua família, revoltava-se contra a sua própria loucura. Se Bump ali estivesse,

levá-la-ia consigo, mas, na falta de Bump, somente Henrieta poderia sustentar, na sua ausência, a vasta estrutura dos seus mercados. Mal sabia o que o arrastava para França, excepto que, quando hesitava, via diante de si a fisionomia espantada daqueles chineses. Via-os nas suas aldeias, nas suas próprias terras, nas ruas das cidades que invadiam nos dias de fome. Como poderiam compreender a França? Poria Yusan em acção e depois voltaria para junto de Henrieta, talvez fosse de novo à Europa, para ver como iam as coisas, mas da próxima vez certamente a levaria consigo.

Em Paris, encontrou-se com Yusan, que envergava um fato ocidental. A princípio, mal o reconheceu entre a multidão de franceses, a não ser quando, estando todos a falar, Yusan permanecia imóvel, silencioso, atento e solene, como uma estátua de ouro. Clem pegou-lhe na mão e por um momento esqueceu-se até mesmo de Henrieta.

-Yusan!

-Velho Irmão!

Começaram a falar ao mesmo tempo em chinês, e os franceses espantaram-se de tamanha fluência, de que não compreendiam patavina. Clem gostava dos franceses e movimentava-se entre eles com a mesma segurança que na América e na China. Tinham a mesma mescla de naturalidade, simplicidade, agudeza, humorismo, infantilidade e requinte que tornavam parecidos os americanos e os chineses. Quando reflectia sobre esse ponto, ocorreu-lhe que todas as crianças e velhos se parecem, uns porque são muito novos e os outros porque são muito velhos, os primeiros não conhecendo nada e aceitando tudo, e os segundos conhecendo tudo e, portanto, aceitando qualquer coisa como possível.

Yusan, seguindo as instruções de Clem, viera com uma leva de «coolies», como eles eram chamados. Apresentara-se-lhes voluntariamente como intérprete e fora aceito. Agora por fim o seu inglês, aprendido tão cedo e ultimamente recordado e praticado por causa de Clem, estava perfeitamente em dia. Os seus homens já estavam alojados em barracas perto do front, onde continuamente deviam ser abertas novas trincheiras. À noite, deitavam-se ao som dos canhões, e às vezes os chineses eram mortos nos sectores mais afastados, tal como os franceses, ingleses e americanos. Mas os chineses não tinham a mínima ideia do motivo por que estavam ali ou por que eram mortos. Tinham sido engodados com promessas de pagamento para as suas famílias e um pouco para si próprios, e ali estavam, pois.

Clem partiu de Paris no mesmo dia com Yusan, viajando de comboio e depois num camião do exército. Tinha o seu passaporte, selado e assinado em Washington, e deixavam-no circular sem demora, com Yusan a seu lado. Os dias a bordo tinham enchido Clem de planos e ideias, cuja exposição ele só interrompeu para interrogar Yusan acerca da sua família.

-Tudo bem - respondeu Yusan. -Dei mais dois netos a meus pais, senão não me deixariam partir, salvo se você lhes pedisse.

-E Sun Yat-sen? -perguntou Clem.

Yusan meneou a cabeça. -Um dos motivos por que fiquei contente de vir ter com você é que tudo lá está na mais completa confusão. Sun Yat-sen não unificou o nosso país. Era muito chegado ao Japão, e o Japão quer-nos comer vivos.

Agora a coisa tornou-se bem clara nos Vinte e Um Quesitos. É certo que Sun deixou o Japão, mas não sabe o que há-de fazer depois. Somos uma república e não somos uma república. Ele acabou com o velho governo, mas não sabe como formar novo.

Clem recordou aquela noite escura no casebre de S. Francisco e contou tudo a Yusan. - disse-lhe que devia descer até ao povo. Disse-lhe que, se não tratasse de alimentar o povo, haveria de falhar.

-Ele sempre será um herói, Velho Irmão - ponderou Yusan. -Não esqueceremos que ele nos libertou do jugo manchú. Mas não nos levou além disso. Ele quer obediência e, quando hesitamos, chama-nos sacos de areia. Você bem sabe, Velho Irmão, que nós, os chineses, sempre agimos em conjunto. Mas não acreditamos que toda a sabedoria esteja num único homem.

-Bem - disse Clem, pondo de parte o revolucionário-, creio que ele terá de aprender por conta própria. Agora, Yusan, eis aqui a minha ideia...

Surpreendeu um olhar escarninho nos negros e estreitos olhos de Yusan e sorriu. -Não me confundas com Sun! Expresso-te as minhas ideias, mas não insisto em nada. Farás o que quiseres com elas. As minhas ideias são um presente. Aceita-as ou põe-as de lado.

-Velho Irmão, aceito o presente - respondeu Yusan.

Nenhum deles olhava pela janela para as lindas paisagens francesas que se desenrolavam sucessivamente. A noite caía. Já se aproximavam do sector da guerra e não viam que a beleza tinha terminado e que os cercava a aridez da morte. Desembarcaram do comboio, tomaram um camião e correram pela noite dentro por estradas antes suaves e agora esburacadas pelas bombas. Chegaram a um desolado campo, onde desceram. Clem entrou numa barraca cheia de nostálgicos chineses, nenhum dos quais sabia ler, escrever ou falar a língua da terra em que se achavam. Estavam deitados nos seus leitos de campanha e ouviam um homem que tocava uma canção melancólica numa rabeca de duas cordas que trouxera da sua terra.

-Irmãos! -gritou Yusan, dominando a música. -Aqui está o Velho Irmão de que vos falei!

Ergueram-se dos leitos, o rabequista parou o seu lamento, e foram levantadas as luzes das lanternas. Clem viu-se rodeado pelas caras familiares, as amarelas e boas caras, os olhos francos dos aldeões chineses. Sentiu de novo o antigo amor, paternal talvez, mas grato e cheio de fé. Aqueles eram os bons, aqueles eram os simples, aqueles eram os puros da terra. Começou a falar-lhes

-Irmãos, quando soube que vocês estavam aqui, receei que pudessem estar sofrendo, e, assim, vim ver se a vossa vida é boa e o que pode ser feito para vos ajudar, se não for boa.

-Ele deixou a sua terra - acrescentou Yusan-, fez uma longa viagem por mar e merece a vossa confiança. Conheço-o desde a minha infância.

Os homens conservavam-se em silêncio, com os olhos ansiosos fixos em Clem.

-Vocês são bem alimentados? -perguntou-lhes Clem.

Os homens olharam para um de entre eles, um rapaz forte, de cara grande e alerta. O jovem falou por todos:

-Nós somos bem alimentados, mas com comida estrangeira. Somos bem

tratados. O que sentimos é não saber escrever para as nossas famílias, ou ler o que nos escreveram. Não podemos nem ler nem escrever.

-As cartas podem ser lidas para vocês - disse Clem. -Também poderemos escrever as cartas que quiserem mandar.

O rapaz olhou para os seus camaradas e continuou: - Não sabemos por que motivo estamos aqui. O nosso país está também em guerra?

-De certo modo, sim - respondeu Clem. -Isto é, a China declarou guerra aos alemães.

-Não conhecemos os alemães - disse o rapaz. - Quem são eles?

Clem sentiu-se constrangido. -Nenhum de nós conhece os nossos inimigos. Eu também não conheço um único alemão. Não pensemos neles, mas somente, em melhorar aqui a vossa vida.

Pois como poderia ele, ou qualquer outro, explicar àqueles homens porque havia uma guerra e porque tinham deixado a sua terra e a sua família, a fim de vir cavar trincheiras para homens brancos se ocultarem enquanto matavam outros homens brancos? Quem poderia explicar tais coisas a quem quer que fosse? O Mundo estava cheio de descontentamento e, como os homens se sentiam famintos e temerosos, seguiam um ou outro pequeno condutor, esperando encontrar fartura e paz para si próprios e seus filhos, tal como aqueles homens que tinham resolvido vir de tão longe, não porque acreditassem no que estavam a fazer, mas porque suas famílias, em casa, deviam receber todos os meses algum dinheiro com que comprar comida.

Clem passou a maior parte daquela noite a conversar com os homens, fazendo-lhes perguntas e tomando nota das suas respostas. Nos dias seguintes organizou os seus planos com Yusan, e por fim passou um mês inteiro solicitando, de oficiais que o consideravam louco, o que precisava para levar a cabo tais planos. Mas Clem estava já acostumado a que o julgassem louco e não se importava com o que pensassem a seu respeito, mas guardava toda a sua energia para a consecução dos seus propósitos, de modo que acabavam por ceder para se verem livres dele.

No fim do mês, tinha ajudado Yusan a estabelecer uma escola, onde os homens podiam aprender a ler e escrever, se quisessem, e arranjava dois chineses de Paris para ler as cartas que os homens recebiam de casa e escrever as respostas. Montou também um pequeno armazém, para ser suprido, regularmente, de Paris, com alimentos e doces chineses, e chá. Organizara uma noite de diversões, uma vez por semana, um lugar onde os chineses podiam ouvir a sua própria música, comer as próprias guloseimas, tomar chá juntos e ver peças chinesas. Contratou um cozinheiro chinês, a quem foi concedida licença para vender as suas iguarias. Pôs Yusan à frente de tudo isso, e, no seu primeiro instante de lazer, descobriu que estava saudoso de Henrieta e não mais poderia suportar a sua ausência, embora raramente tivesse pensado nela durante o mês inteiro, da mesma forma que não pensara uma única vez em si próprio.

Despediu-se de Yusan, tomou um navio e chegou a sua casa num domingo de tarde, tão pálido e exausto que Henrieta não conteve uma exclamação ao vê-lo entrar.

Ela estava em casa, como fazia agora, sempre que podia, pois esperava Clem a qualquer momento, embora ele não a tivesse avisado de que estava para

chegar. O desejo que tinha do seu regresso levava-a através dos mares, com tal persistência, que quase adivinhava a hora em que, finalmente, o veria.

-Oh, Clem! -bradou ela, da porta.

-Querida...

Caíram nos braços um do outro. Ele sentiu o robusto corpo de Henrieta e ela ficou alarmada com a magreza dos ombros de Clem, sob o seu abraço.

-Estás quase só com a pele e o osso! - exclamou, com receosa ternura.

-Estarei perfeitamente em forma depois de alguns dias em casa. O estômago fez-me das suas há algumas semanas.

Afastaram-se, ainda de mãos dadas, e ela conduziu-o, fê-lo sentar-se, evitando preocupar-se a seu respeito, coisa que ele não podia suportar.

-Vou preparar chá. Queres um ovo?

- Comería um bife agora - respondeu Clem. Olhou em torno, contemplando a sala com ternura. -Fui um doido em ter partido. Agora que estou de volta, parece-me uma loucura. Mas tinha de ir, e não o lamento. E os negócios?

-Não me fales em negócios! - replicou Henrieta. -Trata de descansar, Clem, estás a ouvir?

-Como! Estás zangada comigo? -Havia espanto no rosto de Clem. Ela jamais o contrariara antes.

Para seu maior espanto, ela começou a chorar! Parada à porta da cozinha, ergueu a ponta do avental e enxugou os olhos. -Naturalmente que não estou zangada-suspirou ela. -Estou apenas assustada! Clem, se alguma coisa te acontecesse..., se tu morresses... eu não saberia o que fazer. Sem ti, aqui, sinto-me aturdida...

-Ora! - murmurou Clem, erguendo-se e abraçando-a de novo. -Eu não vou morrer. Não iria pensar numa coisa dessas.

Henrieta reclinou a cabeça no ombro de Clem e ele ficou a ampará-la em silêncio, amorosamente, sem lhe dizer como realmente se sentia. Sim, não ia morrer, mas sentia-se terrivelmente cansado. A vista e a lembrança daquelas francas e atónitas faces amarelas não o deixavam um só momento. Nem eram tudo. Nos campos da França havia rostos assim, e as mesmas caras estavam ali nos campos de Ohio, nas ruas das aldeias e nos bairros pobres da cidade, não todas francas e algumas longe de ser boas, mas com a mesma confusão e espanto. E, o mais terrível de tudo, é que as havia nos campos de batalha, e mortas de entre os mortos, Não, ele não devia morrer, mas estava suficientemente exausto para morrer. Ninguém sabia o que ele tentava dizer; nem mesmo aqueles a quem desejava salvar o poderiam compreender.

Mas não devia ceder, apesar de tudo. Devia recomeçar onde ficara.

Isso significava, como veio a descobrir nos anos que se seguiram à guerra, uma organização dos seus mercados e a maneira de enfrentar as limitações e leis que aborreciam o seu espírito livre. A guerra travada pela liberdade trouxera com a vitória uma perda de liberdade para todos, e havia vezes em que Clem sentia mais fortemente em si próprio essa perda. Estava tão acostumado a visitar outro país tal como nós visitamos um Estado vizinho: descuidoso de tudo, a não ser do propósito de ir até lá. Passaportes e vistos faziam-no resmungar, e nem mesmo Bump podia abrandar a sua irritação, com o máximo de rapidez ou providências antecipadas. Clem sentia como uma infracção

aos seus direitos não poder resolver de súbito ir à Índia nos meados da semana próxima ou aparecer em Sião para ver como ia a colheita do arroz.

A sua primeira visita à Índia inspirou-se num breve encontro, inteiramente accidental, com um rapaz hindu em Londres, durante a guerra. Haviam-se encontrado no metropolitano, onde estiveram sentados um ao lado do outro durante alguns minutos. Clem começara logo a falar e depois, esquecendo o seu próprio destino, fora com o rapaz hindu até o alojamento deste, próximo da estação. Ram Goshal ficara, a princípio, espantado com aquele magro americano de cabelos amarelos e, por fim, sucumbira à terrível fascinação de Clem, que descobriu que Ram Goshal, embora filho de um riquíssimo indiano, deixara a vida da sociedade para trabalhar por Gandhi, que encontrara poucos anos antes quando Gandhi, astro ascendente, partira da África do Sul para Londres com uma delegação indiana. Ram Goshal voltara com Gandhi a Londres no princípio da guerra e, numa reunião de hindus, Gandhi insistira que não seria honroso reclamar liberdade numa época de provação e atribulações para a Inglaterra. O desinteresse, em tal hora, dizia ele, seria digno e correcto, e calaria mais, no fim de tudo.

Ram Goshal, educado em sensível tradição, fora de novo fascinado pela largueza de espírito de Gandhi. Declarara-se seu discípulo, embora constrangido com a riqueza de seu pai, que estava empenhado na exploração das grandes indústrias modernas na Índia, coisa que Gandhi desaprova:

-Não permita Deus - dizia Gandhi-que a Índia jamais se industrialize à maneira do Ocidente. O imperialismo económico de uma pequena ilha está hoje a escravizar o Mundo. Se toda uma nação de trezentos milhões de habitantes se entregasse a tal exploração económica, arrasaria a Terra como uma nuvem de gafanhotos.

Clem, no entanto, não concordava inteiramente com Gandhi, pelo que lhe citava Ram Goshal.

-Nós não nos podemos livrar de uma coisa simplesmente declarando-nos contra - dizia Clem ao moço indiano. -O industrialismo, claro, temos de aprender a utilizá-lo. Não podemos voltar ao primeiro século só porque o século xx não nos agrada.

Ram Goshal pedira a Clem que fosse à Índia.,-Você há-de compreender a Índia - dizia ele, com os negros e grandes olhos húmidos de admiração. -Você é como nós. Você é um místico prático. -Depois aqueles profundos olhos, obsediados com a imensa História de seu povo, cintilaram maliciosamente: - Não se lembra do que Lord Rosebery dizia de Cromwell?

-Não sou um homem ilustrado - respondeu Clem, apagando-se humildemente diante daquele jovem intelectual do Oriente.

-Ele dizia que Cromwell era um místico prático, a mais formidável e terrível de todas as combinações. Eis o que você é, também. Por isso lhe peço que vá à minha terra observar com os seus próprios olhos a minha gente faminta.

Clem não podia resistir a tal calor, a tal veemência, nem à beleza morena daquela face indiana, e prometeu ir o mais cedo possível depois da guerra.

Resolveu subitamente, num dia de janeiro, descansar alguns meses das constantes perseguições dos seus rivais da cadeia de mercearias, sendo a isso levado por uma carta de Ram Goshal, agora na Índia. Gandhi estava então no

auge da campanha de não-cooperação e Ram Goshal sentia-se um tanto preocupado. Seu pai discordava de Gandhi e, se Ram não fosse o seu único filho, certamente o teria deserdado.

Clem leu pensativamente a carta e estendeu-a a Henrieta.

-Será preferível ir ver por mim próprio se os ingleses pretendem fazer algo de melhor quanto à alimentação do povo indiano. Se não pretendem, creio que Gandhi está com a razão. Mas quero certificar-me a respeito dos ingleses.

-Naturalmente, Clem - disse Henrieta. Suspeitava que Clem, ignorava ela se conscientemente ou não, estava assim a adiar uma decisão que Bump e os dois jovens advogados instavam para que ele a tomasse. Para que Clem pudesse anular o propósito das mercearias organizadas de o pôr fora dos negócios, achavam que deviam eles organizar-se em Mercados Consolidados, Inc. Clem, apesar do conselho dos três rapazes, ainda se negava a isso. Desejava que a maioria dos seus mercados fosse móvel, com os seus empregados prontos a ir aonde quer que houvesse excesso de gêneros. Vastas construções e pessoal estabilizado não lhe interessavam... Não queria um nome. O seu negócio consistia simplesmente em juntar alimento e fornecê-lo ao povo necessitado. Quando a necessidade passasse, o suprimento cessaria.

Enquanto Clem assim pensava, reparou que Henrieta o olhava com súbito carinho.

-Que há, Clem?

-Essa única palavra que disseste...

-Como?

- disseste: «naturalmente». É o que sempre dizes das minhas intenções... És uma maravilhosa esposa!

Tão raramente proferia palavras de carinho que os olhos dela se marejaram de lágrimas. -É o que penso, querido.

-Eu sei. -Ele inclinou-se e beijou-lhe os cabelos. E assim começou a jornada da Índia.

Em Bombaim, foram directamente a casa de Ram Goshal, um belo palácio nos arredores da cidade, além das Torres do Silêncio. O pai de Ram Goshal era gordo, atarracado, astuto, não dando a Clem oportunidade de falar, obrigando-o cinicamente a ouvir.

-Eu não me oponho à liberdade, compreenda, Mr. Miller. Os americanos, bem sei, amam muito a liberdade. Mas os ingleses não me oprimiram. Digo ao meu filho que é cinicamente por causa dos ingleses que somos tão prósperos. Gandhi não prospera tanto com eles, mas nós não somos Gandhi. Não há razão para militarmos no seu campo.

Ram Goshal, muito filial para discutir com o pai, conservava-se sentado, em mísero silêncio, aguardando a sua oportunidade para a noite, quando manteria Clem desperto durante horas. Isso, combinado com as comidas indianas, pôs fim à visita. Todo o polido acolhimento e o empenho do pai e do filho em ganhar a América para o seu lado, nada foi capaz de mitigar a indigestibilidade da cozinha indiana. O estômago delicado de Clem revoltava-se com o caril, a pimenta e as massas fritas. Na Inglaterra, rejeitara os grandes assados e os suculentos bifes, as verduras, e as batatas cozidas, e agora na Índia rejeitava os pratos preparados

com coco, as ervilhas quentes apimentadas e todas as variedades de comida com excesso de condimentos.

A comida indiana fazia-lhe mal e Henrieta levou-o para um hotel inglês, onde jejuou durante três dias, tomando depois chá e ovos quentes mal passados, assistido por Ram Goshal, que o fora visitar.

Clem sorriu o seu pálido e infantil sorriso. -Quem sou eu para falar ao povo em alimentação, Ram Goshal? Tenho de viver de papas.

-Você é como Gandhi - respondeu Ram Goshal. -Você usa o seu corpo apenas como um frágil abrigo, uma simples habitação, enquanto o espírito trabalha.

Clem era demasiado americano para aquele entusiasmo indiano. -Creio que sou apenas um homem de senso comum - respondeu ele. -E, na verdade, sinto muito ter o estômago fraco.

Logo que se sentiu bem, resolveu deixar Bombaim e, despedindo-se de Ram Goshal, viajou durante semanas pelo país com Henrieta, a fim de observar o passado do povo. Era impossível viajarem sòzinhos, e foram obrigados a contratar um guia, um criado que velava por eles, um escuro muçulmano chamado Wadi, que os induzia a ver os muçulmanos e evitar os hindus, até que Clem descobriu o que estava acontecendo. Depois disso, para um Wadi carrancudo, decretava a jornada de cada dia, sem mais atender aos seus livros e mapas. Ia às aldeias e examinava o que o povo cozinhava nas suas panelas e o que plantava nas suas hortas. Cada vez ficava mais deprimido com o que descobria. Logo que tinham deixado a região costeira, parecia não haver mais do que infundáveis desertos.

-A terra é pobre. Não sei o que querem dizer esses livros quando afirmam que a gente é pobre, mas que a terra é rica. Não vejo nenhuma terra rica.

Dirigiu-se, finalmente, para Nova Delhi, levado por crescente indignação e resolvido a enfrentar os governadores do império no seu covil. As pedregosas colinas que via pelas janelas do comboio, as moitas esparsas, o solo seco, as pálidas manchas de cultivo aumentavam a sua cólera, de modo que, quando chegou à monumental capital do império, estava, dizia ele, «pronto para ser atado».

Mas, em justiça, era obrigado a admitir que não só o império podia ser culpado pelo povo faminto e o gado esquelético. Quem quer que governasse a Índia, continuaria o Sol a dardejar implacavelmente sobre a terra enegrecida. Era Inverno em Ohio, estação que significava neve sobre planícies e colinas; e, em Nova York, as luzes brilhavam por detrás de vidraças enevoadas e havia neve nas ruas e mulheres de faces róseas nas portas apinhadas dos teatros. Na Índia significava a lenta ascensão de um tórrido calor, que deixava a terra seca. Magros animais vagueavam, sonhando com pastagens, e magras mãos humanas ocupavam-se, com a terra seca e uma tigela de água, em fazer barro para modelar mais tigelas vazias, que seriam quebradas depois de tocadas pelos lábios dos impuros.

-Alguns poços aqui e ali - dizia Clem a Henrieta, sentindo a pele tão seca como a de qualquer indiano-e este deserto poderia ser cultivado.

Mas os poços não eram abertos, e quem poderia censurar os homens por não abrirem poços, quando, sob o Sol ardente, uma folha morta se crispava, se

carbonizava nas extremidades e se enrugava toda como a mão de um cadáver de criança?

Na capital, Clem, pura flama de zelo, penetrou nos umbrais de mármore do império e pediu para ver o Vice-Rei. Um americano milionário pode ver até mesmo o rei e, assim, foi ele recebido, marchando impassivelmente entre fileiras de subalternos de turbante. Um velho rosto indiano, de expressão velhaca e obsequiosa, assomou de sob uma multicolorida pilha de tafetá.

-Sou Sir Girga... Muito honrado, Sir, erra conduzi-lo a Sua Excelência o Vice-Rei.

O homem da cara velhaca, com o seu tronco empertigada, contrastando com um par de pernas vacilantes, introduziu-o numa vasta sala onde se encontrava A Presença e deixou-o defronte de uma fria e cautelosa face britânica.

Clem, não sabendo o que fazer de melhor, sentou-se numa cadeira a conveniente distância e começou a falar ao governador da maneira como os súbditos podiam e deviam ser alimentados.

-A irrigação é o principal - disse ele com a sua anasalada voz americana. Sentia um terrível calor e desejava poder tirar o casaco, mas continuou. -Sei que o índice de água na Índia é alto: basta cavar vinte pés e haverá água... e às vezes apenas dez ou doze pés. Pelos meus cálculos, que fiz cuidadosamente sobre dados concretos, a Índia poderia alimentar-se com facilidade e até mesmo exportar géneros alimentícios.

O Vice-Rei, imaculado no seu branco tussor confeccionado em Londres, baixou os olhos para ele como para um verme.

-O senhor não compreende os nossos problemas - observou ele, com suave sotaque oxfordiano. -Mais alimento significaria simplesmente mais gente. Eles multiplicam-se, Mr. Miller. Parou a fim de olhar para um cartão que Sir Girga erguia atenciosamente ao alcance da sua vista-....

-Quer dizer que a política do seu governo é conservar o povo faminto? - interrogou Clem.

-Devemos encarar as coisas como são- - replicou o Vice-Rei.

Na Inglaterra, reflectiu Clem, aquilo devia ser um bom tipo. O seu rosto não era cruel: apenas vazio. Tudo teria de se esvaziar do coração de um homem, se ele se sentasse naquele vácuo. Clem olhou para a enorme sala, toda ornamentada de ouro, numa grande variedade de decorações.

-Compreendo o seu ponto de vista - disse, após uma longa pausa. E, depois de novo silêncio, acrescentou abruptamente -Mas não concordo com ele.

-Ah! Sim? -Havia um tom de sarcasmo na voz do outro. Mas Clem nunca notava os sarcasmos. E prosseguiu:

-Nunca procuramos alimentar o Mundo. Nem sequer calculamos quanta carne produz um porco, não é verdade? Cada barrigada vai produzindo leitões até não sabermos o que fazer com tudo aquilo. Na América, é certo que lançamos fora montanhas de bom alimento, além de comermos demais. Os senhores, ingleses, comem demais, também, na minha opinião... Todas aquelas carnes!

A face continuava vazia e, olhando para ela, Clem disse: --A América é o mais culpado de todos os países, em matéria de desperdício.

-O senhor bem o deve saber - disse a face.

Depois de meia hora sem diálogo, Clem despediu-se. Seguiu atrás do trôpego Sir Girga, que o conduziu através da floresta de lacaio, até ao portão principal, onde estava à sua espera um absurdo veículo indiano chamado tonga, para irrisão do principesco porteiro.

Voltou ao hotel, num de cujos quartos Henrieta o aguardava, abanando-se. -Iremos até Java antes de regressar - disse-lhe Clem. -Era o que eu pensava. Eles não se interessam com a alimentação do povo.

Em Java, ficou entusiasmado à vista de uma terra tão rica que, enquanto num campo se semeava arroz, no outro procedia-se à colheita. Homens carregavam às costas feixes de arroz, cujas pesadas cabeças pendiam para o chão numa franja de ouro. Os holandeses eram mais que delicados para com um milionário americano e mostravam-lhe tudo, presumivelmente, e em toda a parte ele via, ou lhe mostravam, um povo satisfeito e bem alimentado. Foi apenas acidentalmente que descobriu que havia um partido pró-independência. Uma noite em que passeava sozinho, como nenhum estrangeiro faria num império bem ordenado, meteram-lhe um papel na mão. Ao voltar para o hotel viu à luz de um candeeiro que era um bilhete garatujado em inglês, dizendo que devia visitar as prisões. Isso, naturalmente, não lhe era permitido.

Foi uma boa experiência para Clem. Ficou alguns dias a reflectir sobre a viagem de regresso. Henrieta estava à espera do que ele diria no final das suas cogitações, o que se deu em poucas palavras, como de costume, numa noite em que passavam pelo cais.

-Ainda temos liberdade na América - disse ele. -Vou lá examinar de novo a situação e ver se Bump e os camaradas legistas tem razão. Se for preciso organizar-me, assim o farei, mas de modo a não serpeado por leis e formalidades. Organizarei tudo no sentido de mais liberdade, compreendes?

-Creio que é essa a ideia de Bump - disse Henrieta.

Clem discordou. -Não, as ideias que Bump e eu formamos da independência não são a mesma coisa. Ele é como aqueles advogados... ele quer leis como cacetes, compreendes? Cacetes para obrigar os outros a fazer o que a gente quer! Mas a minha ideia é usar as leis para conservar a minha liberdade de fazer o que quero. Não quero interferir na vida dos outros, ou alijá-los dos negócios.

Havia uma diferença, como bem via Henrieta, uma grande e fundamental diferença. Clem era um não-competidor num mundo de competição. Era bastante estranho pensar que fora preciso a Índia para mostrar a Clem o valor da lei no seu próprio país, mas assim tinha sido e, quando chegaram à América, Clem mergulhou nessa nova fase da sua existência. Beltham e Black recorreram a uma firma mais antiga de advogados como consultores, e Bump francamente colocou-se ao lado dos quatro advogados. Contra eles todos, Clem entrincheirava-se atrás da sua velha mesa de pinho que ainda lhe servia de secretária.

-O que você quer é impossível, Clem! -gritou Bump afinal. Estava exausto. Os advogados mostravam-se irritados com a teimosia do seu consulente. Eram também os dias em que Frieda esperava o terceiro filho e ela sentia saudades da Alemanha, de modo que Bump não tinha paz em casa, tão-pouco.

Clem ergueu a cabeça e olhou para todos eles. Estava branco como um

defunto e com a pele em cima dos ossos, mas os seus olhos eram de azul eléctrico.

-Impossível? -A sua voz era aguda e tensa como uma corda de violino. - Como, Bump? Você não me conhece ainda depois de todos estes anos? Você não me pode dizer essa palavra.

IX

os prósperos anos que se seguiram à Primeira Guerra Mundial, William progrediu excepcionalmente. Os seus jornais eram os mais populares dos Estados Unidos e tinham várias edições estrangeiras. Os velhos escritórios estavam de há muito abandonados e possuía agora um monumental edifício em East River.

Ainda não estava satisfeito. Desejava que o seu país fosse o maior do Mundo, não sòmente em palavras, imaginação e orgulho nacional, mas em factos. Via navios americanos em todos os mares, e jornais americanos, os seus jornais, em todos os países, firmas americanas nas ruas comerciais e, antes de tudo,, igrejas e escolas americanas por toda a parte.

Esse era o motor que accionava a organizada energia da sua vida. Dava grandes somas a missões americanas no estrangeiro, sempre em memória de seu pai. Fundou uma escola na China, conhecida como a Lane Memorial University, embora se recusasse firmemente a encontrar-se frente a frente com os missionários cujos salários pagava. Tinha para isso uma organização, a Fundação Lane. Nunca voltara à China, embora às vezes sonhasse à noite com Pequim, especialmente quando estava cansado, uns ingénuos sonhos de pequenas habitações entre muros, notas de alaúde, Sol dardejante sobre uma rua adormecida. Lembranças que ele havia esquecido, subiam à noite ao seu espírito exaurido pelo dia de trabalho. Não lhes dava, porém, atenção.

Aquela era a época em que tudo poderia ser feito na América. Mas ele não fazia tudo o que sonhava fazer. A gente comum, como ele dizia, significando as pessoas ordinárias que iam e vinham pelas ruas, a pé, de ómnibus ou de «eléctrico», os que andavam debaixo do solo em comboios subterrâneos, e os que viviam em granjas e aldeias e medíocres cidades, todos aqueles que compravam os seus jornais tão infalivelmente como compravam o pão de cada dia no armazém da esquina, esses não tinham importância suficiente para governar, nem mesmo com um sim ou um não, o possível país oculto que ele agora percebia atrás da fachada da América actual. Tinha pensado, quando sonhava, na Universidade, com vastos tentáculos jornalísticos que, se tivesse sob a sua influência essa gente comum, poderia guiar o país. Nunca usava a palavra «controlar», que na verdade francamente lhe aborrecia. Mas guiar era uma boa palavra, que lembrava a guia de Deus, com que, após a morte de seu pai, ele continuamente sonhava, como uma coisa ligada ao Poder e ao dinheiro. Os homens comuns eram fracos e apáticos. Não escutavam ninguém. Agora que as redes radiofónicas começavam a estender-se pelo país, os seus jornais já não podiam visar a exclusividade. Isso aborrecia-o soberanamente. A Imprensa tinha um rival. Pensou em fazer os seus jornais quase inteiramente ilustrados, de modo que fosse desnecessária a leitura, e depois rejeitou a ideia. As figuras não podiam evitar que o homem comum escutasse o rádio, que também não requeria leitura. Devia monopolizar não só os olhos, mas também os ouvidos, e começou a estudar um

meio de o conseguir.

Em tudo isso, Candace de nada lhe servia. Tornara-se indiferente às terríveis responsabilidades que ele assumia como seu dever e chegara um dia a discutir com a sogra. Nunca pudera descobrir, por intermédio da esposa ou de sua mãe, o que havia acontecido, a não ser que ele próprio fora a causa da desinteligência entre ambas. Candace limitou-se a rir quando ele insistira em pormenores.

-Tua mãe viveu muito tempo em Pequim - foi só o que ela disse.

Sua mãe fora um pouco mais longe. -Sinto muito dizer-te, William, mas Candace não te aprecia como uma esposa o deveria fazer. Se ela compreende ou não a maravilhosa obra que estás fazendo, isso não vem ao caso. Eu nem sempre compreendia o teu querido pai e podia até não simpatizar muitas vezes com as suas ideias ou com o que ele fazia, mas sempre o apreciei.

Candace tornara-se alheia e negligente naqueles anos de após-guerra, a ponto de anunciar em qualquer domingo de manhã que ia à praia com os meninos em vez de os mandar à igreja. Que o próprio William não fosse à igreja, isso nada tinha que ver com os seus filhos, os quais ele achava que deveriam receber alguma instrução religiosa. Na verdade, ele próprio, desde a morte de seu pai, sentira necessidade de reencontrar Deus, mas não podia voltar às debilidades do seu antigo pastor. Desejava uma fé mais firme, uma igreja mais forte, e vezes havia em que pensava no Catolicismo. Isso, no entanto, nada tinha que ver com Candace e os dois garotos. A praia era outro dos caprichos da mulher, embora houvesse comprado com a maior boa vontade uma milha de litoral no Maine. Ela declarara que desejava apenas um barracão, ao que ele simplesmente respondera que as coisas deviam ser bem-feitas, ainda que no Verão só pudesse passar na praia um ou dois dias por semana. Contratara um jovem arquitecto que projectara uma extraordinária casa no alto de um penhasco cinzento, e uma espécie de escada giratória que conduzia até ao mar e a uma grande «cabana». Afinal, era uma coisa eficiente, de que se sentia orgulhoso.

Tinha agora de reconhecer que Candace nunca significara muito para ele, e há anos que não necessitava de Roger Cameron. Quando Mrs. Cameron falecera no ano passado, o velho Roger dissera a William que desejava vender as suas acções nos jornais.

-Os dividendos estão a subir - informara William.

-Por isso mesmo é que os quero vender - replicara Roger.

Isso parecia um contra-senso, mas William não replicou porque se sentia vagamente ofendido. O seu orgulho revoltou-se e enviou um memorando a todos os seus agentes, dizendo que desejava comprar todas as acções, de modo a tornar-se o único proprietário. Quando vieram os relatórios, viu o nome de Seth James. Seth financiava agora um novo diário, que William logo viu que estava destinado a um malogro. Seth deveria conhecer melhor o assunto, dissera ele consigo, enquanto examinava complacentemente as primeiras edições. «O jornal com um objectivo», anunciava tolamente Seth. Naturalmente o povo não o compraria. O povo não queria que lhe indicassem um objectivo. O povo queria divertir-se. O próprio William nunca se divertia. Era tarefa de Jeremias escolher as fotografias que faziam o povo rir. O macabro era igualmente tão bom como o ridículo, e de coisas macabras William entendia. Um assassínio hábilmente des-

Mas tal era a consciência de William desde a morte do pai que não permitia que nenhuma edição de um jornal fosse entregue ao público sem a sua quota de religião. Acreditava verdadeiramente em Deus. O seu próprio ser, organizado com uma finalidade, convencia-o da existência de Deus, e os seus jornais traziam fotografias de igrejas e ministros, padres e freiras. William não possuía um critério estreito. O povo adorava Deus de muitas maneiras, embora rejeitasse todas as doutrinas não cristãs. Discordava de Estey, seu novo assistente, quanto a uma fotografia do Lama. Como novidade, sim, mas não como religião. E o povo na próxima semana viria a benigna face do Lama aparecer lado a lado com a esposa do Presidente numa festa de Páscoa.

«Nos meios cultos indianos há queixas de que a Inglaterra não dá mostras de querer cumprir as promessas de independência feitas aos políticos indianos durante a guerra. Murmura-se que na próxima guerra os hindus aproveitarão a oportunidade para se rebelar».

A América era jovem. Depois de passado aquele doido e negligente período do pós-guerra, os americanos compenetrar-se-iam do seu destino. Nos seus editoriais, não deixava de lhes relembrar hábilmente esse destino. Despertava-lhes o orgulho com fotografias das maiores fábricas do Mundo, das maiores aeronaves, dos mais rápidos comboios. Aborrecia-lhe que o exército e a marinha da América não fossem mais impressionantes. Quando a marinha resolvia fazer manobras nalguma parte do Mundo, William mandava com eles uma equipa de fotógrafos. Um belo mar, bandeiras drapejantes e filas de homens de brim branco sempre davam maravilhosas fotografias.

O povo ainda estava de ânimo divertido. Naquela esplêndida tarde de

Outono, nem ele próprio se sentia com espírito crítico. Os tempos eram bons e o povo tinha dinheiro para gastar. Ele próprio se divertia se pudesse, mas não achava prazer em nenhuma das habituais diversões. Em Chefoo aprendera a jogar ténis de bela maneira, cheia de golpes e ciladas, com astúcia e rudeza, mas raramente jogava ténis. O descuidado jogo com Candace em Crest House, sua residência em Long Island Sound, ou nos fins de semana com Jeremias, que nem mesmo no desporto se recusava a ser adversário de qualquer homem, nada disso divertia o seu espírito. Gostava de um adversário, e com um adversário no ténis estava mais perto do divertimento, do prazer, da relaxação talvez, do que em qualquer outro desporto, quando ocasionalmente encontrava um adversário que se lhe iguallasse.

Estava sentado à sua mesa circular, com os punhos cerrados sobre a mesma, pensando. Tivera tudo na vida, excepto companhia humana. Sentia-se distante de todas as criaturas humanas, até de Candace e de seus filhos, e indubitavelmente de sua mãe e irmãs. Não tinha ninguém perto de si, fosse homem ou mulher. Jeremias de há muito tomara posição como um cunhado estouvado e irónico que sabia que não poderia ser despedido, sob pena de causar um escândalo na firma. Mas Jeremias tinha um faro especial para imprimir aos jornais um humorismo que ninguém poderia suprir; William, porque não sabia como, e o resto do pessoal, porque tinha medo dele. William pensava às vezes com certo pesar que Jeremias poderia ter sido seu amigo, mas Jeremias não o queria ser. Talvez não pudesse compreender ou avaliar as coisas pelas quais William vivia. Os Camerons eram todos uns estouvados. O velho Roger actualmente era tão jovial como um antigo caixeiro-viajante e Candace tornara-se complacente e descuidosa da sua compostura. Ria de tudo quanto Jeremias dizia quando as famílias se achavam reunidas e nem mesmo Ruth podia fazer-lhe ver o que era dignidade. William sabia que Ruth estaria sempre do seu lado, mas às vezes ele perguntava a si próprio se ela também não ria na sua ausência. Em suma, não tinha ninguém consigo. Os seus próprios filhos não lhe interessavam. Era solitário como um rei.

E, como um rei, reflectia ele, não poderia estender a mão a ninguém sem que fosse mal interpretado. Era-lhe impossível o gesto de comum amizade. Se estendia a mão, devia ser para um fim que ainda não era claro para ele. Desconfiava que não havia mulher no Mundo que lhe servisse de verdadeira companhia. Para ele, somente a sua solidão era verdadeira e profunda.

Em tal estado de espírito, saiu mais cedo do escritório e entrou no automóvel que o esperava. O motorista ficou surpreendido e contente ao vê-lo. Sem dúvida o homem tinha família e tencionava voltar cedo para casa. William, contudo, nada lhe perguntou. Apenas fez o seu brusco cumprimento de cabeça e disse: «Directamente para Crest Hill». Desejava ir para casa e ver o seu lar e sua esposa. Não havia nenhuma razão para que, tendo conseguido tudo o que ambicionava, não tivesse uma satisfação pessoal. Parecia pouca coisa, mas, sem isso, naquela esplêndida tarde de Outono, nada do que ele tinha era o que poderia ser.

Em Crest Hill, Candace passara um belo e preguiçoso dia. Era o que ela chamava um dia de graça, e de que havia tão poucos em cada estação. Assim,

embora as folhas houvessem caído e a primeira geada matado as flores, embora os seus casacos de pele houvessem sido retirados do guarda-fato, o dia era tão quente como os melhores dias de junho, e ela não tinha feito absolutamente nada. O tanque de natação fora esvaziado e limpo, mas ela mandara enchê-lo de novo e lá passara a manhã, dentro ou fora da piscina, inteiramente sózinha e satisfeita. Sentia falta das crianças, mas elas tinham ido para a escola e, quanto a William, aprendera a não lhe sentir a falta, onde quer que ele estivesse. A grande casa estava desacostumadamente alegre, com as portas e janelas abertas, e os vasos sobre as mesas estavam cheios de rosas. As suas roseiras estavam abrigadas nas estufas, tendo assim escapado às geadas. Ela era a mais preguiçosa das mulheres e desfrutava a sua preguiça. Um momento ao telefone poderia trazer para a sua companhia uns cem amigos, homens e mulheres dispostos a compartilhar do seu pendor para o divertimento, mas Candace raramente os chamava. Preferia estar com Ruth e Jeremias e suas filhas, e só detestava, em todo o Mundo, a sua sogra. A seu pai dedicava uma afeição e admiração sinceras e as suas visitas eram sempre bem vindas, mas nunca o chamava. Não chamava ninguém, pois bastava-se a si própria. O casamento com William não fora nenhum romance, mas também ela não queria romance. E vivera sem isso.

Não estava preparada para a chegada antecipada de William. Às cinco horas, tencionava deixar o ensolarado pátio que circundava a piscina, iria para o quarto secar os cabelos e poria um vestido leve por cima da combinação. Nunca usava de bom grado cinta ou colete, ou qualquer das peças que as mulheres usam para se adelgaçar. Não sabia como se arranjaría se fosse gorda, uma vez que não era realmente gorda. Herdara do velho Roger a elegância, de modo que até a sua falta de cuidado apenas conseguira que ela ficasse graciosamente roliça.

Às cinco horas, William entrou no vasto vestíbulo da sua casa e perguntou ao criado que lhe tomara o chapéu e a bengala onde poderia encontrar Mrs. Lane.

-A senhora está no pátio, senhor - respondeu o criado.

William avançou pelo vestíbulo que dividia a grande casa e parou entre as portas abertas. Candace vinha saindo da piscina. A sua pele loira, que o Sol tornara de um ouro pálido, era bastante bonita em contraste com o verde do fato de banho que ela vestia. Era um agradável espectáculo para qualquer marido, e William sentiu-se vagamente irritado por que uma mulher com o aspecto de Candace não lhe proporcionasse a companhia de que necessitava. Por exemplo: que poderiam eles fazer juntos, agora? Ela jogava ténis distraidamente, e não podia manter o espírito atento durante uma partida de bridge. Ela gostava de andar a cavalo e montava bem, mas não existia companhia para tal passatempo. Ele preferia cavalgar sozinho, pela manhã, antes do pequeno almoço.

-Como, William! - exclamou Candace. -Aconteceu alguma coisa?

-Claro que não - replicou ele. -Porque pensas assim? -Vieste tão cedo para casa...

-Fazia muito calor na cidade.

-Vem para a piscina.

-Não, obrigado.

William não gostava de nadar, nem na piscina, nem na praia. Nadava bem, pois assim aprendera na escola inglesa. O seu ódio à água vinha do dia em que

um enérgico mestre de natação inglês o arremassara às águas chinesas para o obrigar a nadar por si próprio.

-Então vou vestir-me - disse Candace, e começou a escorrer a água do cabelo.

-Não te incomodes - disse William. -Vou mudar de roupa. -Voltarás aqui?

-Se quiseres...

-Claro que quero.

Ela mergulhou de novo e ele dirigiu-se lentamente para os seus aposentos. O criado adivinhara a sua necessidade e estendera sobre o leito um fresco traje de tussor, que retirara de onde se achava guardado, para aquele calor fora da estação. William tomou um banho de chuveiro e barbeou-se, pois o calor sempre lhe fazia crescer mais depressa a sua barba negra. Depois vestiu-se e desceu, procurando inquietamente pensar nalguma coisa que lhe pudesse dar prazer. Candace estava ainda na piscina, mas um criado trouxera longos copos de qualquer bebida e pusera-os sobre uma mesa, debaixo de um guarda-sol.

Ele suspirou e reclinou-se numa confortável cadeira. Candace viu-o, nadou lentamente até a borda e saiu da piscina. Espremeu de novo a água do cabelo, enrolou-o em volta da cabeça e cobriu-se com uma grande toalha de banho inglesa. William não achava as toalhas de banho americanas suficientemente grandes para o seu gosto, nem gostava de toalhas coloridas. A undécima Miss Smith encomendara certa vez, de Londres, seis dúzias de enormes toalhas de banho inglesas e mandara-as à Irlanda, para que lhes fizessem os monogramas. Candace tinha toalhas diferentes daquelas, verdes e cor de morango, que guardava no seu próprio quarto de banho. Em público, contudo-isto é, diante de William-abrigava-se numa das toalhas inglesas.

-Vou vestir alguma coisa e já volto - disse-lhe ela. William parecia imprevisivelmente belo naquele momento e ela inclinou-se impulsivamente para o beijar. O cabelo negro de William começava a rarear levemente no alto da cabeça, um lugar que ela quase nunca via.

-William, estás a ficar calvo!

Era uma trivial observação doméstica, mas inadequada, notou ela, no próprio instante em que a dizia. William não deu resposta; cerrou o sobrecenho e apertou a boca.

-Não quer dizer que apareça - apressou-se ela em acrescentar.

-Deve aparecer, senão não terias visto - replicou William.

-Ora, vamos! - exclamou Candace, rindo, e retirou-se.

Essa descuidada observação tombou sobre ele como uma frecha. Fê-lo lembrar-se de que estava na meia-idade. Se quisesse aproveitar alguma coisa da vida, tinha de ser agora. A decisão acumulava-se nele. Ainda bem que reconhecia o processo. Um gotejar, uma leve corrente e logo um monstruoso rio que ia dar numa súbita e irrevogável decisão.

Divorciar-se-ia de Candace, se necessário fosse, para conseguir uma companhia antes de morrer. Encontraria em alguma parte do Mundo a mulher de que precisava.

Estirado ao suave calor do Sol que declinava, sentiu relaxar-se-lhe de súbito a sua profunda e habitual tensão. Tinha tomado uma resolução que, embora brutal, era justa e, portanto, irrevogável. Todas as suas grandes decisões

tinham vindo repentinamente depois de longos períodos de indecisa inquietação. Quando descobria o que devia fazer, era como se saísse de um túnel para a luz. Fechou os olhos e sorveu a sua bebida gelada. Não era uma simples criatura física como acreditava que fosse a maioria dos americanos. Não se interessava por sujas conversas de colegiais, e aborreciam-no as piadas sobre o sexo. Alguma coisa que trazia do berço e da infância, a profunda maturidade dos chineses, talvez, ou a intolerável sabedoria da Inglaterra, tinham-no envelhecido desde a mocidade.

Quando pensou na Inglaterra, sentiu uma estranha nostalgia. Não queria voltar para a China, mas a Inglaterra devia dar-lhe o repouso de que necessitava. Somente na Inglaterra, ainda que por umas poucas semanas, sem nada planeado, mas disposto a tudo que lhe pudesse ocorrer, poderia ele curar-se, ou ser curado, da sua inquietação espiritual. A paz que ultrapassava o entendimento, de que tantas vezes lhe falava o pai, ainda a podia conseguir.

Mas precisava de estar só. Sentia agora que o simples facto de estar só haveria de lhe trazer alguma paz. Pensou no seu escritório e no calmo apartamento contíguo, e sentiu-se ansioso por estar lá, onde não precisava de falar com Candace, nem vê-la. Ergueu-se e entrou na casa, onde encontrou Candace, que vinha descendo a escada, num vaporoso vestido de «chiffon» verde.

-Tenho de voltar para a cidade - disse ele bruscamente.

-Oh!... Sinto muito...

Ela falava com sinceridade, mas sem petulância. Depois de todos aqueles anos, estava acostumada às súbitas decisões de William. Esperaria que ele se fosse embora e depois telefonaria para Jeremias. Se Jeremias e Ruth estivessem em casa, iria até lá jantar com eles. A mãe de William lá estava, mas, naquela tarde celestial, ela poderia suportar tal coisa. A casa de Jeremias ficava junto ao estreito, com os seus relvados em declive para o Sound, e, à noite, a Lua deveria estar belíssima sobre as águas.

-Vais voltar tarde, William?

-Não sei. Não precisas de esperar por mim, naturalmente. -Se eu não estiver aqui, estarei em casa de Jeremias. Também não precisas de esperar por mim.

Ela pôs as mãos nos ombros de William e aconchegou-se a ele. Ele não correspondeu à pressão. Bem, seu pai tinha dito que bastava amar! Ela assim fazia.

William não poderia explicar a ninguém o seu impulso para a Inglaterra naquela hora da sua vida. Várias vezes estivera na Inglaterra nos últimos anos, mas apenas por pouco tempo e em negócios. Agora desejava um período indefinido, que poderia ser curto ou longo. Achava que isso dependia de como se sentisse. Sabia que realmente ia numa busca, uma busca romântica, absurda se propalada, e que portanto não poderia ser divulgada. A sua vida real sempre tinha sido secreta. Agora sentia a necessidade de se confiar. Vaga necessidade, vago anseio, o desejo que se tem, na meia-idade, de viver antes de morrer, a sede de aprender como gozar a vida antes de perder a capacidade para isso, tais eram as suas razões particulares, que não podiam ser compartilhadas.

Ficou em Londres alguns dias, ostensivamente para algumas conferências de negócios. Brincou com a ideia de fundar um escritório unicamente inglês para a publicação de um jornal puramente inglês e, nesse propósito, encontrou-se num fim de semana com Lord Northcliffe e reconheceu francamente a sua dívida para com o mestre jornalista.

-Vi um dos seus jornais na sala de leitura em Harvard, milorde, e nesse mesmo dia comecei a orientar a minha vida em torno de um jornal como aquele.

-Ah! Sim? - disse o atarracado lorde sem surpresa. -Nós dois temos algo de comum, não lhe parece? O triunfo nas classes médias, hem? Seu pai tinha alguma coisa de esquisito, pelo que me lembro... o meu também...

William preferiu não responder. Lembrava-se de que aquele baronete colocara uma vez na cabeça um chapéu usado e dissera, sem vaidade: «Assenta-me bem, palavra!» Desde então gastara parte da sua rápida riqueza em fantasias como explorações polares, deslumbrara os seus bulhentos patrícios com trepidantes automóveis, estabelecera prêmios para modelos de aeroplanos e experiencias de voo, e agora conclamava os seus compatriotas a prepararem-se contra os perigos de uma renascente Alemanha.

Havia algo naquele lorde plebeu que desagradava a William. Separaram-se sem ter ficado amigos, o inglês sentindo com espanto que William era o que ele nunca tinha visto antes, um americano snob e William sentindo que a Inglaterra era melhor do que aquele inglês pensava e que ele era um tanto grosseiro. Se houvesse encontrado Alfred Harmsworth na escola, teria lutado com ele e facilmente o bateria. Mais tarde, naquela semana, assistiu às homenagens de um idoso Herbert Wells, recusando-se, contudo, a participar dos absurdos jogos apresentados em sua intenção. Permaneceu indiferente até diante das fulgurantes imagens e a incessante irradiação das fixas embora fluídas opiniões do seu hospedeiro.

Depois de ter passado três ou quatro semanas como um tranquilo hóspede, discretamente americano em casas de campo inglesas, William encontrou-se com um jovem por quem se sentiu extraordinariamente atraído. Não podia descortinar o que constituía a singular força dessa atracção, até que descobriu no jovem uma alegre semelhança com o herói da sua juventude na escola de Chefoo, o filho do embaixador britânico. O jovem chamava-se Michael Culver-Hulme, nome bastante antigo na História da Inglaterra e com muitas ramificações. Na tranquilidade de uma tarde de domingo, antes do chá em Blakesbury House, a que William fora convidado por Lord Saynes, o qual ouvira falar na sua riqueza e poder, foi quando encontrou Michael.

Culver-Hulme, primo remoto de Saynes, solicitara francamente uma oportunidade de se encontrar com o americano de quem todos tinham ouvido falar e quase ninguém tinha visto. Lord Saynes rira:

-Porque queres encontrar-te com esse americano?

-Deu-me a fantasia de o conhecer, nada mais - replicou Michael. -Meu tio, o irmão de minha mãe, foi seu colega na escola. Contou-me umas histórias estapafúrdias. Sente-se agora muito orgulhoso de ter sido seu colega, embora naquela época todos fizessem troça de Lane. Parece que costumava vagar sozinho pelos pátios da escola, como um silencioso e altivo Hamlet.

Naquela tarde de domingo, sob um suave Céu de Novembro, o inglês viu

William recostado, solitário, a uma muralha de pedra, fitando a planície. Dirigiu-se-lhe com aquela cordialidade natural e confiada, privilégio da segurança e da juventude.

-Não se importa de que me meta à cara?

-Absolutamente - respondeu William. - A nossa Guerra Mundial parece ter influenciado pelo menos a linguagem inglesa.

-Não tanto como os seus maravilhosos jornais. Não sabe como eles são admirados? Ouvi dizer que até Northcliffe...

William sentiu no coração o suave calor da lisonja juvenil. Muitas vezes o lisonjeavam, mas aquela lisonja britânica era-lhe particularmente grata, e por isso não a repeliu com o seu habitual cinismo.

-Por acaso, teve o senhor algum parente numa escola inglesa da China? Não acredito em coincidências. Mas o senhor parece-se com um antigo colega meu.

-Não se trata de coincidência. Muitos dos meus parentes estiveram na China ou na Índia. É uma tradição de família. Penso que o senhor se refere a meu tio. Algumas vezes ele referiu-se ao senhor, e com muito orgulho.

As antigas feridas do coração de William começaram a cicatrizar, mas manteve a sua dignidade e limitou-se a sorrir levemente.

-Lembro-me dele como de um jovem autocrata, incapaz de notar um simples americano.

-Ele agora pensa melhor.

Michael esperou e, como o interlocutor nada dissesse, recomeçou com imperturbável loquacidade: -Desejaria que fosse passar uma semana connosco, Mr. Lane. Meus pais teriam grande prazer e eu ficaria muito honrado.

-Ando em férias - replicou William. -Isso talvez desculpe a minha pronta aceitação de um bondoso convite. Gostaria de telefonar a seu pai. Se o senhor estiver lá, ainda melhor.

-Em que semana?

-Na semana depois da próxima.

-Esplêndido! Estará na Inglaterra durante o Natal? -Não, devo estar em casa antes. Os meus filhos chegarão do colégio, nessa data.

-Esplêndido! Onde está hospedado?

-No Savoy.

-Muito bem! Receberá um aviso nosso. Castelo de Hulme, próximo de Kerrington Downs.

- Muito obrigado.

As suas palavras eram tão lacônicas que pareciam evasivas, mas Michael não lhes prestou atenção. Adivinhava no americano uma desconfiança tão mesclada de orgulho que se tornava arrogância, um sentimento de superioridade acrescido pelo receio de uma incompreensível inferioridade. Aquele americano tinha todos os dons deste Mundo, um belo físico, um espírito agudo, uma riqueza que se tornara assunto de conversa e discussão dos dois lados do oceano, e de tudo isso irradiava um poder que Michael sabia que era encarado com seriedade até no Foreign Office.

Uma imensa curiosidade se acendeu em seu vivo espírito e imaginou-se a

falar sobre William com a sua irmã, Emory: «Ele não é inteiramente americano. Com algumas mudanças, poderia dar um inglês, se quisesse. E o engraçado é que ele quer e não quer...»

Para afastar tais palavras do espírito, começou a contar a William as recentes caçadas que fizera com seu tio na Escócia. Uma sineta tocou subitamente dentro da casa, interrompendo os esforços de Michael para se mostrar amável.

-Receio que seja o chá - disse ele jovialmente, grato por se sentir aliviado da conversação e pensando, com modéstia, que o mesmo acontecia a William.

O Castelo de Hulme, descobriu William, era uma das relíquias dos tempos de Guilherme o Conquistador e, como ficava perto da floresta de Hulme, servira muita vez de pousada de caça para os reis. No século xv ficara ao desamparo, servindo por último de abrigo a uma amante do rei. No século xvi fora doado a um conde recentemente investido do seu título, que reconstruiu o castelo mas não a fortaleza e descobriu entre as antigas ruínas uma arca deixada pelo rei Eduardo III. No século xvii, o Rei James visitava o castelo durante as caçadas, e no século xviii o conde desse tempo terminou a reconstrução de todo o castelo, remodelando inteiramente a cozinha e acrescentando uma bela galeria de quadros. Desde então, nada mais fora construído. Os actuais ocupantes eram o conde, sua esposa, seu filho Michael e sua filha Emory. No terceiro domingo de cada mês o castelo era aberto ao público, com excepção dos aposentos ocupados pela família.

Tudo isso William descobriu num pequeno volume que encontrou no Museu Britânico. Achara tempo para investigar tudo quanto pudera sobre o Castelo de Hulme. Era um domínio pequeno, mas antigo.

Da estrada real, acomodado no automóvel que comprara para a sua estada na Inglaterra, William avistou o Castelo de Hulme no alto de uma aprazível colina. Duas torres de arquitectura normanda guardavam a entrada, por onde, num suave e cinzento dia britânico, ele chegou ao seu destino. O motorista bateu uma grande aldrava e a porta foi aberta por um homem que vestia uma espécie de modesta libré.

-O Castelo de Hulme? -inquiriu o motorista, embora soubesse muito bem que era.

-O Castelo de Hulme - replicou o criado.

William desceu, com a devida dignidade, e subiu os baixos degraus de pedra.

O homem pegou nas suas malas. -Mr. Lane? -Sim.

-Tenha a bondade de entrar, senhor. Nós estávamos à sua espera. Levá-lo-ei ao seu quarto. Por aqui, faça favor.

Havia uma grande mesa ao meio do vestíbulo, por detrás da qual dois lanços de escada subiam para a direita e para a esquerda. Lá em cima, William seguiu por um longo corredor até um grande quarto, de decoração inteiramente moderna. Havia fogo numa pequena lareira, em cima da qual o único ornamento era um vaso de prata com rosas.

-O chá vai ser servido na Sala dos Painéis, no fim da escada, à esquerda - disse o homem e desapareceu.

William dirigiu-se até à vasta janela com caixilhos de chumbo e olhou por

sobre os cimos dos carvalhos ainda verdes. A colina declinava abruptamente por detrás daquela parede ocidental

- o Sol baixava, vermelho, entre as nuvens cinzentas. O castelo estava cheio de silêncio e paz, e ele não via nenhum ser humano. Dominou-o uma sensação de descanso e afastamento, e suspirou.

Sentiu a mesma tranquilidade quando desceu dali a alguns momentos, depois de ter lavado o rosto e as mãos. A porta da Sala dos Painéis estava aberta e viu que alguém tocava piano. Não conhecia nada de música, e isso não lhe fizera falta, mas era bastante inteligente para saber que a pessoa que estava agora a tocar era um músico. Atravessou o «hall», transpôs a porta e viu alguma coisa que podia ter imaginado. Uma longa e bela sala, apainelada de carvalho, estendia-se à sua frente. Ao fundo havia uma grande lareira e, por cima dela, a cota de armas dos Hulme. E na frente do fogo, uma mesa de chá, e um velho, o próprio conde sem dúvida, assentado numa poltrona de desbotado couro vermelho. Ao lado da lareira estava Lady Hulme, inconfundível, alta, magra, com um velho vestido de lã. Estava tricotando qualquer coisa. Michael, recostado ao rebordo da lareira, com as mãos nos bolsos, olhava para o fogo, e, ao piano, estava sentada uma dama de longo vestido vermelho.

Ergueu a cabeça e sorriu, num gesto de convite, enquanto continuava a tocar com suavidade e segurança. O conde viu-o, e depois Michael, e, com o mesmo sorriso e gesto, esperaram, Michael a meio caminho, o conde de pé. Lady Hulme ergueu os grandes olhos azuis, baixou-os de novo e continuou a tricotar.

No piano soou profundamente o último acorde. Michael inclinou-se e apertou a mão de William.

-Muita bondade da sua parte, por ter vindo! Apresento-lhe meu pai... e minha mãe.

William apertou a seca e velha mão do conde e recebeu um aceno de cabeça de Lady Hulme.

-Muita bondade... - murmurou o conde. -É muita a distância de Londres até aqui. Vivemos muito sossegados.

-Eu gosto de sossego - replicou William. Voltou-se, demorando-se ainda e ainda receoso.

-É a minha irmã Emory-apresentou Michael simplesmente. William apertou na sua uma longa e fria mão. -Temo haver interrompido a música.

-Estávamos apenas à sua espera - disse Michael.

-Emory, serve o chá - ordenou Lady Hulme. -Perdi um ponto.

Ela mexeu-se para obedecer e por um instante William fitou-lhe os olhos escuros e luminosos, numa pálida e linda face. Viu a boca, os lábios delicados tremerem num sorriso quase involuntário, ou assim o imaginou. Era alta e tão esguia que poderia parecer doente, se não fora a sadia limpidez dos olhos.

-Sente-se-convidou na sua doce voz inglesa, e ela própria se sentou à mesa de chá. -Estou muito curiosa a seu respeito. Nunca vi um americano.

-Receio que não seja um americano típico- - respondeu William, tentando desfilar os olhos das mãos dela, enquanto se moviam sobre a mesa. Eram umas belas mãos, e havia nelas algo de tão familiar que ele, inconscientemente, cerrou as sobrancelhas para se lembrar. Por fim, lembrou-se. Vira mãos assim há muito

tempo, quando, garoto, na companhia de sua mãe, em Pequim, olhara para as mãos da Velha Imperatriz: eram as mesmas longas, as mesmas suaves mãos!

-Então, Emory! - exclamou Lady Hulme, com a sua forte voz, ainda tricotando rapidamente. Parou, no entanto, para puxar vigorosamente a corda da sineta, enquanto William se sentava e o criado entrava com um prato de queques quentes numa bandeja de prata.

-Simpkins-perguntou Michael-porque é que está a servir hoje o chá?

-Matthews está constipado - respondeu Lady Hulme.absurdo, realmente, mas creio que foi a nova criada que lhe pegou.

-Assim foi, minha senhora - proferiu Simpkins delicadamente.

Lady Hulme voltou-se para William. -Ouvi dizer que o senhor tem panelas cheias de dinheiro. Aqui está o seu chá.

-Não se importe com o que diz minha mãe. Ela gosta de pensar que não tem cerimónias. Porque diz uma coisa dessas, mãe?

-Porque não? - replicou Lady Hulme. A sua face permanecia inexpressiva, dissesse ela o que dissesse, os grandes olhos brilhando como lâmpadas claras na sua face avermelhada pelo Sol e o vento. -Não creio que possa haver nada mais lindo do que ter panelas de dinheiro. Não é preciso ninguém envergonhar-se disso. Bem queria que teu pai também as tivesse.

William tomou o seu chá, servindo-se de pão e manteiga e de um queque. Um lindo bolo esperava sobre uma pequena mesa de três pés, mas ele sabia, desde os tempos da escola, que não lho serviriam até que tivesse comido o seu pão com manteiga e o seu queque. Os doces eram para depois.

Ninguém notava o seu silêncio. Lord Hulme comia com apetite e tomava chá numa grande xícara de café.

-Espero que o senhor não tenha enjoado durante a viagem - disse Lady Hulme.

-Não, não enjoei, obrigado - replicou William.

-É horrível quando se enjoa - observou Lady Hulme.

-Naturalmente os americanos não são tão ruins como os ingleses.

Malcolm sempre pensou que eu enjoa de propósito. -E assim é, minha querida.

-Estão vendo?! - exclamou Lady Hulme. -Quando fomos passar a lua de mel na Sicília, há trinta e cinco anos atrás, e me senti mal no pequeno barco em que atravessávamos o canal, não tinha onde descansar a cabeça. Ele não me deixava apoiar nos seus joelhos.

-Ora, vamos! - retorquiu o conde. -Se bem me lembro, nem podia passear: a tua cabeça estava sempre em cima dos meus joelhos.

Discutiam amigavelmente, reavivando a velha questão, e Emory olhava-os divertidamente, olhando de vez em quando para William. Ela não os interrompia e, por fim, Lady Hulme cansou-se.

-Mais chá para todos - anunciou ela.

O conde, animado pelo chá e pela discussão, voltou-se para William: -Vejo os seus jornais às vezes. Que espécie de gente os lê? Caixeirinhos, ou coisa assim, suponho...

Michael entrou na arena. -Todos os lêem, pai.

-Ah, sim? É quase tudo gravuras, não é verdade?

William resolveu ser franco com o velho inglês. -O nosso povo não lê muito. Precisamos de empregar gravuras para lhe transmitir o que queremos.

-Ah, então o senhor tem um fim em mira?

-E não o têm todos? - replicou William. -O poder potencial de vários milhões de pessoas é uma responsabilidade. É uma coisa que não se pode desprezar.

-Ah - exclamou o conde. Esvaziou a taça, limpou os bigodes, enrolou o guardanapo bordado e colocou-o na bandeja. Depois ergueu-se. -Não gostaria de dar um passeio? Michael e eu sempre andamos um pouco, antes do jantar.

O crepúsculo não estava longe e William preferiria ficar na grande sala de jantar com a linda jovem ali sentada tão tranquilamente, mas um impulso do passado fê-lo levantar-se. Não desejar ar livre era sinal de indolência, de fraqueza, coisas essas que os ingleses consideravam pecado.

-Essas botas são boas para a lama? -Michael olhava para as polidas botas oxfordianas de William.

-Excelentes- respondeu este.

Saíram campo fora, Michael respeitosamente à retaguarda. O conde acendeu um pequeno e velho cachimbo, recusando o auxílio de William. -Não, obrigado. Tenho fósforos apropriados. Mando-os fazer de encomenda. Têm uma composição química que os impede de se apagar com o vento.

Depois, um longo silêncio. William conhecia o silêncio inglês e decidiu não o quebrar. Aqueles ingleses ficariam sabendo que ele podia suportar as mais severas provas! O conde afastou-se da estrada e, junto a um portão que havia num cercado branco, parou para acender de novo o cachimbo.

-Eu nunca estive na América. Michael sempre desejou lá ir. Mas como é o único filho, proibi-lho... por enquanto.

Michael riu. -Tenho de casar e de o presentear com um herdeiro antes de me permitir ir a qualquer parte.

-É o que também pensam os chineses - disse William. -No entanto, espero que nos visitem algum dia.

-Onde mora o senhor? -inquiriu o conde.

-Tenho uma casa em Nova York e outra no campo. -A voz de William era tão indiferente e tranquila como a de qualquer inglês.

-Os americanos sabem viver!

-Não melhor do que os ingleses!

-Ah! Mas levámos séculos para isso.

-Nós tivemos um pedaço maior de terra para começar.

O conde bateu a cinza do cachimbo e abriu o portão. Um faisão fugiu da relva e ele ficou a observar o seu precipitado voo. -Fomos uns tolos em ir atrás da Índia em vez de conservar a América! -Estava a encher novamente o cachimbo. -Pense no que seria o Império se realmente houvéssemos combatido os vossos rebeldes em 1776, em vez de cair no enguiço daquele esturricado continente. A vantagem teria sido tão vossa como nossa. Seríamos hoje invencíveis contra a Alemanha ou a Rússia, se fôssemos um único país.

-Nós, por outro lado, poderíamos ter sido apenas um segundo Canadá - disse William. -Talvez precisássemos da independência para progredir.

-Qual nada! - replicou o conde. -É o material que conta. O povo da Índia não tem vigor. Vive sempre a consumir-se numa espécie de febre espiritual. Isso

vem da insalubridade do clima.

-Não posso imaginar os americanos como parte de um Império.

-Agora não, naturalmente - anuiu o conde. Lançou um rápido e malicioso olhar a William. -Com certeza porque estão a sonhar com o seu próprio império.

-Duvido de que desejemos um império - replicou William.

Contudo, ficou a brincar com a ideia, enquanto atravessavam o prado. Os impérios tinham o seu dia, e o antigo Império Britânico agonizava com tanta certeza como o Sol estava a declinar por detrás da colina do outro lado do arroio. Via-lhe o brilho sobre as águas.

-Não pescam no arroio? -perguntou a Michael.

-Não muito. Uma truta de vez em quando.

-Os garotos da aldeia apanham tudo - explicou o conde, um tanto encolerizado. -Aqui nada se faz contra a pesca clandestina.

Chegaram ao arroio depois de novo silêncio e ficaram a olhar para a corrente. Havia carpas em quantidade agitando-se à superfície, em busca da última oportunidade de alimento. O conde alvoroçou-as com o seu bastão. -Em todo o caso sempre há carpas.

Disse isso com uma voz enfática, mas William não viu nenhuma significação nas suas palavras e nada respondeu.

-Milhões de carpas - disse Michael.

O conde estava a olhar para o outro lado do arroio e depois ponderou: - Creio que é melhor voltarmos. A tarde está arrefecendo.

Subiram de novo a colina, desta vez num silêncio que ninguém quebrou. Quando penetraram no grande hall quadrado do castelo, Simpkins veio ao seu encontro e pegou-lhes nos chapéus e nas bengalas. O conde bocejou.

-Encontrar-nos-emos ao jantar, daqui a uma hora. -Afastou-se, com o seu pesado passo, e William ficou parado, hesitante.

Michael, tão bem disposto e amigável, parecia igualmente hesitante. - Espero que desculpe os meus pais, senhor. Nunca me lembro como são, até estar de novo em casa. Quer ir para junto da lareira ou subir ao seu quarto?

-Oh! Hei-de gostar de todos - disse William, com desacostumada amabilidade. Olhou para dentro da grande sala e viu que estava deserta. Lady Emory tinha-se retirado. -Creio que irei para o quarto até à hora do jantar.

Depois daquele dia, William não mais procurou iludir-se. Pela primeira vez na vida, ficara loucamente apaixonado.

Os seus olhos, calmos mas agudos, haviam fitado todas as mulheres que encontrara. Os olhos delas, por sua vez, tinham-no fitado com cortesia e indiferença. As novas olhavam-no como se fosse um velho e, das que não eram novas, ele próprio afastava os olhos. As mulheres inglesas não envelheciam com graça nem beleza. Achava-as gárrulas ou cáusticas, e da agudeza ele fugia por instinto. Queria inteligência, mas não ironia, que não sabia dominar e, portanto, desprezava. Se desaprovava alguma coisa, dizia-o francamente e de uma vez por todas. A ironia, dizia ele, era a exibição de um eu brilhante mas fraco, recurso de um cobarde e o refúgio natural dos que tinham apenas a língua como arma.

Tudo o que sempre sonhara a respeito da Inglaterra, tudo aquilo que não confessava nem a si próprio, centralizava-se agora numa mulher que não queria saber se compreendia, pois sabia que ela o compreendia. Com ela, era capaz de

falar pelo menos, e dizer-lhe tudo quanto nunca dissera a ninguém. Ela escutava, com o olhar pensativo e bondoso. O seu génio era feito de bondade. E irradiava não só sobre ele, como sobre qualquer pessoa que estivesse na sua proximidade. Ao calor dessa bondade, viviam seu pai e seu irmão, descobriu William durante os dias que se seguiram. Hóspedes vinham e iam e hauriam dessa bondade o que necessitavam. Ela estava continuamente ocupada, mas ainda tinha tempo para ele, prestando-lhe toda a sua atenção nas horas em que se achavam juntos.

Ele supunha que Emory não era nova, isto é, que já não era uma criança. Tinha talvez uns trinta anos. William não podia compreender porque ainda não havia casado, e isso mesmo lho disse um dia, receando que as suas palavras fossem muito cruas. Ela hesitou e depois respondeu, quase sem alterar a sua fisionomia ou a sua doce e profunda voz

-Sofri o mesmo destino de muitas mulheres inglesas. O meu noivo morreu na guerra. Era Cecil Randford, filho do conde de Randford. Nós criámo-nos juntos.

William ouviu o nome com um ciúme que tentou ocultar.

-Queira perdoar-me - murmurou.

-Sim... - respondeu ela simplesmente.

No terceiro dia, William desejou ter a ousadia de lhe pedir que o chamasse pelo seu nome de baptismo. «Lady Emory» tinha uma espécie de intimidade que «Mr. Lane» não tinha. Ah, se ele fosse Sir William! Mas não era. Atormentava-se com o seu assédio. Havia tão pouco tempo... Desejara chegar ao fim de uma vez, conquistá-la logo, levá-la consigo e começarem a vida juntos. Quando voltasse para o Natal, queria livrar-se logo da odiosa obrigação de falar com Candace e seus filhos, e consultaria os seus advogados sobre o modo mais rápido e discreto de se divorciar e preparar o novo casamento. Enraivecía-se ao pensar no prazer que a gente comum sentia com tais assuntos, que deviam ser tão privados como os pensamentos de cada um.

Entretanto, era impossível conversar com o conde ou com Lady Hulme. William não existia para eles, embora soubessem que ele era importante à sua maneira porque era rico. Nem estava à vontade com eles, embora aquela semana parecesse passar rapidamente. Daquele castelo, daquela família inglesa, William aproximava-se-lhes com uma timidez que ele próprio não reconheceria, apesar de haver desde muito alcançado no seu país tamanha importância que um telefonema da sua secretária bastava para abrir a porta até da Casa Branca - não a grande porta da frente, em que se aglomeravam turistas e patriotas americanos, mas a porta lateral que está sempre fechada à chave. William lembrava a si mesmo que o conde de Hulme não era o rei da Inglaterra, mas apenas um de entre os muitos Pares que havia.

A primeira vista do castelo, pela manhã, fora agradável. Seria preciso muito dinheiro para modernizá-lo. Para cinquenta quartos havia apenas cinco casas de banho, desactualizadas, de encanamento muito antigo, e a água para a enorme banheira éra aquecida por fogões de gás que ameaçavam asfixiar os banhistas, se não fossem cuidadosamente controlados. William ficou surpreendido ao ver que um criado permanecia no quarto de banho, com as costas voltadas, quando tomou banho na primeira noite, pois nos últimos meses o fogão parecia que ia explodir, caso fosse sobrecarregado, e os americanos, como todos sabiam, insistiam em encher as banheiras.

-Era muito mais fácil nos velhos dias, quando a água era trazida em tinhas - disse o criado, sem olhar.

-Porque não arranjam uns encanadores americanos?perguntou William, imerso em espuma. A água estava agradavelmente tépida.

-Jamais poderiam compreender o sistema, senhor - respondeu o homem. - avise-me quando tiver terminado. Fecharei o gás e sairei do seu caminho.

Assim fez minutos depois e William, enrolado numa toalha de banho, voltou ao quarto por um corredor de cerca de vinte metros de comprimento.

Ali, nos seus vastos aposentos, sentiu o silêncio dos séculos aprofundar-se em derredor de si. Pensou novamente em Pequim e nos templos, nos palácios, na Velha Imperatriz. Era a atmosfera que ele amava e teria dado a alma por haver ali nascido, pois era algo que não poderia ser imitado ou feito. Pertencer àquilo lhe daria paz. Mas envergonhava-se do seu desejo. Diante daqueles ingleses, devia mostrar-se da melhor forma, como um americano, rico, poderoso, capaz de sustentar o seu lugar, um republicano entre aristocratas. Olhou-se ao espelho de moldura dourada e escolheu uma gravata escura.

Lady Emory não desejava nem esperava amor. A sua contenção era absoluta e havia-lhe agora penetrado todas as fibras do ser. Fora educada aprendendo a dominar-se e acreditava que disso dependia a decência. Apenas com Cecil, em quem confiara cegamente, não sentira necessidade de se dominar, e assim o amara com carinho e sinceridade, se não com paixão. Entretanto, estava contente de não haver casado com ele, pois afinal ele haveria de morrer, e, não o tendo desposado, estava satisfeita por não ter dormido com ele naquela última noite, antes de Cecil se incorporar ao regimento. Haviã discutido a última noite francamente, como discutiam tudo, pois o seu vocabulário era o mesmo e idênticos os seus pensamentos e ideias. Não era uma questão de pecado ou decência ou moralidade pessoal, uma vez que efectivamente se amavam. Era a questão muito mais importante de um herdeiro. Improvável como era que pudesse haver qualquer desenlace depois de uma primeira e única união, era ainda possível que ela viesse a ter um filho, o herdeiro de Randford.

-Em todo o caso, não gostaria que ele nascesse, querida.

-Poderíamos casar - murmurou ela.

-Odeio esses casamentos apressados - insistira Cecil. -Quero casar-me contigo como deve ser, querida. Os condes de Randford sempre se casaram na pequena abadia, e os residentes não me perdoariam se eu também não o fizesse.

-Mas se... -Ela não se atrevera a terminar a frase.

-Nada de «ses» - dissera Cecil alegremente. Ele era um deus, um jovem deus loiro, a desafiar a morte.

Assim, haviam-se sacrificado por causa da criança, que nunca viria ao Mundo, embora eles o não pudessem saber então, e ela não se permitira lamentar a sua aquiescência. Cecil sentira a imposição do dever para com a sua raça, e, embora amasse Emory, e esta nunca tivesse duvidado do seu amor, ele induzira-a a aceitar esse dever. Ela compreendera isso, pois também fora educada dentro do sentimento do dever. Uma fidalga, por mais que se amasse a si própria, era absolutamente dedicada ao sagrado futuro. Ela não teria sido feliz, tão-pouco, se

esquecesse tal coisa. O amor de ambos era purificado pela fé que tinham em si próprios, pela sua crença de que eram mais do que simples seres humanos.

Agora que Cecil estava morto, sentia-se aliviada desse dever. Nada havia de sagrado em que fosse apenas ela própria. Não conhecia nenhum outro herdeiro da Inglaterra com quem desejasse casar ou que quisesse casar com ela, e, se tal houvesse, era de duvidar que bastasse o alto senso da obrigação. Com Cecil, poderia sacrificar-se, mas sem ele, e portanto sem amor, nem mesmo o dever lhe bastava. Não havia razão alguma para que ela considerasse necessário dar à vida meramente um herdeiro para uma antiga casa. Ela estava inteiramente livre.

Tal liberdade levava à imensa inquietação que o seu domínio próprio ocultava atrás de um véu de polidez e bondade, qualidades estas igualmente próprias de uma habitual boa educação. Apenas Michael adivinhava que por detrás daquele véu tão graciosamente usado ela tremia de desconforto.

- Precisas de dar um jeito à tua vida - dissera-lhe ele. - Estás nervosa.

- Não estou nervosa - replicara ela com brusquidão. - Não finjas. Precisas de casar. Cecil morreu há muito. - Não vejo ninguém com quem casar.

- Tratarei disso - prometeu ele com ar importante.

Ela simplesmente replicara, como costumava fazer quando ele era garoto: - Não sejas tolo.

Em todo o caso, regressara ele de Londres alguns meses mais tarde, com a estapafúrdia declaração de que havia encontrado um americano, com quem ela acharia divertido casar-se. Essa conversa, naturalmente, não se efectuou diante dos pais. Mesmo assim, ela irritara-se. «Não posso imaginar nenhum casamento divertido». Achavam-se no parque e ela estava ajoelhada junto à fonte italiana, colhendo as folhas mortas. Michael estava de pé, a olhá-la, sem lhe oferecer auxílio. Não gostava de sujar as mãos.

- Aquele americano não é propriamente divertido - disse ele. - É até assustador... muito alto e muito magro... uns olhos cinzentos esverdeados, umas sobrancelhas pretas, e assim por diante. Parece imensamente infeliz, como os americanos são, quando não pertencem ao género faceto. Ele está procurando, se não me engano...

- Procurando o quê? - Ela ergueu os olhos.

- É podre de rico - informou Michael. - Não pode ser isso.

Não o posso explicar, mas existe um poder nele...

- Que poder?

- Não sei... energia abafada por alguma coisa... impaciência contida... inimigo de todos!... Não é afável, não estende a mão quando vê a gente. Convidei-o para vir aqui.

Ela sentira-se atraída por William Lane no momento em que erguera os olhos do piano e o vira ali parado. Continuara a tocar para o que pudesse olhar sem falar. Ele não era novo, e a juventude aborrecia-a mais do que tudo agora. Pela primeira vez naqueles dez anos sentira-se consciente de ser mulher, não nova mas ainda bela e desejosa de ser assim considerada.

Logo adivinhara que William a achava bela não apenas por si própria mas pelo que representava. Ele avaliava-a pelo que ela havia herdado, mas que no entanto era uma parte de si mesma, e

agradava-lhe que assim fosse. William não se poderia enamorar, pensava Emory, meramente pela beleza. Uma corista de quem um rei se agradaria, por certo lhe causaria repugnância.

Reflectindo acerca disso, indagando consigo própria por que motivo reis e pares, através de toda a História da Inglaterra, podiam tão alegremente haver dormido com criadas e ciganas que não poderiam ser rainhas, ela penetrou o segredo da alma de William. Ele desejava uma rainha para que pudesse ser rei. O seu reino construiria-o ele, um reino moderno, feito de poder e dinheiro, e sobre o qual reinava com suma habilidade. Mas o secreto desejo estava no fundo da sua alma, talvez desconhecido até para ele próprio. Se ela o aceitasse, estaria seguro. Sentiria a evidência do que não fora visto, tornar-se-ia em substância o que anelava ser.

Aos trinta anos, pensava ela, enquanto passavam os dias daquela semana, uma mulher aceita logo ou rejeita. Ele tinha mais dez anos do que ela e era, acima de tudo, um homem acostumado a decisões rápidas. Dentro de poucos dias, lhe daria a conhecer que já tomara a sua decisão. Quando deixou o Castelo de Hulme no fim da semana conseguiu despedir-se de Emory a sós, no que aliás foi auxiliado por ela.

-Posso voltar daqui a quinze dias? -perguntou ele. -Teremos prazer em tornar a vê-lo - replicou ela, propositadamente convencional.

-Será uma longa quinzena para mim, Lady Emory.

Ela limitou-se a sorrir e, olhando para baixo, viu a mão dele segurando as suas. Uma estranha e pequena mão tinha ele, curiosamente felpuda!

«Vamos! - disse ela para si própria. -Não pensemos em tais coisas!»

E, para se disciplinar, deixara que ele lhe apertasse um pouco mais a sua mão.

Quando voltou após uma quinzena, William achou Lady Emory tão reservada enquanto o levava na segunda noite a uma parte do castelo que ele ainda não conhecia, que duvidou ter ela adivinhado os seus pensamentos. Ficara surpreso ao verificar que o seu coração começava a bater mais depressa do que nunca.

-Creio que ainda não viu a galeria... -Ela abriu uma porta apainelada e ele avistou uma galeria, aparentemente infundável, cheia de quadros. -Vamos direito ao fim. A vista de lá é o mais belo de todos os quadros.

Ele acompanhou-a no longo caminho até às grandes janelas "que se abriam do soalho ao tecto, no fim da galeria, e, quando Emory se sentou num sofá de cetim amarelo, William também se sentou, mas não perto dela.

Emory olhou-o, com os seus olhos escuros que esperavam mansamente, e William viu, com certo abalo, que estava acostumada a que os homens se enamorassem súbitamente dela, e que, por isso, já devia prever uma declaração de amor. Talvez por isso receou submetê-la tão depressa à prova de uma proposta de casamento.

-Sabe que me criei na China? -perguntou ele inopinadamente. '

-Sim. Mas porque é que pensa nisso agora? -perguntou Lady Emory.

-Alguma coisa neste castelo, o silêncio daqui e a Lua brilhando como num palácio de Pequim.

-A Lua apareceu tarde esta noite.

-Interessa-se pelas idas e vindas da Lua? -Ele acompanhou essa trivialidade com uma tentativa de sorriso.

-Não, mas sou obrigada a notar isso pela janela do meu quarto.

Ele calou-se e, depois de um momento, ela pediu-lhe: Conte-me alguma coisa da sua infância na China. Nunca estive noutra parte além da Europa.

-Não quero pensar na minha infância - disse ele com a estranha espécie de rispidez que ela começava a compreender que não significava irritação.

-Foi uma infância infeliz? - insistiu ela. -Não, apenas inútil.

-Inútil?

-Sim. Era filho de um missionário. Acha que poderia haver alguma vantagem para mim em ter pais missionários? Guardei esse segredo durante todo o tempo em que estive na Universidade. Era uma terrível desvantagem para mim, até mesmo quando frequentava o ginásio inglês na China. --Queria que ela conhecesse o pior a seu respeito e foi logo ao ponto. -Por ser filho de um missionário, os meus colegas pensavam que eu devia ser esquisito. Na verdade, meu pai era até notável. Mas só o descobri quando regressou aos Estados Unidos para morrer na minha casa.

-Fale-me acerca de seu pai. -A voz dela era persuasiva.

-Qualquer dia, Lady Emory. Não desejo falar dele agora.

-Esperarei - disse Lady Emory. Os seus olhos castanhos tornaram-se grandes e a sua doce voz assumiu um leve tom imperioso. -Creio que sei sobre o que deseja falar-me. Se assim é, lembre-se de que mal nos conhecemos.

-Pode não me conhecer, mas eu conheço-a - replicou William. A paixão arrebatava-o com uma violência que a ele próprio se afigurava monstruosa. Não desejava esperar um só momento para tomar aquela bela inglesa nos seus braços. Queria-a agora, queria decidir tudo de uma vez.

Lady Emory parecia assustada. -Como é que me pode conhecer?

-Sempre conheci a Inglaterra - disse William. -Sempre amei a Inglaterra, contra a minha vontade, confesso-o, mas assim é. Agora encontrei-a e vejo que é a personificação de tudo o que tenho amado.

-Michael disse que o senhor era casado... -Isso nada tem a ver connosco.

-Não. -A voz dela era um sussurro, um suspiro e ele interpretou-a como uma aceitação. Avançou um passo, ela ergueu-se à sua aproximação e ele arrastou-a para os seus braços. Doce e temerosa era aquela exultação... aquele crescente orgulho... aquela arrogância amorosa! Ele estava sem fala, com o rasto no negro dos cabelos dela e não notava o seu silêncio nem a sua imobilidade.

Ela ficou escandalizada ao descobrir que era inteiramente falsa a convicção em que se abrigara desde a última vez em que estivera nos braços de Cecil. Absolutamente não lhe repugnava o corpo de um outro homem apertado contra o seu. Supunha que isso seria intolerável, eternamente repulsivo, e não o era. Era até agradável e confortante, como seria agradável e confortante viver no meio das riquezas e da abundância, não já como um fardo para os seus pais por não haver casado, não mais como uma caridade para Michael quando ele viesse a herdar o título. A Inglaterra estava velha e cansada, e de algum modo tinha morrido para ela com o seu morto amor. A América era jovem e forte, era um império nascente, e ir para lá agora, deixar a Inglaterra e levar consigo a sua tão viva feminilidade,

era a mais próxima felicidade que ela podia conhecer. E via que aquele americano, ao contrário do que sempre ouvira dizer dos americanos, não era estúpido nem infantil.

-Não me pode amar... tão depressa como a amei... não espero... - balbuciava William essas frases entrecortadas.

Ela era uma mulher sincera e, o que sabia agora que faria, queria fazê-lo de todo o coração.

Afastou-se, mas apenas um pouco, deixando-o segurar-lhe as mãos. - Suponho que é muito cedo-proferiu ela francamente. -Mas creio que não é de todo impossível... William!

Julho em Ohio podia ser tão quente como na Índia. Henrieta sentia calor. Passara o último mês com Clem no México, aonde ele fora conferenciar com o Ministro da Alimentação. que desejava trigo americano. Washington mostrara-se apático, e o ministro telefonara para Clem, que, depois de o ouvir atentamente, insistira em ir pessoalmente ao México, para saber ao certo a quantidade de trigo de que o povo necessitava. Clem não havia notado o calor. O seu sangue era lento e ele estava mais magro do que nunca. A comida mexicana era um veneno para ele: os tamales quentes como as comidas indianas e até mesmo os vegetais apimentados, os espinafres refervidos até chegarem à cor e ao gosto do capim seco. Mas comia aplicadamente os alimentos nativos dali, como de toda a parte, pois queria saber de que o povo vivia, e depois foi torturado pela dispepsia, que se ia agravando com a idade. Ele prometera conseguir o trigo de qualquer modo, e haviam regressado a casa.

A sua casa agora, enquanto abriam a porta da frente, estava quente e empoeirada e o ar era abafado.

-Vai mudar de roupa - disse Clem a Henrieta. -Veste uma bata e descansa. Eu vou abrir as janelas.

Henrieta obedeceu sem responder. Começava a ganhar peso e era um alívio tirar o colete. Subiu ao grande quarto de banho que Clem instalara conforme os que vira na Índia. Parou de pé no tanque de zinco e encheu um balde com água da torneira, que foi derramando por cima do corpo com uma concha. A casa estava cheia de coisas que Clem havia admirado noutros países. Gostava dos pausinhos com que os chineses comiam, por exemplo, mais do que de facas e garfos; eram mais limpos, dizia. A água estava morna, mas ainda assim mais fresca do que o seu corpo. Enxugou-se e depois vestiu o roupão, a que Clem sempre chamava bata. Era bom viver com um homem que nunca sabia o que ela vestia.

Desceu para desempacotar os mantimentos que comprara para o jantar. Clem tirou o casaco e sentou-se à mesa em mangas de camisa, fazendo cálculos numa folha de papel. As suas omoplatas eram agudas e a nuca côncava. Perdera peso com o calor do México. Henrieta não exteriorizou a sua preocupação. Nada o aborrecia mais do que a ouvir preocupar-se com a sua magreza.

Ela sentou-se numa grande cadeira de vime, rasgou o sobrescrito carimbado de Nova York e começou a ler para si mesma. O primeiro parágrafo revelava catástrofe. «Chego a alegrar-me por teu pai ter falecido - escrevia sua mãe. -Ele jamais poderia suportar o que vai acontecer à nossa família. Tenho

chorado e rezado em vão. William é inabalável. Está além do meu alcance. Lembro-me de quando ele era um menino no meu colo. Sei que é meu filho, mas não o posso reconhecer. Que fizemos nós para merecer tal coisa?»

Até este ponto seguira Henrieta, sem fazer nenhum comentário a Clem. Depois viu a próxima sentença e deixou escapar um grito abafado.

-Que aconteceu? -perguntou Clem.

Afastou os olhos dos seus cálculos. Não era próprio de Henrieta gritar por qualquer ninharia. Os seus grandes olhos cor de cinza estavam agora esgazeados, fitos na folha que segurava. Eram da cor dos olhos de William; mas não tão profundos.

-William vai divorciar-se! -Ela sussurrou as palavras com o maior horror e ele recebeu-as com igual horror, enquanto olhavam um para o outro.

-Que fez Candace? -perguntou ele severamente.

Henrieta tornou a ler a carta. -Ela não pode ter feito nada - murmurou. Os seus olhos percorreram a folha. -A mãe não diz... sim, diz. Diz que Candace é exactamente o que sempre foi... não há desculpa para William... ele nem sequer deu uma desculpa... bem sabes como ele é. Sempre faz o que quer fazer e nunca diz por quê. A mãe diz que não passa de uma paixão repentina. É uma inglesa que ele encontrou na viagem.

Henrieta teria chorado se tivesse lágrimas, mas já não as tinha. Contra William o seu coração endurecia-se e ela amarrotou a carta e atirou-a ao cesto dos papéis. Nunca havia estimado Candace, mas agora quase a estimava. Desde muito perdera a fé profunda de seu pai, mas tinha uma espécie de religião, alimentada pelo desprendimento de Clem e a sua devoção à causa única que abraçara. Os Camerons eram boa gente, tão bons à sua maneira como o fora seu pai, e a antiga correcção subsistia. Um homem não se divorciava sem causa e os melhores homens não se divorciavam por nenhuma causa. William abandonara as fileiras dos bons.

-Não quero tornar a ver William - declarou ela com arrebatamento. Clem ergueu-se da cadeira e ajoelhou-se a seu lado. Henrieta apoiou a cabeça nos magros ossos dos ombros de Clem, cujos magros braços a enlaçaram.

-Vamos... vamos... -animou-a.

-Oh! Clem... -suspirlou ela. -Estimo que sejas bom. É na tua bondade que eu confio.

Ele ficou a reflectir, embalando-a. -Necessitamos talvez de uma espécie de religião - disse afinal. Fomos criados em Deus, bem sabes. Não o abandonámos, propriamente; apenas não sabemos como estar com Ele.

-Não necessitas de nada; és naturalmente bom.

-Posso estar errado, com isto de só pensar em alimentação. Não só de pão vive o homem...

Ela encostou o rosto ao dele. -Não sejas diferente, Clem! -E, após um momento: - Pobre Candace! Devo escrever-lhe uma carta.

Ergueu-se e foi sentar-se onde ele estivera sentado, e viu, no alto das páginas de papel amarelo que ele usava com os seus intermináveis cálculos, as seguintes palavras: «Produção média por acre (México)». Destacou uma folha amarela, muito cansada como estava para procurar papel melhor.

Querida Candace:

Acabamos de chegar do México. Encontrei aqui a carta da mãe. Não sei dizer uma palavra para te consolar. Sinto vergonha de que William seja meu irmão. nenhum de nós jamais o compreendeu. A mãe estima que o pai já tenha morrido, e eu também assim penso, a não ser que o pai pudesse ter evitado que William fosse tão mau.

Não há nada que eu possa fazer, creio eu. É demasiado tarde. Não rezo mais, como costumava, mas, se rezasse, cairia de joelhos. Talvez ainda possa.

Sinto-me mais perto de ti do que nunca. E há os dois rapazes... como devem desprezar seu pai! É uma grande maldade, e não merecias uma coisa dessas. Não posso imaginar que razão ele apresenta. És tão bonita e tão boa de gênio! Espero que William sofra por isso.

Candace leu a carta no seu antigo quarto da casa paterna. Sorriu com certa tristeza, pensando que só agora conhecia Henrieta, quando o laço entre elas se tinha rompido. Lançou um olhar ao pequeno relógio de prata do toucador. Não era já a esposa de William. A sentença devia ser dada ao meio-dia e já haviam passado seis minutos. Estivera aguardando a hora atentamente e, por uns momentos em que o havia esquecido, tudo estava acabado. Deixou cair a carta no chão, recostou a cabeça no espaldar da cadeira e fechou os olhos.

Ela não protestara. Era orgulhosa. Jeremias saíra dos escritórios de William, para nunca mais voltar, dizia ele, mas depois de ter falado com Ruth, esta obrigara-o a desistir do seu intento. Ruth não encontrava defesa para William. Mas não o censurava, pois só com ela William se havia explicado, e ela também o tentara explicar a Jeremias e Candace. -Ele sempre foi diferente de nós todos - afirmou Ruth, na sua voz suave e firme. -Ele tem estado tão solitário durante toda a sua vida... Às vezes penso que, se o pai não tivesse morrido... o pai compreendia William.

-Se ele é solitário, a culpa é unicamente sua - replicou Jeremias. -Coloca-se acima de todos nós.

-Sei que assim parece, Jeremias, mas a verdade é que no íntimo ele está perdido.

Jeremias fungou e Ruth sacudiu muito positivamente a cabeça. -Sim, William está perdido. Necessita de algo que não tem. Nenhum de nós lho pode dar.

Nesse ponto, Candace falou - Se Emory lho pode dar, então estarei contente.

-Oh! Candy, tu és tão generosa! - exclamou Ruth, com os olhos rasos de lágrimas.

Mas, no fundo do coração, ainda defendia William, e Candace viu-o e, como Jeremias amava a sua esposa, ele também concordou que William seguisse o seu caminho. Candace não tinha nenhuma companhia, a não ser seu pai. Mas ele agora evadia-se da vida, não propriamente dos laços de amor, mas do demasiado amor. Tão sensível ficara com a idade, tão exageradamente terno, tão desejoso de que as criaturas humanas fossem todas felizes que, quando não o eram, não podia suportar a sua companhia. Mas, como o amava, Candace escondia o seu coração do pai e fingia estar contente com o novo amor de William, e insistia em que ele, naturalmente, devia casar com Emory, e até ale-

gava que ela e Emory ainda poderiam encontrar-se e ser boas amigas, enquanto no fundo do coração sabia que jamais seria assim.

Com os filhos, mostrou-se muito digna. Will e Jerry, embora já uns rapagões, importavam-se mais com futebol do que com qualquer outra coisa neste Mundo. --Não devemos censurar o vosso pai - disse-lhes ela. -A verdade é que o nosso casamento nunca foi satisfatório. É como uma flor que não chegou a desabrochar. Mas, ainda assim, tenho vocês dois, e isso é uma grande coisa com que se possa ficar de um casamento. -E olhava tanto para uma e como para outra daquelas graves faces juvenis.

-Vai casar de novo? -inquiriu Will. Ela fitou-lhe os olhos cinzentos e meneou negativamente a cabeça, ainda risonha. Aquela seria a sua protecção, dali por diante, não se preocupar, não se importar. Pensou em folhas mortas boiando à superfície da piscina, em folhas desprendendo-se das árvores, em pétalas tombadas na relva. Seu pai tinha razão. Escapar da vida, talvez... mas também escapar do sofrimento!

Jerry, o mais novo, falou com súbita indignação : - Porque não vai dizer àquela mulher que ela não tem o direito de...?

-Cala-te! - disse Will por ela. -Tu não compreendes. Não passas de um garoto.

Nenhum dos filhos dissera uma só palavra a respeito do pai. Ele era irrefragável, imutável; ninguém lhe podia tocar. O que fizesse, estava bem feito. Ele era absoluto.

William não tinha necessidade de nenhum deles, nem da sua mãe, nem de Ruth. Ninguém existia para ele, senão ele próprio, o seu monolítico ser, o seu único e devorante propósito, mais consumidor do que qualquer outro que jamais tivera. Mostrava-se implacável no seu escritório, furioso por qualquer demora, intoleravelmente exigente com os seus advogados.

Tentara compelir Candace a ir ao Reno, para que pudesse ficar livre em seis semanas. Ela negara-se, e o velho Roger Cameron havia solicitado um encontro. William recusara-se a tal. Deu ordens para que não atendessem nenhuma chamada telefónica. Vivia exclusivamente no seu apartamento nos escritórios e não comunicava com os filhos. Depois de ter casado com Emory é que compreenderiam por si próprios porque a havia desposado.

Ao ver que Candace não ia a Reno, ele mesmo foi. Suportou semanas de solidão sem Emory, dias em que a chamava ao telefone para lhe poder ouvir a voz e certificar-se de que ela vivia, que não tinha mudado de intenção, que não pensava em adiar o casamento. Concedido o divórcio, partiu pelo próximo comboio e, embarcando para a Inglaterra no navio mais rápido, foi direito ao Castelo de Hulme.

Lá estava ela à sua espera, com o casamento marcado para dali a dois dias e, quando a teve nos seus braços, descansou afinal o seu coração. Mergulhou a face nos sedosos cabelos escuros.

-Oh! meu amor... -Eram palavras que ele jamais dissera a Candace.

-Pareces terrivelmente cansado, William. -Nunca mais ficarei cansado, Emory.

Ela não respondeu e por um momento ele deixou o seu cansaço esvair-se no silêncio.

-Faltam dois dias para estarmos casados. -Dois dias... -repetiu ela.

-Eu queria que fosse agora.

Casaram-se na sala em que se haviam encontrado pela primeira vez. Ela não quis casar na Abadia de Hulme, onde se realizaria a cerimónia se Cecil fosse vivo. Os pais concordaram, e assim se erguera um altar na sala de estar. Ninguém mais estava presente além da família de Emory, do vigário e de sua esposa e de algumas pessoas a quem William nunca vira antes. -Um casamento tranquilo e rápido - dissera-lhe William, e ela obedecera.



X

SOBRE um povo próspero e jovial as tempestuosas nuvens da Grande Depressão derramavam agora o seu flagelo. No último Verão, Clem sentira que alguma coisa estava mal. Ele não sabia definir, nem mesmo a Henrieta, a sua intranquilidade, que começara primeiro como um descontentamento íntimo. Vilas tentara falar-lhe a esse respeito num domingo, o último de Agosto. Ela bem conhecia a sua eterna procura das causas e, com os seus silêncios atentos e as suas cuidadosas perguntas, ajudava-o a distinguir mais claramente as vagas formas que ele vislumbrava no futuro.

Desde muito que Henrieta compreendia que em Clem havia algo do vidente, se não do profeta. Tão delicado era o seu instinto das coisas humanas, tão pronta a sua percepção dos homens que, sem magia e inteiramente pela razão, era capaz de prever o possível em termos espantosamente precisos. Se tivesse vivido nos antigos tempos, pensava ela às vezes, se tivesse vivido naquelas remotas eras em que o povo explicava o inexplicável, o místico, dizendo que ele fora engendrado por um deus ou vira deuses nas montanhas ou nas chamas de uma sarça ardente, teriam proclamado que Clem era um profeta enviado por Deus e tê-lo-iam escutado. E, se ficassem suficientemente alarmados, tê-lo-iam atendido a tempo de evitar o desastre.

Agora Clem e Henrieta, sentados em cadeiras de balanço na sua pequena varanda, pareciam ao transeunte não diferentes de qualquer outro casal de meia-idade numa rua de uma cidade comum de Ohio. Ele falava e ela ouvia e interrogava. Ele estava em mangas de camisa e com umas velhas calças cor de cinza, e ela viu que a gola da sua camisa estava rasgada. Resolveu atirá-la fora às escondidas, depois de ele a despir naquela noite. Clem era miserável com as suas roupas

e achava-as próprias para usar muito depois de só servirem para panos de pó ou esfregões.

-Não te posso dizer em poucas palavras como sinto as coisas - disse Clem. -É como se a gente estivesse sentado na relva por um belo dia e notasse subitamente que a terra estava a tremer debaixo de nós... não muito, um bocado

só... Ou como estar no mato e desconfiar que se está sentindo cheiro de fumo.

-Se estivesses no mato e sentisses cheiro de fumo - observou Henrieta - verificarias logo do lado que o vento soprasse.

Clem lançou-lhe um rápido olhar de aprovação. -Sim, pensei nisso. Não posso dizer de que lado o vento está soprando, pelo menos por enquanto. As colheitas foram muito boas este ano, considerando o país como um todo. Talvez as coisas estejam muito bem. Talvez seja apenas o meu estômago embrulhado. Não devia ter comido aqueles bolinhos de milho na noite passada.

-Não voltarei a fazer mais - prometeu Henrieta.

Clem continuou a embalar-se alguns segundos e depois observou: - O diabo é que, como as coisas estão agora no Mundo, todos nós ficaremos implicados de qualquer maneira. Um terremoto em qualquer outra parte também nos pode derrubar.

Henrieta não respondeu. A tarde estava agradável, embora quente, e crianças em fato de banho brincavam com mangueiras, molhando-se umas às outras e rindo alto. Clem, preocupado com o Mundo, não via nada.

-As notícias do exterior não são más, Clem - lembrou-lhe Henrieta. - Yusan diz que o novo governo da China está a estabelecer a ordem, livrando-se dos senhores da guerra, afinal, expulsando os japoneses. Goshal diz que Gandhi conseguiu uma espécie de entendimento na Índia.

Clem ergueu-se. Atravessou a varanda, tirou o canivete e começou a cortar alguns rebentos mortos de uma grande trepadeira de glicínias que Henrieta plantara ao chegar a New Point. Agora, um forte e serpentino tronco subia para o telhado, procurando a chaminé para suporte.

-Goshal é sempre um brâmane. O que chamas entendimento é apenas uma trégua. Gandhi conseguiu entender-se com os ingleses apenas por uma razão, que Goshal não enxerga. O preço dos géneros baixou tanto que milhões de camponeses vão ficar na miséria se não se fizer imediatamente alguma coisa.

-O povo das cidades terá mais para comer se o alimento for barato - observou Henrieta.

-A maioria do povo não mora nas cidades - disse Clem. -Não é disso que se trata, e tu surpreendes-me. Se os camponeses e granjeiros ficarem na miséria, isso de nada servirá aos operários das fábricas. Gandhi está com a razão quando diz que tudo tem de ser feito no interesse dos camponeses. Eles são a base de tudo em qualquer parte do Mundo.

Henrieta sentiu que as águas começavam a clarificar-se no espírito de Clem. Ele estava podando um por um os rebentos que caíam com um leve ruído abafado no soalho da varanda.

Clem prosseguiu, quase para si próprio: - Não sei o que hei-de pensar a respeito da China. Um novo governo? Bem, qualquer governo, penso eu, é uma boa coisa depois de todos esses anos de lutas e desordens. Não censuro Yusan por estar satisfeito. Mas escrevi-lhe ontem dizendo que, se esse Chiang Kai-shek não baixasse à terra com todos os seus planos, para estudar as necessidades do povo, havia de ser a mesma história. Não é preciso ser uma velha imperatriz para cometer os mesmos erros.

Henrieta embalava-se silenciosamente, com os seus pensamentos a dar a volta ao Mundo.

-Não sei - murmurou Clem. -Como posso saber? Não acredito que o Japão vá deixar as coisas como estão. Há séculos que aquele povo está com medo! Estão alvoroçados com a maneira como os diferentes povos vieram cada um cortar o seu naco. «Nós seremos os próximos!», eis o que eles têm estado a pensar desde muito tempo. «Se nós não trincharmos um bom pedaço, seremos os próximos». Eis o que eles pensam. Quem sabe se não têm razão? Só uma coisa sei, é que a terra está a tremer debaixo dos meus pés. Não me agrada o que está acontecendo.

Ergueu a cabeça, olhando por cima dos telhados e além das árvores. -E por falar em fumo, creio que o vento está a soprar da Europa.

O ciclone rebentou em Outubro. Oriundo das tempestades universais, haurira a sua furiosa força circular na fome enraivecida dos povos da Europa e, atravessando o Atlântico, fora desaçar-se em Wall Street, no coração de Nova York, na parte mais concentrada da América.

Clem, naquela primeira manhã fatal, fora à porta da frente apanhar o jornal do dia, com o rosto ainda ensaboado para a barba. Viu os títulos negros como anúncios de enterro e várias vezes maiores ele que o cabeçalho e compreendeu que havia chegado o que ele temia. Sobre os seus ombros, ela viu a terrível notícia:

A CRISE EM WALL STREET ABALA A NAÇÃO!

-Dize a Bump que venha cá o mais depressa que puder - ordenou Clem. - Oh, ele e eu temos de trabalhar bastante.

Ela obedeceu instantaneamente, como teria obedecido ao capitão de um navio sobrecarregado que estivesse a afundar-se. Não havia tempo a perder.

Clem vestiu-se, comeu um apressado e ligeiro almoço e, tendo sido imediatamente atacado pelo demónio da indigestão, tomara comprimidos de pepsina quando Bump chegou. Henrieta retirara da mesa os pratos e a toalha, sobre a qual Clem espalhara grandes folhas de papel branco de embrulho em que sempre fazia os seus cálculos em grande escala.

-Sente-se - disse ele a Bump. -Vamos ter a maior crise da história do Mundo. Temos de estar prontos para alimentar o povo como jamais o fizemos antes. Vou abrir restaurantes, Bump. Já não bastará vender barato. Temos de estar dispostos a dar comida, para que ninguém morra de fome na nossa própria terra.

Desenhou em rápidas e concisas frases o que ele acreditava que iria certamente acontecer e Bump escutava, cauteloso e relutante, mas sabendo, por experiência, quantas vezes Clem já tivera razão.

-É difícil alimentar a nação inteira, Clem - replicou ele afinal.

Clem logo se impacientou. -Não falo na nação. Refiro-me à gente que tem fome. Quero estabelecer restaurantes nas grandes cidades o mais rapidamente que pudermos. Os nossos mercados suprirão os nossos próprios restaurantes. Quem puder pagar, pagará, naturalmente. De princípio, a maioria do povo pode pagar e quererá pagar. Mas já estou a pensar em janeiro e Fevereiro, talvez mesmo este Inverno, e no próximo Inverno, e talvez no outro. Aí é que as coisas estarão ruins a valer.

Era impossível conseguir que tamanho plano fosse posto em execução tão rapidamente como Clem desejava. Mas foi executado ou começou a ser executado dentro de tempo quase miraculoso. Clem comprou um pequeno aeroplano que Henrieta, muito contra o seu desejo, aprendeu a guiar, só não o fazendo quando Clem insistia em dirigir o aparelho, e ele, como ela bem o sabia, não era de confiança no manejo de máquinas. Exigia milagres divinos de engenhos feitos por mãos humanas. E, embora Henrieta se houvesse resignado durante anos aos maus tratos a que ele submetia os automóveis, aos seus puxões e sacudidelas de partes que não entendia, à assustadora velocidade com que corria quando com pressa, não podia no entanto contemporizar com tais manobras no ar.

Ela revelou-se um bom piloto, para sua própria surpresa, pois era uma criatura sensata que desprezava arriscar-se sem necessidade. Clem, como de costume, não se surpreendia com coisa alguma que ela fizesse. À altura mais baixa que ela ousava manter, voavam de cidade a cidade, e a sua única aparente cobardia foi quando se dirigiram à costa, para estabelecer restaurantes em S. Francisco e Los Angeles, tendo-se ela desviado para o Sul a fim de evitar as Montanhas Rochosas. Piloto e assistente, ela acompanhava Clem, enquanto, com o seu soberbo desprezo por todos os princípios comerciais, fundava, através do país, naquele primeiro Inverno, seis restaurantes com a mesma amplitude dos seus mercados. Para tais restaurantes contratou gerentes chineses.

-Só os chineses sabem fazer os melhores pratos da comida mais barata-explicou ele a Henrieta. -Estão acostumados a isso há milhares de anos.

Convocou o seu novo estado-maior para uma conferencia em Chicago, onde os acomodou num confortável hotel enquanto lhes falava nos meios de evitar a fome. Organizou uma centena de ementas, baseado no que havia no mercado, e ditou a regra que o deveria arruinar e que, no entanto, o devia levar ocasionalmente a maior prosperidade

-Sempre que alguém quiser comer gratuitamente nalgum dos nossos restaurantes, deve ser atendido - disse ele com firmeza. -Naturalmente não podem pedir morangos com creme, mas podem comer quanto cozido e quanto pão quiserem, e maçãs assadas e ameixas de sobremesa. Ninguém saberá se eles pagam ou não. Dirão na caixa que não poderão pagar e conseguirão um cartão, como os demais.

-Quantas vezes pode um homem comer de graça? -perguntou Mr. Lim, de S. Francisco.

-Não devemos indagar isso - respondeu Clem. -Não devemos indagar nada, compreende? -Se alguém tiver fome, que coma. Ao mesmo tempo, serviremos outros pratos, tão bem preparados que os que tiverem dinheiro hão-de querer pagar. E os nossos restaurantes também deverão ter bom aspecto, para atrair o povo. Não devem parecer lugares escusos.

Os chineses trocavam sorrisos. Os seus salários estavam assegurados e divertiam-se imensamente com aquele americano maluco. Uma vez que ele havia apelado para a sua honra, estavam prontos para contribuir com as suas mais engenhosas economias e os seus mais refinados temperos. Ele, por sua vez, aceitou as suas promessas com a maior confiança.

-Podemos fazer o que deseja - disse Mr. Kwok, de Chinatown. -Mas penso

que seria melhor que cada um de nós contratasse os seus próprios cozinheiros e criados, procurando cada qual os melhores profissionais que conheça.

-Por certo-concordou Clem. -Isso é com os senhores. Cada qual responsabiliza-se pela sua parte.

-Deve haver ordem, o senhor compreende - observou Mr. Pan, de Chicago.

-Sei que os americanos acham que são todos iguais, mas os chineses conhecem melhor as coisas. Para fazer que qualquer coisa vá avante, especialmente sendo bom e barato, um homem deve estar no alto e todos os outros em degraus abaixo, cada homem dependendo do seu superior, até ao que está verdadeiramente no topo. Cada homem é empregado e ao mesmo tempo patrão, menos o homem do fundo, que deve estar ansioso por subir e, portanto, fará o melhor que puder.

-Por certo - disse Clem. -O senhor expôs muito bem o caso. Com a mais simples organização ocasional, Clem arranjou os seus mercados e restaurantes, numa cadeia cooperativa. Não esperava perfeição, nem a conseguiu. O nepotismo em dois dos restaurantes constituiu um sorvedouro de lucros, até que o descobriu e despediu os dois gerentes, contratando outros novos. Com os antigos gerentes, retirou-se o respectivo pessoal e, com os novos, veio pessoal novo e escolhido. Os outros quatro gerentes aprovaram as mudanças e puseram-se a trabalhar com a maior integridade e zelo. Os Brotlzer Mera Restaurants de Clem, sempro paganda alguma, não perderam dinheiro no primeiro ano e salvaram da fome milhares de pessoas, tão discretamente que o público nada ficou sabendo. Três por cento dos que comiam de graça bem podiam pagar, mas não o faziam. Isso era contrabalançado pelos que podiam pagar e pagavam extra, porque gostavam da comida. Clem não fazia cerimónia em aceitar esses pagamentos extraordinários. Nas ementas mandara imprimir em letras grandes as seguintes palavras: «Os nossos preços são muito baixos para que possam produzir lucro. Se comeu mais do que o valor do seu dinheiro de algum prato de que tenha especialmente gostado, queira pagar o que julgar que seja o seu valor. Esse dinheiro servirá para dar de comer aos que têm fome».

Um incontável número de pessoas pagava extra mas Clem não se surpreendeu. A sua fé na Humanidade aumentava à medida que envelhecia e tornava desnecessária, dizia, qualquer outra fé.

-É assim que eu considero as coisas - disse ele a Henrieta, por ocasião de um de seus longos voos sobre as planícies do Oeste. -Todos precisam de fé. Alguns encontram-na em Deus, no Céu, ou coisas assim. A minha inspiração, por exemplo, vem da minha fé no povo, aqui e em toda a parte.

Nos meados do Inverno seguinte, contudo, Clem viu-se em apuros. Estava a alimentar o povo em alta escala, não só por intermédio dos seus mercados, mas também dos seus restaurantes, e compreendeu que isso não bastava. Viu que afinal tinha encontrado um trabalho além das suas forças.

O efeito que lhe causou tal descoberta alarmou sèriamente Henrieta. Ela viu o seu inicial entusiasmo e exuberância, a sua imensa energia, a sua confiança própria, e até mesmo a sua fé, transformarem-se numa intensa e amarga decisão à medida que as hordas da fome alastravam pelo país. Concentravam-se nas cidades, pois os camponeses podiam ocultar-se nas suas granjas, comendo o que produziam e deixando de comprar. Desistiam dos equipamentos e das máquinas

que tencionavam comprar. Tinham vivido sem rádios, sem automóveis e sem máquinas de lavar roupa e assim poderiam viver novamente. Recolhiam-se ao passado e viviam como tinham vivido os seus avós. Podiam ainda dormir nas velhas camas e usar as antigas mesas e cadeiras.

As cidades é que alarmavam Clem. Até nas cidades onde tinha os seus restaurantes as filas começavam a estender-se por quadras. Quando encontrou uma família com sete crianças a morrer de fome em Nova York, foi ter com Henrieta ao pequeno quarto de um hotel barato, onde costumavam parar.

-Nunca pensei que as coisas chegassem a este ponto - disse ele tristemente. -Na China ou na Índia, talvez... mas aqui?! Como conseguirei que o Governo compreenda que o povo tem de ser alimentado? Disto sairá uma guerra. O povo não sabe porque é que há uma guerra e pensa que é por uma porção de outras coisas, mas a razão fundamental é que o povo não pode comprar alimentos porque não tem dinheiro para isso. É o que conduz à guerra.

-Clem, pareces doente! - disse Henrieta. -Vou chamar um médico.

-Sim, estou doente - respondeu Clem. -Mas é uma doença que nenhum médico pode curar. Estarei doente enquanto as coisas andarem assim.

Ao meio-dia, não quis comer, e Henrieta desceu sozinha ao refeitório, envergonhada do seu apetite. Se ao menos Clem pudesse separar a alma do corpo! Mas não podia, o seu corpo compartilhava das torturas da sua alma desesperada. Censurava-se pelo estado em que estavam as coisas, e Henrieta acharia isso absurdo se não tivesse visto em seu próprio pai, quando menina, o mesmo sofrimento pelos pecados dos outros.

-Se cumpríssemos o nosso dever como cristãos - lembrava-se ela de ter ouvido o pai dizer no ano em que deixaram a China, aquele terrível ano em que Clem ficara sozinho em Pequim -se cumpríssemos o nosso dever como cristãos, o Mundo teria mudado numa geração.

Clem era assim, também. Queria que o Mundo mudasse rapidamente, porque via que poderia ser mudado, e aborrecia-se mortalmente porque os outros não viam o que ele via. Preocupada e triste, comeu a sua succulenta refeição, mastigando cuidadosamente cada bocado porque acreditava que Fletcher tinha razão nesse ponto. Interessava-se pelo fletcherismo por causa da indigestão de Clem e especialmente porque ele andava sempre com tanta pressa que engolia sem mastigar.

Quando voltou ao quarto, ele estava deitado na cama e ela julgou que estivesse adormecido. Adiantou-se na ponta dos pés e ficou a olhar para ele. Tinha as mãos enlaçadas atrás da cabeça e os olhos estavam fechados. Depois viu as pestanas tremerem-lhe.

-És tu? Estava aqui a pensar... Creio que tenho uma ideia.

-Oh! Clem, pensava que estivesse a dormir! Se não queres comer...

-Eu poderia comer, mas bem sabes como sou. Se como quando estou pensando nalguma coisa, a comida embrulha-se-me no estômago. Vou falar com teu irmão William.

Ela sentou-se pesadamente na cadeira. -Clem, isso não daria nenhum resultado.

-Quem sabe, Henrieta... Como tem uma nova esposa... -Ninguém poderá ser melhor do que foi Candace.

-Sim, ela era muito boa... Mas se William ama esta mulher, talvez o amor tenha influído nele. Talvez tenha despertado o seu coração.

-Espero que não hás-de querer que vá contigo. -Eu esperava que quisesses.

-Clem... isso não adiantará! Ele está inabalável agora. Aonde quer que a gente vá, o povo lê os seus infectos jornais.

-Ele deve sentir alguma coisa pelo povo.

-Não, não sente. Ele odeia o povo. Despreza-o, senão não faria jornais assim para ele. Eu sei porque ele faz assim, também. Dá-lhe a pior droga para o dominar. É como dar ópio aos chineses... ou whisky aos hindus. O povo acaba por gostar da droga e, como gosta, obedecerá à pessoa que lhe proporciona.

Clem, sempre generoso, sacudiu a cabeça ante esse retrato de William. - Acho melhor ir verificar por mim mesmo.

A cólera de Henrieta explodiu, apesar do amor. -Muito bem - declarou ela-vai, se quiseres, mas não irei contigo.

Ele suspirou e ergueu-se da cama. Vestiu o casaco e alisou os cabelos com a mão. Depois inclinou-se para a beijar carinhosamente:

-Não estás zangada comigo, pois não? -Oh! Não, Clem, mas...

-Mas o quê? -Ele parou e olhou para ela, com os olhos azuis fulgurando na sua face branca e os lábios estranhamente franzidos.

-É que és muito bom, Clem... E não acreditas que ninguém também não possa ser bom...

-Sim. Essa é a minha fé.

Chegando à porta, deteve-se, como se fosse dizer mais alguma coisa, ficou um instante em silêncio e, depois, continuou o seu caminho.

Lady Emory estava sòzinha para o chá. Era, naturalmente, Mrs. William Lane, e estava acostumada exteriormente a isso. Começava a sentir que a grande e confortável casa na cidade alta era a sua própria casa, e sua de um modo como jamais o poderia ser o Castelo de Hulme. Desde as mais remotas recordações, sabia que o Castelo de Hulme, sendo o seu abrigo, não era pròpriamente a sua casa. William adivinhara-o logo depois do casamento e pusera à sua disposição o dinheiro necessário para reparar o castelo e instalar quartos de banho.

-Assim sentir-te-ás mais à vontade para ficar lá o tempo que quiseres, agora que és minha esposa - dissera-lhe graciosamente.

Mas o pai dela recusara a oferta. Não via necessidade de mais quartos de banho, uma vez que ele próprio usava uma bacia de zinco que lhe traziam ao quarto pela manhã e era colocada diante da lareira.

-Acho que William gostaria de vir aqui de vez em quando, pai - replicara ela ante esse preconceito. -Sentir-se-ia menos como um hóspede se tivesse alguma parte no castelo.

Dissera isso tão graciosamente como William, mas o pai limitara-se a resmungar e fora necessário Michael para o convencer de que deixasse William reparar pelo menos a ala ocidental do castelo, como um lugar onde Emory e o marido devessem parar quando viessem à Inglaterra. Lady Hulme logo descobrira em William um significativo desejo de possuir alguma parte do castelo e mostrara-se grata a Michael que, afinal de contas, era quem mais merecia consideração, uma vez que era o futuro herdeiro.

Quanto à América, pelo que Emory pudera ver, era admirável. O povo era muito amistoso, talvez demasiado amistoso. Já fora convidada para inúmeras grandes festas, e todos insistiam em chamar-lhe Lady Emory, e isso fazia-a sentir-se como em sua pátria. William também lhe dava o tratamento de Lady Emory, em casa, diante dos criados. Naturalmente, quando a apresentava a alguém, era como sua esposa, Mrs. Lane. Ela sentia, apesar do verdadeiro amor de William, que não o conhecia tão bem como esperava que acontecesse um dia. Ele tinha uma estranha e quase proibitiva dignidade que não lhe desagradava, embora compreendesse que isso o afastava da gente comum e até mesmo de si, às vezes. Já estava habituada a isso. À sua maneira, seu pai tinha uma dignidade, também. Sentir-se-ia ofendido com a familiaridade dos seus inferiores.

Além disso, havia o quer que fosse nessa dignidade de William que a nobilitava e à sua vida em comum. Ela sentia-se orgulhosa do belo físico de William e tinha consciência da régia aparência de ambos quando se apresentavam juntos.

Nunca lhe falava na sua primeira esposa, pelo que ela se sentia grata. Em vez disso, falava-lhe muito na sua infância em Pequim, e ela, que nunca havia pensado na China como coisa real, agora via-o realmente lá, na figura de um rapaz alto e solitário, augusto no seu lugar de filho único da família, sedento de relações quando não poderia haver nenhuma, indiferente a seus pais e irmãs como aos chineses que conhecia, que aparentemente eram todos criados.

-Não conhecias rapazes chineses?

-Não era permitida a sua entrada na cerca. Minha mãe não gostava de chineses. Até mesmo o gabinete de meu pai tinha uma entrada separada para que não entrassem pelo vestíbulo os chineses que o viessem visitar.

-Não tentaste conhecer ninguém secretamente?

-Isso não me teria ocorrido - replicou ele com sinceridade.

Depois, pouco a pouco, foi lembrando fragmentos da sua vida na escola de Chefoo e ela viu que se formara ali a sua individualidade. Viu ela o orgulhoso menino desprezado e isolado pelos displicentes fidalguinhos ingleses que ela tão bem conhecia, pois Cecil fora um deles. Inconscientemente, William revelava-lhe as suas feridas jamais cicatrizadas.

Nem tudo eram amarguras. Ele falava às vezes nas vastas ruas de Pequim e na beleza dos telhados de porcelana dos palácios do Império moribundo. Contou-lhe numa nostálgica noite como sua mãe o tinha levado a visitar, quando menino, a Velha Imperatriz. -Inclinei-me diante dela, mas não me ajoelhei porque era americano. Os chineses tinham de se ajoelhar e tocar com a cabeça no chão. Recordo-me das suas mãos delgadas... As tuas fazem-me lembrar as dela. Eram compridas, pálidas e muito lindas. Mas as palmas estavam pintadas de vermelho e as longas unhas encerradas em ponteiros de ouro cravejadas de pedras. Olhei-lhe para o rosto... Um rosto dominador.

-Ela falou-te?

-Não me lembro. O povo chamava-lhe a Velha Buda. Tinham medo dela, mas admiravam-na. O povo precisa de ter alguém como ela. Fiquei triste quando ela morreu e surgiu aquele revolucionário, Sun Yat-sen. A gente do povo não pode respeitar um homem comum daqueles--um indivíduo exactamente igual a si.

Talvez esse novo homem, Chiang Kai-shek, seja melhor. É um soldado, acostumado a mandar. Com ele não há nada dessas tolices democráticas.

Emory escutava, ciente de que ele lhe estava dizendo coisas que jamais dissera a ninguém, coisas que ele havia esquecido e que subiam agora das profundezas da sua alma. No fundo de tudo, havia sempre uma permanente queixa contra seus pais, porque lhe haviam roubado o orgulho do berço. Seria impossível explicar-lhes porque se sentia envergonhado, e mais envergonhado se sentia porque desejava orgulhar-se do seu pai, e depois a humilhante consciência de que havia em si próprio algo do seu pai, apesar desse ódio, e que não poderia simplesmente desfrutar tudo o que tinha, o seu dinheiro, as suas grandes casas e a liberdade que o êxito lhe devia trazer, pois nunca seria livre. Deus perseguia-o.

Essa a amargura, essa a perturbação, esse o terror que ela encontrou na alma de William.

Reflectindo sòzinha junto à lareira, tomava ela o seu chá habitual numa fria tarde de janeiro. Não era muitas vezes que ficava sòzinha, e sentia-se exausta, pois não estava acostumada à intensa actividade daquele novo mundo. Tinha sido convidada para um «cocktail» em homenagem àquele dramaturgo que estava a obter agora tamanho êxito em Broadway, Seth James, e, quando telefonou a William dizendo que não iria, William replicou que tinha de ir, pois Seth fora um antigo empregado seu com quem se zangara e, se não comparecesse, poderia parecer que lhe guardava rancor.

-Deves ir, de qualquer forma - dissera-lhe Emory.

Achava bom estar sòzinha durante uma hora. Parecia-lhe difícil estar sòzinha na América, embora no Castelo de Hulme a solidão fosse a condição mais natural. Agora, depois de comer algumas sanduíches de agrião e beber duas taças de chá inglês, foi sentar-se ao piano que William mandara fabricar especialmente para ela, tocando durante uma meia hora, e transportando-se assim, como às vezes fazia, a um vago e distante lugar que não era a América mas que também não era exactamente a Inglaterra. Não desejava voltar ao Castelo de Hulme e sentia-se inteiramente feliz ali naquela casa, tão feliz como achava que se poderia ser nesta vida mortal. Cecil deixara-a agora inteiramente, até mesmo em sonhos, e ela raramente pensava nele.

Em meio da música, a porta abriu-se e ela ouviu a tossezinha com que o criado anunciava a sua embaraçada presença.

-E então, Henry? - perguntou ela, abrandando a sua música, sem que parasse.

-Desculpe, minha senhora, o cunhado de Mr. Lane está aqui. -Mr. Jeremias Cameron?

Já se encontrara com Jeremias e Ruth. Vira ser difícil dar-se com a irrequieta afabilidade de Ruth, mas achara Jeremias encantador, embora fosse uma pena ser também irmão da primeira esposa de William.

-Espero que não lhe importe que seja irmão de Candace -fora logo dizendo Jeremias na primeira vez em que se encontraram. -Garanto-lhe que Candace é muito compreensiva. Na verdade, ela não teria nenhum constrangimento em a conhecer, é uma criatura de excelente coração.

-Não me importa absolutamente que o senhor seja seu irmão - respondeu Emory.

-Não é mr. Jeremias, minha senhora - dizia agora Henry. -É o outro cunhado... Mr. Miller, creio eu.

-Oh! --Lady Emory ergueu-se do piano. Sabia por William que Henrieta casara com um homem esquisito chamado Clem, que conseguira enorme êxito com monopólios de alimentação. Enquanto estava parada no meio da sala, incerta de como receberia Clem, ou se haveria de o receber, conservou-se ele à porta, um tanto sombrio, com os cabelos amarelos em desordem.

-Entre - disse ela.

Chocou-a a sua excessiva magreza e o impressionante azul dos seus olhos.

-Parece que está com frio - disse-lhe ela com involuntária bondade. -Deve tomar um pouco de chá quente.

Para Henry, ainda postado à porta, disse ela: - Vá buscar chá quente, Henry.

-Sim, minha senhora. -A voz de Henry tinha um tom de dúvida, enquanto ele se afastava.

Clem viu uma mulher, uma dama, que era toda gentileza e bondade. Era verdade que, ao entrar, não se sentira bem por um instante. Não tinha comido nada desde manhã.

-Creio que estou com um pouco de fome - disse ele, e tentou sorrir.

Ela logo o fez sentar numa confortável cadeira e colocou-lhe um escabelo sob os pés. O fogo ardia agradavelmente e a vasta sala era tranquila. Tudo era confortador e bom, e ele sentiu esvair-se a sua pressa e a sua excitação. No seu corpo tenso, os músculos, um após outro, foram-se relaxando. O criado voltou com chá quente e ela serviu-lhe uma taça.

-Traga-lhe um ovo quente - ordenou ao criado.

-Não posso comer ovos - protestou Clem.

-Pode, sim - afirmou Emory, com firmeza. -Precisa de um ovo. Está tão pálido...

-Não sirva leite no meu chá, por favor - disse Clem.

Tomou duas taças do delicioso chá e comeu um dos biscoitos quentes e, quando o criado trouxe o ovo encomendado, sucedeu que eram dois, servidos numa tigela. Havia triângulos de torradas, que ele comeu, e sentiu-se renovado até à alma.

-É uma maravilha o que o alimento pode fazer - disse ele, sorrindo para ela, que lhe devolveu o sorriso.

-Não sei como lhe chamar... - disse Clem por fim.

-Emory, naturalmente. O senhor chama-se Clem, bem sei.

-A senhora não é uma lady, ou coisa parecida?

-Bem... mas isso não importa, agora que sou americana.

Clem enrolou cuidadosamente um pequeno guardanapo de rendas e colocou-o sobre a bandeja.

-Creio que acredita em alimentar o povo - disse ele - e é por isso que vim falar com William. Ele não lhe falou a meu respeito? -Creio que disse que o senhor lida com alimentos. -Preferiria dizer que lido com o povo e a maneira de o alimentar.

Ele inclinou-se, parecendo extraordinariamente refeito e lembrando-lhe de

algum modo os jovens de Londres que estavam sempre a falar em Hyde Park. Ela nunca parava para ouvir qualquer deles, mas muitas vezes eles tinham aqueles cabelos amarelos e aqueles fulgurantes olhos azuis. Enquanto estava sentada a olhar para ele e a pensar nessas coisas, Clem mostrava-se fluente em pregar o seu evangelho àquela bondosa e atenta mulher. Esquecera tudo, menos que havia tomado o lugar de Candace e que ele não devia gostar tanto dela, mas o facto é que gostava. Candace mostrava-se bondosa, também, mas com uma bondade de criança, e ele nunca tinha a certeza de que ela o compreendia. Mas aquela mulher compreendia-o e não era absolutamente uma criança, Havia até certa tristeza nos seus olhos escuros.

-Compreende o que quero dizer? -perguntou-lhe ele, fazendo uma pausa.

-Compreendo, sim. Acho uma ideia maravilhosa. Apenas, naturalmente, o senhor está muito adiante da nossa época. É a tragédia das grandes ideias primárias. O senhor não viverá o suficiente para ver praticado, nem mesmo acreditado, que o povo tem direito ao pão como tem direito à água ou ao ar. A santíssima trindade da vida humana!

Clem não podia suportar que ela se limitasse a compreendê-lo ou a acreditar nele. Quem acreditava, devia agir.

Ele insistiu. -Mas temos de fazer com que o povo compreenda isso. Por isso é que vim falar com William. Ele tem muito poder sobre o povo.

Emory olhou para ele com um novo e súbito interesse. -Julga que sim?

Ele foi sensível a esse interesse e sentiu-se ansioso por aproveitá-lo o melhor possível. --Não lhe sei dizer como é grande o seu poder. Os seus jornais vão a todas as casas de cada pequena cidade... jornais pequenos e fáceis, que qualquer pode ler. E depois, há ainda as gravuras. Eu leio-os, também, e vejo as gravuras. O esquisito, para mim, é que os senhores não aprendem nada, Miss... Lady...

-Emory, apenas - lembrou-lhe ela.

-Quero dizer que tudo é muito divertido e bonito, mas não aprendem nada. Não compreendem porque é que o povo da Ásia quer uma vida melhor e não compreendem porque é que as coisas não vão tão bem na China, apesar do novo governo.

Ao falar na China, Clem sentiu-se preocupado. -Não sei... - murmurou ele. -Creio que as coisas não vão bem por lá. Talvez seja melhor que eu vá até lá, logo que passe essa depressão. -Ergueu a cabeça. -Era o que eu queria comunicar a William, se pudesse ser convertido, por assim dizer, a esta ideia de alimentar o povo. Não será caridade. Não nos custará dinheiro.

Começou a explicar a regra de ouro dos seus restaurantes e, em certo ponto de sua exposição, ergueu os olhos e avistou William parado à porta, com a surpresa e a reprovação estampadas no rosto.

-Vem cá, William - disse logo Emory. -Estou a ouvir um rapaz muito interessante. É Clem.

Assim, dava a entender a William que ele tinha de retirar do rosto aquela expressão que assumira propositadamente para ferir, e que devia entrar, sentar-se e ser amável com Clem, porque ela o desejava. Os seus olhos encontraram-se por um segundo e William cedeu. Cedia ante Emory como jamais cedera ante mais ninguém.

-Como vai? -perguntou a Clem.

-Muito bem - respondeu este. -E você?

William não respondeu. Sentou-se e tomou uma taça de chá da mão de Emory.

-Vim, na verdade, visitá-lo - disse-lhe Clem. -Mas tive muito prazer em conversar com a sua amável esposa. Tratou-me muito bem, deu-me de comer. Ainda não tinha comido hoje. William não demonstrou interesse.

-Quer uma sanduíche ou um biscoito? -interrogou Emory. -Não quero nada, obrigado.

Clem sentiu que a atmosfera da sala mudava e apressou-se em dizer ao que vinha. Provavelmente queriam estar sôzinhos e, em todo o caso, ele já se havia demorado bastante.

-Não quero desperdiçar o seu tempo, William, mas desejo dar-lhe uma ideia. Expô-la, em todo o caso... Leio os seus editoriais todos os dias, e vejo que põe neles sempre uma ideia, isto é, uma ideia sua. Não concordo com a maioria delas, mas não é disto que se trata. Estamos num país livre. Mas vejo que o povo adopta as suas ideias quase em conjunto. Ando um pouco por todo o país e oiço os homens afirmarem coisas que vêm directamente da sua boca, por assim dizer. Vejo que o senhor bem compreende como é a maioria do povo. Ele não sabe muito e fala um pouco, e naturalmente precisa de ter alguma coisa para dizer, de modo que diz o que ouve os outros dizerem ou o que lêem no jornal. Admiro a maneira sucinta, clara e simples com que o senhor diz as coisas.

-Muito obrigado - disse William imperturbavelmente.

Clem nunca notava a ironia e aceitava as palavras pelo que eram. -Tudo isso está certo. Agora eis aqui a minha ideia. Como propagar a ideia de que devemos dar os nossos excedentes aos que não têm alimento? Quero dizer aqueles homens que, quer nas «bichas» do pão, quer vendendo maçãs na rua, têm as famílias famintas em casa. Não custará nada.

-Que excedentes? - perguntou William friamente.

-Os nossos excedentes - repetiu Clem com firmeza. -Até mesmo agora temos excedentes, enquanto há gente que morre de fome porque não pode comprar alimentos. O dinheiro é que falta, não é -alimento.

William pousou a taça. -O que me propõe desorganizaria todo o nosso sistema de governo se fosse levado à conclusão lógica. Se o povo não tem dinheiro, não pode comprar. A sua ideia é desprezar o dinheiro e fornecer alimentação gratuita. Quem vai pagar aos homens que produzem o alimento?

-Mas os produtores não estão a ganhar nada, em todo o caso! - exclamou Clem. -O alimento está a apodrecer e eles também se encontram em má situação.

-É melhor deixar o alimento apodrecer do que minar todo o nosso sistema económico - afirmou William com firmeza.

Clem lançou-lhe um olhar feroz. -Muito bem, William, paguemos então aos produtores!

-Quer dizer que o governo deve alimentar o povo? - William estava chocado até ao fundo da alma.

-Oh, meu Deus! --bradou Clem. -Atente nos homens, William! É no povo que eu estou a pensar... no povo faminto. Que é uma nação, sem o povo? Que é o comércio, sem ninguém para comprar? Que é o governo, se os cidadãos morrem?

-Isso é completamente ridículo - replicou William a Emory. Ele ergueu-se, dominando Clem, que também se ergueu. -Nós jamais concordaremos um com o outro - respondeu William formalmente. -Devo dirigir as minhas publicações segundo o meu critério. Acredite-me, sinto muito ver alguém faminto, mas acho que os que estão com fome têm alguma razão para isso. A nossa terra é uma terra de oportunidade. A minha própria vida o prova. Ninguém me ajudou a ter êxito. O que eu fiz, outros o podem fazer. Esta é a minha fé como americano.

Por um momento Emory, ao ver os dois homens que se enfrentavam, pensou que Clem se arremessaria contra William. Este vibrava, de punhos cerrados, com os olhos azuis eléctricos cheios de raiva. Olhou para William um longo momento e súbitamente a raiva abandonou-o.

-Você não sabe o que está a fazer. -As palavras saíram da boca de Clem como o sopro da morte. Ele voltou as costas e retirou-se, como se tivesse ficado cego e surdo.

Depois de ele se ter ido embora, William tornou a sentar-se. -Outra chávena, por favor, Emory. -Procurava tornar a sua voz normal.

-Pois não, William. Mas estará quente? -Ela apalpou o bule. -Sim, deve estar ainda quente.

Primeiro provou o chá e depois disse:

-Bem vê, Emory, como esse homem é impossível! -Creio que ainda não compreendo o sistema americano, William. Há gente que morre de fome.

-Alguns, naturalmente, necessitam de alimentos - disse William com voz ponderada-. Mas as instituições de caridade estão atentas. Há alimentação gratuita; o que ele quer está a fazer-se. Eu próprio tenho dado muito dinheiro para instituições filantrópicas, em teu nome e no meu.

William fez uma pausa, mas Emory não lhe agradeceu e ele continuou: - Que são esses casos de caridade, senão os que sempre foram? São os tolos, os ignorantes, os preguiçosos, os oportunistas, os parasitas, todos os que vivem à margem e que se encontram em qualquer moderna nação industrial. Na antiga civilização agrícola da velha China, ficavam eles ao cuidado do imenso sistema de família. A indústria, naturalmente, transforma isso tudo.

-Não se encontraram outros meios para substituir o sistema de família?

-Meios existem - disse William com uma ponta de impaciência. -Podes acreditar-me quando digo que ninguém precisa de morrer de fome aqui na América, quando quer trabalhar. Mesmo que não queira trabalhar, não morre de fome. Há instituições de caridade por toda a parte.

-Compreendo - disse Emory em voz tão baixa que era quase um sussurro.

Não falaram durante alguns minutos e quando William lhe estendeu a mão, ela conservou-a nas suas. Era a melhor hora do dia, aquela tranquila hora entre o chá e o jantar. Se tinham visitas, mostravam-se amigos e, se não tinham, era assim, William sempre carinhoso para com ela. Emory sabia que ele a amava verdadeiramente. Sabia, mesmo, que ele não amava a ninguém mais. De certo modo, não podia compreender como havia descerrado aquele coração que, se não fora ela, seria como uma tumba. Sentia-se atemorizada com aquele amor, pois jamais soubera, antes, do seu próprio poder. Cecil tinha-a amado, mas ela talvez o amasse mais do que ele a ela. Ela pertencera-lhe, mas de certo modo

William

pertencia-lhe. Tinha medo, às vezes, pois não poderia tal posse exigir muito de si? Já não estava inteiramente livre, porque o seu amor era demasiado exclusivista.

-Envergonho-me de que meu cunhado tenha forçado a entrada nesta sala, destruindo a tua tranquilidade - disse William.

-Oh! Não - disse ela. -Foi muito interessante. Na verdade... -Mas interrompeu a frase neste ponto e ele nada mais lhe perguntou. Em vez disso, ergueu-se e inclinou-se para a beijar. E ela recostou a cabeça para trás, a fim de receber o beijo.

-Quero que sejas feliz - disse William numa voz abafada pelo amor. -Não quero que te incomodem.

-Obrigada, querido. Não estou aborrecida.

Ele retirou-se e ela ouviu-o subir a escada para os seus aposentos. Iria tomar banho, mudar de roupa, e logo desceria, descansado e de excelente aspecto, como o gentleman rico que ele era e dispondo cada vez mais dos seus lazes. Não tinha necessidade de trabalhar como antigamente, ainda ontem ela lho dissera. Deviam ir à Itália naquele Inverno, fazendo naturalmente um alto no Castelo de Hulme.

Ficou sentada um momento, pensando nisso tudo e em Clem. Depois, com um súbito e decisivo gesto, tocou a campainha. Nada podia fazer, na verdade, a respeito de Clem. Tinha escolhido William, e o seu mundo era o de William.

A porta abriu-se. -Levante a mesa, Henry - disse ela, na sua argentina voz inglesa. -Vou lá para cima e, se alguém telefonar, não quero que me incomodem.

-Sim, minha senhora - respondeu Henry.

Da casa de William, Clem dirigiu-se à cidade. Queria ser confortado e tranquilizado. Henrieta sempre lhe podia dar consolo e ânimo, mas ninguém, nem mesmo ela, poderia compreender que agora, naquele momento, ele necessitava de ser tranquilizado de facto. Precisava de verificar, com uma verdadeira experiência, se o que ele vinha fazendo não era mais do que lançar uma gota no profundo poço da fome humana. Evitou o hotel e, tomando um ônibus, rumou para Mott Street, onde se achava o seu maior restaurante. Era um local não muito vistoso, mas agora já não havia necessidade de que fosse de outra maneira. A gente já sabia que poderia conseguir alimento gratuito ali, muita gente, aliás... Viu muitos homens e algumas mulheres com crianças enfileirados numa friorenta bicha, à espera, no crepúsculo hibernal, e ele levantou a gola do sobretudo e tomou o seu lugar na extremidade. Dentro de poucos segundos havia mais vinte pessoas atrás dele.

Movimentavam-se passo a passo, com intolerável lentidão. Deveria falar com Kwok a esse respeito. O povo devia ser servido mais rapidamente naquelas noites tão frias. A rapidez era essencial. Deviam contratar mais criados, quantos fossem necessários.

Afinal entrou e acomodou-se a uma mesa já cheia. O criado que estava a limpar a mesa não reconheceu aquele novo freguês.

-Que deseja? -perguntou ele, ainda a esfregar a mesa. Clem murmurou o prato básico. Ficou de novo à espera, olhando para um lado e outro, observando tudo. A sala estava demasiado cheia, mas era quente e razoavelmente limpa. Era grande, mas não suficientemente grande. Devia ver se poderia alugar o andar

superior. Apesar da multidão, o local estava silencioso, ou quase silencioso. Os fregueses, inclinados sobre as mesas, comiam. Sòmente uns poucos conversavam ou riam.

Chegou o seu prato e pôs-se a comer. A comida era assaz boa, abundante e quente. O criado olhava para ele e Clem viu-o um momento mais tarde parar junto ao postigo da caixa. Comeu quanto pôde e, depois inclinou-se para o seu vizinho, um jovem de barba por fazer que havia limpo o respectivo prato.

-Quer? - murmurou Clem.

Os fundos olhos juvenis brilharam na face faminta. -O senhor não quer?

-Não posso terminar...

-Nesse caso...

O criado estava olhando de novo, mas Clem ergueu-se e dirigiu-se ao postigo com o seu cartão. Inclinou-se para as grades e disse em voz baixa: - Desculpe, mas não posso pagar nada.

A jovem chinesa que estava ao postigo replicou logo, e a sua voz e acento eram inteiramente americanos. -Oh! Sim... bem pode pagar! O senhor não é nenhum miserável... com essa roupa!

-É a única roupa decente que tenho.

-Pois então, trate de a empenhar. Todos assim o fazem para pagar o que comem.

Ele voltou-se, tomado de súbita fúria e atravessou a sala, abrindo caminho entre os criados. Foi direito ao pequeno gabinete de Mr. Kwok, e ali o encontrou em mangas de camisa, com o rosto oleoso de suor.

-Mr. Miller... - Mr. Kwok ergueu-se e indicou a sua própria cadeira: - Queira sentar-se.

Clem ainda estava furioso. -Não, não me quero sentar. Olhe, vim hoje de noite verificar como iam as coisas. Disse à caixa que não podia pagar, exactamente para experimentar o sistema. A maldita rapariga do postigo disse-me que empenhasse a minha roupa!

Mr. Kwok suava mais fortemente. -Por favor, Mr. Miller, não se zangue tanto! O senhor não compreende. Assim vamos falar: muita gente a comer todos os dias. Na China, bem sabe o senhor que os famintos não esperam comer todos os dias, mas sòmente uma, duas ou três vezes por semana. Aqui, os americanos esperam comer todos os dias, mesmo que não possam pagar. Ninguém pode atender a isso, Mr. Miller, nem mesmo um grande coração como o seu. Gente na miséria não pode comer como os que não estão na miséria. Isso não tem sentido, Mr. Miller. No princípio, sim, era muito razoável, porque a maioria pagava, mas agora muita gente não paga e ainda come como dantes. que diabo, Mr. Miller! É a depressão! A ira de Clem aplacou-se. O que o chinês dizia era verdade. Muita gente não podia pagar. A missão estava acima das suas forças. Muita gente, muita gente com fome...

-Creio que tem razão - disse ele, após longa pausa.

Parecia tão pálido quando se ergueu e vacilou de maneira tão estranha que Mr. Kwok se assustou e amparou-o pelos cotovelos. -Está a sentir alguma coisa, Mr. Miller?

Clem endireitou-se. -Não, estou muito bem. Vou pensar no caso. Boa noite, Mr. Kwok.

Desenvencilhou-se das suas mãos solícitas e saiu para a rua. O seu plano não funcionava. Nada funcionava. O povo empenhava as roupas naquele duro Inverno. Diziam-lhe que empenhasse as roupas, que empenhasse tudo o que pudesse, sem dúvida. Tinham recomendado aos criados que verificassem o que o povo vestia. Recordava o rapaz faminto que se apoderara do seu prato e, como um cachorro, comera os restos. Eis o que chegara a acontecer ali no seu próprio país. Algum dia o povo estaria a comer relva, raízes e folhas, como na China.

-Vou a Washington - murmurou ele na fria escuridão. -Vou lá outra vez e dir-lhes-ei...

Achou o caminho para o hotel, onde Henrieta o esperava, alarmada com a sua longa ausência.

-Clem... -começou ela, mas ele interrompeu-a logo.

-Vai preparando as nossas coisas. Tomaremos o próximo comboio para Washington. Vou falar com aquele camarada da Casa Branca, se tiver de abrir caminho até lá.

Não o conseguiu, naturalmente. Henrieta sabia que não o conseguiria. Ela ficou à espera no saguão e pôs-se a ler um folheto, de uma mesa cheia de folhetos e magazines que tinham sido mandados para o presidente ler. Ele não tinha tempo para os ler, e ali foram colocados para ajudar os que esperavam a matar o tempo. Num folheto de cinco páginas, em palavras secas como areia, em sentenças tersas como exclamações, mas desapaixonadas, ela leu a simples e inteira verdade. Durante vinte e nove meses, os negócios americanos vinham declinando. A produção industrial era cinquenta e cinco por cento do que fora três anos atrás. A deflação em todos os preços era de trinta e cinco por cento. Os lucros haviam baixado setenta e cinco por cento. Dezanove empresas de caminhos de ferro tinham falido durante o último ano. Os preços dos produtos agrícolas tinham baixado quarenta e nove por cento e continuavam a baixar. Mas e aqui reconhecia ela agora como Clem sempre tinha razão-havia mais alimento do que nunca! Os agricultores tinham produzido mais dez por cento de alimento naquele ano de fome do que três anos antes, em época de fartura.

-Oh! Clem - murmurou Henrieta para o seu próprio coração-, quantas vezes lhes falaste e eles não te escutaram! Ó Jerusalém, Jerusalém, quantas vezes...

Colocou o folheto em cima da mesa e ficou sentada com as mãos cruzadas no regaço e a cabeça inclinada de modo que o chapéu ocultasse as lágrimas que lhe arrasavam os olhos. Era por Clem que ela chorava, por Clem em quem ninguém acreditava, a não ser ela própria, que não era ninguém. William ferira-o terrivelmente, mas ela não sabia como, pois Clem não lhe dissera o que havia acontecido. Mal dissera uma palavra ou outra durante a viagem de comboio. Tentara fazê-lo dormir, embora estivessem apenas numa cama diurna - Clem não gastaria dinheiro em carruagens-camas - mas, embora ele recostasse a cabeça e fechasse os olhos, ela sabia que ele não estava a dormir.

Clem entrou de súbito na sala de espera e Henrieta logo viu que ele havia falhado. Ergueu-se e saíram do edifício lado a lado. Ela pegou-lhe na mão, mas a mão estava frouxa, e Henrieta largou-a.

-Não - disse Clem. -Ele estava muito ocupado. Falei com um ou outro, mas o bastante para saber que não adiantava ficar rondando por ali.

-Oh, Clem... Porquê?

-Porquê? Porque eles têm o seu plano. Queres saber qual é? Bem, eu te direi. Querem recomendar aos agricultores que parem de produzir tanto. Eis o seu plano. Maravilhoso, não é, pois, com o país a morrer de fome?

Voltou-se para Henrieta e soltou uma gargalhada tão furiosa que os transeuntes ficaram a olhá-lo, mas ele não ligava aos seus olhares. Seguiu avante tão depressa como se estivesse numa corrida.

-Aonde vamos agora, Clem?

-Vamos voltar para Ohio. Vou fazer aquilo andar.

A nação endireitou-se nos dois anos seguintes, lentamente, como um navio que sai de uma tempestade. William escreveu um claro e bem arrazoado editorial para a sua cadeia de jornais e acentuou, para os seus milhões de leitores, que as reformas não tinham sido começadas por Franklin D. Roosevelt, o novo presidente, mas por Herbert Hoover, que, em sã justiça, deveria ser reeleito, para que pudesse terminar o que tinha começado. Era óbvio, prosseguia William, que o novo residente da Casa Branca levaria a nação a nunca visto débito nacional. O que William via agora na Casa Branca não era o maduro e incomparável homem, enrijecido por severa experiência. Via um jovem de quem ele se recordava dos tempos de escola, alegre e voluntarioso, nascido tão naturalmente como Emory para viver num palácio e desfrutar de uma riqueza herdada, mas, ao contrário dela, não controlado por nenhum parentesco ou relação. Roosevelt, seguro desde o berço, era incontrolável e, portanto, temível, e William canalizou esses temores no seu habitual estilo editorial, extremamente simples e de uma concisão dogmática. Para surpresa sua, experimentou a primeira rebelião. Milhões de pessoas, ao ler os seus editoriais, sentiram uma inexplicável fúria e as vendas dos jornais baixaram tanto que os seus agentes comerciais se viram obrigados a comunicar-lhe tal facto. Ele respondeu-lhes com um memorando, dizendo que ia visitar a Inglaterra e a Europa, especialmente a Alemanha, onde desejava ver por si próprio o que estava a acontecer, e que poderiam fazer o que quisessem enquanto ele estivesse fora.

Emory recebeu a notícia da viagem com a sua calma habitual. Não tinham ido à Inglaterra ou à Itália no ano anterior e ela sentiu que uma mudança seria agradável. A sós com William, poderia descobrir o que era que o tornava perpétuamente insatisfeito, não com ela, mas com a vida em si. Jamais lhe mencionara que havia descoberto esse descontentamento, mas sabia agora que era espiritual e que ele começava a percebê-lo por si próprio. Sentiria William alguma falha no amor que ela lhe devotava? Haveria tal falha? Ela não saberia responder. William tinha tanta coisa... Tinha todo o dinheiro que jamais sonhara possuir e a mais feliz cadeia de jornais populares. Estava já a planear o próximo candidato presidencial, pois aquele homem da Casa Branca provavelmente não sobreviveria à próxima legislatura. Que ele ansiava por alguma coisa que não tinha, alguma coisa mais do que a mulher poderia dar, estava agora claro, talvez até para o próprio William.

Ou o seu espírito buscava o pai? Um dia, durante a viagem, William disse: - Penso constantemente em meu pai. Desejaria que o tivesses conhecido, Emory. Vocês compreender-se-iam um ao outro. Ele era um grande homem desconhecido.

-Sim, desejaria tê-lo conhecido... - observou ela. Repousavam nas suas cadeiras sobre o convés. O Sol brilhava sobre um mar azul.

-Pergunto-me... Muitas vezes pergunto-me... - dizia William, como se lhe custasse expressar o seu pensamento.

Emory desistiu de abrir a sua novela. -Perguntas o quê, William?

-Se ele aprovaria o que faço... o que sou!

Aprovação. Eis a palavra, a chave! Ela logo o descobriu. William necessitava da aprovação de alguém que ele reconhecesse como seu superior espiritual. Sabia que ele era um homem de natureza fortemente espiritual, um homem religioso sem religião. A própria Emory não era espiritual, nem religiosa tão-pouco, e não o pode ajudar. Não levou a conversa além do seu habitual comentário simpatizante.

-Tenho a certeza de que ele te aprovaria, William; mas desejaria que ele aqui estivesse para to dizer.

Consigo própria, depois dessa conversa, começou a activa procura da religião de que William necessitava. Devia ser uma religião assaz forte para ele, organizada e antiga, não o budismo, que era muito suave, nem o hinduísmo, que era muito misericordioso, nem o taoísmo, que era muito alegre, imbuído como era de humana independência, até mesmo de Deus, e o confucionismo estava morto. Ela conhecia um pouco de todas as religiões, pois após a morte de Cecil havia estudado as escrituras de muitas e afinal ficara indiferente a todas elas. Em vez de religião, cultivara uma profunda paciência congénita e, desprendida de tudo pelo antigo choque, nada agora podia perturbar a calma que se desenvolvera, como uma madrepérola, em redor da sua própria alma. Desejava na verdade ter conhecido vivo o pai do seu marido.

Quanto a sua mãe, descobrira logo que fora apenas o vaso de criação.

No entanto, Emory até gostava do vaso. Com o seu subtil humor, em breve compreendeu que não havia uma onça de vida espiritual no irrequieto corpo da sua sogra. Mrs. Lane utilizava Deus para os seus próprios fins, que eram sempre literais e materiais, consubstanciando-se no êxito de William, na sua prosperidade, no recente parentesco com um conde inglês. Logo depois do casamento de William, anunciou que iria à Inglaterra e que gostaria de visitar o Castelo de Hulme. Emory escrevera a sua mãe com toda a franqueza, dizendo-lhe que sua sogra seria o mais cómodo dos hóspedes, nada se parecendo, nesse ponto, com William. «A velha Mrs. Lane está sempre bem disposta para agradar», escreveu Emory, e desenhou um pequeno focinho de gato na larga margem do papel de cartas que trazia o seu nome, mas também o brasão de Hulme.

Fora ao embarque de Mrs. Lane e, no convés do grande navio, dera-lhe umas orquídeas vermelhas, um pacote de novelas religiosas e uma caixa de chocolates franceses. «Alimento para o corpo e para a alma», dissera-lhe ela com segredo cinismo. Mrs. Lane, que tinha o estômago forte e gostava de doces, não compreendia o cinismo. Agradecera à sua nova nora com a especial solicitude que tinha para com os bem-nascidos. Ficou à amurada do convés superior, com uma capa de pele e um chapéu com um véu de rendas, a acenar vigorosamente.

No princípio o divórcio pareceu-lhe uma coisa horrível, até que afinal descobriu como aprovava Emory e a sua família inglesa. Depois transigiu. Não era

como se William ainda precisasse do dinheiro dos Cameron. Na sua actual posição, Emory era-lhe, na verdade, muito mais adequada do que Candace. Os homens sempre acabavam por ultrapassar as mulheres, embora, graças a Deus, isso jamais tivesse acontecido com o seu próprio marido. Tudo isso metera nos ouvidos de Ruth, que sempre a escutava.

Emory logo viu que tal mãe nada tinha de útil para William, e no princípio pensara que qualquer ligação entre William e sua mãe havia cessado com o corte do cordão umbilical. Mais tarde percebera que não tinha razão. Mrs. Lane criara uma divisão em William. A ela devia William o seu respeito à riqueza, aos castelos, à linhagem, ao...

Neste ponto das suas reflexões, Emory deteve-se. Estava a ser incorrecta, pois não desfrutava ela as riquezas de William? Pior ainda, estava a ser injusta com ele, cuja alma ansiava por coisas mais altas do que as que possuía. Desejava que William fosse realmente feliz e não como os americanos entendiam a felicidade, que era algo de muito cálido e ocasional. Desejava que William se sentisse satisfeito de um modo como ela sabia que ele não estava. Desejava que se acalmasse a sua inquieta ambição e que cicatrizassem as vagas feridas da sua vida. Algumas destas conseguira ela cicatrizar, pelo simples facto de ser o que era: inglesa e sua esposa.

O Castelo de Hulme estava excepcionalmente belo na tarde em que lá chegaram. O Inverno fora suave, disse o motorista, explicando o acúmulo de verdura nos velhos muros e torres.

Os pais de Emory achavam-se na grande sala de estar, embora ainda não fosse meio-dia, e ela sensibilizou-se ao ver que estavam à sua espera, deixando de parte as suas habituais ocupações matinais.

-Queridos... - disse ela, inclinando-se para os beijar,

William mostrava-se calmamente convencional, e não disseram muita coisa. Os pais de Emory não se sentiam à vontade com ele, nem tão-pouco se sentiam inteiramente à vontade com a filha, como ela própria o notou. Depois entrou Michael, em traje de montaria, e com ele entrou na sala a facilidade.

-Vocês aí... Ainda não lhes mostraram a sua parte no castelo?

-Não nos disseste... - lembrou-lhe Lady Hulme.

-Venham, venham - disse Michael. -Eu é que vos queria mostrar.

Eles acompanharam-no, rindo da sua impaciência, e Emory viu que até mesmo William, tão parco em sentimentos de gratidão, estava sensibilizado com o que Michael fizera. Construíra realmente um pequeno castelo particular em uma das alas. Tinha a sua entrada independente, cozinha própria e quatro casas de banho.

-Aqui poderei descansar, Emory-e tão gravemente o disse que ela percebeu que ele necessitava de repouso.

-Venha cá, William - disse Michael depois de terem visto tudo. - É melhor deixarmos Emory um pouco com a mãe. Tenho de ir até à cidade próxima para escolher um tractor. Poderíamos almoçar lá. Você poderá aconselhar-me. É uma máquina americana.

Emory riu. -Tu não és muito subtil, Michael; mas em todo o caso nunca o foste. -Eles riram com ela e retiraram-se, e Emory foi almoçar com seus pais.

O castelo, descobriu ela, estava numa estranha mutação. Seu pai, profundamente aborrecido com o aumento do imposto de transmissão causa mortis, ameaçava mudar-se para a casa do porteiro com sua mãe e dois ou três criados, deixando Michael ocupar o castelo e assumir o título, até onde isso fosse possível. Ela ouviu essa conversa na imensa mesa da sala de jantar, com o pai numa das pontas, a mãe na outra, e ela no meio, como dantes.

-É triste não podermos acabar os dias no nosso próprio lugar - disse o conde.

Ficou em silêncio diante do seu bife e do cálice de Porto, um silêncio que sua mulher não pôde suportar por muito tempo.

-Em que estás a pensar, Malcolm? -perguntou Lady Hulme. Ela não bebia Porto, porque lhe produzia pequeninas veias vermelhas no nariz.

-Não te lembras, querida, daquele homem que desenterrámos na igreja quando instalámos os canos de água quente? -perguntou o conde, com total falta de respeito.

-Pai, porque pensas nisso agora? -perguntou Emory.

-Ele estava lá há cento e cinquenta anos, os seus ossos eram como quaisquer outros, brancos como giz, mas continuavam perfeitamente articulados uns nos outros, como sabes.

Lady Hulme lembrava-se perfeitamente da manhã de junho, anos atrás, quando os operários vieram dizer que tinham batido num caixão, na igreja, e os dois tinham ido ver. O caixão era apenas de madeira, e dele só se conservavam propriamente os fechos de metal, mas ali no pó jazia o mais belo esqueleto que se pudesse encontrar. Felizmente não era nenhum antepassado dos Hulmes, mas um médico que servira a família e a quem se concedera a honra de ser enterrado na igreja.

-Não achas que ele tinha tomado drogas ou qualquer coisa que conservasse os ossos? -perguntou ela agora.

-Talvez-concedeu o conde. -Mas talvez fosse unicamente a secura da igreja... ou as centenas de sermões que os vigários pregaram...

Engasgou-se com a sua própria graça e explodiu numa terrível tosse. Lady Hulme esperou. O conde engasgava-se com facilidade ultimamente, especialmente quando bebia vinho do Porto. Quando se refez, com os olhos vermelhos e arquejante, ela viu ser de bom aviso mudar de assunto, para que não fosse tentado por outra graça.

Antes que ela pudesse falar, Emory ergueu a cabeça: -Olhe! Não são os cavalos? -Puseram-se à escuta. -Sim! - exclamou. -É William.

Ergueu-se para ir receber o marido, e então Lady Hulme disse alto o que tinha estado a pensar:

-Gostas do marido de Emory... verdadeiramente, quero dizer?

-Como pode alguém gostar de William? - respondeu o conde, com uma voz finalmente razoável. -Há nele qualquer coisa de febril.

-Pareceu-me hoje bastante frio.

-Esse é dos tais que ardem por dentro, como aquele sujeito da Índia com quem jantámos uma vez em Randford. Não sei como o conde se sentia, mas, quanto a mim, fiquei aliviado quando me pude retirar.

«Aquele sujeito» era um homenzinho moreno chamado Mohandas Gandhi.

Tinha vindo à Inglaterra para fazer conferências e negara-se a vestir roupas próprias e a comer os devidos alimentos. O Governo fora obrigado a reconhecê-lo, contudo, e apareceu uma horrível fotografia sua, em companhia do Rei e vestindo quase nada- apenas o lençol, ou que quer que fosse em que ele enrolara a sua nudez. Parecia que, quando alguém vinha a um país civilizado, se devia comportar melhor. Quando o conde de Hulme murmurara isso por detrás dos seus bigodes para o conde de Randford, este sorria, dizendo por sua vez

-Você é muito simples, meu caro amigo. Gandhi é muito astuto. O seu domínio sobre as massas da Índia é imenso justamente porque veste apenas o lençol. É o que os camponeses usam e gostam de pensar que um deles veste o mesmo diante de você, de mim e até diante do Rei. Se Gandhi vestisse calças listradas e casaca, pensariam que ele os havia traído.

O conde de Hulme ficara estupefacto com tamanha independência e achava agora que, se se tivesse feito então alguma coisa contra isso, a Índia não estaria a pensar em apartar-se do Império. Que aconteceria ao Mundo se se permitisse que os homens comparessem na presença dos seus superiores vestidos como guardadores de cabras? Havia atentado bem no homenzinho cujo perpétuo sorriso era singularmente frio, e, depois de uma hora de observação, discernia por detrás da frieza o que ele chamava febre. Reconhecera-a porque já a vira antes. Tinha sido um cura que havia tentado melhorar a habitação dos rendeiros, quando ele era garoto, e vira o velho duque seu pai explodir num acesso de fúria

-Leia a sua Bíblia! -trovejara o velho fidalgo para o alto cura com olhos de fome. -Diz a Bíblia que eu devo colocar os meus rendeiros em palácios?

-Diz que os fortes devem aguentar a carga dos fracos - replicara o louco.

Tinha sido o fim do cura. Matara-se tão facilmente como se tivesse passado uma corda pelo pescoço. Caiu em desgraça e nunca mais se ouviu falar nele. Mas o jovem Malcolm, ao observá-lo, tinha sentido a febre arder por dentro daquela magra figura. No último dia, quando pensava que o cura já se tivesse ido embora, encontrou-se cara a cara com ele no parque. O homem andava por ali, exactamente à espera de tal encontro.

-Malcolm-foi como o homem realmente se atrevera a chamar-lhe. -Malcolm, você é novo e talvez me oiça.

-Não compreendo - replicara ele, irado e recuando ante tamanha ousadia.

-Não me procure compreender agora - respondera o homem. A febre estava então no mais alto grau. Podia ver-se as chamas ardendo nos seus olhos claros. -Lembre-se apenas de uma coisa: se os famintos não forem alimentados, sereis arrancados disso tudo. A hora aproxima-se, não se esqueça, em que os grandes terão de salvar-se a si próprios. Advirto-o, Malcolm: oiça a voz de Deus!

Dera meia-volta, deixando o cura ali plantado, e retirara-se sem olhar para trás.

-Disparate! - dizia agora Lady Hulme. -William é um homem muito simpático. Não lhe vejo a mínima semelhança com nenhum hindu, para não falar naquele sujeito esquisito.

Parou, vendo como o Sol brilhava através da garrafa de vinho do Porto. Achou que era uma pena não provar tão belo líquido. Se o seu nariz ficasse

vermelho, não importava-o pobre Malcolm desde muito tinha deixado de notar como ele parecia. Serviu-se lentamente de um cálice do Porto, com o Sol a filtrar-se através do vinho carmesim.

Lá fora, no suave crepúsculo inglês, Emory escutava os últimos fragmentos de uma conversa sobre tractores americanos.

-Ainda não posso dizer se será bom ou mau - dizia Michael. -Só sei que está acontecendo alguma coisa de novo na Alemanha e na Itália. De novo, ou talvez de muito antigo, não sei. Se sair bem, será uma nova idade para a Europa e, portanto, para o Mundo. Não creio, porém, que tenha êxito.

-Mas acredita que a democracia vai agir profundamente na Europa?

-Não - replicou Michael com impaciência. -Refiro-me a Hitler e Mussolini. Eles não têm educação. Ponha-se um homem comum no alto e, uma vez em dez, não saberá guardar as medidas.

Vendo certa reserva no olhar de William, Emory exclamou: -Que tolice, Michael! Como se todos nós não fôssemos comuns, no fundo! Quem era o primeiro conde de Hulme? Um alcaide de Hulme Castle, e que traiu o rei.

Michael era teimoso. -Justamente o que estou a dizer! Ele não soube guardar as medidas. Pensou que era maior que o rei.

-Que lhe aconteceu? -perguntou William, com incontida curiosidade.

-Ora! - disse Michael-houve um longo cerco, e o nosso arrogante antepassado foi compelido à obediência pela fome. -Ergueu o chicote e apontou: - Ainda ali estão as marcas da batalha, embora já tenham passado mais de quinhentos anos.

William fitou as antigas cicatrizes nos grossos muros de pedra.

-Um bom argumento contra isso de todos terem alimento bastante - disse ele pensativamente. -O alimento é uma arma. A melhor arma do Mundo, talvez!

O dia terminou tranquilamente como de costume, mas William esteve inquieto durante a noite e levantou-se cedo. Desejava, explicou a Emory, ir à Alemanha e ver por si próprio. Foram, pois, à Alemanha.

Em Berlim, resolveu subitamente que Emory conhecesse Pequim. Visitara Hitler e ficara tranquilizado. Fora da confusão do após-guerra e das loucuras do governo de Weimar, Hitler empenhava-se em construir a fé do povo alemão em si próprio e no seu destino. Todo o país estava a despertar do desespero e do desânimo. Os comboios eram limpos e cumpriam os horários, e o espectáculo de Berlim era animador.

-Não vejo nada aqui que nos possa preocupar - disse William com alguma surpresa. -Não sei a que se referia Michael.

Depois da sua entrevista com Hitler, ficou ainda mais optimista. -O homem é um condutor- - disse ele a Emory-, uma figura carlyleana. -Foi então que William resolveu ir à China, dizendo à esposa que ela só o poderia compreender inteiramente depois de conhecer a cidade onde ele havia passado a infância. Tomou um grande avião holandês que os levou à Índia e a Singapura, seguindo depois para a China. Da Índia, Emory nada viu nem pediu para ver. A família de Cecil estivera ligada à Índia, e a sua curiosidade morrera consigo.

Passaram quase duas semanas em Pequim. Vaguearam entre os palácios, agora franqueados aos turistas, e William percorreu as salas decoradas, os pavilhões esculpidos, procurando a sala do trono, aonde sua mãe o levava a ver a

Imperatriz.

-Ainda poderás lembrar-te, depois de tanto tempo, William? -perguntou Emory, incrédula.

-Lembro-me da Imperatriz como se ela me tivesse deixado uma marca - respondeu ele.

Afinal encontrou a sala e o próprio trono, mas em que estado! -É aqui - disse William.

Pararam em silêncio, olhando em torno. As portas já não tinham grades, e os pombos haviam manchado o chão ladrilhado. O ouro que recobria o trono fora pouco a pouco arrancado pelos ladrões, e até o guarda que preguiçava no pátio lhe ofereceu uma sagrada telha amarela por um dólar chinês. William meneou a cabeça.

-Quem sabe- - disse Emory em voz baixa-se algum dia o Palácio de Buckingham não estará assim?

-Não posso conceber tal coisa - replicou William e, como se não pudesse suportar a vista daquilo, afastou-se súbitamente. -Vamo-nos embora. Já vimos.

-Talvez fosse melhor não o ter visto-insinuou ela. -Seria melhor recordá-lo como fora.

William não respondeu.

Notara a mesma decadência na casa da missão onde nascera e que fora o seu lar. Não se achava deserto. Um pequeno missionário lá estava, um homem pálido que abriu a porta, uma sombra de homem, pensou William com desprezo, um insignificante indivíduo que tomara o lugar de seu pai! O homenzinho de óculos olhava espantado para eles.

-Era esta a casa do Dr. Lane? -perguntou William, sem revelar quem era.

-Foi há muito tempo - disse o homenzinho.

-Podemos visitar a casa? -inquiriu Emory. -Nós conhecemos o Dr. Lane e a sua esposa.

-Suponho que sim... Minha esposa não está agora... Foi à reunião das missionárias.

-Não tem importância - disse William, de súbito. -Não tenho vontade de visitar a casa.

Retiraram-se, e ela compreendeu que William estava a pensar em seu pai. Pensava muito no pai durante aquela estada em Pequim-algumas vezes com a antiga amargura, mas quase sempre com um invejoso espanto da felicidade em que seu pai parecia ter vivido.

-Meu pai estava apoiado na sua fé - disse William. -Muitas vezes invejei a sua capacidade de crer.

Emory disse nesse momento o que vinha pensando desde muito. -Acho, William, que deves procurar um padre. Um padre católico, se for possível.

Ele voltou para ela o seu olhar escuro. -Porquê? -Mas Emory adivinhou que não ficara surpreendido.

Ela respondeu-lhe com o seu olhar de bondade. -Eu não posso dar-te paz - disse ela. -Se é de paz que precisas...

Ele negou abruptamente: -Não preciso de paz.

-Ou seja o que for de que precisas-emendou ela.

William não respondeu, mas Emory não esqueceu o seu silêncio. Deixaram

Pequim logo no dia seguinte e dentro de poucas semanas estavam em Nova York. William mergulhou num trabalho febril.

Entregue a si própria, Emory saía mais do que antes. Até ela começava a estar inquieta. O Mundo era tão estranho, tão cheio de horríveis possibilidades!

Alguns meses depois, num cocktail, Emory notou uma figura invulgar, que a levou a pensar na inesquecida conversação em Pequim. Um alto padre de batina estava parado junto à porta. Tinha uma face angulosa e, quando olhava calmamente para ele enquanto bebia chá em vez de cocktails, viu as suas rudes mãos fortemente entrelaçadas. Tinha cabelo castanho escuro e pele corada. Como se sentisse o seu olhar, o padre fitou-a. Os seus olhos eram muito azuis. Ela voltou a cabeça e, ao mesmo tempo, sentiu um par de mãos pousar-lhe nos ombros. Erguendo os olhos, viu Jeremias Cameron e sorriu-lhe. -Jeremias, seu tratante, você e Ruth não vieram ver-nos desde que chegámos!

-Ruth ainda está na praia com as crianças. Voltará segunda-feira. Aqui está alguém que deseja falar-te. Emory, o padre Malone... A minha cunhada, Lady Emory Hulme ou Mrs. William Lane, como queira.

Ela viu que Jeremias tinha estado a beber. Tinha as pupilas dilatadas, os olhos avermelhados e as faces congestionadas.

Ela voltou-se para sorrir ao padre Malone. Este curvou-se sobre a mão dela. -É na verdade com seu marido que desejo falar e isto explica a minha presença num local tão estranho a mim - proferiu ele numa voz áspera. -Acabo de chegar da China, onde creio que seu marido nasceu.

-Oh, estimo muito. -Havia uma genuína alegria na sua voz. -Porque não vai comigo para casa agora? Podemos conversar um pouco enquanto meu marido não chega. Ele virá tarde. Nós estivemos na China.

-Ouvi dizer - limitou-se a responder o padre Malone.

-William esteve hoje a ver as fotografias do padre Malone - - disse Jeremias. --Fotografias maravilhosas... algures na China, naturalmente... crianças como ratos mortos, com aqueles bracinhos e perninhas... Maravilhoso! Ele não tinha tempo de falar com o padre Malone e mandou-o para mim. Suponho que ele quer as fotografias.

-É a fome- - disse o padre simplesmente. -Eis porque estou aqui. Fui mandado para angariar fundos.

Os seus olhos escuros eram magnéticos. Emory viu-se a olhar para ele, sem desviar os olhos suficientemente depressa. Ele não se importava que alguém se demorasse a fitá-lo, e não houve resposta individual sua a uma bela mulher.

-Vamos. -Ela ergueu-se impulsivamente.

A graça controlada dos seus movimentos era consciente, mas nem por isso menos graciosa. Retiraram-se, o padre como uma bela mas ascética sombra atrás dela e, no confortável automóvel à prova de som, correndo através do tráfego vespertino em perfeita calma, ela teve ocasião de lhe fazer perguntas. O padre Malone respondeu com simplicidade e franqueza, ou assim ela o julgou. Sim, tinha estado muitos anos na China, mas não em Pequim, ou nas grandes cidades, mas na sua própria missão, numa região do interior. Era um padre rural e estivera vinte anos ali.

-Devia ser muito novo quando foi para lá.

Sim, ele tinha ido bastante novo para a China, com pouco mais de vinte e

cinco anos. Fora ajudar um padre mais velho, que morrera anos depois, de cólera, e então continuara o trabalho do outro,

-Eu não penso no êxito. -A sua voz grave, muito expressiva, fazia música de qualquer palavra. -No longo progresso da Igreja, o trabalho de um homem é apenas um elo na cadeia da Eternidade.

-Creio -- - disse ela com propositada franqueza - que o senhor me tenha sido enviado neste particular momento. Não pretendo ser uma mulher religiosa, pois basta olhar para mim para ver que não o sou. Mas amo meu marido e ele necessita de alguma coisa que eu não lhe posso dar. Ele é um homem naturalmente religioso e não o sabe. Enriqueceu tão depressa... O senhor sabe que o pai dele era missionário.

-Sei, sim-- - respondeu o padre Malone. -Por isso é que vim falar primeiro com ele... Por isso e pela sua grande riqueza.

-O pai dele era protestante, naturalmente - prosseguiu Emory. -Não o conheci, mas deixou uma impressão indelével na alma de William. O filho, sendo muito inteligente escassamente aceita a religião que o pai professava. Necessita de algo mais subtil, por assim dizer.

-A Igreja tem de tudo para todas as almas - disse o padre Malone. A sua voz, tão cheia de confiança, a sua bela cabeça bondosa de frente para o torvelinho das ruas, renovava a admiração de Emory sem lhe abalar o coração. Mas nesse tempo o seu coração não tinha anseios místicos.

O pesado carro parou em frente à casa, o motorista saltou e abriu a porta. Subiram os degraus de mármore. O ar do crepúsculo era suave e frio, e as luzes da cidade palpitavam. No topo da escada Emory tocou a campainha e, num impulso que parecia súbito, ergueu os olhos para o alto sacerdote.

-Eu sou muito feliz. Quero que meu marido também seja feliz.

-Porque não? - respondeu o padre. Embora celibatário e monástico, sorriu para ela e, com esse sorriso, tornou-se seu aliado.

William, vindo mais tarde do que prometera, parou enquanto Henry pegava nas suas coisas. Ouvia uma voz de homem. -Quem está aí? -perguntou.

-Um amigo da senhora. Um padre. A senhora trouxe-o para casa. Ele fica para o jantar, senhor.

Henry desapareceu e William subiu calmamente a escada. Mas porquê um padre? Sentia-se terrivelmente cansado e desejava estar sozinho. O antigo sentimento de vacuidade estava de regresso, embora estivesse casado há tão poucos anos. Evitava tomar conhecimento disso. Se Emory não pudesse encher aquele vazio, então em parte alguma do Mundo ele encontraria paz. Negou-se a pensar em tal, e começou, em vez disso, a preocupar-se com coisas menos importantes. Jeremias, por exemplo, embebedando-se e entrando no escritório, para lhe anunciar o seu desgosto pelo seu trabalho e por tudo, e que não se resignaria e desejava ser despedido! Teria de falar com Ruth logo que ela voltasse. Ela não se devia demorar tanto naquela praia, deixando Jeremias à solta.

Ergueu os ombros de repente. Porque é que ele, na sua posição, havia de se preocupar com quem quer que fosse? A familiar superfície dura cristalizou-se-lhe sobre a alma e começou a vestir o «smocking», que o criado deixara à sua

espera. Estava com fome. O dia na redacção fora longo e as provas do seu editorial mais erradas do que nunca. Teria de arranjar outro redactor. Parecia absurdo que os seus jovens empregados não pudessem ajustar-se às suas exigências. Conservava-os quando novos, deixando-os ir depois dos trinta e cinco anos, pois a mocidade era essencial para o estilo das suas folhas.

O seu espírito, percorrendo faces e homens, deteve-se em Seth James. Há muito tempo que não via Seth, mas sabia tudo o que Seth havia feito desde o êxito da sua peça em Broadway. Seth fundara outro magazine, que havia falido. Os agentes privados de William disseram-lhe que Seth perdera com essa publicação mais de um milhão de dólares. Talvez fosse tempo de o trazer outra vez... se ele quisesse. Mas poderia Seth ser convencido? Devia falar com Emory a esse respeito e conseguir, talvez, que ela procurasse Seth.

Não lhe dissera que alguns dias antes se tinha encontrado com Candace na rua. Hesitara, sem saber se lhe devia falar se não. Ela resolvera logo a questão, estendendo-lhe a sua mão enluvada.

-William, naturalmente não vais passar sem me falar, não é verdade?

Ele tomou-lhe a mão, embaraçado, e tentou sorrir. -Não tinha a certeza de que me queria falar.

-Não há razão para que eu não queira falar contigo, William. -Como está teu pai?

-Envelhecendo... Dorme muito... Sempre numa santa paz... -Espero que ele não me queira mal... -Ele não quer mal a ninguém.

Estavam parados entre duas correntes de transeuntes. Ele teve medo de que algum dos malditos cronistas de mexericos os pudesse ver juntos e espalhasse uma história num jornal ou na rádio. Seria intolerável e, por isso, ergueu inopinadamente o chapéu e deixou-a. Não havia razão para contar tal coisa a Emory. O seu encontro não significava nada.

Depois de se ter vestido, dominou-o novamente o sentimento do vácuo. Era mais que vacuidade. Sentia algo de estranho que lhe corroía o coração e que não podia explicar. Que fazia ele de mal? Conseguira tudo. Desde muito deixara de se preocupar com o dinheiro que tinha. Tinha muito mais do que poderia possivelmente gastar com os seus gostos frugais e decentes. As suas casas eram belas e tinham de tudo e dava a Emory uma mensalidade extravagantemente considerável. Com Candace também não fora mesquinho e os seus dois filhos tinham mesadas além das suas necessidades. A doação anual que destinara à missão de seu pai constituía um sólido pecúlio com que poderiam fazer muita coisa. Conseguira para sua mãe uma anuidade de dez mil dólares. Tinha feito tudo quanto devia fazer.

Deveria talvez ter entrado há muito na política, em vez de organizar os seus jornais. Este pensamento, perturbando-o, fez com que se sentasse na sua poltrona de couro. Fechou os olhos. As pequenas e felpudas mãos enclavinharam-se nos braços da cadeira. Não se devia ter contentado com o poder de modelar o espírito do povo escolhendo as fotografias que deviam ver, as notícias que deviam ler, as ideias, em suma, que deveriam ter. Isso era apenas um governo passivo. Não havia nada de estável na América. Esse país que William desejava amar, e que amava com receio, cólera e desdém, não tinha alicerces de classe, um elemento dirigente como a Inglaterra. A riqueza era a sua única vantagem. William

desprezava a simpatia pessoal e sabia que não possuía nenhuma. E contudo, sem isso, bem sabia que não poderia vencer na América, no seu próprio país. Ah! Quando pensava naquele chefe da Casa Branca! Deixou de lado as ideias políticas e abriu os olhos. Não, ele não se rebaixaria até àquela sórdida corrida. E depois, se fosse derrotado? Tolice! Tolice! Ele era proeminente, tal como se achava, e era-o sem nenhum rival à vista. Que mais desejava ele do que já tinha? Desejava estar satisfeito consigo mesmo e não o estava.

Uma pancada à porta fê-lo levantar-se e ir até à janela: -Entre - disse ele.

-A senhora pergunta se o senhor está pronto - proferiu Henry.

-Já vou descer.

Passou pelo criado e desceu a vasta escadaria curva, confortado de momento, como às vezes lhe acontecia, com a vista da sua casa, as grandes e belas salas que se abriam para o enorme vestíbulo. Roger Cameron satisfizera-se com metade daquilo. Ao galgar aquela colina, anos atrás, não teria sonhado com tal vista, inteiramente sua.

Atravessou o vestíbulo e entrou na sala de estar, à direita. Um alto vulto ergueu-se à sua entrada, e ficou parado, com as mãos entrelaçadas. De uma poltrona de veludo vermelho, Emory disse:

-William, este senhor é o padre Malone. Esteve no teu escritório hoje, com algumas fotografias. Jeremias levou-o ao cocktail e eu trouxe-o cá, para que falasse contigo.

As fortes mãos desentrelaçaram-se e o padre estendeu a mão direita, sem falar. William sentiu-a fortemente sobre a sua própria mão, muito mais pequena, e retirou-a logo.

-Lamento que estivesse ocupado quando mo anunciaram hoje no escritório - disse ele. Apanhou um cálice de «brandy» de uma bandeja de prata que o mordomo agora lhe oferecia.

O padre Malone sentou-se. Uma perfeita calma lhe enchia o ser e, do fundo dessa calma, olhava para William tão francamente que este foi obrigado a corresponder e mergulhou o olhar naqueles olhos de um azul profundo.

-O motivo por que eu o trouxe aqui - continuou Emory -é que o padre Malone vem de um lugar muito perto de Pequim, e pensei que os dois gostariam de conversar.

William sentou-se. -Ah, sim?

-Seu pai era missionário...

-Sim.

-Eu também sou missionário - disse o padre Malone após um momento. - Fui mandado por algum tempo para recolher fundos para os famintos. Trouxe comigo as fotografias que o senhor viu hoje. Desejava que o senhor as mandasse publicar, pois sei que os seus jornais são lidos por milhões de americanos, e estes poderiam ser influídos a enviar-me dinheiro para viveres.

-Recebo milhares de fotografias todas as semanas - disse William. -Talvez não me seja possível utilizar muitas das suas. Além disso, temos os nossos próprios fotógrafos, que sabem exactamente o que desejo.

-O senhor não se sente comovido com este apelo em prol dos famintos? -A profunda voz do padre era calma e inquisitiva.

-Hesito em meter-me nessas obras de auxílio - replicou William. -Nós

duvidamos da sua real eficácia num país tão vasto como a China. A fome, lá, é endêmica, pelo que me lembro.

-O senhor não se sente com nenhum dever para com aquele povo?

William, sem querer, olhou de novo para ele. -Sómente em memória de meu pai.

-O senhor está a renegar essa memória - disse o padre Malone. A sua voz era tão positiva que William se sentiu encolerizado.

-O jantar está servido - - anunciou, da porta, o mordomo.

Ergueram-se, Emory na frente, com o seu vestido cinza e rosa de tafetá, seguia-a o padre Malone, rígido e severo nas suas vestes negras, e William a pouca distância, no fim. As palavras do padre tinham-se-lhe cravado como uma espada no irado coração.

-O senhor tem estado a sufocar a sua alma - disse o padre Malone a William Lane. O sacerdote achava-se muito cansado. Estava quase completa a missão especial de que se incumbira quando viera a conhecer William Lane. Não tinha sido fácil. Muito mais difícil, na verdade, do que alimentar as crianças famintas e orar pelos camponeses ignorantes que constituíam o seu rebanho na China. A Igreja era complacente com os ignorantes. Não esperava que um camponês compreendesse os mistérios. Ir à missa, usar um escapulário, conhecer o nome da Virgem e de alguns santos era só o que ele exigia da sua gente. Nem mesmo na confissão insistia, pois como poderiam um velho ou mesmo uma donzela confessar-se quando não tinha noção do pecado? O conhecimento do pecado era para os seus filhos, a segunda geração, e o seu dever era instruí-los nesse conhecimento. Para a quinta geração, esperava ele um padre. A Igreja era infinitamente paciente.

-O senhor renegou o seu Deus - afirmou ele.

Tinha-se demorado durante dias naquela vasta e perversa cidade porque compreendia que assim o devia fazer. Mas quando descobriu que a esposa daquele homem rico e poderoso via que seu marido procurava Deus, sentira-se incapaz de arcar sozinho com tamanha responsabilidade. Fora falar imediatamente com o seu superior local, Monsenhor John Lockhart, para lhe pedir instruções.

John Lockhart era inglês, um padre de alto intelecto e convicção, que poderia ter chegado a cardeal se fosse ambicioso. Mas não desejava entrar nas mais altas esferas, onde, pensava ele, embora sem deslealdade, o ar não era tão puro como deveria ser. Os príncipes da Igreja eram sujeitos, talvez, a algumas das tentações dos reis terrenos. Isso não o impedia de acreditar que a Igreja era o melhor meio jamais imaginado e desenvolvido para guia e domínio da fraca e culposa natureza humana. Ele escutou cuidadosamente aquele humilde padre da China que estava sentado na ponta da cadeira e falava com desalento sobre William Lane.

-Um homem empedernido no seu orgulho - disse Monsenhor Lockhart, depois de o ouvir. -No entanto, testemunhou o sentimento religioso de seu pai e não o pode esquecer. Foi educado com uma consciência. Repudiou-a até agora. Mas, como o senhor acaba de me dizer, basta olhar para o seu rosto para ver que a consciência o atormenta.

-E saberá ele que se trata realmente da sua consciência?perguntou o padre

Malone.

-Não. O seu dever é fazer com que ele o reconheça - - respondeu monsenhor.

O padre Malone não respondeu. Continuava sentado na ponta da cadeira, com as mãos entrelaçadas à sua maneira habitual.

Ele sabia o que era um padre missionário, um lenhador e um aguadeiro dos palácios da Igreja!

-Nas épocas de fome, sei que muitas almas são arrastadas para a Igreja- continuou monsenhor. -O nosso dever é alimentar o corpo e a alma. Mas às vezes há um único homem que pode ser, em dado momento, mais valioso para a Igreja do que dez mil homens, e William Lane é um desses. Ele é poderoso e não sabe o que fazer do seu poder. Procura dirigir, mas ele próprio necessita de direcção. Na sua inquietação, casou-se de novo, mas não pode satisfazer-se com mulheres. O seu anseio é espiritual.

O padre Malone ouviu e, quando se viu de novo a sós, orou para que pudesse ver claramente o que devia fazer. Não se atrevia a aproximar-se directamente de Deus com as suas próprias palavras, mas, enquanto seus lábios murmuravam as belas sílabas latinas, o seu coração filtrava nelas o seu próprio desejo de arrastar para Deus aquele singular e poderoso homem. A tarefa não era fácil, e ele sabia, na sua humildade, que a não poderia completar. Seria necessário um sacerdote de mais hierarquia, um espírito mais arguto, para terminar a missão, talvez o próprio monsenhor. Havia em William momentos que um padre comum como ele não poderia atingir os abismos de que ele se afastava.

-O senhor já me disse mais de uma vez que eu reneguei a Deus - dizia William agora com alguma impaciência. -Não tenho consciência de o ter feito.

O padre Malone ficou alarmado com a fúria dos olhos de William e a veemência da sua voz. Tinha vivido muito entre um povo gentil, de quem sentia a falta agora. A sua alma detestava o luxo em meio do qual estava vivendo. Por ordem de monsenhor, continuava a aceitar a hospitalidade de William. E tinha um quarto e uma casa de banho ali naquela casa forrada de veludo. O leito era macio, e ele não podia dormir ali; na primeira noite, deitara-se no soalho, mas até o soalho era macio, pois era forrado com dois tapetes. Como o quarto de banho era todo de mármore, foi lá deitar-se, mas descobriu que o chão era aquecido por um encanamento interior. Suspirava pelo chão de terra batida da sua cela, pelas frias manhãs da China Setentrional e a tigela de papa. O brilho da prata e o fumo das comidas quentes sobre a toalha rendada, ali naquela casa, davam-lhe uma sensação de pecado. Como poderia falar ali de Deus? E a mulher, sempre a falar-lhe do muito que fazia pelo marido e sem prestar a mínima atenção ao que ele próprio lhe dizia!

la cada vez mais repetidamente pedir conselho a monsenhor, e apenas dois dias antes lhe dissera, durante a sua última visita:

-Não seria bom separar o homem do luxo que o cerca? Como encontrarmos a sua alma quando ela está afundada no meio de tudo aquilo?

Monsenhor fitara-o do fundo dos seus olhos perspicazes:

-Separar em que sentido? -perguntou.

-William Lane é no íntimo um asceta - respondeu o padre Malone. -Tem muito, mas come pouco e os seus hábitos são frugais. Não bebe muito vinho e

fuma pouco. Faríamos dele um padre se o pudéssemos conservar na solidão. Se eu o pudesse levar para a minha aldeia, poderia induzi-lo a amar o povo, que é o princípio da virtude.

-Com que fim? -inquiriu o superior.

O padre Malone ficou atônito. -Com o fim de salvar a sua alma!

Monsenhor ergueu-se e pôs-se a andar pela sua biblioteca. Era uma nobre sala, e as estantes de mogno iam do soalho ao tecto. Possuía a mais bela biblioteca religiosa da América e contava-se entre os seus mais ilustres prelados, apesar da sua falta de ambições eclesiásticas.

-O senhor está a ir além do seu dever - disse ele secamente. -Eu disse-lhe apenas que despertasse a sua alma.

-Assim o fiz - respondeu o padre Malone. Sentia-se quase tão pouco à vontade ali como na casa de William. Não lhe competia discutir o estalão dos seus superiores. O próprio Santo Padre vivia num grande palácio que era uma das maravilhas do Mundo. Deus usava tanto a riqueza como a pobreza para a Sua própria glória, lembrou-se ele.

-Continue então, até receber as minhas instruções ulteriores - disse monsenhor.

Assim o padre Malone voltou de novo para a opulenta casa. Naquele momento, contudo, quando se achava sentado a sós com William na silenciosa e rica sala tão distante da vida que ele conhecia, sentiu que certamente chegara o fim do seu trabalho e que devia pedir ao seu superior que o dispensasse. Sabia que William renegava o seu Deus, pois sentia negação em tudo ali, em William e na sua esposa e na própria existência daquele palácio e de tudo o que ele continha. Mas não podia explicar o que sentia. Monsenhor não aprovara a sua referência à pobreza. Se não fora essa desaprovação, diria francamente a William: «Deixe tudo isto e siga a Nosso Senhor». Mas não se atrevia a dizê-lo. Sentia-se perplexo e cansado e, a despeito das suas recusas, sabia que tinha comido muito opiparamente. Sentado na cadeira de espaldar, que escolhera porque era a única que tinha assento de madeira, entrelaçou as rudes mãos.

-Já é tempo de o deixar - disse a William. -Fui destacado por Deus para lhe lembrar seu pai e a terra em que nasceu e encaminhá-lo a pensar nestas coisas. Além disso não posso ir. Devo recomendá-lo a monsenhor Lockhart, que é mais sábio do que eu. Não tenho grande instrução. Os meus livros são pouco mais de cem. Ele tem milhares de livros nas suas estantes, e em muitas línguas. Está continuamente em comunicação com os que conhecem o Santo Padre, cujo rosto jamais verei.

William não deixava de reconhecer tal coisa. Na verdade fora abalado até o fundo da alma por Malone. Invejava ao padre a sua inabalável fé, a sua confiança na oração, a sua convicção do dever, a mesma fé, confiança e convicção que seu próprio pai havia possuído. Mas William não era capaz de ir além do impulso, da inveja e do desejo. O seu anseio espiritual fora aumentado e não satisfeito. A sua solidão era maior e não menor.

-Talvez o senhor tenha razão - disse ele. -Mas sinto-me muito agradecido pelo que fez.

-Não fui eu que fiz, mas Deus por meu intermédio. -Então agradeço a Deus. Talvez, apesar de ainda O não ver, meus pés tenham sido encaminhados para a

senda. -Monsenhor Lockhart o guiará no resto do caminho-respondeu o padre Malone.

Depois disto, separaram-se. Em pouco tempo o padre Malone preparou a sua mala e agradeceu o oferecimento do automóvel de William. -Tenho de ir falar com o meu superior - e é a pouca distância, nesta mesma avenida. Deixe-me andar. Assim me sentirei a caminho da minha terra.

William era arguto bastante para saber o que ele queria dizer, e deixou-o partir.

Quando Emory voltou à tardinha, logo sentiu a falta da terceira presença na casa. Fora como de costume ao cabeleireiro fazer o seu penteado, e Henry, ao abrir a porta, disse-lhe que o patrão não tinha ido ao escritório. Encontrou William no pequeno salão que utilizavam como sala de estar quando se achavam a sós. Estava estendido na espreguiçadeira, a olhar para as brasas de um fogo moribundo. Não acendera as luzes, e havia uma estranha atmosfera de vida e morte na sala. Ela deu volta ao botão junto à porta e as luzes acenderam-se.

-Estás doente?!

-Não. Estive a pensar toda a tarde. O padre Malone foi-se embora.

-Sim?

-Diz que quer que eu vá procurar monsenhor Lockhart. Pensa que é tempo.

Ela aproximou-se, ajoelhou-se a seu lado e colocou uma das mãos sobre as suas, que estavam juntas sobre o seu corpo. William, debes fazer sòmente o que quiseses!

Ele retirou um tanto bruscamente as mãos. -Ninguém me pode fazer agir de outra maneira!

-Mas trata de te certificar do que eles querem.

-Não és nada lisonjeira comigo, Emory. Sou geralmente considerado esperto.

Ele estava decidido a ser melindrado, e ela recusou-se a fazê-lo. -Eu é que estou sendo estúpida. --Ergueu-se e sentou-se numa cadeira em frente. -Está muito calor aqui. Não queres que eu abra a janela? -A casa, com o seu aquecimento central, era sempre demasiado quente para o seu sangue inglês.

-Não estou com calor.

-Acho que é porque acabo de vir da rua.

Ficou sentada ainda alguns momentos. Depois, lançando um olhar a William, ficou inquieta com a sua palidez. Ergueu-se de novo e foi encolher-se no chão a seu lado. Tomou-lhe uma das mãos, encostou nela as faces e fez-lhe uma queixa que jamais tinha feito antes.

-Tu não me amaste todo o tempo em que o padre Malone aqui esteve. -Pôs a palma da mão dele contra os seus lábios vermelhos.

As mulheres americanas com quem ela começava a dar-se apraziam-se em confidências um tanto cínicas. «Nós não conhecemos um homem enquanto não tivermos dormido com ele», era o credo comum. Eram todas saudáveis e belas mulheres, para quem a castidade não constituía uma jóia sem preço. Mas nenhuma delas consideraria a possibilidade de um amante, pois os seus maridos eram, além de mais ricos do que quaisquer amantes que aparecessem, homens de posição que elas não faziam nenhuma questão em trair. A diferença entre os homens, reconheciam francamente, estava mais nos seus depósitos nos bancos

do que nas suas pessoas. Consideravam-se mulheres extraordinariamente afortunadas, e assim pretendiam viver virtuosamente. Mas Emory era virtuosa por natureza.

Ela sentiu a palma da mão retesar-se sob os seus lábios. Era impossível a William falar de amor. Esmagou a boca contra a sua palma, sentindo-lhe o gosto de sabonete e sais. Se dentro de um momento ela não correspondesse, ela riria de si própria, brincando com ele por causa da sua gravidade.

Nessa noite, porém, reconheceu os sinais familiares, a tensão dos nervos e músculos, a resposta dos seus dedos um tanto curtos e estranhamente desajeitados. Ele sentou-se subitamente, puxou-a contra si e ela reteve a respiração. Era sempre abrupto nessas ocasiões, mas Emory estava acostumada. Ele tinha necessidade de a dominar e, embora ela tivesse resistido no princípio, agora já não o fazia. O sexo para uma mulher não era nada. Não expressava nenhuma parte do seu ser. Era um acto de jogo, uma cessão simbólica, um agradável gesto, bom de receber e de dar, uma coisa para esquecer, os preliminares de uma possível experiência de maternidade, com que o homem pouco tinha a ver. Resolvera não ser mãe ao ver Will e Jerry. Candace dera filhos a William, e Emory adivinhava que mais filhos não teriam significação para ele nem para ela. Com a morte de Cecil, deixara de sentir qualquer necessidade de ter um filho. Adivinhava também que William não fazia questão nenhuma de filhas.

-Fecha a porta - ordenou-lhe William. Emory tinha um corpo saudável e não se recusava a nada do que William lhe pedia. Aceitava o sexo da mesma maneira como apreciava uma taça de chá ou um alimento. Nada havia de misterioso quanto a isso, nem mesmo de muito interessante. O interessante era William. Ela conseguia

conhecê-lo melhor nesse breve quarto de hora ocasional do que num mês de vida. Havia algo de cruel nele... não, não de verdadeiramente cruel, mas ele tinha uma terrível necessidade de estar certo de que estava com a razão. Durante a sua infância e juventude, fora de tal modo ferido no seu amor-próprio que, agora, era ele o melhor, o , que sempre sabia mais... Mas a sua confiança própria, a sua vontade, o seu autoritarismo não tinham base sólida. Algumas vezes, depois que ela lhe obedecia totalmente, a sua autoridade caía. Ele não podia continuar. Não estava seguro de si próprio. Mas porque não? Quem o ameaçava agora?

Assim aconteceu nessa noite. Naquela tranquila hora entre o dia e a noite, quando os criados estavam ocupados nas remotas regiões da casa, tinham ambos a completa intimidade que ele queria. O padre Malone fora-se embora. Isso não poderia ter acontecido se ele ainda estivesse em casa. E, ainda assim, William não teve êxito. O fiasco veio, como algumas vezes antes. Mas porquê nessa noite?

Ela esperou um momento para se certificar de que assim seria. E assim foi. Ele estava exausto, sem ter havido satisfação. Emory aconchegou a cabeça contra ele e começou a acariciar-lhe gentilmente a mão. Ele não dissera uma palavra. Nunca dizia nada.

A situação prolongou-se por um tempo que parecia interminável. Afinal, nalguma parte, muito longe, o gongo bateu, anunciando que faltava apenas meia hora para o jantar. Ela deixou cair a mão e sentiu-se aliviada. Melhor sorte, quem sabe, da próxima vez!

-Acho que o padre Malone tinha razão - disse ela na sua voz habitual. - Penso que deves ir procurar monsenhor Lockhart.

XI

QUANDO rebentou a Segunda Guerra Mundial, Clem pareceu não lhe ligar importância, numa espécie de fatalismo.

-Não vais fechar agora os restaurantes? -perguntou Henrieta, agora que o povo estava novamente a trabalhar no esforço de guerra.

-Tenho pensado nisso - respondeu Clem. -Não quero ficar com o negócio dos restaurantes. Creio que os vou passar aos meus camaradas. Podem estabelecer-se onde quiserem, ou ficar onde estão. Mas tem de prometer-me que continuarão a dar comida gratuita, quando for necessário.

-Uma vez que ganhem dinheiro, creio que isso não lhes fará diferença - disse Henrieta. Os chineses sempre podiam cuidar de si próprios com ancestral prudência.

Por aquela época, o Governo ordenara que os excedentes fossem directamente distribuídos aos necessitados. Ninguém sabia em que medida era isso proveniente desde certo dia em que Clem se sentara em frente daquele fabuloso homem da Casa Branca que se não podia levantar a não ser que alguém o ajudasse. Clem deu-se bem com ele. Tentava lembrar-se de que o homem atrás da grande mesa coberta de pequenos objectos era o Presidente dos Estados Unidos, mas na maior parte do tempo esqueceu-se disso. Falaram sobre o Mundo. O homem detrás da secretária mostrava extraordinário conhecimento e também profunda ignorância, e não se importava que alguém o notasse. Clem tentou falar-lhe sobre a China e depois desistiu. Havia muita coisa que o homem não sabia. Pouco sabia também acerca da Índia e pensava que o seu unico problema era o excesso de população. Clem procurava laboriosamente fazer-lhe compreender que isso não era verdade. A Índia poderia produzir muito mais alimento para muito mais gente.

-A China, por exemplo, é quase auto-suficiente em alimento - disse Clem. - Não importa quase nada. Produz imensa quantidade de alimentos.

-Parece-me ter ouvido falar em chineses famintos durante toda a minha vida - replicou o homem com o seu largo sorriso.

-É porque precisam de caminhos de ferro e de estradas de rodagem - observou Clem. -Não podem transportar os excedentes. Definham em pontos isolados. É a situação mundial numa grande casca de noz. Antes de conseguir uma paz estável, temos de ser capazes de transportar os excedentes.

A guerra tinha rebentado na China e na Europa e isso significava que, pelo menos na China, haveria menor número de novas estradas de rodagem do que nunca. Mas o grande homem ainda não se importava muito com a China. Isso viria mais tarde. Clem retirou-se atraído e perplexo. O grande homem não via o Mundo como se fosse uma bola. Para ele o Mundo era plano. Não podia imaginar o outro lado. Teria o Mundo inteiro de arder nas chamas da guerra antes que o grande homem compreendesse que o Mundo era um grande globo.

Nunca fora fácil a Clem escrever cartas, mas, quando voltou para junto de Henrieta, iniciou uma série de epístolas que representavam o esforço que empregava para educar o homem que não sabia que o Mundo era redondo. Às

vezes essas cartas eram longas, mas geralmente não. O grande homem nunca respondia nem acusava o seu recebimento, mas Clem esperava que ele as lesse. Procurava pôr nelas tudo o que sabia, incluindo excertos das cartas de Yusan.

«Naturalmente devemos ajudar a varrer os japoneses da China agora-escreveu Clem-, mas este é, apenas, o primeiro passo. A guerra realmente começou quando os deixámos apoderar-se da Manchúria. E o verdadeiro trabalho virá depois da guerra, quando Chiang Kai-shek tiver de unir o seu povo. É mais fácil para um soldado continuar a lutar do que estabelecer a paz necessária. Da próxima vez serão os comunistas, certamente, e isso devemos levar em conta. A minha opinião agora é darmos alguma demonstração de amizade ao povo da Índia, para ir ganhando a amizade da Ásia. Bem sei que não quereis influir em Winston, mas bem poderíeis dizer algumas palavras em intenção da Índia, na vossa próxima palestra radiofónica, o que igualmente agradaria a milhões de indianos e de chineses. Se haveis de dizer que acreditais na liberdade dos povos, dissei-o agora, nesta mesma semana, que é um momento crucial, e isso muito significaria. No próximo mês será demasiado tarde. Todos eles estão à espera».

Clem comprara o seu primeiro rádio especialmente para ouvir o presidente, mas este não disse uma única palavra a respeito da Índia ou da liberdade dos povos, na sua próxima palestra. A famosa voz vibrava sonoramente no ar. «Meus amigos...», mas não alcançava a China, a Índia, ou a Indonésia. Clem ouviu até às últimas palavras, fechou o rádio e ficou tão sombrio que Henrieta ficou preocupada. Ela e Clem já não eram novos, e ela bem desejava que ele deixasse, finalmente, de se preocupar com o Mundo. A outros isso competia e, se o não faziam, não havia remédio. O estômago de Clem melhorara muito depois da depressão, mas, com aquela Segunda Guerra Mundial, estava novamente a piorar.

Quando Henrieta se referia ao seu mal estar, Clem não lhe dava ouvidos. - Estou acostumado com o meu estômago agora. Ele ainda me não venceu.

-Nem tu tão-pouco o venceste, Clem - replicou ela com severidade. -É uma contínua luta, e bem o sabes.

Clem sorriu para ela, embora não houvesse nada de que se sorrir. Pearl Harbour causara-lhe internamente tanto dano como nas Ilhas Havaianas, e não se animava a dizer a Henrieta que haviam voltado todos os seus antigos sintomas e que tinha medo de comer.

Quando os Estados Unidos, finalmente, entraram na guerra, ofereceu-se como supervisor da alimentação e encarregaram-no do rancho dos acampamentos de Dayton. Enquanto a guerra prosseguia e ele ainda continuava a sua educação epistolar da Casa Branca, Clem contribuiu para a alegria de alguns milhares de jovens americanos com excelente alimentação e agradáveis refectórios, onde era permitido fumar e ter canários trinando nas gaiolas.

O próprio Clem achava, no entanto, que isso não passava de uma ninharia. Estava apenas passando tempo até ao fim da guerra, quando pretendia ordenar todas as suas teorias num vasto evangelho e apresentá-las à Casa Branca e depois às nações. Há muito que havia esquecido a recusa de William e agora apenas lembrava a graça e bondade da esposa de William, e sonhava secretamente em falar de novo com William após a guerra, não para advogar uma teoria desta vez, mas com uma fórmula na mão, uma fórmula de um alimento tão

barato que, até que o Mundo resolvesse o problema da distribuição, o povo ainda se poderia livrar da fome.

Montou um pequeno laboratório no porão da casa e, com Henrieta para o ajudar com os seus conhecimentos de química postos em dia com alguns novos livros, começou a trabalhar com a melhor soja que pôde conseguir, a soja que os chineses plantavam para sua alimentação. Clem cultivou-a em estufas e, enquanto a guerra continuava, conseguiu colher o suficiente para as suas experiências. Ele e Henrieta punham à prova uma fórmula após outra e estudavam-lhes o tempero e o grau de conservação.

-Temos de conseguir um verdadeiro químico de alimentação - disse-lhe um dia Henrieta. -Não sei como encontrar o gosto, que procuras, Clem. Nem mesmo sei o que seja.

-É como aqueles croquetes que eu comia na casa dos Fongs - replicou Clem pensativamente.

-Mas tu eras um garoto meio morto de fome, e tudo o que conseguias comer te parecia maravilhoso. -Sim, mas nunca os esqueci.

Clem jamais esquecia coisa alguma. Não esquecera como se sentia quando era um petiz esfomeado e isso fazia-o sabedor do que o povo sentia e o que desejava. O homem da Casa Branca poderia ter por intermédio de Clem uma temperatura exacta das populosas regiões da Ásia, mas parecia que não tinha necessidade de o saber. Neste meio tempo, Clem isolava-se da guerra e vivia nos anos vindouros, quando começasse o novo mundo.

-A guerra é apenas uma epidemia-explicou a Henrieta. -Se não a evitamos a tempo, lá virá um dia e temos de passar por ela. Estou contente por não termos tido filhos.

-Poderíamos ter tido uma filha...

-Não. É melhor assim. Ela estaria agora enamorada de um rapaz.

A longa evolução pela qual William Lane resolveu converter-se ao Catolicismo foi uma combinação de lógica e de fé. A sua consciência, sempre a sua parte mais sensível, já não podia suportar a monstruosidade do seu êxito, que era agora incontável. Nada mais precisava fazer senão ler os seus jornais e conservar ou despedir os seus redactores. Dos seus ancestrais, filtrando-se através de gerações de legistas, reformistas e pregadores da Nova Inglaterra, tinha ele recebido o dom do espírito crítico, em consonância com a sua época. Desde muito se tornara tão independente como um barão feudal. A sua cadeia de jornais repousava nas sólidas propriedades das suas impressoras, e estas nas suas fábricas de papel, as quais, finalmente, repousavam no solo firme das terras produtoras de madeira, que se estendiam por milhas e milhas ao Norte, tanto no Canadá como nos Estados Unidos. Ficou incólume aos perigos e restrições possíveis até mesmo a si, enquanto a guerra ardia primeiro na Ásia e depois na Europa. Uma pena, Hitler! Se fosse bem aconselhado, poderia ter sido uma salvação contra o comunismo, o inimigo final.

Na terrível manhã depois do ataque a Pearl Harbour, quando o criado abriu as cortinas da janela, William sentiu-se asoberbado com a urgente necessidade de estabelecer uma nova orientação aos seus jornais.

Como sempre que se sentia confuso, resolveu falar com Monsenhor e telefonou-lhe antes de se erguer da cama.

-É William? -perguntou Monsenhor ao telefone. Depois de dois anos, tinham chegado a essa intimidade. -Em que o posso ajudar?

-Sinto-me confuso - respondeu William. -Esta guerra traz muitos problemas. Devo decidir alguns deles hoje mesmo. Gostaria de lhe falar esta manhã, antes de ir para o meu escritório.

-Estou à sua disposição.

William seguiu imediatamente depois de tomar café. Emory tomava sempre o café no quarto e não viu ninguém a não ser os criados, mas esses não contavam. O Sol matinal brilhava sobre a magnífica catedral de granito, pegada à residência particular do padre. Ficava na parte alta da cidade, contra um fundo de arranha-céus, e a sua solidez era tranquilizadora. Nem mesmo as bombas poderiam prevalecer contra a antiga estrutura da catedral, tão formidável como um castelo medieval. Tocou a campainha da porta gótica e foi imediatamente recebido por um jovem sacerdote que o conduziu imediatamente por sobre grossos tapetes de veludo estendidos em chão de pedra. Não houve um momento de espera. Era um ambiente muito mais cortês do que o da Casa Branca, aonde William fora na última semana visitar o presidente, reprimindo o seu desgosto pessoal para cumprir o seu dever patriótico, e ficara esperando durante quase um quarto de hora. Por fim, Roosevelt, embora jovial, não parecera muito grato com o oferecimento do auxílio de William.

A biblioteca de Monsenhor era uma bela sala. O carmesim dos tapetes era repetido nos cortinados de veludo das janelas góticas, e as estantes de mogno alcançavam os tectos abobadados. O ar era quente e levemente fragrante. A decoração de ouro concentrava-se num crucifixo maciço que pendia de uma longa alcova, mas também se espelhavam nas marcas douradas de cetim dos livros e nas molduras de alguns belos quadros.

Monsenhor Lockhart era um belo homem, de porte erecto e digno. As suas feições eram finas, os seus olhos azuis penetrantes.

-Sente-se, William.

William sentou-se e começou a considerar as suas preocupações. Nada havia de mal na sua vida diária. Não tinha pecados. Era completamente fiel à esposa, e ela a ele. Confiava inteiramente nela e jamais lamentara o seu casamento. A seu modo, ela era sua igual. Na América, não havia homem acima dele em influência, e poucos que fossem tão ricos. Se fosse inglês, teria naturalmente recebido um título. Nesse caso, seria mais pobre, o que não teria agradado a Emory. Ela tinha jóias mais belas do que qualquer outra mulher que ele conhecesse. Vestida de gaze, de gola alta e longas mangas, usando os seus diamantes, era o que ele concebia de melhor em beleza feminina. Convertera-se ao catolicismo, juntamente com ele, e gostava de usar gaze e diamantes. Com os vestidos escuros usava pérolas.

Não, as suas preocupações referiam-se cinicamente às suas responsabilidades para com o Mundo, com os milhões de pessoas que olhavam as fotografias que só ele escolhia e liam o que ele permitia que fosse publicado. Queria a guia de Deus para essa enorme responsabilidade e também para o governo das suas vastas riquezas. Não queria dar o seu dinheiro a nenhuma causa ou organização que não se submetessem à sua direcção. A não ser que ele próprio as dirigisse, não poderia ter a certeza da correcta utilização do seu auxílio.

Jamais dava dinheiro a uma pessoa.

Manifestou o seu desejo de agir, agora mais forte do que nunca, em vista da guerra iminente, e Monsenhor ouvia atento, com as mãos entrelaçadas. Eram muito parecidos, aqueles dois homens, e bem o sabiam. Para com as criaturas humanas, eram quase igualmente paternais. Tanto o sacerdote como o jornalista já tinham conseguido o que este Mundo lhes poderia dar.

-O que eu lamento é o povo - disse Monsenhor Lockhart. -Numa guerra são sempre os inocentes que sofrem. A Igreja deve tranquilizá-los. Você, William, deve tranquilizá-los. Haverá muito sofrimento e morte. Você e eu sabemos onde achar consolo mais profundo, mas os populares são crianças e como crianças devem ser consolados. Deus usa misteriosos caminhos. Tanto a riqueza como a pobreza podem servi-lo. Continue a fazer o que tem feito, William. Não procure colocar os homens em difíceis alturas, onde eles ficam assustados. Mostre-lhes a vida familiar, mostre-lhes o amor e a ternura ainda vivos, a força sempre protectora da religião. A Igreja é eterna, sobrevive a todas as guerras, a todas as catástrofes. Na verdade, Deus usa até as guerras e as catástrofes. Quando os homens se sentem cheios de medo e angústia, vêm procurar abrigo na Igreja. Assim será de novo, como sempre foi.

Havia um ar de calmo conforto em tudo o que o padre dizia e fazia. William, ouvindo aquela voz tão humana, tão profundamente persuasiva, tinha consciência do conforto que se lhe instilava na alma. Era bom ouvir que ele devia fazer apenas o que fizera, era bom pensar que fazia parte do vasto corpo histórico da Igreja, que, persistindo, através dos séculos, devia continuar enquanto o homem vivesse na face da Terra. A ordem, a estrutura, a organização da Igreja confortavam-no. Fora, tudo era desordem e desnivelamento, mas dentro da Igreja cada qual tinha o seu lugar e conhecia-o.

Os dois homens achavam-se em estranha comunhão. Em sua volta, era o profundo e opulento silêncio daquela casa, dedicada, na sua beleza, a Deus. Embora a manhã fosse fria, a vasta sala forrada de veludo estava aquecida e com o grau de humidade apropriado para os volumes encadernados em couro. Entre os dois homens ardia o fogo. Sob a alta lareira esculpida, as chamas crepitavam, intensas, azuladas. Cada homem admirava o outro, cada qual sabia que o seu coração estava orientado no mesmo sentido, cada qual sentia a proximidade do pensamento do outro. Entre os dois homens havia o laço ainda mais estreito do conhecimento mútuo. Falando com reverência da Igreja, sabia cada qual que a Igreja era uma rede tão vasta como o Mundo, que chamava a si todos os homens. Era a malha da ordem divina, exactamente a antítese do caos humano.

William conservou-se em longo silêncio. Com o padre, não sentia necessidade de falar constantemente. A grande sala era repousante para ele.

-Esta sala é bela - disse afinal. -Várias vezes tentei analisar o seu efeito em mim. Creio que o segredo consiste na ordem. Cada coisa tem o seu lugar e está no seu lugar.

-A ordem é o segredo do Universo - respondeu o padre. -Sómente dentro da ordem os homens podem viver.

Uma hora mais tarde William retirou-se. A sabedoria por que ansiava, a direcção que desejava, a confirmação de si próprio e da sua própria vontade, a

aprovação do que desejava fazer, tudo isso combinava com o que sempre fizera. Sentia-se forte, poderoso, seguro da sua pessoa. Os antigos alicerces estavam firmes. A Igreja assentava sobre uma Pedra.

Entrou no escritório pouco antes do meio-dia, e a actual Miss Smith esperou com eléctrico nervosismo, na sua mesa, o toque de telefone, chamando-a. Quando entrou no escritório do patrão, já ele estava sentado atrás da sua secretária semicircular e ela aproximou-se, tentando sorrir. Seria mais fácil se o gabinete dela abrisse para o lado da secretária, de modo que pudesse logo sentar-se, com o seu lápis e o bloco de papel. Mas havia apenas uma porta na vasta e imponente sala e, quem quer que entrasse, devia fazer a longa aproximação da grave e severa figura sentada atrás do semicírculo. Ela afinal alcançou-o, puxou o seu banco oculto e sentou-se.

-Faça um memorando - disse William. A sua voz não era nada autoritária, e William ficaria surpreendido ao saber que Miss Smith tinha medo de si e às vezes tinha uma crise de choro depois de o deixar.

«Memorando para os redactores» -ditou William. -Começar! «Resolvi apoiar o Império Britânico. Para a próxima luta, devemos ficar com a Inglaterra, do lado da ordem do Mundo. Mais pormenores se seguirão dentro das próximas vinte e quatro horas». É só, Miss Smith. Não quero ser interrompido até que a chame de novo.

Passou o resto do dia sozinho e em profunda meditação, escrevendo lentamente em grandes folhas de grosso papel branco. Quando terminou, estavam prontos os seus planos para os próximos dois anos. Ao fim de dois anos, a guerra estaria vencida, ou pelo menos assegurada a vitória. Sentia-se forte e lúcido, de pulso firme e coração tranquilo. Sentiu um ímpeto de gratidão, e curvou a cabeça, numa das suas breves mas frequentes orações. Tinha aprendido com Monsenhor a encontrar consolo e descanso na prece solitária.

Enquanto estava assim, com a cabeça inclinada sobre as mãos postas e de olhos fechados, teve como que um relâmpago de intuição. Do outro lado do Mundo, Chiang Kai-shek também estava a rezar. Entre as fotografias que William escolhera na última semana, havia uma que representava o «homem forte» da China em oração. O Velho Tigre, assim lhe chamavam os chineses, e esse era um nobre nome. Todos os homens fortes rezavam. Ele deveria ir visitar o Velho Tigre. Sentiu uma vaga nostalgia da China invadir-lhe a alma. Os homens fortes deviam irmanar-se. Sim, fretaria um avião, e iria visitar novamente a China, na pessoa daquele homem.

Tais pensamentos mesclavam-se à sua oração, sem a perturbar e, depois de ter rezado, tocou de novo o telefone. A voz de Miss Smith respondeu, irritantemente débil. Ela não duraria muito, pensou William, com momentâneo desprezo.

-Quero falar com Mrs. Lane - ordenou ele. Um momento mais tarde, a secretária avisou-o de que sua esposa estava à espera.

-Emory? Temos alguma coisa para hoje à noite?

-Prometi mais ou menos que íamos à inauguração daquela exposição de Picasso...

-Nada feito! Sinto necessidade de alguma diversão, em vista de tudo o que tenho pela frente. Vamos jantar no Waldorf... reservarei uma mesa... e depois

iremos ver alguma coisa ao teatro.

Qual é a nova peça musical? Noite em Pequim?

-E eu gosto disso. Vou arranjar as entradas.

A voz de Emory era complacente e suave. Sempre estava disposta a atender aos desejos de William. Quando este lhe dissera que desejava que entrasse para o seio da Igreja com ele, ela mal hesitara um momento.

-Tenho pensado nisso. Creio que uma sólida religião será um bem para ti, William.

-Que queres dizer com isso?

-A vida não é suficiente para ti - dissera-lhe ela.

-Creio que seria um bem para ti, igualmente-observara William.

-Porque não? - replicara ela então, com um dos seus graciosos sorrisos.

Ele fora eficiente naquela noite. Não houve nenhum fiasco. Ele devia ter sido feliz no escritório com alguma coisa, pensou Emory, alguns dos seus grandes planos, que depois lhe diria. Aquele homem era de uma só peça. O poder fluía dele ou, nele aprisionado, tirava-lhe a paz de espírito e tornava-o impotente. Como sempre, fazia de si o seu instrumento e ela não se rebelava. Porque haveria de se rebelar? Dava-lhe tudo quanto desejava no Mundo, que era luxo e beleza. Os seus desejos eram poucos, mas grandes, e para a beleza era necessário dinheiro, muito dinheiro, uma mina de ouro, a fonte inesgotável. Sòmente William possuía a vara mágica de hoje. O velho capitalismo herdado estava quase findo, mas ele representava o novo capitalismo. Achara a fonte na necessidade que tinha o povo de que o divertissem e o conduzissem. E ele conduzia-o... conduzia-o para as verdes pastagens.

Os seus colaboradores logo perceberam que não havia ocasião para fazer gazeta. William chegou cedo ao escritório, e até o último deles compreendeu que aquele ia ser um dos seus grandes dias. Qualquer disposição de fadiga ou negligência que pudesse haver foi logo dissipada. Hoje seria pedido o máximo deles-o que os enchia de excitação e algum terror. Era de duvidar que, à noite, estivessem todos no seu emprego. Nos grandes dias de William, alguém era inevitavelmente despedido. Os membros mais fracos resolveram não ir ao lanche. O próprio William jamais ia lanchar.

-Miss Smith - disse William-dé-me todos os últimos artigos da China. Quero estudá-los.

Essas novas foram transmitidas através dos escritórios e houve suspiros de alívio. A atenção sobre a China significava atenção sobre Lemuel Barnard, que acabava de regressar para fazer o seu relatório sobre a situação chinesa.

O primeiro redactor assistente iniciou cuidadosamente a busca de Lem que, áquela hora da manhã, devia estar em qualquer parte, menos à sua mesa de trabalho. Recados telefónicos começaram urgente mas cautelosamente a percorrer a cidade. A telefonista da portaria, Louise Henry, uma linda loura de Tennessee, ficara a postos, junto ao telefone. Tinha deixado Lem depois da meia-noite, num night club. Pouco antes do meio-dia, localizou-o onde ninguém esperava: no leito do seu quarto de hotel, e dormindo. Louise despertou-o.

-Lem, venha depressa. William esteve a estudar os seus artigos toda a manhã!

-Diabo! - resmungou Lem, descendo da cama.

À uma hora, William ainda estava a trabalhar. Miss Smith entrou com um sobrescrito que reconheceu como proveniente da esposa divorciada de William e que, portanto, não lhe competia abrir. Levou-o logo a William, embora receosa, pois ele deixara ordem para não ser interrompido. Lem esperava, no hall, junto de Louise.

L

-O senhor não queria ser interrompido... -começou Miss Smith.

-Bem, mas você interrompeu-me - observou William. -Esta... -Miss Smith não pôde continuar. Pôs a carta em cima da mesa e retirou-se.

William viu logo que era de Candace. Não deixou imediatamente o mapa que estava a estudar. Primeiro descobriu o que estava a procurar, uma velha estrada de camelos de Pequim a Sinkiang, e depois largou o mapa e pegou no sobrescrito. Candace, ao que parecia, não tinha mudado. Continuava a usar o grosso papel creme que usava quando sua esposa. A fina letra de ouro do endereço trazia simplesmente o nome de Candace Lane, em vez de Mrs. William Lane. Quando rasgou o sobrescrito e tirou a única folha que continha, viu que ela começava a carta como costumava fazer.

William:

.Não lhe tenho escrito há muitos meses porque até agora não havia nada que dizer. William tem tido notícias dos rapazes regularmente, creio eu; quanto a mim, vivo aqui como sempre. Vou casar-me de novo. Creio que isso não lhe interessará, mas penso que devo comunicar-lhe, porque vou casar com Seth games. Ele amava-me quando eu era apenas uma criança, antes que William e eu nos tivéssemos comprometido. Reencetámos a amizade depois da morte de meu pai, e agora parece natural que nos casemos. Espero ser feliz. Continuaremos a morar aqui. Seth sempre gostou desta casa. Mas temos também a sua casa da cidade. Como provavelmente sabe, o , jornal de Seth faliu, e ele perdeu tanto dinheiro que tem apenas o suficiente com que viver agora e não o suficiente para se aventurar a nada mais, a não ser talvez alguma outra peça. Mas ele diz que gostará apenas de viver aqui comigo. Casaremos na véspera do Natal. Will e Gerry aprovam, o que é uma bondade da parte de ambos. Adeus, William.

Candace

A carta era tão dela que por um momento William sentiu um estranho aperto no coração. Candace era uma boa mulher, infantil mas boa. Tinha ele um invejoso respeito pela bondade, a qualidade que seu pai possuía em toda a sua pureza e que ele às vezes tanto desejava ter. Esse desejo, ocultava-o ele nas profundezas do seu coração, onde jamais ninguém havia penetrado, nem mesmo Emory, por quem sentia algo mais próximo da admiração do que jamais sentira. por nenhuma criatura humana. Ela enquadrava-se bem em cada ponto da sua individualidade. O espírito dela era mais rápido do que o seu e, pelo que ele suspeitava sem o dizer, mais profundo até. Ela enchia o seu lar de harmonia. Mas, embora inteiramente independente dele, nunca falava muito, nem conduzia a conversação quando ele estava presente; cedia ante ele, não com malícia, como muitas mulheres faziam com os homens, nem com a ostentação que transformava a deferência em zombaria. Acreditava que Emory também o admirava e isso dava-lhe confiança em si próprio e nela, embora a sua admiração não fosse isenta de crítica como tinha sido a de Candace. Mas nem mesmo Emory possuía a pura

bondade que ele vira em seu pai e que percebia agora em Candace.

Examinou novamente a carta. Véspera do Natal? Ele ia partir para a China um dia depois do Natal. Isso fê-lo lembrar-se de Lem Barnard. Tocou longamente, até que Miss Smith apareceu à porta, com os olhos muito abertos, daquela maneira que tanto lhe desagradava.

-Diga a Barnard que venha cá - ordenou ele. -Suponho que ele está, pois não?

-Sim, há horas... -Ela gostava de Lem, como todos.

William não respondeu. Franziu inconscientemente as sobrancelhas e tamborilou com os dedos sobre a mesa. Dentro de cinquenta segundos, Lem Barnard entrou. Era um homem pesado, gordo, alto, de andar bamboleante. O seu traje era sujo, como de costume. Faltava-lhe um botão no casaco e necessitava de um corte de cabelo.

-Sente-se, Lem - disse William. Abriu uma pasta que estava em cima da mesa, à sua frente. -Estive a ler os seus últimos artigos. A China tornou-se muito importante para nós agora. Temos de adoptar uma política a seu respeito, que seja bem definida e clara para todos. Não deve haver confusão entre redactores e repórteres. Você tem de descobrir notícias adequadas à nossa política.

As veias das têmporas de Lem intumesceram-se levemente, mas William não olhou para ele. Prosseguiu, enquanto virava as páginas dactilografadas:

-Estas reportagens que você mandou nos últimos três meses causaram-me embaraço. Tive mesmo de lhes dar um jeito. Foi muito pouco o que pude aproveitar. Não é época de estar a divulgar conversas e boatos sobre os Chiangs... o marido ou a mulher.

Lem explodiu : -Apenas relatei o que os próprios chineses dizem.

-Não me importa o que os chineses dizem - retorquiu William. -Nunca me importei com que os outros dizem. O que me interessa é dizer-lhes o que devem dizer.

Bateu com as pontas dos dedos nas folhas. -Se me interessasse pelo que o povo diz, os meus jornais logo degenerariam em pasquins. Sabe porque é que eles obtêm êxito? Porque dizem ao povo o que o povo deve pensar! Você é esperto, Lem, mas não muito. Ninguém tem necessidade de ler o que já pensa ou o que os outros pensam... sabem tudo isso muito bem. Querem saber o que devem pensar. É um desejo espiritual, profundamente arraigado no coração da Humanidade.

Parou e observou Lem, sentado pesadamente numa cadeira de pau. As enxúndias de Lem sobravam no estreito assento e, pelos seus olhos turvos e bochechas congestionadas, era óbvio que ele tinha comido e bebido muito na véspera. Não era nada agradável o seu aspecto.

-O homem é um ser espiritual-proferiu William severamente. A sua elocução era incisivamente clara. -O homem busca a verdade, quer orientação divina, anseia pela segurança da alma. Em todos os seus artigos procure lembrar-se disto, Lem.

Lem engoliu mais uma vez o seu desejo de se despedir, de dar uns berros a William. Era uma coisa que não podia permitir-se. A sua mulher estava num dispendioso asilo de alienados. Mordeu a língua um instante e sentiu o sal de seu próprio sangue.

-Qual é a impressão que deseja que eu dê? -inquiriu então com voz velada e amável.

-O nosso povo querará agora confiar nos chineses- - disse William -, acreditar na chefia da China.

Lem fechou os olhos. Quando fechava os olhos, sempre via caras chinesas, caras de gente faminta, de gente sem tecto. Há cinco anos que a guerra continuava na China, mas ninguém aqui a levava a sério. Nem aqui o próprio Chefe parecia acreditar mesmo nela. Depois pensou de novo na sua pobre mulher, fortemente e por um minuto inteiro. Sempre que ficava irritado com William, pensava nela. Fora feliz com ela durante dois anos e ela acompanhara-o por toda a parte na China. Encontrara aquela formosa russa branca em Xangai, e suspeitava que havia coisas que ela nunca lhe contara, nem lhe podia contar. Mas tinha sido uma esposa maravilhosa.

Ao despertar certa manhã no velho Cathay Hotel, Lem viu-a inclinada sobre ele com a sua navalha e viu que ela estava a ponto de o matar. Passara por um instante de horror e depois compreendera que, naturalmente, ela estava louca. Desde então, jamais ficara boa. Ele próprio a trouxera para a América, sem dormir noite e dia. Tentava matar quem quer que estivesse com ela, e ele não a podia deixar a sós com alguém. Internou-a num hospital perto de S. Francisco. Nunca o conhecia quando ele ia visitá-la. Sempre lhe chamava outros nomes, nomes de homens de quem ele nunca tinha ouvido falar. Mas as contas eram terríveis todos os meses e se Lem não pudesse pagar, mandá-la-iam embora. Não era em qualquer lugar que aceitariam um caso tão violento, diziam-lhe. Tinha de deixar de ver chineses quando fechava os olhos. Tinha de ver apenas Anastasie. Abriu os olhos e disse a William, com voz suave e velada: - Chefe, eu desejaria que o senhor mesmo fosse à China. Que fosse ver com os seus próprios olhos. Há muito tempo que não vai lá. Devia ir ver como está aquilo agora. Então saberia...

-Já resolvi ir - respondeu William. -Vou visitar o Velho Tigre.

Chungking era uma cidade no alto de uma colina, banhada pelas águas amarelas e preguiçosas do rio. E claros degraus de tijolo levavam até à cidade. Nada havia ali que lembrasse Pequim. Não havia palácios, nem telhados brilhantes, nem pomposas arcadas de mármore, nem ruas largas. As ruas ficavam apertadas entre casas cinzentas e muros húmidos. As pedras das calçadas eram escorregadias de lixo. Os habitantes tinham um ar sombrio, devido à guerra contínua e aos constantes bombardeamentos. Não se pareciam com os altos e belos nativos do Norte. William ficava alarmado e desanimado ao pensar naqueles homens como aliados da América. Que podiam fazer como aliados? Eram um perigo e uma responsabilidade. Mas Chiang devia ser ajudado, impelido, amparado.

O automóvel americano, guiado por um chinês de uniforme, levou-o logo à casa do Velho Tigre, nos arredores da cidade. Era reconfortante entrar nalguma coisa que não parecia um tugúrio. O ar era frio e húmido, como em toda a parte, mas, do vestíbulo, foi ele conduzido a uma sala quadrangular, onde ardia um fogo.

-Queira sentar-se - disse o criado em chinês.

As palavras tocaram os ouvidos de William com uma estranha familiaridade, por assim dizer. Há anos que não pronunciava uma só palavra de

chinês, mas a língua jazia na sua memória. Sentiu as sílabas na ponta da língua. Talvez pudesse falar com Chiang na língua deste. O Velho Tigre não falava inglês. Ninguém sabia o quanto ele compreendia-talvez mais do que dava a entender:

A porta abriu-se e ele olhou. Não era o Tigre que estava ali, mas uma mulher, linda e elegante, com uns grandes olhos cheios de expressão, uma bela boca triste. Ela estendeu-lhe ambas as mãos.

-Mr. Lane, o senhor é a América, que vem afinal em nosso auxílio!

Ele sentiu as suas suaves palmas ardentes e não disse nada. Não sabia como se haver com uma bela chinesa, que parecia tão nova, que falava inglês com tanta naturalidade. Nunca tinha visto chinesas dessa espécie. As de Pequim tinham pés enfaixados, com excepção das manchus, mas tanto as chinesas como as manchus tinham-lhe sido estranhas, salvo a velha amah, que era apenas uma criada... e excepto a Imperatriz.

Aquela linda mulher sentou-se com graça imperial e fez-lhe um gesto para que se sentasse.

-Meu marido não se demora. Tivemos más notícias da frente. Naturalmente, agora tudo irá bem, já que a América está connosco. Lamento os tristes acontecimentos de Pearl Harbour, mas na verdade creio que isso era necessário para despertar o povo americano para a realidade do perigo mundial. Não penso somente na China: penso no Mundo. Devemos todos pensar no mundo.

A porta abriu-se de novo e ela interrompeu-se. Entrou um esguio chinês de longa túnica. Era o Velho Tigre. Impossível, na verdade, para alguém mais, ter aqueles atrevidos olhos negros, aquela boca enérgica. Mas ele parecia frágil. Era aquele o homem que, durante quinze anos, tinha vencido os senhores da guerra e morto comunistas? O Tigre estendeu a mão e retirou-a rapidamente, como se lhe repugnasse o contacto de mãos estranhas, esse acto revelava nele um chinês à moda antiga, que cedesse de má vontade a um costume estrangeiro. Com um gesto brusco, fez sinal a William para que se sentasse, e ele próprio se sentou numa cadeira longe do fogo.

-Este americano fala chinês? -perguntou à esposa.

-Como poderá falar a nossa língua? - replicou ela.

-Devo confessar que compreendo um pouco, pelo menos disse William. - Passei a infância em Pequim.

O Velho Tigre meneou vigorosamente a cabeça. -Bem! Bem! -A sua voz era fina e aguda. Quando falava aos seus soldados, tinha de gritar.

William contemplava o seu aliado, aquele homem calvo e ossudo que era o senhor de milhões de chineses. Tigre era um nome que lhe assentava magnificamente. Em repouso, parecia um gato monstruoso, suave e indiferente, a não ser os olhos, onde se lia uma latente ferocidade. Era da velha China, odiava a nova, estava enraizado no passado. Muito restava, ainda, em William, da época da sua infância, de modo que ele bem compreendia quem era o Tigre. Se não tivesse havido revolução entre os chineses, teria ascendido ao Trono do Dragão, tornando-se um forte sucessor da Velha Buda. Faria ali uma espectacular figura, o Filho do Céu, nas suas vestes imperiais bordadas a ouro. E o povo chinês, pensou William, estaria melhor. Pois que era agora o povo chinês senão um rebanho tresmalhado? O povo tinha necessidade de adorar e, quando não lhe davam

nenhum deus, ele próprio fabricava um bezerro de ouro. Havia uma tragédia naquele homem, privado do seu trono por causa da época em que havia nascido. Uma estranha e respeitosa ternura se acendeu no espírito de William. Inclinou-se para o Velho Tigre:

-Vim aqui para saber como podemos ajudá-lo. Posso ser útil de duas maneiras. Posso influenciar milhões de pessoas. Posso dizer-lhes... o que o senhor quiser que eu lhes diga. Posso também falar com o meu Governo.

William falava em inglês e a bela mulher traduzia rapidamente as suas palavras num chinês tão simples que ele o podia compreender. O Velho Tigre acenava com a cabeça e repetia a curta palavra chinesa que significava «muito bem»: Hão... Hão... Era quase um rosnido. Não o suave rosnido de um gato, mas o áspero, gutural rosnido de um animal selvagem.

A bela mulher, aparentemente, apagava-se, entre os dois homens. Era um instrumento, dócil, quase tímido. William quase a esquecia enquanto discutia com o Tigre. Mas ela não era nem dócil, nem tímida. Suprema atriz por um dom natural, tomava as palavras inglesas e remodelava-as no seu chinês fluente, acentuando esta palavra, suavizando aquela. Quando notava que ele estava compreendendo alguma coisa do que ela dizia, mudava rapidamente de dialecto, passando a falar numa espécie de fuquinês e desculpando-se com habilidade.

-Meu marido é de Fukien e compreende o fuquinês melhor que o mandarim. O essencial é que, ele apanhe bem o sentido das suas palavras.

William não queria acreditar que ela acrescentasse alguma coisa por conta própria. Não havia razão para que o fizesse. Ele estava pronto para a maior sinceridade.

Uma hora, duas horas se passaram. De repente o Tigre levantou-se.

-Hao! -gritou ele com a sua voz aguda. -Tudo está muito bem. Farei isso. Comandarei os meus homens. Não hei-de descansar enquanto os diabos amarelos não forem arremessados ao mar.

E, sem tentar desta vez ceder ao costume estrangeiro, inclinou-se duas vezes perante William e saiu da sala, com o seu rápido e silencioso passo.

William ficou a sós com a bela mulher. Ela colocou a leve e pálida mão sobre a sua manga. -O senhor conhece a China. -A sua voz era um sussurro agora, alquebrado pelo pranto. -Ao senhor eu posso falar. Viu meu marido. Ele é tão forte, tão bom... é realmente bom. Deseja libertar o nosso povo, não só dos inimigos actuais, mas daqueles que são muito piores. O senhor compreende-me, Mr. Lane. Estou certa de que o senhor me compreende. Mas meu marido deve ser ajudado. Ele não teve a vantagem da instrução. É muito impulsivo. Tento dominar os seus impulsos rezando junto com ele, Mr. Lane. O que eu não posso fazer, Deus o fará.

William escutava com crescente simpatia.

-A senhora tem um trabalho de muita responsabilidade a desempenhar - disse ele. -Talvez a senhora esteja na posição chave do Mundo.

A sua voz era solene, e ele queria que assim fosse. Ela olhou-o gravemente.

-O senhor deve ajudar-me, prometa-me que me ajudará! Ele tomou-lhe as mãos. -Prometo.

Uma semana mais tarde, depois de incessante voo, das secas areias do Nordeste às verdes províncias do Sul, com as horas interrompidas apenas pela aterrissagem em cidades onde presidia a longas festas em sua honra, rumou, através de montanhas e mares, em direcção à sua terra. No trajecto pela China, aonde quer que fosse, a bela mulher acompanhava-o, e com eles ia sempre um terceiro; habitualmente um general, que eles apanhavam no caminho e que lhes dava as últimas notícias da guerra. Ela traduzia para William como o fazia para o Tigre, apresentando-lhe o contínuo drama de uns bravos e miseráveis patriotas que só queriam espingardas nas suas mãos, e alguns tanques e aviões, para se tornarem invencíveis.

-Como o vosso próprio Washington - dizia ela. -Como Jefferson, como Lincoln!

Ele podia ter desconfiado de tal veemência, mas ela estava sempre à frente do seu espírito. Sabia quando dar vazão às lágrimas, mas também sabia quando tornar os olhos duros e a voz firme. Sabia quando devia ser enérgica com um subordinado, quando devia ser rainha e quando devia ser uma mulher. Observando-a, ele lamentava que o Trono Fénix houvesse sido também destruído. Ela seria uma imperatriz digna de se sentar, ao lado do Tigre, no Trono do Dragão. Percebia que o povo a temia. E ele admirava-a por isso. Sempre deve haver alguém a quem o povo tema.

Ao fim da semana, partiu convencido de que, por causa dela, seria fácil apoiar o Velho Tigre. Sem ela, poderia haver traição; com ela, não haveria perigo. Quando se separaram no aeroporto final, ela utilizou de novo as lágrimas.

-Querida América... -suspirou ela. -Dê-lhe o meu amor. Dê-lhe todo o meu amor! Diga-lhe que passo a vida a ensinar ao meu povo as lições que lá aprendi!

Chegou a Washington no prazo fixado e imediatamente apresentou o seu relatório, tomando o próximo avião para casa. Nevava levemente quando ele desembarcou no aeroporto. O motorista lá estava a esperá-lo. Quando entrou no automóvel encontrou Emory. Parecia muito bonita, de chapéu e vestido cinza-prata.

-É muita bondade tua! - exclamou ele.

-Ora! Eu sentia uma terrível falta de ti.

William enlaçou-lhe os ombros e beijou-a. Ela usava um delicado perfume, e William sentiu-se agradecido por tudo o que era seu: a esposa, o lar, os negócios, o seu país.

-Estou contente por voltar. A China é um inferno agora.

-Sim, William? Então crês que a tua viagem foi inútil?

-Não, longe disso. Fiz-lhes sentir que a América está por detrás deles. Fiz-lhes promessas que devo ver cumpridas. É um trabalho para mim, Emory, posso dizer-te. Tenho de induzir a opinião pública a apoiar aqueles dois que são a única coisa que permanece entre nós e a derrota da Ásia.

-Não converses agora, William. Pareces terrivelmente cansado.

-Espero que não tenhamos nenhum convidado para esta noite.

-Não, naturalmente não. Seremos só nós dois.

Ele suspirou e distendeu os músculos. Tudo tinha uma nova significação para ele. Sentia, como nunca, o que era ser americano. O grande carro a deslizar na bela estrada, as chaminés fumegantes das fábricas, o perfil da cidade recortando-se atrás delas, aquilo só poderia ser a América. Se a China era um inferno, aquilo era o Céu, o seu próprio Céu. Nada o poderia destruir, agora ou nunca. Com a mão de Emory na sua, William consagrou-se outra vez, e de todo o coração, à sua própria pátria.

Depois de reflectir, mesmo após uma noite de sono, William sentiu que a sua missão na China fora coroada de êxito. Levava-a a cabo da maneira tranquila e íntima com que gostava de fazer as grandes coisas, simplesmente voando sozinho, através do Mundo, num avião pelo qual pagara uma soma fabulosa. O dinheiro fora gasto como ele gostava de o gastar, só para si, para um fim por ele escolhido, mas que afectaria o Mundo. O Mundo nada sabia disso e decerto jamais reconheceria a sua dívida para com ele, enquanto ele vivesse. Mas algum dia, quando os historiadores pudessem devassar as brumas do passado, veriam que, por seu intermédio, acima de todos os outros, fora ganha a guerra que poderia ter sido perdida. Que os outros dispersassem as suas energias nos pequenos e atormentados países da Europa. Ele salvaria a China e, salvando esse vasto território, estariam frustrados os planos do inimigo. Recomendou a Emory que não convidasse ninguém, nem aceitasse convites. Durante duas semanas, deveria permanecer no escritório, vindo a casa apenas para dormir. Durante esse tempo, daria instruções ao seu pessoal. Os que não as seguissem eficientemente seriam logo despedidos. Toda a organização devia concentrar-se agora dentro das suas directivas, tudo no sentido da simplicidade, da persuasão, do aspecto visual.

No fim do primeiro dia, despediu quatro pessoas, entre as quais Miss Smith e Lem Barnard. Miss Smith não era ninguém. Mandou o gerente arranjar outra para o seu ditado na manhã seguinte. Mas Lem era difícil de substituir. Os chineses nada diriam a um estrangeiro, a não ser que ele tivesse a sua simpatia, embora a simpatia fosse aquilo de que William pouco cuidava nos seus próprios escritórios. Foi então que pensou em jeremias. Porque ele poderia haver-se muito bem com a bela mulher, e até mesmo com o Velho Tigre, se fosse acompanhado por alguém que lhe comprasse as passagens, tomasse conta da sua bagagem e fizesse com que desempenhasse a sua missão a tempo. Além disso, tal missão afastaria jeremias do escritório. Pois as suas contínuas faltas constituíam um mau exemplo. Agindo instantaneamente, com essa completa coordenação que era a fonte da sua extraordinária energia, premiu um botão.

Era quase no fim do dia, e houve uma pequena demora, que fez o sangue subir à sua elevada fronte. A demora, ao que parecia, quando ele indagou o motivo, era porque Miss Smith não tinha esperado que o patrão se retirasse do escritório, como era do seu dever. Fora logo buscar o seu dinheiro à caixa e retirara-se meia hora antes. Ele sentiu-se tentado a despedir o chefe do pessoal, mas estava muito impaciente para se interromper por causa disso. Dentro de poucos minutos, ouvia a voz doce e um tanto infantil de Ruth. Parecia estranhamente débil.

-Ruth... És tu?

-Oh, William... -A sua voz tornou-se mais forte. -Que bom ouvir-te de novo!

-Jeremias está?

-Não... ainda não, William.

-Onde está ele? Não estava no escritório.

-William, ele... ele não está muito bem. Penso que estará aí daqui a um ou dois dias. -Pedira a Emory que não lhe contasse, mas talvez tivesse feito mal. Talvez William tivesse de saber.

-Tenho um trabalho para Jeremias, se ele puder estar aqui amanhã. Supões que ele gostaria de ir à China como meu representante pessoal?

Para seu espanto, William ouviu a sua irmã soluçar. Estimava-a, sem que lhe tivesse o mínimo respeito, porque ela dependia de si. Havia algo de errado no casamento dela, naturalmente, mas William nunca tentara investigá-lo a fundo. Assuntos pessoais tomavam muito tempo e cada hora tinha de ser levada em conta naqueles terríveis dias. Agora teve de perguntar:

-Aconteceu-lhe algum mal?

-Sinto que tenhas de o saber. Eu não queria aborrecer-te. Jeremias está num sanatório.

-Que espécie de sanatório? Ele está doente?

-Oh! William, não! Isto é, sim, suponho que seja uma doença... Jeremias bebia muito, e, depois de teres partido... embriagava-se constantemente.

-Ninguém me dizia nada.

-Eu não queria que to dissessem. Esperava que ele ainda... William pensava rapidamente, enquanto a voz de Ruth balbuciava ao seu ouvido desatento. Isso seria uma desculpa para terminar de uma vez com Jeremias. O caso seria encarado como uma doença.

-Ruth, pára de chorar, por favor. Podes ficar certa de que sinto muito e que desejo ajudar-te. Vou conceder a Jeremias licença ilimitada. Ele não precisa de se preocupar com o regresso aos seus trabalhos. Mas quero que sejas independente. Naturalmente ele não poderá receber uma pensão da minha parte, mas vou garantir um seguro para ti e as meninas. De modo que, qualquer coisa que lhe aconteça, estarás a salvo.

-Oh! querido William. -A sua voz arquejava, ainda meio soluçante. -Eu não pretendia...

-Deixa que ele se conserve por lá o tempo suficiente para ficar em boa forma e comunica-me quando tiver alta. Depois ver-nos-emos. Adeus. Estou terrivelmente ocupado...

William reflectiu um momento e resolveu mandar Barney Chester à China. Este era um excelente jovem de Harvard, saído há poucos anos da Universidade. Este, sim, é que lhe daria ouvidos.

Ergueu-se, evitando entregar-se a quaisquer sentimentalismos, e desceu pelo elevador até ao automóvel que o esperava. Eram quase dez horas e estava a nevar. Sentado na penumbra do automóvel, olhava em frente, vendo a neve arremessar-se contra o pára-brisas em pequenas lâminas de prata. Em redor, eram as trevas e o foco, os transeuntes avançando penosamente ao longo das ruas húmidas, com a cabeça inclinada contra o vento. Mas ele estava ali sentado no calor e na segurança, cónscio de si próprio e das suas posses. Tudo o que ele era, ele próprio o fizera; e tudo o que possuía, ele próprio o ganhara. Tinha vindo

da China, obscuro e anónimo, rapazola tímido e desajeitado, e tudo o que ele era, conseguira-o sem auxílio. Mas a América dera-lhe a oportunidade. Na Inglaterra, só o seu nascimento o teria condenado. Nem mesmo a doação de um título lhe teria ocultado a origem. Sorriu para os dardos de prata que o não podiam atingir. Ali o povo esquecera onde ele tinha nascido e quem fora o seu pai. Onde poderia isso acontecer senão na América?

Pela manhã, acordou outra vez inexplicavelmente deprimido. Não havia razão para isso, a não ser, pensou, que a consciência lhe estivesse a doer por não ter dito nada a monsenhor Lockhart sobre a China. Nem mesmo o chamara ao telefone, receoso de ser tentado, pela calma voz do padre, a ceder-lhe um tempo que não poderia desperdiçar. Não que necessitasse de conselho. Já resolvera o que devia fazer. Mas agora não havia razão para que não se permitisse o luxo de algumas horas de comunhão espiritual.

Tais cogitações ocorreram-lhe muito antes da sua habitual hora de se levantar, mas sentia-se bem desperto e tomou o receptor à sua cabeceira.

A voz do padre chegou-lhe como de costume: - Aqui estou, William.

-Monsenhor, eu desejava falar-lhe logo que cheguei, mas bem compreende...

-Compreendo, sim...

-Eu contava com isso. Mas... e esta manhã?

-Sempre que quiser. Já estou no gabinete.

William tencionava dormir mais um pouco. Estava ainda escuro. Mas podia ser interessante, e até estimulante, erguer-se e dirigir-se a pé até ao gabinete de monsenhor. Àquela hora, a mente de ambos estaria clara e ágil.

Dentro de vinte minutos, estava já pisando a relva fresca que cobria as ruas. Nunca saíra àquela hora e a cidade parecia-lhe estranha. A gente que estava acostumado a ver ainda se achava no leito. Mas as ruas não estavam de todo desertas, especialmente a rua lateral que ele tomara de uma avenida para a outra. Viam-se ali umas três pessoas, entre as quais uma mulher que passou por ele e parou quando um velho, cuja face mal podia ver na nascente aurora, lhe estendeu a mão suja, sem falar. William continuou o seu caminho. Era seu hábito nunca dar atenção a qualquer mão estendida. Nunca deixava de expedir anualmente um generoso cheque para a Caixa dos Pobres.

-Uma xícara de café por amor de Deus-resmungou o velho.

William continuou a andar e a mão suja roçou pelo seu braço e depois pendeu.

-Maldito capitalista! -bradou a mulher, nas suas costas. -Quer matar-nos à fome!

De súbito, um polícia dobrou a esquina.

-Parece que ouvi alguma coisa, senhor... - disse ele. William reflectiu um momento se deveria apontar na direcção da mulher e depois resolveu ignorá-la.

-Nada! Apenas um velho que pediu um níquel para beber.

-Essa gente é assim - disse o polícia em tom de desculpa.

William fez uma leve inclinação de cabeça e continuou o seu caminho. Cinco minutos mais tarde estava no tépido e belo gabinete do padre.

-Você parece-me esperançoso - disse monsenhor Lockhart.

-Não me sinto absolutamente esperançoso - replicou William.

Enquanto falava, monsenhor terminava um belo pequeno almoço inglês: rins, presunto, torradas com manteiga e marmelada. O café era delicioso. Um homem entrou, retirou a bandeja de prata e fechou silenciosamente a porta.

-Mas eu acho-o esperançoso-repetiu monsenhor. -Esperançoso a ponto de pensar que é possível apoiarmos a China. Creio que devíamos deixar a Inglaterra assumir a direcção da Europa, e que devemos empunhar o leme na Ásia, agora e depois da guerra. Uma vez que a China é já um país livre, é lá que devemos concentrar o nosso poder.

-Muito bem - disse monsenhor. -Penso que não queira significar um poder permanente.

-Claro que não permanente no significado de eterno-concedeu William. -- Mas espero uma total vitória americana deste lado da eternidade.

A face de monsenhor era condescendente, embora apresentasse naquela manhã uma fina e frágil beleza que denotava horas de meditação e talvez de orações. William permitiu-se um instante de encantamento ante aquele homem que o atraía tanto.

-Monsenhor está cansado -proferiu ele de repente.

O padre pareceu impressionar-se e depois o seu rosto anuviou-se. -Se estou cansado - disse ele-é porque sou indigno da minha fé. É verdade que a Igreja tem grandes e novos problemas. Na Europa, os nossos padres enfrentam uma opressão que jamais conhecemos em toda a nossa longa História. Chegam-me da Áustria as mais graves notícias. Atingimos a era do Anticristo. Há um demónio no povo.

-Quer então dizer que não é uma preocupação particular que leio na sua fisionomia?

-Que preocupações particulares poderei eu ter? - replicou o padre. - A aflicção da Igreja é a minha aflicção. Não tenho nenhuma outra.

William contemplava-o, esquecido um momento da sua amizade. Monsenhor afigurava-se-lhe subitamente distante e frio. Vieram-lhe à memória os templos da sua infância, onde os deuses se sentavam solitários. Não, não era num deus que estava a pensar. Era novamente no palácio e na Velha Buda, olhando curvada para ele, um menino estrangeiro.

Monsenhor baixou os olhos. -Nós compreendemo-nos um ao outro. Andamos, dia a dia, atentos à significação histórica de cada hora.

Pela primeira vez se ergueu sem esperar que William se dispusesse a partir e levantou a mão num gesto de bênção. Uma gravidade mais profunda se lhe estampou no rosto severo. -Muitos são os chamados e poucos são os escolhidos - disse ele simplesmente, e, fazendo o sinal-da-cruz, retirou se da sala.

Durante o dia William sentiu como que no fundo dos seus pensamentos a vaga apreensão das palavras do padre.

Tocou com força a campainha, chamando a nova Miss Smith, e não ergueu os olhos quando ela entrou.

-Ditado - disse ele.

Ditou cartas durante uma hora inteira e, finalmente, umas longas instruções para Barney Chester. Depois despediu Miss Smith e falou ao telefone.

-É você, Barney? Venha ao meu escritório. Vou mandá-lo imediatamente à China como meu representante pessoal.

Passou as próximas duas horas a esboçar, para um rapaz silencioso e um tanto aterrorizado, exactamente o que esperava que ele fizesse na China.

-Em suma-concluiu ao cabo das duas- horas-espero de você os mais pormenorizados relatórios do que a diplomacia americana está a fazer, de modo que eu possa ficar aqui a par de tudo. Ao mesmo tempo, espero que consiga travar relações íntimas com o Velho Tigre e com... ela.

-Sim, senhor - disse Barney Chester. Era um rapaz moreno, pálido, esbelto, de ar astuto. William gostava que os seus rapazes tivessem esse ar astuto. Na verdade Barney tinha um coração um tanto mole que diàriamente renegava. Por certo, diante do severo homem grisalho sentado à sua mesa circular, ficaria alarmado se deixasse escapar o mais leve resquício de sentimentalismo. Aquele era o melhor ordenado que um homem da sua idade poderia conseguir no país, ou talvez no Mundo. William pagava bem aos seus homens e fazia-os trabalhar muito. Barney desejava que sua esposa Peggy não estivesse à espera de segundo filho. Tencionava solicitar as suas férias adiadas, quando chegasse a ocasião, para cuidar de Barney Júnior. Não havia ninguém que olhasse por este, excepto um criado. Não lhe ocorreu mencionar tão humildes dificuldades a William, que continuava a dar ordens.

-Apronte-se para partir depois de amanhã. Conseguirei prioridade no avião para você.

-Sim, senhor - disse Barney.

XII

A casa agora estragada pelos anos e que Henrieta nunca pensara em reformar, estava Clem sentado a ler os jornais. Era no Verão, o primeiro Verão depois do fim da guerra. Clem mal sobrevivera às bombas atômicas lançadas sobre duas cidades japonesas. Como muitos outros americanos, não sabia que existissem bombas atômicas, até que no dia 5 de Agosto, um ano antes, abrira um jornal, para descobrir, com angústia e verdadeiras lágrimas, que a bomba já fora lançada e tinham sido mortas centenas de milhar de pessoas que ele jamais vira. Ergueu-se, cego pelas lágrimas que lhe corriam pelas faces magras, e foi ter com Henrieta. Quando a encontrou em cima, arrumando a cama, não pôde falar, devido ao pranto. Pôde apenas segurar o jornal, apontando os títulos. Quando ela viu o que tinha acontecido, enlaçou-o nos braços e ficaram os dois de pé, chorando juntos, de vergonha e receio pelo que se fizera.

Durante semanas depois disso, Clem estivera tão próximo de cair doente que ela disse a Bump que não o incomodasse por coisa nenhuma. Clem, aliás, fazia muito pouco. Estava a trabalhar, com todas as suas energias em declínio, na Alimentação, e recusara-se terminantemente a consultar um médico ou a tirar uma radiografia dos órgãos digestivos, agora em rebelião permanente.

-Não me aborreças, querida. -Esta era a sua réplica às súplicas e queixas de Henrieta.

O grande homem da Casa Branca tinha morrido e um pequeno homem tomara o seu lugar. Clem imediatamente foi vê-lo, para pregar pela última vez o

seu evangelho da alimentação. O pequeno homem piscava os olhos e sorria e deu-se ao trabalho de descrever o plano das Nações Unidas para a alimentação mundial, e despediu Clem, deixando-o na quase certeza de que convertera um Presidente dos Estados Unidos, mas nada sucedeu.

Na Primavera, Clem falou em ir à Conferência de S. Francisco, para explicar como dar de comer aos famintos do Mundo, se tudo fosse bem feito. Os comunistas não deviam ser os únicos a dar as cartas, o que assim aconteceria, excepto se o povo tivesse comer.

Henrieta fizera com que ele desistisse de lá ir. Sabia agora que, até mesmo em New Point, o povo se ria de Clem. Chamavam-no maluco, fanático... e ninguém dava ouvidos a um homem que passara a vida com uma só ideia.

Ela odiava as pessoas porque se riam de Clem. Arrastava-o para casa, conservava-o ocupado, trabalhava com ele na sua fórmula, tão só para o furtar ao riso cruel da gente que era indigna de lhe atar os sapatos.

Naquela manhã de Verão, enquanto ela lavava os pratos, ele estava sentado na cozinha a ler o jornal. De súbito ouviu-o exclamar:

-Querida!

-O que há, Clem?

-Nós perdemos a guerra!

-Que diabo queres dizer? A guerra terminou.

Ela largou o pano da loiça, com as mãos ensaboadas e ficou a ler por cima dos seus ombros.

-Declarámos que não auxiliaremos os povos vencidos.

É o princípio da terceira guerra mundial.

-Oh, Clem! A coisa não está assim tão má.

-Está, sim. Todos estão com os olhos fixos em S. Francisco, e o que dissemos não pode ser desdito. Há um impasse agora... Ele ergueu-se abruptamente, dirigindo-se para o seu laboratório, e ela continuou a lavar os pratos.

Foi só em Março de 1950 que Clem foi visitar William pela terceira e última vez. Por essa época, muito do que ele tinha predito já fazia parte do passado, e pensava que poderia convencer William. Certamente este agora acreditaria que Clem estava com a razão. Os comunistas estavam a governar a China, e o povo estava a morrer de novo por dezenas de milhões. Yusan podia confirmá-lo. Os velhos Fong tinham morrido. Yusan era o chefe da família. Pequim estava cheia de russos, todos a dar instruções. Enquanto isto sucedia, a alimentação da Manchúria estava a ser negociada por máquinas.

«Se a América pudesse alimentar-nos...»-escrevia Yusan. A carta constava de uma delgada folha de papel, dentro de um pequeno sobrescrito sujo sem estampilha. Mr. Kwok, agora chefe de um próspero restaurante em Nova York, viera trazê-la a Clem, e Clem regressara com ele a Nova York sem dizer a Henrieta que resolvera ir falar com William pela última vez e pedir-lhe que dissesse aos americanos que talvez ainda pudessem salvar a China e o Mundo se pelo menos quisessem compreender que...

Três dias mais tarde, Henrieta viu Clem subir o caminho de tijolos que

conduzia a sua casa, transportando a sua maleta de papelão. Não pôde alcançar a porta. Ela viu-o cair no chão e correu a levantá-lo.

Clem não havia desmaiado, estava consciente.

Foram só as minhas pernas que falharam - murmurou. -Vais já para a cama e ficas lá muito quieto! - disse ela, com a energia do amor.

Mas ninguém o poderia conservar na cama. Nem iria ainda para o hospital, declarou ele ao Dr. Wood. Agora, mais do que nunca, deveria terminar a sua fórmula, agora que William não o atenderia. Foi assim que Henrieta soube que Clem tinha ido falar com William e que este se recusara a dar-lhe ouvidos.

-Foi um cansaço passageiro - disse Clem.

E dentro em poucos dias estava de pé, entregue novamente à sua fórmula, fazendo experiências, no fogão de gás, com uma mistura de leite em pó e feijões, acrescentada de minerais e batata moída. Henrieta agora não o contrariava em nada. Impossível negar que ele estivesse enfermo, mas Henrieta achava-se desesperada. Ele não queria saber de médicos.

Aquilo tornou-se uma verdadeira corrida. Quase deixou de comer e beber, e ela conservava a seu lado uma taça de chá, em que punha um ovo batido e um pouco de açúcar. Ele bebia lentamente, um gole de vez em quando, e assim ia conservando a vida.

No Verão, viu-se que estava perdido. Certa manhã, Clem esforçou-se em vão para se erguer da cama. A camisa de dormir pendia-lhe do pescoço, afundada em cavidades triangulares. As orelhas pareciam enormes, os seus olhos estavam mortiços.

-Clem! -bradou Henrieta. -Tens de pensar em mim uma vez! -Era o seu último apelo.

-Então eu não penso em ti, querida?

A força esvaíra-se até da sua voz. Parecia vazia e fantasmal. -Não vais levantar-te- - disse ela. -Vais ficar aqui até que chegue o Dr. Wood.

Clem caiu sobre o travesseiro, tentando sorrir. -Tu venceste - me - murmurou ele.

Ela correu então ao telefone e encontrou o médico no seu pequeno almoço.

--Irei logo que...

-Não! Venha agora, sem perda de um momento! Creio que ele vai morrer.

E logo voltou para a cabeceira da vasta cama antiga onde tinham dormido lado a lado, durante anos e anos, desde que ela deixara tudo para ser sua esposa. Clem estava deitado exactamente como Henrieta o deixara, mas, quando entrou no quarto, ele abriu sonolentemente os olhos e sorriu.

-O doutor já vai chegar, Clem. Não durmas.

-Não... eu não pretendo dormir.

Ficaram em silêncio um momento, ela a segurar entre as suas uma das mãos ossudas do marido. Não devia desperdiçar em conversa as forças restantes de Clem.

Mas ele começou a falar.

-Querida... a fórmula, pelo que até agora pude ver... -Por favor, Clem.

-Deixa-me dizer-te... Está tudo escrito naquele pequeno bloco, ali na prateleira direita da minha escrivaninha... Se eu não puder terminar...

-Naturalmente que poderás terminar, Clem. Precisas apenas de um longo

repouso. Vou levar-te para a Califórnia. Sim, é isso que eu vou fazer.

Henrieta falava para o conservar em silêncio e ele bem o percebia. Logo que ela fez uma pausa, ele começou de novo.

-Penso que cometi um erro usando o leite em pó. Há gente na China que não suporta o gosto do leite. Não sei como não pensei nisso antes. Tenho de...

Parou de súbito e olhou-a aterrorizado. -Querida... Que... -Ele arquejava. - Que é, Clem?

-Uma dor terrível, aqui-Apertava as mãos contra o ventre, e o suor escorria-lhe pelas faces.

-Oh, Clem, que posso eu...?

Mas não foi preciso que ela fizesse coisa alguma : caíra na inconsciência.

Três horas mais tarde, no hospital de Dayton, o Dr. Wood saiu da sala de operações. Henrieta estivera sentada imóvel durante mais de uma hora, negando-se a esperar nada de bom ou de mau. Com todos aqueles anos de convivência com Clem, como sua sombra, tinha aprendido, como fazia agora, a esperar, sem pensar, sem se impacientar, deixando o espírito ocupar-se com a superfície que os seus olhos lhe apresentavam, a gente que ia e vinha, o vaso de flores em cima da mesa, os troncos de uma árvore do lado de fora da janela.

-Creio que a senhora já está meio preparada para o que tenho a dizer-lhe, Mrs. Miller - disse o Dr. Wood.

Era um bondoso sujeito de meia-idade, tão evidentemente um médico de cidade pequena que qualquer pessoa adivinharia quem era. A sua força estava em saber o que é que não sabia e, depois que viu, naquela manhã, o rosto cinéreo de Clem sobre o travesseiro, foi logo dizendo: «Esse doente tem de ser mandado imediatamente para o hospital da cidade», e chamou a ambulância.

Enquanto a ambulância se dirigia vertiginosamente para Dayton, manteve-se sentado ao lado de Clem, com Henrieta perto, e não proferiu uma só palavra. No hospital, levou Clem imediatamente para a sala de operações, e ficou a seu lado, enquanto um jovem cirurgião o operava.

-Não, não me preparei - disse Henrieta mansamente.Esperei, apenas.

-Ele já não tem estômago - disse o Dr. Wood. Aquela enérgica face de mulher que o contemplava fizera-o compreender que era inútil mascarar a verdade. -Devia ter sido operado há muito tempo. Um antigo estado... É um nervoso, naturalmente... e a coisa tornou-se maligna de um momento para o outro.

-Não era um nervoso, prôpriamente - murmurou Henrieta. O coração dela tinha cessado de bater por um longo momento, e agora recomeçava aceleradamente. -Ele simplesmente toma o Mundo inteiro sob a sua responsabilidade. Passa fome, por assim dizer, com cada homem, mulher ou criança faminta, crucifica-se todos os dias.

-Mau, mau - disse o Dr. Wood. -Isso não adianta, a senhora bem sabe. Nenhum homem o pode remediar. Suponho que já lho tenha dito várias vezes.

-Não, graças a Deus, nunca lhe disse nada. -Henrieta ergueu-se.

-Eles não a querem lá, justamente agora...

-Irei, de qualquer maneira - disse Henrieta. - Não me podem afastar dele.

Não perguntou quanto tempo Clem teria de vida. Enquanto Clem vivesse, ficaria com ele e não o deixaria uma única noite, uma única hora. Encaminhou-se

para a porta de onde saía o Dr. Wood, e ninguém a deteve.

Clem não chegou a viver uma semana. Henrieta não tinha a certeza de que Clem soubesse que ela estava ali a seu lado, todo o tempo, mas ali ficava da mesma forma. Ele ainda poderia voltar a si, apesar do que diziam os médicos e as enfermeiras.

-É realmente impossível, Mrs. Miller - dizia a enfermeira da noite. -Deram-lhe tanto sedativo, para ele não sofrer... O pobre homem deve ter padecido terrivelmente por muito tempo.

-Ele nunca o disse - respondeu Henrieta. Seria possível que Clem tivesse sofrido sem lhe dizer nada? Sim, era possível. Tinha receio de que ela o detivesse antes de ter terminado o seu trabalho, naquela terrível corrida em que se achava empenhado. Como é que ela não o notara? Notara, é certo, a sua rigidez, o seu modo de se sentar à mesa apoiando-se nas mãos; os ombros direitos, horizontais, altos... como uma cruz. Sim, Clem evocava-lhe uma cruz. Muitos julgavam-no maluco, um fanático, e assim o era... para eles. Ela conhecia, porém, o seu coração. Ele não poderia ser senão assim. Fora formado pelos seus pais, conforme os seus espíritos simples e os seus meigos corações, influenciado pela sua fé ardente, a sua fantástica loucura, a sua pavorosa morte. E a fome da sua infância integrara-o na fome do Mundo.

-Querida - dizia ele frequentemente--, não se pode pregar ao povo antes de o alimentar. Eu o alimentarei, e os outros que puguem.

Era bem dele escolher para si a parte mais difícil. Qualquer poderia pregar.

-A senhora deve comer alguma coisa, Mrs. Miller - diziam-lhe.

E, assim, ela comia o que lhe trouxessem, o mais que podia, pelo menos. Clem gostaria que ela comesse e, se pudesse voltar a si, dir-lhe-ia: «Come, querida!»

Alimentavam-no pelas veias. Nada sobrara do seu estômago. O cirurgião mal pôde fazer as costuras - disse-lhe a enfermeira. -Parecia uma fita podre. Como podia ele viver assim?

-Ele tirava as forças de outra coisa.

-E a senhora não sabia? -espantou-se a enfermeira. Ela disse às outras enfermeiras que aquela Mrs. Miller era uma mulher esquisita e obtusa. Nunca se sabia no que estava a pensar.

-Sempre achei que não devia intrometer-me na sua vida - disse Henrieta.

-Uma estúpida! - disse a enfermeira às outras. Qualquer mulher sensata que se interessasse pelo marido, mandá-lo-ia examinar... Ela poderia ter-lhe salvo a vida.

-Creio que poderia ter-lhe salvo a vida - disse Henrieta vagarosamente. - Mas compreendia-o tão bem... Sabia que havia coisas que lhe importavam muito mais do que a vida... De modo que eu não podia intrometer-me...

Foi o mais que ela pôde dizer.

-Eu era capaz de jurar que ela não daria um caracol por ele - disse a enfermeira às outras. -Mas basta ver a maneira como ela fica ali sentada, para ver que está a morrer com ele. Nada ficará vivo nela, depois de ele morrer.

Clem morreu de noite, às duas horas. Nunca recobrou a consciência. O Dr. Wood vinha várias vezes por dia, e, naquele dia, dissera que Clem não

atravessaria a noite.

-Se a senhora quiser, Mrs. Miller, eu posso suspender as injeções e talvez ele volte a si o suficiente para a reconhecer.

-Sofrendo?

-Receio que sim.

Para quê fazê-lo voltar a si, mas sofrendo? Seria egoísmo da sua parte. Um minuto não era nada em comparação com os anos que tinha vivido com ele e com os anos que ainda viveria sem ele. Ela meneou negativamente a cabeça. O médico deu a injeção e retirou-se.

Clem morreu tranquilamente. Ela reconheceu o instante da partida. Estava sentada no seu habitual lugar, sem se mover, e recusou a chávena de caldo de carne que a enfermeira lhe trouxe à meia-noite. Logo depois da meia-noite, sentiu a aproximação da morte tão claramente como se devesse também compartilhá-la. A cada instante que passava, sentia aumentar em si uma estranha opressão. Às duas horas, a morte ali estava. A sua carne recebeu o choque, o seu coração a sentença. Uma das mãos dele jazia entre as suas, leve e fria, e ela inclinou-se sobre o leito, com o rosto próximo do de Clem. Inútil tocar os seus lábios. Um beijo não era uma comunicação agora. Melhor era relembrar os actos vivos de amor que entre ambos houvera do que guardar na memória o último dom sem resposta! Ele tinha sido um perfeito amante, não frequente, jamais fremente, mas doce e cortês. Direito e às vezes brusco tinha sido na vida diária, muito ocupado como estava para pensar continuamente nela, mas Henrieta sabia que ele a conservava sempre consigo como conservava a sua própria alma. E havia as raras vezes, as horas em que ele a beijava e amava, horas perfeitas, porque não forçadas, mas um natural encontro carnal, e sempre mais do que carnal, e, depois de tudo findo, a sua terna gratidão

-Que bom o teu amor! Obrigado, querida!

Jamais tornaria a ouvir essas palavras! Nunca tinha pensado nisso. As lágrimas que não tinham vindo, vieram agora, pesadas, ardentes.

-Receio que seja o fim, Mrs. Miller - disse a enfermeira. Estava do outro lado do leito, segurando o pulso de Clem.

Henrieta ergueu-se. O seu coração batia tão forte que ela sentia-se tonta.

-Poderia... voltar-se... um momento...?

A enfermeira virou a cabeça e mordeu o lábio: por mais que morressem, era sempre terrível, a gente não podia acostumar-se.

Henrieta inclinou-se sobre Clem e encostou o rosto contra o seu. Chegou-lhe os lábios ao ouvido e disse bem nitidamente, transpondo, com todo o seu coração, o espaço entre as estrelas:

-Que bom o teu amor! Obrigada, querido!

Era a última vez na vida que ela dizia a palavra «amor». Enterrou-a com ele, como uma flor.

Depois de Clem ter morrido, nada mais havia a fazer senão persistir até que se efectivasse o que ele queria realizar. Era tudo o que lhe restava. Agora que ele partira, era espantoso o pouco que lhe ficara dele. Até o rosto de Clem parecia esvair-se do espírito de Henrieta. Na verdade, poucas tinham sido as horas em

que eles haviam sido indivisíveis. A maior parte da sua camaradagem, que ela agora sentia como a sua única verdadeira camaradagem, fora quando ele falava acerca dos seus trabalhos, dos seus planos, e, finalmente, do seu sonho, da sua obsessão.

Clem tinha sido o único homem que a amara, o único homem que a pedira em casamento, o único homem com quem ela poderia ter casado. A infância que ela passara em terras estranhas havia condicionado a sua maneira de ser. Já passava agora da meia-idade, era uma mulher remota e solitária. Bump continuava mais próximo dela do que qualquer outra criatura humana, e era bastante bondoso, mas sempre inquieto, e muito preocupado com os encargos que a morte de Clem lhe acarretara. Dizia que os mercados deviam ser vendidos e Henrieta concordou. Não tinha animo para o grande empreendimento que haviam começado e, sem o gênio idealístico de Clem, era difícil levar a coisa avante.

Não era difícil vender. Em cada um dos estabelecimentos havia um homem, o gerente, geralmente colocado por Clem, que estava desejoso de comprar a casa. Os preços dela eram absurdamente baixos, e não havia limites para o pagamento. Por algum tempo, tentou estipular que deviam ser seguidas as ideias de Clem, que o povo ali conseguiria alimento mais barato do que em qualquer outra parte. Nesse ponto também foi obrigada a ceder. Era preciso gênio para tamanha ousadia, e ela não achava nenhum em si. Para Bump, ela simplesmente deu o mercado de Dayton e, depois de alguma reflexão, deu-lhe também a sua própria casa, quando resolveu seis meses mais tarde ir para Nova York com Berkhardt Feld, o famoso químico germânico especialista em nutrição.

Esse idoso cientista deixara secretamente a Alemanha num dia em que vira Hitler a pavonear-se ante uma multidão deslumbrada e ansiosa por adorar o que quer que fosse. Felizmente estava inteiramente só. Ele e sua esposa não tinham tido filhos, facto que não cessava de agradecer a Deus quando compreendeu o que estava a acontecer na Alemanha, e sua esposa havia morrido. Chorara-a desesperadamente, pois era um homem solitário e Raquel tinha sido a sua família e o seu amigo. Depois de ter visto Hitler, deixou de se lamentar, e ficou contente que ela tivesse morrido. Era fácil entronhar os seus pertences e esconder num par de meias de lã a fórmula que representava o trabalho da sua vida, e, com a sua roupa mais velha, tomar a estrada e alcançar a fronteira. O povo ainda não tinha chegado ao ponto de matar qualquer judeu que encontrasse, e ele via mais desafio que malignidade nos olhares de desprezo que lhe lançavam. Tinha dinheiro suficiente para atravessar a fronteira, e na França encontrou direitos autorais do seu último trabalho científico, A Análise Química do Alimento em Relação com o Carácter Humano.

De Paris fora para Londres, mas lá sentira-se inquieto porque estava ainda muito perto da Alemanha, e os amigos mandaram-no para Nova York. Ali, gratamente, mergulhou no calor de uma variegada população e não gastava quase nada enquanto trabalhava no laboratório do químico de uma Companhia de Alimentos, um homem chamado Bryan Holt, que tinha Berkhardt Feld por um gênio. Conseguiu um quarto para o velho numa casa de hóspedes limpa e barata, deu-lhe uma mesa e um pequeno salário. Aliás o dinheiro pouco importava ao Dr. Feld, que apenas fazia questão de não dever nada a ninguém, e não comprava o que não podia.

Henrieta viera a conhecer o Dr. Feld por intermédio da cópia de uma carta encontrada entre os papéis de Clem e que este escrevera a Bryan Holt solicitando ao jovem cientista que o auxiliasse a encontrar um alimento barato e nutritivo que pudesse servir até que o Mundo se tornasse bastante sensato para compreender que todos deviam ser alimentados gratuitamente. Não houvera tempo para uma resposta. Clem morrera uma semana depois de haver escrito a carta. Ah, mas na carta ela encontrou o seu tesouro, a voz de Clem, as palavras que ela ansiara por ouvir mas que ele não pudera dizer, porque ela não permitira que ele voltasse a si com sofrimento. Ali estava a recompensa do seu amor, quando ela se negara a atender aos apelos do seu próprio coração. Clem sabia que estava a morrer, muito antes que ela fosse obrigada a descobri-lo, e tinha escrito ao jovem cientista:

«Tenho alguma pressa, porque estou atacado de uma doença mortal e posso morrer de um momento para o outro. Isso não importa. Descobri na minha vida uma verdade básica e que não morrerá comigo. O que eu passei na minha vida a provar, será provado porque é verdade. Embora esteja eu no túmulo, esta é a minha vitória».

Clem vitorioso! Naturalmente que o era, pois quem poderia destruir a sua verdade? Ali estava a ordem, que ela se preparou para obedecer.

Henrieta resolveu, pois, ir falar com Bryan Holt, depois de doar as poucas roupas de Clem ao Exército de Salvação e se viu na posse de uma espantosa soma de dinheiro em mais de vinte bancos em várias cidades, onde os respectivos mercados de Clem haviam feito os seus depósitos. Os papéis que Clem deixara eram escassos, mas as suas notas sobre o Alimento, como ele o chamava, eram bastante claras. O Alimento era meio químico, meio natural, uma mistura à base de feijão com minerais e vitaminas e que, se ele encontrasse um químico para a preparar devidamente, poderia alimentar milhões de pessoas por uns poucos centimos cada ração. Era a forma final do seu sonho, ou, como William uma vez dissera, da sua obsessão. Podia ser que as duas fossem a mesma coisa.

O primeiro encontro com Holt não fora nada promissor. Holt não tinha respondido à carta de Clem porque lhe parecera absurda. Mostrava-se respeitoso ante a sólida presença de Henrieta, a sua grande face quadrada e pálida, as suas mãos fortes. Ela possuía uma imensa dignidade. Ele tentava não a melindrar, mas ela compreendeu tudo. Aquele jovem não era o homem que ela procurava, mas deveria haver um outro.

-Muita gente pensava que meu marido era desequilibrado - disse ela com sua voz tranquila. -Era porque ele estava muito adiante da sua época. Será preciso uns vinte e cinco anos, muito mais se tivermos outra guerra, para que os estadistas compreendam que o que ele dizia é simples senso comum. Não cessará de haver agitação no Mundo, enquanto o povo não tiver assegurado o seu alimento. Não é necessário que o senhor concorde com meu marido e comigo. Vim apenas fazer-lhe perguntas sobre a sua fórmula.

Bryan Holt desejava livrar-se dela, embora se mostrasse delicado, uma vez que era jovem bastante para ser seu filho. E assim lhe disse:

-Tenho um excelente cientista trabalhando aqui comigo e que veio da Europa. Ele será mais útil à senhora do que eu.

Dizendo isto, chamara de uma remota mesa uma velha e desengonçada figura que era o Dr. Berkhardt Feld, e assim acidentalmente encontrara Henrieta o

seu sócio. Depois de ter falado algumas horas com o Dr. Feld, propôs conseguir um pequeno laboratório unicamente para ele, com um apartamento para a sua residência. Depois, se ele quisesse ensinar-lhe a ajudá-lo, desenvolvendo a química que ela aprendera na escola, ela poderia vir todos os dias e talvez conseguissem realizar o sonho de Clem.

Para o Dr. Feld aquilo foi um inesperado paraíso. Nenhuma das ideias de Clem era fantástica para ele. Eram simplesmente axiomáticas. Não seria muito difícil encontrar a fórmula que Clem tinha começado muito satisfatoriamente à base de feijão, questão apenas de uns poucos anos, quando seria de esperar que os homens avisados do Mundo compreendessem o que devia ser feito por milhões de órfãos e famintos.

-E então, então, liebe Frau Muller - dizia fervorosamente o Dr. Feld, germanizando Henrieta o mais possível-talvez já tenhamos pronto O Alimento.

As lágrimas subiram aos olhos de Henrieta. Agradeceu ao Dr. Feld, com a sua voz um tanto áspera, e disse-lhe que estivesse pronto para se mudar logo que ela tivesse arranjado as suas coisas em casa.

Tomada essa decisão, começou a desembaraçar-se de tudo quanto ficara, em casa, dos seus anos de casada. Entre as coisas que jamais abandonaria, estava a caixa vermelha das cartas de Clem e, com elas, o velho amuleto que ele lhe dera. Estava ainda embrulhado no papel em que lho mandara. Desenrolou o papel e exclamou, como se ele ali estivesse: «Eu sempre quis interrogar-te a respeito disto!»

Quanta coisa desejava ela perguntar-lhe nos últimos longos anos que ainda tencionava viver com ele, anos que jamais viriam! Chorou um pouco; fechou a caixa e colocou-a na mala, para a levar consigo para Nova York. Algum dia, quando tivesse coragem, leria de novo todas as suas cartas. Quanta coisa ela jamais saberia a respeito de Clem, por ter andado tão ocupado com os assuntos da Humanidade!

Na noite antes de partir, convidou Bump e Frieda para jantar, a fim de indagar alguma coisa do primeiro a respeito de Clem. Quanto a Frieda, pouco lhe importava : era uma mulherança bondosa e estúpida.

-Desejaria que me contasse tudo o que se pode lembrar de Clem quando o conheceu naquela granja. Ele nunca me falou muito a esse respeito.

Longo viu que Bump tão-pouco lhe poderia contar grande coisa. ---Ele era exactamente como sempre foi- - disse ele, tentando evocar aquele menino pálido e empoeirado que tantos anos antes penetrara no seu pequeno e triste mundo. -O que bem me lembro é que não tinha medo de ninguém. Tinha passado maus pedaços, penso eu. O quê, não sei. Coisas que lhe aconteceram lá na China. Mas ele nunca falava sobre isso. E já se sabia impor. Os Bergers nunca lhe batiam, como a nós. E até deixavam de nos bater, quando ele estava perto. Quando resolveu partir, os outros ficaram com medo de o acompanhar. Tinham medo de que a gente do Auxílio nos apanhasse de novo e do que aconteceria depois. Eu também tinha medo, mas, depois de ele ter partido, tive ainda mais medo de ficar. Não creio que ele tivesse ficado muito contente ao ver-me seguir as suas pegadas. Muitas vezes tenho pensado nisso. Mas não me mandou regressar.

Não havia mais nada, aparentemente. O perfil de Clem permanecia simples e angular. Depois de Bump sair, ela estudou de novo as notas que Clem deixara

sobre O Alimento. Se ela continuasse a tentar o que ele desejava fazer, então talvez pudesse conservar a sua memória consigo, de modo a não esquecer, quando fosse velha, como ele parecia e como era o som da sua voz...

Não ocorreu a Henrieta procurar os seus parentes e dizer-lhes que estava em Nova York. Nem mesmo pensara em comunicar-lhes a morte de Clem, mas eles tinham visto a notícia nos jornais de Nova York. Clem era bastante conhecido. William mandara um telegrama de pêsames e Ruth enviara uma cruz de flores para o enterro. Sua mãe estava na Inglaterra, e algumas semanas depois chegou uma sua carta, dizendo que nunca achara que Clem tivesse boa cor e que, portanto, não ficara surpreendida. Dizia que Henrieta devia cuidar de si. Era uma sorte ter Clem deixado dinheiro bastante. Se Henrieta desejasse, viria morar com ela, mas não podia viver no Middle West. Nova York ou Boston estaria às maravilhas. Henrieta não deu resposta à carta.

Agora que Clem partira, ela estava novamente solitária, mas não como o estaria se ele jamais houvesse aparecido na sua vida. Ele compartilhava com ela, e ainda compartilhava em memória, da sua infância oriental, que não poderia compreender quem apenas tivesse sido criança ali na América. Sem gostar da China, sem sentir pelos chineses nada da estreita afeição de Clem, achava-se eternamente dividida em alma e espírito. Ocorria-lhe às vezes que essa divisão também podia explicar William. Talvez tudo o que ele fazia era no sentido de conseguir a própria unidade. A unidade que ela pudera encontrar em Clem, porque cada um deles compreendia as lembranças do outro. William não tinha achado ninguém com quem a pudesse compartilhar. Talvez ele não tivesse conseguido a unidade por intermédio do amor. Ela iria visitar Candace. Tomada esta decisão, dirigiu-se ao laboratório, como de costume.

O Dr. Feld, observando a grande e silenciosa mulher que trabalhava pacientemente sob as suas ordens, reflectia às vezes sobre o seu ar distante e o seu génio. Ela não necessitava de ninguém, como também ele não necessitava de quem quer que fosse. Tinham terminado as suas vidas, ele na Alemanha, ela... aonde? Talvez na China, talvez numa tumba. O mais que faziam agora era apenas gastar ultimamente o tempo que lhes restava. Ele desejava ter conhecido o homem que deixara aquelas extraordinárias embora imperfeitas notas. Ela dissera que seu marido tinha tido apenas uns poucos anos de escola primária e nenhuma experiência científica.

-O seu conhecimento deve ter sido intuitivo, querida senhora, - replicara ele.

-Ele tinha a capacidade de aprender das criaturas humanas, - disse ela. - Sentia as suas necessidades e assentou toda a sua vida sobre o que descobriu. Chamava a isso alimento, mas era mais do que alimento para o corpo. Fazia da necessidade humana a sua filosofia e a sua religião. Se o senhor o conhecesse, achá-lo-ia um homem muito simples.

-Assim foi Einstein-comentou o Dr. Feld.

Não falavam muito. Quando falavam, era a respeito de Clem ou a respeito da fórmula. Ele explicava-lhe a peculiar, quase atômica vitalidade das vitaminas. «A fonte de toda a vida está no átomo» - dizia ele solenemente. «Deus não está na imensidão da grandeza. Deus está oculto na imensidão da pequenez. Deus

não está no geral. Deus está no particular. Quando compreendermos o particular, então saberemos tudo». Quando ele verdadeiramente falava, expressava-se em alemão. Ela estimava haver aprendido alemão no colégio e tê-lo conservado pela leitura.

Numa tarde de Verão, ela tirou o avental branco e pôs o chapéu e o casaco. -Vou sair mais cedo hoje, Dr. Feld, para ir ver uma pessoa minha conhecida.

Ele pareceu surpreendido e satisfeito. -Meu Deus... a senhora tem amigos, querida senhora!

Assim, Henrieta retirou-se, tomou o metropolitano e dirigiu-se para Sutton Place.

Achou o endereço numa rua tranquila, num quarteirão de casas brancas com venezianas. O Sol oblíquo enchia a rua de luz e sombra. A porta logo se abriu e uma criadinha de branco e preto pediu-lhe que entrasse, com a sua fresca voz irlandesa. Ela seguiu-a até um grande salão, todo de branco e ouro. A criadinha desapareceu. Henrieta sentou-se numa vasta cadeira de cetim dourado, e um momento depois Candace entrou, parecendo ainda jovem, com os seus olhos meigos e os seus cabelos de um loiro prateado. A sua suave boca polpuda sorria e Henrieta sentiu na face um perfumado beijo.

-Henrieta, isso é a mais linda coisa que já fizeste. Eu nunca esperei nada da família de William... Senta-te e deixa-me olhar-te. Chorei tanto quando soube da morte de Clem... Devia ter escrito, mas não pude...

Estava com um vestido para chá de «chiffon» violeta, amplo e cinturado de prata. Estava de novo muito elegante e mais bela do que nunca.

-Deixa-me olhar-te - disse Henrieta. -És feliz, Candy? Candace corou. -Sou mais feliz do que nunca fui em minha vida. Sim, feliz da maneira como desejo ser feliz.

Pôs a mão sobre a mão de Henrieta. -Quando estava com William, eu era feliz, também. É tão fácil, para mim, ser feliz... Mas então eu era feliz mais por mim mesma. Agora sou feliz com Seth.

-Eu sei - disse Henrieta. Não tomou a mão de Candace porque não sabia como fazer tais coisas; Candace compreendeu-o, bateu-lhe na mão e retirou a sua.

-Não censuro William - disse ela gentilmente. -Nem mesmo permito que Seth lhe queira mal. William necessitava de alguém que o compreendesse. Seth e eu, naturalmente, criámo-nos no mesmo Mundo.

Ela sorriu suavemente para Henrieta. -Deves visitar-nos, querida. Não vivemos muito aqui. Moramos na velha casa à beira-mar.

-Onde é que Seth está a trabalhar? -perguntou Henrieta. -Agora só trabalha nas suas peças - respondeu Candace.

-Diz ele que William o galvanizava no colégio, senão nunca teria trabalhado. -Candace riu o seu sonoro riso juvenil. -Seth é tão divertido... Diz que William modelou a sua vida. Primeiro, influiu-o para trabalhar por ele e depois influiu-o para trabalhar contra ele. Agora, diz Seth, não trabalha absolutamente nada, porque está verdadeiramente livre de William. Nós dois somos muito espertos, digo-te eu.

-Não é preciso esperteza para ser feliz - observou Henrieta.

Candace apertou-lhe novamente a mão. -Agrada-me ouvir-te dizer isso! Era o que eu costumava dizer, mas ele não sabia o que eu queria dizer. É o que eu digo aos rapazes agora, mas eles são também filhos de William, de quem são terrivelmente orgulhosos.

-Fala-me de ti própria - disse Henrieta.

Candace ergueu a mão. O seu rosto voltou-se para a porta. -Espera! Ouço Seth que chega. -Ergueu-se, foi até à porta, chamou e ele veio.

Henrieta viu um homem alto e grisalho, com uma simpática face, determinadamente irónica. Era um dos que ela se lembrava, e estendeu-lhe a mão.

-Foi muita bondade sua ter vindo - disse ele. -Candy e eu não esperamos favores.

-Gosto de Candace. Queria ver se você era bom para ela. -Não julgue à primeira vista-pediú ele. -As minhas fraquezas são tão óbvias!

Ela sorriu polidamente, não sabendo como responder a tais brincadeiras, e olhou para Candace:

-Minha querida, não comi nem bebi nada desde o almoço.

-Oh!... Vou mandar servir o chá. -A sua saia violeta voou através do cinzento prateado do tapete e ela puxou o cordão negro de uma sineta, pendente, decorativamente, junto à prateleira de mármore da lareira.

Tomaram chá, então, agradável cerimónia em que Henrieta tomou parte, lealmente silenciosa e levemente sorridente, gozando o aconchego da teia que aqueles dois seres teciam em redor de si e em que também a envolviam. Eram brincalhões sem rudeza, e jovialmente francos consigo.

-Tua mãe, querida - disse Candace-, tem andado a explorar a Inglaterra, como bem sabes. Tem simplesmente espantado toda a gente. Seth, onde está a carta que recebemos de Lady Astley?

Seth abriu a gaveta de uma escrivaninha de mogno e atirou-lhe um sobrescrito ao regaço.

-Não te importas? -indagou Candace, com os olhos brilhando de divertimento.

-Eu conheço minha mãe - disse Henrieta.

Candace abriu o papel azul pálido e começou a ler em voz alta

«O que não podemos compreender aqui na Inglaterra é porque Mrs. Lane não é a mãe do Presidente. Penso que ela tão pouco o pode compreender. Ela é uma jóia e um tesouro. Ela areja-nos o espírito e dá-nos ânimo para enfrentar esses socialistas. Na verdade, ela é um número... nós gostamos dela. Há alguma coisa de inglês nela, se compreendes o que quero dizer... que chega a assustar. Ela tem tanta segurança que é mesmo maravilhoso. Sempre existirá a Inglaterra, etc. e tal... É uma maravilha pensar que existe disso na América, também. Nós todos ficamos tristes ao pensar que ela terá de partir um dia. Deus nos acuda, mas a Rainha-Mãe Americana odeia o Trabalho, também! Ela denomina-se Republicana. William, o Filho, é um Republicano, diz ela. Que é um Republicano, querida? Pensa bem, e dize-me quando me escreveres».

-Que maldade ler isto! - disse Candace, olhando com risonho arrependimento para Seth, afundado na sua cadeira e fumando o seu cachimbo.

-Tolice! -- replicou ele. -Henrieta sabe que nós gostamos da boa da velha.

Meu Deus, como eu invejo os velhos! Eles têm o Mundo muito bem arranjadinho, Céu e Inferno, Deus e Diabo, Paz e Guerra, o bom e o mau, o moral e o imoral, ricos e pobres...

Candace entrou na ladainha:

-Jovens e velhos...

-Branco e preto...

-Ouro e prata...

-Oriente e Ocidente...

-Rei e súbditos...

-Cidade e Campo...

-Capital e Trabalho...

-Capitalistas e Comunistas...

- Brancos e negros...

-Basta! - disse Candace. -Henrieta já deve estar tonta.

-Não! - protestou Henrieta. -Estou apenas a divertir-me. Abençoados vocês por serem felizes! Bem, agora tenho de ir.

Deixaram-na sair, reclamando o seu regresso e arrancando-lhe a promessa de que iria passar um mês com eles na sua casa à beira-mar.

Não iria, naturalmente, mas isso não lhes poderia dizer. E tomou de novo o metropolitano e voltou para o seu tugúrio na cidade.

Há muito que anoitecera. O Dr. Feld ainda devia estar a trabalhar, mas ela não foi verificar. Quando fechara a porta sobre aquela esplêndida e doida felicidade, foi como se saísse do luar para as trevas. Fora tão acostumada à solidão que não podia compreender porque é que a solidão parecia agora mais profunda do que antes, uma vez que descobrira exactamente o que desejava, isto é, que Candace era feliz e que nenhum deles lhe queria mal por causa de William. Depois lembrou-se de que nem Seth nem Candace lhe haviam perguntado onde ela morava ou o que estava a fazer. Isso não lhes ocorrera. Eles não eram cruéis, não eram sequer egoístas ou inconsiderados. Eram simplesmente ignorantes, Candace naturalmente, Seth talvez de propósito. Ele voltara para o mundo em que tinha nascido e que Candace nunca havia deixado. Para eles não existia outro mundo. Nunca tinham conhecido, nem o poderiam, o mundo em que Clem sempre vivera.

Ocorreu-lhe mais tarde, depois de se ter sentado à mesa, tentando estudar um texto de química, que talvez fosse por isso que Candace jamais compreendera William. William conhecia, também, um outro mundo. Deixou o livro cair no chão e ficou sentada, por longo tempo, a reflectir sobre este facto espantoso: Clem e William, tão profundamente diferentes, eram semelhantes!

William Lane já não era novo. Quando via os seus dois filhos, ambos casados e eles próprios com filhos, os seus netos, sentia-se alarmantemente velho. Por outro lado, sua mãe estava robusta e activa, embora já na casa dos oitenta, e, assim, ele ainda era novo. Tinha chegado ao ponto de se orgulhar dela, embora ela não raro o irritasse com a sua crescente irresponsabilidade. Agora, por exemplo, quando Ruth se achava em grandes dificuldades com Jeremias, que se tornara um ébrio irremediável, sua mãe fazia vida social na Inglaterra. Queixou-se disso a Emory, que o escutou com a sua habitual gentileza e fez depois uma

sensata sugestão. Ele dependia muito do bom-senso de sua mulher.

-Porque não telegrafas a tua mãe para vir morar com Ruth? -perguntou Emory.

-Excelente ideia-aplaudou William.

Mrs. Lane recebeu o telegrama no dia seguinte. Estava habitando numa grande casa de campo em Surrey, onde os rendeiros se haviam reunido, pelo Natal, à velha maneira inglesa, para beber à saúde do senhor, a despeito do Governo. Havia algo na vida inglesa que lhe lembrava Pequim, e ela gostaria de passar o resto dos seus dias na Inglaterra, embora os socialistas estivessem a estragar tudo. Não havia razão para que um americano sofresse a austeridade em que insistia Sir Stafford Crips, e especialmente uma americana. Ter-se-ia demorado mais tempo, todavia, com a sua amiga a Condessa de Burleigh, se não tivesse recebido o telegrama de William. Jeremias, ao que parecia, fora para um hospital especial, e Ruth necessitava dela.

Mrs. Lane ergueu os seus belos e pesados ombros ao ler o telegrama que lhe trouxe o criado. Estava a tomar um tranquilo chá, a sós com a condessa. A condessa era velha, também, e como andava sempre à procura de diversões, Mrs. Lane tinha estado a diverti-la com uma longa visita.

-Não posso compreender porque meus filhos insistem em que eu vá ter com eles a cada crise que acontece na sua vida - queixava-se ela agora à condessa. -Seria óbvio que, na idade em que estou, me fosse permitido desfrutar da minha própria liberdade. Mas não... William, ao que parece, acha que eu devo ir para casa. Minha filha mais velha está, naturalmente, entregue ao seu sentimento - eu já lhe disse que ela perdeu o marido-e, deste modo, a minha pobre filha mais nova volta-se para mim. O seu marido está numa triste situação.

-Que mal lhe aconteceu? --inquiriu a condessa. Havia sido na juventude uma estrela de «music-hall» e continuava a parecer muito airosa, apesar de certa propensão para o reumatismo, e falava com o juvenil acento Cockney, que pretendia usar propositadamente.

-Creio que ele começou a beber demais outra vez - replicou Mrs. Lane.

-Ah, se é assim - disse a condessa peremptoriamente-, a minha querida amiga está então em maus lençóis. O meu pobre Harold era a mesma coisa e terminou assim. Não adianta tentar coisa alguma. Eu costumava pregar-lhe uns sermões e ele, no princípio, ficava assustado, compenetrava-se... Mas isso só servia para o fazer beber ainda mais. Tive de deixar que bebesse até morrer.

Isso não era nada animador, e Mrs. Lane regressou a casa de avião logo que pôde arranjar lugar, o que conseguiu em breve tempo, para surpresa e aborrecimento do passageiro que já o tinha reservado. Ela sabia utilizar o nome de William quando era preciso.

Encontrou Ruth sôzinha. Emory que a fora esperar ao aeródromo, acompanhou-a. Ruth começou a chorar quando viu a mãe parada e imóvel no «hall», para que a criada lhe pudesse tirar devidamente o casaco, e Mrs. Lane, vendo as lágrimas da filha, reparou que Ruth, agora uma mulher de meia-idade, chorava exactamente como quando era menina, em silêncio e com ar assustado. Estendeu os seus vigorosos braços e enlaçou Ruth. -Vamos, vamos - disse ela. - Tudo vai ficar bem agora. Vim para viver contigo. Precisas de mim mais do que

Henrieta. Onde está Henrieta?

-Não sei-soluçou Ruth. -Não posso pensar em mais ninguém senão em Jeremias. Oh, mãe, porque será que ele...? O médico diz que é apenas um sintoma... Há alguma coisa que o faz infeliz... mas não eu, tenho a certeza. Faço tudo o que ele quer de mim.

-Tolice! - disse Mrs. Lane, sustentando firmemente a filha no círculo do seu braço direito, enquanto a conduzia para a sala de estar. --Os homens gostam de se embriagar..., alguns homens... A culpa não é de nenhuma mulher.

Emory deu um rápido beijo na face de Ruth. -William também se sente desesperado, querida Ruth. Nós todos queremos ajudar o pobre Jeremias.

-Ele enganava tanto a gente, mãe! - - disse Ruth. - Aparentemente, saía todos os dias para ir trabalhar no escritório, e, em vez disso, começava a beber. Uma vez em que não voltou para casa, naturalmente tivemos de o procurar. Jeremias tinha fechado a porta por dentro e foi preciso arrombá-la. Estava inconsciente. Mandeí chamar o Dr. Blande. Levaram-no directamente para o hospital. Nem ao menos o vejo. O Dr. Blande acha que eu não devo ir visitá-lo por enquanto.

Continuou a chorar de novo. Mrs. Lane suspirou e Emory mantinha-se sentada, serenamente linda, a olhar para aquelas parentas americanas. Ela sabia porque Jeremias se entregara. Era a sua vingança contra William, a vingança de um homem fraco contra um homem invencível. Emory tinha simpatia pelos fracos, mas era prudente bastante para se juntar aos invencíveis. William fazia bem em ser invencível na espécie de Mundo que havia agora. Era a única oportunidade que tinha a gente de sobreviver. Ela era invencível, também, ao lado de William. Lamentava Ruth e sentia uma nova admiração pela mãe de William, sentada ali firmemente e sem lágrimas.

-Ruth, para que choras agora que estou aqui? - disse Mrs. Lane. --Sinto muito por ti. Teu pai era um santo. Estavas acostumada com homens bons. William, também, é tão bom... É natural que um homem como Jeremias seja uma provação para ti. Mas tu pertences à família, e a família cuidará de ti. O meu conselho é deixar Jeremias lá onde está, até que William nos diga o que devemos fazer. Talvez devas comunicar tudo a Candace, para que ela o possa ir visitar.

Ruth estremeceu. -Oh, não posso! Ela pensa que é um pouco por nossa culpa.

-Então ela é uma grande tola - comentou Mrs. Lane em voz alta. -O mal de Jeremias é que não se dá bem nas alturas. Não pode viver conforme os padrões de William. Vamos, vai lavar o rosto e escovar os cabelos, porque te sentirás melhor. Não há nada que possas fazer por Jeremias, nada mesmo. Bem podíamos comer alguma coisa e ir depois a uma «matinée». Isso distrair-te-á das tuas preocupações. Emory, porque não vens connosco? Lindo vestido, esse teu! Sempre gostei desse tom de amarelo, especialmente com jade. Belo jade, também.

-William trouxe-o da China - disse Emory. - Foi a sr.a Chiang quem lho deu para mim.

-Ela tem um gosto maravilhoso - disse Mrs. Lane. -É pena que os comunistas tenham tomado o Poder!

Elas estavam sózinhas, pois Ruth havia deixado a sala tão obedientemente

como se fosse uma criança. Mrs. Lane inclinou-se para Emory: - O jade condiz bem com cabelos e olhos negros. William nunca devia ter casado com Candace. Ela era loira, como tu sabes. Ele sempre gostou mais das morenas. As chinesas usam muito jade. Naturalmente, são sempre morenas. Algumas chinesas têm uma pele belíssima.

Faz-me lembrar a tua. Eu conhecia a Velha Imperatriz. Na verdade, éramos quase íntimas. Tinha ela essa espécie de pele, muito macia e dourada. Usava muito jade. William sempre gostava de ouvir falar a seu respeito. Um dia levei-o com licença especial para que a visse.

-Ele contou-me-interrompeu Emory.

-Ninguém pode esquecer a Imperatriz-acrescentou Mrs. Lane com complacência.

Ruth entrou, parecendo outra vez bonita. O seu curto cabelo encaracolado estava quase branco e ficava-lhe muito bem. Saíram logo, pois já era tarde, e encontraram os teatros tão cheios que só puderam conseguir lugares numa revista musical.

Ao jantar, naquela noite, Emory contou a William o que se passara durante a tarde, e ele escutou gravemente. Raramente tinham convidados, agora. Desde a guerra, eram muito poucos os visitantes estrangeiros realmente distintos, e não havia muitos americanos suficientemente importantes para serem convidados para toda a noite.

-Aconselharei Ruth a pedir o divórcio - disse William com decisão. Ele tornara-se um bonito homem, com os anos. O ar de contrariedade que lhe sombreava o rosto desde a infância tinha quase desaparecido.

-Oh, vais fazer isso? - murmurou Emory brandamente.

-Claro! Porque não? Ela não é católica - replicou William. --Além disso, na sua idade, certamente não casará de novo. Da minha parte, ficarei contente por me livrar de Jeremias.

Emory não replicou. Estavam sentados e em confortável silêncio. Ela sentia-se feliz por não ter de viver agora na Inglaterra. Que terrível não seria a sua vida na penúria em que Michael e a sua família eram obrigados a viver! Ele tentava pagar os impostos das terras, pois o governo ameaçava confiscar Hulme Castle se o não fizesse. Agora, o único lugar verdadeiramente seguro e confortável no Mundo era a América.

Esse pensamento inspirou-lhe uma ideia invulgar. -William, que dizes de um bom jantar em família, agora que tua mãe voltou, que nos reúna de novo nestes dias agitados? Afinal de contas, não há nada como a família. Seria um conforto para as tuas pobres irmãs e impressionaria bem os filhos. Não é preciso trazer os netos.

As pesadas sobrelhas de William ergueram-se. Afastou o prato de salada. Jamais gostara de saladas, a que chamava comida para coelhos. -Vou a Washington, na próxima semana, insistir sobre a remessa de mais armas para Chiang. Fiz-lhe essa promessa, promessa que considero sagrada, apesar do que aconteceu na Coreia.

Emory não aceitou a evasiva. William tornara-se divertidamente ditatorial naqueles últimos anos. -Porque não lhes telefonas, então, convidando-os para amanhã à noite? Afinal de contas, trata-se da família. Não é preciso ser muito

formal.

William pensou um pouco, depois consentiu. -Muito bem. Mas recomenda-lhes que sejam pontuais. A mulher de Will chega sempre atrasada.

Emory ergueu-se logo e atravessou o tapete com o seu passo rítmico. -Vou telefonar primeiro a Henrieta.

Nenhum deles pensaria em dizer que não poderia comparecer, salvo se Henrieta declarasse que tinha de trabalhar no seu absurdo laboratório. Em todo o caso lhe diria que não era preciso trajo de recepção.

-Dizes que não é preciso? -inquiriu Henrieta ao telefone. --Mas tenho um vestido preto bastante decente. Mandeí fazê-lo quando Clem foi condecorado em Dayton, como o cidadão que mais fez pela cidade durante a guerra.

-Oh, então iremos em trajo de recepção - respondeu Emory. -Em todo o caso, William sempre se veste para o jantar.

Assim, ela telefonou a todos que viessem em trajo de recepção, de modo que foi para a sua família na sua melhor apresentação que William olhou na noite seguinte, depois de ter dito a sua habitual acção de graças. O jantar era excelente, saudável sem ser pesado. Emory compreendia a alimentação como jamais o fizera Candace e não tinha escrúpulos em despedir um cozinheiro descuidado. Jamais se permitia imiscuir-se na situação doméstica de qualquer criado, falta essa em que Candace repetidamente incorria. Tinha uma vez suportado abomináveis omeletes durante quase três anos, porque o cozinheiro tinha um filho paralítico. Afinal o próprio William despedira o cozinheiro num domingo, depois de lutar com um pedaço de sola amarela no seu prato.

Naquela noite, o caldo, o assado, o faisão, as verduras, tudo estava delicioso. William não se importava com doces, mas Emory apresentara uma sobremesa russa, regada a rum, que ele jamais havia provado antes. -É uma pena - observou ele - que as nossas relações com a Rússia não possam ser confinadas aos seus doces. -Todos riram e até mesmo Emory sorriu.

A mãe de William estava muito elegante, de veludo lilás e peitilho de renda creme. Ninguém sonharia que ela já fora esposa de um missionário na China. Conservara a sua forte compleição, apesar da idade, e a sua visita a Inglaterra, prolongada como fora, dera-lhe um ar imperial, realçado pela coroa de caracóis brancos dos seus cabelos, de que tanto se orgulhava. Ele orgulhava-se da mãe e, finda a refeição, levou-a para a mais confortável poltrona, na grande sala de estar.

-Estás com excelente aspecto, mãe.

-Estou com uma esplêndida saúde, graças a Deus - replicou ela, em voz sonora. -Não tenho tido muita sorte contigo, seu filho ingrato. Bem sei que tens estado muito ocupado para te preocupares com a tua velha mãe. -Ela inclinou-se na ponta da cadeira. -Agora, William, quero que tenhas uma conversa com Henrieta. Ela está a morar na cidade baixa, no mais miserável dos apartamentos. Isso não está bem, tratando-se de tua irmã.

-Que faz ela? -perguntou William. Sabia vagamente por Emory que Henrieta estava ainda a trabalhar numa das absurdas ideias de Clem, e os seus olhos caíram sobre ela enquanto falava. Ela estava sentada, no seu característico repouso.

-Está a trabalhar nalgum laboratório, com um velho judeu. Não sei o que é que ela está a fazer. Clem tinha certas esquisitices, bem sabes...

Nesse momento Henrieta ergueu os seus negros olhos e sorriu para eles. Estava mais gentil de que de costume, embora ainda mais distante.

-Desejo falar contigo mais tarde, Henrieta - disse-lhe.

Ela fez um gesto de assentimento e baixou os olhos.

Ruth estava bastante bonita, apesar das suas preocupações. Ele tinha tempo agora para observar cada membro da sua família. Ela ganhara peso-comendo, provavelmente, para afastar o espírito de Jeremias. De todos eles, era Ruth quem mais se parecia com seu pai, com as suas feições delicadas e os seus ossos finos. Mas nada havia, na sua face, daquela espiritualidade que ele recordava, com reverência, como a habitual expressão de seu pai. As duas filhas dela eram indescritíveis jovens matronas, pensou ele. Pareciam-se com todas as mulheres modernas, deslumbrantes cabeleiras loiras, largas bocas pintadas, refulgentes braceletes e saltos altos. Supunha ele que estivessem muito bem, e certamente não precisavam de o aborrecer, agora que estavam casadas.

Nunca mais empregara parentes no seu negócio, nem mesmo os seus próprios filhos. Desejava ficar livre para demitir incompetentes como Jeremias. Não que os seus filhos fossem incompetentes. Ambos haviam obtido êxito, Will como advogado, Jerry como cirurgião. Estavam casados e ele tinha três netos, dois dos quais rapazes. Não conhecia muito bem as esposas dos seus filhos, e até fora acusado de passar por elas na rua sem as reconhecer. Tinha resmungado um bom pedaço quando Jerry casara com uma vulgar enfermeira, quando esteve como médico interno num hospital. William tinha a teoria de que seria melhor para os rapazes se fossem casados pelos pais, à maneira chinesa, de modo que se pudesse saber ao certo o que é que entrava para a família. Quando

disse tal coisa a Emory, esta desatou a rir.

-Tu és o menos realista dos homens - declarou ela. -Não sabes ainda que estás a viver na América moderna? -Ele não sabia o que ela queria dizer, e era muito orgulhoso para o confessar.

Os seus filhos e as filhas de Ruth pareciam viver nas melhores relações com Emory. Ela estava sentada entre eles, à sua mesa de café, e parecendo, pensou ele com satisfação, inteiramente feliz. A sua régia cabeça escura estava inclinada, enquanto se ocupava com as xícaras. Trajava um vestido cor de coral de um modelo que não se lembrava de ter visto antes. A ampla saia arredondava-se como um cálix e trazia os seus diamantes.

Era tudo muito agradável e ele não se lembrava de jamais ter sido tão feliz. Tudo lhe estava bem, e William começava a suspeitar que talvez até mesmo a guerra tinha sido um bem para ele, a seu modo. O Mundo necessitava como nunca de direcção. Não devia, por isso, permitir-se pensar em retirar-se, por mais que Emory o esperasse. Ainda na última semana lhe dissera Monsenhor Lockhart que a nova guerra na Ásia podia ser o começo da mais titânica luta da Humanidade. Dentro dos próximos anos...

-William - disse Emory--, tua mãe deseja saber o que pensas que está para acontecer na China.

-Uma nova China muito estranha, em nada parecida com o que eu e tu recordamos, Henrieta, da velha Pequim. Tu gostarias dela menos do que nunca, mãe. Não creio que Ruth se lembre... - disse ele.

Ouviram a sua descrição da China comunista, sem o interromper, excepto

sua mãe, que a pontilhava com gritinhos de horror e interjeições escandalizadas.

-Mas que coisa revoltante, William! --E, no fim: - Estou satisfeita porque teu pai não esteja aqui para ver uma coisa dessas. Ele desejaria ir imediatamente para lá, embora, como eu sempre disse, não saiba o que é que um homem só poderia fazer. Estás a perder o teu tempo, era o que sempre lhe dizia.

-Um só homem pode fazer muita coisa- - disse William.

Ela deu um grande suspiro e sacudiu a cabeça.

-Não qualquer homem, naturalmente-acrescentou William-, mas um homem que compreenda, um homem que tenha fé em Deus, que possua infinito poder.

Sua mãe parecia rebelde. -Teu pai também sempre pensava que compreendia, William. Ele estava sempre tão seguro de que Deus lhe dizia o que era o melhor... Não creio que haja alguma diferença desde então.

-Há uma grande diferença - afirmou William gravemente. -Agora nós realmente compreendemos.

Emory, sentindo sempre possível a dissensão em presença da sua sogra, escolheu um assunto mais ameno.

-William diz que a esposa do Velho Tigre é muito bonita, embora seja chinesa.

-Assim era a Imperatriz da China - disse logo Mrs. Lane.

-A Imperatriz não era exactamente chinesa-manchu, naturalmente, mas é quase o mesmo-e ela era muito linda. Jamais a esquecerei. Tinha uns grandes olhos, muito grandes e brilhantes. E era de uma fibra! A sua boca era muito vermelha-naturalmente pintava-a. A pele era maravilhosa, suave e branca como nenhuma outra. Nunca senti que fosse realmente culpa sua por as coisas se terem tornado tão escuras. Ela era tão encantadora... e sempre perfeitamente amável comigo. Levei William para a ver... não te lembras, William?

-Jamais o esqueci - disse William.

-Poderosa, não? E com tal encanto, também!

-Ela matou um extraordinário número de pessoas. -Era a voz de Henrieta, que soava tão tranquila que parecia quase indiferente.

-Bem, bem - disse Mrs. Lane. -Nós não sabemos quais foram as provocações que recebeu.

-É um crime matar gente - exclamou Henrieta, num tom em que Mrs. Lane reconheceu a sua antiga teimosia de menina.

-Às vezes é necessário. Para que o fim não se perca, os meios têm de ser por vezes muito severos - respondeu William.

-Então o fim está perdido - replicou Henrieta. Ergueu a cabeça ao dizer isto, e Emory sentiu que a família era realmente muito difícil. Pareciam decididos a perturbar a vida. Ela recorreu aos novos.

-Will, porque é que tu, Jerry e as meninas não abrem o salão de música e enrolam o tapete? Eu tocarei para vocês dançarem.

Ao som da música e ao ritmo dos pés descrevendo os novos e intrincados passos, William dirigiu-se a Henrieta.

-Vamos até à biblioteca. Eu gostaria de saber o que estás a fazer.

Ela ergueu-se quase obedientemente e acompanhou-o, com a sua figura erecta e digna, toda de negro. Desde a morte de Clem, não cortara os cabelos e agora, quase inteiramente brancos, eram bastante longos para enrolar em torno

da cabeça e prender atrás, com um pente de prata. Os olhos de Emory, do piano, seguiam os altos vultos. Era surpreendente como William e Henrieta se pareciam. Mas eram muito diferentes. Henrieta desposara a pobreza pela causa de Clem. Emory já sabia muito acerca daquele solitário laboratório e do velho cientista que lá trabalhava. Mas ainda talvez houvesse uma semelhança entre William e Henrieta: uma grande força de carácter e energia espiritual que podia ser obstinadamente empregada nalguma coisa escolhida, e a coisa escolhida era assim transformada, transubstanciada, deificada. Emory compreendia isso tudo sem compartilhar de nada, amavelmente cínica como era no fundo do coração, e melancolicamente agnóstica, enquanto curvava a cabeça. A América era agora a sua pátria e aquela era a sua família. Seus pais tinham sido mortos por uma das bombas finais. Tinham ido para Londres, julgando-a, finalmente, a salvo, e então os novos e tremendos obuses começaram a cair. O pobre Michael, em Hulme Castle, estava ainda a tentar fazer a terra produzir aquelas impossíveis colheitas, sob os olhos cruelmente críticos do incrível Governo que o povo britânico escolhera depois da guerra! William dizia que só iria a Inglaterra depois de esse governo cair. Podia ser dali a muito tempo, podia não ser nunca. As mãos dela corriam sobre o teclado. Tocava tão bem como nunca, com um ritmo natural, que podia adaptar-se tão facilmente a uma rumba como a uma valsa. Nada fazia diferença enquanto a música continuasse, a música e a dança.

-Como vêes - dizia Henrieta atrás da porta da biblioteca, tão maciça que interceptava a música-estou simplesmente prosseguindo o trabalho de Clem, até conseguir o que ele desejava.

William, estupefacto, mal podia falar. Julgara Clem um fanático e um louco enquanto vivia e, se pensara nele após a sua morte, era para considerar que Henrieta estava muito melhor sózinha. Quando pensava em Clem agora, era ainda como o pálido garoto que encontrara pela primeira vez em Pequim, numa tola disputa com um chinês, um assunto muito mais banal, agora que o lembrava, do que naquele tempo. E havia a desagradável lembrança de Clem, como um rapaz pálido, de colarinho muito largo para o seu pescoço, depois que se casara com Henrieta, e ainda havia aquela última loucura do dia em que Clem aparecera no seu escritório com as suas absurdas propostas e sem encontro marcado. Clem nunca aprendia coisa alguma. A sua vida fora toda de uma só peça, toda um absurdo, com excepção de ter deixado algum dinheiro a Henrieta. William nunca reconhecera Clem como fazendo parte da família. Respeitador, pelo menos uma vez, dos sentimentos de sua irmã, não se referiu a Clem. Falou exclusivamente nos interesses dela.

-Se, como dizes, herdaste uma considerável fortuna, parece-me loucura consumi-la numa ideia tão fantástica. Se se der alimento ao povo, o que é, em suma, a única necessidade básica, a maioria das pessoas jamais tornaria a trabalhar.

Henrieta tentou mais uma vez. -Compreendes, William, não se trata apenas

de que eles não devam morrer de fome. Eu acredito, e Clem também acreditava que, salvo se for alimentado, o povo há-de erguer-se contra qualquer governo que venha a ter. O governo que primeiro compreender a ira dos famintos, vencerá. O povo sente que não é obrigado a passar fome por qualquer razão que seja. O Dr. Feld diz que as promessas de alimento de Hitler foram os primeiros degraus do seu Poder.

William caminhava inquietamente de um lado para o outro, enquanto Henrieta o observava. --A ideia é tão fantástica! repetia ele. -Pensar em alimentar o povo da China! Isso não se pode fazer.

-Tem de se fazer-obtemperou ela. -E há o povo da Índia e todos os outros povos.

-Fantasias, fantasias! -murmurava William.

Ela contraditava-o em cheio. -Fantasias não, William, mas puro senso-comum. Sabes porque não podes compreender? Porque tu e Clem trabalhavam em polos opostos. Ele acreditava que o Mundo só poderia ficar melhor quando o povo fosse melhor. Ele acreditava que o próprio povo poderia fazer um Mundo bom se ao menos se visse livre da simples miséria. Essa era a fé de Clem. A tua não é assim. Tu pensas que o povo tem de ser compelido de fora, modelado, ordenado, disciplinado, que se lhe tem de dizer o que deve fazer. Eu não sei onde está a tua fé, William... suponho que a tens, pois pela tua própria obstinação, William, vejo que estás a trabalhar pelo mesmo objectivo que Clem.

William tomou-se de súbita cólera. -Nego a mais leve semelhança com ele. Henrieta, digo-te que...

Ergueu as duas mãos fechadas, mas viu que estavam trémulas e baixou-as. -Clem era um homem perigoso, uma ameaça, ou poderia ter sido, se houvesse obtido êxito. Ele trabalhava nas próprias raízes da nossa nação para nos destruir. Não gosto de dizer isto, Henrieta-eu não esqueço que és minha irmã-, mas agora que ele está morto, é melhor que saibas a verdade.

Henrieta permanecia calma. -Bem, William, nós não nos compreendemos um ao outro. Nunca nos compreendemos. Mas um dia ficará provado que Clem estava com a razão, e, quando ficar provado que tinha razão, William, tu serás derrotado, tu e contigo o Velho Tigre e a sua bela esposa e todo o resto da tua espécie. Como aquela Velha Imperatriz, que a nossa mãe continua a adorar!

-Henrieta, falas-me muito maldosamente. -Que remédio?

Ela estava tão calma, tão irremediavelmente obstinada, que por um instante ele sentiu-se doente de raiva, exactamente como tantas vezes acontecera quando ambos eram crianças na China. Mas fez por a acompanhar até o «hall» e ajudou-a a vestir a capa, uma capa de lã negra. Estava resolvida a deixá-lo e, pelo que ele pôde ver, deixar todos eles. Não lhe permitiu que dissesse aos outros e se retiraria.

-É inútil incomodá-los - disse ela, na sua lacónica maneira.

Assim, deixou-a sair, e depois ficou a olhá-la, de uma janela. Ela não chamou um automóvel. Em vez disso, começou a descer a rua, com a cabeça erguida e a capa esvoaçando ao vento. Era uma noite clara e ele podia ver as estrelas no alto. Na última curva, parou, à espera do ônibus. Ele podia ainda vê-la, esperando ali, e teria continuado a observá-la se não se tivesse aproximado dela, pedindo esmola, uma dessas miseráveis criaturas. À luz do lampião da esquina,

William viu-a abrir a bolsa e dar dinheiro ao mendigo, estimulando, portanto, pensou ele com amargura, essa espécie de gente. Fechou as cortinas, fremente de cólera. Durante toda a sua vida, andara indignado com Henrieta, e com aquele visionário do Clem.

Ficou parado atrás das pesadas cortinas de veludo e recorreu ao seu velho espírito arrogante. Não suportaria loucos! Fechou os olhos e esperou. Nenhuma segurança veio ao encontro dos apelos da sua alma. Desejava não ter pensado em Clem. Via-o de novo agora. Dentro do seu cérebro, dentro das suas pálpebras fechadas, via Clem, intrépido garoto na rua chinesa, pronto para a luta, e Clem entrando, sem ser chamado, no seu gabinete. Aquele tipo não tinha educação. Jamais conhecera o seu lugar. Morto, felizmente! Ele tinha o Mundo para si, agora que Clem estava morto.

Fechou os olhos e ouviu vagamente a música que Emory executava, mais o leve movimento dos pés dançantes. Afastou-se da janela. Sentiu então aquele familiar calafrio no coração. A antiga dúvida infantil de si próprio, a profunda e eterna dúvida que o obsidiara desde as suas mais remotas lembranças, caiu de novo sobre si, desta vez tão pesadamente que se sentiu demasiado exausto para a afastar de si.

E se ele sempre tivesse andado errado? Quem encarnava a sombra vaga da vitória? Ele? Ou Clem? A sua imaginação, doente e torturada pela perpétua incerteza da sua alma, erguia Clem do túmulo, ressuscitava-o, revestia-o da negra túnica da dúvida e do medo.

Estaria Clem com a razão? Se assim era, então ele é que estava errado e, sendo assim, estava irremediavelmente perdido. Mas Clem teria razão? Como o poderia saber?